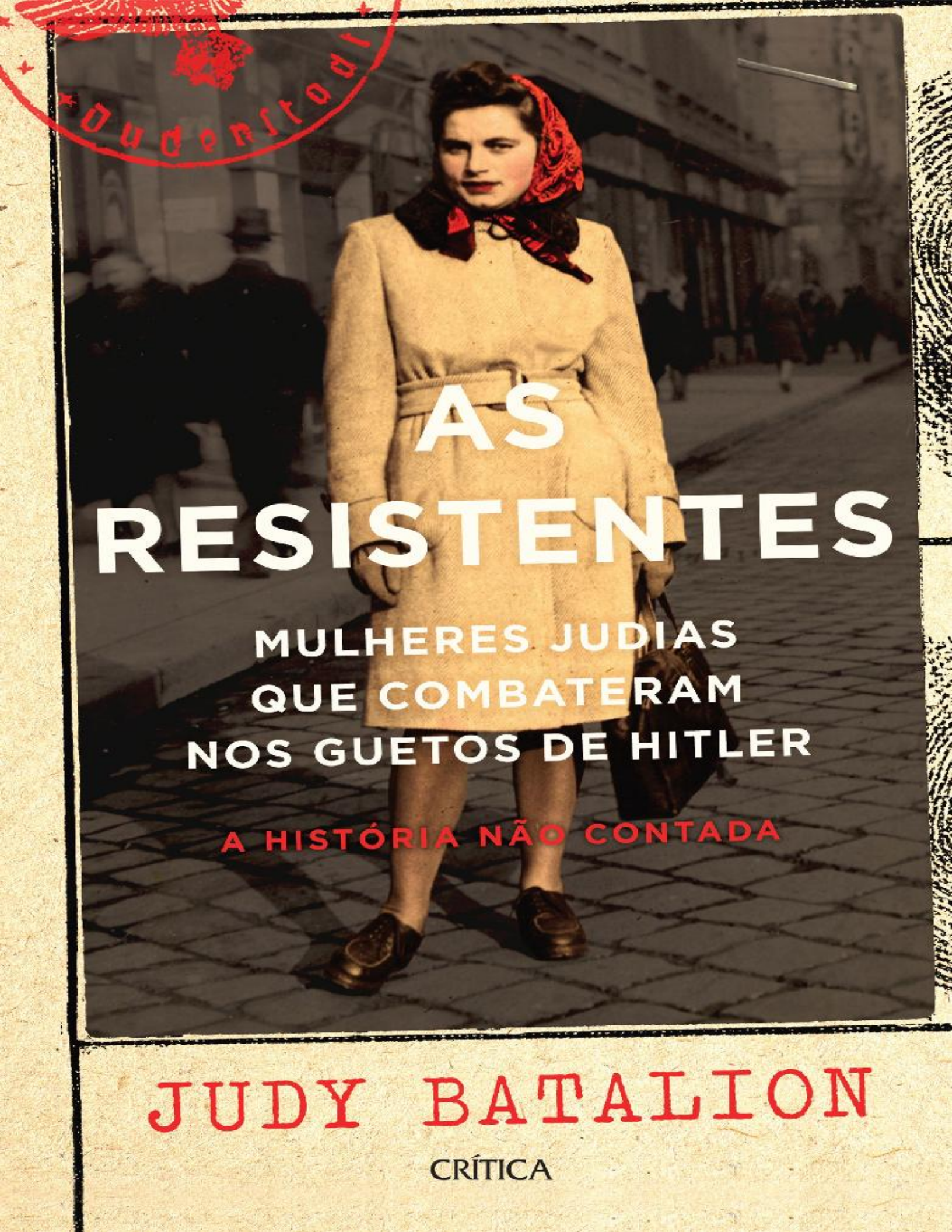


A vintage photograph of a woman walking on a cobblestone street. She is wearing a bright yellow coat with a dark belt and a red headscarf with a black pattern. She is carrying a dark bag. In the background, other people are visible, and a red circular stamp with the word 'Inolvidável' is in the top left corner.

AS RESISTENTES

MULHERES JUDIAS
QUE COMBATERAM
NOS GUETOS DE HITLER

A HISTÓRIA NÃO CONTADA

JUDY BATALION

CRÍTICA



Table of Contents

[Cover Page](#)

[As Resistentes](#)

[Lista de personagens](#)

[Introdução](#)

[Machados de guerra](#)

[Prólogo](#)

[Um salto no tempo – defesa ou salvamento?](#)

[Primeira parte](#)

[As raparigas do gueto](#)

[Capítulo 1](#)

[Po-Lin](#)

[Capítulo 2](#)

[Do fogo para o fogo](#)

[Capítulo 3](#)

[A fundação da luta feminina](#)

[Capítulo 4](#)

[Ver mais uma manhã – terror no gueto](#)

[Capítulo 5](#)

[O gueto de Varsóvia – educação e palavra](#)

[Capítulo 6](#)

[Do espírito para sangue – tornar-se ZOB](#)

[Capítulo 7](#)

[Os dias de errância – de sem-abrigo a criada doméstica](#)

Capítulo 8

Transformar-se em pedra

Capítulo 9

Os corvos negros

Capítulo 10

Três linhas na história – uma surpresa de Natal cracoviana

Capítulo 11

1943, um novo ano – a minirrebelião de Varsóvia

Segunda parte

Demónios ou deusas

Capítulo 12

Preparação

Capítulo 13

As raparigas-correio

Capítulo 14

Dentro da Gestapo

Capítulo 15

O levantamento do gueto de Varsóvia

Capítulo 16

Bandidos de tranças

Capítulo 17

Armas, armas, armas

Capítulo 18

Os carrascos

Capítulo 19

[Liberdade nas florestas – os partisans](#)

[Capítulo 20](#)

[Melinas, dinheiro e resgate](#)

[Capítulo 21](#)

[Flor de sangue](#)

[Capítulo 22](#)

[A Jerusalém de Zagłębie está a arder](#)

[Terceira parte](#)

[«Nenhuma fronteira deterá o seu avanço.»](#)

[Capítulo 23](#)

[O bunker e mais além](#)

[Capítulo 24](#)

[A rede da Gestapo](#)

[Capítulo 25](#)

[O cuco](#)

[Capítulo 26](#)

[Irmãs, vingança!](#)

[Capítulo 27](#)

[A luz dos dias](#)

[Capítulo 28](#)

[A grande fuga](#)

[Capítulo 29](#)

[Zag nit keyn mol az du geyst dem letstn veg](#)

[Quarta parte](#)

[O legado emocional](#)

[Capítulo 30](#)

[Medo da vida](#)

[Capítulo 31](#)

[Força esquecida](#)

[Epílogo](#)

[Um judeu desaparecido](#)

[Nota da autora](#)

[Sobre a pesquisa](#)

[Agradecimentos](#)

[Notas finais](#)

[Bibliografia](#)

[Índice remissivo](#)

AS RESISTENTES

MULHERES JUDIAS
QUE COMBATERAM
NOS GUETOS DE HITLER

A HISTÓRIA NÃO CONTADA

Tradução
Mário Dias Correia

JUDY BATALION

 Planeta

Em memória da minha bubbe Zelda e para as minhas filhas, Zelda e Billie.

L'dor v'dor... Chazak V'Amatz

Em honra de todas as judias da Polónia que resistiram ao regime nazi.

*Varsóvia com o rosto em lágrimas,
Com sepulturas nas esquinas das ruas,
Há de sobreviver aos seus inimigos,
Continuará a ver a luz dos dias.*

De A Chapter of Prayer, uma canção dedicada ao levantamento do gueto de Varsóvia, que ganhou o primeiro prémio num concurso de canções do gueto. Foi escrita por uma jovem judia antes da sua morte e publicada em Women in the Ghettos, 1946.

Lista de personagens

(Por ordem de aparição)

Renia Kukielka: nascida em Jędrezejów, correio do Liberdade em Będzin.

Sarah Kukielka: irmã mais velha de Renia, uma camarada do Liberdade que cuida de órfãos judeus em Będzin.

Zivia Lubetkin: nascida em Byten, líder do Liberdade na Organização Combatente Judaica (ZOB) e no levantamento do gueto de Varsóvia.

Frumka Płotnicka: nascida em Pinsk, camarada do Liberdade que lidera a organização combatente em Będzin.

Hantze Płotnicka: irmã mais nova de Frumka, também líder do Liberdade e correio.

Tosia Altman: líder do A Jovem Guarda e um dos seus correios mais ativos, baseada em Varsóvia.

Vladka Meed (née Feigele Peltel): correio do Bund Varsóvia.

Chajka Klinger: líder do A Jovem Guarda e da organização combatente em Będzin.

Gusta Davidson: correio e líder do Akiva, com base em Cracóvia.

Hela Schüpper: correio do Akiva, baseada em Cracóvia.

Bela Hazan: correio do Liberdade, baseada em Grodno, Vilna* Białystok. Trabalhou com Lonka Kozibrodzka e Tema Schneiderman.

Chasia Bielicka e Chaika Grossman: duas correios do A Jovem Guarda que fazem parte de um grupo de operacionais antifascistas em Białystok.

Ruzka Korczak: líder do A Jovem Guarda na organização combatente de Vilna (FPO) e líder partisan nas florestas.

Vitka Kempner: líder do A Jovem Guarda na organização combatente de Vilna (FPO) e líder partisan nas florestas.

Zelda Treger: correio do A Jovem Guarda baseada em Vilna e nas florestas.

Faye Schulman: fotógrafa que se torna enfermeira e combatente partisan.

Anna Heilman: membro assimilado do A Jovem Guarda de Varsóvia que participa na resistência em Auschwitz.

* Ou Vilnius, atual capital da Lituânia.



Introdução

Machados de guerra

A sala de leitura da British Library cheirava a papel velho. Fiquei a olhar para a resma de livros de histórias de mulheres que tinha encomendado – não demasiados, garanti a mim mesma, não demasiado avassaladores. O do fundo era o mais invulgar: de capa dura e encadernado num esfiapado tecido azul, com páginas de margens serrilhadas e amarelecidas. Foi o primeiro que abri, e deparei-me com cerca de duzentas páginas de escrita miudinha... em iídiche. Era uma língua que conhecia, mas não usava há mais de quinze anos.

Estive quase a devolvê-lo ao monte sem o ler. Mas uma espécie de impulso levou-me a persistir, de modo que passei os olhos por algumas páginas. E depois por mais outras. Estava à espera de encontrar aborrecidas, hagiográficas, lamentosas e vagas discussões talmúdicas sobre a força e a coragem femininas. Mas, em vez disso, o tema era mulheres, sabotagem, espingardas, disfarces, dinamite. Tinha descoberto um thriller.

Poderia ser verdade?

Estava aturdida.

,

Andava à procura de histórias de judias fortes.

Nos meus vinte anos, no início de 2000, vivia em Londres, trabalhava como historiadora de arte durante o dia e como comediante à noite. Em ambas as esferas, a minha identidade judaica revelou-se um problema. Os comentários sonsamente irónicos a respeito do meu aspeto e dos meus maneirismos semitas eram comuns, vindos de todos os lados: académicos, galeristas, público, colegas de palco e produtores. Pouco a pouco, comecei a perceber que o que irritava os britânicos era o facto de usar o meu judaísmo de uma maneira tão aberta e casual. Cresci numa pequena e unida comunidade judaica no Canadá e, mais tarde, frequentei a universidade no nordeste dos Estados Unidos. Em nenhum desses lugares a minha ascendência era invulgar; não tinha de ter uma persona privada e outra pública. Mas, em Inglaterra, ostentar

com tal descaramento a minha «diferença» era, bem, considerado impróprio e causava desconforto. Fiquei chocada quando descobri isto, e paralisada pelo embaraço. Não sabia muito bem como lidar com aquilo. Ignorá-lo? Retribuir as piadas? Ser cautelosa? Reagir com demasiada violência? Reagir com demasiada tibieza? Passar à clandestinidade e assumir uma dupla identidade? Fugir?

Voltei-me para a arte em busca de ajuda para resolver estas questões e escrevi uma peça de teatro sobre a identidade judaica feminina e o legado emocional do trauma que acumulava à medida que atravessava gerações. O meu modelo de coragem judaica feminina era Hannah Senesh, uma das poucas resistentes da Segunda Guerra Mundial que não se perdeu nas brumas da História. Quando criança, frequentei uma escola judaica secular – as suas filosofias enraizavam-se nos movimentos judaicos polacos –, onde estudávamos poesia hebraica e romances em iídiche. Na minha turma do quinto ano de Iídiche, lemos a respeito de Hannah e de como, com vinte e dois anos e na Palestina, se alistara nas tropas paraquedistas britânicas que combatiam os nazis e regressara à Europa para ajudar a resistência. Não foi bem-sucedida na sua missão, mas seria um exemplo de coragem. Ao ser executada, recusou a venda e insistiu em olhar de frente a bala que ia matá-la. Hannah enfrentou a verdade, viveu e morreu pelas suas convicções, e orgulhava-se sem disfarces de ser aquilo que era.

Naquela primavera de 2007, estava na British Library de Londres à procura de informação sobre Senesh, em particular discussões equilibradas a respeito do seu carácter. Descobri que não havia muitos livros sobre Hannah, de modo que pedi todos em que o seu nome fosse referido. Um deles estava escrito em iídiche. Por pouco não o ignorei.

Em vez disso, peguei em *Freuen in di Ghetos* (Mulheres nos Guetos), publicado em Nova Iorque em 1946, e folhee-o. Nesta antologia de 185 páginas, Hannah só era mencionada no último capítulo. Antes disso, 170 páginas estavam cheias de histórias de outras mulheres – dezenas de jovens judias desconhecidas que combateram na resistência contra os nazis, sobretudo no interior dos guetos polacos. Estas «raparigas dos guetos» subornavam os guardas da Gestapo, escondiam revólveres dentro de pães e ajudavam a construir sistemas de bunkers subterrâneos. Namoriscavam com os nazis, compravam-nos com vinho, uísque e doces, e, no segredo das alcovas, matavam-nos a tiro. Levavam a cabo missões de espionagem por conta de Moscovo, distribuíam documentos de identidade falsos e panfletos clandestinos, e espalhavam a verdade a respeito do que estava a acontecer aos judeus. Ajudavam os doentes e ensinavam crianças; sabotavam as vias-férreas alemãs e fizeram ir pelos ares a central que fornecia eletricidade a

Vilna. Não se vestiam como judias, trabalhavam como criadas na parte ariana da cidade e auxiliavam judeus a fugir dos guetos através de condutas e chaminés, abrindo buracos em paredes e rastejando pelos telhados. Subornavam os carrascos, escreviam boletins para a rádio clandestina, mantinham a moral do grupo, negociavam com proprietários de terras polacos, convenciam homens da Gestapo a carregar por elas malas cheias de armas, criaram um grupo de nazis antinazis e, claro, ocupavam-se da maior parte da administração do movimento clandestino.

Não obstante anos de educação judaica, nunca tinha lido relatos como aqueles, surpreendentes nos seus pormenores do dia a dia e do extraordinário trabalho das mulheres combatentes. Não fazia a mínima ideia de quantas mulheres haviam estado envolvidas no esforço de resistência, nem do grau desse envolvimento.

Estes escritos não se limitaram a deixar-me espantada, tocaram-me pessoalmente, viraram de pernas para o ar a compreensão que tinha da minha história. Venho de uma família de judeus polacos sobreviventes do Holocausto. A minha bubbe Zelda (homónima da minha irmã mais velha) não combateu na resistência; mas a história da sua bem-sucedida, mas trágica fuga, enformou a maneira como entendi a sobrevivência. Ela – que não parecia judia, com os seus pómulos altos e o seu nariz pontiagudo – fugiu da Varsóvia ocupada, atravessou rios a nado, escondeu-se num convento, namoriscou com um nazi que fez vista grossa, viajou num camião que levava laranjas para leste e atravessou enfim a fronteira russa, onde lhe salvaram a vida mandando-a para um campo de trabalho na Sibéria. A minha bubbe era forte como um touro, mas perdera os pais e três das quatro irmãs, que tinham ficado em Varsóvia. Contava-me esta horrível história todas as tardes, quando ficava a tomar conta de mim depois da escola, com lágrimas e fúria nos olhos. A minha comunidade judaica em Montreal era maioritariamente composta por famílias sobreviventes do Holocausto; tanto a minha família como as vizinhas estavam cheias de histórias semelhantes de dor e sofrimento. Os meus genes ficaram marcados – e até alterados, como os neurocientistas agora sugerem – pelo trauma. Cresci numa aura de vitimização e medo.

Mas ali, no Freuen in di Ghetto, havia uma versão diferente da história das mulheres na guerra. Senti-me galvanizada por estas narrativas organizadas. Eram mulheres que agiam com decidida determinação – até com violência –, que contrabandeavam, reuniam informação, levavam a cabo missões de sabotagem e combatiam de armas na mão; orgulhavam-se do fogo que as animava. As escritoras não procuravam piedade, antes exaltavam a coragem ativa e a intrepidez. Mulheres que,

muitas vezes a morrer de fome e torturadas, eram corajosas e destemidas. Várias delas, tendo a possibilidade de fugir, não o fizeram; algumas escolheram até voltar à luta. A minha bubbe era a minha heroína, mas, e se tivesse decidido arriscar a vida ficando para combater? Esta pergunta perseguia-me: que teria eu feito numa situação semelhante? Lutar ou fugir?

,

Ao princípio, imaginei que as várias dezenas de operacionais da resistência referidas em Freuen representavam a totalidade. Mas assim que me debrucei sobre o tema, relatos extraordinários de mulheres combatentes começaram a surgir de todos os cantos: arquivos, catálogos, desconhecidos que me enviavam por e-mail as histórias das respectivas famílias. Encontrei dezenas de memórias de mulheres publicadas por pequenas editoras, e centenas de testemunhos em polaco, russo, hebraico, ídiche, alemão, francês, holandês, dinamarquês, grego, italiano e inglês, de 1940 até hoje.

Os estudiosos do Holocausto têm debatido a questão de saber o que é que «conta» como um ato de resistência judaica. Muitos aceitam a definição mais alargada: qualquer ação que afirmasse a humanidade de um judeu; qualquer feito individual ou coletivo que, mesmo sem intenção, desafiasse a política ou a ideologia nazi, incluindo manter-se simplesmente vivo. Outros consideram que uma definição tão generalista apouca os que arriscaram a vida para desafiar o regime de uma forma ativa, e que há que fazer uma distinção entre resistência e resiliência.

Os atos de rebelião praticados por judias que encontrei na Polónia, o país onde me foquei, ampliaram o leque, desde os que envolveram um planeamento complexo e cálculos elaborados, como fazer detonar grandes quantidades de TNT, aos que foram espontâneos e simples, quase de comédia, com disfarces, dentadas e arranhões para escapar das garras dos nazis. Para muitas destas mulheres, o objetivo era resgatar judeus; para outras, morrer com e deixar um legado de dignidade. Freuen destaca a atividade das «combatentes do gueto»: as operacionais clandestinas que emergiram dos movimentos juvenis judaicos e trabalhavam nos guetos. Eram combatentes, editoras de boletins da resistência e ativistas sociais. Sobretudo, constituíam a esmagadora maioria dos «correios», um papel específico que se situava

no centro das operações. Disfarçavam-se de gentias e viajavam entre guetos e cidades fechadas, contrabandeando pessoas, dinheiro, documentos, informação e armas que muitas vezes as próprias obtinham.

Além de combaterem nos guetos, muitas judias fugiram para as florestas e juntaram-se a grupos de partisans, participando em ações de sabotagem e recolha de informação. Alguns atos de resistência eram ações únicas e «desorganizadas». Várias judias polacas juntaram-se a unidades de resistência estrangeiras, ao passo que outras trabalhavam com o movimento clandestino polaco. As mulheres criavam redes de resgate para ajudarem outros judeus a esconderem-se ou a fugirem. Por fim, exerciam uma resistência moral, espiritual e cultural escondendo as suas identidades, distribuindo livros judaicos, dizendo piadas durante os transportes para minorar o medo, abraçando as camaradas nos barracões para as manter aquecidas e improvisando cozinhas onde distribuíam sopa aos órfãos. Por vezes, esta última atividade era organizada, pública e clandestina; outras era pessoal e íntima.

Meses depois de iniciada a minha pesquisa, deparei-me com o que para um escritor era um tesouro e um desafio: tinha coligido mais histórias impossíveis a respeito da resistência do que alguma vez imaginara. Como poderia fazê-las passar por uma triagem e escolher as principais personagens?

Acabei por decidir seguir a minha fonte inspiradora, Freuen, com o seu foco nas combatentes do gueto saídas dos movimentos juvenis Liberdade (Dror) e A Jovem Guarda (Hashomer Hatzair). A peça central, e a contribuição mais extensa, de Freuen foi escrita por um mulher correio que assinava «Renia K.». Senti-me intimamente atraída por Renia – não por ser a líder mais conhecida, militante ou carismática, mas pelas razões opostas. Renia não era uma idealista nem uma revolucionária, mas uma rapariga sensata da classe média que se viu apanhada num súbito e interminável pesadelo. Mostrou-se à altura da situação, por uma noção inata de justiça e pela fúria. Fiquei fascinada pelos seus formidáveis relatos de assaltos, atravessando as fronteiras a coberto da noite e contrabandeando granadas, e pelas pormenorizadas descrições das suas missões clandestinas. Com vinte anos, Renia registou a sua experiência dos cinco anos anteriores numa prosa escorreita e reflexiva, animada por rápidas caracterizações, impressões francas e até espirituosas.

Mais tarde, descobri que os textos de Renia em Freuen eram excertos de umas longas memórias escritas em polaco e publicadas em hebraico, na Palestina, em 1945. O seu livro foi dos primeiros (há quem diga o

primeiro) relato pessoal de grande fôlego sobre o Holocausto. Em 1947, uma editora judaica no centro de Nova Iorque publicou a versão inglesa, que incluía uma introdução de um eminente tradutor. Mas, pouco depois, o livro e o seu mundo caíram na obscuridade. Só encontrei o nome de Renia em referências de passagem ou anotações acadêmicas. Aqui, elevo a sua história das notas de rodapé para o texto e devolvo à luz esta judia que realizou atos de espantosa coragem. Entreteci na história de Renia os relatos de outras resistentes judaico-polacas de diferentes movimentos clandestinos e com missões diferentes, tudo para mostrar a amplitude e o escopo da bravura feminina.

,

A tradição judaica está repleta de vitórias dos mais fracos: David e Golias, os escravos israelitas que desafiaram o faraó, os irmãos Macabeus que derrotaram o Império Grego.

Não é essa a nossa história.

A resistência dos judeus polacos não conseguiu mais do que minúsculas vitórias em termos de êxitos militares, baixas nazis ou número de judeus salvos.

No entanto, o esforço de resistência que levaram a cabo foi muito maior e mais organizado do que alguma vez poderia ter imaginado, e colossal em comparação com a narrativa do Holocausto com que cresci. Grupos dos movimentos armados clandestinos judeus estiveram ativos em mais de 90 guetos na Europa Oriental. Além de Varsóvia, ocorreram «pequenas ações» e levantamentos em Będzin, Vilna, Białystok, Cracóvia, Lvov, Częstochowa, Sosnowiec e Tarnów. A resistência armada judaica entrou em pelo menos cinco dos principais campos de concentração e de extermínio – incluindo Auschwitz, Treblinka e Sobibor –, bem como em dezoito campos de trabalho forçado. Trinta mil judeus juntaram-se aos grupos de partisanas nas florestas. Redes judaicas apoiaram financeiramente 12 mil correligionários escondidos em Varsóvia. Tudo isto em paralelo com incontáveis exemplos de atos de desafio quotidianos.

Como era possível, não parava de me perguntar, nunca ter ouvido aquelas histórias? Como era possível nunca ter ouvido falar das centenas, até milhares, de judias que se tinham envolvido em todos os

aspectos daquela rebelião, por vezes ao leme? Por que razão Freuen era um título obscuro em vez de um clássico das listas de leituras sobre o Holocausto?

Como vim a aprender, muitos fatores, tanto pessoais como políticos, têm guiado o desenvolvimento da narrativa do Holocausto. A nossa memória coletiva tem sido enformada por uma onnipresente resistência à resistência. O silêncio é um meio para influenciar percepções e operar mudanças de poder, e tem funcionado de formas diversas na Polónia, em Israel e na América do Norte desde há décadas. O silêncio é, também, uma técnica para aguentar e viver.

Mesmo quando os contadores de histórias remaram contra a corrente e relataram histórias de resistência, as mulheres raras vezes foram o foco. Nos raros casos em que os escritores as incluíram nos seus relatos, foi quase sempre no enquadramento de tropos narrativos estereotipados. No interessante filme *Insurreição sobre o gueto de Varsóvia*, feito para televisão em 2001, as mulheres combatentes estão presentes, mas classicamente mal representadas. As mulheres líderes são reduzidas a personagens menores; «namoradas do» protagonista. O único papel principal feminino é Tosia Altman, e embora o filme a mostre a contrabandear destemidamente armas, é retratada como uma rapariga bonita e tímida, que cuidava do pai doente e se deixou arrastar para um papel na resistência, toda ela olhos muito abertos e mansuetude. Na realidade, Tosia já era uma líder do movimento juvenil *A Jovem Guarda* muito antes da guerra; o seu biógrafo enfatiza a sua reputação de jovem «bonita» muito viva e um pouco «estouvada». Ao rescrever o seu passado, o filme não só distorce a personagem como apaga todo o mundo de educação feminina judaica, treino e trabalho que a criou.

Nem é preciso dizer que, na Polónia, a resistência dos judeus aos nazis não foi uma missão radical feminista exclusiva das mulheres. Os homens foram combatentes, líderes, comandantes. Mas graças ao seu género e à capacidade de camuflarem o seu judaísmo, as mulheres eram particularmente adequadas para certas tarefas cruciais em que arriscavam a vida; em particular, como correios. Nas palavras da combatente Chaika Grossman, «As jovens judias eram os centros nevrálgicos do movimento».

O eminente cronista do gueto de Varsóvia, Emmanuel Ringelblum, escreveu na altura a respeito das raparigas-correio: «Sem um murmúrio, sem um segundo de hesitação, aceitam e levam a cabo as missões mais perigosas [...]. Quantas vezes olharam a morte nos olhos? [...] A história da judia será uma página gloriosa na história do judaísmo durante a atual guerra.»

Em 1946, o único propósito de Freuen era informar os judeus norte-americanos sobre os esforços incríveis das judias nos guetos. Vários dos autores que contribuíram para o livro assumiram que aquelas mulheres iam tornar-se famosas, sugerindo que futuros historiadores não deixariam de cartografar este extraordinário território. A combatente Ruzka Korczak escreveu que estas histórias da resistência feminina «são grandes tesouros da nossa nação» e se tornariam uma parte essencial do folclore judaico.

Passados 75 anos, estas heroínas continuam largamente desconhecidas, as suas páginas no livro da eterna memória ainda por escrever. Até agora.

Prólogo

Um salto no tempo – defesa ou salvamento?

De cima, poder-se-ia confundir a pequena povoação, com o seu refulgente castelo e os seus edifícios em tons de pastel, o seu entrelaçado de ruas com cores de rebuçados, como um reino mágico. Fundada no século ix, inicialmente, Będzin foi erigida como cidade-fortaleza, de guarda à antiga rota comercial entre Kiev e o Ocidente. Como acontece com muitas outras cidades medievais polacas, em particular as que se situam na área densamente florestada do sul do país, a paisagem à volta de Będzin é gloriosa. As grandes extensões verdejantes não sugerem divisão e morte, batalhas sem conta e decretos ditatoriais. Quem a vê de longe, nunca imaginará que esta cidade real, encimada por uma torre dourada, foi um símbolo da quase destruição do povo judeu.

Localizada na região polaca de Zagłębie, Będzin tinha sido, durante centenas de anos, um lar para os judeus, que trabalhavam e prosperavam no distrito desde o início do século xiii. Em fins do século xvi, o rei concedeu-lhes o direito de ter os seus locais de culto, comprar terras, comerciar sem limites, abater animais para consumo e distribuir álcool. Durante mais de 200 anos, e desde que pagassem impostos, os judeus estiveram protegidos e estabeleceram uma forte rede de relações comerciais. Nos anos de 1800, a cidade passou para o severo domínio prussiano, e depois para o russo, mas os grupos locais opuseram-se a estes colonos estrangeiros e defenderam a irmandade judaica polaca. No século xx, a economia desabrochou, estabeleceram-se escolas modernas, e Będzin tornou-se um centro de novas filosofias, em particular o socialismo. Novas práticas levaram a um apaixonado e produtivo conflito interno: os partidos políticos, os catedráticos e a imprensa judaicos floresceram. Como em muitas outras cidades por todo o país, os judeus representavam uma crescente percentagem da população, intricadamente entretecida na tessitura do quotidiano. Os falantes de iídiche constituíam uma parte essencial da área; em troca, Zagłębie tornou-se uma parte integrante da sua identidade.

Em 1921, quando Będzin era referida como «a Jerusalém de Zagłębie», os judeus controlavam 672 fábricas e oficinas locais. Quase metade dos habitantes eram judeus, e muitos deles abastados: médicos, advogados, comerciantes e proprietários de fábricas. Formavam um grupo liberal, secular, moderadamente socialista. Frequentavam cafés, tinham casas de férias nas montanhas, gostavam de dançar o tango, ouvir jazz e praticar esqui, sentindo-se europeus. Também a classe operária e os judeus religiosos prosperavam, com dezenas de locais de

culto e um alargado leque de partidos em que podiam votar para o Conselho Judaico. Nas eleições municipais de 1928 estiveram representados 22 partidos, 17 dos quais judaicos. O vice-presidente da Câmara de Będzin era judeu. Claro que os judeus não podiam saber que o dinâmico mundo que tinham construído ia em breve ser destruído – ou que iam ter de lutar pela sua herança e pelas suas vidas.

,

Em setembro de 1939, o exército invasor alemão ocupou Będzin. Os nazis queimaram a magnífica sinagoga românica da cidade – uma peça central erigida no sopé da colina do castelo – e assassinaram dezenas de judeus. Três anos mais tarde, 20 mil judeus sinalizados pela braçadeira com a estrela de David foram empurrados para um pequeno bairro nos arredores da cidade, onde várias famílias eram forçadas a coabitar num mesmo barracão ou quarto. Pessoas que tinham desfrutado de séculos de relativa paz, prosperidade e integração social, com séculos de cultura, viram-se amontoadas nuns poucos quarteirões degradados. A comunidade de Będzin tinha uma nova bolsa. Uma bolsa escura e húmida. O gueto.

Os guetos de Zagłębie foram dos últimos a serem «exterminados» na Polónia. O exército de Hitler chegou ali numa fase já mais tardia, para completar a sua «Solução Final». Muitos dos habitantes do gueto tinham autorizações de trabalho e eram enviados para trabalho forçado nas fábricas e oficinas de material de guerra na Alemanha, em vez de serem de imediato despachados para os campos da morte. Em Będzin, a comunicação postal era ainda possível. Aqueles guetos estavam em contacto com a Rússia, a Eslováquia, a Turquia, a Suíça e outros países não arianos. E assim, mesmo naquelas escuras bolsas, emergiram células de resistência judaica.

Entre as casas apinhadas, no meio de uma atmosfera de pânico, inquietação e terror, havia um edifício especial. Um edifício que se mantinha forte, não só graças aos seus firmes alicerces (que, aliás, em breve assentariam sobre um rede de bunkers subterrâneos), mas também graças àqueles que o habitavam, aos seus cérebros, aos seus corações, aos seus músculos. Era lá que se situava o quartel-general da resistência judaica local. Uma resistência nascida da filosofia do movimento trabalhista sionista que acarinhava a agência judaica, o trabalho da terra, o socialismo e a igualdade. Os «camaradas» eram

alimentados a uma dieta única de trabalho físico e empoderamento feminino. Foi um dos centros do movimento juvenil Liberdade.

,

Em fevereiro de 1943, o gueto estava transido de frio, o ar pesado como chumbo. No movimentado edifício comunal reinava um silêncio invulgar. O habitual bulício dos programas culturais do Liberdade – cursos de línguas, espectáculos musicais, seminários sobre a ligação entre o coração e a terra – desaparecera. Não se ouviam vozes, nem música.

Renia Kukielka, uma jovem judia de dezoito anos e combatente em ascensão no movimento clandestino de resistência, saiu da lavandaria. Ia a caminho da reunião que decorria à volta da grande mesa no piso térreo do quartel-general, onde se gizavam os planos mais importantes. Um lugar que conhecia bem.

– Conseguimos alguns documentos – anunciou Hershel.

Houve um coro de exclamações abafadas. Documentos significavam passaportes dourados – para sair da Polónia, para a sobrevivência.

Aquele era o dia da decisão.

Frumka Płotnicka, com os seus olhos escuros e o sobrolho franzido, estava de pé numa das cabeceiras da mesa. Oriunda de uma modesta família religiosa de Pinsk, juntara-se ao movimento como uma adolescente introvertida e, graças à sua seriedade inata e ao seu pensamento analítico, subira na hierarquia. Com o deflagrar da guerra, depressa se tornara uma líder na clandestinidade.

Hershel Springer, seu colíder na «secção» de Będzin, ocupava a outra cabeceira. Amado por todos, Hershel «tinha em si tanto do carácter popular judeu» que mantinha conversas francas com quem quer que partilhasse as suas raízes, desde um carroceiro a um talhante, a respeito dos temas mais triviais. Como sempre, o seu sorriso caloroso e acriançado era uma força apaziguadora contra a destruição que reinava lá fora; o imundo gueto cada vez mais vazio, o eco de coisa nenhuma.

Renia ocupou o seu lugar à mesa entre os dois, com os outros jovens judeus.

Dava muitas vezes por si cambaleando na incredulidade, chocada pela sua realidade. Em poucos anos, deixara de ser uma adolescente de quinze anos com seis irmãos e pais que a amavam, para se transformar numa órfã, sem saber sequer quantos dos seus irmãos e irmãs continuavam vivos ou onde poderiam estar. Com a família, correrá por campos juncados de cadáveres. Mais tarde, fugirá através de outros campos, mas agora sozinha. Poucos meses antes, saltara de um comboio em movimento, disfarçara-se de camponesa polaca e fora trabalhar como criada para casa de uma família em parte alemã. Insistia em ir à igreja com eles, como disfarce, mas da primeira vez tremia a cada gesto, com medo de não saber quando pôr-se de pé ou quando sentar-se, por onde passar. A adolescente tornara-se uma atriz, sempre a representar. O chefe da família gostava dela e louvava-a por ser limpa, trabalhadora e até educada. «É natural», dissera ela, numa meia mentira. «Venho de uma família culta. Éramos ricos. Foi só quando os meus pais morreram que me vi obrigada a aceitar o trabalho braçal.»

Era bem tratada, mas logo que tivera ocasião de entrar secretamente em contacto com a irmã Sarah, soubera que tinha de estar com ela, com o que restava da sua família. Sarah arranjava maneira de a fazer chegar a Będzin, centro do grupo de jovens do Liberdade a que pertencia.

Renia era agora uma rapariga instruída que lavava roupa, escondida nas traseiras. A sua presença ali era ilegal; uma intrusa entre os intrusos. Os nazis tinham dividido a Polónia conquistada em vários territórios. Os documentos de Renia só eram válidos para o Governo-Geral, a área que havia de servir de «lixeria racial» e fonte inesgotável de trabalho escravo – e, no fim, de palco do extermínio em massa do judaísmo europeu. Não tinha papéis para estar em Zaglembe, uma área anexada pelo Terceiro Reich.

Naquele momento, à sua direita sentava-se Hantze, irmã e oposto absoluto de Frumka, senhora de um espírito exuberante e de um inabalável otimismo que iluminava a sala escura. Hantze gostava de contar aos camaradas como enganava os nazis disfarçando-se de mulher católica, a pavonear-se de um lado para o outro mesmo nas barbas deles. Sarah, com o seu rosto cinzelado de pómulos altos e penetrantes olhos escuros, estava presente, ao lado da namorada de Hershel, Aliza Zitenfeld, com quem partilhava o cuidado dos órfãos do gueto. Chajka Klinger, a animada e extrovertida líder de um grupo irmão, talvez também lá estivesse, pronta a bater-se pelos seus ideais: verdade, ação, dignidade.

– Conseguimos alguns documentos – repetiu Hershel. Cada um deles proporcionava a uma pessoa a entrada num campo de concentração; permitia a uma pessoa viver. Eram passaportes falsos dos países aliados

onde havia alemães cativos. Os possuidores destes passaportes eram mantidos pelos nazis em campos especiais para serem trocados pelos prisioneiros alemães nesses países – mais um dos vários esquemas com passaportes de que tinham tido conhecimento nos últimos anos. Talvez, esperavam, aquele não fosse uma ratoeira. Demorava meses a organizar e obter aqueles documentos, um processo imensamente caro e perigoso que envolvia enviar em segredo aos peritos em falsificações cartas codificadas com fotografias. Quem ia conseguir um deles?

Ou nenhum dos presentes o receberia?

Defesa ou salvamento? Lutar ou fugir?

Era este o debate que mantinham desde o início da guerra. Uns poucos judeus com ainda menos armas não iam derrubar os nazis. Que sentido fazia então a resistência? Estavam a lutar para morrer com dignidade, por vingança, para deixar um legado de honra a gerações futuras? Ou estavam a lutar para infligir estragos, para resgatar e salvar – e se era esse o caso, quem? Indivíduos ou o movimento? Crianças ou adultos? Artistas ou líderes? Deviam os judeus combater nos guetos ou nas florestas? Como judeus ou como polacos?

Agora, era preciso tomar uma verdadeira decisão.

– Frumka! – disse Hershel para o outro lado da mesa, a olhá-la nos olhos escuros.

Ela devolveu-lhe o olhar, com a mesma firmeza, mas manteve-se silenciosa.

Hershel explicou que tinha chegado de Varsóvia uma diretiva da líder que todos respeitavam, Zivia Lubetkin. Frumka usaria o seu passaporte para sair da Polónia e dirigir-se a Haia, sede do Tribunal Permanente de Justiça Internacional, instituído em 1920 pela Sociedade das Nações. A sua missão seria representar o povo judeu, revelando ao mundo o que estava a acontecer. Em seguida, viajaria para a Palestina, onde serviria como testemunha oficial das atrocidades nazis.

– Partir? – disse Frumka.

Renia olhou para ela com o coração a bater muito depressa. Sentia a sua resistência, quase conseguia ver os mecanismos do seu aguçado cérebro a funcionar por detrás do rosto tranquilo. Frumka era a líder, a rocha em que todos se apoiavam, homens e mulheres. A quem seria pedido que a acompanhasse? E que fariam eles sem ela?

– Não – declarou Frumka na sua maneira gentil, mas firme. – Se temos de morrer, morramos juntos. Mas – e aqui fez uma pausa –, procuremos uma morte heroica.

Ao ouvir as suas palavras, a sua segurança, a sala inteira deixou escapar um suspiro. Como se todo o edifício tivesse sido ressuscitado, os presentes começaram a bater com os pés, alguns até sorriram. Frumka pousou o punho fechado em cima da mesa, simples e rápido como o martelo de um juiz.

– É tempo. É tempo de nos mexermos.

E foi assim que tiveram a sua resposta unânime: defesa.

Renia, sempre pronta, saltou da cadeira.

Primeira parte

As raparigas do gueto

Raparigas heroicas [...]. Viajam destemidas de um lado para o outro entre as cidades e vilas da Polónia [...]. Todos os dias enfrentam a morte, confiadas nos seus rostos «arianos» e nos lenços de camponesa com que cobrem a cabeça. Sem um murmúrio, sem um segundo de hesitação, aceitam e levam a cabo as missões mais perigosas. É preciso alguém para viajar até Vilna, Białystok, Lemberg, Kovel, Lublin, Częstochowa ou Radom para levar publicações ilegais, objetos ou dinheiro? As raparigas apresentam-se como voluntárias como se fosse a coisa mais natural do mundo. Há camaradas que é preciso fazer sair de Vilna, Lublin ou qualquer outra cidade? Elas aceitam a missão. Nada as detém. Nada as desvia [...]. Quantas vezes olharam a morte nos olhos? Quantas vezes foram detidas e revistadas? [...] A história da judia será uma página gloriosa na história do judaísmo durante a atual guerra. E as Chajkas e as Frumkas serão as figuras principais dessa história. Porque estas raparigas são infatigáveis.

Emanuel Ringelblum, entrada do diário, maio de 1942

Capítulo 1

Po-Lin

Renia

OUTUBRO DE 1924

Na sexta-feira, 10 de outubro de 1924, enquanto os judeus de Jędrezejów se preparavam para a véspera do Sabat – encerravam lojas, fechavam caixas registradoras, coziavam, cortavam, fritavam –, Moshe Kukiełka saía apressado da sua loja. A casa da família, no número 16 da rua Klastorna (do Mosteiro), era uma pequena estrutura de pedra numa verdejante avenida, ao virar da esquina de uma magnífica abadia medieval famosa pelo seu interior turquesa e dourado. Naquela noite reinava no interior da casa uma azáfama particular. À medida que o pôr do sol se aproximava, a luz alaranjada do outono a ganhar laivos de encarnado nos luxuriantes vales e arredondadas colinas da região de Kielce, o forno dos Kukiełka aquecia, as colheres giravam nos tachos e nas panelas, o fogão assobiava e os sinos das igrejas formavam o habitual pano de fundo para as tagarelices da família em iídiche e polaco. E então, um novo som: o primeiro vagido de uma criança.

Moshe e Leah eram ao mesmo tempo modernos e praticantes, tal como os seus três filhos mais velhos. Envolviam-se na cultura polaca e celebravam as tradições judaicas. Moshe costumava ir para casa ou dirigir-se a um shtiebel (local de culto) para a refeição e as orações do Sabat, cruzando apressado a praça da vila, com as suas filas de edifícios em tons de pastel, passando por comerciantes judeus e agricultores católicos que viviam e trabalhavam lado a lado. Naquela semana, estugou ainda mais o passo no fresco ar outonal. Como mandava a tradição, acendiam-se as velas e recebia-se o Sabat em casa como uma noiva, mas naquele dia Moshe tinha um novo hóspede para acolher. Um hóspede ainda melhor.

E então chegou para a encontrar: a sua terceira filha, que no mesmo instante se tornou a brilhante menina dos seus olhos atentos. Rivka, em hebraico, é um nome cujas raízes têm diversos significados, incluindo conexão, união e até cativante. Na Bíblia, Rivka era uma das quatro matriarcas do povo judeu. Claro que, naquela família semiassimilada, a bebé tinha também um nome polaco: Renia. Kukiełka assemelha-se ao polaco Kukielo – o apelido da família que, durante gerações, tinha gerido a funerária local. Os judeus construíam com frequência os seus

apelidos acrescentando sufixos bonitos, como – ka, aos nomes polacos. Kukiełka significa «marioneta».

Estava-se em 1924, apenas um ano antes de a nova Polónia ser enfim reconhecida pela comunidade internacional e ver as suas fronteiras fixadas, ao fim de anos de ocupação, partilha e limites flutuantes. (Segundo uma velha anedota judaica, um homem pergunta a outro se a terra onde vivem está agora em território polaco ou soviético. «Este ano estamos na Polónia», responde-lhe o amigo. «Graças a Deus!», exclama o homem, «Já não aguentava mais um inverno russo.») A economia aguentava-se, e embora a maior parte dos judeus de Jędrezejów vivesse abaixo da linha de pobreza, Moshe era bem-sucedido como um pequeno comerciante, proprietário de uma loja de gallenteria que vendia botões, roupas e artigos de costura. Criava uma família da classe média, que expunha à música e à literatura. A mesa do Sabat, posta naquela semana pelas duas filhas mais velhas dos Kukiełka com a ajuda de alguns parentes enquanto Leah estava ocupada com outros assuntos, oferecia os pitéus próprios do dia que Moshe podia dar-se ao luxo de comprar: licores, bolo de gengibre, iscas de fígado em cebolada, cholent (uma sopa de carne e feijão que ficava a cozinhar durante horas), kugel de batata e massa doce, compota de ameixas e maçã, e chá. Os bolinhos de peixe gelfilte de Leah, presentes quase todas as sextas-feiras, iriam tornar-se os preferidos de Renia. Naquela semana, a refeição era sem dúvida ultrafestiva.

Alguns traços de personalidade são visíveis, senão mesmo inconfundíveis, nas primeiras horas de existência; psicologias gravadas na alma. É possível que Moshe soubesse, quando lhe pegou pela primeira vez – a infundir nela a sua gentileza, inteligência e percepção –, que o seu espírito havia de empurrar a filha para viagens que alguém de 1924 dificilmente poderia imaginar. É possível que já então soubesse que a sua pequena Renia, de grandes olhos verdes, cabelos castanho-claros e feições delicadas – a sua pequena e encantadora marioneta –, tinha nascido para se destacar.

,

Jędrezejów era uma shtetl, uma palavra que em iídiche significa «pequena cidade» e designava as cidades-mercado polacas com uma significativa população judaica. O nascimento de Renia acrescentou mais um aos 4500 judeus da povoação, que representavam quase 45% do total

de habitantes. (Os irmãos mais novos, Aaron, Esther e Yaacob, ou o pequeno Yankel, viriam a seu tempo juntar mais três.) A comunidade judaica, estabelecida nos anos de 1860, quando os judeus foram finalmente autorizados a instalar-se na região, era de um modo geral pobre. A maior parte dos judeus trabalhava como caixeiro-viajante, vendedor ambulante ou em pequenos negócios próprios com lojas à volta da ventosa praça do mercado. Os restantes eram sobretudo artesãos: sapateiros, padeiros, carpinteiros. Jędrezejów não era tão moderna como Będzin, que bordejava a Alemanha a oeste, mas mesmo ali havia uma pequena elite local de médicos, enfermeiros e professores; havia até um juiz judeu. Cerca de 10% dos judeus da povoação eram abastados, proprietários de serrações, moagens, oficinas mecânicas e casas na praça principal.

Como o resto da Polónia, a moderna cultura judaica florescia quando Renia cresceu e se tornou uma criança, nos anos de 1930. Na época, só em Varsóvia havia uns impressionantes 180 jornais judaicos: 130 em iídiche, 25 em hebreu e 25 em polaco. Em consequência, dezenas de assinaturas de revistas passavam pela estação de correios de Jędrezejów. A população judaica local crescia. Foram criados diferentes lugares de culto para acolher as diversas variedades de judaísmo. Mesmo naquela pequena povoação abriram três livrarias judaicas, uma editora e algumas bibliotecas; os grupos de teatro e de leitura proliferavam; os partidos políticos nasciam como cogumelos.

O pai de Renia empenhava-se no estudo do judaísmo e em obras de beneficência, alimentava os pobres, cuidava dos mortos na sociedade funerária chevra kadisha e servia como chantre local. Votava sionista. Os sionistas religiosos honravam os ideais do escritor Theodor Herzl (1860-1904) e acreditavam que uma existência judaica verdadeira e aberta só seria possível numa pátria onde os judeus fossem cidadãos de primeira classe: a Palestina. A Polónia podia ter sido a sua casa durante séculos, mas era algo temporário. Moshe sonhava poder um dia mudar-se com a família para a «Terra Prometida».

Os partidos organizavam palestras e comícios políticos. É fácil imaginar Renia a acompanhar o seu adorado e barbudo pai a um dos grandes e cada vez mais populares encontros sionistas, como a palestra sobre «A Luta por uma Palestina Judaica», a 18 de maio de 1937. Com o seu «fatinho à marinheira» branco e azul-escuro de colegial polaca, saía pregueada e meias até aos joelhos, para sempre uma apaixonada por caminhadas, Renia dava a mão a Moshe enquanto passavam os dois pelas duas novas bibliotecas judaicas a caminho da animada reunião onde centenas de judeus debatiam e discutiam com calor questões de pertença. Enquanto os polacos negociavam as suas novas identidades

numa pátria recém-estabilizada, o mesmo faziam os judeus. Como encaixavam neste novo país, um lugar onde tinham vivido sem interrupções durante mais de mil anos, mas onde nunca foram considerados verdadeiros polacos? Eram polacos ou judeus em primeiro lugar? A recente questão da identidade da Diáspora atingiu um pico febril, sobretudo devido a um antissemitismo que não cessava de crescer.

,

Moshe e Leah Kukielka valorizavam a educação. O país assistiu a um influxo maciço de escolas judaicas: escolas hebraicas seculares, escolas preparatórias iídiches, escolas religiosas divididas por género. Das 400 crianças de Jędrezejów, 100 estudavam numa escola da Talmude Torá, num jardim-infantil judaico ou na secção local da escola elementar para raparigas Beit Yaakov, onde as alunas usavam mangas compridas e meias altas. Por questões de proximidade – e porque a educação religiosa era cara e com frequência reservada aos rapazes – Renia, como muitas outras raparigas judias, frequentava a escola pública polaca.

Não importava. Era a melhor da sua turma de 35. As suas amigas eram maioritariamente católicas e no recreio ela falava um polaco fluente. Sem que na altura pudesse adivinhá-lo, esta imersão cultural, incluindo a capacidade de falar a língua nacional sem vestígios de sotaque judaico, viria a ser a parte mais crucial do seu treino para o trabalho na clandestinidade. Mas embora fosse uma excelente aluna e estivesse bem assimilada, a sua inclusão não era total. Numa cerimónia em que Renia foi chamada para receber um galardão académico, um colega atirou-lhe à testa uma caixa de lápis que deixou uma impressão duradoura – no sentido mais literal. Estava dentro ou estava fora? Na realidade, estava com uma perna de cada lado desse velho obstáculo de séculos: a questão da «identidade polaca-judaica».

A Polónia tinha vindo a evoluir desde a sua fundação. Com limites geográficos em constante mudança, a sua composição étnica variava à medida que as suas fronteiras englobavam novas comunidades. Os judeus medievais migraram para a Polónia porque representava um refúgio seguro em relação à Europa Ocidental, onde eram perseguidos e escoraçados. Ficaram aliviados ao chegar àquela terra tolerante onde havia boas oportunidades económicas. «Polin», o nome hebreu do país,

compreende «Po» e «Lin», e significa «Aqui ficamos». Polin oferecia-lhes uma segurança e uma liberdade relativa. Um futuro.

Uma moeda de inícios do século xii, exposta no Museu POLIN da História dos Judeus Polacos, em Varsóvia, apresenta letras hebraicas. Já na altura, os judeus falantes de iídiche eram uma importante minoria, parte integrante da economia polaca, na qual se destacavam como banqueiros, padeiros e oficiais de diligências. A Polónia dos primeiros tempos era uma república, com uma Constituição ratificada mais ou menos pela mesma altura que a norte-americana. O poder real estava limitado por um parlamento eleito pela classe dos pequenos nobres. As comunidades judaicas e os nobres tinham muitos negócios em comum: os nobres protegiam os judeus que se instalavam nas suas vilas e cidades e concediam-lhes autonomia e liberdade religiosa; em troca, os judeus pagavam impostos elevados e praticavam atividades económicas proibidas aos polacos cristãos, como emprestar e obter capital com juros.

Em 1573, a Confederação de Varsóvia foi o primeiro documento na Europa a dar forma legal à liberdade religiosa. Mas por muito que, em termos oficiais, os judeus integrassem a cultura polaca e partilhassem filosofias, folclore, indumentárias, comida e música, continuavam a sentir-se diferentes, ameaçados. Muitos polacos ressentiam-se da liberdade económica dos judeus. Estes sublocavam povoações inteiras aos nobres, e os servos polacos insurgiam-se contra o domínio dos seus senhorios judeus. A Igreja Católica disseminava a odiosa e absurda falsidade de que os judeus assassinavam cristãos – sobretudo crianças – para usar o seu sangue em rituais religiosos. Isto levou a ataques contra judeus, com ocasionais períodos de tumultos e assassínios em grande escala. A comunidade judaica tornou-se mais fechada, procurando força nos seus costumes. Havia entre os judeus e os polacos um relacionamento de «puxa-empurra», e as respetivas culturas desenvolviam-se em relação uma à outra. Veja-se, por exemplo, o caso do challah entrançado: um pão macio, rico em ovos, símbolo sagrado do Sabat judaico. O mesmo pão é também um charka polaco e um kalach ucraniano – é impossível saber qual das versões apareceu primeiro. As tradições desenvolveram-se em simultâneo, as sociedades misturaram-se, unidas debaixo de um (agri)doce brilho.

Contudo, em fins do século xviii, a Polónia desintegrou-se. O governo era instável e o país foi invadido pela Alemanha, a Austria e a Rússia, e depois dividido em três partes – cada uma delas governada por um conquistador que impunha os seus costumes. Os polacos continuaram unidos por uma ânsia nacionalista, e mantiveram a sua língua e a sua literatura. Os judeus polacos mudaram sob os respetivos ocupantes: os

alemães aprenderam a língua saxónica e evoluíram para uma classe média instruída, enquanto os que tinham caído sob o jugo austríaco (os galicianos) suportavam uma pobreza terrível. Mas a maioria passou a ser governada pela Rússia, um império que impunha decretos económicos e religiosos a uma população na sua maioria da classe trabalhadora. Também as fronteiras mudavam. Por exemplo, Jędrezejów começou por pertencer à Galícia, e então passou para a Rússia. Os judeus sentiam-se no fio da navalha, sobretudo na área financeira, uma vez que a alteração das leis afetava as suas fontes de rendimento.

Durante a Primeira Guerra Mundial, os três ocupantes da Polónia bateram-se uns contra os outros em terreno próprio. A despeito de centenas de milhares de vidas perdidas e uma economia dizimada, a Polónia saiu vencedora: foi estabelecida a Segunda República. A Polónia unificada precisava de reconstruir as suas cidades e a sua identidade. A paisagem política era bifurcada, com a ânsia nacionalista há tanto tempo acalentada a expressar-se de maneiras contraditórias. De um lado estavam os nostálgicos da monarquia que exigiam o restabelecimento da Polónia pluralista de outros tempos: a Polónia como um Estado de nações. (Quatro em cada dez cidadãos da nova nação faziam parte de uma minoria.) Do outro, os que viam a Polónia como um Estado-nação – uma nação étnica. Surgiu, e cresceu, um movimento que advogava polacos de raça pura. Toda a plataforma deste partido consistia em difamar os judeus, apontados como culpados pela pobreza e pelos problemas políticos do país. A Polónia nunca recuperara da Primeira Guerra Mundial nem dos subsequentes conflitos com os seus vizinhos; os judeus eram acusados de terem alinhado com o inimigo. Este partido de extrema-direita promovia uma nova identidade polaca especificamente definida como «não judaica». Gerações de residência, para não falar de uma igualdade de direitos formal, não faziam qualquer diferença. Como postulava a teoria racial nazi, que este partido adotou com avidez, um judeu nunca podia ser um polaco.

O governo central instituiu uma lei de descanso ao domingo e discriminava os judeus nas políticas de emprego público, mas a sua liderança era instável. Poucos anos mais tarde, em 1926 e graças a um golpe de Estado, a Polónia caiu nas mãos de Józef Piłsudski, uma invulgar mistura de monárquico e socialista. O antigo general e chefe de Estado defendia um país multiétnico, e embora não ajudasse os judeus de um modo particular, estes sentiam-se mais seguros sob o seu regime semiautoritário do que sob o governo representativo.

Piłsudski tinha, no entanto, muitos adversários, e quando morreu em 1935, o ano em que Renia completou onze, as listas da direita nacionalista assumiram com facilidade o controlo. O seu governo opunha-se à violência direta e aos pogroms (que nem por isso deixavam de acontecer), mas encorajava o boicote aos negócios dos judeus. A Igreja condenava o racismo nazi, mas promovia o sentimento antissemita. Na universidade, os estudantes polacos defendiam a ideologia racial de Hitler. Foram impostas quotas étnicas e empurraram-se os alunos judeus para «guetos académicos», no fundo dos auditórios. Por ironia, entre todos os grupos, eram os judeus que tinham uma educação mais tradicionalmente polaca: muitos falavam polaco (alguns com exclusão de qualquer outra língua) e liam os jornais judaicos em polaco.

Até uma pequena povoação como Jędrezejów assistiu a um antissemitismo crescente ao longo dos anos de 1930, com insultos raciais e boicotes comerciais, quebra de montras e incitações aos tumultos. Renia passava muitas das suas tardes a olhar pela janela, de guarda, temerosa de que os bandos de rufiões antissemitas lhes queimassem a casa e fizessem mal aos pais, pelos quais sempre se sentiu responsável.

O famoso duo de comédia iídiche Dzigan e Shumacher, que tinha uma companhia de cabaré em Varsóvia, começou a sondar o antissemitismo no palco. No seu estranhamente presciente número humorístico O Último Judeu da Polónia, retratavam um país que subitamente tinha saudades dos seus judeus, em pânico por causa de uma economia e uma cultura destruídas. Não obstante a crescente intolerância, ou talvez inspirados pelo desconforto e pela esperança, os judeus conheceram uma época de ouro de criatividade na literatura, na poesia, no teatro, na filosofia, na ação social, nos estudos religiosos e na educação – tudo isto desfrutado pela família Kukielka.

A comunidade judaico-polaca fazia-se representar por uma multitude de opiniões políticas, cada uma com a sua resposta para aquela crise de xenofobia. Os sionistas estavam fartos de se sentirem cidadãos de segunda e Renia ouvia muitas vezes o pai falar da necessidade de se mudarem para uma terra judaica onde os judeus se pudessem desenvolver como povo, sem barreiras de classe ou religião. Liderados por intelectuais carismáticos que defendiam a língua hebraica, os sionistas mantinham uma discordância fundamental com os outros partidos. O partido religioso, devotado à Polónia, pedia menos discriminação e que os judeus fossem tratados como qualquer outro cidadão. Muitos comunistas apoiavam a assimilação, tal como numerosos membros das classes mais abastadas. Com o tempo, o Bund,

um grupo socialista da classe trabalhadora promotor da cultura judaica, tornou-se o maior partido. Os seus membros eram os mais otimistas e acalentavam a esperança de que os polacos acabassem por compreender e perceber que o antissemitismo não ia resolver os problemas do país. O Bund da diáspora insistia em que a Polónia era o lar dos judeus e que eles deviam ficar onde estavam, continuar a falar iídiche e exigir o lugar que era seu por direito. Organizava unidades de autodefesa, determinadas a ficar. «É aqui que vivemos, este é o nosso país.» Po-lin.

Lutar ou fugir. Sempre a mesma questão.

,

À medida que entrava no início da adolescência, é provável que Renia acompanhasse a irmã mais velha, Sarah, às atividades dos grupos juvenis. Nascida em 1915, Sarah era nove anos mais velha do que Renia, e uma das suas heroínas. Sarah, com os seus olhos penetrantes e os seus lábios finos que estavam sempre a sugerir um sorriso, era a intelectual omnisciente, a sensata benfeitora cuja autoridade Renia pura e simplesmente sentia. É fácil imaginar as duas irmãs a caminhar lado a lado com passos decididos, todas elas dever e energia, ambas vestidas de acordo com a moda da época: boina, blazer cingido, saias pregueadas pelo meio da perna e cabelos curtos penteados para trás e seguros por travessas. Renia, sempre atenta à moda, há de ter-se arranjado da cabeça aos pés, um padrão que manteve toda a sua vida. O estilo entreguerras na Polónia, influenciado pela emancipação da mulher e pelas modas parisienses, assistiu à substituição das joias, rendas e plumas por roupas de corte simples e focadas no conforto. A maquilhagem era ousada, com sombras escuras para os olhos e batons de um vermelho intenso. Os cortes de cabelo e as saias encurtaram. («Via-se o sapato inteiro!», escreveu um satirista da época.) Uma fotografia de Sarah nos anos de 1930 mostra-a a usar uns sapatos com grossos saltos feitos para andar – uma necessidade, uma vez que as mulheres da altura eram andarilhas constantes que percorriam a pé grandes distâncias para chegar à escola ou ao emprego. Decerto todas as cabeças se voltavam quando as duas irmãs entravam na sala de reuniões.

Nas décadas que mediam as duas guerras mundiais, o exacerbar do antissemitismo e a pobreza provocaram uma depressão coletiva entre os jovens judeus polacos. Sentiam-se alienados pelo seu país, viam o

futuro incerto em comparação com o dos seus antepassados. Os judeus não podiam aderir aos Escuteiros Polacos, o que levou 100 mil deles a juntarem-se aos grupos juvenis judaicos ligados aos vários partidos. Estes grupos ofereciam rumos existenciais e esperança no futuro. Os jovens judeus de Jędrezejów participavam numa florescente cena de grupos juvenis. Em algumas fotografias, os membros aparecem vestidos com roupas escuras e a posar para a fotografia como intelectuais sóbrios, de braços cruzados; noutras, estão nos campos, a empunhar ancinhos, os músculos fletidos, bronzeados e estuantes de vida.

Como o pai, Sarah era sionista, mas, ao contrário de Moshe, pertencia ao Liberdade, um grupo de sionistas trabalhistas seculares. Na sua maioria oriundos da classe média e com educação, os sionistas trabalhistas almejavam uma pátria onde vivessem em comunidades, falassem hebraico e desfrutassem de uma sensação de pertença. Embora encorajassem a leitura e o debate, não descuravam a fisicalidade como uma maneira de desmentir o mito do preguiçoso intelectual judeu e de promover uma agenda pessoal. Praticar o trabalho manual e contribuir para os recursos do grupo era de uma importância essencial. Idealizavam o trabalho da terra; a autossuficiência agrícola e a independência pessoal e comunitária andavam a par.

Existiam vários grupos de juventude sionista trabalhista – uns mais intelectuais ou seculares, outros dedicados à caridade, à advocacia ou ao pluralismo –, mas todos pegavam nos tradicionais valores polacos de nacionalismo, heroísmo e sacrifício individual e davam-lhes um contexto judaico. O Liberdade focava-se na ação social e atraía em exclusivo membros da classe trabalhadora falante de iídiche. O grupo organizava acampamentos de verão, campos de treino (hachshara) e quintas comunais (kibbutzim) como preparativos para a emigração, ensinando o trabalho esforçado e a vida cooperativa – com frequência para desespero dos pais. Moshe reprovava o Liberdade não só por ser abertamente liberal e insuficientemente elitista, mas também pelo facto de os «camaradas» serem postos à frente da família de nascimento, com líderes tratados como modelos – quase como pais substitutos. Ao contrário dos escuteiros ou das organizações desportivas, estes movimentos juvenis tocavam todos os aspetos da vida dos seus membros; eram campos de treino físico, emocional e espiritual. Os jovens definiam-se com base nos respetivos grupos.

Sarah era uma defensora acérrima da igualdade social e da justiça, e empenhava-se em especial no aconselhamento de crianças. Na Casa-Museu dos Combatentes do Gueto, várias fotografias mostram-na num campo de treino na cidade de Poznań, a 360 quilómetros de Jędrezejów,

em 1937. Numa delas, está de pé em frente a uma estátua a usar um fato e de gola alta, o chapéu um pouco de lado, como exigia a moda; segura um livro, séria, determinada. O mundo moderno estava ao alcance da sua mão.

Na Polónia, as mulheres desempenhavam em simultâneo papéis tradicionais e progressistas, empurradas por uma filosofia educacional positivista e pela Primeira Guerra Mundial, que as lançou no mercado de trabalho. Na nova república, a escola primária era obrigatória, mesmo para as raparigas. As universidades estavam abertas às estudantes. As polacas obtiveram o direito de voto em 1918, antes da maior parte dos países ocidentais.

Na Europa Ocidental, as famílias judaicas eram, na sua maioria, de classe média e limitadas por costumes burgueses mais estritos, com as mulheres relegadas para o domínio da domesticidade. Mas no Leste, a maior parte dos judeus era pobre e, por uma questão de necessidade, as mulheres trabalhavam fora do lar – sobretudo nos círculos religiosos, nos quais era aceitável os homens dedicarem-se ao estudo em vez de trabalhar. As judias estavam integradas na esfera pública: em 1931, 44,5% dos assalariados judeus eram mulheres, embora ganhassem menos do que os homens. A idade média para casar foi empurrada para o fim da casa dos vinte, ou até início da dos trinta, devido sobretudo à pobreza. Isto levou a um declínio da fertilidade, que, por sua vez, originou um aumento do número de mulheres no mercado de trabalho. Na realidade, e de certa maneira, o equilíbrio vida-trabalho das mulheres da Europa Oriental assemelhava-se muito às modernas normas de género.

Séculos antes, fora outorgado às judias o «direito de saber». A invenção da imprensa levou a uma proliferação de livros em hebreu e iídiche destinados ao público feminino; as regras religiosas permitiam às mulheres assistir aos serviços; a arquitetura das novas sinagogas incluía um anexo para elas. Agora, as judias eram poetisas, romancistas, jornalistas, comerciantes, advogadas, médicas e dentistas. Nas universidades, as judias representavam uma grande percentagem da discência feminina, sobretudo em cursos de humanidades e de ciências.

Embora os partidos sionistas não fossem nem pouco mais ou menos «feministas» – não havia mulheres a ocupar cargos públicos, por exemplo –, as raparigas gozavam de um certo grau de paridade na área da juventude socialista. Um destes grupos, A Jovem Guarda, a que o irmão mais velho de Renia, Zvi, pertencia, criou a ideia de «grupo íntimo», com uma estrutura de liderança dual. Cada secção era dirigida por um homem e uma mulher. O «Pai» era o líder didático, a «Mãe» a

líder emocional; com poderes iguais, complementavam-se um ao outro. Neste modelo familiar, os «filhos» eram como irmãos.

Estes grupos estudavam Karl Marx e Sigmund Freud, além de mulheres revolucionárias como Rosa Luxemburgo e Emma Goldman. Advogavam explicitamente a discussão emocional e a análise das relações interpessoais. Os seus membros estavam, sobretudo, no fim da adolescência, uma idade em que muitas mulheres são mais maduras do que os homens e, em consequência, se tornaram organizadoras. As mulheres lideravam os treinos de autodefesa, eram ensinadas a desenvolver uma consciência social e a serem controladas e fortes. A União Pioneira (Hechalutz), a organização guarda-chuva que englobava vários grupos de juventude sionista e promovia o treino agrícola tendo em vista uma vida de pioneiros na Palestina, tinha um plano de emergência para o caso dos homens serem recrutados para o exército polaco: todos os cargos de chefia seriam ocupados por mulheres. Inúmeras fotografias de jovens dos anos de 1930 mostram mulheres ao lado dos homens, vestidas com os mesmos capotes e cintos escuros, ou roupas de trabalho e calças; também elas empunham gadanhas como se fossem troféus e brandem foices como espadas, preparando-se para uma vida de duro trabalho manual.

Sarah era uma devotada sionista trabalhista. Bela, a irmã entre ela e Renia, juntou-se também ao Liberdade, e Zvi falava fluentemente hebraico. Renia, demasiado nova para se filiar, passou os primeiros anos da pré-adolescência a assimilar as paixões dos irmãos, e é fácil imaginá-la a aparecer nas reuniões, competições desportivas e festividades pela mão da irmã, a observar tudo de olhos bem abertos.

Em 1938, com catorze anos, Renia estava a concluir o ensino primário. Um pequeno grupo de estudantes judeus frequentava o ensino secundário na Escola Secundária do Distrito Co-Educacional, em Jędrezejów, mas a ela não lhe foi dada a oportunidade de chegar ao liceu. Em alguns relatos, Renia culpava o antissemitismo; noutros, explicava que precisava de ganhar dinheiro em vez de prosseguir com os estudos. Muitas memórias de raparigas desta época falam das suas ambições em se tornarem enfermeiras, ou até médicas, mas talvez o cenário mais tradicional de Jędrezejów ou as urgentes necessidades financeiras de Renia a tenham obrigado a procurar uma carreira como secretária. Inscreveu-se num curso de estenografia, na esperança de embarcar numa vida como empregada de escritório. Mal ela sabia que o trabalho que iria em breve iniciar seria de uma natureza muito diferente.

Todos os grupos juvenis organizavam atividades de verão. Em agosto de 1939, os jovens sionistas trabalhistas reuniram-se em acampamentos e simpósios, onde dançavam e cantavam, dormiam ao ar livre e conduziam intermináveis seminários. Discutiam o recente Livro Branco britânico que limitava a emigração judaica para a Palestina e consideravam outros destinos, desesperados por continuar a trabalhar nos seus ideais coletivos e salvar o mundo. Os programas de verão terminaram e, a 1 de setembro, os participantes estavam de regresso a casa, enfrentando a transição entre a família escolhida e a de nascimento, o verão e a escola, o verde e o ocre, a brisa tépida e o frio, o campo e a cidade.

Foi também nesse dia que Hitler invadiu a Polónia.

Capítulo 2

Do fogo para o fogo

Renia

SETEMBRO DE 1939

Os boatos voavam como balas. Os nazis andavam a queimar, a saquear, a arrancar olhos, a cortar línguas, a assassinar bebês, a decepar os peitos das mulheres. Renia não sabia o que pensar, mas, como toda a gente na povoação, sabia que os alemães iam chegar a Jędrezejów. Sabia que andavam à caça de judeus. Nuvens de pó formaram-se sobre as famílias em tornados de pânico. Ninguém sabia para onde ir. Fecharam-se e entaiparam-se casas. Fizeram-se malas. Caminhando em grandes grupos de terra em terra, homens, mulheres e crianças partilhavam as estradas com colunas de soldados polacos em retirada. Não havia comboios.

Como muitos dos seus vizinhos, os Kukiełka optaram por ir para leste, até Chmielnik, uma pequena povoação muito semelhante a Jędrezejów do outro lado do rio Nida, esperando estar fora do alcance dos alemães e onde acreditavam que o exército polaco ainda permanecia forte. Os Kukiełka tinham parentes em Chmielnik. Não levaram nada consigo. Juntaram-se à massa de fugitivos e partiram a pé.

Os 33 quilómetros de estrada estavam juncados de cadáveres de pessoas e gado – todos vítimas dos constantes ataques nazis. Os aviões alemães largavam explosivos por todo o lado. Renia, sufocada pelo cheiro acre, dava muitas vezes por si atirada ao chão, de braços e pernas abertos, com aldeias incendiadas como pano de fundo. Era mais seguro, não tardou a aprender, ficar quieta quando as bombas caíam; a imobilidade funcionava como um escudo. Mais uma explosão, e então um avião em voo rasante encheu o ar de balas de metralhadora. A única coisa que ouvia era o sibilar dos projéteis – isso e os bebês. As mães apertavam os filhos contra o corpo, mas eram mortas, tombavam, deixavam crianças e bebês que sobreviviam e gritavam «aos céus», como mais tarde descreveu. Um dia e uma noite de inferno para chegar a Chmielnik.

Contudo, Renia apercebeu-se no mesmo instante de que Chmielnik estava longe de ser um refúgio seguro. A povoação fora reduzida a um monte de escombros dos quais eram retiradas pessoas queimadas e

moribundas. E esses eram os afortunados. Alguns habitantes, veio a saber, tinham fugido para Jędrezejów na esperança de lá encontrar refúgio. «Toda a gente tentava saltar da frigideira para o lume.»

Chmielnik fervilhava de violência antecipada. Os rumores que chegavam até lá eram aterrorizadores: os nazis tinham entrado em Jędrezejów a disparar contra tudo o que se movesse, arrebanhado e fuzilado dez judeus na praça da povoação, esse colorido e buliçoso centro das suas vidas. O ato pretendia ser um aviso para os judeus locais, uma demonstração do que aconteceria se alguém lhes desobedecesse. Em Chmielnik, todos sabiam que seriam os próximos.

Nesta altura, ainda se acreditava que, tal como nas guerras passadas, só os homens estavam em perigo, não as mulheres e as crianças. Muitos judeus, incluindo o pai de Renia, Moshe, fugiram em direção ao rio Bug, para onde os soviéticos tinham avançado, na esperança de encontrar proteção escondendo-se nos campos. Mais tarde, Renia escreveu que os gritos das mulheres ao serem separadas dos seus homens eram insuportáveis. Só podemos imaginar o terror que sentiu ao ver o seu adorado papá partir sem saber por quanto tempo, ou para onde, ou para o quê.

Os ricos de Chmielnik, ouviu Renia dizer, tinham alugado cavalos e fugido para a Rússia. As casas estavam desertas.

Sem surpresa, mas nem por isso menos horroroso, a vez deles chegou. Uma noite, Renia avistou tanques alemães ao longe. Recordava com orgulho que, de toda a povoação, só um rapaz judeu teve coragem para os enfrentar. Correu para eles a disparar uma arma, mas as balas nazis dilaceraram-no. Dez minutos mais tarde, escreveu Renia, os nazis passeavam-se pela povoação, entravam nas casas e nos restaurantes, pilhavam comida, levavam trapos para limpar os cavalos. Apoderavam-se do que queriam.

Renia espreitou por uma fresta do sótão onde se escondera com a família. Viu as ruas iluminadas por casas que ardiam. As pessoas acoitavam-se em mansardas e caves, as portas trancadas, as janelas entaipadas. Renia ouvia o incessante matraquear das armas automáticas, paredes a serem demolidas, gemidos, gritos. Esticou o pescoço para tentar ver mais qualquer coisa: toda uma parte da povoação tinha sido engolfada pelas chamas.

E então, uma pancada no portão da casa onde se escondiam. Era um portão de ferro, trancado com ferrolhos de ferro, mas isso não chegou para deter os soldados alemães. Arrombaram as janelas. Renia ouviu-lhes os passos quando entraram na casa. Com gestos rápidos e

silenciosos, a família puxou a escada de acesso ao sótão. Renia ficou imóvel, a suster a respiração, enquanto ouvia lá em baixo os alemães andar pela casa.

E então, silêncio. Os nazis tinham partido.

Ao contrário de muitos dos seus vizinhos, cujas casas foram saqueadas e os homens e rapazes levados para um qualquer pátio e fuzilados, os Kukielka estavam salvos. Ao contrário dos judeus mais ricos da povoação, trancados dentro da grande sinagoga que os alemães regaram com gasolina e incendiaram, ao contrário daqueles que tinham saltado das janelas das casas em chamas para serem abatidos em pleno ar, a família de Renia não foi descoberta. Pelo menos daquela vez.

Às nove da manhã do dia seguinte, as portas começaram a abrir-se. Com receoso cuidado, Renia saiu para avaliar os estragos. Um quarto da população de Chmielnik, uma povoação que fora 80% judaica, tinha sido queimado vivo ou morto a tiro.

Essa foi a primeira noite.

,

Ao longo dos dez dias que se seguiram, à medida que o choque de Renia começava a atenuar-se, formou-se uma imagem do que seria a sua nova vida. Os sedentos judeus estavam proibidos de sair à rua para procurar água. As ruas fediam com a pestilência dos corpos em decomposição. Mas depois disso, os alemães prometeram normalidade, prometeram não matar ninguém desde que as pessoas obedecessem. A vida e o trabalho retomaram o seu curso, mas a fome já tinha entrado nas suas existências. O pão – agora uma substância cinzenta, dura e amarga – era racionado, e não obstante os padeiros serem na sua maioria judeus, os nazis empurravam os judeus para o fim das filas. E pensar que Renia costumava detestar esta época do ano pela sua solenidade! Amante das alegres festas primaveris da Páscoa e da Shavuot, desagradava-lhe a tristeza dos grandes feriados religiosos do outono, as súplicas, as confissões, os jejuns. O que não daria agora por um challah do Rosh Hashanah.

Logo que o pai regressara, graças a Deus – tinha, com alguns companheiros, chegado a uma outra povoação, só para se aperceber de que o perigo era o mesmo que em Chmielnik –, o clã Kukielka decidiu

voltar a Jędrezejów. Durante a caminhada de um dia de regresso a casa, «tal como vimos o exército polaco a fugir da luta, faminto e esfarrapado, vemos agora um arrogante exército alemão, impante de orgulho».

«Não demorou muito tempo, e aprendemos a conhecer os alemães», escreveu Renia. Os ocupantes nazis perseguiram e assassinaram a intelligentsia judaica e fuzilaram grupos de homens acusados de possuir armas. Colocavam uma arma num grande bloco de apartamentos ocupado quase exclusivamente por judeus e, então, como castigo pela pistola, levavam um homem de cada apartamento. Ordenavam que todos os judeus se reunissem para a execução, e depois deixavam os corpos dos inocentes pendurados todo o dia, a balouçar nas árvores ao longo da rua principal, a pacífica artéria da povoação para sempre cortada.

Capítulo 3

A fundação da luta feminina

Zivia e Frumka

DEZEMBRO DE 1939

Era véspera de Ano Novo, e Zivia Lubetkin estava no nordeste da Polónia, nos arredores de Czyżew, uma povoação já devastada pelos combates. O vento frio fustigava-lhe as faces. Um pé à frente do outro. No meio da escuridão, trepava por sinuosos trilhos, com neve até ao pescoço, o queixo gelado. Cada esquina, cada curva, era um potencial fim. Zivia era a única mulher, a única judia. Os estudantes polacos que estavam a ser levados para o outro lado da fronteira entre a União Soviética e a Saxónia pelo mesmo passador esperavam que, a serem apanhados, o fossem pelos alemães e não pelos bolcheviques russos, que odiavam. Mas Zivia «tremia de medo ante a perspectiva de ser capturada pelos nazis». Quando a manhã despontava, chegaram a território controlado pelos alemães sem incidentes. Zivia estava de regresso à sua velha Polónia.

O sonho da maior parte dos judeus era fugir à ocupação nazi; Zivia estava a voltar.

Enquanto Renia começava a experimentar os horrores da ocupação alemã em Jędrezejów, uma nova comunidade com ideias vanguardistas – e que acabaria por transformar a sua vida – desenvolvia-se noutras partes da Polónia. Não obstante a guerra, os movimentos juvenis judaicos continuaram a existir. Quando voltaram dos seus retiros de verão em setembro de 1939, os camaradas não dispersaram, muito pelo contrário, reforçaram a sua união, redefinindo e reformando sem cessar as suas missões sob a direção de um punhado de jovens líderes ardentes e corajosos, muitos dos quais podiam com facilidade ter fugido, mas não o fizeram. Ficaram, alguns até regressaram, e, possivelmente, enformaram o resto do judaísmo polaco.

Um desses líderes era Zivia, uma jovem mulher tímida e séria, nascida em 1914 no seio de uma família religiosa da classe média na pequena vila de Byten, onde a única rua era iluminada por candeeiros a querosene. Os pais de Lubetkin queriam que ela se movimenta-se à vontade na sociedade polaca, e, por isso, inscreveram-na numa escola primária pública polaca; era também a melhor aluna do professor particular de hebraico que ensinava em horário pós-escolar, tornando-se fluente na língua. Zivia era inteligente, tinha uma memória excepcional e, dos sete filhos, aquela em quem o pai mais confiava. Em vez de frequentar o liceu, trabalhava na mercearia. Mas deixou-se entusiasmar pelo idealismo do Liberdade, vivendo para a sua filosofia de igualdade e trabalho físico. Não tardou que comesse a usar roupas largas e um casaco de couro (a vestimenta característica dos socialistas), e os pais quase não a reconheciam durante as suas visitas a casa, vinda do kibbutz que frequentava contra a vontade deles.

Graças às suas paixões sionistas e socialistas, ao seu autocontrolo e à sua ética de trabalho, Zivia (que significa «gazela» em hebraico) fez rápidos progressos no movimento e, a despeito da sua timidez e falta de graças sociais, foi promovida a cargos de liderança. (A família costumava exortá-la a descontrair; quando havia visitas, obrigavam-na a praticar discursos de pé em cima de uma cadeira, na cozinha. Ela corava e mal conseguia pronunciar uma palavra.) Com vinte e um anos, foi enviada até Kielce para chefiar o kibbutz local que estava à beira do descalabro, infestado por «impostores» que queriam ir para Israel, mas não subscreviam os princípios do Liberdade. O seu êxito foi conquistado a pulso e patente aos olhos de todos. Também nos assuntos do coração se mostrou bem-sucedida: conheceu o seu primeiro namorado, Shmuel.

Zivia, exigente com os outros tanto como consigo, não receava ofender e dizia sempre a sua verdade. Quase nunca as suas emoções pessoais, incluindo a dúvida de si mesma, transpareciam através desta dura fachada. Tornou-se conhecida pela facilidade com que resolvia as disputas alheias e como conquistava o respeito até daqueles que abalava com a sua franqueza. Todas as noites, depois de terminar os seus deveres administrativos, juntava-se às camaradas na lavandaria ou no forno do pão para trabalho braçal, e ainda insistia em tentar executar tarefas por norma atribuídas aos homens, como a construção de vias-férreas. Em certa ocasião, dispersou sozinha um grupo de arruaceiros que provocavam as camaradas. De pau na mão, ameaçou-os até que debandaram. Zivia era a «Irmã Mais Velha», responsável por toda a família.

Promovida a coordenadora dos programas de treino dos Pioneiros para toda a Polónia, mudou-se para Varsóvia, acompanhada por Shmuel. O Livro Branco britânico, que impunha restrições drásticas à entrada de judeus na Palestina, tornou o seu trabalho ainda mais difícil. Os jovens que esperavam emigrar perderam o moral enquanto enlanguesciam em kibbutzim de preparação, mas Zivia conseguiu manter a funcionar os programas de educação ao mesmo tempo que se batia por conseguir mais vistos. O seu papel de liderança levou-a à Suíça em agosto de 1939, como delegada ao 21.º Congresso Sionista, uma reunião de delegados sionistas vindos de todo o mundo. Adorou Genebra, gostava de passear pelas ruas elegantes, admirar os impecáveis relvados, as montras, as mulheres bem-vestidas. «Se alguma vez eu, Zivia, decidir escrever um romance», disse, «chamar-lhe-ei De Byten a Genebra.» Mas, por muitos que fossem os encantos da cidade, Zivia, com vinte e quatro anos, estava ansiosa por voltar para junto dos seus alunos e das crianças pobres, e ensinar-lhes o caminho para a realização pessoal. Os delegados adivinhavam um futuro político difícil, e muitos líderes arranjaram formas de fugir da Europa através da Suíça. Zivia recebeu uma autorização especial que lhe permitia viajar de imediato para a Palestina, evitando desse modo a guerra iminente.

Não a usou.

França tinha fechado as suas fronteiras, as estradas estavam bloqueadas, os comboios eram desviados das suas rotas habituais. Não foi fácil para Zivia regressar à Polónia, mas chegou a Varsóvia a 30 de agosto, mesmo a tempo para o primeiro dia da campanha de Hitler. Nos dias iniciais do caos da guerra, viajou para encerrar quintas do movimento e locais de reunião. O plano B dos Pioneiros foi posto em prática, colocando-a, e a outras líderes do movimento, à frente da organização.

Porém, face à retirada imediata do exército polaco, este plano, que, como tantos outros, tinha de responder a uma realidade política em constante alteração, foi revogado. Em vez disso, disseram a Zivia e às camaradas que se dirigissem para leste, até ao outro lado do rio Bug, em território soviético, pela mesma direção que a família de Renia tinha fugido. Durante vários meses, os movimentos estiveram sediados em povoações controladas pelos soviéticos e onde os jovens gozavam de relativa liberdade. Ao longo deste período de agitação, os grupos solidificaram-se em unidades fortes e organizadas. Zivia assegurava-se de que o Livre e a Igualdade continuava fiel aos seus ideais enquanto aprendia a lidar com novas situações, como a proibição cada vez mais estrita imposta pelos soviéticos à religião e quaisquer atividades judaicas. A

sua nova habilidade: mudar rapidamente para um novo modus operandi sempre que as circunstâncias se alteravam.

Em novembro de 1939, havia dezenas de ramos do Liberdade ativos na zona soviética, promovendo os seus valores sionistas, socialistas e pioneiros. Dos quatro líderes principais, dois eram mulheres: Zivia, responsável pelas comunicações e a informação, e Sheindel Schwartz, coordenadora das atividades educacionais. Sheindel estava envolvida com um terceiro líder, Yitzhak Zuckerman, que se tornou conhecido pelo seu nome de guerra, Antek.

Zivia, baseada em Kovel, percorria a área, estabelecendo a comunicação entre camaradas. «Corríamos de um lado para o outro como loucos, enfrentando um perigo mortal e constante, num esforço para contactar membros do movimento perdidos ou afastados», escreveu mais tarde. Ajudava camaradas a encontrar sustento e apoio, mas também se ocupava de identificar pontos de fuga que permitissem estabelecer uma rota de emigração ilegal para a Palestina via Roménia. Apesar de os seus superiores não autorizarem a iniciar um movimento clandestino para atingir os seus objetivos sionistas e socialistas, Zivia não desistia. «Era impossível não criarmos um movimento clandestino de jovens pioneiros.»

Enviou o namorado, Shmuel, por uma das rotas de fuga que tinha organizado, mas foi apanhado, preso, e desapareceu. Devastada, Zivia manteve os seus sentimentos privados e lançou-se ao trabalho ainda com mais ardor.

Zivia era muito requisitada. A austera Frumka, que já regressara a Varsóvia para liderar a juventude local, escreveu à chefia do Liberdade pedindo que a sua querida amiga Zivia também regressasse, afirmando que era a pessoa mais indicada para lidar com o novo governo nazi. Todos os principais líderes tinham fugido de Varsóvia, deixando essa cidade de importância vital apenas com comandantes de terceira linha, mal preparados para estabelecer ligações com os alemães ou com os polacos.

Devido à crescente ameaça soviética, Zivia devia mudar-se para Vilna, uma cidade controlada há pouco tempo pela Lituânia, o que ela considerou uma tentativa da parte do Liberdade para a proteger. Resistiu a esta indulgência, insistindo que tinha de voltar a Varsóvia para ajudar a orientar o seu movimento, reconfortar os jovens cujas vidas foram transformadas num caos e promover a educação pioneira e os objetivos sionistas. Como sempre, tomou as suas decisões e atirou-se de cabeça para o fogo.

Na véspera de Ano Novo de 1939, o Liberdade organizou uma conferência que durou toda a noite e foi em parte festa e em parte a primeira reunião oficial da clandestinidade. «Comemos, bebemos e divertimo-nos», escreveu Zivia mais tarde, «e entre bebidas discutimos o Movimento e o seu rumo futuro.» No apartamento de um membro em Lvov, Zivia regalou-se com chocolate quente, salsichas e pão escuro barrado com manteiga, e ouviu os líderes reiterarem a importância de manter viva a chama sionista, de «afirmar a humanidade judaica» na área soviética e na Polónia ocupada pelos alemães.

Nessa noite, ignorando os pedidos de Antek, o alto, louro e atraente colíder de quem Zivia se tinha aproximado cada vez mais, partiu em direção à Polónia ocupada pelos nazis, receosa do que ia encontrar e duvidosa de conseguir aguentar viver sob o novo regime. Entristecia-a separar-se de amigos com os quais tinha passado tempestuosos meses envolvida num trabalho perigoso, com quem podia contar para a acolherem de braços abertos no fim de uma missão difícil. Mas Zivia era também determinada. «Enquanto estava ainda ocupada com estes pensamentos sombrios», testemunhou mais tarde, «o comboio entrou na gare, e as pessoas forcejaram a subida para as carruagens.» Sentiu mãos calorosas, lágrimas ardentes, e então também ela estava a afastar-se, a deixar para trás os camaradas.

Zivia voltou a entrar na Polónia ocupada de acordo com um plano gizado por Frumka. Suportou uma longa viagem de comboio e aquela caminhada noite dentro pelo meio da neve, na companhia de um grupo de estudantes polacos, todos rapazes, que tentavam regressar a casa. Logo que o grupo chegou à povoação fronteiriça, a atitude cortês dos rapazes para com ela mudou. Em terra soviética, uma companheira judia era um trunfo, mas em território nazi transformou-se num ser inferior. Na estação, viram como um alemão esbofeteava um grupo de judeus, dizendo-lhe que não podia estar na mesma sala de espera que os polacos e os arianos. Os companheiros de Zivia queriam que também ela fosse expulsa, mas ela não reagiu. «Cerrei os dentes e não me mexi um centímetro.» Iria desenvolver um novo género de força interior; a capacidade de manter a cabeça bem erguida no meio do nevoeiro da degradação. A carruagem do comboio estava mergulhada numa escuridão quase completa – não havia iluminação – e toda a gente se escondia dos alemães. Um homem deixou escapar um suspiro, e Zivia

viu-o ser espancado por um grupo de polacos que o acusavam de ter soltado «um suspiro de judeu». Foi expulso da carruagem.

Estava-se agora em 1940. Um novo ano. Uma nova experiência de ser judeu – do orgulho à humilhação. E, pensou ela, enquanto o comboio entrava na estação central, passando pelas grandes avenidas e pelas praças cheias de pombos, uma nova Varsóvia.

,

Os judeus tinham chegado relativamente tarde a Varsóvia. Leis antissemitas baniam-nos desde a Idade Média até que, em 1807, o imperador francês Napoleão I recebeu o ducado como oferta da Prússia. Os judeus financiavam-lhe as guerras, dando início à cultura de atividade bancária judaica da cidade. Em meados do século xix, na altura sob ocupação russa, a população judaica aumentou, e uma pequena classe de judeus progressistas «assimilados» floresceu nesta verdejante metrópole que se espraiava ao longo de ambas as margens do Vístula, fervilhante de vendedores de rua e elétricos, e coroada por um imponente castelo medieval.

Depois de 1860, quando os judeus da Zona de Assentamento – o território russo onde tinham sido autorizados a instalar-se – puderam aceder à cidade, a população explodiu. Em 1914, os judeus eram uma força dominante na indústria de Varsóvia, por fim livres de restrições domiciliárias. A cultura judaica – teatro, educação, jornais, publicações, partidos políticos – proliferou; a população incluía os pobres urbanos e os ricos cosmopolitas. A próspera comunidade estava simbolizada pela sua Grande Sinagoga, uma imponente construção consagrada em 1878. A maior sinagoga do mundo foi concebida pelo arquiteto mais famoso de Varsóvia com elementos ao estilo imperial russo. Não sendo um tradicional local de culto, era frequentada por uma congregação de elite, tinha um órgão, um coro e os sermões ditos em polaco. O espetacular edifício simbolizava a prosperidade e a aculturação dos judeus – e a tolerância da Polónia.

A Varsóvia que Zivia conhecia era o epicentro de toda a vida judaica anterior à guerra. Quando os nazis a invadiram, 375 mil judeus de todos os estratos sociais consideravam-na a sua casa, cerca de um terço da população da capital. (Por exemplo, em 2020, os judeus representavam mais ou menos 13% da população de Nova Iorque.)

Zivia estivera ausente apenas quatro meses, mas quando regressou encontrou uma paisagem urbana dramaticamente dividida: a Varsóvia não judaica e a Varsóvia judaica eram agora dois territórios diferentes. Notou de imediato que as ruas estavam apinhadas – só de polacos. Na sequência da ocupação, tinha sido implementada nova legislação antissemita, e todos os dias surgiam novas regulamentações discriminatórias. Os judeus já não podiam trabalhar nas fábricas dos cristãos ou viajar de comboio sem uma autorização especial. Poucos eram os judeus que se viam nas avenidas, todos com as braçadeiras brancas de uso obrigatório – os seus «distintivos de vergonha» –, a caminhar apressados, sempre a olhar em redor para se certificarem de que não estavam a ser seguidos. Zivia imobilizou-se, horrorizada. Como conseguiria alguma vez habituar-se àquilo? Mas, então, perguntou-se se os judeus não usariam as suas braçadeiras num desafio, num segredo desdém pelos seus opressores. Agarrou-se a este pensamento e deixou que a tranquilizasse.

As ruas estavam repletas de carros elegantes, carruagens e elétricos vermelhos. Mas Zivia preferia caminhar a apanhar um deles. Queria ver de perto a dinâmica da cidade que deixara para trás, da qual recordava as esplanadas dos cafés, as varandas enfeitadas com flores, os luxuriantes parques onde se juntavam mães e amas com os seus arrebicados carrinhos de bebé. Ouvira falar de ruínas, mas naquele momento, enquanto dava os primeiros passos por Varsóvia, tudo parecia, com exceção de alguns edifícios bombardeados, bastante igual ao que tinha sido. Os polacos enchiam as ruas, a vida continuava. «Havia uma sensação agradável no ar», recordaria, «como se nada tivesse acontecido.» A única mudança chegou com a aparição de colunas de veículos militares nas ruas, que dispersavam a população aterrorizada.

E depois havia o velho bairro judaico. Zivia foi direta ao quartel-general dos Pioneiros. Encontrou um monte de entulho. Ali era bem evidente que os tempos tinham mudado. Zivia estava a reentrar num novo mundo, com judeus escondidos nas sombras, receosos do ar livre, fechados em casa para evitar qualquer contacto com os alemães e as humilhações que poderiam ser-lhes infligidas.

À procura de judeus «de outra fibra», encaminhou-se para o quartel-general do Liberdade, no número 34 da rua Dzielna, onde muitos membros do movimento viveram antes da guerra. Dzielna, quatro prédios de três andares à volta de um pátio, sempre fora um local animado, mas Zivia ficou espantada pela compacta multidão, que incluía centenas de camaradas que tinham conseguido chegar a Varsóvia vindos de pequenas povoações. Estes, por sua vez, ficaram

surpreendidos e encantados por vê-la. O encarregado da comida organizou uma festa espontânea em sua honra, declarando o dia «feriado oficial», e serviu rações extras de pão e geleia. Zivia e Frumka abraçaram-se afetuosamente e passaram em revista tudo o que acontecera desde o ataque alemão, o que fora feito e, mais importante ainda, o que era preciso fazer.

,

É fácil imaginar a alegria de Frumka quando viu a sua velha amiga e camarada Zivia a entrar no quartel-general. Durante vários meses, tinha sido um dos principais líderes do movimento Liberdade, em Varsóvia, ajudando a restabelecer Dzielna como um lugar de família, calor, esperança e paixão, não obstante todos os novos horrores.

Nascida na maioritariamente judaica e intelectual cidade oriental de Pinsk, Frumka Płotnicka tinha a mesma idade que Zivia, vinte e cinco anos, o que de repente as situava entre os membros mais velhos do grupo. Frumka, com as suas feições pronunciadas, testa alta e cabelos lisos, era a segunda das três filhas de uma pobre casal hassídico que seguia o rabi Karliner, cujos valores incluíam a franqueza e a procura da perfeição. O pai de Frumka estudara para ser rabi, mas, por sugestão do seu rabi, tornou-se comerciante para conseguir sustentar a família. O negócio da família era a intermediação na venda de bens e produtos. Infelizmente, não se revelou um negociante nato. Os pais de Frumka não tinham dinheiro para lhe pagar uma educação, de modo que foi ensinada pela irmã mais velha, Zlatka, uma pensadora incisiva que obtivera excelentes resultados no gymnasium (a escola preparatória polaca). Zlatka era uma comunista que, como o pai, sabia guardar para si as suas emoções.

Frumka, por outro lado, saíra à mãe: industriosa, dedicada e humilde. Uma sionista devotada, filiara-se no Liberdade com dezassete anos e o seu empenho era total – mais um sacrifício para aquela rapariga pobre cuja família precisava da sua ajuda. Apesar de ser uma pensadora analítica profunda, sentia-se pouco à vontade com as pessoas, o seu rosto sempre sério e sombrio. Tinha dificuldade em relacionar-se e em conservar amizades, e, durante algum tempo, mantivera-se nas margens do movimento. Mas Frumka canalizava através da ação as suas turbulentas emoções e a sua compaixão inata. Cuidava dos camaradas e insistia em que um membro doente ficasse no campo de treino em vez

de voltar para casa; geria retiros, organizava tudo desde currículos à comida, disciplinava os jovens, pondo os preguiçosos a trabalhar e recusava esmolas dos agricultores locais. Brilhava nas situações de crise, em que a sua bússola moral era inabalável.

«Em tempos cinzentos, escondia-se na sombra», escreveu a seu respeito um membro importante do Liberdade, «mas nos momentos críticos erguia-se e enfrentava-os. De súbito, revelava mais mérito e virtude do que todos os outros; o seu vigor moral, a intensidade das suas análises levavam sempre à ação.» Frumka, continuava, tinha a habilidade única de «aliar a sua capacidade de analisar a experiência da vida à gentileza, ao amor e a uma preocupação maternal». Um outro amigo explicava: «O seu coração nunca batia ao ritmo da minúcia. Parecia esperar pelos grandes momentos em que podia descarregar todo o amor que tinha dentro de si.»

O mais frequente era encontrá-la embrulhada num casaco de lã, ao canto da sala, a ouvir. Mas a ouvir de verdade. Recordava os mais ínfimos pormenores. Noutras ocasiões, dirigia-se de súbito a toda a sala com o seu «sotaque mágico» – um iídiche literário com laivos populares. Um camarada recordava um discurso espontâneo de Frumka «a respeito dos medos de uma rapariga judia que encontrara o seu caminho, mas não a paz no seu coração». Prendia todas as atenções com a sua simplicidade e sinceridade: «o rubor das faces transformava-se em fogo». Uma outra amiga escreveu uma história a respeito do tempo que passaram juntas num jardim público de Białystok, notando como Frumka deslizava por entre as flores, fascinada pela sua beleza.

O queixo redondo adoçava-lhe as feições austeras, revelando o seu calor. Os camaradas apreciavam-lhe a postura e a paixão, e estavam sempre a pedir-lhe conselhos. Como a tímida Zivia, Frumka tinha sido uma dócil introvertida, e também ela surpreendeu a família com o seu papel de liderança. Se a dedicada e séria Zivia era a irmã mais velha do grupo, a empática e gentil Frumka tornou-se na Die Mameh (a mamã, em iídiche).

Depois de uma lenta ascensão na hierarquia, um degrau de cada vez, e de ter viajado por todo o país a ensinar em seminários, Frumka mudou-se para Varsóvia, a fim de trabalhar com Zivia no quartel-general dos Pioneiros. No verão de 1939, a atividade proliferava, mas os emissários da Palestina começaram a adiar as suas visitas, e Frumka assumiu responsabilidades a um outro nível. Viver em Eretz Israel, «a terra que é toda ela Sol», era o seu sonho. Devia fazer aliyah (emigrar para a Palestina) nesse verão, mas a chefia pediu-lhe que esperasse até ao outono. Ela aceitou, obediente, ainda que a sua ânsia a inundasse, e a

ideia de nunca o conseguir aterrorizava-a. E, na verdade, não foi um bom outono.

Quando a guerra rebentou, Frumka foi para leste, como lhe tinham instruído. Mas fugir de uma crise não era coisa que se enquadrasse com o seu feitio, e pouco depois pediu aos líderes do Liberdade que lhe permitissem deixar a área onde a família vivia e voltar à Varsóvia ocupada pelos nazis. Os camaradas ficaram estupefactos. Frumka foi a primeira a voltar.

Agora, Zivia também lá estava.

,

Frumka e Zivia encontraram um canto discreto numa sala sossegada, e Frumka explicou à amiga tudo o que tinha feito em Dzielna nos últimos três meses. A comuna oferecia refúgio aos jovens que fugiam das respetivas povoações. Frumka liderara-os na criação de iniciativas de ajuda e tornara-se conhecida por providenciar comida, emprego e conforto naqueles tempos de fome, confusão e famílias dispersas. O ethos do Liberdade mudara: já não se focava apenas no seu movimento e objetivos pioneiros, mas também em ajudar as sofredoras massas judias. Zivia, que sempre fora uma campeã da igualdade social, aderiu no mesmo instante à ideia.

Com o apoio da joint – a American Joint Distribution Committee, ou JDC, fundada em 1914 para ajudar judeus em todo o mundo –, Frumka organizou uma cantina pública que alimentava 600 pessoas. Criou grupos de estudo, encabeçou as colaborações com outros movimentos e alojava fosse quem fosse em qualquer quarto disponível. Mesmo em frente da infame prisão de Pawiak, numa área infestada de polícias, espiões e tiros a esmo, este fervilhante ninho de revolucionários inspirava novos pensamentos e ação. Segundo uma conselheira de um grupo de jovens do Liberdade: «Os Pioneiros queriam viver, agir, realizar sonhos [...]. Ali não fugíamos da verdade, mas também não nos reconciliávamos com ela [...]. O trabalho quebrava corpos e vergava espíritos, mas à tarde, quando nos reuníamos todos na nossa casa em Dzielna, não havia fúria nos nossos corações.» Zivia sentia a calorosa camaradagem e o espírito positivo que aquele espaço infundia, graças a Frumka e às outras jovens que a rodeavam.

Também Frumka tinha trabalhado fora de Dzielna, inclusive fora de Varsóvia, presciente da necessidade de forjar conexões a longa distância. Vestia-se como uma gentia, tapando o rosto com um lenço, e viajava até Łódź e Będzin para recolher informação. O kibbutz do Liberdade em Będzin geria uma lavandaria e funcionava como um centro de ajuda aos refugiados locais. Em Łódź, a comuna era dirigida quase só por mulheres que se recusaram a fugir, incluindo a irmã de Frumka, Hanzte, além de Rivka Glanz e Leah Pearlstein. As mulheres costuravam para os alemães, que de tempos a tempos ameaçavam confiscar-lhes o equipamento. Cada vez que isso acontecia, a alegre e responsável Leah enfrentava os nazis. Ganhava sempre.

,

Naquela primeira tarde, com outros líderes do Liberdade, Zivia e Frumka concentraram-se em descobrir novas rotas de fuga para a Palestina, de acordo com os seus objetivos sionistas, e também na ajuda à comunidade. Para fazer ambas, precisavam de afirmar os valores do movimento, e, ao mesmo tempo, manter fortes os seus kibbutzim regionais.

Decidida a não permitir-se fazer menos do que Frumka, Zivia mal teve tempo para descansar em Dzielna antes de partir novamente. O primeiro objetivo era o de criar ligações e começar a tentar influenciar o Judenrat.

Quase logo desde o início, os nazis decidiram lançar judeu contra judeu. Os guetos, assim decretaram, seriam geridos e postos na ordem por judeus. Não os kahals eleitos que governaram as comunidades judaicas durante séculos, mas conselhos controlados pelos nazis, os Judenrats. Cada Judenrat registava todos os cidadãos judeus, emitia certidões de nascimento e autorizações para abrir negócios, cobrava impostos, distribuía cartões de racionamento, organizava a mão de obra e os serviços sociais, e supervisionava as suas polícia ou milícia. Em Varsóvia, estas milícias – que usavam barretes e botas e estavam equipados com bastões de borracha – eram, sobretudo, homens educados da classe média, muitas vezes jovens advogados e recém-licenciados. Para muitos, incluindo Renia, as milícias constituíam-se «pelo pior género de pessoas», que cumpriam obedientemente as ordens da Gestapo, fazendo buscas, controlando e vigiando judeus. Alguns judeus alegavam que foram forçados a entrar para o Judenrat sob ameaça de morte; alguns esperavam que, ao oferecerem-se para

participar, conseguissem salvar as famílias (não conseguiram) ou até ajudar toda a comunidade. Como instituição, os Judenrats eram uma ferramenta para suprimir judeus, mas a vontade individual e subjetiva dos seus muitos membros variava, e o tom mudava de gueto para gueto. Eram grupos heterogêneos, com intervenientes que iam de ajudantes heroicos a colaboracionistas nazis.

Ao contrário de outros que temiam os Judenrats, vendo-os como marionetas da Gestapo, Zivia atazanava-os com pedidos de mais cartões de racionamento. De cabelos despenteados, um cigarro sempre pendente dos lábios, como se as suas «vexações se dissolvessem nos anéis de fumo que soprava», tornou-se uma presença constante nos corredores das principais organizações da comunidade judaica. Passava dias inteiros na Tlomackie, a organização de autoajuda judaica, com os seus pilares de mármore e grandes salões. Erigido ao lado da Grande Sinagoga nos anos de 1920, o edifício albergara a Biblioteca Judaica de Varsóvia e o primeiro centro de pesquisa judaica da Europa dedicado a estudos teológicos e também seculares. Com a guerra, tornara-se o centro da ajuda mútua judaica.

Era lá que passava tardes inteiras a regatear com a chefia da JDC e das organizações de beneficência, a trocar informações com chefes de grupos juvenis, a intercambiar publicações clandestinas e a convencer judeus ricos a emprestar-lhe quantias significativas. Tinha a seu cargo o dinheiro enviado para Varsóvia destinado aos grupos de juventude sionista, e era a recipiente da correspondência secreta vinda de unidades estrangeiras. À noite, trabalhava com as camaradas na lavandaria. Comia pouco – emagrecera tanto que começava a preocupar os amigos – e dedicava uma boa parte do seu tempo a animar os outros membros, a ouvir as suas queixas e, claro, a abalá-los com a sua maneira de falar sem rodeios. Os mais novos adoravam o seu despretensiosismo, a sua capacidade de tomar decisões rápidas e a franqueza dos seus conselhos.

Num clima de fome e humilhação, Zivia sentia-se responsável por alimentar e alojar os jovens, e fazia tudo o que podia para evitar que fossem arrebanhados e enviados para campos de trabalho. Em Varsóvia, todos os judeus dos doze aos sessenta anos estavam sujeitos ao trabalho forçado, uma situação violenta e abusiva que todos temiam. Para conseguir trabalhadores, os alemães fechavam uma rua e apanhavam todos os judeus que lá estivessem – incluindo aqueles que corriam para casa com uma fatia de pão para os filhos. As pessoas eram enfiadas em camiões e levadas para realizar trabalho escravo enquanto as espancavam ou as deixavam a morrer à fome. Zivia interviera em

várias ocasiões para libertar camaradas capturados, deixando atrás de si um rasto de fumo de cigarro.

Um dos seus principais projetos era negociar o restabelecimento e a manutenção das quintas de treino comunais, que, até ao momento, haviam sido poupadas pelos nazis. Durante a guerra, as quintas em Grochów e em Czerniaków tinham sido importantes locais de trabalho, empregando nos campos, jardins e vacarias jovens que, de outro modo, poderiam ter sido levados. Serviam também como centros de educação, onde se cantava e dançava. Os esforços de Zivia para coordenar as atividades educacionais nas diversas regiões obrigavam-na a viagens constantes, mas gostava sobretudo de visitar aquelas paisagens frondosas, onde à noite podia mostrar as suas feições judias e gozar de uma relativa liberdade, proporcionando-lhe oportunidades para fugir à fome, aos piolhos e às epidemias que grassavam em Varsóvia, para não falar dos fuzilamentos aleatórios e da tortura diária.

Numa fase posterior da guerra, Zivia costumava subornar um polícia judeu, escalar o muro do gueto, e sair pelo cemitério. Era então que se insurgia contra o desperdício de tempo que tudo aquilo significava. Era também desta maneira que levava emigrados para fora do gueto: oferecer dinheiro no momento certo e atravessar o portão a carregar uma pasta, parecendo em tudo uma jovem cheia de confiança a descer a rua, pronta para um dia de trabalho.

Na altura, porém, não existiam guetos murados em Varsóvia. Não obstante o desespero, a confusão, o ocasional episódio de violência, não havia sequer a premonição do encarceramento e assassinio que se seguiriam; a principal preocupação dos jovens estava no surgimento de pogroms organizados pelos polacos quando os nazis inevitavelmente perdessem e recuassem. De momento, aqueles jovens judeus eram apenas atarefados ativistas sociais que transmitiam os valores do pioneirismo ensinando história e teoria social. De momento, ocupavam-se a reforçar unidades que viriam a servir um propósito completamente diferente, e sagrado.

,

Num dia da primavera de 1940, Zivia regressou a Dzielna para encontrar o habitual bulício de atividade. E Antek.

Também ele voltara a território ocupado pelos nazis. Havia quem suspeitasse que seguira Zivia. Reservada nas suas emoções, Zivia nada escreveu a respeito das relações pessoais entre os dois. Antek, em contrapartida, deixou registo das suas primeiras interações. Certa vez, em Kovel, quando Zivia adoecera, ele tinha feito uma longa caminhada pelo meio da lama para lhe levar peixe e bolo. Em vez de lhe agradecer, ela descompô-lo por estar tão sujo. «Fiquei espantado com o descaramento dela», disse ele. «Falava como uma esposa.» Meses mais tarde, viu-a fazer uma apaixonada palestra, a bater com o punho para realçar a verve – e apaixonou-se por ela.

Antek juntou-se a Zivia e a Frumka como os líderes, e os três construíram o Liberdade em Varsóvia e nas províncias. A despeito do seu «nariz de judia» e trôpego polaco, Frumka assegurava as ligações entre o quartel-general em Varsóvia e as povoações polacas, oferecendo apoio e recrutando novos membros. Viajava cada vez mais, para conduzir seminários e manter as ligações entre o movimento de uma ponta à outra do país, mas também, havia quem alvitrasse, para evitar Antek e Zivia. Gostava muito de Antek, mas era cada vez mais evidente que o interesse romântico dele estava exclusivamente direcionado para a sua melhor amiga.

Em Dzielna, Zivia (e Frumka, quando lá estava, e Antek) animavam o ambiente partilhando um episódio do dia, uma canção, uma curta peça de teatro – tudo atrás de janelas tapadas por cortinas. A comunidade ia buscar coragem às narrativas de bravura retiradas da história judaica. Os seus membros liam, aprendiam hebraico e envolviam-se em tempestuosas discussões. Mantinham as suas crenças na compaixão e na ação social num mundo de terror, assassinio e cada um por si. Tinham a esperança de construir judeus fortes que sobrevivessem à guerra (a maior parte, pensavam ainda). Preparavam-se para um futuro em que ainda acreditavam. Havia uma atmosfera de ligeireza – um «espírito de liberdade», como uma vez o descreveu o afamado poeta Yitzhak Katzenelson, que viveu e ensinou em Dzielna durante vários meses.

«Zivia» tornou-se no código secreto de todo o movimento na Polónia.

Capítulo 4

Ver mais uma manhã – terror no gueto

Renia

ABRIL DE 1940

Embora sendo verdade que os horrores do Holocausto evoluíram como uma série de pequenos passos, cada um deles uma ligeira escalada em relação ao precedente, uma acumulação no sentido do genocídio em massa, para Renia, o terror do princípio da guerra dividiu de modo irreparável a sua vida entre um «antes» e um «depois». O emprego que conseguira no secretariado do tribunal desapareceu, as suas esperanças para o futuro desvaneceram-se. A sua vida ficou virada do avesso.

Em 1940, aprovaram-se decretos atrás de decretos em comunidades por toda a Polónia, incluindo a minúscula aldeia de Jędrzejów. Estas novas regras tinham como objetivo apontar, humilhar e enfraquecer os judeus. E também identificá-los. Os alemães não sabiam diferenciar um polaco de um judeu, por isso, Renia e todos os judeus com mais de dez anos estavam obrigados a usar uma faixa branca com a estrela de David a azul no cotovelo. Se a faixa estivesse suja ou se a sua largura fosse incorreta podiam ser punidos com a morte. Os judeus tinham de tirar o chapéu quando se cruzavam com nazis; não podiam caminhar pelos passeios. Renia assistia, agoniada, às propriedades dos judeus a serem confiscadas e oferecidas a folksdeutsche: polacos com uma ascendência em parte alemã que se candidatavam a essa elevada posição. De repente, escreveu, os polacos mais pobres tornaram-se milionários e os judeus tornaram-se criados nas suas casas, obrigados a pagar renda e a ensinar os folksdeutsch a gerir as suas anteriores mansões. Então, as famílias judaicas foram pura e simplesmente expulsas, tornando-se mendigos nas ruas. As suas lojas foram ocupadas. Os seus pertences, sobretudo ouro, peles, joias e valores que tinham conseguido esconder nos jardins ou debaixo de tijoleiras soltas na cozinha, foram confiscados. Leah confiou a sua máquina de costura Singer e os candelabros a um vizinho, para que os guardasse. Renia via polacos espreitar pelas janelas enquanto passeavam pela povoação, a fantasiar sobre o que mais poderia vir a pertencer-lhes.

Em abril estabeleceu-se compulsivamente um «bairro judeu», uma iniciativa que muitos judeus esperavam que os protegesse. A família de

Renia – exceto Sarah, que já se juntara a um kibbutz do Liberdade, e Zvi, que fugira para a Rússia – foi notificada de que dispunha de dois dias para transferir as suas vidas inteiras até a uma área a poucos quarteirões da praça central: um lugar esqualido de pequenas casas baixas e estreitos becos que anteriormente albergara a escumalha da povoação. Tiveram de abandonar mobílias, bens – quase tudo menos uma pequena sacola e alguma roupa de cama. Há relatos de mães que não dormiram toda a noite a empacotar coisas, os filhos a correrem para lá e para cá, a levar tudo o que podiam transportar às costas ou em cestos: roupa, comida, panelas, animais de estimação, sabão, casacos, calçadeiras, materiais de costura e outros meios de ganhar a vida. Joias escondidas foram coladas a corpos. Uma pulseira de ouro foi cosida na manga de uma camisola. Dinheiro foi escondido em massa de biscoitos e levado ao forno.

A sobrelotação era insuportável. Cada apartamento alojava várias famílias, as pessoas dormiam no chão ou em catres improvisados – Renia dormia em cima de um saco de farinha. Chegava a haver 50 pessoas amontoadas numa pequena casa. As raras fotografias disponíveis de habitações no gueto mostram diversas famílias a partilhar o santuário de uma sinagoga, filas de irmãos a dormir no bimah ou debaixo dos bancos. As pessoas mal tinham espaço para esticar os braços ou as pernas. O espaço pessoal não existia. Por vezes, as pessoas tinham a sorte de conhecer alguém que morava na área do gueto e mudavam-se para casa desse amigo ou familiar; a maior parte, no entanto, coabitava com estranhos, muitas vezes com hábitos distintos. Judeus das aldeias circundantes e de classes sociais diferentes eram obrigados a habitar juntos, aumentando a tensão, introduzindo uma disrupção na normalidade da ordem social.

Mesmo que as pessoas comprassem mobílias, não havia espaço para colocá-las. As camas improvisadas desmontavam-se durante o dia para deixar espaço para as lavagens e as refeições; as roupas ficavam penduradas em pregos espetados nas paredes; pequenas celhas eram usadas para lavar partes do corpo e a roupa suja, que secava nos telhados dos vizinhos. Empilhavam-se mesas e cadeiras no exterior. À medida que as semanas se arrastavam, a família de Renia utilizava os restos da sua antiga vida como lenha. As chamas consumiam coisas que tinham sido essenciais.

No total, os alemães criaram mais de 400 guetos na Polónia, com o objetivo de dizimar a população judaica através da doença e da fome, e concentrar os judeus de modo a serem arrebanhados e transportados com facilidade até campos de trabalho e de extermínio. Era uma operação maciça, e cada gueto apresentava regulamentações e qualidades um tudo-nada diferentes, dependendo da cultura judaica local, do governo nazi local, da situação geográfica e da liderança interna. Mesmo assim, muitos elementos da política dos guetos seguiam o mesmo padrão em todo o país, de remotas povoações até aldeias ainda mais remotas, incluindo o encarceramento.

Ao princípio, os Kukielfka estavam autorizados a sair do gueto para trabalhar e comprar comida; do mesmo modo, os polacos podiam passar os portões e levar pão para trocar por valores. Mas não tardou que o acesso fosse vedado em todos os guetos. Os judeus só podiam sair com uma autorização emitida pelo Judenrat. A partir de 1941, todo o movimento através da fronteira dos guetos, para polacos ou judeus, passou a ser proibido. Uma barreira física selava uma parte da área, um rio outra. Até que tentar sair significava nada menos que uma execução sumária.

,

E no entanto...

Renia vestia camada de roupa por cima de camada de roupa: meias, mais um par, um vestido por cima de outro, grosso como os que as camponesas polacas envergavam. Esther usava dois casacos e um lenço. Às apalpadelas no escuro, Bela ajudava a prender as roupas da irmã antes de enfiar várias camisas dobradas debaixo do cós da saia, para fingir uma barriga de grávida. Todas escondiam pequenos artigos nos bolsos, tecido dentro de tecido; um palimpsesto de mercadoria e disfarce, tudo no corpo. Era assim, recordava Renia a si mesma, que podia ajudar a mãe, o irmão pequeno, a família.

Por um segundo, a adolescente voava para uma terra distante – que na realidade ficava apenas a poucos quilómetros de distância e a alguns meses no passado –, antes de a sua vida de classe média se ter desintegrado. Devaneava sobre como a mãe, uma força da natureza, se ocupava de tudo: cozinhas, limpava, geria o dinheiro. As vizinhas polacas dirigiam-se a Leah, incrédulas: «Como consegues vestir sete filhos com aquilo que ganhas e fazê-los parecer tão ricos?» Em iídiche,

Leah era uma balabastã: uma prodigiosa fada do lar que tinha sempre uma casa cheia de filhos bem-educados e bem comportados e respetivos amigos, e todavia miraculosamente limpa e arrumada. E ela tinha sempre as suas respostas prontas: «Comprem roupas caras porque duram. E então passem-nas de uns para os outros. E deem a cada criança um par de sapatos feitos por encomenda... um tamanho acima. Espaço para crescer.»

Aquilo que se vestia, a maneira como se usava. Agora, as raparigas utilizavam tudo ao mesmo tempo como roupa e modo de vida. Eram quase nove da noite – horas de ir. Acenaram um rápido adeus, e juntas caminharam pela rua e saíram do gueto. Renia nunca revelou como saía daquele gueto, mas talvez subornasse um guarda, se esgueirasse por uma ripa ou grade solta, trepasse um muro, passasse por uma cave ou um telhado. Tudo isto eram meios que os contrabandistas – na sua maioriamulheres – usavam para entrar e sair dos lugares onde estavam confinados os judeus da Polónia.

Porque, com frequência, eram apanhados nas ruas, os homens ficavam em casa. As mulheres, das mais pobres às da alta sociedade, tornaram-se as abastecedoras. Vendiam cigarros, soutiens, objetos de arte, por vezes o próprio corpo. Era também mais fácil para as crianças escapulirem-se do gueto para procurar comida. Os guetos criaram toda uma cascata de inversão de papéis.

As irmãs Kukielka chegaram à aldeia e começaram a percorrer as ruas. Enquanto caminhava a passo estugado, Renia pensava em como costumava ir com a mãe à padaria todas as sextas-feiras comprar biscoitos das mais variadas cores e feitios. Agora, cartões de racionamento para o pão: 10 decagramas por dia ou um quarto de uma pequena carcaça. Vender pão além da quantidade e preço autorizados significava execução.

Aproximou-se de uma casa. Cada passo era um risco. Quem estaria a vê-la ali de pé? Polacos? Alemães? Membros da milícia? Quem abrisse a porta poderia denunciá-la. Ou matá-la. Ou a pessoa podia fingir comprar, e então não pagar e ameaçar entregá-la à Gestapo a troco de uma recompensa. Nesse caso, que poderia ela fazer? E pensar que tinha trabalhado no tribunal, com advogados, justiça, leis que faziam sentido. Já não. Noite após noite, havia mulheres que saíam assim, algumas delas mães a tentar alimentar a família.

Outras raparigas ajudavam as respetivas famílias realizando trabalhos forçados para as entidades municipais ou empresas privadas. Todos os judeus dos catorze aos setenta e cinco deviam trabalhar, mas, por vezes, rapariguihas muito novas calçavam sapatos de salto alto para

parecerem mais velhas porque queriam comida. Alguns judeus viram-se obrigados a ser alfaiates, costureiros e carpinteiros; outros demoliam casas, reparavam estradas, limpavam as ruas, descarregavam bombas de comboios que, por vezes, explodiam e os matavam. Apesar de palmilharem quilómetros para ir trabalhar a partir pedra, amiúde com neve pelos joelhos e um frio de rachar ossos, famintas e esfarrapadas, as mulheres eram espancadas sem piedade se pediam um momento de descanso. As pessoas escondiam as suas feridas e morriam mais tarde de infeções. Partes do corpo congelavam. Partiam-se ossos nos espancamentos.

«Ninguém diz uma palavra», escreveu uma jovem trabalhadora a respeito das marchas às quatro da madrugada para ir trabalhar, cercadas por guardas nazis. «Tenho o cuidado de não pisar os calcanhares da pessoa que vai à minha frente, a tentar calcular na escuridão o ritmo e o comprimento das suas passadas. Avanço por entre o vapor da sua respiração, o cheiro de roupas que não foram lavadas, o fedor das casas apinhadas à noite.» E depois havia as chegadas tardias a casa, cheias de nódoas negras, rígidas, desapontadas por não terem conseguido fazer passar nem sequer uma cenoura para a família por causa das revistas à entrada do gueto. Não obstante o terror de serem espancadas, voltavam aos locais de trabalho na manhã seguinte, incluindo mães que tinham de deixar os filhos entregues a si mesmos. Que outra coisa podiam fazer?

Cuidar das famílias nos guetos, manter as crianças judias vivas – alimentar física e espiritualmente a próxima geração – era a forma de resistência das mães. Os homens eram levados ou fugiam, mas as mulheres ficavam para tratar dos filhos e, frequentemente, dos pais. Como Leah, muitas estavam familiarizadas com gerir dinheiro e comida, só que tinham agora de trabalhar em condições de privação extrema. Os cupões para um dia – que permitiam comprar pão de milho feito com grãos, caules e folhas, um pouco de sêmea, uma pitada de sal, um punhado de batatas – não proporcionavam alimento suficiente nem sequer para o pequeno-almoço.

Os pobres eram os que mais sofriam, notava Renia, por não terem dinheiro para comprar os bens vendidos no mercado negro. Uma mãe faria tudo para evitar ter de ver os filhos morrer de fome – «a pior de todas as mortes», refletiria Renia. Incapazes de satisfazer as necessidades básicas da existência, procuravam nutrientes, escondiam os filhos da violência e, mais tarde, das deportações (mantinham-nos calados em esconderijos, por vezes obrigados a abafar o choro dos bebés), tratavam as doenças o melhor que podiam sem medicamentos. As mulheres do gueto, sempre vulneráveis ao assédio sexual, saíam

para trabalhar ou contrabandear, correndo o risco de serem apanhadas e deixarem os filhos sozinhos no mundo. Outras entregavam os bebês a cuidadoras polacas, frequentemente a troco de substanciais quantias, e por vezes tinham de ver ao longe os filhos serem maltratados ou intoxicados com mentiras a respeito delas. No fim, inúmeras mães que poderiam ter sido poupadas para trabalhar acabaram por ser mandadas para as câmaras de gás com os filhos, recusando deixá-los morrer sozinhos – a confortá-los e a abraçá-los até ao último segundo.

Quando os maridos continuavam em casa, os conflitos conjugais surgiam com regularidade. Os homens, que alegadamente tinham menos tolerância à fome, tendiam a comer tudo o que encontrassem. As mulheres precisavam de esconder as rações. O sexo num quarto apinhado e entre corpos famintos não era de um modo geral uma possibilidade, o que acrescia à tensão. De acordo com os registos do gueto de Łódź, muitos casais pediram o divórcio, não obstante o facto de ser solteira tornar uma pessoa mais suscetível de ser deportada e morta. Em muitos casos, eram a primeira geração a beneficiar de casamentos por amor em vez de uniões combinadas, mas a fome crónica, a tortura e o terror desintegravam os laços românticos.

As mulheres, que foram treinadas nas competências domésticas, tinham também o cuidado de se manterem livres de parasitas, limpas e arranjadas – coisas que contribuía para a sua sobrevivência física e emocional. Alguém dizia que as mulheres sofriam mais com a falta de higiene do que com a fome.

A despeito de todos os esforços, a falta de comida, a sobrelotação e a ausência de água corrente e serviços sanitários levaram a uma epidemia de tifo no gueto de Jędrzejów. As casas onde se declarava a infeção eram entaipadas e os doentes levados para um hospital judaico criado de propósito para combater esta doença, que se propagava através dos piolhos. A maior parte dos doentes morria devido à falta de tratamento. Balneários especiais desinfetavam corpos e roupas, que ficavam muitas vezes inutilizáveis. Renia ouviu rumores a respeito de os alemães proibirem o tratamento dos doentes de tifo e ordenarem o seu envenenamento. (Os nazis eram notoriamente germofóbicos. No hospital de Cracóvia, havia judeus não infetados que se misturavam com os contagiados para salvar a vida.)

A fome, a infestação, o fedor dos corpos por lavar, a falta de trabalho ou de qualquer rotina diária, o medo constante de ser apanhado e obrigado a fazer trabalhos forçados e espancado eram a realidade quotidiana. As crianças brincavam aos nazis contra judeus na rua. Uma menina gritava ao gato da família que não saísse do gueto sem levar os documentos. Não havia dinheiro para as velas do Hanukkah nem para

os challahs do Sabat. Até os judeus ricos acabaram por ficar sem o dinheiro que tinham levado para o gueto ou que receberam da venda dos seus bens. Embora vendessem as suas coisas aos polacos por quase nada, o mercado negro era exorbitante. Uma fatia de pão vendida no gueto de Varsóvia custava a um judeu pouco mais de 50 euros atuais.

Naquele momento, diante da porta, era a oportunidade de Renia; estava desesperada por fundos. Como tantas outras mulheres por todo o país, não se considerava uma pessoa política. Não pertencia a qualquer organização, e no entanto ali estava, a arriscar a vida em ação. Estendeu o punho fechado, cada pancada uma potencial bala.

Foi uma mulher que lha abriu, pronta para negociar. Ficam felizes por comprar, pensou Renia. Não têm mais nada em que gastar o dinheiro. A mulher ofereceu uma pequena quantidade de carvão. Renia pediu umas poucas moedas, muito menos do que valiam os panos de renda da família. «Está bem.» Afastou-se apressada, com o coração a bater. Tocou nas moedas que levava no bolso. Uma miséria, mas ao menos tinha conseguido qualquer coisa.

,

Uma manhã, a temida pancada na porta. A milícia. Uma ordem. A comunidade judaica teria de escolher 220 homens fortes e saudáveis para serem levados até um campo de trabalhos forçados fora da povoação. Aaron, o irmão mais novo de Renia, fazia parte da lista.

Os Kukielka suplicaram-lhe que não fosse, mas ele receou as consequências da desobediência: a família inteira podia ser executada. As entranhas de Renia arderam ao ver aquela figura alta e loura sair porta fora. Juntaram os homens no quartel dos bombeiros, onde foram examinados por médicos e torturados pela Gestapo, obrigados a cantar e dançar temas judaicos e a espancaram-se uns aos outros até sangrarem, enquanto a Gestapo ria. Quando chegou o autocarro para os levar, os esbirros da Gestapo, com cães e pistolas-metralhadoras, espancaram os retardatários com tal violência que os outros rapazes tiveram de carregá-los para o veículo.

O irmão de Renia dir-lhe-ia mais tarde que estava convencido de que o levavam para ser executado, mas que, para sua surpresa, o haviam deixado num campo de trabalhos forçados perto de Lvov. Pode ter sido o campo Janowska, um campo de trânsito que também tinha uma

fábrica onde os judeus eram obrigados a trabalhar gratuitamente em carpintaria e metalurgia. Os alemães criaram mais de 40 mil campos para facilitar o assassinio das «raças indesejáveis», incluindo campos de trânsito, campos de concentração, campos de extermínio, campos de trabalho e combinações de todos eles. As SS arrendavam alguns dos campos de trabalho a empresas privadas, que pagavam por escravo. As mulheres custavam menos, o que encorajava essas empresas a «alugá-las», colocando-as a executar as tarefas mais árduas. Por toda a Polónia, nos campos de trabalho estatais ou privados, as condições eram atrozes, e morria-se de fome, espancamentos constantes, doenças provocadas pelo ambiente insalubre e exaustão por excesso de trabalho. Nos primeiros anos da guerra, desmoralizavam-se os prisioneiros dos campos de trabalho ao obrigá-los a realizarem tarefas humilhantes e, muitas vezes inúteis, como partir pedra. Com o tempo, cresceu a necessidade de trabalhadores para fazer face às necessidades do exército alemão, e as tarefas diversificaram-se. A ementa diária num dos campos consistia de uma fatia de pão e uma tigela de sopa preta feita com ervilhaca, uma planta que servia para alimentar o gado e sabia a pimenta cozida. A perspectiva do envio para um campo de trabalho escravo aterrorizava os jovens judeus.

Não obstante o total colapso social do país, os correios ainda funcionavam, e um dia chegou uma carta. A tremer, Renia desdobrou as páginas e ficou a saber que Aaron estava vivo. Mas os horrores da sua vida chocaram-na: os rapazes dormiam nos estábulos, em camas de palha nunca mudadas; trabalhavam do nascer ao pôr do sol, morriam de fome e gelavam, alimentavam-se de bagas silvestres e ervas que apanhavam do chão. Eram espancados todos os dias, levados para casa aos ombros dos camaradas. À noite, eram obrigados a fazer ginástica, e se não aguentassem – morte. Os piolhos devoravam-nos vivos. Não havia lavatório. Nem latrina. O fedor era letal. Vinha então a disenteria. Apercebendo-se de que os seus dias estavam contados, muitos rapazes fugiam. Mas por causa das roupas que vestiam, conspícuas no frio do inverno, evitavam as povoações e cortavam por campos e florestas. A Gestapo perseguia-os, ao mesmo tempo que torturava os que tinham ficado.

Renia apressou-se a enviar ao irmão encomendas de ajuda. Incluía roupas com dinheiro cosido nos bolsos para que ele pudesse comprar um bilhete para casa se conseguisse fugir. Todos os dias estava atenta ao regresso de quaisquer refugiados. O aspeto deles era assustador: reduzidos a pele e osso, corpos cobertos de úlceras e impingens, roupas infestadas de parasitas, membros inchados. De repente, rapazes pareciam débeis anciãos. Onde estava Aaron?

Eram tantos os judeus enviados para o desconhecido. «Um pai, um irmão, uma irmã, uma mãe», escreveu Renia. «Em todas as famílias faltava uma pessoa.»

Porém, tudo pode tornar-se relativo. Renia não tardaria a saber que faltar só «uma pessoa» era bom. Até «uma pessoa viva» significava que se tinha sorte.

Renia sabia que precisava de fazer a sua própria sorte.

,

Uma noite, com o crepúsculo a pesar sobre os decrepitos telhados do gueto, chegou uma notícia. Cada mensagem, cada pequena nota, tinha o potencial de alterar a vida de uma pessoa para sempre, de esmagar o frágil conforto, fosse ele qual fosse, que essa pessoa tivesse conseguido construir para se aguentar. Dessa vez, os Kukielka, com as outras 399 famílias mais ricas do gueto, seriam obrigadas a abandonar a povoação. À meia-noite.

Renia tinha visto como os ricos tentavam pagar para encontrar uma forma de contornar os decretos, subornando o Judenrat para pôr outros nos seus lugares ou contratando operários para trabalhar por eles. As pessoas lidavam com as dificuldades das maneiras que conheciam, jogavam com os sistemas como sempre tinham jogado – só que agora os jogos não tinham regras. Os ricos só eram respeitados por outros judeus; os alemães não queriam saber. As famílias mais abastadas tentaram usar o dinheiro para escapar também àquela partida forçada, mas os cofres do Judenrat estavam cheios com o produto de subornos anteriores – na realidade, oferecia a cada família rica 50 złotys para despesas de recolocação.

Os Kukielka amontoaram à pressa os seus pertences num trenó e partiram a meio da noite. Estava um frio de gelar em Wodzisław, onde foram largados. Aquilo fazia parte do plano alemão, deduziu Renia: transferir os judeus de uma povoação para outra sem outro propósito que não fosse envergonhá-los e deprimi-los. Renia tiritava, apertava melhor o casaco à volta do corpo (era uma sorte ainda ter um casaco) e testemunhava, impotente, como mães desesperadas viam a carne dos seus bebés ficar azulada por causa do frio. Os judeus de Wodzisław deixaram as mães e os bebés meio-mortos instalarem-se nos redes das

ovelhas, nos pátios, o que pelo menos os protegia um pouco dos ululantes ventos.

Por fim, os judeus foram todos encaminhados para a gélida sinagoga, de cujas paredes pendiam pingentes de gelo, e receberam uma malga de sopa de uma cantina comunitária. Em tempos as pessoas mais ricas e influentes da sua comunidade, aceitavam agora que a única coisa importante era manterem-se vivos. «O resultado foi que os alemães endureceram o coração dos judeus», escreveu Renia, a sentir o endurecimento do seu próprio âmago. «Agora, cada um só se preocupava consigo mesmo, disposto a tirar a comida da boca dos irmãos.» Como comentava um sobrevivente a respeito do calejamento da alma que, com o tempo, aconteceu no gueto de Varsóvia: «Se alguém via um cadáver na rua, tirava-lhe os sapatos.»

,

Tal como acontecera em todos os guetos, os decretos tornavam-se cada vez mais bárbaros.

«Um dia, os alemães inventaram uma nova forma de matar judeus», escreveu Renia. Seria possível alguém sentir-se ainda mais aterrorizado? De algum modo, a despeito de tudo, o choque não tinha ainda desaparecido. Com cada sádica inovação, Renia sentia um medo doentio, uma noção mais profunda da malícia sem limites, da miríade de maneiras como os assassinos podiam infligir violência. «À noite, aparecia um autocarro cheio de homens da Gestapo perdidos de bêbedos.» Traziam uma lista com 30 nomes, arrancavam esses homens, mulheres e crianças de suas casas, e espancavam-nos antes de os abater a tiro. Renia ouvia os gritos e os disparos, e, de manhã, via os corpos espalhados pelos becos, negros e azuis das pancadas. Os insuportáveis lamentos das famílias destroçavam-lhe o coração. Sempre que acontecia, imaginava que um dos seus podia ser o próximo. A comunidade demorava dias a acalmar depois destes incidentes. Quem fazia a lista de nomes? Com quem era preciso ter cuidado? Quem antipatizava com quem? As pessoas tinham medo até de falar.

Foi assim que os judeus do gueto começaram a sentir-se verdadeiramente ocupados. O seu território, a sua pele, até os seus pensamentos estavam ameaçados. Qualquer coisa que dissessem ou fizessem – o mais pequeno gesto ou movimento – podia resultar na execução do autor e de toda a sua família. Todos os elementos da sua

existência física e espiritual estavam sob vigilância. «Ninguém podia respirar, tossir ou chorar sem ter um público», relatava uma jovem habitante do gueto. Em quem se podia confiar? Quem estava à escuta? Ter uma cândida conversa com uma velha amiga exigia combinar com antecedência um local de encontro, e então caminharem juntas como se fossem encarregar-se de qualquer tarefa doméstica. Os judeus polacos temiam que até os seus sonhos pudessem traí-los.

Por vezes, a Gestapo chegava ao gueto a meio da noite e pura e simplesmente matava pessoas. Uma noite, todos os membros do Judenrat e as respetivas famílias foram executados. Numa outra noite memorável, homens da Gestapo transportados em vários autocarros obrigaram judeus seminus, descalços ou com roupas de dormir, a saírem de casa e a correrem à volta do mercado coberto de neve enquanto os perseguiam com bastões de borracha, ou lhes diziam que ficassem deitados na neve durante meia hora, ou forçavam-nos a fustigarem-se uns aos outros com chicotes, ou a deitarem-se no chão e deixar que veículos militares lhes passassem por cima. Os nazis despejavam água sobre as pessoas geladas e obrigavam-nas a permanecer na posição de sentido. «Uma pessoa nunca sabia se estaria viva na manhã seguinte.» Era esta a nova realidade de Renia.

Começaram os pesadelos diurnos. O fogo das metralhadoras ecoava na floresta. Os nazis obrigavam os judeus a cavar as suas sepulturas e depois a cantar e dançar dentro das covas até que os abatiam. Obrigavam outros judeus a enterrar as vítimas – ou, por vezes, a enterrá-las vivas. Também os judeus mais idosos eram obrigados a cantar e dançar, e os alemães arrancavam-lhes os pelos da barba um a um e esbofeteavam-nos até cuspirem os dentes.

O gueto era uma sociedade fechada – não se permitiam os rádios –, mas Renia tinha formas de obter informação. Centenas de mulheres eram transportadas para locais desconhecidos e nunca mais se sabia delas. Um soldado mais ingénuo revelou-lhe que levavam essas mulheres para a frente de guerra, onde serviam como prostitutas. Contraíam doenças sexualmente transmissíveis e eram queimadas vivas ou mortas a tiro. Fascinada, ouviu-o dizer que, certa vez, vira centenas de jovens revoltarem-se. Atacaram os nazis, roubaram-lhes as baionetas, feriram-nos com elas, arrancaram-lhes os olhos e depois mataram-se, a gritar que nunca conseguiriam forçá-las a ser prostitutas. As raparigas que não morreram acabaram por ser dominadas e violadas.

O que podia fazer uma rapariga de quinze anos? Renia mantinha-se vigilante, sabendo por instinto que tinha de recolher informação e enfrentar a verdade. Ouvia os rumores que chegavam das outras povoações. As pessoas morriam de fome, mendigavam cascas de batata,

comida do lixo. Os judeus matavam-se e matavam os filhos para não caírem nas mãos dos alemães. Transportes inteiros – por vezes 10 mil judeus – eram obrigados a caminhar do gueto até à estação ferroviária; partiam das suas cidades para lugares desconhecidos. Seleccionavam-se as pessoas e, supostamente, colocavam-nas a trabalhar. As comunidades judaicas ouviam falar de uns poucos escolhidos que, pensava-se, eram deixados para trás intencionalmente pelos alemães para espalhar desinformação. A maior parte das pessoas pura e simplesmente desaparecia. «Deixavam-nos como que sugadas por um abismo», escreveu Renia. Para onde ia toda aquela gente?

Os nazis privilegiavam o castigo coletivo. As SS decretavam que qualquer polaco que ajudasse um judeu seria morto. Os judeus do gueto temiam que, se fugissem, as suas famílias fossem assassinadas como represália. Ficar e proteger a comunidade? Ou fugir? Fugir, lutar.

A matança era constante. Os comités de extermínio constituídos por folksdeutsch, «selvagens ucranianos», como Renia escreveu, e «alemães jovens e saudáveis para os quais a vida humana nada significava», puseram mãos à obra. «Estavam sempre sedentos de sangue», disse Renia a respeito dos nazis e dos seus colaboradores. «Era a natureza deles. Como um vício em álcool ou em ópio.» Aqueles «cães negros» usavam uniformes pretos e quémis decorados com caveiras. Quando apareciam com os seus rostos pétreos, olhos esbugalhados e grandes dentes – animais selvagens prontos a atacar –, toda a gente sabia que metade da população seria executada naquele dia. No instante em que eles entravam no gueto, as pessoas corriam a esconder-se.

«Para eles», escreveu Renia, «matar uma pessoa era mais fácil do que fumar um cigarro.»

Capítulo 5

O gueto de Varsóvia – educação e palavra

Hantze e Zivia

OUTUBRO DE 1940

No Yom Kippur de 1940, a sala de jantar do número 34 da rua Dzielna estava repleta de camaradas que tinham viajado até Varsóvia, vindos das quintas, para uma reunião. E, apesar disso, estava silenciosa, cativada por uma palestra da irmã mais nova de Frumka, Hantze, que falava com o entusiasmo e a voz doce que a caracterizavam. O tema era o orgulho judeu, a importância de se manterem humanos.

Quatro anos mais nova, Hantze era, de muitas maneiras, o oposto de Frumka. Loura enquanto Frumka era morena. Efervescente enquanto Frumka era intensa. Gregária enquanto Frumka era solene. Imaginativa enquanto Frumka se destacava pela sua natureza analítica. «Nunca tive um encontro mais excitante e motivador com qualquer outra pessoa», escreveu mais tarde a famosa figura da política israelita, Rachel Katzenelson, a respeito de Hantze. «Havia qualquer coisa de mágico no seu riso, na maneira como se mexia. Havia nela qualquer coisa que excedia a simples beleza – abertura, disponibilidade para aceitar fosse o que fosse que a vida lhe atirasse à cara, e otimismo – isso era cativante.»

Uma exuberante encantadora para quem tudo era fácil, desde fazer amigos a aprender línguas, Hantze crescera a liderar os miúdos da povoação, a saltar e a trepar às árvores, sempre à frente, quase sempre a rir. Mimada pelo pai, Hantze desencadeava as tensões da família quando discutiam política depois dos jantares do Sabat: o pai religioso, a comunista Zlatka (que era também a professora de Hantze), e o seu irmão sionista, Elyahu. Frumka guardava os seus pensamentos para si mesma, mas Hantze dizia piadas. As irmãs eram habitualmente referidas como «Hantze e Frumka», com o nome de Hantze em primeiro lugar. Era sempre assim que entravam juntas numa sala, a energia da mais nova a açambarcar as atenções.

Quando Hantze tinha apenas catorze anos, Elyahu achou-lhe uma tão precoce maturidade que a apresentou ao Liberdade pouco antes de partir para a Palestina. Não obstante a sua alegria infantil, a jovem dava mostras de profundidade intelectual e de desejo de ser desafiada;

surpreendia os camaradas com o refinamento do seu gosto estético e o seu amor pela poesia. Tornou-se um membro ativo e, com dinheiro enviado pelo irmão, participava em seminários e eventos, embora nem sempre feliz. Numa carta escrita de um campo de treino, dizia-se sozinha e perturbada pela maneira como as outras raparigas falavam dela quando pensavam que estava a dormir. («É maluca... mas bonita.») Tinha sentimentos ambivalentes a respeito de ser objeto da atenção dos rapazes e sentia-se insegura em relação ao seu potencial romance com Yitzhak: «Prometeu editar o meu livro de poemas, mas eu estou a massacrar-lhe os contos.» O relacionamento das duas irmãs era cheio de afeto e conflito. Adoravam-se, mas, por vezes, Hantze sentia-se sufocada pela preocupação de Frumka a seu respeito. Viverem juntas podia ser difícil: Frumka amava a solidão; Hantze amava «movimento, pessoas, vida».

Logo nas primeiras semanas da guerra, o Liberdade enviou Hantze para Lvov, no Leste, com a missão de animar as atividades do movimento. E ela inspirou todos com a sua energia, lembrando-lhes a sorte que tinham por estarem do lado soviético e, de um modo geral, levantando o moral. Em Pinsk, visitou os pais com as suas novas ideias radicais. Uma amiga escreveu: «Nunca esquecerei o momento em que a Hantze disse aos pais que decidira voltar à parte nazi da Polónia. De repente, a casa ficou silenciosa. Um mundo tinha sido quebrado e transformado em pedra. Não se via nem o mais ínfimo movimento nos rostos dos pais enquanto ela fazia o difícil anúncio. Ao cabo de um instante de horrível silêncio, o pai como que despertou. e disse “Nu, filhinha, se achas que tens de ir, então vai, com a ajuda de Deus”.» Claro que ela tinha de ir. Quando a sua primeira tentativa de cruzar a fronteira falhou – Hantze congelou quando entrou num rio gelado que devia atravessar a nado –, insistiu em tentar de novo.

Agora, no dia mais santo do ano judaico, na sala de jantar do Liberdade, em Varsóvia, Hantze, com as suas habituais tranças a balançar e vestida com uma florida blusa de mangas curtas e tufadas, fazia um discurso a respeito de dignidade... quando Frumka irrompeu porta dentro.

Frumka deu a notícia: o bairro judeu ia ser isolado. Iam perder as ligações com o mundo exterior, com o trabalho, com os outros grupos, com a comida, com tudo. Os membros já conheciam os guetos fechados nas províncias, mas não imaginaram que isso acontecesse em Varsóvia, uma capital europeia. Zivia e Frumka sabiam que o movimento ia ter de redistribuir os seus recursos, reorganizar-se e conter-se. Mais uma reviravolta.

Quando os portões do gueto se fecharam, confinando mais de 400 mil judeus numa área minúscula cercada por altos e grossos muros encimados por cacos de vidro, o foco do Liberdade na ajuda, educação e atividade cultural não esmoreceu, mas aprimorou-se. Era daquela maneira, acreditava Zivia, que iam manter o ânimo e suportar a ocupação alemã.

O Liberdade não estava sozinho. Muitas outras organizações dedicavam-se também a atividades culturais e de ajuda. Milhares de judeus do gueto arriscavam a vida figurando em representações: amadoras e profissionais, em iídiche e em polaco, em eventos e competições. Encenavam peças satíricas em cafés e atividades educacionais em teatros. Em caves, os atores participavam nos espectáculos clandestinos para ganhar algum dinheiro extra. Havia uma «Broadway» no gueto de Varsóvia, composta por 30 «salas» de espectáculo só numa rua. Também o Bund organizava concertos. Abriu sete cantinas comunitárias e duas salas de chá, e fundou um sistema escolar em grande escala, campos de dia, organizações desportivas, uma escola médica clandestina, eventos literários e a Cruz Vermelha Socialista. Uma vez que as reuniões políticas estavam proibidas, as cantinas comunitárias serviam de palco a inúmeros encontros.

Para o Liberdade, a educação era uma prioridade. Dzielna organizou três grandes seminários em 1940-1941, apesar da oposição do Judenrat. No primeiro estiveram presentes 50 pessoas, vindas de 22 filiais de toda a Polónia, bem como luminárias incluindo o poeta Yitzhak Katzenelson, o historiador e ativista social Emanuel Ringelblum, e os pedagogos Janusz Korczak e Stefa Wilczynska, todos amigos de Zivia dos corredores do Judenrat. Durante seis semanas, os participantes estudaram e ponderaram o futuro. O programa cultural de Dzielna oferecia aulas sobre a Bíblia, preleções literárias, oradores científicos e um grupo de teatro.

Com todas as escolas judaicas encerradas compulsivamente, Zivia receava que as crianças do gueto se tornassem preguiçosas e grosseiras. Em resposta, o Liberdade criou escolas preparatórias e liceus clandestinos frequentados por 120 alunos, incluindo Hantze, que era a mais velha. Treze professores trabalhavam sem material, salas de aula permanentes ou salário garantido, ensinando matérias seculares e judaicas. Iam de apartamento em apartamento, juntavam-se em minúsculas divisões onde famílias inteiras eram obrigadas a viver.

Passavam fome, o frio do inverno inchava-lhes as pernas, mas, mesmo assim, lecionavam estudos bíblicos, biologia, matemática, literatura mundial, polaco e psicologia. Ensinavam «a pensar» alunos que tiritavam e tinham os ventres inchados pela fome. O poeta Katzenelson inspirava os seus discípulos a amar a herança judaica; a casa inteira irrompia em canções. Estes «liceus itinerantes», nos quais até se realizavam exames, existiram durante dois anos. Eram um viveiro de futuros combatentes.

As crianças mais pequenas também estavam entre as prioridades. Dzielna oferecia um curso de cuidados pediátricos; especialistas vindos de creches e jardins de infância geriam um centro de dia. Os orfanatos, anteriormente supervisionados pelo governo polaco, ficaram ao abandono, de modo que as jovens militantes do Liberdade juntaram roupas e material de escrita, ensinaram às crianças peças de teatro, histórias e cantigas populares, e organizaram festejos em dias feriados. Muitas crianças do gueto viviam na rua, a negociar objetos e a mendigar comida. Zivia, Antek e pessoas de outros grupos organizaram uma «cantina para crianças» para alimentar e ensinar raparigas e rapazes a ler, escrever, hebraico e iídiche.

«Tentámos com todas as nossas forças devolver-lhes um pedaço da sua doce infância, um pouco de riso e brincadeira», escreveu uma camarada. «Quando os inspetores alemães apareciam [...] estavam a comer, e mais nada. Crianças de onze, doze anos aprendiam a esconder-se como adultos, comportando-se de uma maneira que não estava nada de acordo com a sua idade.» O coro infantil e os grupos de teatro do Liberdade atraíam milhares de pessoas que procuravam sustento emocional.

A morada de Dzielna era bem conhecida nas ruas judaicas. A comunidade do Liberdade, maioritariamente chefiada por mulheres, reclamava mais de mil membros. As camaradas passavam horas a cantar com as crianças, a levá-las em passeios e a brincar nos campos – ou seja, por entre a destruição que restava de pé entre os muros. Os judeus mais velhos ficavam a ver as crianças divertirem-se, uma centelha de esperança.

,

Para todo este ensino, o Liberdade precisava de livros.

Uma parte integral dos primórdios da resistência foi literária. Os ocupantes alemães proibiram e queimaram os livros em iídiche e hebraico, bem como títulos de escritores judeus e inimigos políticos. Nem será preciso dizer que as publicações antinazis estavam proibidas, e o simples facto de se ser apanhado com uma significava a prisão ou a morte. Manter um diário e «compilar provas» contra os nazis era também passível de punição. Os judeus, há muito conhecidos como um dos povos do Livro, resistiam escrevendo – para divulgar informação, para documentar e para se exprimirem. Quanto aos leitores, rebelavam-se conservando histórias.

Uma vez que não estavam a ser publicados novos livros, e a maior parte dos antigos deixara de estar acessível, o *Liberdade* criou a sua gráfica. O primeiro livro, publicado num mimeógrafo, era uma antologia histórico-literária cheia de histórias sobre o sofrimento e o heroísmo dos judeus; queriam oferecer aos jovens exemplos poderosos de coragem judaica. Várias centenas de exemplares foram contrabandeados para todo o país. Publicaram manuais escolares, e também a peça bíblica de Katzenelson, *Job*, que o grupo de teatro produziu. Enquanto Antek fazia cópias, os miúdos do movimento cantavam a plenos pulmões, para ocultar o barulho da máquina.

Face ao bloqueio de informação imposto pelos nazis, a comunicação era crucial. Judeus de todas as fações imprimiam publicações clandestinas que eram distribuídas por todo o país com informação sobre os guetos e os campos. O *Liberdade* publicava um jornal clandestino em polaco e em iídiche que discutia as questões da atualidade; mais tarde, os seus membros publicaram um semanário iídiche com notícias que ouviam no seu rádio secreto. Segundo o historiador Emanuel Ringelblum: «As publicações políticas nasciam como cogumelos depois da chuva. Se tu publicas um jornal uma vez por mês, eu vou publicar o meu duas vezes por mês.» Ao todo, cerca de 70 periódicos com debates políticos, trabalhos literários e notícias do exterior do gueto foram impressos em polaco, hebraico e iídiche, nas rotativas Gestetner, usando o papel que se conseguisse obter. As tiragens eram pequenas, mas um exemplar era lido por várias pessoas.

Ler era uma forma de escape e uma fonte de conhecimento crítico; conservar livros era um ato de salvação pessoal e cultural. As bibliotecas tinham sido encerradas, de modo que, como explicou uma militante, o movimento teve a ideia de criar em Varsóvia a sua própria biblioteca catalogada: «Se não nos deixam concentrar os livros numa sala, então faremos listas de todos os livros existentes em cada casa e torná-los-emos acessíveis a todos os habitantes.»

Muitos outros por toda a Polónia criaram bibliotecas caseiras secretas. Henia Reinhartz, uma jovem militante do Bund do gueto de Łódź, explicava que um grupo de membros do movimento resgatava resmas de livros da biblioteca iídiche da cidade e os levava para o apartamento da sua família. Com a ajuda da irmã e de algumas amigas, ela separava os livros e, então, construía estantes para eles. «Foi assim que a nossa cantina se tornou a biblioteca do gueto», diria mais tarde. «Era uma biblioteca clandestina, o que significa que era mantida em segredo para que nem as autoridades do gueto nem os alemães soubessem da sua existência.» Henia fazia remontar ao gueto o seu amor pela leitura. «Ler significava fugir para outro mundo», escreveu, «viver as vidas dos heróis e heroínas, partilhar as suas alegrias e desgostos, as alegrias e desgostos de uma vida normal num mundo normal diferente do nosso, cheio de medo e de fome.» Leu E Tudo o Vento Levou em polaco quando estava escondida para escapar a uma deportação.

Com muita gente sem trabalho e sem escola, fechada em espaços minúsculos, faminta e desanimada, isolada e aborrecida, escrever tornou-se um passatempo comum e conveniente. Os judeus escreviam narrativas pessoais para manterem a sua humanidade e uma noção de diligência sobre as suas próprias vidas. A escrita autobiográfica regista o desenvolvimento íntimo; a introspeção valida a identidade e reforça a individualidade. Como no famoso exemplo de Anne Frank, ou no menos conhecido diário da adolescente de Będzin, Rutka Laskier, as judias exploravam as suas perceções cambiantes e a sua sexualidade, os seus medos e as suas análises sociais, as suas frustrações com os pretendentes e com as mães. Anne e Rutka, como tantas outras mulheres, eram instruídas; acreditavam num humanismo liberal que foi destruído. Escrever dava-lhes uma noção de controlo sobre os seus destinos, uma tentativa de refutar a aterradora degradação social e preservar a fé e a ordem. Ao escrever, procuravam um significado por entre aquela insensata brutalidade, uma maneira de reparar um mundo que se desmoronava.

A poucos quarteirões de Dzielna, Emanuel Ringelblum encontrava-se todos os sábados com o grupo Oneg Shabbat: um coletivo de intelectuais, rabis e trabalhadores sociais que, sentindo a sua responsabilidade para com o povo judeu, eram movidos pela necessidade de dar testemunho e fazer a crónica da guerra de uma perspetiva judaica. Os nazis documentavam exaustivamente os judeus polacos através da fotografia e do filme. O Oneg Shabbat estava decidido a não deixar que a tendenciosa versão germânica dos acontecimentos fosse a única história. Os seus membros compilaram um vasto acervo de material para as gerações futuras, com objetos e escritos a respeito da vida no gueto de Varsóvia, que mais tarde

enterraram dentro de latas de leite. Entre as peças que sobreviveram, conta-se um esquisso a lápis de uma criança a dormir, Menina Adormecida, feito pela mãe, a pintora Gela Seksztajn. A representação íntima de uma menina de cabelos escuros deitada de lado, enrolada sobre um braço, mostra um raro momento de tranquilidade. «Não quero elogios», diz o testemunho da autora, «só que eu e a minha filha sejamos recordadas. Esta talentosa menina chama-se Margolit Lichtensztajn.»

,

As condições no gueto de Varsóvia depressa se deterioraram. «A excessiva sobrelotação, a solidão, as preocupações atormentadas a respeito de como ganhar a vida», escreveu uma camarada. «Os judeus levavam tudo isto para as ruas. Em grupo, caminhavam às voltas de um lado para o outro e confessavam o que lhes ia no coração.». A maior parte dos edifícios prolongava-se para trás a partir da rua em labirintos de anexos (os mais ricos viviam nos apartamentos da frente, com boa luz). Os pátios interiores serviam de locais de encontro e alguns até albergavam organizações comunitárias. Não obstante, a agitação social, a fome, a doença e o terror prevaleciam. Grassavam epidemias e as ruas estavam juncadas de cadáveres. As lojas judaicas encontravam-se fechadas e era difícil arranjar trabalho. Ventres inchados e desesperados pedidos de comida eram um pano de fundo constante. Zivia sentia-se atormentada pelo choro das crianças famintas que se ouvia toda a noite.

Zivia e Frumka colocaram ainda mais ênfase nos seus esforços para levantar o moral dos judeus e continuaram a gerir a sua cantina comunitária. Os camaradas dividiam as suas magras rações de sopa com cada novo membro, formando uma longa fila de pratos com os restos dos almoços. Mas passado algum tempo, a sua fome tornou-se demasiado intensa e puseram fim a este costume.

Inúmeras judias ergueram-se para liderar e ajudar o seu povo em Varsóvia. Quase dois mil «Comités Locais» proporcionavam cuidados médicos e atividades culturais – quase tudo organizado por voluntárias. Rachel Auerbach, membro do Oneg Shabbat e eminente jornalista, escritora de ficção e licenciada em filosofia, geria uma cantina comunitária. Paula Alster, que com o seu «ar grego e pose majestosa» tinha sido presa por motivos políticos quando ainda andava no liceu, geria uma cantina que se tornou um centro de atividade clandestina.

Basia Berman, uma pedagoga apaixonada, fundou, a partir do nada, uma biblioteca para crianças. As militantes do Bund, Manya Wasser e Sonya Novogrodsky, líder de um movimento clandestino, geriam uma oficina onde transformavam roupas tiradas do lixo em vestimentas para as crianças da rua, a quem também ofereciam comida e cuidados médicos. Shayndl Hechtkop, licenciada com honras pela Faculdade de Direito da Universidade de Varsóvia e membro ativo do Liberdade, dirigia a biblioteca Perez, geria uma cantina do povo e organizava conferências académicas. Quando foi capturada pelos nazis, o movimento maquinou a sua libertação, mas ela recusou deixar a mãe.

,

Enquanto as circunstâncias em Varsóvia pioravam no decorrer do ano, o trabalho do Liberdade continuava fora da cidade. Os movimentos colaboravam e criavam programas a nível nacional para uma juventude que vivia no medo e na inatividade. Zivia saía com frequência de Varsóvia para coordenar grupos de estudantes, encontrando-se com os ativistas locais nas estações ferroviárias para ganhar tempo. Para ela, era importante manter abertas as linhas de comunicação que podiam funcionar através dos muros do gueto – uma prioridade visionária que, em breve, traria dividendos.

Para o conseguir, Zivia enviava camaradas de Varsóvia às povoações; o género de trabalho arriscado que Frumka sempre fizera. As mensageiras – regra geral, jovens com feições arianas – contactavam as pessoas designadas e ensinavam-nas a criar uma «quina»: um grupo de cinco pessoas encarregadas de fazer trabalho pioneiro. Chana Gelbard foi uma das primeiras correios. Para a sua missão de estreia, Zivia deu-lhe documentos polacos falsos. Fingia ser caixeira-viajante, quando, na realidade, distribuía literatura do movimento. Na altura, viajar de comboio era difícil até para os polacos, e Chana deslocava-se de carroção, hipercautelosa, desconfiada de tudo e de todos, incluindo outros judeus. Quando o comando central lhe indicava uma morada, tomava todas as preocupações possíveis para se certificar de que estava a falar com a pessoa certa, de que essa pessoa não ia conduzi-la a uma armadilha nem pensar que ela era uma espia da Gestapo. Fazia sempre perguntas e mais perguntas antes de entregar quaisquer papéis.

As visitas das raparigas eram bem-vindas, sobretudo quando traziam palavras de esperança a respeito das atividades do movimento. Na sua

segunda missão fora de Varsóvia, Chana viajou com uma mala cheia de literatura clandestina: capítulos de livros sobre a história judaica, literatura popular e feriados nacionais. «Era perigoso viajar com aquelas “histórias”», recordaria, mas estava determinada a difundir o material. Numa das suas viagens, escreveu Chana, reuniram-se duas quinas em vez de uma. Juntaram-se todos numa casa de madeira, e ela falou aos dez camaradas sobre as atividades do Liberdade, destacando que nem tudo fora destruído e exortando-as a encontrar força na sua história. Os jovens ouviam-na com a respiração contida, cada um no seu canto e entregue às suas preocupações, mas a brilhar de renovada coragem. As palavras douradas de Chana tinham levado conhecimento e uma trégua, ajudando os jovens judeus a sentirem-se «fortes face às nuvens naqueles tempos tempestuosos.»

Estas jovens, conhecidas com «as raparigas de Zivia», desempenhavam um papel que, em breve, ia tornar-se um dos mais importantes, senão o mais importante, da resistência.

Capítulo 6

Do espírito para sangue – tornar-se ZOB

Tosia, Zivia e Vladka

DEZEMBRO DE 1941

Vilna, 1941. Uma neve de dezembro, leve e fofa, que o vento faz rodopiar. Seis meses antes, a máquina de guerra nazi estrondeou para leste, tomando o controlo da região. As povoações para onde Zivia e outros jovens tinham fugido em 1939, nas quais levaram a cabo atividades sionistas e do Bund sob a férula de russos e lituanos, deixaram de ser seguras. Antes de 1941, os judeus ainda tinham empregos, uma relativa liberdade de movimento e educação. (Na realidade, muitas mulheres falaram da instrução superior de que desfrutaram sob os ocupantes soviéticos.) Mas tudo isso tivera um fim abrupto. A guetização, as leis antijudaicas e a tortura foram impostas de imediato, as vidas dos judeus mergulharam na escuridão, no abismo.

Uma pequena ocupação nazi não era, porém, o suficiente para deter Tosia Altman. Pelo contrário, esta missão revelou-se uma das mais críticas que desempenhou.

A líder do A Jovem Guarda, com vinte e três anos, chegou a Vilna, os espessos caracóis louros a recolher flocos de neve e a saltitar a cada um dos seus elásticos passos. Para alcançar o minúsculo gueto estabelecido na antiga área judaica teve de atravessar o formidável rio Neris, parques cobertos de neve, passar por edifícios medievais construídos ao longo de ruas empedradas, e por bibliotecas judaicas, sinagogas, yeshivas e arquivos que floresceram naquela cidade, um centro polaco de poesia ídiche, erudição rabínica e intelecto velho de séculos. Também Tosia fugira para Vilna no início da guerra, pelo que conhecia a cidade. Passara a maior parte dos últimos dois anos a percorrer a Polónia ocupada pelos nazis, o seu itinerário a parecer um louco rabisco, indiscernível com tanta viagem. Lidar com os alemães de Vilna era só mais um dia de trabalho.

Tosia já era uma líder do A Jovem Guarda bem antes da guerra e, como Zivia e Frumka, uma figura-chave no plano B do grupo. Nascida no seio de uma família abastada e culta, a exuberante Tosia cresceu em Włocławek, uma pequena povoação da Polónia Central onde o astrónomo Nicolau Copérnico fez as suas primeiras letras e na qual,

séculos mais tarde, o pai dela era proprietário de uma joalheria e relojoaria. Sionista, estava muito envolvido na comunidade. Também Tosia se tornou ativa no movimento, e com a sua curiosidade, o seu à-vontade social e o seu desejo de estar sempre no centro da ação, teve uma rápida ascensão na hierarquia. A sua própria aliyah para a Palestina foi adiada quando a escolheram para liderar o programa de educação do A Jovem Guarda em Varsóvia. Invejava os amigos que residiam agora na terra prometida, onde viviam vidas sem dúvida cheias de ação, e via os colíderes polacos um pouco mais velhos como um tudo-nada demasiado sérios. Com o tempo, porém, criou laços com eles.

Tosia era considerada o tipo de polaca elegante. Uma «charmosa» – uma jovem bem-educada e bem-falante que usava roupas desportivas – e uma «estouvada» com muitos namorados. Em particular, estava obcecada com o inventivo e intelectual Yurek Horn (cuja sobranceria o pai dela detestava). Era uma romântica e um rato de biblioteca – sempre sentada num canto, de pernas cruzadas e o nariz enfiado num livro. Tinha medo de cães e do escuro, de modo que se obrigava a sair à noite durante um pogrom para vencer as suas ansiedades. Cantarolava e estava sempre a rir, revelando dentes que pareciam pérolas. Uma brincalhona que fazia amigos com facilidade, evitava com todo o cuidado discussões sociais e deixar-se perturbar por mal-entendidos.

Se Frumka tinha sido o primeiro membro do Liberdade a regressar a Varsóvia para cuidar dos camaradas deixados para trás, Tosia foi escolhida pelo A Jovem Guarda para ser uma das primeiras da organização. Não era uma ideóloga autoritária, mas foi escolhida pela sua paixão, energia e capacidade de conectar-se com pessoas de todas as idades; e também pelos seus brilhantes olhos azuis e aparência de polaca rica, não judia. Concordou com a missão sem hesitar, aceitando intelectualmente que o movimento tinha prioridade sobre a vida individual. Em privado, no entanto, isto causou-lhe uma grande agitação emocional. Chorava apenas junto dos seus amigos mais chegados, triste por ter de deixar Vilna e esquecer a Palestina, que fora o seu sonho. A despeito de tudo isto, avançou com entusiasmo, e apesar de terem sido necessárias três tentativas para passar a fronteira, chegou enfim a Varsóvia. Com o seu charme louro e a sua fluência em polaco – a sua «férrea suavidade», nas palavras do seu biógrafo hebreu –, depressa se tornou a principal mensageira do movimento, em constantes viagens por todo o país para ligar capítulos, levar informação, organizar seminários e encorajar a atividade educacional clandestina. O seu sorriso rasgado e os seus cabelos esvoaçantes eram um festim para os que a recebiam. Vestia-se muitas vezes como uma camponesa, envergando saias sobre saias e escondendo contrabando

nas dobras de cada uma delas. O trabalho que fazia tinha a sua quota-parte de fracassos, mas o descaramento, a energia e os apurados instintos da jovem permitiam-lhe regra geral escapar incólume. Em certa ocasião, foi apanhada em Czeŝtochowa por um guarda fronteiriço nazi, mas conseguiu escapar-se-lhe dos braços e correu 16 quilómetros até uma quinta em Źarki.

Inúmeras memórias de camaradas falam do «dia em que Tosia chegou» aos seus guetos. O seu aparecimento era como um raio de Sol nas suas escuras vidas – «uma descarga de energia elétrica». As pessoas não sentiam a sua ambivalência interior: alegravam-se, gritavam e abraçavam-na. Ela levava consigo calor, um «inexaurível otimismo», um sentimento de conexão, alívio por não terem sido esquecidas, a sensação de que as coisas podiam acabar bem, apesar de tudo. Mesmo em tempo de guerra, Tosia ensinava aos camaradas «a arte de viver» e a não serem sempre tão sérios.

Agora, na invernosa Vilna, acontecia o mesmo. A viagem fora particularmente brutal: longa, perigosa, pejada de postos de controlo. Tosia passara noites insones em lugares imundos agarrada a um maço de documentos de identidade falsos. Quando chegou, precisou de um momento para descongelar, mas uma vez derretida, voltou a ser a pessoa alegre que sempre fora. «Se não estavam lá connosco, sob aqueles muros, não podem pura e simplesmente compreender o que significava o facto de aquele “fenómeno” ter passado as fronteiras do gueto», escreveu Ruzka Korczak, a líder do A Jovem Guarda de Vilna. «A Tosia chegou! Como uma feliz primavera, a informação alastrava de pessoa em pessoa: a Tosia veio de Varsóvia visitar-nos, como se não houvesse, nem alemães nem morte a toda a nossa volta, como se não houvesse perigo em cada esquina [...]. A Tosia está cá! Um poço de amor e luz.»

Tosia entrou no quartel-general do A Jovem Guarda, onde havia camaradas a dormir em cima de mesas e portas tiradas dos gonzos. Assoberbada de uma inexplicável alegria e paixão juvenil, contou-lhes histórias sobre Varsóvia – o terror e a fome, mas também como os camaradas continuavam a trabalhar. «Abriu-nos um mundo novo, quase incrível», refletiu Ruzka mais tarde. «Contou-nos como, na escuridão da vida no gueto de Varsóvia, nascera uma nova canção cheia de vigor.» Mesmo ao fim de dois anos de ocupação nazi e de condições inumanas, não tinham quebrado e continuavam a acreditar num propósito mais elevado.

Como acontecia em todos os guetos que visitava, Tosia levava notícias. Naquela noite, em Vilna, ia também confirmar notícias. Fora enviada com um par de correios do Liberdade. A Varsóvia tinham chegado

rumores de execuções em massa. Mas seriam verdade? E que podia ela fazer para ajudar? Estava preparada para ajudar o grupo de Vilna a mudar-se para Varsóvia, que os camaradas assumiam ser mais segura.

Na noite seguinte, Abba Kovner, o líder local do A Jovem Guarda, convocou uma reunião de 150 jovens de vários movimentos. A primeira grande reunião de jovens decorreu numa sala húmida, iluminada por velas, no edifício do Judenrat, sob o disfarce de uma festa de Ano Novo. Depois de todos terem chegado, Abba leu um panfleto em iídiche. Logo de seguida, fez sinal a Tosia e pediu-lhe que o traduzisse para hebraico, para mostrar que uma líder vinda de Varsóvia comungava das suas ideias radicais. Tosia ficou espantada pelo que ouviu, pelo que tinha de transmitir.

Sara, uma rapariga de Vilna, fora levada para Ponary, em tempos um destino de férias muito popular, agora transformado num campo de morte, onde, ao longo dos três anos seguintes, 75 mil judeus foram obrigados a despir-se e abatidos a tiro junto de uma grande vala com seis metros de profundidade que recolhia os seus corpos. Atingida, mas não morta, Sara recuperou os sentidos no meio dos cadáveres gelados, nua, a olhar para os olhos da mãe assassinada. Esperou que escurecesse e saiu da vala, após o que se escondeu durante dois dias na floresta antes de regressar a Vilna, à qual chegou nua e histérica, relatando a chacina de que tinha sido testemunha. O chefe do Judenrat não acreditou nela, ou pelo menos fingiu não acreditar, e disse-lhe que não contasse a ninguém para não espalhar o pânico.

Sara foi hospitalizada. Aí, Abba Kovner conheceu-a; para ele, o plano dos nazis de matar todos os judeus era muito claro. Na reunião do Ano Novo, Tosia leu as suas conclusões: «Não acreditem naqueles que querem enganar-vos [...]. Hitler planeou exterminar todos os judeus da Europa.» Terminava com o que havia de se tornar o famoso mantra da resistência: «Não nos deixemos levar como ovelhas para o matadouro!» Abba insistia em que todos os judeus deviam ser informados e lutar. A única resposta: autodefesa.

Tosia, uma mulher de planos, nunca ficava muito tempo no mesmo lugar. Agora tinha de viajar pelos guetos, não para transmitir palavras de conforto do movimento, mas para divulgar esta mensagem horrível e urgente. Os nazis planeavam matar todos os judeus. Todos.

Chegara o momento de resistir.

Como é que alguém reage à notícia de que vai ser morto? Tenta manter-se otimista, acalantar ilusões de modo a preservar a sanidade mental? Ou encarar a escuridão de frente e olhar a bala bem nos olhos?

Quando Zivia ouviu as notícias de Tosia e das correios do Liberdade – as mesmas levadas por judeus religiosos e ativistas polacos –, não duvidou por um segundo. Vilna era apenas uma confirmação. Outros judeus tinham escapado de campos de morte como Chelmno e espalhavam nos guetos as suas histórias de horror. As ameaças de Hitler, que ela descartara – que todos tinham descartado – como «frases vazias de um louco arrogante», de repente ganhavam ressonâncias de verdade.

Zivia foi inundada por uma torrente de culpa. Claro que aquilo estava a acontecer. Porque não vira tudo com mais clareza? Porque não se apercebera de que os nazis tinham desenvolvido um plano doentio e sistemático para aniquilar o povo judeu? Porque fugira à liderança da comunidade, concentrando-se apenas na juventude, assumindo que os mais experientes se ergueriam à altura da tarefa? Porque não se focara na autodefesa e em conseguir armas? Porque não tinha feito qualquer coisa mais cedo? Desperdiçara um tempo precioso.

Zivia tentava justificar os seus remorsos. Como poderia alguém ter sabido que atrocidades estavam a ser planeadas, sobretudo quando os nazis tudo faziam para as manter secretas a fim de evitar retaliações e a censura global? Como podia uma minoria sofredora enfrentar um exército que estava a conquistar países inteiros? Como podiam pessoas doentes e a morrer gizar planos para uma ação militar? Não se tinham concentrado intensamente em promover ao longo daqueles primeiros anos o autorrespeito, a educação e a camaradagem, e não seriam esses os elementos essenciais para formar o espírito, a confiança e o ethos que permitiriam a criação de uma força combatente? Mesmo assim, sentia-se consumida pelo remorso.

Muitas raparigas-correio, incluindo Frumka, espalharam a notícia da execução maça em Ponary e da tomada de consciência da Solução Final por parte dos movimentos clandestinos. Sobreviventes fugidos dos campos deram o seu testemunho diante de grandes reuniões de líderes da comunidade. Mas com frequência não lhes davam crédito. As comunidades judaicas estavam relutantes em aceitar histórias que pareciam demasiado monstruosas para digerir. Recusavam acreditar que atrocidades como aquelas pudessem ser cometidas na Europa Ocidental, onde, apesar das horríveis condições de vida, nunca se ouvira falar de assassinios em massa. Eram comunidades que forneciam ao Reich indispensável mão de obra escrava; em termos

económicos, não fazia sentido para os nazis liquidar a totalidade desse recurso.

Muitos judeus acalentavam a ilusão de que ainda era possível sobreviver. Queriam acreditar no melhor, queriam desesperadamente viver. Ninguém queria pensar que a mãe, os irmãos, os filhos, tinham sido levados à força para serem chacinados – ou que a sua iminente deportação significava quase de certeza a morte. E Varsóvia, de todos os lugares, ficava no coração da Europa. Como podiam deportar uma capital inteira. Os judeus polacos já tinham vivido em segregação durante séculos – nunca imaginaram que os guetos de Hitler faziam parte de uma máquina de matar. Estavam psicologicamente preparados para o que conheciam: a Primeira Guerra Mundial. Para sua desgraça, não era essa a guerra.

Na sua última carta para a Palestina, datada de 7 de abril de 1942, Tosia fala do tormento de assistir a toda aquela destruição sem poder fazer nada para a impedir: «Os judeus morrem diante dos meus olhos e eu estou impotente para ajudar. Alguma vez tentaste derrubar uma parede com a cabeça?»

Num relato, uma jovem judia conta como embarcou num comboio para Auschwitz. De súbito, viu um cartão ser enfiado por entre as tábuas da carruagem. Leu: «[E]ste comboio leva-vos para o pior dos campos de extermínio [...]. Não entrem neste comboio.»

Contudo, a mulher ignorou o aviso. Parecia demasiado louco para ser verdade.

,

Zivia, no entanto, sabia. «Isto é assassínio planeado em grande escala.» Nos dias seguintes ao regresso das correios, andava de um lado para o outro pelo sobrelotado e ansioso gueto, já a imaginar toda a gente morta. A única coisa que a impedia de suicidar-se era a noção de que tinha um propósito: talvez não salvar vidas, mas salvar a honra, não ir sem resistir. Pondo de lado os seus sentimentos, Zivia sabia agir. Os seus camaradas do Liberdade também sabiam a verdade; o movimento precisava de girar uma vez mais e fazer agora da defesa o seu principal objetivo. Mas criar um grupo de combatentes para lutar contra os exércitos de Hitler era um desafio de proporções cósmicas, por razões de recursos e experiência,

e também de conflito interno – com o Judenrat, com os líderes judeus, entre movimentos de juventude e dentro do movimento.

Como grupo de juventude que era, o Liberdade não tinha qualquer contacto com o crescente movimento clandestino polaco, e Zivia receava que não estivesse muito entusiasmado com a ideia de ajudar judeus – os camaradas precisavam da ajuda dos «adultos». Os líderes de vários movimentos juvenis reuniram-se com os chefes da comunidade, na esperança de que eles reconhecessem a ameaça e assumissem o controlo. Mas os rostos dos adultos ficaram lívidos de medo e fúria: «Admoestaram-nos por estarem a lançar de uma forma irresponsável as sementes do desespero e da confusão entre as pessoas», escreveria Zivia mais tarde. Ela e Antek foram aconselhados pelo chefe do Joint Distribution Committee a agir com contenção. Embora compreendesse o significado dos assassinios, explicava, o homem alertou-os para o facto de ações precipitadas poderem resultar em consequências graves, e que a nação judaica nunca lhes perdoaria. Os supervisores do Judenrat de Varsóvia, pelo seu lado, ou não acreditavam nos rumores ou não estavam dispostos a reagir, com receio de que qualquer ação provocasse maior violência da parte dos nazis. Tinham a esperança de que manter a cabeça baixa e jogar de acordo com as regras fosse o suficiente para poupar a comunidade judaica – e talvez a eles. Homens de meia-idade, com famílias e filhos, não queriam colocar em perigo toda a população por causa da visão idealista de meia dúzia de jovens a respeito da guerra de guerrilha, para a qual não tinham tido qualquer treino.

Os membros do Liberdade mostravam-se cada vez mais agitados nestes encontros. Cheios de «frustração e raiva impotente», Zivia e os camaradas sabiam que iam ter de agir por conta própria. Antes de mais nada, precisavam do apoio das massas. Teriam de expor aos outros judeus a horrível realidade. «É nosso dever olhar para a verdade tal como ela é», acreditava Zivia. Para ela: «O nosso principal inimigo era a falsa esperança.» As pessoas nunca resistiriam, ou sequer se esconderiam, enquanto não aceitassem que a morte estava iminente.

Os camaradas do Liberdade sabiam como publicar um boletim clandestino para espalhar a mensagem, mas, de um modo geral, não faziam a mínima ideia de como criar um exército. Como Zivia comentou: «Ninguém sabia o que era preciso fazer sendo os alemães poderosos e bem armados... ao passo que nós tínhamos apenas dois revólveres.» Antes da guerra, o Bund e os sionistas revisionistas – a facção da ala direita que defendia a iniciativa privada e unidades militares judaicas – tinham estabelecido ligas de autodefesa. Mas o foco do ensino dos jovens sionistas socialistas era o debate da teoria social.

Estudavam autodefesa, mas não estavam organizados para lutar. O Liberdade precisava de aliados com conexões ou treino militar.

Zivia persistia. Com a ajuda de uma habilidade de negociação apurada ao longo de anos e da sua resiliência inata, continuou a tentar convencer os líderes da comunidade, mas esbarrava sempre numa parede de políticas partidárias. Em março de 1942, ajudou a organizar uma reunião de membros de uma variedade de partidos na cantina do Bund. Antek, em representação do Liberdade, suplicou aos líderes que reconhecessem a urgência de preparar uma resposta, e propôs um programa para criar um movimento de defesa coletiva dos judeus. A reunião terminou sem resultados práticos. Os sionistas queriam trabalhar com o Bund, que tinha ligações com os partidos polacos; o Bund, no entanto, não confiava nos grupos burgueses de sionistas obcecados com a Palestina, e preferia lutar com a resistência polaca, que até dispunha de algumas armas. Os chefes dos principais partidos censuravam os movimentos juvenis, acusando-os de serem alarmistas ingênuos e precipitados, sem qualquer experiência militar. O acordo com o bem armado grupo sionista revisionista, Betar, era impossível.

Sentindo-se impotente, o grupo sionista tentou contactar a resistência polaca. Em seguida, fizeram parte do Bloco Antifascista, iniciado pelos comunistas judeus. Os comunistas queriam colaborar com o Exército Vermelho soviético fora do gueto, mas Zivia, que estava num papel de chefia, argumentava a favor da defesa interna. Antes que pudessem chegar a um acordo para seguir em frente, os líderes comunistas foram presos, e a aliança desfez-se. Agora, os membros do Liberdade não faziam ideia de onde arranjar armas. Até Zivia estava desnorteada.

E então soube: É demasiado tarde.

,

Dizer que o relógio marcava a contagem decrescente pode parecer uma metáfora grotesca. Estava-se no verão de 1942, quando ocorreu no gueto de Varsóvia a grande Aktion, o eufemismo nazi para a deportação em massa e o assassinio de judeus. Começara em abril, no «Sabat Sangrento», quando unidades das SS invadiram o gueto à noite e, usando listas pré-preparadas, reuniram e assassinaram a intelligentsia. A partir desse momento, o gueto inteiro tornou-se um campo de morte, e o terror reinou. Em junho, Frumka chegou com notícias de Sobibor, mais um campo de extermínio, 240 quilómetros para leste.

Vladka Meed (née Feigle Peltel), uma jovem de vinte e um anos que ajudava a imprimir o jornal clandestino do Bund e geria grupos juvenis ilegais, escreveria mais tarde a respeito de julho de 1942 no gueto. Os rumores do fim iminente, histórias de rusgas, os fuzilamentos constantes. Um rapazinho contrabandista disse-lhes que o gueto estava cercado por soldados alemães e ucranianos. Medo. Confusão.

E então apareceu o cartaz.

Os judeus aglomeravam-se nas ruas de outro modo desertas para o ler: quem não trabalhasse para os alemães seria deportado. Vladka passou dias a correr pelo gueto, como uma louca, à procura de certificados de trabalho, «certificados de vida», para ela e para a família. Centenas de judeus angustiados faziam filas sob o calor escaldante, a acotovelar-se, à espera diante de fábricas e oficinas, desesperados por qualquer trabalho, quaisquer papéis. Alguns mais afortunados carregavam as suas máquinas de coser, na esperança de assim serem empregados com mais facilidade. Especuladores falsificavam certificados de trabalho, os subornos multiplicavam-se, joias de família eram oferecidas em troca de um emprego oficial. As mães andavam num corruípo de angústia, a tentar decidir o que fazer com os filhos. Os que tinham trabalho – e de momento a vida garantida – evitavam toda e qualquer conversa, atormentados pela culpa. Carroções de crianças chorosas arrancadas aos pais passavam pelas ruas.

«O medo do que nos esperava», escreveu Vladka, «embotava a nossa capacidade de pensar fosse no que fosse exceto salvarmo-nos a nós mesmos.»

Percebendo a futilidade de esperar em filas intermináveis, Vladka ficou encantada quando recebeu uma mensagem de uma amiga da clandestinidade. Devia apresentar-se com fotografias suas e da família, e receberia cartões de trabalho. Correu para a morada. No interior, era um pandemónio carregado de fumo de cigarro. Viu líderes do Bund e o historiador Ringelblum, e soube que tinham recebido cartões de trabalho falsos e estavam a tentar montar novas oficinas – tudo para ajudar a salvar os jovens. Mas os líderes continuavam a pensar que esconderem-se ainda era a melhor aposta, apesar de que ser descoberto pelos nazis significava uma morte certa. «Que fazer?», murmuravam.

E então, pânico: o edifício estava cercado. Vladka correu para apanhar os certificados de trabalho falsos e conseguiu juntar-se a um grupo que subornou um polícia judeu – uma visão cada vez mais comum à medida que mais e mais judeus eram apanhados, e estavam sempre a resistir, notou Vladka, ainda que sem êxito. As mulheres lutavam com os

polícias que as empurravam para os camiões; saltavam dos comboios, quase sempre em vão. Mas porque não fizera ela qualquer coisa para ajudar?

As deportações continuaram, com alemães e ucranianos a juntarem-se à polícia judaica na condução das rusgas. Os polícias judeus tinham quotas que determinavam quantas pessoas precisavam de capturar por dia – se não as cumprissem, seriam levados eles e as famílias. Depois de terem recolhido os jovens, os velhos não trabalhadores e os nomes que constavam das listas, as deportações passaram a ser feitas por rua. As pessoas esperavam, aterrorizadas, que a sua rua fosse bloqueada; então, muitos tentavam esconder-se, rastejando pelos telhados ou trancando-se em caves e sótãos. Os documentos falsos de Vladka já não eram válidos. Tinha de encontrar um esconderijo. Incitavam-se os judeus a comparecer voluntariamente na umschlagplatz – o ponto de partida de onde eram deportados até aos campos de extermínio – para receber 3 quilos de pão e um de marmelada. Mais uma vez, as pessoas esperaram e acreditaram no melhor. Muitos, famintos e desolados, decididos a ficar com os seus familiares, apareciam lá – e eram deportados. «Foi assim que a vida de um judeu passou a valer uma fatia de pão», escreveu um líder das organizações clandestinas.

E então foi a rua dela. Vladka correu a esconder-se, mas um colega de fuga decidiu abrir a porta trancada quando os soldados bateram. Resignada à sua sorte, a procurar a família, que se escondera algumas portas abaixo, no meio da multidão, Vladka foi levada para a «seleção», onde alguém lhe entregou o rabiscado cartão de trabalho de uma amiga. Por qualquer razão, foi aceite. Mandaram-na para a direita, para viver. A família foi para a esquerda.

Aturdida, foi trabalhar numa das poucas oficinas ainda abertas – exaustão constante, espera constante, ansiedade, espancamentos, o ventre inchado, doente de fome. O trabalho precário era ameaçado, havia inspeções e rusgas, quem fosse apanhado a preguiçar, ou escondido, ou parecesse demasiado velho ou demasiado novo – morte. As pessoas tombavam sentadas diante das suas máquinas de coser. Seleção atrás de seleção. Vladka tentou arranjar um documento de identidade legal quando o edifício foi cercado. Ficou escondida num aparador durante horas.

O gueto estava a esvaziar-se, a diminuir de dia para dia.

As liquidações e os bloqueios de ruas eram quotidianos. Janusz Korczak e Stefa Wilczynska desapareceram, mortos com os seus órfãos; de uma janela do seu esconderijo, Vladka viu-os ser levados durante uma rusga noturna a casa da líder do Bund. As ruas estavam vazias excetuando as

mobílias partidas, uma «neve» de penugem, as «entranhas evisceradas de roupas de cama judias» – e judeus mortos. O contrabando tornara-se impossível. A fome total instalou-se. Os gritos das crianças arrancadas às mães com cartões de trabalho dilaceravam o silêncio. O coração de Vladka despedaçava-se ao ouvir crianças de oito anos tentar convencer as mães a ir sem elas, tranquilizando-as com a afirmação de que haviam de arranjar um lugar para se esconder. «Não te preocupes», era o refrão. «Não te preocupes, mamã.»

,

Cinquenta e dois mil judeus foram deportados na primeira Aktion no gueto de Varsóvia.

No dia seguinte, os membros do Liberdade reuniram-se com os líderes da comunidade para discutir uma resposta. Propunham atacar a polícia judaica – que não estava armada – com porretes. Também queriam incitar manifestações maciças. Mais uma vez, os líderes avisaram-nos de que deviam abster-se de reações precipitadas ou de provocar os alemães. O assassinio de milhares de judeus recairia sobre as cabeças dos jovens camaradas.

Agora, face a estas chacinas, o movimento juvenil considerou que os adultos estavam a ir demasiado longe no seu excesso de cautela. Quem se importaria se fizessem balouçar o barco? Tinham naufragado e estavam a afundar-se depressa.

A 28 de julho, Zivia e outros líderes de grupos de juventude reuniram-se em Dzielna.

Não houve mais discussão.

Sem os adultos e sem a resistência polaca, criaram a sua força de combate: a Organização Combatente Judaica. Em iídiche, Yiddish Kampf Organizatsye. Em hebraico, EYAL. Em polaco, Zydowska Organizacja Bojowa, ou ZOB. O ZOB não era propriamente uma potência. Não tinha dinheiro, nem armas além dos tais dois revólveres, e, pelo menos para o contingente do Liberdade, nem sequer um esconderijo local. (O grupo escondia 140 membros numa quinta.) Fosse como fosse, tinham uma visão: protagonizar um protesto judaico. Eram judeus a lutar como e para judeus. Seria uma operação a nível nacional levada a cabo pela rede de ligações que Zivia montara meticulosamente. Agora, ia enviar

as suas jovens correios em missões arriscadas, não para distribuir material escolar ou notícias, mas para organizar os preparativos para a defesa. (Apesar de ter documentos de identificação falsos em nome de «Celina», Zivia deixara de viajar porque a sua aparência judaica era demasiado conspícua.) Organizar a força de combate aliviou um pouco a culpa e a ansiedade – Zivia sentia que podiam finalmente avançar pelo caminho certo. Mas a falta de um arsenal ou de qualquer espécie de treino militar originou muitas discussões internas sobre o que fazer; a tensão subia à medida que mais judeus eram levados para o matadouro.

Zivia era a única mulher eleita para um cargo de chefia no ZOB. Fazia parte de um grupo de combate. Aprendeu a usar uma arma de fogo. Treinou para ser uma sentinela. Além disso, cozinhava, lavava a roupa e era responsável por manter o otimismo e o moral dos jovens combatentes. Outras líderes – Tosia, Frumka, Leah – foram enviadas para o lado ariano, para estabelecer ligações e tentar obter armas.

Enquanto esperava por armas, o ZOB decidiu marcar o seu território. Uma noite, os seus membros saíram em grupos de três do quartel-general em frente da prisão de Pawiak para o silêncio do gueto. iam cumprir as suas primeiras missões. Um dos grupos estava encarregado de informar os habitantes do gueto da existência desta nova força que ia lutar por eles. iam colar cartazes nos placares e nas paredes a explicar que – como lhes fora comunicado por mensageiros que tinham seguido os comboios – Treblinka significava a morte certa, que os judeus precisavam de se esconder e os jovens de se defender. «É melhor morrer de uma bala no gueto do que em Treblinka!», era a palavra de ordem.

O segundo grupo ia atear fogo a casas abandonadas e depósitos de bens roubados. Os nazis mandavam especialistas avaliar as posses dos judeus deportados e, depois, obrigavam os vivos a catalogar e organizar com rigor tudo o que fosse valioso.

O terceiro grupo ia cometer um assassinio. Um dos seus agentes duplos, um jovem chamado Israel Kanal que estava na resistência, mas também, sob disfarce, na milícia, ia abater o chefe da polícia judaica. O ZOB queria vingança e semear o terror entre os milicianos que faziam cumprir os decretos nazis.

Zivia fazia parte do segundo grupo. O seu coração batia loucamente no escuro. As mãos húmidas agarravam-se à escada que subia degrau a degrau, os tijolos do edificio a roçarem-lhe o corpo. Um pouco mais e tinha escalado o muro, chegado ao seu destino.

Ela e os camaradas prepararam o material incendiário. Mas alguma coisa correu mal. A casa não pegou fogo. Decidiram num instante juntar todo o conteúdo que fosse inflamável e incendiá-lo. «Êxito!», anotou mais tarde. «As chamas subiram num grande braseiro e estralejaram na noite, dançando e torcendo-se no ar. Regozijámo-nos ao ver o reflexo da vingança que ardia dentro de nós, o símbolo da resistência armada judaica que há tanto tempo ansiávamos.»

Juntaram-se todos no número 34 da rua Dzielna poucas horas mais tarde. Todas as três missões tinham sido cumpridas; até a polícia judaica teve medo de enfrentar Kanal depois de ele ter atingido o chefe, ainda que sem conseguir matá-lo. Então, nessa noite, os russos bombardearam Varsóvia pela primeira vez. Para Zivia, foi uma noite de puro êxtase.

,

E, então, uma maravilha. Em fins do verão de 1942, uma líder conseguiu introduzir no gueto cinco armas e oito granadas de mão. Tosia usou dinheiro do ZOB para comprar várias granadas de mão e armas, transportadas em caixas de pregos. Há quem diga que Frumka foi a primeira a levar armas; misturou-se com um grupo de trabalho que regressava a carregar um grande saco cheio de batatas, por baixo das quais estavam as armas. Vladka, abordada por um camarada do Bund que lhe pediu que trabalhasse no lado ariano, tornou-se a principal fonte de armamento, chegando a levar dinamite para a improvisada oficina de armas do gueto. Os contrabandistas escalavam o muro ou pagavam a um polaco para sussurrar uma palavra-passe a um combatente, que então trepava a face interior para receber o pacote. Também introduziam armas pelas janelas das casas alinhadas ao longo dos limites do gueto. Cada adição ao arsenal era motivo de exultação. Começaram então a ser feitos planos para emboscar os alemães. Esconder-se-iam nos portais dos edifícios e atacariam os nazis lançando contra eles granadas de mão e aproveitando a confusão para lhes roubar as armas.

A alegria do êxito foi, no entanto, reduzida por uma nova série de reveses. Em vez de se unir às realizações do ZOB, a Varsóvia judaica estava assustada pelas suas ações. O medo e a paranoia da comunidade encontravam-se de tal maneira enraizados que muitos assumiram que os recentes atos de rebelião não passavam de estratégias nazis, e que estavam a manipulá-los para serem punidos. Os judeus ficaram

contentes por saber que alguém tentara assassinar o chefe da polícia judaica, mas atribuíam a tentativa à resistência polaca, não querendo acreditar que alguns dos seus tivessem os meios e a coragem para empreender a ação. Zivia ficava horrorizada ao ver judeus arrancar os cartazes do ZOB e agredir os camaradas que tentavam afixar outros.

Muitos combatentes haviam sido enviados para fora do gueto, onde se juntariam aos grupos de partisanos na floresta, que estariam mais bem armados, mas a maior parte era morta pelo caminho. Então, um líder do A Jovem Guarda, Josef Kaplan, foi capturado num esconderijo de armas e morto. Outro amado líder tentou resgatá-lo, mas também acabaria por ser apanhado e morto a tiro. Desanimado, o grupo decidiu transferir o seu arsenal para Dzielna. Uma jovem membro, Regina Schneiderman, escondeu as armas num cesto e pôs-se a caminho, apenas para ser detida na rua por soldados alemães, que as encontraram. (Como Antek refletiu mais tarde: «Pode-se imaginar o tamanho do nosso “arsenal” pelo facto de uma rapariga poder transportá-lo num cesto.») Esta sequência de tragédias foi «um golpe terrível», disse Zivia. O grupo perdeu o moral, os seus comandantes e os seus planos.

O ZOB continuou a debater: deviam iniciar já a luta ou planejar cuidadosamente uma estratégia? A conversa era interminável. Entretanto, em três Aktions levadas a cabo no espaço de três meses, 300 mil judeus foram transportados de Varsóvia para as câmaras de gás do campo de extermínio de Treblinka, e 99% das crianças do gueto foram mortas. Tudo indicava que não ia haver um futuro judaico. As 60 mil pessoas que ficaram não conseguiam olhar-se nos olhos porque tinham vergonha de continuar vivas, escreveria Zivia mais tarde.

Na última noite da Aktion, 13 de setembro, algumas dezenas de camaradas juntaram-se no número 63 da rua Mila. Os que estavam furiosos e queriam uma resposta a quente foram mandados para outra sala. Os mais velhos, os que andavam pelo meio da casa dos vinte, ficaram para debater o que fazer a seguir. A conversa foi desanimadora. «Reunimo-nos e falámos», escreveu Zivia, «a chorar e a sangrar.» Foi consensual que era demasiado, demasiado tarde; estavam demasiado traumatizados. Chegara o momento para uma ação suicida do grupo. Pegariam em petróleo, querosene, em todas as armas que lhes restavam, e ateariam fogo aos armazéns alemães, matariam alguns nazis e seriam mortos, mas com honra.

Zivia, a pessimista, foi bem clara: era tempo de morrer.

Foi Antek que falou contra os camaradas e contra a mulher que amava. Primeiro num sussurro, depois alto e bom som: «Rejeito a proposta [...].

A crise é grande e a vergonha é grande. Mas o ato proposto é um ato de desespero. Morrerá sem qualquer eco [...]. É um ato que é bom para cada um de nós, a um nível pessoal, porque nestas circunstâncias a morte pode parecer a salvação. Mas a força que nos manteve até agora e motivou a nossa atividade... foi só para nos permitir escolher uma morte bonita? Na nossa luta e na nossa morte, queríamos salvar a honra do povo judeu [...]. Temos um legado de incontáveis fracassos, e teremos um legado de derrotas. É preciso começar de novo.»

Estas palavras entraram em conflito com o estado de espírito dos combatentes, despertando uma fúria incrível – Antek estava a refutar a única hipótese disponível. Mas, no fim, os que exigiam um ato drasticamente heroico não conseguiram rebater a lógica dos seus argumentos, e o plano para um suicídio em massa foi abandonado. Zivia sabia que os camaradas tinham de pegar em armas e lutar. O movimento deles, em particular, acreditava na prevalência do coletivo sobre o individual. A partir daquele momento, resistir seria a sua *raison d'être*. Mesmo que a matasse.

Zivia pôs mãos à obra, reunificando o movimento para a sua próxima fase: a milícia.

Capítulo 7

Os dias de errância – de sem-abrigo a criada doméstica

Renia

AGOSTO DE 1942

Numa quente manhã de agosto de 1942, durante o período de assassinio em massa no gueto de Varsóvia, o Sol brilhava em Wodzisław com um clarão alaranjado, o ar estava fresco. Renia, com dezassete anos, despertou do seu sono. Os pesadelos tinham-na abalado: sonhos de tumulto em que estava «a lutar, mas logo a seguir a cair como uma mosca», que a deixavam extenuada. Mas a gloriosa manhã acalmou-a e revigorou-a. «A cabeça salta-me do lugar, e eu quero devorar a vida [...] a minha cara brilha. Estou viva. Sou invencível!»

Um olhar aos pais, no entanto, muda-lhe a disposição. Têm os rostos escondidos nas mãos. Parecem enlouquecidos. Nessa noite acontecera uma deportação em Kielce, a povoação vizinha. As pessoas que tentaram fugir foram mortas a tiro ou enterradas vivas, independentemente da idade ou do sexo. Os nazis tinham prometido que não haveria mais deportações, que todos os deportados regressariam a casa depois de os ingleses terem exigido que os judeus não fossem perseguidos.

Tudo mentiras.

«Eu e o teu pai ainda somos novos, mas tivemos alegria na nossa vida», disse-lhe a mãe, como sempre sem rodeios. «Mas estes pobres bebés, que mal fizeram eles? De boa vontade morreria aqui mesmo, agora, para poupar as vidas dos bebés.» Leah, com os seus quarenta e pouco anos, estava desesperada por esconder os filhos mais novos, por salvá-los da morte.

Nas últimas semanas, abundavam as histórias de atrocidades. Habitantes das povoações próximas que tinham conseguido fugir e evitar ser abatidos a tiro pelos alemães ou entregues pelos polacos que chegaram a Wodzisław, onde ouviram dizer que ainda viviam judeus. Mal se mantinham de pé, não levavam nada consigo exceto sacos vazios e histórias horríveis – muitas sobre crianças. Um homem contou a história da sua mulher, que retirara os dois filhos da fila de deportação.

Um alemão, a espumar pela boca, saltou para ela e matou as crianças a pontapé. A mãe foi obrigada a assistir e depois a cavar-lhes a sepultura. Então, o alemão esmagou-lhe o crânio com a coronha da espingarda. Durante muito tempo, contou o homem, a mulher contorceu-se de dores no chão até que por fim morreu.

Num outro dia, Renia viu um grupo de mulheres meio loucas, esfarrapadas, pálidas, de lábios azulados, a tremer como varas verdes. Entre soluços histéricos, aquelas mulheres mortas de fome contaram-lhe que a povoação onde viviam tinha sido cercada. Houvera tiros por todo o lado. Os filhos estavam a brincar na rua e correram para casa. Mas um alemão apanhou-os e matou-os à pancada, um a um. As mulheres, seminuas nas suas roupas de dormir, descalças, fugiram para os campos, a mendigar comida a bondosas esposas de agricultores, num deambular sem fim.

Apareceu um outro grupo de 17 pessoas. Das 180 que fugiram juntas, só aquelas sobreviveram. Os polacos tinham-nas atacado, despojado de tudo e ameaçado denunciá-las aos alemães. Os homens vestiam apenas roupa interior ou cobriam-se com lenços: as crianças estavam nuas. Atormentados por uma fome atroz, depois de terem passado vários dias sem comer nem beber, pareciam todos meio-mortos. E no entanto estavam felizes – trocaram as voltas à morte. Os restantes pereceram, ou cortaram as veias para não caírem nas mãos dos alemães, ou desapareceram. Os cabelos dos jovens tornaram-se grisalhos da noite para o dia.

Renia, chocada pela visão daquela gente, deu-lhes roupas e comida. Tinha de fazer qualquer coisa, ajudar.

Uma das experiências mais difíceis que Renia teve de enfrentar foi num encontro com cinco jovens irmãos que lhe explicaram que quando a mãe se apercebeu de que os alemães andavam a arrebanhar judeus, os escondeu dentro de armários, debaixo de camas, no meio de mantas. Minutos mais tarde, ouviram o bater de botas alemãs. Caíram num silêncio petrificado. Um nazi entrou no quarto com uma espingarda e começou a procurar. Encontrou todos.

Contudo, em vez de os matar, deu a cada um, em silêncio, uma fatia de pão. «Escondam-se até ao cair da noite», disse, e prometeu que a mãe regressaria para fugir com eles. As crianças explodiram em gratidão e o nazi ria-se, mas depois começou a chorar, acariciando-lhes a cabeça enquanto dizia que era pai e que o coração nunca lhe permitiria matar crianças. À noite, quando reinava na povoação um silêncio de morte, os jovens saíram dos seus esconderijos e encontraram a irmãzinha de dois meses sufocada debaixo da manta onde a deixaram escondida, o corpo

já frio. A rapariga mais velha, com onze anos, pegou na pequena Rosa, pesada na morte, e levou-a para a cave, com medo de ser apanhada no exterior. Vestiu os irmãos e esperou pela mãe. Ter-se-ia esquecido deles?

A mãe nunca mais voltou. De madrugada, a irmã mais velha ajudou os outros a sair por uma janela, à procura de vizinhos, sempre pressentindo que a mãe os seguia. Levou os irmãos para fora da povoação. Tinham mendigado pão aos camponeses, dormido no chão, fugido dos grupos de rapazes que lhes atiravam pedras. A rapariga disse aos camponeses que a mãe tinha morrido, mas mais nada. Ouviram dizer que ainda havia judeus vivos em Wodzisław, de modo que se encaminharam para ali, os pés descalços cortados pelas pedras, os rostos e os corpos inchados, as roupas rasgadas e sujas. Tinham medo de falar com quem quer que fosse, receando que se tratasse de um alemão disfarçado. «A nossa mãe anda de certeza à nossa procura e a chorar. Que acontece se não a encontrarmos?» As pobres criaturas não conseguem parar de chorar: «Onde está a mamã? Onde está a mamã?» As crianças foram acolhidas por famílias ricas, mas, perguntava Renia, para onde iriam agora? Todos os que escapavam à mão do carrasco ficavam condenados a esta deambulação, descalços e nus, enlouquecidos, a suplicar uma fatia de pão.

Pânico, puro pânico. Renia sentia que a situação estava a piorar minuto a minuto. Cada momento era o mais crucial das suas vidas. Cada dia que sobreviviam era pura sorte. Ninguém dormia à noite, o que provavelmente seria melhor, uma vez que era à noite que os nazis apareciam. «De repente, os sábios perderam a sua sabedoria. Os rabis não têm conselhos para dar. Raparam os bigodes e as barbas, mas continuam a parecer judeus», escreveu Renia mais tarde. «Para onde podemos ir?»

Toda a gente tentava partir, mas para onde? O que era seguro? Como iriam esconder-se? Todos os dias havia grupos que deambulavam pelas ruas a fazer perguntas obsessivas. Ainda haveria judeus em algumas povoações? E se caíssem nas mãos dos alemães? Não tinham armas, nada. As pessoas trocavam mobílias por pão. Apesar da sobrelotação do gueto, Renia achava a sua casa fantasmagoricamente vazia. Tinha sido tudo vendido aos polacos por tostões, e ela temia que estes não tardariam a roubar o pouco que restava.

Numa noite, um grande número de judeus do gueto fugiu, correndo para as florestas e para os campos. Os ricos subornaram os habitantes da povoação para que os escondessem em sótãos, caves e barracos, mas a maior parte limitou-se a partir sem guia nem destino. No fim, foram quase todos apanhados e mortos.

Renia sabia que se escalar os muros do gueto já era arriscado, sobreviver no exterior seria loucamente perigoso. Uma forma de passar para o território ariano era escondendo o corpo. Os judeus com feições semitas pagavam amiúde grandes somas a polacos dispostos a escondê-los e alimentá-los. Alguns faziam-no por benevolência, arriscando a vida para ajudar, mas outros extorquiam os judeus de uma maneira miserável, exigindo-lhes cada vez mais dinheiro (e até favores sexuais) e ameaçando entregá-los à polícia. Os esconderijos eram muitas vezes descobertos, de modo que, a qualquer momento, os exilados judeus podiam ter de fugir para a noite e procurar outro sítio.

Uma outra possibilidade era esconder a alma e assumir uma nova identidade. Estes judeus faziam-se passar por gentios, um truque que muitos assimilados ensaiaram, minimizando as suas diferenças. Agora, os judeus tinham de tirar partido da falsa construção do que constituía uma «aparência judaica», disfarçando essas características e realçando as outras tanto quanto podiam.

Renia tinha a fortuna – na realidade, mais valiosa do que um tesouro – de parecer polaca. Os judeus que não pareciam judeus tinham o potencial de «passar» e renascer, por assim dizer, como cristãos. Os que dispunham de dinheiro e ligações compravam documentos de viagem falsos, ou os caríssimos originais se tivessem contactos entre as autoridades polacas. Mudavam-se para outras cidades, onde não eram conhecidos. Dependendo da sorte, registavam-se com um novo nome, arranjavam trabalho e recomeçavam a sua vida sem que ninguém imaginasse a sua verdadeira identidade. Era mais fácil para as raparigas, que conseguiam emprego em escritórios e lojas, como atrizes ou criadas de mesa. Mulheres instruídas que nunca haviam feito um dia de trabalho físico em toda a vida aceitavam, ansiosas, lugares de criadas domésticas. Algumas trabalhavam em creches. Era mais difícil para os homens: se os alemães suspeitassem de que um homem era judeu, mandavam-no baixar as calças. Uma família inteira podia ser apanhada por causa de um rapazinho circuncidado. Os cirurgiões plásticos desenvolveram uma cirurgia para reverter a circuncisão – segundo Renia, a operação custava 10 mil złotys (mais ou menos o equivalente a €8900 atuais) e raras vezes era bem-sucedida; outras fontes falam de melhores resultados. Nas crianças, a técnica para restaurar o prepúcio exigia uma intervenção cirúrgica, uma massagem especial e o uso de

pesos. Alguns homens obtinham falsos atestados médicos a certificar que tinham sido circuncidados à nascença devido a problemas genitais. A minúscula Associação de Tártaros Muçulmanos de Varsóvia também proporcionava documentos falsos a alguns judeus para justificar as circuncisões.

Mesmo para esses «impostores» que conseguiam passar para o lado ariano, a vida não era fácil. Os schmaltzovniks, ou chantagistas, abordavam os judeus disfarçados nas ruas e ameaçavam denunciá-los se não pagassem. Os polacos tinham «mais olho» para descobrir os judeus do que os alemães. Se uma judia precisava de sair do gueto para uma pequena viagem, precisava de levar consigo um maço de notas destinado aos schmaltzovniks que encontrasse pelo caminho. Bandos de polacos extorquiam os judeus, roubavam-nos, espancavam-nos e ameaçavam-nos, e enviavam notas anónimas a exigir dinheiro que devia ser deixado em locais aleatórios. Por vezes, extorquiam o mesmo judeu durante um período de tempo mais ou menos longo, vivendo à custa dele. Ou ficavam com o dinheiro e mesmo assim entregavam-no à Gestapo, que oferecia pequenas recompensas por cada judeu apanhado vivo, como algum dinheiro, um quilo de açúcar ou uma garrafa de uísque. Alguns trabalhavam diretamente para a Gestapo com quem dividiam o produto do saque.

Vários judeus fugiam para as florestas em vez de para outras cidades, fingiam ser polacos, tentavam juntar-se a grupos de partisans e passavam meses, ou mesmo anos, a errar de um lado para o outro. As crianças eram postas em orfanatos, regra geral a troco de um suborno. Os miúdos trabalhavam nas ruas arianas, a vender jornais, cigarros e latas de graxa, e a esconder-se dos bandos de rufiões polacos que podiam reconhecê-los, bater-lhes e, em seguida, entregá-los.

Fossem quais fossem as dificuldades, Renia não tinha por onde escolher. Corria o rumor de que se preparava uma Aktion para breve. Dessa vez, nenhum nome poderia ser retirado das listas. Os únicos que seriam autorizados a ficar seriam os escolhidos para dismantelar o gueto e organizar as posses dos judeus. Um homem que fugira do campo de deportação de Kielce, ali próximo, trouxe um aviso: tinha visto os nazis torturar jovens judeus e obrigá-los a escrever às famílias a dizer que estavam bem, que não se tratava de uma deportação para a morte. Os que recusavam eram abatidos ali mesmo. Aquele homem tinha a certeza de que os comboios a abarrotar de pessoas que vira passar iam a caminho de uma morte certa.

Os Kukielka tinham de fugir. Juntaram todo o dinheiro angariado na venda das mobílias e dividiram-no pelos filhos. Os pais de Renia e o filho mais novo, Yankel, iriam para as florestas. As duas irmãs de Renia

viajariam para Varsóvia, onde ficariam em casa de parentes e, então, tentariam levar Leah e Moshe para junto delas. «Aconteça o que acontecer», disse Moshe aos filhos, «prometam-me que serão sempre judeus.»

Renia partiria sozinha. Aquela seria a sua última noite em casa da família.

,

Sábado, 22 de agosto. Graças ao irmão, Renia conseguiu chegar a um campo de trabalho para judeus gerido por nazis, nos arredores de Sędziszów. Aaron tinha fugido do primeiro campo de trabalho, voltara para junto da família fingindo ser um polaco que deambulava pelos bosques e fora para ali construir carris. Os guardas gostavam dele e arranjou maneira de a irmã se lhe juntar. A população do campo era constituída por 500 talentosos judeus que pagavam 1000 złotych para trabalhar, acreditando estar assim livres da deportação. Com eles, 20 judias faziam trabalhos mais leves, como contar tijolos.

Renia sentiu-se aliviada ao chegar, acompanhada por uma amiga do gueto, Yochimovitz, mas estava obcecada com os pais e a forma como decorrera a despedida. Leah e Moshe estavam de cabeça perdida ao dizer adeus. Renia não conseguia deixar de pensar nas lágrimas do pai, no choro da mãe, na separação dos seus braços, mãos e dedos. E o pequeno Yankeleh, os olhos rasos de água, o calor dos braços dele nas suas costas, os seus dedinhos. Não, não podia permitir que aquela tivesse sido a última vez que os via. Nunca, nunca.

E assim, pouco depois de ter começado a trabalhar nas pontes rodoviárias, Renia conseguiu convencer o supervisor a admitir o pai e as irmãs no campo.

Porém, era demasiado tarde.

Dias antes, numa clara manhã de Sol, Renia acordou preparada para o trabalho, quando uma mensagem a fulminou como um raio. Às quatro da madrugada desse dia, os nazis iniciaram uma Aktion em Wodzisław. Renia já não podia comunicar com a família. Teriam conseguido escapar a tempo?

E havia mais. O comandante nazi do campo abordou as raparigas. Chamou Renia à parte e disse-lhe que as mulheres não seriam autorizadas a continuar a trabalhar ali. A Gestapo pedira-lhe que as acrescentasse à próxima lista de transporte. «Fuja», disse a Renia em voz baixa. «Vá para onde quiser.»

Ir embora? Outra vez?

Não, não, não, o desespero era demasiado grande.

Contudo, ele tentou convencê-la. «Ainda é nova», disse o alemão. «Fuja, e talvez consiga escapar com vida.»

E Yochimovitz? Renia recusava partir sem ela.

Se estivesse nas suas mãos, disse o alemão, queria que ficassem. Se não fosse o enorme perigo, ele acolheria-as a todas. «Boa sorte», disse, com gentileza. «Agora vão.»

,

27 de agosto de 1942, o primeiro dia da fase seguinte da vida de Renia: os dias de errância. Era agora um desses judeus que deambulavam sem guia, sem destino. Aaron e o seu amigo Herman tinham-nas ajudado, arranjando-lhes água para se lavarem e um pacote de comida dos alemães. Então, levaram as duas até à floresta, perto do sítio onde trabalhavam, e deixaram-nas.

Renia e Yochimovitz estavam sozinhas. Para onde ir?

De súbito, ouviram gritos, tiros, cães a ladrar por todo o lado.

E, então, uma ordem dada a um cão, em alemão:

«Apanha os malditos judeus, Rex! Morde!»

As raparigas correram, tentando fugir. Minutos mais tarde, estavam a ser perseguidas por dois polícias que acusavam Yochimovitz de ser judia. Foram levadas para uma casa destinada aos maquinistas dos comboios, onde eram mantidos os outros judeus apanhados. Do exterior, Renia ouviu gritos vindos da cave.

Resolveu ali mesmo que, em circunstância alguma, entraria naquela cave.

– Tem filhos? – perguntou ao polícia.

– Sim, quatro.

– Também sou filha de uma mãe e de um pai, tenho irmãos e irmãs – suplicou Renia, enquanto os outros agentes exortavam o polícia a levar as raparigas para baixo. – Acha mesmo que sou judia?

– Não – disse ele, de lágrimas nos olhos. – Parece polaca e fala polaco. É uma de nós. Vá-se embora, depressa. Leve a sua amiga.

As raparigas começaram a afastar-se, rapidamente. Aquilo não era bom. Yochimovitz tinha a aparência errada. A amiga representava um perigo ou uma ajuda? Iria Renia ter de a deixar?

Por vezes, há perguntas que se respondem por si mesmas.

Ouviu tiros. Olhou em redor.

No chão, à sua frente.

Yochimovitz jazia morta.

,

Em 1942, as raparigas de dezoito anos de Nova Iorque exploravam a sua recém-adquirida condição de adultas a suspirar por Humphrey Bogart, a cantar o grande êxito de Bing Crosby White Christmas ou a beber batidos de leite na cafetaria da esquina. Em Londres, as homólogas de Renia deslizavam pelos soalhos polidos da nova grande moda: os salões de baile. Até na Varsóvia ariana, os jovens procuravam distrações da guerra passeando no parque, namoriscando enquanto rodopiavam em carrosséis com música. Mas, semanas antes do seu décimo oitavo aniversário, na floresta, a chegada de Renia à idade adulta acontecia de uma maneira muito diferente.

«A partir daquele momento», escreveu mais tarde, «estava por minha conta.»

12 de setembro de 1942

Está uma bela noite. A Lua brilha em toda a sua glória. Estou estendida num campo no meio de batatas, a tremer de frio, a contar a mim mesma as minhas experiências mais recentes. Porquê? Por que razão me irei dar ao trabalho de sofrer tanto?

E, contudo, não quero morrer.

Renia acordou com a aurora. Dias e noites no campo, um nada absoluto exceto o ocasional ladrar de um cão, e, de repente, soube que não podia continuar ali, a morder grãos que recolhia da terra. Tinha de se mexer, procurar um lugar onde ainda existissem judeus, onde a ideia de si mesma ainda existisse. A arrastar as pernas que lhe pesavam como chumbo, estava perdida e cheia de pena da amiga. Era demasiado, enfrentar aquela provação sozinha. Ao fim de horas a deambular, chegou por fim a uma pequena aldeia.

Tentou desesperadamente melhorar o seu aspeto – que naquela altura significava tudo – antes de procurar a estação mais próxima e apanhar um comboio para uma povoação onde conhecia um trabalhador dos caminhos de ferro: um cliente da loja dos pais. Depois de desembarcar, caminhou depressa, apesar da exaustão. A única coisa em que conseguia pensar era quanto desejava lavar-se e parecer-se com as pessoas à sua volta.

De súbito, um milagre. Viu, caída no chão, uma bolsa de mulher. Revistou-a e encontrou algum dinheiro. E também, muito mais importante, o passaporte da proprietária. Agarrou-o, sabendo que era a sua chave para viajar, para seguir em frente.

Atravessou a povoação e pouco depois batia à porta do seu conhecido, as mãos a tremer de cansaço e de medo. O homem abriu, revelando um lar quente, limpo e confortável – uma visão de uma outra vida. O homem e a mulher ficaram encantados por vê-la, mas chocados pela sua coragem e aspeto. «Rivchu, estás com um aspeto horrível», foi a saudação com que a receberam.

«A minha cara está flácida», escreveu Renia, «mas quem quer saber?» O casal deu-lhe sopa de tomate com massa e roupas lavadas. Sentaram-se

os três na cozinha a chorar a sorte da incrível Leah, mãe dela e amiga deles.

Foi então que, através da janela, ouviram o filho pequeno dizer a um vizinho que Rivchu, uma rapariga a quem os pais costumavam comprar roupas e meias, tinha vindo visitá-los.

– É um nome estranho – comentou o vizinho.

– É porque ela é «judia» – respondeu o rapaz.

Os anfitriões de Renia saltaram das cadeiras e enfiaram-na num armário, escondida sob montes de roupas. Renia ouviu as pancadas na porta, as acusações abafadas.

– Não, não, não. – O casal troçou da tola imaginação do filho. – Tivemos uma visita, mas não era judia.

Nessa noite, deram-lhe dinheiro e um bilhete de comboio. Após uma breve trégua de semissegurança em que não se permitia pensar muito, estava de novo na estrada. Só que, dessa vez, estava na estrada com roupas novas e um novo nome: Wanda Widuchowska. Talvez fosse o nome da identificação na bolsa que encontrara; noutro relato, Renia diz que os amigos da família pediram ajuda ao padre, que lhes deu os documentos de uma habitante da povoação de vinte e poucos anos chamada Wanda Widuchowska falecida pouco antes. O homem usou um marcador para esborratar a impressão digital original e pôr a dela por cima.

Os documentos falsos para os judeus polacos incluíam bilhetes de identidade (Kennkartes, que todos eram obrigados a trazer consigo), certidões de nascimento, autorizações de viagem, trabalho, residência, cadernetas de racionamento e certidões de batismo. A maior parte dos judeus tinha um sortido de tudo isto, sobretudo porque, em regiões diferentes, eram exigidos documentos de identificação diferentes. Os melhores eram os verdadeiros, pertencentes a uma pessoa morta ou viva. (Por vezes, a Gestapo telefonava para verificar se tal pessoa constava dos registos da povoação.) Como Renia, os judeus sobrepunham a sua fotografia e/ou impressão digital às originais; por vezes, era necessário replicar o carimbo, ou parte dele, quando apanhava a foto original. Os segundos melhores documentos eram os verdadeiros com nomes falsos. Para os conseguir, precisavam de adquirir ou roubar os formulários em branco, os carimbos e os selos, e, então, submeter o pedido às entidades municipais. Alguns falsificadores forjavam carimbos com borrachas ou pediam documentos municipais

pelo correio – os sobrescritos de resposta vinham com carimbos que podiam ser preservados e usados.

Na sua maioria, os falsos documentos de identificação dos judeus eram totalmente fabricados. O falsificador recebia uma fotografia e tinha de inventar uma identidade. Era melhor quando o primeiro e o último nomes se relacionavam com a verdadeira classe social da pessoa em causa (usavam com frequência nomes que soassem ou tivessem um significado parecido com os verdadeiros, os judeus); se a profissão correspondesse ao aspeto e, se possível, à verdadeira profissão do «cliente», e se o local de nascimento indicado lhe fosse mais ou menos familiar – digamos, para alguém de Varsóvia, Łódź era uma boa escolha. Se alguém tinha um marcado sotaque polaco, o fabricante da identificação podia indicar que a pessoa era originária da Bielorrússia, no Leste. Os documentos fabricados eram os menos fiáveis, dado que uma má falsificação levantava suspeitas do seu portador ser judeu – bem pior do que não ter documentos.

A melhor forma de conseguir identificação falsificada era através de amigos (as mulheres tendiam a ser melhores a pedir favores) ou no mercado negro. Mas, neste último caso, a qualidade era menos fiável, e apesar da despesa, nem sempre se podia confiar no criador; por exemplo, um jovem universitário cuja documentação o identificava como sendo um sapateiro de meia-idade. Como podia ele representar o papel? Além disso, o mercado negro expunha a pessoa à chantagem, uma vez que tinha de revelar a sua verdadeira identidade a um desconhecido. E, como Renia estava a aprender, isso era algo a evitar a todo o custo.

,

Mais um dia, mais uma pequena aldeia. Um lugar totalmente desconhecido. Os proprietários de uma mansão ofereceram-lhe emprego como criada. Ela ponderou por momentos a proposta, mas como podia aceitar? Estava tão cansada, tão fraca. E tinha tanto medo de ser descoberta. Os seus documentos só eram válidos para uma pequena área municipal. Registrar a sua identidade ali significava a morte.

Mais uma longa e dura caminhada, mais uma estação ferroviária. Aquela noite pareceu-lhe particularmente escura, a Lua escondida, as estrelas tão cansadas como ela.

No seu excelente polaco, Renia comprou um bilhete para Kazimierza Wielka, onde ouvira dizer que ainda viviam judeus. Precisava de encontrar uma base, descobrir se a família ainda estava viva.

O comboio arrancou com um solavanco, e, de repente, o sangue de Renia gelou-lhe nas veias.

Um homem olhava-a nos olhos. Soube no mesmo instante que era de Jędrezejów. Tinha-a reconhecido.

Para seu grande alívio, o homem afastou-se, mas, durante algum tempo, as pessoas continuaram a passar pelo seu lugar. «Sim, é ela», ouviu murmurar no escuro. «Para ela é fácil. Não parece judia.»

Renia gelou. Tudo à sua volta se transformou numa mancha confusa. Teve a certeza de que ia desmaiar. Para onde quer que olhasse, via perseguidores. Estava cercada, a afundar-se.

Pôs-se de pé e foi até ao fim do comboio, onde uma pequena plataforma se projetava da traseira da carruagem. O ar frio fustigava-lhe as faces. As faúlhas da chaminé mordiam-na sem piedade. Inspirou fundo. Mas só uma vez. A porta da carruagem abriu-se e o revisor apareceu.

– Boa noite.

Ela soube de imediato que estava a avaliar-lhe o sotaque, para ver se era judia.

– Está muito frio aqui fora e as faúlhas são perigosas – continuou o homem. – Porque não vem para dentro?

– Agradeço-lhe a gentileza – respondeu Renia –, mas as carruagens estão muito cheias e abafadas. Prefiro apanhar um pouco de ar.

Ele olhou para o bilhete, confirmou o destino e desapareceu. Não havia dúvida. Na estação seguinte ia entregá-la à polícia militar alemã, talvez por uma recompensa de uns poucos złotych.

O comboio abrandou ao começar a subir uma colina. Não havia tempo para pensar, para sentir. Agora ou nunca.

Atirou a pequena maleta para a berma e saltou atrás dela.

Durante alguns minutos ficou estendida no chão, inconsciente, mas uma chicotada de frio acordou-a. Apalpou o corpo, certificando-se de que todos os membros estavam nos devidos lugares. Doíam-lhe as

pernas, mas que importava? Tinha salvado a vida e isso era o mais importante.

Apelou a toda a sua energia e avançou pelo meio do escuro desconhecido. O orvalho das ervas acariciava-lhe os pés e aliviava um pouco as dores.

Uma luz ao longe; uma pequena hospedaria. O cão ladrrou, o proprietário apareceu.

– Que quer?

– Vou a caminho da casa de familiares – mentiu Renia. – Não tenho uma certidão que prove a minha origem ariana, e sei que os nazis andam à procura. Preciso de passar a noite num lugar seguro. Se os alemães me vissem durante o dia, perceberiam logo que não sou judia.

O homem pôs a cabeça de lado, num gesto de simpatia, e fez-lhe sinal para entrar. Renia respirou. Ele deu-lhe uma bebida quente e indicou-lhe um monte de feno onde poderia dormir.

– Vai ter de partir de madrugada – avisou. – Não estou autorizado a receber hóspedes sem os registar.

Na manhã seguinte, Renia voltou a partir a pé, mas, pelo menos, tinha repousado, sentia-se revigorada. Continuou a caminhar, incitada pela esperança de que a família continuasse viva; de ter alguma coisa por que viver.

Os judeus de Kazimierza Wielka, sabedores de que a aldeia mais próxima já fora «exterminada», estavam dominados pela tensão. Poucos tinham planos de fuga, poucos tinham dinheiro. Naquela altura, nem mesmo os cristãos mais caridosos ajudavam os judeus, temendo pela vida.

Os nazis haviam decretado que os judeus da povoação não podiam albergar refugiados judeus, e estes obedeciam, na esperança de que ao fazê-lo pudessem escapar à deportação. Renia sabia que isto era uma ilusão, mas que podia ela fazer? Sentia-se nua, sem um teto sobre a cabeça, sem dinheiro. Precisava de trabalhar. Mas como? Como conseguia uma pessoa arranjar trabalho no meio de uma aniquilação?

Deambulou por aquela terra de desconhecidos, consolada apenas pela visão das estrelas de David nas braçadeiras, pelas quais sabia que ainda ali viviam alguns judeus. Uma tarde avistou um membro da milícia judaica e, desesperada, disse-lhe que era «de natureza iídiche». Uma filha de judeus. «Onde posso passar a noite?», perguntou.

Depois de lhe dizer que não deambulasse pelas ruas, o homem deixou-a ficar no corredor de sua casa até de manhã. Renia acabou por conhecer a família, a única casa judaica em que esteve. E eles, por sua vez, eram os únicos que sabiam da sua ascendência judia. Que sabiam quem ela era.

,

No fim, o charme de Renia impôs-se. Passado pouco tempo, conheceu uma rapariga polaca que simpatizou com ela, julgando-a sua compatriota, e lhe arranjou um lugar como criada doméstica em casa de uma família meio-alemã. Renia já desafiara o regime nazi fazendo contrabando, escondendo-se, gizando planos e fugindo; começava agora o seu capítulo de disfarce.

A vida em casa dos Hollander foi uma trégua. Um dia de trabalho, achava ela, era o melhor remédio para as feridas e insultos que suportara ao longo do caminho. Era verdade que continuava a ter de se disfarçar, de fingir a todo o instante ser uma rapariga simples e feliz, de abafar os soluços nas longas noites de insónia, de ocultar a sua agitação com um sorriso. Mas, pelo menos, tinha uma casa temporária. Podia concentrar-se no seu objetivo: encontrar a família.

A patroa adorava-a. De vez em quando, chamava-a e enchia-a de elogios.

– Tive tanta sorte – dizia a senhora Hollander –, por ter encontrado uma jovem tão limpa, trabalhadora, temente a Deus, experiente, sabedora e educada.

Ao que Renia, claro, respondia com um sorriso.

– Venho de uma família rica, instruída – e era meia-verdade. – Mas os meus pais morreram e precisei de encontrar trabalho como doméstica.

Os Hollander davam-lhe prendas, nunca a tratavam como uma criada. A senhora Hollander nunca registou a sua nova empregada doméstica na polícia; talvez suspeitasse que Renia fosse judia. Para não despertar mais suspeitas, Renia adotou uma estratégia agressiva, lamentando o facto de não ter roupas adequadas para a igreja. Como podia ela, uma católica praticante, cumprir os ritos da sua religião? Os Hollander

ofereceram-lhe roupas novas. Só que isto criava um novo problema: teria de ir à igreja.

Naquele primeiro domingo, vestiu-se apressada, a tremer. Apesar de ter crescido entre crianças polacas na escola e no recreio, nunca assistira a uma missa e fazia uma ideia muito vaga das tradições católicas; e, claro, desconhecia os hinos e orações. E se o seu comportamento denunciasse o engano? A sentir-se agoniada quando entrou no edifício, temia que toda a gente estivesse a olhar para ela, que todos percebessem a fraude. «Aonde quer que vá», escreveu, «tenho de representar um papel.»

Com o coração a bater descontroladamente, juntou-se à congregação nos bancos compridos, a perguntar-se o que diriam os pais se a vissem ali. Não tirava os olhos dos que a rodeavam, imitava-lhes todos os gestos. Quando eles se benziavam, ela benzia-se. Quando eles se ajoelhavam, ela ajoelhava-se. Quando eles rezavam aos céus com toda a devoção, ela fazia o mesmo. «Nem sequer sabia que era tão boa atriz», refletiria mais tarde, «tão capaz de fazer um papel e imitar.»

O serviço terminou e toda a gente se encaminhou para a porta. Renia observava os mais pequenos gestos. As pessoas beijavam a imagem de Jesus, ela beijou a imagem de Jesus.

Lá fora, no ar limpo e fresco, foi invadida pelo alívio. Os Hollander e todos os seus vizinhos tinham-na visto na igreja, testemunhado as suas sinceras orações. Fora uma representação magnífica, e ela passara.

,

E então, outro milagre. Bem-aventurança, pura bem-aventurança.

Escrevera uma carta a Sarah, a sua irmã, a qual, da última vez que soubera dela, estava num kibbutz do Liberdade, em Będzin. Mesmo no horror de 1942, continuava a funcionar um serviço postal mais ou menos fiável gerido pelos Judenrats; o homem da milícia colocara-a no posto no correio.

Agora, alguns dias mais tarde, recebia uma resposta – de Sarah! –, com as notícias mais maravilhosas do universo: os pais, irmãos e irmãs estavam vivos. Tinham encontrado refúgio na floresta a oeste de

Wodzisław, perto de uma vila chamada Miechów. Aaron, entretanto, continuava no campo de trabalho.

Quando Renia acabou de ler a carta, as suas lágrimas haviam encharcado o papel.

Embora exultante por os seus entes queridos estarem vivos, Renia achava insuportável a ideia de viverem numa floresta, ao frio do fim do outono. Como podia ela desfrutar de uma cama limpa e quente numa casa semialema enquanto eles passavam fome e frio? Imaginava o pequeno Yankeleh, um rapazinho tão inteligente, destinado a ser um adulto notável, a tiritar e cheio de fome. A ânsia de estar junto dele dominava-a.

Vivia dia a dia, hora a hora, à espera, preocupada. E então chegou uma carta dos pais.

Mais uma vez, a excitação desta notícia veio acompanhada por uma dor pelo que sofriam. Moshe e Leah viviam na miséria, sem um teto para os cobrir, mortos de fome. Yankeleh, escreviam, tentava animá-los, dar-lhes uma razão para viver. Nada sabiam das duas irmãs que fugiram para Varsóvia. Renia sentia-se doente de impotência.

Escreveu de imediato a Sarah e a Aaron, a pedir-lhes que ajudassem os pais. Os dois irmãos conseguiram convencer alguns agricultores das proximidades a entregar-lhes uns poucos abastecimentos, por um preço exorbitante.

Chegaram mais cartas de Sarah. Leah e Moshe ficaram encantados por saber que ela estava viva e de boa saúde. Mas temiam que fosse demasiado perigoso para ela continuar ali sem os documentos adequados – o passaporte que encontrara na bolsa não era válido naquela área. Renia sabia que o mais provável era a sua família ter razão: se e quando a senhora Hollander decidisse – era sempre uma possibilidade – denunciá-la à polícia, ficaria exposta.

E assim Renia decidiu: chegara o tempo de visitar Sarah. De ir a Będzin e ao kibbutz do Liberdade.

Capítulo 8

Transformar-se em pedra

Renia

OUTUBRO DE 1942

Sarah tratara de tudo.

Estava um luminoso dia de outono e Renia regressava da igreja, como uma normal rapariga católica. Ao chegar a casa dos Hollander, encontrou a irmã com o milícia que a acolhera.

– Está cá uma passadora de «Będzin» – sussurrou Sarah.

– Já? – O coração de Renia saltou-lhe para a garganta. Tinha chegado o momento.

Sarah contratara uma mulher para ajudar a irmã a atravessar a fronteira do Governo-Geral para a parte anexada pelo Terceiro Reich. No caminho, passaria por Miechów, a povoação onde os judeus que tinham sido capturados há pouco tempo – entre os quais se incluía a sua família – estavam de momento encurralados. Doía-lhe o coração com a ânsia de os ver. Estava decidida a parar lá. Naquele dia, ia finalmente ver os pais e o seu querido e doce Yankelch.

Serviu o jantar aos Hollander num estado de sobre-excitação, os membros leves, as faces coradas, o coração estuante de energia. A senhora Hollander notou-lhe o ar feliz, tão invulgar nela.

Nessa noite, depois de ter falado com a família do milícia, Renia abordou a patroa.

– A minha tia adoeceu – disse. – Pediram-me que regressasse rapidamente para cuidar dela durante alguns dias.

A senhora Hollander compreendeu, claro. Porque não haveria de acreditar na sua melhor empregada?

O Sol brilhante transformou-se em nuvens e chuva, e, então, a escuridão da noite instalou-se. Silêncio absoluto. Renia, no papel de «Wanda» dos documentos encontrados, esperou pelo comboio, o coração a bater descompassadamente. Mesmo quando a composição já corria a toda a

velocidade, cada momento parecia uma hora. A sua mente imaginava, uma e outra vez, a cena de alegria: como os rostos dos seus pais resplandeceriam quando a vissem.

E, no entanto, porque teria no estômago aquela dor de mau augúrio?

Chegaram a uma pequena estação.

– É Miechów? – perguntou em voz baixa à passadora não judia.

– Ainda não. Em breve, em breve.

E então era em breve.

– Esta?

– Não podemos apear-nos em Miechów.

– O quê? Porquê? – Renia estava petrificada.

– Ia tornar a viagem demasiado difícil – sussurrou a passadora. Renia preparava-se para protestar quando a mulher acrescentou. – Não tenho tempo para te levar.

Renia argumentou. Uma recusa não era opção.

– Prometo – disse a passadora, para a acalmar – que logo que chegarmos a Będzin volto a Miechów. Tirarei de lá os teus pais e o teu irmão e levar-lhos-ei a Będzin.

Renia fez finca-pé.

– Não. Tenho de vê-los agora.

– Ouve – disse a passadora, inclinada para ela –, a Sarah foi perentória: não podes ir a Miechów. Não posso levar-te lá.

Enquanto a locomotiva resfolegava por entre campos e florestas, Renia dava voltas à cabeça. Não tinha muito tempo para decidir. Devia deixar a passadora, sair do comboio, ficar ali e tentar atravessar a fronteira mais tarde, sem ajuda? Mas Sarah era mais velha e sabedora, mais competente. E fazia todo o sentido atravessar a fronteira o mais depressa possível, deixar para trás a parte mais perigosa da viagem.

Passou pela estação de Miechów colada ao banco, o coração pesado, o cérebro numa bruma.

Ficou alguns dias em casa da passadora, em Czeŝtochowa, a petiscar, a dormir mal, ansiosa, a acordar sobressaltada por pensamentos frenéticos. Tinham passado vários anos desde a última vez que vira a irmã – uma vida inteira. Como estaria Sarah agora? Iriam reconhecer-se? Conseguiria atravessar a fronteira? Renia sentia-se estranhamente confortável naquela parte da Polónia, onde era uma desconhecida. O facto de ser estrangeira era um trunfo: ninguém a reconheceria. Tinha enterrado o seu judaísmo ainda mais fundo.

,

A travessia da fronteira fez-se sem incidentes. Uma vez em Będzin, Renia lançou-se pelas ruas que trepavam a colina em direção ao castelo, passando pela coloridas e ornamentadas fachadas da povoação, pelas varandas redondas art déco e pelas gárgulas e balaustradas beaux-arts que falavam da glória daquela área antes da guerra. A caminho do kibbutz do Liberdade! Cheia de otimismo, a jovem de dezoito anos subiu os degraus a correr e abriu a porta. Viu um átrio cheio de Sol e uma sala onde estavam homens e mulheres jovens, todos vestidos com roupas limpas, sentados à volta das mesas, a ler. Parecia tudo tão normal.

Mas onde estava Sarah? Por que razão não via a irmã?

Um jovem apresentou-se-lhe: Baruch. Como todos os que ali estavam, sabia quem ela era. Renia fez uma pausa para inspirar fundo. Que bom ser ela própria.

Baruch pareceu-lhe simpático, desembaraçado e cheio de vida. Fê-la subir mais dois lanços de escadas até aos alojamentos. O quarto estava silencioso, escuro. Entrou, hesitante. Então, ouviu um gemido abafado.

Era Sarah, deitada na cama. Sarah!

Baruch pegou no braço de Renia e levou-a para mais perto.

– Sarah – disse em voz baixa –, gostavas que a Renia viesse visitar-te?

Sarah saltou da cama.

– Renia! – exclamou. – És tudo o que me resta no mundo. Estava morta de preocupação contigo.

Os beijos e os abraços de Sarah eram quentes na pele de Renia. As lágrimas caíam na enxerga. Não obstante a sua fraqueza, a rapariga mais velha levou a irmã para a cozinha e deu-lhe de comer. À luz da cozinha, Renia viu como o rosto da irmã se tornara esquelético, só ossos e arestas. Tentou não pensar em como, anos antes, Sarah tinha conseguido documentos para emigrar para a Palestina. O proprietário da sapataria onde ela trabalhava chegara inclusive a oferecer ajuda financeira, mas o pai fora demasiado orgulhoso para pedir aos parentes o resto do dinheiro necessário. Por isso, ela ficara. Parece tão mais velha, notou Renia, perturbada. O rosto de Sarah não era o de uma mulher de vinte e sete anos. Mas ao ver a irmã preparar-lhe uma refeição, cheia de entusiasmo, pensou: Ela ainda é jovem de espírito.

,

As irmãs necessitavam de um plano para salvar os pais, passaram dias a debater ideias, mas não havia nenhuma que fosse boa. A promessa da passadora de ir buscá-los revelara-se uma mentira, uma traição em que Renia recusava pensar muito com receio de que a fúria a consumisse. Ela e Sarah enfrentavam uma infinidade de problemas. Para começar, o kibbutz não tinha lugar para os Kukielka. E, além disso, o preço exigido para os trazer era exorbitante. Impossível.

Então, chegou uma carta dos pais cujo conteúdo as horrorizou.

Moshe e Leah passaram os últimos dias num bairro pequeno e sujo de Sandomierz, uma povoação a leste de Miechów, a viver como animais. Os judeus estavam amontoados em minúsculas divisões bafientas, onde dormiam no chão ou em finas enxergas de palha. Não tinham comida nem combustível para se aquecerem. Os seus dias eram cheios de medo: deportação, extermínio, execução, o gueto inteiro podia ser incendiado. Qualquer destas atrocidades, a qualquer momento.

Também Yankeleh escreveu uma carta, a pedir às irmãs que o levassem para Będzin, mesmo que fosse só por algum tempo. Tudo o que queria era estar com elas, as únicas pessoas com quem podia contar. Apesar dos horrores inumanos a que assitira, continuava a agarrar-se à vida. «Os nossos pais podem fazer o impensável e suicidar-se», escreveu. «Mas enquanto estiver com eles, mantê-los-ei sãos de espírito.» Todos os dias fugia do gueto para tentar conseguir algum dinheiro. Cada grosz que recebia contribuía para os 120 złotych que tinham de pagar todas as noites para dormir num chão de madeira nua, apertados como

sardinhas em lata. Mãe, pai e filho aqueciam-se uns aos outros, «enquanto os vermes comem a nossa carne», descrevia Yankelch. Há meses que não mudavam de roupa, incluindo a interior. Não havia detergente, nem água corrente.

Enquanto os seus olhos galopavam pelas palavras, Renia sentiu-se doente. Que podia ela fazer? Passou várias noites sem dormir, aterrorizada pela ideia de que o fim estava a chegar para todos eles.

E, então, a última carta, o derradeiro adeus: «Se não sobrevivermos», escreviam o pai e a mãe, «por favor, lutem pelas vossas vidas. Para que possam dar testemunho. Para que possam contar como os vossos entes queridos, o vosso povo, foram assassinados por pura maldade. Que Deus vos proteja. Vamos morrer sabendo que hão de viver. O nosso grande desgosto é a sorte do Yankel, o vosso irmão mais novo. Mas não vos acusamos de nada. Sabemos que fariam tudo para nos salvar. É este o nosso destino. Se é esta a vontade de Deus, temos de aceitá-la.»

Como se isto não fosse o suficiente, a carta também referia da sorte das outras duas irmãs, Esther e Bela. Tinham parado em Wodzisław e, adivinhando uma rusga, esconderam-se numa latrina exterior. O filho da dona da casa, um rapaz de dezassete anos, aparecera para se servir das instalações, descobrira-as e alertara a Gestapo.

Enviaram-nas para Treblinka.

Perdido. Tudo perdido.

Mas Renia não chorou. «O meu coração», escreveu mais tarde, «transformou-se em pedra.»

Foram dias horríveis para Renia. «Sou uma órfã», repetia para consigo, a doentia realidade a assentar. Sentia-se desorientada, como se tivesse perdido a memória, a noção de lugar, de si. Precisava de realinhar o seu ser, de recordar a si mesma que agora vivia para a irmã, para os camaradas. Eram eles a sua nova família. Se os não tivesse para lhe proporcionarem uma âncora, uma noção de realidade e de identidade, teria enlouquecido.

Então, as raparigas perderam o contacto com Aaron. Dizia-se que fora transferido para a fábrica de armamento em Skarżysko-Kamienna, onde os judeus eram obrigados a fazer um trabalho brutal a troco de um pedaço de pão e água fria. Mais de 25 mil homens e mulheres judeus foram levados para aquele campo de trabalho; a vasta maioria não sobreviveu às condições insalubres e à exposição a produtos tóxicos que lhes tornavam o cabelo verde e a pele encarnada. Aaron, soube

Renia, contraiu tifo. Os chefes gostavam dele, o que o salvou de uma execução imediata, mas a sua saúde era frágil. Sendo um «improdutivo», quase não o alimentavam.

E no entanto.

Renia e Sarah estavam vivas. Eram sombras de si mesmas, formas vazias, mas mesmo assim vivas. E como acontecia com tantos jovens judeus que perderam os pais, a recém-descoberta liberdade trazia consigo desgosto e culpa, mas também energia. Os laços que as prendiam à vida normal haviam sido cortados; já não eram responsáveis por mais ninguém. Para poderem viver, conservar alguma noção de espírito humano, precisavam de manter-se ativas, aliviar a dor intensa e esmagadora, tinham de mergulhar num trabalho exigente capaz de evitar a introspeção.

«Se estou destinada a cair», dizia Renia, repetindo o mantra de resistência de Abba Kovner, «não morrerei sem saber porquê, como uma ovelha mandada para o matadouro.»

O seu zelo espevitou um fogo que já ardia entre a juventude de Będzin.

Capítulo 9

Os corvos negros

Chajka e Renia

OUTUBRO DE 1942

Chajka Klinger corria pelas ruas e becos de Będzin. Era a sua primeira missão. Na sacola, levava papéis proibidos. Prendia os seus cabelos castanhos, curtos e encaracolados atrás das orelhas. Os seus olhos vigiavam, o coração batia com força. Cada passo era puro perigo, mas também continha uma cautelosa alegria. Ia distribuir notícias a respeito de ações de guerrilha, de deportações em massa e de política. A verdade. Com uma mão que tremia, colou um daqueles papéis numa porta, e a seguir entregou outro a um transeunte. Até se aventurou fora da área judaica.

Finalmente, estava a fazer qualquer coisa!

Na Będzin a que Renia chegou já fervilhava o espírito da resistência. Chajka Klinger, de vinte e cinco anos, era uma das suas mais fervorosas proponentes.

,

Nascida em 1917, no seio de uma família hassídica pobre de Będzin, Chajka era inteligente e fogosa, astuta e apaixonada. A família vivia das parcas receitas da mercearia da mãe; o pai passava o dia a estudar o Talmude e a Torá. Chajka obtivera uma rara bolsa de estudos para frequentar o Liceu Judaico de Furstenberg, uma credenciada instituição de ensino secular, onde se tornara fluente em várias línguas e sonhara vir a ser uma intelectual. Będzin, com a sua considerável população judaica de classe média, fora um primeiro berço de muitos movimentos sionistas. Relativamente livre de antissemitismo nos anos de 1930, a vila era o apaixonado centro nevrálgico de uma dúzia de grupos juvenis. A escola de Chajka, um farol para a comunidade abastada e liberal de Będzin, apoiava o sionismo socialista, e, fora dos seus muros, Chajka deixou-se

cativar completamente pelo rigor intelectual e as filosofias do A Jovem Guarda – uma escolha rara entre os seus pares devido à rigidez do grupo.

A Jovem Guarda, que inventou o modelo do «grupo íntimo», misturava o desejo de uma pátria judaica com marxismo, um romantismo pesado e a crença no estado superior da vida e da juventude na natureza para conseguir uma mente e um corpo sãos. Liam uma profusão de revolucionários europeus, promoviam uma cultura de conversação e autoatualização e almejavam criar um novo tipo de judeu. Empenhado na verdade, o grupo tinha os seus dez mandamentos, incluindo leis de pureza: era proibido fumar, beber ou ter relações sexuais. O estudo psicanalítico da sexualidade era encorajado, mas o ato considerado uma distração excessiva da causa coletiva.

Chajka, com as suas camisas de colarinho e os seus óculos de aros metálicos, adotou com zelo estas perspetivas radicais, vendo o A Jovem Guarda como um movimento avant-garde que, a seu tempo, lideraria a nação judaica numa revolução social e nacional total. Em rebelião contra o seu próprio passado, sentia-se totalmente sintonizada com o mantra de conflito intergeracional do grupo. Além disso, o seu primeiro namorado era um membro dedicado. Chajka era extrovertida, sensível, e estava sempre a apaixonar-se.

Dedicada, era uma severa crítica dos outros, mas também de si própria quando sentia não ter estado à altura dos elevados padrões do movimento. Em pouco tempo, tornou-se conselheira, depois editora e líder regional do movimento.

O namorado fora mobilizado para o exército polaco. Enquanto cumpria o serviço militar, Chajka deu pela existência do alto e magro David Kozlowski, um camarada sempre com os bolsos cheios de jornais e que sofria de uma gaguez horrível. Conheceram-se na biblioteca quando a bibliotecária recusou dar um livro a Chajka porque David o queria, e ele era o principal leitor. David sorriu-lhe. Aborrecida, ela fingiu não o conhecer. (David nunca lho perdoou.) Então, ele submeteu um poema ao jornal que ela editava, e Chajka ficou avassalada pelo seu lirismo e sentimento. De repente, reparou em como os encovados olhos de David eram de um castanho aveludado, de quanta dor havia neles. «Os olhos de um sonhador.»

No fim dos anos de 1930, juntaram-se os dois a um kibbutz como preparação para a aliyah; foi uma decisão significativa para David, cujos pais, membros da elite, o proibiam, e para Chajka, sabedora de que estaria a desistir das suas ambições intelectuais por uma vida de austeridade a trabalhar na terra. O sensível e desmazelado David, em teoria um esquerdista fervoroso, suportou uma dura proletarização.

Podia escrever poesia a respeito da China de Chen, da União Soviética e da Revolução Espanhola, mas não suportava a monotonia de ficar sentado atrás de uma máquina de costura. Chajka, uma romântica incurável, sentia ser seu dever ajudar aquele «delicado salvador», «aquela jovem árvore» a florescer, e apoiou-o até que ele se tornou um líder espiritual do grupo. Deviam mudar-se para a Palestina a 5 de setembro de 1939.

Quatro dias antes, quando os nazis atacaram a Polónia, Chajka tentou escapar do país, não com a família, mas com David. Calcorream estradas apinhadas, saltaram de um comboio bombardeado pela aviação, e evitaram balas atrás de bombas atrás de árvores caídas. Mas não conseguiram sair. Preparavam-se para fugir até ao Leste quando chegou uma mensagem do quartel-general do A Jovem Guarda a ordenar-lhes que se dirigissem a Będzin e ressuscitassem o movimento. Se a comunidade judaica ficava na Polónia, o A Jovem Guarda também ficava para «viver, crescer e morrer com ela». Como líderes locais, Chajka e David obedeceram à ordem. No entanto, ficaram chocados pela brutalidade dos nazis; para Chajka, a Alemanha era uma cultura iluminada, e estava à espera de um regime progressista.

Como a região de Zagłębie fora anexada pelo Terceiro Reich em vez de integrar o Governo-Geral, o ambiente era mais propício à aprendizagem. Os judeus daquela área estavam obrigados a trabalhar nas fábricas alemãs. Zagłębie, um termo que significa «das profundezas» e se refere às reservas mineiras, era uma rica região industrial, e aí foram instaladas dezenas de fábricas têxteis que produziam roupas, uniformes e calçado. O trabalho nestas «oficinas» não era fácil. «Do outro lado da janela, as macieiras e os lilases estão em flor», escreveu uma adolescente a respeito dos seus dias, «e nós temos de ficar sentadas nesta sala sufocante e fedorenta a coser.» Os judeus trabalhavam por salários miseráveis e restos de comida, mas as condições eram muito melhores do que nos campos de trabalho, e vários proprietários protegiam a sua mão de obra barata da deportação.

Um notável exemplo é o de Alfred Rossner, um industrial alemão que nunca aderiu ao partido nazi. Depois da ocupação, mudou-se para Będzin a fim de assumir o controlo de uma das fábricas pertencentes a judeus e que empregava milhares de pessoas. A oficina de Rossner, que manufaturava uniformes nazis, era considerada indispensável. Cada trabalhador tinha um passe Zonder amarelo que o/a punha e a mais dois parentes a salvo da deportação. Como o agora famoso Oskar Schindler, Rossner protegia e tratava com bondade os seus

trabalhadores judeus; no fim da guerra, avisava os judeus das deportações e chegou a ir tirá-los diretamente dos comboios.

Chajka reinstituiu e liderou A Jovem Guarda local com o namorado, David, e várias outras mulheres – entre elas, duas irmãs, Leah e Idzia Pejsachson, cujo pai, membro do Bund, participara na Revolução Russa. O grupo de amigos reunia-se clandestinamente em casas particulares. Uma vez que a aliyah era impossível, o principal objetivo passara a ser ensinar aos jovens língua e alfabetização, cultura, ética e história. Não obstante o seu próprio desapontamento, Chajka meteu mãos à obra, focando-se nas creches, nos orfanatos e nas crianças dos dez aos dezasseis anos que, receava ela, estavam abandonadas e na miséria, sem terem quem cuidasse delas. Sujos e sem supervisão, os miúdos contrabandeavam pretzels, pãozinhos, doces, atacadores de sapatos e corpetes, e vendiam-nos na rua. Chajka não elaborara um plano (uma falha de que, como era típico dela, não parava de se recriminar), mas tinha muito zelo, e começou pelas crianças mais pobres; arranjava-lhes sapatos e roupas, lavava-as e dava-lhes almoço. Propôs ao Judenrat que criasse centros de dia para ajudar os pais que trabalhavam. O A Jovem Guarda planeou tudo, mas o Judenrat assumiu o controlo. Mesmo assim, Chajka ficou feliz por as crianças estarem a ser cuidadas. Um dia, aqueles jovens órfãos e refugiados iriam, esperava ela, implementar os ideais do movimento.

No primeiro inverno da ocupação, o A Jovem Guarda de Będzin organizou uma festa do Purim. Por tradição, o Purim era um feriado cheio de alegria durante o qual os judeus se mascaravam, montavam pequenas peças satíricas (os shpiels do Purim), liam o rolo da festa e rodavam as matracas, conhecidas como graggers, para abafar qualquer referência a Haman, o malvado ministro persa que planeava matar todos os judeus do país. Os judeus celebravam a rainha Ester, que se disfarçou de rainha não judia e usou a sua inteligência e astúcia para convencer o rei Assuero a cancelar os planos de Haman.

O orfanato judaico de Będzin estava à cunha, com dezenas de crianças que envergavam as suas melhores roupas e riam. Chajka mantinha-se ao fundo da sala, a alternar entre a delícia e a vigia, como uma guarda prisional. Os seus olhos escuros brilharam de orgulho quando Irka, a terceira e mais nova das irmãs Pejsachson, liderou o grupo numa cerimónia da festa. As crianças entraram a cantar alto. Escreveram e representaram as suas peças a respeito de Israel e da dura vida nas ruas, um milagre do Purim. Então, o espaço foi rapidamente transformado e deu-se início a uma reunião com 120 membros do A Jovem Guarda, todos de camisa cinzenta ou branca. Os camaradas cantaram o seu mantra em uníssono: «Não nos deixaremos guiar

cegamente pela fé. Escolheremos o nosso caminho.» Chajka nem queria acreditar que tivesse aparecido tanta gente, sobretudo no meio de uma guerra.

O kibbutz do Liberdade em Będzin, que antes da guerra alojava 60 membros, tornou-se um centro social para todos os movimentos. Organizava coros, aulas de hebraico e uma biblioteca, além de programas para crianças. Sarah, a irmã de Renia, era uma trabalhadora dedicada nesta frente, revelando uma paixão pela família que herdara da mãe. Cuidava das crianças e ajudava a gerir o orfanato do kibbutz, chamado Atid, a palavra hebraica para «futuro». As fronteiras relativamente porosas da vila de Będzin – não havia um gueto murado e o seu serviço postal chegava à Suíça e a outros países – tornavam-na um centro de educação e treino. Frumka percorria com frequência a viagem de 320 quilómetros de Varsóvia até lá para organizar seminários, e o mesmo acontecia com os líderes do A Jovem Guarda.

No auge, estas atividades clandestinas envolviam dois mil jovens judeus e ocorriam numa quinta próxima. O Judenrat dera aos sionistas 30 campos e jardins, além de cavalos e cabras, para lavar, semear e cuidar. Fotografias mostram jovens de vários grupos com bonés e lenços – e sem estrelas de David – a sorrir enquanto ceifam a colheita ou dançam a hora. Imagens de Sarah Kukiełka mostram-na numa festa ao ar livre entre dezenas de camaradas sentados à volta de grandes mesas, cobertas por toalhas brancas, a celebrar o aniversário do falecido poeta judeu Chaim Nachman Bialik.

Os jovens organizavam serões memoriais, em que se sentavam no campo, cantavam a respeito de liberdade, partilhavam recordações e falavam contra o fascismo. «Juntavam-se centenas para o Sabat», escreveu Chajka, «à procura de um espaço para respirar, à procura de um pedaço de relva verde.» A quinta, «onde os vasos na parede brilhavam como se fosse uma festa», era o seu rejuvenescimento, a reflexão, o ponto de renovação.

No outono de 1941, o A Jovem Guarda de Będzin estava no seu apogeu, e Chajka era a sua mãe.

,

Então, uma noite, uma rusga. As noites anteriores tinham sido de terror. Ninguém dormia, incluindo Chajka. Ficavam atentos ao martelar das

botas e aos apitos dos soldados vindos para os raptar e enviá-los para campos de trabalho onde as condições de vida eram desumanas e a doença grassava. Naquela noite, aconteceu de verdade. Chajka esperou que eles ignorassem aquele prédio, mas não. Estavam aos murros à porta, prontos para desfazer o porteiro em pedaços por demorar tanto a abrir. Esperou que passassem ao largo do seu apartamento, mas eles estavam lá dentro, a rebuscar todos os cantos.

– Veste-te – ordenaram a Chajka. A mãe dela chorava, a suplicar aos nazis que a deixassem em paz.

– Cale-se – gritou-lhe Chajka. – Não se atreva a suplicar-lhes ou humilhar-se diante deles! Eu vou. Fique bem.

No exterior, a escuridão era absoluta e Chajka teve dificuldade em ver os camiões, as outras raparigas. Só conseguia ouvir os portões abrirem-se. Os alemães dispuseram as raparigas em filas e levaram-nas para o enorme edifício da escola municipal. Tantas raparigas: duas mil jovens.

Chajka começou de imediato a procurar as amigas. Leah, Nacia, Dora, Hela – as camaradas estavam todas ali. Como as tinham posto no segundo piso, considerou a possibilidade de saltar pela janela, mas espreitou para o exterior e viu guardas por todo o pátio.

Pela manhã haveria uma seleção seguida de deportação. De momento, Chajka e as camaradas queriam lidar com o caos instalado. Havia muito barulho, como numa praça de mercado. As raparigas de Będzin estavam apertadas umas contra as outras, os rostos quase a tocar-se. Um mar de cabeças, a chorar, a gritar, a rir histericamente, um sufoco assustador.

Leah Pejsachson pôs mãos à obra. A forte e formosa colíder de Chajka no A Jovem Guarda era sempre a primeira a acordar, pelas cinco da manhã, pronta para debulhar, lavrar e conduzir o trator, incitando os outros: «A pé, preguiçosos!» Agora, Leah andava de divisão em divisão. Procurava pessoas que conhecesse, e pelo caminho ia abrindo janelas para que as mulheres não sufocassem. Ouviu choros desesperados de crianças. Com a ajuda de Nacia, juntou-as todas num canto, penteou-lhes os cabelos, deu-lhes pão. «Não chorem», disse às raparigas. «Eles não merecem as vossas lágrimas. Isto é uma humilhação! Não vão mandá-las para longe, são demasiado novas.» Nacia certificou-se de que os nazis verificavam as idades de todas elas e conseguiu que as libertassem.

De manhã, começou a classificação. Uma a uma, as mulheres apresentavam ao comissário alemão o seu certificado de trabalho. As que trabalhavam na fábrica de armamento foram libertadas.

Apesar de ter sido uma das primeiras a ser libertada, Leah não fugiu. Em vez disso, esperou ali perto pelas raparigas e pediu-lhes os papéis de trabalho. Em seguida, enviou-os de volta ao interior do edifício, para as que não tinham documentos válidos. Ficou no exterior todo o tempo que o processo demorou, «a andar de um lado para o outro», escreveu Chajka, e ajudou um grande número de raparigas a escapar.

Terminada a seleção, os alemães verificaram que tinham ficado aquém da quota exigida e começaram a percorrer as ruas, capturando quaisquer mulheres que permanecessem na área. Leah estava entre elas. Como nem os documentos de trabalho já lhe valiam, enfiaram-na sem mais delongas no camião.

Foi deportada para um campo de trabalho – a primeira do seu grupo. «Sentimos imenso a sua falta», escreveu Chajka. «Tal era a forte ligação que criámos com ela.»

Leah escrevia cartas do campo, a falar de fome e espancamentos, mesmo para as mulheres. «Anseio estar convosco, mas estou bem aqui», garantia-lhes. Trabalhava metade do dia na cozinha e a outra metade na enfermaria. Mesmo com a vigilância atenta dos nazis, conseguia roubar pão para os prisioneiros cujos rostos cor de cinza prenunciavam a morte. Sabia que os de ombros largos e corpos fortes podiam suportar as parcas rações, mas os homens pálidos que chegavam diretamente de uma yeshiva e recusavam comer carne que não fosse kosher precisavam de alguém que os ajudasse. Onde ia ela arranjar a comida?, perguntava-se Chajka. Como a distribuía sem que os alemães dessem por nada? «Nem os campos nem o vento sabiam», escreveu Chajka. Trabalhar como enfermeira era difícil, mas Leah sabia que tinha de ficar, por ser útil a muita gente, embora imaginasse que ia acabar na prisão.

A cozinha não era melhor. As cozinheiras aceitavam subornos e presentes, e davam as melhores rações às amigas. Leah tentou apelar às suas consciências, pregando e moralizando: «Não pode continuar assim.»

«Leah», escreveu-lhe Chajka, «não estás sozinha na tua luta. O mesmo combate está a ser travado pela Rachel em Gutan-Bricke, pela Sarah em Markstadt e pela Guteh em Klatendorf.» As judias de Będzin estavam em todo o lado, a contrabandear, a roubar, a salvar.

Não obstante o estatuto especial da região, a situação em Zaglembe deteriorou-se significativamente. O trabalho já não era o derradeiro salvador. Depois de uma pequena Aktion de deportação em maio de 1942, os alemães chegaram em força em agosto, na mesma altura em que aconteciam as grandes deportações de Varsóvia. No dia seguinte, os judeus de Będzin foram chamados a comparecer no estádio de futebol para uma verificação de documentos. Os movimentos juvenis estavam desconfiados e aconselharam os judeus a não aparecer; sabendo disto, os nazis encenaram uma falsa verificação de documentos numa povoação vizinha na tentativa de convencer toda a gente de que não havia perigo. Depois disto, o ZOB debateu se seria ou não seguro comparecer. Por fim, os membros decidiram ir. Chajka também.

Milhares encaminharam-se para o estádio às cinco e meia da manhã. Sentaram-se nas bancadas, bem-humorados, vestidos como se fossem para uma festa – como o Judenrat os encorajara a fazer –, até repararem que estavam cercados por soldados armados de pistolas-metralhadoras. Pessoas desmaiavam, as crianças choravam. Não houve uma gota de água para combater a sede extrema das pessoas até que uma longa chuvada os deixou a todos ensopados. Às três da tarde, a seleção começou. Voltar a casa. Ir para trabalhos forçados. Mais inspeção. Ou deportação e morte. O Judenrat, não querendo irritar os nazis, mentira ao seu povo.

Quando as pessoas perceberam o que as três filas significavam, e viram famílias ser separadas, foi o caos. Muitas tentaram mudar de fila. Foi então que os alemães começaram «a divertir-se», escreveu Chajka, separando cruelmente pais e filhos – um para a vida, outro para a morte –, espancando as pessoas com as coronhas das espingardas, arrastando mães frenéticas pelos cabelos.

Tinham sido arrebanhados 20 mil judeus, dos quais 8 a 10 mil estavam agora encurralados na cantina, no orfanato e num outro edifício do Judenrat a aguardar deportação sabia-se lá para onde. Os SS impediam que lhes fossem entregues comida ou medicamentos. As pessoas começaram a suicidar-se.

Porém, como sempre, os líderes da juventude de Będzin não se limitaram a aceitar a sua sorte. Sabiam que milhares de judeus excediam em número a polícia do gueto e os SS. Naquela noite, os movimentos decidiram agir. Sem um plano, improvisaram. Membros do Liberdade reuniram as crianças marcadas para deportação e que, a um sinal deles, fugiram a correr a toda a velocidade. Outros apoderaram-se de barretes da polícia judaica, infiltraram-se no meio da multidão e, ao

empurrão e ao pontapé, levaram pessoas para as filas «seguras». Quando o Judenrat convenceu os SS a permitir a entrada de comida, os camaradas, disfarçados com chapéus da polícia improvisados, entraram num dos edifícios e começaram a enviar pessoas para o exterior nos contentores utilizados em entregas de pão ou nos grandes panelões de sopa. Outros tentaram cavar túneis de fuga.

As mulheres do A Jovem Guarda sabiam que precisavam de entrar nos edifícios trancados a qualquer custo. Depressa convenceram o Judenrat da necessidade em montar uma enfermaria no interior do orfanato. Raparigas judias com aventais brancos entraram e espalharam-se por todos os cantos. Aquelas «enfermeiras» confortavam e tratavam dos doentes, mas a sua verdadeira missão era ajudar na fuga do maior número de mulheres possível. Cada uma despia o uniforme branco e entregava-o a uma das cativas, dizendo-lhe: «Veste-te depressa, pega no certificado e, sem mostrar a mais pequena ponta de medo, sai daqui pela porta principal. Ninguém te mandará parar. Depois manda o uniforme de novo para dentro.»

De cada vez que uma «enfermeira» saía do edifício, tinha de ter cuidado com o polícia de guarda ao portão. As raparigas haviam prometido um relógio de ouro a um deles. Mas se fosse o tenente, precisavam de sorrir-lhe e fazer um ar inocente.

Enquanto isto se passava, Irka Pejsachson descobriu um caminho que, partindo do sótão, atravessava um grupo de casas de civis não vigiadas e desembocava no exterior. As raparigas puseram alguém de vigia à porta do sótão e abriram um buraco na parede. Apesar de tremerem de medo, conseguiram enviar judeus cá para fora, um a um. De acordo com um relato, foram libertadas duas mil pessoas.

De súbito, soldados alemães irromperam no edifício, a exigir documentos. Uma das que tinham ajudado não conseguira recuperar o uniforme, outra não tinha papéis. Foram levadas. Como Chajka sabia, «Havia sempre sacrifícios.»

,

Os movimentos juvenis de Będzin, incluindo o A Jovem Guarda e o Liberdade, começaram a trabalhar juntos, impulsionados por estas brutais deportações, por histórias de execuções em massa em Vilna e Chelmino, pelas estimulantes visitas de Tosia, que incitava sobretudo as

raparigas do movimento a aceitar missões e a agir, e também por inspiradores relatos sobre a atividade da resistência em Varsóvia e de ações dos partisans. Testemunharam em primeira mão que, com um pouco de organização, podiam salvar vidas.

No verão de 1942, Chajka recebeu Mordechai Anilevitz, um dos líderes do A Jovem Guarda, proveniente de Varsóvia. Chajka tinha Anilevitz em grande estima, a quem chamava «o orgulho do movimento», com a sua «rara e invulgar capacidade» de ser, em simultâneo, um teórico e um líder prático. «Mordechai era corajoso», acrescentava. «Não por querer ser corajoso, por ser corajoso de verdade.»

No fim do verão, enquanto o gueto de Varsóvia estava a ser exterminado, líderes de vários grupos sionistas juntaram-se na cozinha da quinta de Będzin para ouvir uma palestra de duas horas dada por Anilevitz, com o título «Adeus à Vida». De pé, firme, com a sua camisa de colarinho aberto, contou-lhes o que sabia. Chajka assistiu com o seu namorado David e as irmãs Pejsachson, e toda ela se arrepiou ao ouvir a respeito das câmaras de gás e dos assassinios em massa por asfixia em Treblinka. Mas ele também lhes falou dos esforços de resistência que estavam em curso em Vilna, Białystok e Varsóvia. Anilevitz pedia ação, mortes honrosas, uma visão que apelava ao romantismo de Chajka.

O ZOB de Zagłębie foi então formalmente constituído, um satélite da célula da resistência em Varsóvia com 200 camaradas de vários movimentos. Będzin criara um forte relacionamento com Varsóvia, e foram enviadas correios para recolher informação, planos e armas. Będzin estava também ligada por correio a Genebra, onde se encontrava sediada a comissão organizadora dos Pioneiros. Postais escritos em código eram enviados de Będzin para a Suíça, também com o relato das atividades do ZOB em Varsóvia.

Os postais sobreviventes, escritos por Frumka, Tosia e Zivia a judeus no estrangeiro, estão cheios de códigos secretos. Com frequência, transformavam acontecimentos em pessoas. Por exemplo, para indicar que iam organizar um seminário, Tosia escreveu que «Seminarsky veio visitar-nos [...] e vai ficar connosco durante um mês.» E Frumka narrava: «Estou à espera de visitas dos meus convidados: Machanot e Avodah devem chegar em breve.» Machanot e Avodah são palavras hebraicas para campos e trabalho; referia-se aos campos de trabalho nazis. «E. C. está no hospital em Lemberg» significava que tinha sido preso. «Pruetnitsky e Schitah viveram comigo» – termos hebraicos para pogroms e destruição. Em cartas dilacerantes, Zivia pedia aos judeus norte-americanos que enviassem dinheiro para que «os médicos pudessem ajudar na doença de V. K.» – ou seja, armas para salvar o povo judeu.

O apelo de Anilevitz à autodefesa transformou Chajka. Tornou-se mais radical do que ele, e uma das mais fogosas proponentes do ZOB. «Nenhum movimento revolucionário, e muito menos um movimento de jovens, alguma vez enfrentou problemas semelhantes aos nossos – o facto nu e cru da aniquilação, da morte. Vimo-nos confrontados com isto e encontrámos uma resposta. Encontrámos um caminho [...] hagana [defesa].» Compreendia que o A Jovem Guarda não podia continuar a propor uma filosofia de otimismo radical, e sim de violência. A defesa armada – combater como judeus, ao lado de judeus, deixando um legado judaico – era o único caminho a seguir. Rejeitava todos os planos de fuga ou resgate. «A guarda avançada», escreveu mais tarde, «deve morrer onde o seu povo morre.»

Como Zivia, Chajka sentia-se obrigada a partilhar a verdade, furiosa com os líderes que tentavam ocultá-la. «Tínhamos de abrir-lhe os olhos [da nação], impedi-la de sedar-se com ópio, e mostrar a realidade nua e crua», insistia. «Porque queríamos provocar uma reação.» No seu diário, escreveu: «Só nós, os corvos negros, dizemos que se houver uma campanha, eles deixarão de tratar-nos com luvas de pelica. Acabarão connosco de uma vez por todas.»

Porém, tal como acontecia em Varsóvia, não era fácil formar um corpo militar. Também Będzin tinha falta de armas, de treino, de contacto com os grupos da resistência polaca, e de apoio por parte do Judenrat e da comunidade. Os jovens dispunham de pouco dinheiro e tinham um profundo ressentimento contra os judeus estrangeiros que não ajudavam. Quando o líder do A Jovem Guarda foi morto em Varsóvia e as armas se perderam, Anilevitz teve de voltar para lá, deixando o ramo do ZOB em Będzin no limbo, sem um líder capaz de envolver-se em assuntos de nível superior, à espera de dinheiro e de armas. Os camaradas ansiavam quaisquer palavras de Varsóvia ou da resistência polaca e sentiam-se ociosos, inquietos. Muitos sonhavam juntar-se aos partisanos, preferindo morrer na floresta a serem assassinados nos campos. Por fim, nos derradeiros dias de setembro, Zvi Brandes, um líder que Chajka conhecia bem do hachshara e que respeitava pelos «seus braços musculados, grossos e nervudos», pela sua constituição granítica e pelo seu passo confiante, chegou para ajudar a gerir a atividade clandestina – e para apanhar batatas, quando era necessária mão de obra.

Zvi alterou o foco do falhanço nas tentativas de contactar os partisanos para a defesa e a propaganda. A ação começou de imediato. Formaram grupos de cinco: como no modelo de educação há muito adotado, eram unidades de combate secretas constituídas por cinco membros, cada uma com o seu comandante. Os combatentes planeavam formas de

desafiar e atacar o Judenrat. Publicavam boletins clandestinos, cartas e um jornal diário. Os camaradas que trabalhavam nas fábricas de uniformes imprimiam panfletos em alemão a implorar aos soldados que pusessem de lado as armas; enfiavam-nos nas botas enviadas para a frente.

Foi nesta altura que Chajka saiu para as suas primeiras missões, a correr por ruas e becos, a distribuir folhetos, a dizer a verdade às pessoas, a dizer-lhes que se rebelassem.

,

Com que rapidez as pessoas se habituem a um novo normal. Não obstante o trabalho forçado e as deportações para a morte, a vida em Będzin era «o paraíso» para Renia. O lar comunal parecia tão calmo. Faziam sopa com sobras de legumes e coziavam pão. Trinta e sete camaradas trabalhavam. Muitos tinham autorizações Zonder que lhes permitiam andar de um lado para o outro, protegidos do trabalho escravo e da execução. Devido à escassez de operários, os camaradas saíam todos os dias para trabalhar e, ao fim da tarde, labutavam na lavandaria do kibbutz ou cuidavam da terra. Logo que Renia, a mais nova de todos, chegou, puseram-na a trabalhar na lavandaria, que se tornou propriedade do Judenrat; parece que as camaradas recebiam uma pequena quantia por lavarem uniformes nazis. O tormento que Renia testemunhara na parte da Polónia chamada Governo-Geral não se fazia ainda sentir em Zagłębie.

«Por vezes, olho para os camaradas que vivem aqui comigo e tenho dificuldade em acreditar no que vejo», escreveu mais tarde. «Será verdadeiramente possível que existam aqui judeus a viver como seres humanos, visionários que conseguem ver o futuro?» Estava surpreendida pelo foco de todos eles em Eretz Israel, falando e cantando como se estivessem a sonhar, como se não tivessem consciência das inomináveis atrocidades que aconteciam à sua volta.

E, então, Hantze Płotnicka chegou, trazendo consigo ainda mais espírito positivo. Hantze estivera em Grochów, nos arredores de Varsóvia. A quinta tornara-se um centro da resistência e um ponto de escala para os correios: um lugar onde podiam passar a noite antes de entrar no gueto no dia seguinte e no qual podiam esconder materiais clandestinos. Quando fecharam a quinta, Hantze foi enviada para Będzin. A sua viagem fora repleta de perigos, mas uma vez chegada,

Renia sentiu que todo o grupo começava uma nova vida. Renia estava impressionada pela maneira como Hantze elevava o moral. Conhecia todos os membros do kibbutz e tomava nota dos respectivos pontos fortes. Recusou interromper o trabalho cultural. Depois de um dia de trabalho árduo, reunia os membros para um siche filosófico, ou conversa, e quando falava dos kibbutzim da Palestina, o seu rosto iluminava-se. Ajudava os camaradas nos seus preparativos para a resistência. Mantinha ligações com membros nas áreas circundantes e em Varsóvia, em particular com a irmã, Frumka.

Hantze gostava de falar-lhes das terríveis condições em Grochów, da fome e das perseguições, das refeições cozinhadas com gordura, folhas de couve podres e cascas de batata. A rir, contou-lhes como costumava enganar os alemães, percorrendo a pé o longo caminho até Varsóvia disfarçada de gentia. Quando os camaradas de Będzin se queixavam das dificuldades das suas vidas, escreveu Renia, Hantze provocava-os. «Em Grochów as condições eram muito piores», dizia com um sorriso, «e mesmo assim eles mantinham-se vivos...»

,

Um dia, relatou Renia, os camaradas conheceram um maquinista polaco que lhes contou o que sabia, acrescentando pormenores concretos às vagas histórias que tinham ouvido. Estivera num comboio com destino à povoação de Treblinka, a nordeste de Varsóvia, aonde chegavam comboios vindos de toda a Europa. Poucas estações antes de Treblinka, fora repentinamente substituído por um maquinista alemão – tudo para manter secreto o local dos assassinios em massa. Em Treblinka, os alemães obrigavam os judeus a fazer tudo a correr, para que não reparassem no que os rodeava. Levavam os doentes para uma tenda e matavam-nos a tiro.

Os outros recém-chegados assumiam que tinham sido postos a trabalhar. Os homens eram separados das mulheres. As crianças recebiam pão e leite. Toda a gente tinha de se despir; as roupas eram colocadas num enorme monte. Os alemães davam-lhes sabão e toalhas, e diziam-lhes que se apressassem antes que a água ficasse fria. Os nazis seguiam-nos, a usar máscaras antigás. Então, as pessoas começavam a gritar e a rezar. Os polícias premiam o botão do gás. Os judeus fechavam os olhos, os músculos tensos como cordas esticadas, e sufocavam agarrados uns aos outros num gigantesco bloco petrificado. O bloco era

então separado em pedaços mais pequenos, disse o maquinista, levantados com gruas, carregados em vagões e despejados em valas.

«A terra engole tudo», escreveu Renia mais tarde, «exceto o segredo do que aconteceu.» As histórias, sabia-o, arranjariam maneira de escapar.

,

Frumka levou consigo outras histórias. Como a irmã, fora mandada de Varsóvia para Będzin, originariamente para procurar uma rota até à Palestina através da Eslováquia, na fronteira sul da Polónia; a sua missão era fugir para aí e servir como mensageira da nação. Disfarçada de cristã, Frumka tinha «passado pelo inferno» nos meses anteriores, quando viajava entre Białystok, Vilna, Lvov e Varsóvia. Chegou a Będzin cansada e desfeita – se bem que Renia recorde o dia como um dos mais felizes na vida das duas irmãs: «Lembro-me de como ficaram sentadas durante uma hora inteira a falar de tudo aquilo por que tinham passado.» Irmãs significava tudo.

Frumka passava as noites a contar aos membros do kibbutz as atrocidades que estavam a ser perpetradas por todo o país, dos comités de extermínio constituídos por centenas de ucranianos e homens da Gestapo – com a ajuda de milícias judaicas, mais tarde executadas. Poças de sangue manchavam as ruas do bairro judeu de Vilna. Os assassinos pavoneavam-se com uma alegria demoníaca. Becos, ruas e edifícios de apartamentos estavam juncados de cadáveres. Por todo o lado havia pessoas a gritar e a gemer como animais selvagens. «Não chegará ajuda de parte nenhuma!», lamentava-se Frumka. «O mundo abandonou-nos.» Os seus relatos eram tão horrendos e vívidos que Renia não conseguiu tirá-los da cabeça durante dias. Esteve presente em todas as frequentes reuniões, em que Frumka pedia apenas uma coisa a cada um dos membros: defesa!

Renia, contagiada pela dedicação de Frumka, via «a mãe» carregar aos ombros o peso do kibbutz ao mesmo tempo que chamava a si outras missões de maior envergadura na comunidade. Como em Varsóvia, toda a gente em Będzin conhecia e estimava Frumka. Aliviava-lhes o sofrimento com palavras de conforto e sábios conselhos. Não dava descanso ao Judenrat. Conseguiu a revogação de vários decretos e arrancou mais de uma pessoa «das garras da morte». Falava pouco das suas atividades, mas toda a gente sabia que ajudava os encarcerados e

tentava contactar judeus noutros países. Sempre que conseguia um objetivo, exultava; a sua paixão tocava todos.

,

Os relatos de Frumka, o vigor de Hantze, a história do maquinista e tudo o que tinham ouvido da boca de Anilevitz acicataram o incipiente ZOB de Zaglembe. Chajka viu, orgulhosa, os membros começarem a trazer relógios, roupas e encomendas de comida que recebiam de fora do país – qualquer coisa com valor e que pudessem vender para comprar abastecimentos que os tornassem atrativos para os partisans, até sapatos. O sonho deles era arranjar armas. Pediram contribuições aos judeus ricos, embora Chajka fosse inabalável a respeito de não receberem um groshen a mais do que o necessário, mesmo quando o doador tinha milhões. Acabaram por angariar cerca de 2500 reichsmarks, o suficiente para mais de dez pessoas se «candidatarem» a um grupo de partisans. Os camaradas criaram a sua primeira oficina, onde fabricavam facas e realizavam experiências com explosivos caseiros, na esperança de chegarem a dominar os mistérios das granadas e das bombas.

Chajka Klinger estava desejosa de detonar uma.

,

Havia no ar um indesmentível espírito de rebelião. Naquele outono de 1942, a vila de Lubliniec, ali perto, foi palco de uma inesperada revolta. Uma tarde, os nazis ordenaram que todos os judeus se juntassem na praça do mercado e se despissem. Homens, mulheres, velhos e crianças foram obrigados a despojar-se das roupas, mesmo as interiores, a pretexto de que eram necessárias para o exército alemão. Soldados nazis cercavam-nos, armados com chicotes e bastões. Arrancavam as roupas dos corpos das mulheres.

De súbito, uma dezena de judias nuas atacou os soldados, arranhando-os com as unhas. Encorajadas pelos espectadores não judeus que assistiam à cena, morderam-nos, pegaram em pedras e atiraram-nas com mãos trémulas.

Os nazis ficaram estupefactos. Fugiram em pânico, deixando para trás as roupas confiscadas.

«Resistência Judaica na Polónia: Mulheres Espantam Soldados Nazis», foi o cabeçalho do relatório da Jewish Telegraphic Agency sobre o incidente, escrito na Rússia e publicado em Nova Iorque.

Depois disto, muitos judeus de Lubliniec, incluindo as mulheres, decidiram juntar-se aos partisanos. Foi mais ou menos por esta altura que surgiu a primeira resistência armada judaica – em plena capital do Governo-Geral.

Capítulo 10

Três linhas na história – uma surpresa de Natal cracoviana

Gusta

O JURAMENTO AKIVA

Juro empenhar-me na resistência ativa no enquadramento da Organização Combatente Judaica do Movimento de Juventude Halutz.

Juro pelo que me é mais caro, e sobretudo pela memória e honra da moribunda nação judaica polaca, que lutarei com todas as armas disponíveis até ao último momento da minha vida, para resistir aos alemães, aos nacionais-socialistas e a todos os que se coligaram com eles, os poderosos inimigos do povo judeu e de toda a Humanidade.

Juro vingar as mortes de milhões de inocentes, filhos, mães, pais e judeus idosos, manter o espírito judeu e erguer com orgulho a bandeira da liberdade. Juro derramar o meu sangue, combatendo para conquistar um futuro independente e brilhante para a nação judaica.

Juro lutar pela justiça, pela liberdade e pelo direito de todos os seres humanos a viver com dignidade. Lutarei lado a lado com aqueles que partilharem o meu desejo de uma ordem social livre e equitativa, dedicando-me sem hesitação a garantir direitos humanos para todos, subordinando os meus desejos e ambições pessoais a esta nobre causa.

Juro aceitar como irmãos todos que estiverem dispostos a juntar-se-me nesta luta contra o inimigo. Juro pôr o selo da morte em todos os que traírem os nossos ideais partilhados. Juro resistir até ao fim, sem recuar face à esmagadora adversidade, ou sequer a morte.

Outubro de 1942

Gusta Davidson chegou exausta a Cracóvia, a capital do Governo-Geral. Tinha andado dias a viajar de um lado para o outro, a acordar de madrugada, a palmilhar quilómetros sob uma tensão nervosa permanente, em perigo constante. Primeiro, ajudara os membros da família, que ficaram encurralados numa povoação cercada pela polícia. Depois, a viagem sem sono de regresso a Cracóvia envolvera infindáveis problemas logísticos: ligações, cavalo e charrete, carroça, motocicleta e horas de espera em estações ferroviárias.

Agora, as pernas inchadas arrastavam-na para a sua cidade e para o bairro judeu, uma pequena área de edifícios baixos na margem sul do rio, longe do imponente castelo de telhados encarnados e do colorido e sinuoso centro medieval. Antes da guerra, viviam em Cracóvia 60 mil judeus, um quarto da população; a velha zona de Kazimierz tinha nada menos do que sete históricas sinagogas, com uma arquitetura maravilhosa que remontava a 1407.

Aproximou-se do gueto, os habituais lábios brilhantes e as altas maçãs do rosto invulgarmente pálidos, grandes papos negros por debaixo dos olhos. Estava esmagada pela fadiga. Mas quando se aproximou do arame farpado e ouviu o zunzum das ruas buliçosas, das multidões que «sopravam o rumor e o zumbido da sua existência para os edifícios circundantes», quando reconheceu algumas das caras e reparou nas que não conhecia, sentiu-se renovada, pronta para abraçar toda a gente. O gueto fora criado há mais de um ano, mas estava sempre a mudar. Os judeus fugiam de lá, depois os refugiados chegavam, como se fosse um refúgio seguro. Assim como Gusta, toda a gente andava em fuga, de uma povoação cercada para a seguinte, a correr em círculos até se lhes acabar o dinheiro ou as forças, ou uma Aktion os apanhar de surpresa. Gusta sentia-se segura, tinha até um certo sentimento de pertença, no seu desenraizamento. Apetecia-lhe perguntar a cada judeu com que se cruzava, «De onde fugiste?»

Muitos deles, sentiu-o naquela amena tarde de domingo, tinham perdido a vontade de viver, sabendo que estavam a aproximar-se do fim. Mesmo assim, esperavam que a morte os apanhasse de surpresa; recusavam render-se. Obriguem-nos a vir atrás de nós. Gusta também compreendia que «os mais velhos tivessem perdido a vontade de lutar» – como anos de degradação e perseguição afetaram «as suas almas feridas e desesperadas». Os jovens, em contrapartida, demonstravam uma tal ânsia de viver que paradoxalmente, corriam para a resistência e uma morte certa.

No estreito portão, uma abertura nos muros com a forma deliberada de uma série de pedras tumulares, Gusta foi recebida por vários camaradas que ajudaram a levá-la para o interior. As suas vozes e os

seus rostos, a preocupação pelo seu regresso tão demorado, tudo se fundiu numa mancha de calor. Sendo uma das poucas comunidades judaicas que restavam, Cracóvia tornara-se um centro dos movimentos de resistência, apesar de ser uma cidade onde pululavam altas patentes nazis. Gusta, que fora criada numa família muito religiosa, pertencia à chefia do Akiva, um grupo sionista local. Fora uma amiga que a apresentara, e ela deixara-se cativar pelo idealismo e autossacrifício. Fazia parte do comité central, como escritora e editora da publicação, e como conservadora dos registos de toda a organização. Ao contrário dos grupos sionistas de esquerda, o Akiva enfatizava a tradição judaica e celebrava o Oneg Shabbat, uma cerimónia do Sabat, todas as sextas-feiras.

Até ao verão anterior, o grupo tivera a sua base numa quinta da aldeia de Kopaliny, ali próxima, um oásis de paz no meio da brutalidade e da violência. «A quietude que os densos bosques exalavam descia a flutuar do céu para ser inalada pela terra», escreveu Gusta. «Nem uma folha estremecia.» Faziam uma vida comunitária entre pomares, cristas e ravinas», sob um Sol que «rolava devagar pelo azul do céu». Mas o marido de Gusta, Shimshon, um dos líderes do Akiva, sabia que o movimento ia morrer – que a maior parte deles ia morrer. Convocou uma reunião. A guerra não era um tremor passageiro: a selvajaria ia tornar-se maior do que alguma vez seriam capazes de imaginar; os diabólicos assassínios em massa um êxito. Gusta e os camaradas acreditaram em Shimshon, mas também se sentiam empenhados nos ideais do Akiva: «levar a juventude para a vanguarda [...], contrariar o desânimo que alastrava», manter a decência e humanidade e «agarrarem-se à vida».

No início da guerra, Shimshon fora preso por escrever manifestos antifascistas. Casados desde 1940, o casal fizera um pacto no qual se um deles fosse apanhado, o outro se entregaria. Por isso, Gusta também fora para a prisão. Conseguiram sair a troco de um enorme suborno, e continuaram a trabalhar. «Não se pode tentar preservar combatentes protegendo-os num abrigo», acreditavam. Contudo, no decurso do verão de 1942, tal como os camaradas em Varsóvia e em Będzin, compreenderam que o movimento tinha de mudar.

«Queremos sobreviver como uma geração de vingadores», declarou Shimshon numa reunião. «Se sobrevivermos, terá de ser como um grupo, e de armas na mão.» Discutiram: iria a reação dos nazis ser demasiado violenta? Deviam salvar-se apenas a si mesmos? Mas não, precisavam de lutar. Até Gusta – para cuja natureza a violência era uma coisa totalmente alienígena – sentia um profundo desejo de vingança; matar o inimigo que lhe matara o pai e a irmã. «Mãos agora cobertas de

terra fértil», escreveu ela, «estarão em breve ensopadas em sangue.» A criação do Akiva seria a destruição. Em agosto, fundiram-se com o A Jovem Guarda, o Liberdade e outros grupos para formar os Pioneiros Combatentes de Cracóvia.

Agora, no interior do muro, ouvia os camaradas queixarem-se do mau humor de Shimshon; de como o atraso na chegada dela o preocupara. Corou e riu alto para disfarçar o embaraço que lhe causava saber-se objeto de conversas. O marido chegou ao ponto de arrancar-se ao seu trabalho para ir recebê-la. Gusta sentiu nas suas costas a pressão da mão dura e estreita, e olhou-o nos olhos de um azul de aço quando ficaram frente a frente. E de súbito compreendeu: já não era um combatente a tempo inteiro, a luta era a sua femme fatale. Seria ela, sozinha, a cuidar de tudo o resto. Shimshon já não a via a ela – com os seus penetrantes olhos escuros e o seu cabelo à estrela de cinema –, via só o futuro.

«Só posso ficar um instante», murmurou ele, e ela soube que era para sempre. Shimshon tinha de ir a uma reunião. Gusta havia estado presente nas mais importantes reuniões da chefia, mas para esta não fora convidada. Adivinhou-o: estavam a planear a sua própria ação...

,

Cracóvia era uma cidade estratégica para os nazis, pelo que a tinham declarado saxónica, com raízes prussianas. Isto fazia dela a capital do Governo-Geral, em vez de Varsóvia, e estava, em consequência, muito bem protegida. Os judeus que lá viviam faziam-no, pois, num estreita proximidade com muitos oficiais nazis de alta patente. A juventude da resistência trabalhava neste ambiente particularmente carregado.

Por isso, quando semanas mais tarde Shimshon não voltou a casa durante vários dias, Gusta ficou fora de si. A catástrofe podia abater-se sobre eles a qualquer momento; se alguém pensasse sequer que reconhecia Shimshon, era o seu fim. Mas o marido sabia o que fazia, dizia a si mesma para se consolar, e pensou que se a resistência tinha posto tanto empenho em lutar de facto contra o inimigo como pusera ao proclamar a sua disposição para combater, já devia ter conseguido muitas vitórias! Quando Shimshon finalmente regressou, foi só por um momento antes de voltar a partir. Gusta ficou esmagada pela tristeza. O que seria melhor: estar fisicamente separada e sonhar com o reencontro, ou tê-lo perto, mas emocionalmente distante.

Pelo regresso de Shimshon, toda a gente soube que estava a ser planeada uma importante batalha dentro do gueto e na floresta. E toda a gente queria participar, apesar do intenso frio outonal. De acordo com a matriz do movimento clandestino, o grupo de Cracóvia dividiu-se em unidades de cinco, cada um deles autossuficiente e tendo o seu comandante, o seu especialista em comunicações, o seu administrador e o seu oficial de abastecimentos. Cada unidade tinha as suas armas, provisões e área operacional, e um plano de ação independente. Só os membros de um grupo sabiam quem eram os outros e quais os planos, e mesmo dentro de um grupo, os membros não sabiam do paradeiro uns dos outros.

Todo este secretismo militar era anátema para a sua cultura juvenil de abertura e não violência. Mas a devoção entre os membros, que tinham todos perdido casa e família, era formidável. «O grupo tornara-se o último refúgio na jornada mortal de todos eles», explicou Gusta, «o último porto dos seus sentimentos mais íntimos.» Embora os camaradas não se devessem juntar – as suas gargalhadas e camaradagem eram demasiado conspícuas para terceiros –, não conseguiam resistir. «As suas explosões de exuberância proporcionavam um escape desesperado às suas psiques prematuramente marcadas», intuía Gusta. «Se alguém perguntasse se não seriam imaturos para combatentes eficazes do movimento, que resposta se lhe podia dar, uma vez que nunca tiveram a oportunidade de experimentar a juventude, e nunca teriam?» Os líderes dos movimentos esqueciam as suas diferenças ideológicas e reuniam-se no coração do gueto, apesar de estas reuniões serem expostas e arriscadas.

Shimshon, um tipógrafo amador, experiente em gravura, tinha a seu cargo o «gabinete técnico». Era uma época de «papéis, confusão, carimbos, passes, certificados», observou Gusta, e Shimshon falsificava documentos para garantir a liberdade de movimentos dos combatentes. Ao princípio, levava o escritório inteiro «nos bolsos do casaco», obrigado a procurar, sempre que precisava de produzir um documento, um lugar onde pudesse espalhar o seu equipamento em cima de uma mesa. Mas precisava de mais espaço e começou a levar consigo uma maleta. Andava pelo gueto, de sala em sala, com o seu «escritório volante». Infelizmente, uma maleta já não chegava, precisava de duas. E então de mais. Uma fila de assistentes seguia-o para onde fosse, carregando uma coleção de malas, caixas, uma máquina de escrever e pacotes, o que se tornou um grave problema de segurança para toda a equipa. O gabinete precisava de um lar permanente.

Gusta montou um apartamento numa bonita vivenda de Rabka, uma pequena povoação nos arredores de Cracóvia. Além de uma grande sala

com duas janelas, tinha cozinha e uma varanda. «Mobilado com modesto bom gosto, resplandecia de tranquilidade doméstica.» Colocou flores em cima da mesa, pendurou cortinas nas janelas e fotografias nas paredes – tudo para dar ao espaço uma sensação de lar, como um «ninho aconchegado», escreveu.

Naquela casa, Gusta tinha de desempenhar «o papel de esposa doente a passar o dourado outono» numa zona de repouso. Witek, o sobrinho de seis anos, estava com ela; durante o dia brincavam no jardim, davam passeios a pé ou alugavam um barco para remar no tranquilo rio. Shimshon apanhava a camioneta para Cracóvia todas as manhãs e acabou por fazer amizade com os companheiros de viagem habituais. Era misterioso, tinha uma expressão firme e «uma figura intimidante», escreveu Gusta. As pessoas pensavam que trabalhava no governo, de modo que se levantavam para lhe ceder o lugar. Toda a gente assumia que a família era rica e que ele levava trabalho para casa na sua maleta com a intenção de passar mais algum tempo com a jovem esposa e o filho. Ninguém suspeitava de que aquela vivenda albergava a fábrica de falsificações da resistência.

Num canto, longe da janela, Gusta instalou um escritório completo: secretária, máquina de escrever, equipamento. Se os seus dias eram passados a saborear uma tranquila vida doméstica, as noites, depois da chegada tardia de Shimshon, eram dedicadas ao trabalho. Quando as luzes se apagavam na aldeia, tapava as janelas e trancava a porta. Até às três da manhã, forjava documentos e escrevia e publicava o jornal clandestino. Com saída todas as sextas-feiras, o Pioneiro Combatente consistia de dez páginas datilografadas, que incluíam uma lista dos colaboracionistas judeus. Gusta e Shimshon imprimiam 250 exemplares que eram distribuídos pelos camaradas combatentes por toda a região de Cracóvia. Então, dormiam três horas antes de Shimshon ter de apanhar a camioneta das sete de regresso à cidade – a parecer fresco e repousado.

Hanka Blas, uma camarada do Akiva e correio de Shimshon, vivia a vinte minutos de distância. Ela e Gusta partilhavam um «amor fraternal», segundo Gusta, e não obstante ter sido mais seguro para ambas cortar todos os contactos, não conseguiam estar longe uma da outra, confortadas na companhia de amigos que conheciam as suas verdadeiras identidades e compreendiam o seu desespero. Os vizinhos assumiam que Hanka era a ama de Witek. Hanka contrabandeava boletins clandestinos, e em algumas manhãs, carregada com o seu cesto de ovos, cogumelos, maçãs e o material produzido na noite anterior, punha um lenço na cabeça e apanhava a camioneta como se fosse para

o mercado. Por vezes, sentava-se mesmo ao lado de Shimshon, fingindo que não o conhecia.

,

Um belo dia, contou Gusta, Hela Schüpper chegou ao gueto de Cracóvia, regressada de Varsóvia. Uma «beldade voluptuosa», de pele clara e faces cheias e rosadas, Hela usou o seu encanto, a sua eloquência e os seus conhecimentos para se tornar a principal correio do Akiva. Fora criada numa família hassídica e frequentara uma escola pública polaca. Quando as dirigentes de uma organização nacionalista de mulheres apareceram para recrutar alunas e ninguém se ofereceu, Hela aderiu, envergonhada pela falta de patriotismo das suas colegas judias. As atividades do grupo deram-lhe a oportunidade de se iniciar na cultura e no desporto, incluindo a prática de tiro com espingarda e pistola, mas acabou por desistir, repelida por aquilo que considerou ser uma moção antissemita proposta por uma das líderes. Shimshon convencera-a a juntar-se ao Akiva, garantindo-lhe que não se tratava de um grupo ateu. Os Schüpper ficaram mais perturbados por isto do que pela sua participação na organização polaca. Hela afastou-se da família – o movimento passou a ser a sua casa.

Confiante e com um autocontrolo exemplar, além de uma licenciatura em Comércio, tinha representado o Akiva no verão anterior, na reunião de Varsóvia, onde os grupos de juventude decidiram formar uma força combatente, e transportara informação e documentos entre as duas cidades. Mas naquela manhã de outono de 1942, Hela chegou com mais alguma coisa: armas. Duas espingardas Browning penduradas por baixo do largo casaco desportivo, três pistolas e vários carregadores dentro da sua elegante mala de mão.

«Nunca ninguém tinha sido recebido com manifestações de afeto como as que foram dispensadas a Hela», escreveu Gusta mais tarde.

«É impossível descrever o êxtase inspirado por aquelas armas.» As pessoas paravam no quarto onde ela repousava só para olhar a mala pendurada na parede, e Shimshon, recordou, estava «feliz como uma criança». Os líderes começaram a fantasiar: com aquelas armas poderiam acumular muitas mais. Começava uma nova era.

Porém, não tinham qualquer espécie de treino militar ou sequer sombra de um ethos militar. Não se sentiam confortáveis com a ideia de liderar os camaradas até à morte, para dizer o mínimo. Sabiam que

tinham de colaborar com o PPR, o clandestino Partido Comunista Polaco. A principal ligação deles com o PPR era Gola Mire, a fogosa poetisa judia expulsa do A Jovem Guarda anos antes devido às suas opiniões radicais de extrema-esquerda. Comunista militante, fora condenada a doze anos de prisão por organizar greves. (A sua defesa durante o julgamento foi tão comovente que o representante da acusação lhe ofereceu rosas.) No caos da invasão nazi, Gola liderou uma fuga da prisão para mulheres e procurou o namorado de uma ponta à outra do país. Casaram-se em território soviético, e ele alistou-se no Exército Vermelho. A dada altura, para fugir à perseguição que os nazis lhe moviam, passou à clandestinidade profunda e teve o primeiro filho sozinha, cortando o próprio cordão umbilical.

No entanto, passados alguns meses, Gola precisou de ajuda e voltou ao gueto, onde o bebé lhe morreu nos braços. Na fábrica alemã em que trabalhou durante algum tempo, dedicou-se a fazer buracos nas latas de comida das rações de combate até que a sabotagem se tornou demasiado perigosa. Mantinha contactos com o PPR, e embora o partido estivesse relutante em colaborar com os judeus, convenceu os membros a ajudá-los a encontrar guias florestais e esconderijos. O Akiva via nela uma «combatente aguerrida com um coração genuinamente feminino». Contudo, nem sempre se podia contar com os comunistas. Em certa ocasião, membros do partido deviam conduzir uma unidade de cinco judeus até um grupo de rebeldes na floresta. Em vez disso, traíram-nos e deixaram-nos perdidos. Outras vezes, prometiam armas e dinheiro que nunca chegavam.

O partido judeu decidiu tornar-se uma força independente. Os jovens comiam côdeas de pão endurecidas, calçavam botas com buracos e dormiam em caves, mas orgulhavam-se disso. Angariavam dinheiro para armas. O «gabinete técnico» vendia documentos falsificados, e havia outras fontes de rendimento, talvez até de roubos. Um grupo de combatentes procurava złotys, outro procurava potenciais bases na floresta. Hela e duas outras mulheres tentavam encontrar casas seguras nas proximidades. Outras mulheres eram enviadas às povoações vizinhas com alertas sobre Aktions iminentes. Gusta descobria esconderijos, acompanhava grupos até à floresta, reunia com os líderes e assegurava a ligação entre as comunidades. Mantinha-se em contacto com Kielce, onde os camaradas debatiam se deviam salvar jovens artistas judeus ou as suas famílias. O grupo desenvolvia várias propostas e angariava dinheiro, mas Gusta sentia que estavam a iludir-se. Não era ela a pessoa certa para vender as ideias deles às chefias.

Sentia-se frustrada não só pelo facto de as mulheres não serem autorizadas a assistir às reuniões superiores da resistência como ainda

por cima eram admoestadas por perturbarem os homens. Na aparência eram iguais – muitas delas líderes ativas –, mas, na realidade, mantidas à margem do seleto círculo dos principais decisores. Preocupava-a a possibilidade de os quatro chefes do sexo masculino serem exaltados e teimosos, mas consolava-se com a esperança de que ao menos um deles se lembrasse: todas as vidas contavam.

,

Um agradável dia de outubro, os raios do Sol outonal ainda fortes, nenhum pressentimento de algo fora do normal. Mas aquela foi a manhã de uma maciça Aktion nazi em Cracóvia. Desencadeada um dia mais cedo do que o movimento esperava, apanhou toda a gente de surpresa. Gusta e os camaradas não puderam salvar os pais, mal conseguindo sair do gueto com vida. Esconderam-se num armazém, após o que passaram de cave em cave. O pior de tudo, achou Gusta, foi o silêncio absoluto. Se, noutros lugares, as Aktions eram episódios grotescos e sangrentos, com famílias inteiras ceifadas por rajadas de metralhadora, ali tratava-se de um evento «numa capital»: silencioso e ordeiro. A maior parte dos judeus estava demasiado enfraquecida pela fome para conseguir sequer gritar. Aquele silêncio, a perda das famílias, o horror, tudo aquilo espicaçou os jovens. Em busca de um escape e de vingança, entraram em ação.

O outono estava a ser excecionalmente bonito. «As folhas agarraram-se à sua verde frescura até bem entrada a estação», escreveu Gusta. «O Sol transformava a terra em ouro, aquecendo-a com os seus benévolos raios.» Mas o movimento sabia que cada dia era uma dádiva. Quando o verdadeiro outono frio e chuvoso chegasse, iam ter dificuldade em andar pela floresta. Face a isto, mudaram de tática. Os combatentes decidiram levar a cabo as suas ações ali na cidade, visando as alta patentes nazis de tal modo que «até um pequeno ataque fosse uma punhalada no coração da autoridade e danificasse uma peça importante da máquina», escreveu Gusta, desejosa de provocar o caos e plantar a ansiedade entre as autoridades. As «vozes racionais» diziam aos jovens que esperassem, que não enfurecessem os nazis com pequenos gestos, mas os combatentes estavam pura e simplesmente convencidos de que não iam viver muito mais.

Foi um tempo incrivelmente ativo, com os camaradas a trabalhar do nascer ao pôr do sol. Em pouco tempo, estabeleceram bases dentro e fora do gueto, bem como pontos de contacto e apartamentos seguros

nas cidades vizinhas. Os camaradas saíam em grupos de dois ou três para questionar, servir de correio, espiar a polícia secreta, continuar o trabalho técnico, distribuir panfletos e confrontar o inimigo.

Os combatentes saltavam de um beco escuro, desferiam uma pancada, confiscavam uma arma e desapareciam. Davam prioridade a matar colaboracionistas e traidores. Por culpa da sua aparência judaica, era difícil para muitos deles trabalhar no lado ariano sem o recurso a disfarces; um líder começou a usar um uniforme da polícia polaca e, em seguida, «promoveu-se» a nazi.

No seio do grupo formavam-se novos e intensos laços, e os membros criavam um novo género de vida familiar para os ajudar a sarar da perda das que tinham sido destruídas. Para camaradas de um extremo ao outro do país, o movimento era o seu mundo, e as decisões que tomavam significavam vida ou morte, a dependência recíproca essencial. Eram jovens em idade universitária, uma altura da vida em que a associação e a amizade são elementos centrais da definição de conceito e identidade. Alguns tornavam-se amantes, o seu crescimento acelerado, reorientado. As relações sexuais frequentemente apaixonadas, urgentes, uma afirmação de vida. Outros tornavam-se pais, irmãos e primos substitutos uns dos outros.

Em Cracóvia, a base do gueto instalada no número 13 da rua Jozefinska, um apartamento de duas divisões no primeiro andar, acessível através de um comprido corredor, passou a ser a sua casa – e que, todos o sabiam, podia bem ser a última. Porque os jovens eram, na sua maioria, os únicos membros sobreviventes das respetivas famílias, levavam as suas «heranças» (roupas, botas) para o esconderijo e organizavam «liquidações totais», distribuindo os pertences pelos que deles precisavam. Ou então vendiam-nos e juntavam o dinheiro ao fundo comum. Queriam muito amar e ser amados, e criaram uma comuna em que partilhavam tudo, do dinheiro à cozinha. Elsa, camarada intensa, mas sempre bem-humorada, assumiu o comando do fogão e «dedicou a vida e a alma à gestão da cozinha». A cozinha era minúscula, com tachos e frigideiras empilhados no chão. Precisavam de ser afastados para se abrir a porta. O apartamento servia de base operacional, onde se apresentavam e, depois, despachados para as respetivas missões. Um minuto antes de o recolher obrigatório, voltavam todos a correr, com relatos de êxito e fracasso, e histórias de balas furtivas – literalmente.

Em Jozefinska, as refeições eram tomadas em conjunto. Todas as noites revelam-se extraordinárias, com conversas e risos. Anka, tão forte que quando foi presa deu a impressão de ser ela a levar os polícias; Mirka, encantadora e radiosa; Tosca, Marta, Giza, Tova. Sete pessoas a dormir em cada cama, outros em cadeiras ou no chão. Podia não ser sofisticado

nem particularmente limpo, mas era o seu lar adorado e o último lugar onde podiam viver as suas verdadeiras identidades.

Durante todo este tempo, o grupo manteve a tradição do Oneg Shabbat. Na sexta-feira, 20 de novembro, reuniram-se para festejar do pôr ao nascer do sol. Passaram dois dias a preparar a refeição e todos se juntaram, com camisolas ou camisas brancas, à volta de uma mesa coberta por uma toalha branca. No fim de um momento de silêncio, bradaram as mesmas canções entoadas ao longo de anos num dilúvio de harmonias. Mas, naquela noite, recebiam juntos a noiva do Sabat pela última vez. Alguém gritou, «Esta é a última ceia!» Sim, é verdade, todos o sabiam. À cabeceira da mesa, um dos líderes falou longamente sobre como a morte estava próxima. Chegara o momento «de lutar por três linhas na História».

A atividade acelerou. O grupo teve de deixar o gueto devido à deterioração das condições. Certa noite, os líderes esconderam-se num parque e mataram um sargento alemão que ia a passar. Irromperam do meio dos arbustos, misturaram-se com a multidão assustada e ziguezaguearam de regresso a Jozefinska; ninguém os seguiu. Mas esta ousadia era mais do que as autoridades estavam dispostas a tolerar. Os nazis, decididos a esmagar a humilhante rebelião, mentiram às pessoas sobre o que tinha acontecido, reforçaram a segurança, adiantaram a hora do recolher obrigatório, fizeram reféns, escreveram uma lista. Andavam atrás dos líderes, que, por sua vez, planeavam o grande clímax: uma batalha à luz do dia.

Depois de mais alguns bem-sucedidos assassínios de nazis na cidade, o movimento decidiu escalar a sua atividade, e, para isso, combinar forças com os membros judeus do PPR. A 22 de dezembro de 1942, quando estavam na cidade muitos nazis que tinham vindo fazer as compras de Natal ou participar em festas natalícias, 40 combatentes judeus, homens e mulheres, saíram para as ruas de Cracóvia. As mulheres distribuíram panfletos antinazis pela cidade, enquanto os homens empunhavam bandeiras dos partisanos polacos e deixavam uma coroa de flores junto da estátua de um poeta polaco – tudo isto para que os judeus não fossem declarados culpados pelo que ia acontecer. Então, os combatentes atacaram garagens militares e fizeram disparar alarmes de incêndio por toda a cidade, causando uma enorme confusão. Às sete da noite, atacaram três cafés que os alemães costumavam frequentar e lançaram bombas para uma festa de Natal nazi. Os combatentes atiraram granadas para o interior do Cyganeria, um café na magnífica parte antiga da cidade, lugar de encontro exclusivo de eminentes militares alemães. Esta ação matou pelo menos 7 nazis e feriu muitos mais.

Apesar de vários líderes da resistência terem sido presos e mortos na esteira deste ataque, os judeus continuaram a bombardear alvos no exterior da cidade, incluindo a principal estação ferroviária de Cracóvia, cafés em Kielce e um cinema em Radom – tudo isto com a ajuda de Gola Mire.

,

Poucas semanas depois dos ataques de dezembro, Hela estava num comboio, preocupada sem saber onde ia dormir ou comer, quando entabulou conversa com um jovem académico polaco.

– A guerra vai acabar em breve – disse-lhe ele, tranquilizador.

– Como sabe? – perguntou ela.

Ele explicou que as forças polacas tinham começado a movimentar-se. Estava tão orgulhoso da resistência polaca – rebentaram com o café!

Hela não se conseguiu controlar. E se fosse ela o último judeu? Precisava que este homem conhecesse a verdade. Já não restava ninguém que pudesse trair.

– Quero que saiba, gentil senhor – disse –, que os ataques aos cafés de Cracóvia a que se refere foram levados a cabo por jovens combatentes judeus. Se viver para ver o fim da guerra, por favor, conte ao mundo o que aconteceu. E a propósito, também sou judia.

O homem ficou estupefacto. O comboio aproximava-se de Cracóvia.

– Venha comigo – disse ele, num tom firme, quando chegaram. Seria o fim de Hela? E teria isso sequer a mínima importância?

Então, ele levou-a para um confortável apartamento onde passou a noite em segurança.

Capítulo 11

1943, um novo ano – a minirrebelião de Varsóvia

Zivia e Renia

JANEIRO DE 1943

Às seis da manhã, poucas semanas depois do inspirador levantamento de Cracóvia, Zivia foi acordada com notícias: os nazis tinham entrado no gueto de Varsóvia. Uma Aktion surpresa.

O ZOB assumira que os nazis estavam distraídos com uma caça ao homem em grande escala no lado ariano, onde prenderam milhares de polacos. Na realidade, a organização pedira a todos os seus correios que voltassem para o gueto, que parecia mais seguro. Até a resistência polaca se escondera por lá.

Porém, Himmler tinha novas quotas.

Fora uma longa noite de reuniões e planeamento, mas Zivia vestiu-se à pressa e voou escada abaixo para observar o cenário. As ruas estavam cercadas. Havia um sentinela alemão postado diante de cada casa. Não havia por onde fugir nem como comunicar com as outras unidades. Toda a conversa da noite anterior tornara-se inútil; os planos de batalha não seriam postos em prática. Iriam os alemães destruir o gueto inteiro?

Zivia entrou em pânico. Como era possível estarem assim tão mal preparados?

,

Ao longo dos últimos meses, não obstante o terrível número de mortes causado pelas Aktions do verão, os progressos do ZOB criaram alguma esperança. Como em Cracóvia, os grupos de jovens eram constituídos por pessoas que já confiavam umas nas outras e estavam preparados para se tornar unidades secretas de combate. O ZOB recrutava novos membros

para juntar às várias centenas de camaradas que ainda viviam no gueto, e lançou uma caça aos informadores. Também voltaram a tentar alianças com outros movimentos. Mais uma vez, não conseguiram chegar a acordo com o grupo revisionista Betar, que era o mais bem armado e tinha a sua própria milícia, a ZZW (União Militar Judaica). O Bund, em contrapartida, acedeu por fim a colaborar. Seguindo o exemplo dos partidos sionistas «adultos», juntaram-se ao ZOB e formaram uma nova aliança.

Com esta nova credibilidade, o ZOB pôde contactar a resistência polaca, composta por duas facções rivais. O Exército Nacional (conhecido na Polónia como Armia Krajowa, ou AK) alinhava com o governo maioritariamente de direita exilado em Londres. O Exército Nacional tinha uma liderança antissemita, ainda que, individualmente, muitos dos seus membros fossem liberais que ajudavam os judeus. (Jan Żabiński, o agora famoso diretor do zoológico de Varsóvia, pertencia ao AK). O Exército do Povo, por outro lado, filiava-se no grupo comunista (PPR) e, na altura, era a mais fraca das duas facções. A chefia do Exército do Povo (Armia Ludowa, ou AL) cooperava com o Exército Vermelho e mostrava-se mais disposta a colaborar com os judeus do gueto e com os combatentes da floresta – para dizer a verdade, com quem quer que tivesse como objetivo derrubar os nazis. Mas faltavam-lhe recursos.

O Exército Nacional estava relutante em ajudar o ZOB por várias razões. Os seus líderes achavam que os judeus não lutavam; mais; temiam que uma revolta no gueto alastrasse, e não dispunham de armas suficientes para apoiar uma rebelião à escala da cidade. Receavam que uma revolta prematura fosse contra os seus interesses e preferiam esperar que russos e alemães se sangrassem uns aos outros antes de saltar para a refrega. O Exército Nacional recusara envolver-se numa discussão séria com um mísero grupo de miúdos; estava, no entanto, disposto a encontrar-se com a nova aliança.

A reunião foi um êxito. O Exército Nacional enviou dez caçadeiras, quase todas funcionais, e instruções sobre como fabricar explosivos. Uma judia descobriu uma fórmula para fazer bombas incendiárias: recolher as lâmpadas das casas abandonadas e enchê-las com ácido sulfúrico.

Ardendo de fervor, o ZOB alargou a sua área de atuação. Tal como Frumka tinha sido enviada para Będzin, outros membros foram despachados para todos os recantos da Polónia a fim de chefiar unidades de resistência e manter contactos com o estrangeiro. (Mais tarde, Zivia troçaria de si mesma por ter sido ingénua ao ponto de acreditar que não estavam a receber ajuda do exterior porque o mundo

não sabia.) Rivka Glanz foi para Częstochowa. Leah Pearlstein e Tosia tentavam obter armas na Varsóvia ariana.

O Bund reforçou as suas unidades de combate. Vladka Meed foi abordada pelo líder do Bund, Abrasha Blum, e convidada para uma reunião da resistência. Como tinha cabelos lisos castanho-claros, um nariz pequeno e olhos verde-acinzentados pediram-lhe que se mudasse para o lado ariano. A ideia de sair do gueto, onde a maior parte dos judeus trabalhava em condições horríveis como mão de obra escrava, encheu-a de alegria.

Numa noite do início de dezembro de 1942, Vladka recebeu uma mensagem: na manhã seguinte, iria sair com uma das brigadas de trabalho e levaria consigo o último boletim clandestino do Bund, que incluía um mapa pormenorizado de Treblinka. Escondeu as páginas no sapato e encontrou um chefe de brigada que aceitou o seu suborno de 500 złotys e a incluiu no grupo que aguardava inspeção junto ao muro do gueto, com um frio de rachar. Tudo correu bem até que o nazi que inspecionava Vladka decidiu que não gostava da cara dela. Ou talvez gostasse demasiado. Foi tirada da formação e levada para uma divisão cujas paredes estavam manchadas de sangue e de fotografias de mulheres seminuas. O guarda revistou-a e obrigou-a a despir-se. A única coisa de que ela precisava era conservar um sapato calçado.

«Sapatos fora!», ladrrou ele. Mas nesse instante um outro nazi entrou esbaforido para informar o algoz que um judeu tinha fugido, e desapareceram ambos. Vladka vestiu-se à pressa e saiu, dizendo ao guarda que estava à porta que passara na inspeção. Encontrou-se com camaradas do lado ariano e começou a trabalhar: estabelecia contacto com gentios, encontrava lugares onde fugitivos judeus pudessem viver e esconder-se, e tentava obter armas.

Mais importante ainda, o ZOB estava determinado a eliminar os colaboracionistas, já que tornavam mais fácil o trabalho dos nazis. Por todo o gueto apareceram cartazes a avisar que a organização vingaria qualquer crime cometido contra judeus – e logo a seguir cumpriram a ameaça, matando dois líderes da milícia e do conselho judaicos. Para espanto de Zivia, as execuções deixaram marca nos judeus do gueto, que passaram a respeitar o poder do ZOB.

Uma nova autoridade governava o gueto.

O grupo combatente estava a semanas de distância de lançar um levantamento em grande escala. Segundo um dos líderes do Bund, Marek Edelman, a grande data já estava marcada: 22 de janeiro.

Quando, a 18 de janeiro, a Aktion nazi começou, Zivia ficou em choque. Os camaradas não tinham tido tempo para reunir e organizar uma resposta concertada. Vários membros não sabiam muito bem quais eram os seus postos. A maior parte das unidades não tinha acesso a outras armas além de bastões, facas e barras de ferro. Os grupos estavam entregues a si mesmos, impossibilitados de se contactarem.

Mas não havia tempo a perder. Dois grupos improvisaram e entraram de imediato em ação. Se outro efeito não tivesse tido, a falta de tempo para discussões do comité impulsionou-os a mobilizar.

Zivia não o sabia na altura, mas Mordechai Anilevitz assumiu a chefia de um grupo de 40 combatentes, homens e mulheres, do A Jovem Guarda e saiu para a rua. Os membros do grupo deixaram-se capturar e, então, misturaram-se com as filas de judeus que estavam a ser levados para a umschlagplatz. Ao chegar ao cruzamento das ruas Niska e Zemanhofs, Anilevitz deu uma ordem. Os combatentes empunharam as armas que levavam escondidas e abriram fogo contra os alemães que os escoltavam. Lançaram algumas granadas enquanto gritavam aos outros judeus que fugissem. Alguns fizeram-no. De acordo com o relato de Vladka Meed: «A maioria dos deportados atacou os alemães com unhas e dentes, usando mãos, pés, joelhos e cotovelos.»

Os alemães estavam estupefactos. «Os judeus estão a disparar contra nós!» No meio da confusão, os jovens combatentes continuavam a disparar.

Contudo, os nazis não tardaram a recompor-se e a retaliar. Escusado será dizer que a meia dúzia de pistolas que tinham não podia enfrentar o superior poder de fogo alemão. Os soldados do Reich perseguiram os poucos combatentes do ZOB que conseguiram fugir. Quando ficou sem munições, Anilevitz arrancou a arma a um alemão, refugiou-se num edifício e continuou a disparar. Um judeu num bunker próximo arrastou-o para dentro. Só ele e uma combatente judia sobreviveram. Apesar dos resultados trágicos, os reflexos desta ação foram tremendos: judeus tinham matado alemães.

O segundo grupo era o de Zivia. Comandada por Antek e dois outros homens, esta unidade adotou uma tática diferente. A maior parte dos judeus sobreviventes estava escondida, o que significava que os

alemães precisavam de entrar nos edifícios para os capturar. Em vez de uma batalha a descoberto, que tinham a certeza de perder, os combatentes resolveram esperar que os nazis se aproximassem e disparar do interior. Zivia calculou que emboscar os alemães seria a maneira de lhes causar maior número de baixas.

Manteve-se alerta numa das bases do Liberdade num edifício de apartamentos nos números 56-58 da rua Zamenhofa. Quarenta homens e mulheres ocuparam as respetivas posições. Tinham, entre todos, quatro granadas de mão e quatro caçadeiras. A maior parte estava armada com barras de ferro, bastões e bombas incendiárias improvisadas com lâmpadas cheias de ácido sulfúrico.

Zivia e os camaradas sabiam que ia ser uma luta até à morte, mas esperavam ansiosos que os nazis chegassem para matar os que pudessem e tombar com honra. Durante seis meses, os alemães tinham assassinado sistematicamente os judeus de Varsóvia, sem que um único tiro fosse disparado contra eles.

Silêncio absoluto, excetuando um ou outro grupo de pessoas que estavam a ser empurradas para a umschlagplatz. Enquanto esperava pela confrontação, as mãos enclavinadas na arma, Zivia sentiu-se invadir por uma torrente de adrenalina, mas, ao mesmo tempo, por uma grande tristeza. Mais tarde, refletindo sobre aquele momento, descreveu o seu tumulto íntimo como «uma espécie de inventário emocional dos últimos instantes da minha vida.» Os amigos que não voltaria a ver. A aliyah que nunca faria.

Yitzhak Katzenelson, o poeta, quebrou o silêncio com um pequeno discurso: «A nossa luta armada será uma inspiração para gerações futuras [...]. Os nossos atos serão recordados para sempre [...].»

E então: botas pesadas a subir as escadas. A porta da frente abriu-se com violência. Um bando de soldados alemães entrou.

Um camarada fingiu estar a ler um livro de Sholem Aleichem. Os alemães passaram por ele e entraram na divisão onde Zivia se encontrava com os outros. Miseráveis judeus, ali à espera de serem executados. Nesse instante, o jovem que fingia estar a ler levantou-se com um salto e abateu dois alemães pelas costas. Os outros nazis recuaram para a escada. De seguida, os restantes combatentes saíram dos armários e dos lugares onde estavam escondidos e atacaram com as armas disponíveis. Alguns concentraram-se em despojar os soldados mortos das suas espingardas, pistolas e granadas.

Os alemães que sobreviveram bateram em retirada.

Judeus quase desarmados tinham matado nazis!

E agora tinham também um tesouro em armas.

Ao fim de alguns instantes de exultação, veio o choque. Estavam confusos, baralhados. Zivia não queria acreditar que tinham abatido alemães e sobrevivido. Inundados pela emoção, os combatentes sabiam que tinham de se manter focados. Os nazis iam voltar. E a seguir? «Estávamos totalmente impreparados», escreveu Zivia mais tarde. «Nenhum de nós esperava continuar vivo.»

Precisavam de fugir. Ajudaram o único camarada que ficara ferido, esconderam-no e, então, fugiram pelas claraboias do prédio, a rastejar em fila indiana pelos inclinados telhados cobertos de neve e gelo, cinco andares acima da rua, até que por fim chegaram ao sótão de um edifício desconhecido, abalados, na esperança de uma pausa para descansarem, para se reorganizarem.

No entanto, os alemães entraram também naquele prédio, as botas a martelar a escada. Os camaradas do Liberdade abriram fogo. Dois deles atiraram um alemão pelo poço da escada. Outro lançou uma granada para a entrada do edifício, cortando a retirada aos nazis. Os alemães retiraram, levando consigo os seus mortos e feridos; não voltaram nessa noite.

No dia seguinte, os nazis atacaram os apartamentos vazios e esta nova «base». Mais uma vez, os camaradas escaparam com vida. Só um ferido, nenhuma baixa.

Assim que escureceu, o grupo de Zivia encaminhou-se para o posto do Liberdade, no número 34 da rua Mila, para se encontrar com os camaradas que regressavam da quinta, só para descobrir que «o silêncio da morte impregnava o ar». As mobílias estavam escaqueiradas, o estofo das almofadas cobria o chão. Mais tarde, Zivia descobriu que tinham sido levados para Treblinka. Uns poucos, incluindo algumas mulheres corajosas, saltaram do comboio.

O grupo instalou-se nos apartamentos mais estratégicos do edifício. Cada unidade recebeu instruções e assumiu posição. Foram colocados vigias como defesa contra qualquer ataque surpresa. Pela primeira vez, delinearam um plano de fuga e um local de encontro alternativo. Por fim, adormeceram.

Ao romper do dia, o gueto continuava silencioso. Zivia calculou que os nazis estavam agora a entrar nos edifícios com mais cautelas. Enviavam a polícia judaica à frente para avaliar a segurança da área. As revistas às

casas eram menos minuciosas. Os nazis tinham medo «de uma bala judia».

Zivia sentia-se revigorada, com uma nova razão para viver.

«Ao mesmo tempo que milhares de judeus se encolhiam nos seus esconderijos, estremecendo ao cair de uma folha», escreveu, «nós, os que tínhamos sido batizados no fogo e no sangue da batalha, estávamos confiantes e quase todos os vestígios do nosso antigo medo tinham desaparecido.» Um camarada foi até ao pátio para ver se encontrava um fósforo e gravetos para acender o fogão. No regresso, até vodka trazia. Sentaram-se à volta do lume e beberam. Recordaram as suas batalhas, brincaram e meteram-se com um camarada que ficara tão deprimido que se preparava para se matar com uma granada quando o seu comandante o impediu.

Ainda estavam a brincar quando o vigia entrou.

– Está uma companhia reforçada das SS no pátio – anunciou.

Zivia espreitou pela janela e ouviu os soldados gritar aos judeus que abandonassem o edifício. Ninguém se mexeu.

Mais uma vez, os alemães entraram, e, por instantes, foram enganados por um combatente que fingia render-se. Então, os outros dispararam, e «uma chuva de balas abateu-se sobre eles vindas de todos os lados». Os nazis retiraram, para serem emboscados por camaradas que aguardavam no exterior. Zivia viu vários alemães mortos e feridos caídos nos degraus.

De novo, estava estupefacta por ela e os camaradas continuarem vivos. Não tinham sequer um ferido. Os combatentes recolheram as armas dos soldados mortos e fugiram pelos sótãos, onde encontraram um refúgio camuflado. Os judeus que lá estavam acolheram-nos, e um rabi louvou-lhes o trabalho. «Se ainda vos tivermos a vós», disse, «jovens judeus a combater e a tirar vingança, a partir de agora ser-nos-á mais fácil morrer.»

Zivia engoliu as lágrimas.

Os alemães voltaram ao edifício original. Mas já lá não havia judeus para matar.

A Aktion de janeiro durou apenas quatro dias. A dada altura, os judeus ficaram sem munições, os nazis usavam todos os meios para lhes descobrir os esconderijos e muitos camaradas tombaram. Milhares de judeus foram arrancados das ruas. Até Tosia foi apanhada e levada para a umschlagplatz, mas um milícia que agia como agente duplo e trabalhava para o A Jovem Guarda salvou-a.

No geral, porém, foi um grande êxito. A intenção dos nazis de limpar o gueto foi travada pela ação de grupos de combate como o de Zivia. Um membro do Bund disparou contra um comandante SS durante uma inspeção na oficina de Schultz e matou-o. Combatentes do ZOB mascarados atiraram ácido a um nazi na loja de mobílias Hallman; amarraram os guardas sob a ameaça de armas e destruíram os registos. Um camarada saltou para um nazi, enfiou-lhe um saco da cabeça e defenestrou-o. Um outro despejou líquido a ferver sobre as cabeças dos alemães que estavam em baixo. O que devia ter sido uma operação de duas horas acabou por custar aos nazis vários dias, e no fim só conseguiram metade da sua quota. Os judeus quase não tinham comida, mas havia uma nova esperança. Este pequeno levantamento ajudou a promover a unidade, o respeito, o moral – e o estatuto. Tanto a população judia como a polaca consideravam a retirada dos alemães uma vitória do ZOB.

Os combatentes estavam exultantes com o seu êxito, mas também cheios de remorsos. Porque tinham demorado tanto tempo a agir quando afinal nem fora assim tão difícil? Fosse de que maneira fosse, não lhes restava alternativa senão continuar a lutar por uma morte honrosa. As massas, pelo seu lado, acreditavam agora que esconder podia salvar vidas. O gueto estava a tornar-se um posto de combate unido. Foi a «idade de ouro» para o gueto de Varsóvia.

,

Em contraste com a excitação e a crescente esperança em Varsóvia, e as suas reverberações através de outras cidades, Będzin era «literalmente um inferno», escreveu Renia. Depois das primeiras impressões de paraíso, o inverno foi uma «tortura», física, existencial e emocional. «A fome era uma convidada constante em nossa casa. As doenças multiplicavam-se, não havia medicamentos, a morte abria sepulturas.» Todos os dias comboios de judeus com mais de quarenta anos, aparentemente

demasiado velhos para trabalhar, eram enviados para longe. Qualquer infração, por mínima que fosse, era motivo para execução: atravessar a rua em diagonal, caminhar pelo lado errado do passeio, violar o recolher obrigatório, fumar um cigarro, vender o que quer que fosse, inclusive ter ovos, cebolas, alhos, carne, laticínios, comida cozinhada ou banha. A polícia entrava em casa dos judeus para inspecionar o que estavam a cozinhar. A milícia e o Judenrat ajudava-a, seguindo à letra todas as ordens alemãs. Eram implacáveis com os seus chapéus brancos, escreveu Renia, e se ouviam dizer que um judeu estava a esconder qualquer coisa, exigiam um pagamento para se calarem. Multavam as pessoas por tudo e por nada e embolsavam o dinheiro.

Hantze adoeceu. Os pesadelos torturavam-na noite e dia. Assombrada pelo horror que testemunhara em Grochów e no caminho de Varsóvia para Będzin, ardia em febre. Mesmo assim, não havia outro remédio senão manter-se sobre as pernas trémulas e trabalhar na lavandaria. O kibbutz quase não tinha provisões. Também Renia começou a sentir os efeitos da fome: fadiga, confusão, uma constante obsessão com comida.

No meio de tudo isto, a caçada prosseguia, e Renia era um alvo. Tinha de ter o dobro do cuidado, por ser uma «não kosher». À noite, a polícia e a milícia judaicas procuravam-na, e a outros refugiados do Governo-Geral. O simples facto de acolherem uma «não kosher» significaria a deportação imediata de todos os camaradas. Renia, Hantze, Frumka, Zvi e um outro rapaz passavam as noites em esconderijos, torturados por terrores noturnos. Sem dormir, chegada a manhã, o grupo ia trabalhar para a lavandaria, para que os membros kosher pudessem cumprir tarefas mais públicas. «Mas aceitávamos tudo com amor», escreveu Renia mais tarde. «O nosso desejo de viver era mais forte do que qualquer tortura.»

Então, uma manhã, sentada na sala principal, Renia ouviu os camaradas falar de como precisavam de uma pequena peça de metal para o forno. Pinchas, um rapaz de dezassete anos, decidiu procurá-la no trabalho. Viu uma, pegou-lhe, examinou-a. Foi o suficiente. O patrão alemão viu-o. Foi deportado. Morto.

Mais do que qualquer outra coisa, este assassinio abalou a determinação dos camaradas, e a sua noção de propósito começou a desfazer-se. Para quê ler, apreender, trabalhar? Viver? Para quê darem-se ao incómodo?

As coisas pioraram. Corriam rumores. Os judeus iam ser «reinstalados» num gueto fechado, nos bairros de Kamionka, do outro lado da estação ferroviária. Vinte e cinco mil judeus iam ser alojados em casas pensadas para 10 mil pessoas. Os que, como Renia, já tinham vivido num gueto, estavam bem conscientes do pesadelo que os aguardava. Até os outros, os que não conheciam a vida no gueto, estavam desanimados. «No verão, vai ser intolerável», escreveu uma adolescente de Będzin no seu diário quando soube a notícia, «ficar sentada numa jaula cinzenta fechada, sem poder ver os campos e as flores.» Frumka e Hershel Springer, o seu colíder no Liberdade, andavam de um lado para o outro como se tivessem sido envenenados, pálidos e doentes. O que fazer? Mudar para o gueto ou fugir? Lutar ou fugir?

Seguiram-se discussões acesas. No fim, ficou decidido que lutar seria fútil, podendo até levar a consequências indesejadas. O tempo de lutar ainda não tinha chegado.

Em vez disso, Frumka e Hershel passavam dias inteiros no Judenrat a tentar angariar alojamento para os membros do kibbutz do Liberdade e também para o grupo Atid, agora composto por 19 adolescentes do orfanato encerrado e que viviam com eles. O gabinete do Judenrat estava sempre apinhado de gente. A berrar, a gritar. Era tudo mais fácil para os ricos, escreveu Renia, porque podiam subornar. «Sem dinheiro, uma pessoa é como um soldado sem uma arma.»

Os judeus foram empurrados para o gueto. Embora hoje Kamionka seja um subúrbio frondoso e rodeado de colinas, durante a guerra assemelhava-se a um campo de refugiados sobrelotado: pobre, negligenciado, insalubre. Por todo o lado, pequenos fogões lançavam para o ar fumos nocivos. As pessoas sentavam-se no chão, a comer o que conseguiam. Havia mobílias e caixotes amontoados em frente de todas as casas. Ao lado dos montes, bebés. Os que não tinham dinheiro para alugar um apartamento construíam barracas na praça, como capoeiras, para se protegerem da chuva. Estábulos, sótãos e latrinas exteriores, tudo foi transformado em habitação. Viviam dez pessoas num estábulo convertido, e essas eram as afortunadas. Muitas dormiam sem qualquer teto a cobri-las. Não havia em nenhuma das casas espaço para mobílias exceto as indispensáveis camas e mesas. Todos os dias, Renia via judeus a arrastar enxergas até ao exterior para que mais alguém coubesse no interior, o que reavivava as suas horríveis recordações de viver no gueto com a família. «Os judeus andavam de um lado para o outro como sombras», escreveu Renia, «como mortos-vivos.» Ao mesmo tempo, sentia que muitos polacos estavam satisfeitos, roubavam as casas e os bens dos judeus e comentavam cruelmente: «É

uma pena o Hitler não ter chegado mais cedo.» Alguns judeus queimavam os seus pertences e faziam lenha com as mobílias só para evitar que os polacos ficassem com elas.

Os membros do Liberdade partiram para o gueto, empilhando num carro tudo o que eram bens de primeira necessidade. Frumka e Hershel tinham conseguido garantir uma casa de dois andares, metade para eles, metade para os órfãos do Atid. Se bem que aquilo fosse muito melhor do que a maior parte dos alojamentos («um palácio», chamava-lhe Renia, feliz por estar limpo), era exíguo. Não havia espaço para passar entre as camas. Os armários e as mesas estavam no pátio para servir de lenha.

O gueto estava fechado, guardado pela milícia. A polícia escoltava os judeus de e para os seus trabalhos como alfaiates, sapateiros e metalúrgicos em oficinas alemãs. Então, os operários deixaram de se apresentar ao trabalho, afirmando que precisavam de quem cuidasse das crianças. (Renia notou com orgulho esta noção de rebelião judaica.) O Judenrat criou centros de dia comunitários onde as crianças eram cuidadas e alimentadas enquanto os pais trabalhavam. Mais tarde, construíram barracões em frente das oficinas, para que os bebés pudessem lá dormir à noite. Cada oficina tinha o seu barracão; pessoas desesperadas mudavam-se para lá antes de estarem sequer acabados. Como Renia registou, Kamionka era «um lugar miserável».

Qualquer infração acarretava a morte. As noites eram silenciosas, era perigoso andar na rua depois das oito da noite. O blackout total era obrigatório. Havia um milícia em cada esquina, a impor o recolher obrigatório, a luz da sua lanterna a faiscar no ar parado. De súbito, um tiro. De manhã, um funeral. Um homem tentara ir de um edifício para outro.

Todas as semanas, Renia via grupos a serem enviados para Auschwitz e para a morte: os idosos, os pais que esconderam os filhos, crianças arrancadas ao seio das mães, jovens acusados de serem politicamente ativos, pessoas que não apareceram para trabalhar um par de dias. Eram levados para a estação, agredidos e atirados para dentro de vagões de gado. Um homem que pegasse em qualquer coisa por acidente era chicoteado, estrangulado, espezinhado e, se necessário, atingido a tiro. Mas nunca era necessário – já estava morto.

De súbito, um grito lancinante. Um alemão arrancara um bebé dos braços da mãe, segurara-o pelos pés e esmagara-lhe a cabeça contra uma parede de tijolo, abrindo o crânio ao meio. O sangue salpicava a parede, o passeio. O nazi atirou o cadáver para o chão. Esta visão havia de assombrar Renia o resto da sua vida.

Renia observava esta desumanidade com um horror abjeto. As crianças testemunhavam estas atrocidades e choravam descontroladamente. O gueto estava a ficar menos sobrelotado à medida que os residentes eram levados todos os dias, alguém de cada família. «Todos os corações estão destroçados», escreveu ela. «É espantoso como as pessoas conseguem conservar a sanidade mental.»

,

Foi neste contexto que todas as atividades culturais no kibbutz cessaram. Foi então que os passaportes falsificados surgiram e que o Liberdade se reuniu com Hershel numa cabeceira da mesa e Frumka na outra. Foi então que os grupos de juventude tiveram de decidir: lutar ou fugir. Foi então que Frumka disse não, não iria. Foi então que todos decidiram juntar-se à luta armada que começara em Cracóvia e Varsóvia. Foi então que optaram pela defesa, pela vingança, pelo amor-próprio.

Foi então que Renia saltou da cadeira, pronta para a ação.

Segunda parte

Demónios ou deusas

Não eram humanas, talvez demónios ou deusas.

Calmas. Ágeis como artistas de circo. Muitas vezes, disparavam em simultâneo com pistolas em ambas as mãos. Ferozes no combate, até ao fim. Abordá-las era perigoso. Uma Haluzzenmädeln capturada parecia tímida. Completamente resignada. E então, de repente, quando um grupo dos nossos homens chegou a poucos passos dela, tirou uma granada de mão das saias, ou das cuecas, e matou-os enquanto os amaldiçoava até à décima geração – é de pôr os cabelos em pé! Sofremos baixas em situações como esta, de modo que ordenei aos meus homens que não tentassem capturar estas raparigas, que não se aproximassem demasiado, e, em vez disso, as liquidassem à distância com fogo de pistola-metralhadora.

Jürgen Stroop, comandante nazi

Capítulo 12

Preparação

Renia e Chajka

FEVEREIRO DE 1943

Będzin fervilhava. Desde o romper do dia até ao recolher obrigatório às oito da noite, o kibbutz e o seu pátio estavam repletos de camaradas. Os vizinhos reparavam. «Ganhámos fama de ser pessoas de ação», escreveu Renia, orgulhosa daquele recém-adquirido respeito, «pessoas que assumiram o controlo do seu futuro e que saberão o que fazer quando chegar o momento.»

Zvi Brandes e Baruch Gaftek, o único camarada com experiência militar, instruía os líderes das quinas, reuniam com eles e planeavam cada dia. Toda a gente aprendeu a usar armas de fogo, bem como machados, martelos, foices, gadanhas, granadas e líquidos inflamáveis – e a usar apenas os punhos. Os combatentes eram treinados para lutar até ao fim, a nunca serem apanhados vivos. Renia e o seu grupo recolhiam ferramentas afiadas, lanternas, facas – tudo o que pudesse ser utilizado em batalha.

Quando chegaram as primeiras armas de Varsóvia, trataram-nas como se fossem sagradas. Chajka agarrou com cautela numa pistola, cheia de energia, mas hesitante. Tal como a maior parte dos jovens, para quem as armas de fogo estavam alheadas da sua educação, tinha receio de que estivesse quente ou disparasse por acidente. Com o tempo, no entanto, foi ganhando confiança. Agarrada à sua pistola, via-se como uma verdadeira revolucionária, a desempenhar uma função humana, parte de um grande acontecimento histórico.

O PPR introduzia armas no gueto e tentava alojar judeus fora de Kamionka para que pudessem combater a partir do outro lado. O ZOB treinava os seus membros a contrabandear partindo do lado ariano; havia pessoas que saíam três vezes por semana. Desenvolveram oficinas e os camaradas produziam soqueiras e adagas, estudavam química e fabricavam bombas, granadas e garrafas cheias com materiais explosivos. Usavam tubos de ferro, pó de carvão e açúcar. À medida que as suas competências cresciam, as bombas que improvisavam tornaram-se melhores do que as compradas.

Depois de terem estado o dia inteiro a realizar trabalhos forçados, os camaradas passavam as noites a construir bunkers. O Judenrat não fazia a mínima ideia: os jovens e esfomeados judeus não recebiam ajuda externa e estavam exaustos. «É horrível ver os rostos magros e cansados», lamentava Renia, notando que também construíam bunkers para judeus em apartamentos particulares, sem pedirem nada em troca. Os membros do A Jovem Guarda, incluindo David Kozlowski, esboçavam os planos, discutindo-os durante dias, «conhecedores como engenheiros diplomados». Qual é o melhor lugar para os construir? Como camuflar as entradas e saídas?

De Varsóvia chegavam, trazidos por correios, planos de construção. Na capital, os bunkers eram proezas de engenharia: corredores subterrâneos estendiam-se por quilómetros, atravessavam todo o comprimento do gueto e terminavam no lado ariano. Túneis secundários desembocavam nos principais, com iluminação, água, rádios, comida, reservas de munições e explosivos; todos sabiam a senha para chegar ao bunker dos respetivos grupos. «Tanto engenho», recordava Renia. Em Będzin, abriram-se entradas para os refúgios em fornos, paredes, armários, sofás, chaminés e sótãos. Erguiam-se paredes à volta de divisões inteiras para as camuflar. Os camaradas escavavam túneis de mãos nuas. Havia esconderijos debaixo de escadas, em estábulos, em arrecadações de lenha. Os judeus imaginavam formas de organizar as divisões, dando a impressão de que os residentes tinham escapado à pressa. Luz elétrica, água, rádios, pequenos fogões, torradas para quem tinha problemas de estômago – estava tudo planeado.

Quando o momento chegasse, tudo o que teriam de fazer era refugiar-se nos seus bem abastecidos bunkers. Estavam prontos.

,

Todo este zelo levou a um episódio de resistência... no seio da comunidade. Em fevereiro de 1943, a milícia judaica precisava de mais homens. Renia sabia que isto significava que a deportação estava iminente. Seriam os milícias a pastorear os seus irmãos judeus até aos comboios e queriam que mais seis jovens camaradas do Liberdade se lhes juntassem. O trabalho na lavandaria, que os camaradas tinham continuado a fazer em Kamionka, estava agora suspenso. O Judenrat enviou ao kibbutz uma intimação a dizer que os homens escolhidos

precisavam de se apresentar e receber o chapéu branco. Caso contrário, os seus passes Zonder seriam confiscados e eles seriam deportados para um campo na Alemanha.

O Judenrat já enviara alguns rapazes do gueto para a Alemanha; nenhum voltara. Fosse como fosse, os camaradas recusaram absolutamente fazer parte daquilo a que chamavam a Gestapo judaica. Estavam dispostos a perder as autorizações de trabalho; nunca ajudariam os nazis a levar judeus para os campos de extermínio. Quando os rapazes não apareceram à hora marcada, chegou ao kibbutz um milícia com uma ordem do presidente do Judenrat para lhes confiscar os passes Zonder. E eles, obedientes, entregaram-lhos, não obstante o facto de que ser apanhado na rua sem documentos significar trabalhos forçados ou execução. Apesar deste confisco, no dia seguinte, a polícia judaica cercou o kibbutz armada com bastões e uma ordem de deportação para a Alemanha dirigida aos jovens faltosos. Os polícias bloquearam a porta e verificaram as identificações.

Foi então que dois rapazes do Liberdade saltaram de uma janela. Os milícias correram atrás deles; os rapazes esmurraram-nos e continuaram a fugir. Os camaradas remanescentes gritaram. «Morte à milícia!» Nunca consentiriam que a polícia levasse os seus membros! O comandante-adjunto da milícia ordenou aos seus homens que os espancassem e mantivessem os rapazes restantes como reféns até que os fugitivos se entregassem. Renia assistiu à confrontação, aturdida.

Frumka receava que alguém fosse morto na refrega ou, pior ainda, que os alemães aparecessem e matassem toda a gente. «Ninguém será feito refém», declarou. Ordenou aos que constavam da lista que se apresentassem no gabinete. Os jovens obedeceram e o kibbutz em peso seguiu-os pela rua cheia de gente até à camioneta. Então, um dos rapazes, «forte como um touro», escapou às mãos dos polícias e começou a correr. Seguiu-se uma luta de bastonadas e murros entre os milícias e o kibbutz. Uma camarada, Tzipora Bozian, feriu com gravidade vários milícias. Derrotado, o comandante ordenou aos seus homens que embarcassem na camioneta. «Para a esquadra da polícia», mandou. «Eles vão acabar com essa gente.» Os residentes do gueto observavam, e quando compreenderam que nem todos os judeus tinham medo da polícia, irromperam em aplausos. Renia estava ruborizada de orgulho.

Frumka, no entanto, receava que se a polícia alemã soubesse daquilo fosse o fim de todos eles. Começou por acalmar o comandante da milícia e a sua tropa, negociando para conseguir o seu silêncio. Eles respeitavam-na, e por isso aquiesceram, mas na condição de tomarem reféns em troca dos que tinham fugido. Os homens convocados

embarcaram na camioneta acompanhados por três reféns: Hershel Springer, o seu irmão Yoel, e Frumka. Tinha-se oferecido. Renia ficou a ver, impressionada e assustada, o veículo a afastar-se.

O alto-comando soube da escaramuça e, nessa noite, ordenou que o kibbutz fosse selado e os seus membros reunidos no pátio. Frumka e Hershel voltaram, graças a Deus, mas foi-lhes dito que, por terem humilhado a milícia e o seu comandante, todos os homens seriam enviados para a Alemanha. Nessa noite, Renia e os camaradas sentaram-se no exterior, sob as estrelas. Vizinhos compassivos apareceram para os convidar para suas casas, mas Frumka proibiu-o. Queria mostrar à milícia que eram capazes de aguentar uma noite ao relento, não obstante o perigo de estarem fora de casa depois do recolher obrigatório, não obstante os guardas nazis que rondavam. A milícia apareceu durante a noite, mas só para se certificar de que os selos postos na porta estavam intocados.

O grupo não foi capturado e continuou no exterior todo o dia seguinte, esfomeado e ao frio. Frumka e Hershel voltaram ao Judenrat implorando pelos homens. Nessa noite, Renia e os camaradas comeram um magro jantar no orfanato Atid. Então, a milícia apareceu e retirou os selos da porta. O castigo tinha acabado. Mas onde estavam Frumka e Hershel? Renia sentia medo só de pensar nisso.

Mais tarde nessa noite, voltaram todos. Ninguém foi mandado para longe, mobilizado para a polícia ou condenado a trabalhos forçados. O gueto inteiro falava da coragem do Liberdade.

Como estavam a aprender, era possível dizer não.

,

As notícias chegavam de Varsóvia a conta-gotas: a Aktion parecia iminente. Zivia e Antek informaram os habitantes de Będzin de que se preparavam para se defender, de que os judeus já não queriam saber de partidos políticos ou diferenças ideológicas e estavam prontos para lutar. Os camaradas recusavam fugir para o lado ariano mesmo quando podiam, tão ansiosos estavam por morrer a enfrentar o inimigo.

Em fevereiro, Zivia escreveu ao movimento clandestino de Będzin, a exigir, mais uma vez, que Frumka viajasse para o estrangeiro. Era preciso que vivesse para revelar ao mundo «a bárbara chacina dos

judeus». Seguiu-se outra carta, em março: Hantze precisava de viajar até Varsóvia com vista a ser enviada para fora do país. «Nada de desculpas, nada de discussões.» Era esta a sua ordem perentória.

Como Frumka, Hantze recusou. Não queria ouvir falar de salvar a vida. Como poderia deixar a irmã por uma coisa tão incerta? «Aquelas duas irmãs iam e vinham ao inferno uma pela outra», escreveu Renia. Também Frumka não conseguia imaginar a separação, mas suplicou a Hantze que fosse. Hantze não foi capaz de dizer não à irmã; não queria que se preocupasse.

Foi pedido um passador com a maior brevidade possível.

Deprimida, Hantze preparou-se para a viagem, enchendo um saco com elegantes roupas arianas. Alguma vez voltaria a ver os camaradas? Suplicou a Frumka que a acompanhasse, mas a irmã recusou. «Hantze, com as suas feições semitas, ficava ridícula vestida como uma camponesa polaca», escreveu Renia, receosa de que ela nunca conseguisse completar a viagem.

Dois dias mais tarde, chegou um telegrama de Częstochowa. Com as mãos a tremer, Renia leu-o: Hantze atravessara a fronteira para o Governo-Geral e, em breve, prosseguiria viagem. Então, outro telegrama. Tinha chegado a Varsóvia! Dentro de poucos dias sairia da Polónia. Estava tudo combinado. Renia suspirou de alívio.

Reparou que uma mulher polaca, que arriscara várias vezes a vida para ajudar o ZOB, era mencionada em quase toda a correspondência. Referia-se-lhe como A.I.R. para proteger a sua identidade, mas estava a falar de Irena Adamowicz, que se tornara uma grande amiga de Zivia, Frumka e Tosia. Católica devota de uma família aristocrática, e antiga escuteira no começo dos anos de 1930, Irena era um dos principais contactos do ZOB com o movimento de resistência polaco. Depois de se licenciar em Pedagogia pela Universidade de Varsóvia, simpatizante da causa nacionalista judaica, trabalhara com o A Jovem Guarda, visitando os seus kibbutzim. Durante a guerra, tornara-se próxima de membros do Liberdade e do A Jovem Guarda – chegara até a aprender iídiche.

Irena trabalhava para o município de Varsóvia como inspetora de lares para crianças e tinha um passe que lhe permitia visitar o gueto «no desempenho de funções oficiais». Em 1942, viajou até Vilna para falar aos líderes do A Jovem Guarda sobre a liquidação do gueto de Varsóvia; disfarçada de freira alemã, visitou numerosos guetos, trocando informação e oferecendo encorajamento. Abordou os seus amigos, líderes do Exército Nacional, sobre uma eventual ajuda aos judeus de Varsóvia. Distribuía cartas e publicações entre os movimentos

clandestinos polaco e judaico. Acolhia judeus no seu apartamento e ajudava grupos a atravessar a fronteira. Apesar de esconder a sua atividade até dos companheiros de casa, Irena era uma lenda entre a juventude judaica, mesmo em Będzin. «Todos nós estávamos fascinados pela sua personalidade», escreveu Renia, «embora nenhum de nós soubesse como era.»

Por outro lado, as cartas de Varsóvia continham trágicas histórias de insucesso, referiam correios que acabaram na prisão de Pawiak ou em Auschwitz. Nos seus diários, também Chajka registava narrativas de correios de Będzin que tinham sido capturadas e assassinadas. A sua colíder, Idzia Pejsachson, era o epítome do género de pessoa dura, seca e com uma vontade de ferro que Chajka seguiria cegamente até ao fim do mundo. «Não podes estar agora ocupada com sentimentos de amor», dizia-lhe Idzia. «Já lá vai o tempo em que o sentimentalismo era o que mais preocupava.»

Idzia insistia em que o grupo de Będzin se unisse como o de Varsóvia havia feito. Queria viajar até à antiga capital polaca – custasse o que custasse. «Tenho de ver o trabalho deles com os meus olhos», disse. «Então, voltarei e lançarei aqui as sementes da revolta. E trarei comigo um presente: o primeiro transporte de armas.» Os camaradas tentaram demovê-la de ir; não tinha a aparência física correta e era míope, coisa que, na opinião de Chajka, lhe provocava um nervosismo crónico. Mas não conseguiram convencê-la. Idzia queria encorajar outras raparigas a seguirem os seus passos. Em fevereiro de 1943, Idzia partiu – mas nunca voltou. Conseguiu falar em Varsóvia do desejo dos judeus de Będzin em lutar, e obteve três pistolas e algumas granadas, mas caiu nas mãos dos nazis em Częstochowa.

Havia narrativas díspares a respeito do seu fim. De acordo com um dos rumores, despertara a atenção de um agente secreto, que a seguia. Ela sentira-lhe a presença e metera por ruas e becos para o despistar, mas, má conhecedora do lado ariano, fora ter ao gueto. Ao ver isto, o agente lançara-se em sua perseguição. Idzia fugira, e um revólver tinha caído de dentro do pão que levava na mão. Fora abatida ali mesmo. Numa outra versão, quando se apercebera de que o agente secreto a seguia, decidira namoriscar. Ele convidara-a para sua casa... e ela não tivera remédio senão ir. O seu contacto em Częstochowa vira com quem ela estava e afastara-se do local de encontro. O agente secreto tentara atacá-la. Ela empunhara o revólver e disparara, mas ele conseguira fugir e voltara com a polícia. Quaisquer que tivessem sido as circunstâncias da morte de Idzia, a sua perda causou a todo o grupo um profundo desgosto e arrependimento: não deviam ter enviado a melhor deles.

Astrid substituiu-a. Também conhecida como A, Estherit, Astrit e Zosia Miller, Astrid não era a «típica espia», mas tinha muitos contactos e sabia de todos os comboios, estradas principais e secundárias que ligavam Varsóvia à província. Sempre que saía, assumia uma nova identidade – um rapaz camponês, por exemplo, ou um professor da cidade, usando um grande chapéu. Transportava armas, dinheiro, cartas, informação, documentos falsos e pormenorizados planos de defesa cosidos no forro da roupa. Escondia pistolas num grande urso de peluche (e tinha um ar muito querido agarrada ao seu bichinho), numa lata de marmelada com um compartimento secreto, em pães ou apenas no bolso do casaco; queixava-se de que se sentia vazia depois de as ter entregado. Apesar disso, sempre que Astrid chegava a Będzin havia festa com vodca, porque, ao fim e ao cabo, «era preciso introduzir os costumes de Varsóvia». Também contrabandeava pessoas.

Chajka anotou que Astrid era atraente, com uma bela figura, mas também um pouco aérea e vaidosa, louca por roupas; comprava roupas novas para cada viagem porque, alegava, era importante parecer bem-vestida e à moda do lado ariano. Além de uma bonita figura ariana, tinha uma extraordinária coragem. Uma autêntica «temerária», segundo Chajka, olhava nos olhos os agentes secretos com descaramento e um sorriso malandro e perguntava-lhes se queriam verificar os seus documentos. Teve muita sorte durante bastante tempo, mas, como a maior parte das raparigas-correio, Astrid acabou na prisão. Torturada. Trágica. Morta.

,

Então, uma enxurrada de comunicação. Uma carta a respeito de Hantze: a sua saída do país fora adiada e, de momento, continuaria em Varsóvia. Outra carta. A situação era terrível. A deportação geral podia acontecer a qualquer momento. «Se não voltarem a saber de nós, isso significará que a Aktion começou», escreveu um membro do ZOB em Varsóvia. «Mas desta vez vai ser muito mais difícil. Os alemães não estão preparados para o que temos guardado para eles.» Uma correio chegada a Będzin relatava que havia muito medo no gueto, mas que os camaradas estavam prontos. Logo a seguir, regressara à pressa a Varsóvia, para se certificar de que conseguia contactar o gueto da sua base no lado ariano.

Algumas semanas mais tarde, a correio voltou. Tinha havido uma terrível chacina em Varsóvia, era tudo o que sabia. A batalha

continuava, mas muitos tombaram. Chegou um telegrama da zona ariana: «Zivia e Tosia estão mortas.»

Depois disto, silêncio total de Varsóvia. Nada. Nem telegramas, nem cartas, nem mensageiros. Nenhuma informação. Nenhuma notícia. Estariam todos mortos? Teriam sido todos assassinados?

Alguém tinha de ir a Varsóvia, com dinheiro, para obter informações. Mas tantas mulheres haviam sido mortas naquela estrada. O grupo precisava de um correio que não parecesse judeu e fosse capaz de levar a cabo uma missão para averiguar os factos naqueles momentos particularmente sombrios. Frumka e todos os outros líderes decidiram: Renia.

A pequena Renia, a adolescente de Jędrezejów.

Renia não pensou nas raparigas que tinham desaparecido, no infindável rol de mortes. Por aquela altura, era uma mulher de ação, com objetivos bem definidos, decisivos. Sentia a sua fúria, a sua raiva, a sua necessidade de justiça.

«Claro que vou», disse.

Capítulo 13

As raparigas-correio

Renia

MAIO DE 1943

O novo mundo de Renia, o mundo das correios, era um mundo de disfarces, onde o valor de uma pessoa era calculado em função do seu aspeto físico. Para um judeu, viver no lado ariano significava uma representação constante, um papel de vida ou de morte que exigia cálculos de alto nível e reajustamentos incessantes, além de um instinto animal para o perigo, uma intuição basal para saber em quem confiar. Como Renia bem sabia, era difícil escalar o muro do gueto; mas era muito mais difícil estar do outro lado, trabalhar e conviver, para não falar de maquinar e contrabandear, en plein air.

,

Nesse mesmo dia, os líderes do ZOB de Będzin contactaram o passador de Częstochowa, que entretanto já tinha calculado a melhor maneira de sair do gueto. Chegou ao kibbutz horas depois e logo se dirigiu a Renia, pronto para a levar na sua primeira missão formal.

Renia pôs-se a caminho – como num qualquer dia normal de trabalho no gueto, excetuando o dinheiro. Cosera várias centenas de złotych no cinto de ligas; o grupo pensara que o dinheiro podia ser útil aos combatentes de Varsóvia. Foi de comboio até Strzebin com a mesma identificação que encontrara na rua meses antes. Desembarcaram uma estação antes da fronteira do Governo-Geral.

Tinham pela frente uma caminhada de 12 quilómetros através de campos e florestas até chegarem a um pequeno posto fronteiriço onde o contrabandista conhecia o guarda. Teriam de atravessar a pé, e depressa, tentando evitar qualquer polícia. O coração de Renia parou quando foram confrontados por um soldado. O contrabandista entregou-lhe uma garrafa de uísque. «Deixou-nos passar sem dizer uma palavra», escreveu Renia mais tarde. «Até nos apontou a direção.»

«Em silêncio e com muito cuidado», recordou ela, «fizemos o nosso caminho por entre árvores e penhascos.» O mais pequeno ruído assustava-a: as folhas, o ligeiro balouçar dos ramos.

De súbito, um restolhar. Alguma coisa, alguém, uma silhueta – e estava perto. Renia e o passador lançaram-se ao chão, rastejaram até um grupo de pequenas árvores ali próximo e esconderam-se debaixo de um arbusto. Passos cautelosos aproximavam-se. Com o coração a bater muito depressa, a transpirar, Renia espreitou do seu esconderijo.

Uma pessoa, a tremer de medo, chegou junto deles. Um homem. Viajara desde o outro lado da fronteira e estava convencido de que Renia e o passador eram polícias emboscados à espera, prontos para lhe saltar em cima.

Havia um mundo alternativo nas florestas da Polónia.

«A partir daqui não há problema», disse o desconhecido a Renia, e também ele voltou a respirar.

Minutos mais tarde, Renia tinha saído do bosque, naquilo que era agora outro país.

,

Varsóvia. Renia caminhava com determinação – mas não demasiada determinação. O comboio deixara-a mesmo no centro da cidade, e ela fez uma pausa para assimilar a novidade do meio, os prédios cinzentos e beges, as barrigudas cúpulas, os telhados muito inclinados. Não fora assim que imaginara a sua primeira viagem à grande cidade, pois Varsóvia estava tão disfarçada como ela, senão mais. O Sol do início da primavera, a mancha de prédios baixos que se estendia por quilómetros, as grandes praças e os azafamados vendedores de rua estavam agora obscurecidos por um miasma de fumo e cinza. O ruído do trânsito mal se ouvia no meio das explosões e gritos que, escreveu ela, pareciam «uivos de chacais». As avenidas estavam cheias de morte, o ar pesado com o cheiro de edifícios em chamas e de cabelos a arder. Alemães embriagados conduziam como loucos pela cidade. Em quase todos os cruzamentos havia postos de controlo da polícia onde cada embrulho era inspecionado.

Renia mal podia dar um passo sem que um guarda lhe revistasse a bolsa. Memorizara todos os pormenores da nova identificação que o passador lhe dera no dia anterior, ensaiando mentalmente mais uma identidade, a tentar, como sempre, tornar-se a pessoa do documento, viver a desfocada fotografia. Esta identificação não era daquelas feitas por encomenda, com uma versão polaca do seu nome iídiche e um lugar de nascimento a condizer com o seu sotaque. Era fruto de um acaso – pertencia à irmã do contrabandista. Mais adequada do que aquele que Renia encontrara na rua, mas mesmo assim não tinha fotografia, nem impressão digital.

Olhando ao longo da rua e vendo mais postos de controlo nazis, Renia receou que embora aquele documento falso pudesse ter funcionado no campo, talvez não fosse suficientemente bom para a cidade. Passou a mão pela cintura e sentiu o grosso maço de notas. Ainda lá estavam.

«Documentos!», rosnou mais um polícia. Renia entregou-lhe a identificação, a olhá-lo nos olhos. O homem revistou-lhe a mala e deixou-a passar, e apanhar um elétrico.

Ao chegar à sua paragem, apeou-se e caminhou mais um pouco. A polícia obrigava todos os transeuntes a pararem; até as ruas mais pequenas estavam cheias de agentes e homens da secreta à paisana; todos procuravam judeus fugidos do gueto. Abatiam à vista qualquer suspeito. «Fiquei com a cabeça a andar à volta», escreveu Renia mais tarde, «depois de ver aquela aterradora cena.»

Recompôs-se e encaminhou-se apressada para o seu alvo.

Por fim, chegou à morada.

– Venho falar com Zosia – disse à rotunda senhoria que a espreitava através da estreita fresta da porta. Era aquele o nome de código católico de Irena Adamowicz.

– Não está em casa.

– Eu espero.

– Tem de se ir embora. Não são autorizados hóspedes. Podemos ser mortos por deixar entrar uma desconhecida.

O coração de Renia falhou um batimento. Para onde poderia ir? Não conhecia absolutamente ninguém em Varsóvia.

Podia ter passado todos os postos de controlo até ao momento, mas isso não significava que não fosse apanhada no próximo.

– Além disso – sibilou a mulher –, acho que a Zosia é capaz de ser judia. Os vizinhos andam desconfiados.

– Oh, não, não acredito – respondeu Renia. A sua voz era calma, infantil, mas ela estava a transpirar. – Encontrei-a uma vez num comboio, e ela disse-me que passasse por cá se alguma vez viesse à cidade. É católica, não parece nada judia.

Conseguiria de algum modo aquela mulher ver através das pregas da sua saia, descobrir os segredos escondidos no tecido? Tinham-lhe confiado aquela missão devido à sua aparência polaca, mas seria o suficiente? Quase não usava qualquer disfarce; pelo menos nada de sofisticado.

– Se ela fosse judia – continuou na ofensiva, sem saber muito bem que jogo estavam a jogar –, tê-lo-íamos sentido no mesmo instante.

A mulher olhou para Renia, satisfeita com a resposta. Então, tossiu alto e retirou-se para o interior. Renia voltou-se.

Ali estava Zosia.

,

Foi então que Renia acordou para a realidade. Não era apenas uma judia disfarçada, era uma operacional da resistência, conhecedora de segredos e códigos, de esquemas e contraesquemas. Naquela guerra, era mais uma na linhagem de correios, ou, em hebraico, kashariyot, uma palavra com aceções mais vastas que descreve melhor a função: conectora. Regra geral, as kashariyot eram mulheres solteiras, entre os quinze e os vinte e poucos anos, que tinham sido líderes ou excepcionalmente dedicadas aos respetivos movimentos. Eram enérgicas, desembaraçadas e corajosas, dispostas a arriscar a vida uma e outra vez.

As conectoras tinham muitos papéis, e esses papéis mudavam à medida que a guerra progredia; Renia juntou-se ao grupo numa fase mais tardia. A prática das raparigas-correio começou no início da guerra com Frumka, Tosia e Chana Gelbard, que viajavam entre os guetos, estabelecendo a ligação entre camaradas nas províncias para liderar seminários, passar publicações, educar líderes locais e apoiar o crescimento espiritual. Estas mulheres criavam redes usadas para contrabandear comida e material médico. Para impedir os judeus de

obterem informação e ajuda, os ocupantes alemães certificavam-se de que os guetos se mantinham completamente isolados do mundo, tornando-se em «reinos encastrados», como Zivia os descrevia. Rádios e jornais eram proibidos e o correio confiscado com frequência. Viajar não era fácil: os comboios não tinham horários, as mulheres esperavam horas nas estações, e era suspeito parecer perdida numa nova cidade. «No gueto ninguém pedia indicações», escreveu Chasia Bielicka, a correio de Białystok. Quando chegava uma kasharit com notícias a respeito de famílias e políticas, era um sinal de que não tinham sido esquecidos, de que a vida continuava no exterior dos confins da sua tortura, de que nem toda a gente estava deprimida. Aquelas mulheres eram cabos salva-vidas, «rádios humanos», contactos de confiança, fornecedoras de abastecimentos e fontes de inspiração. Graças a elas, as notícias «voavam como meteoros» através do país. Como Tosia, eram muitas vezes recebidas com beijos e abraços.

Com o tempo, porém, as kashariyot tinham também de passar as dolorosas notícias de assassinios em massa e da Solução Final. Testemunhavam em primeira mão deportações e assassinios e contavam com muito cuidado as suas histórias, bem como outros relatos, de modo a convencer os judeus de que eram verdadeiras e animá-los a resistir.

À medida que a matança alastrava, e que os movimentos evoluíam para milícias, os caminhos e as técnicas dos correios, o conhecimento adquirido até à data (como as rotinas dos guardas, os pontos por onde era mais fácil sair, as roupas e as histórias inventadas mais eficazes) e a confiança que tinham em conseguir enganar os nazis, tudo isto se adaptava para se adequar às novas funções. Começavam agora a contrabandear identidades falsas, dinheiro, informações, publicações clandestinas e até pessoas para dentro e fora dos guetos. Descobriam salas seguras para reuniões, funcionavam como contactos dos líderes masculinos da resistência que passavam à clandestinidade, usando os seus conhecimentos das ruas para se orientarem em cidades desconhecidas, ajudando-os a planear missões e conseguindo-lhes autorizações de trabalho. Faziam-se passar por «acompanhantes» oficiais dos homens, caminhando com eles para dar a impressão de se tratar apenas de um simpático casal ou até passando uma noite inteira a namorar em estações de comboios enquanto esperavam pela manhã para entrar no gueto. Porque, regra geral, falava melhor polaco do que os seus camaradas masculinos, era a kasharit que lhes comprava os bilhetes de comboio e alugava o apartamento. Uma correio tinha de saber a cada instante o paradeiro do seu camarada, para o caso de ele ser capturado. A calma e a compostura exigidas por aquele trabalho eram sobre-humanas. Seria Renia capaz?

As conectoras eram quase sempre mulheres. As judias não tinham o óbvio marcador corporal que os homens circuncidados, nem perdiam a confiança com receio do «teste calças-abaixo». Era também menos suspeito as mulheres deslocarem-se durante o dia. Enquanto se esperava que os homens polacos estivessem a trabalhar, as mulheres podiam andar de um lado para o outro – talvez a caminho do almoço ou das compras – sem serem no mesmo instante detidas ou enviadas para trabalho forçado. A cultura nazi era classicamente sexista, e não era suposto as mulheres serem operacionais clandestinas; porque havia aquela jovem e simpática camponesa de ter boletins cosidos na sala ou uma pistola escondida no ursinho de peluche? Além disso, um sorriso maroto nunca fazia mal. Era frequente as raparigas-correio enganarem os nazis com as suas exhibições de elegância feminina ou o seu ar de falsa ingenuidade, de «menina», chegando ao ponto de pedir-lhes que as ajudassem a carregar malas – as mesmas malas cheias de contrabando. Habitualmente, as mulheres andavam na rua com bolsas de mão ou carteiras; estes elegantes acessórios tornavam-se esconderijos de armas. Na altura, também as mulheres polacas eram contrabandistas e vendedoras, com malas de mão cheias de todo o género de produtos importados ilegalmente. Algumas correios, como Tosia e Vladka, entravam nos guetos e nos campos fingindo ser contrabandistas não judias. Certa vez, Tosia chegou a um gueto vestida com roupa desportiva, como se fosse uma polaca que ali estivesse para comprar bens dos judeus a baixo preço.

Como regra, só as mulheres que não tivessem feições semitas eram escolhidas para as missões; como Renia, tinham cabelos claros e olhos azuis, verdes ou cinzentos; pareciam «bem». Faces rosadas eram importantes, uma vez que indicavam boa saúde. As que tentavam «passar» pintavam o cabelo ou embrulhavam-no em pedaços de papel para imitar penteados polacos. Mulheres (e homens) esforçavam-se por vestir roupas polacas, sobretudo as mais elegantes da classe média e média-alta. (A piada, na altura, era que se alguém visse um cavalheiro polaco muito bem-vestido, era quase de certeza um judeu.) Tanto Frumka como Hantze usavam lenços de cabeça para ocultar parte do rosto, e embora Frumka tivesse de ser convencida a perder tempo com cosméticos, usava maquilhagem para parecer mais ariana.

As raparigas também tinham de parecer polacas nos seus gestos e atitudes. Qualquer coisa tão simples como usar um regalo de pele bastava para contrariar o hábito judeu de gesticular enquanto se fala. Renia tinha um aspeto e uma pose polacas, era capaz de caminhar com confiança e reagir sem hesitar – e falava um polaco irrepreensível. As mulheres tinham mais tendência do que os homens para a proficiência linguística. Por razões financeiras, os filhos frequentavam escolas

judaicas, as filhas escolas públicas. Raparigas como Zivia e Renia aprendiam a falar como nativas, sem o característico sotaque judeu. Estudavam literatura polaca, passavam os seus dias com polacos, absorviam-lhes os maneirismos e as idiossincrasias.

Por paradoxal que pareça, as judias polacas estavam em vantagem por serem pobres. Antes da guerra, tinham de trabalhar e, através do emprego, a oportunidade de conhecer não judeus, socializar com eles e formar amizades. As mulheres conheciam as suas vizinhas polacas, cheiraram os seus cozinhados, viram-nas criar os filhos, estavam familiarizadas com os seus costumes, tanto religiosos como mundanos. Por exemplo, sabiam que enquanto os judeus lavavam os dentes todos os dias e muitos usavam óculos, a maior parte dos polacos não fazia qualquer destas coisas.

Em Varsóvia havia especialistas, como o salão Institut de Beauté, que ajudavam os judeus a disfarçarem-se. Ofereciam cirurgias ao nariz (e ao pénis), consultas de maquilhagem, descoloração e cortes de cabelo. Como franjas, caracóis e permanentes despertavam suspeitas, asseguravam-se de que o cabelo subia a partir da testa numa perfeita coifa ariana. Mas também ofereciam aulas de boas maneiras, ensinavam as judias a cozinhar carne de porco e a beber zurrapas, a gesticular menos e a rezar mais o Pai-Nosso. Quando Tosia visitou Będzin, encorajou as camaradas a aprender a recitar orações católicas para o caso de serem interpeladas e postas à prova.

Os judeus aprenderam o catecismo e a festejar os dias dos seus santos padroeiros e os dos seus amigos. Expressões judaicas (por exemplo, «De que rua és?») tinham de ser substituídas pelas suas equivalentes polacas («De que bairro és?»). As diferenças eram infundáveis.

Talvez porque se sentiam mais confortáveis do que os homens no ambiente social polaco, ou talvez por as ensinarem a ser empáticas, adaptáveis e sintonizadas com as dicas não verbalizadas das pessoas, estas mulheres tendiam a ser muito intuitivas. As suas competências femininas, aliadas a uma boa memória, ajudavam-nas a compreender os motivos dos outros. É um contacto genuíno ou um colaboracionista nazi? Este polaco vai denunciar-me? Está iminente alguma busca? Vou precisar de subornar este guarda? Estará ela a olhar para mim com demasiada insistência?

Graças ao treino nos movimentos juvenis, as mulheres estavam preparadas para este trabalho. Assimilaram mensagens a respeito de autoconsciência, independência, consciência coletiva e transcender tentações. Sabiam como manter um rumo e não ceder aos impulsos normais de alguém no fim da adolescência ou com vinte e poucos anos.

Uma vez, num comboio, quando estava disfarçada de camponesa, Tosia reparara num homem atraente e, de súbito, desejara a atenção dele. Namoriscara, e ele convidara-a para sua casa. Tosia sentira-se tão tentada a arriscar tudo por um dia de normalidade e prazer; tivera de recorrer a todas as suas forças para vir embora.

As kashariyot tinham identidades falsas, passados falsos, objetivos falsos, cabelos falsos e nomes falsos. E, não menos importante, sorrisos falsos. Não se podia andar por aí com olhos tristes – era um sinal inconfundível. As raparigas-correio eram treinadas para rir, rir alto, rir muito. Tinham de erguer a cabeça, beber o mundo, fingir que não tinham cuidados, que os pais e irmãos não haviam sido torturados e assassinados, que não estavam a morrer de fome, e que não levavam um saco de balas no boião da compota. Nos comboios, até participavam alegremente em discussões antissemitas com os outros passageiros. Não era fácil, como Gusta Davidson disse, «fingir alegria quando se estava mergulhada em pensamentos tão tristes [...] esgotava-a até aos limites da resistência». Chasia Bielicka descreveu a constante repressão: «Não podíamos chorar de verdade, sofrer de verdade e conectar-nos com os nossos sentimentos de verdade. Éramos personagens numa peça sem intervalos, nem sequer por um momento, numa representação sem palco. Atrizes a tempo inteiro.»

E como saíam dos guetos, as kashariyot eram o alvo preferido dos schalmtzovniks. Levavam sempre dinheiro especificamente destinado aos extorsionistas. Numa ocasião, quando Chaika Grossman foi seguida por um deles ao sair do gueto de Varsóvia com documentos e dinheiro, gritou, praguejou e ameaçou denunciá-lo à Gestapo. Também Vladka Meed usou uma estratégia ofensiva: pediu aos chantagistas que a seguissem (para evitar uma cena), ameaçou denunciá-los e caminhou com toda a calma na direção de um guarda nazi até que eles tiveram medo e fugiram.

Para Gusta, cada momento que passava fora do gueto era um momento de terror, «cada passo fora do arame farpado era como caminhar por entre uma saraivada de balas... cada rua uma selva densa que tinha de ser desbastada a golpes de catana.»

E, no entanto, as raparigas-correio tinham saído antes dela.

Renia saiu.

Capítulo 14

Dentro da Gestapo

Bela

MAIO DE 1943

Renia sabia que uma das mais bem-sucedidas e ousadas correios era a camarada do Liberdade Bela Hazan, que trabalhava sobretudo no Leste. Bela e as suas «espertinhas» e bonitas (no género ariano) «colegas» eram lendas, aquelas a quem se atribuíam as missões mais perigosas.

Bela era uma beldade loura, como o próprio nome sugeria, e, em concordância com o apelido, o pai era hazzan (chantre) numa minúscula e quase exclusivamente judaica aldeia do sudoeste da Polónia; a família vivia numa escura cave por baixo da sinagoga. Morreu quando Bela tinha seis anos, e a mãe criou sozinha seis filhos, aos quais ensinou a não aceitarem esmolas nem comiseração e a serem sempre orgulhosos e autossuficientes. Figura respeitada na comunidade, a mãe de Bela era uma mulher sem instrução, mas inteligente, esperta e intuitiva. Insistiu em dar aos filhos a educação que nunca teve e enviou-os para a escola hebraica, recusando toda e qualquer ajuda financeira, e esteve presente em todos os eventos da escola, nem que isso significasse ter de fechar a loja. Lavava-lhes as roupas todas as noites, para que parecessem tão asseados como as crianças ricas. Quando Bela acabou o curso, a mãe enviou-a como professora particular de hebraico e apoiava-a com encomendas de comida e cartas cheias de «terno amor maternal».

A mãe de Bela era uma sionista religiosa que permitia à filha frequentar as atividades do movimento – só que não no Sabat. Em 1939, Bela foi escolhida pela liderança local para participar num curso de defesa especial, como preparação para a vida na Palestina. Aprendeu a usar armas, bem como paus e pedras; assistia a preleções, e as palestras de Frumka e Zivia emocionavam-na de uma maneira especial. Sempre com excelentes notas em todos os exames, foi escolhida para instrutora de defesa no kibbutz do Liberdade em Będzin. Seguiu para Zaglembie, receosa de que, se passasse primeiro por casa, a mãe não a deixasse ir. E a senhora Hazan ficou de facto zangada e não respondeu às cartas da filha durante três meses, antes de acabar por lhe pedir perdão. Por esta altura, no final do verão, andava ela a tentar obter documentos para a aliyah de toda a família.

Bela estava num treino de defesa quando ocorreu a invasão de Hitler. Os camaradas reuniram-se na cozinha a ouvir o rádio, conscientes de que os nazis chegariam à sua povoação fronteiriça numa questão de minutos. As chefias decidiram relocalizar os membros mais para o interior da Polónia – excetuando uns poucos homens e Bela, que ficariam a cuidar do kibbutz de Będzin. Mas o bombardeamento alemão foi de tal forma violento que Bela e os camaradas tiveram de fugir para se salvarem. As estradas estavam apinhadas de pessoas em pânico que se empurravam; tal como as gares dos comboios de mercadorias. As bombas explodiam por todo o lado. Ao fim de dias a fugir, Bela regressou a Będzin, onde pelo menos tinha um teto. A sensação de pertença fê-la chorar – aquela era a sua casa.

Pouco depois, no entanto, o Liberdade incitou-a a ir para Vilna, a partir de onde a aliyah talvez ainda fosse possível. A sua caótica viagem incluiu uma travessia fluvial noturna num barco e três semanas numa prisão russa, onde foi obrigada a estar sempre de pé. Ao fim de dias de súplicas, foi levada a casa do chefe dos carcereiros, onde chorou e insistiu – com êxito – para que a libertassem e aos seus camaradas. De novo a caminho de Vilna, visitou a mãe, que já a julgava morta. Mas a feliz reunião durou apenas duas horas: Bela teve de partir, de carro e a pé, na sua tentativa de chegar à Palestina. Prometeu à família que a levaria para lá. Foi a última vez que a viu.

Em Vilna, participou na cena do nascente, ainda que faminto, movimento juvenil, onde o trabalho agrícola e cultural continuava, mesmo sob os russos (só que um pouco mais discreto). A invasão alemã de 1941 trouxe consigo o terror. Uma imagem ficou-lhe gravada para sempre logo nos primeiros dias: um judeu colado a uma árvore com o pénis cortado. Não tardou muito que todas as habituais leis antijudaicas fossem implementadas. Estrelas de David, execuções, guetização.

Mas Bela nunca esmoreceu. Desde o início, saía do gueto com um grupo de trabalho, através de pequenas passagens ou de casas nos limites do gueto; depois, arrancava a estrela de David (que prendera com alfinetes em vez de a coser – um crime que significava execução imediata), dirigia-se ao mercado e comprava comida e medicamentos para os amigos. Era uma desconhecida em Vilna – e ainda por cima loura. Não tinha de se preocupar com ser identificada como judia ao primeiro olhar, mas o seu sotaque polaco era muito judeu, pelo que falava o menos possível. No gueto, vivia num apartamento de três divisões com mais treze famílias – recebiam sempre de braços abertos refugiados judeus. Dormia em cima de uma mesa de pingue-pongue. Apesar de não ter qualquer espécie de treino médico, encontrou emprego num hospital como «enfermeira» no bloco operatório. Limpava o sangue e

uma vez teve de entregar os instrumentos ao cirurgião enquanto ele operava à luz de velas.

Quando souberam da chacina de Ponary, na floresta perto de Vilna, os camaradas começaram a organizar a resistência. Abba Kovner, do A Jovem Guarda, criou um grupo rebelde. Os líderes do Liberdade procuravam raparigas que não parecessem judias para trabalhar como correios entre os guetos. Bela já tinha experiência de sair como ariana, e ofereceu-se. Mesmo assim, precisava de documentos que lhe permitissem movimentar-se com liberdade. No hospital, falou do assunto a uma conhecida sua não judia, um pouco mais velha que ela, alegando que queria ir ver a família. A colega entregou-lhe o seu passaporte sem fazer perguntas, mas avisou-a de que nunca deveria visitá-la em casa, porque o marido odiava judeus. É assim, com dezanove anos, Bela Hazan tornou-se Bronislawa Limanowska, ou Bronia, para abreviar. Os líderes do Liberdade substituíram a fotografia e o carimbo; apesar de ser uma falsificação evidente, este passaporte serviu durante anos.

O trabalho de Bela consistia em ligar Vilna, Grodno e Białystok, contrabandeando boletins, dinheiro e armas. Tinha como instruções encontrar uma casa segura para correios em Grodno e montar uma base. Deixou o gueto de manhã com um grupo de trabalho e, por dez moedas de ouro, comprou um crucifixo para trazer ao pescoço e um livro de orações cristãs. Com um vento cortante a soprar-lhe nos ouvidos, viajou em veículos militares, carruagens e carroças, dormindo em casas demolidas, até chegar à medieval Grodno, com os seus telhados inclinados e as suas ruas calcetadas. Bateu à porta da casa de uma mulher polaca já de idade e, enquanto a mulher lavava a roupa à luz de um candeeiro a petróleo na cozinha, Bela disse-lhe que a sua casa fora bombardeada, a família morta, e que precisava de um abrigo – sempre aterrorizada pela possibilidade de uma palavra iídiche ou hebraica lhe sair da boca, ou de dizer «Deus» em vez de «Jesus Maria». A mulher consolou-a e acolheu-a. Mas Bela não conseguiu dormir naquela noite, com medo de gritar em hebraico durante o sono.

A precisar de arranjar um trabalho em Grodno, Bela dirigiu-se ao gabinete de emprego.

– Fala alemão? – perguntou-lhe o funcionário.

– Claro.

O iídiche era, ao fim e ao cabo, muito próximo.

O funcionário interrogou-a. Ela transformou os seus vus em vas (o quê).

– Fala muito bem – elogiou ele. O mau iídiche dela resultara num alemão decente. – Tenho um lugar para si... Como tradutora, na sede da Gestapo.

Um emprego na Gestapo? Um risco louco, Bela bem o sabia, mas também uma posição que poderia ajudá-la de maneiras extraordinárias.

No dia seguinte, começou a trabalhar nos escritórios da Gestapo em Grodno, que eram sobretudo uma secção administrativa. O chefe gostou dela à primeira vista, como quase todo o pessoal, na sua maioria alemão. Bela estava encarregada de traduzir polaco, russo e ucraniano para alemão. «De repente», recordaria, «era multilingue!» Também fazia a limpeza e servia chá.

Para encontrar um apartamento, evitou o bairro intelectual onde o seu sotaque seria reconhecido. Alugou um quarto nos arredores da cidade a um viúvo bielorrusso que, esperava, não notaria os seus erros linguísticos. Tentou instalar-se o mais confortavelmente possível naquele espaço cujas paredes estavam cobertas de ícones de Jesus. Mas quando chegava a casa no fim dos seus turnos de dez horas, aquelas imagens enchiam-na de medo, tal como os domingos na igreja – mais do que os dias que passava rodeada de nazis. Tinha sempre o cuidado de ir à igreja com uma colega e pôr-se atrás dela, para poder imitar-lhe todos os gestos e movimentos.

Uma semana depois de ter começado a trabalhar, Bela pediu ao chefe documentos oficiais que atestassem o facto de trabalhar para a Gestapo. Ele assinou sem hesitar. Com aqueles papéis, dirigiu-se às entidades municipais, explicou que toda a sua documentação tinha sido destruída e pediu um novo conjunto. O escriturário teve tanto medo de desagradar a alguém que trabalhava para a Gestapo que a levou até à cabeça da fila. Emitiram-lhe uma identificação com falsos pormenores. Bela ganhara a lotaria: liberdade de movimentos.

Com os seus papéis, podia estar cá fora depois do recolher obrigatório, mesmo nas proximidades do gueto, aonde ia ajudar. Tinha de comunicar com Vilna e emprestar aos camaradas os seus novos documentos como modelos para falsificações. Mas era quase impossível conseguir uma autorização para viajar de comboio – estavam reservadas aos militares. Por isso, uma manhã, Bela foi trabalhar lavada em lágrimas. Explicou que o irmão morrera em Vilna e que precisava de o enterrar; a tradição polaca exigia que o defunto fosse sepultado num período máximo de três dias. E depois disso teria de tratar de vários assuntos – demoraria uma semana. O chefe dela confortou-a e acompanhou-a pessoalmente para conseguir a autorização.

Exultante, Bela chegou a Vilna e, vestida como uma cristã, planeou o momento certo para entrar no gueto e prender a estrela que levava escondida na carteira. Perto da porta do gueto, uma mulher de longas tranças loiras abordou-a.

– Não nos conhecemos?

O coração de Bela bateu mais depressa. Quem era aquela?

– Como se chama?

– Christina Kosovska.

A mulher tirou uma fotografia da carteira. Era um grupo de camaradas. Bela estava entre elas!

– O meu verdadeiro nome – sussurrou a mulher – é Lonka Kozibrodka.

Lonka. Bela ouvira falar muito dela. Uma mestre-correio, com um polaco irrepreensível e uma bonita aparência cristã, Lonka possuía a sabedoria e o encanto de «um sumo sacerdote, com as compridas tranças loiras arranjadas num halo à volta da cabeça». Os camaradas perguntavam-se muitas vezes se não teria sido enviada pela Gestapo como infiltrada. Já perto dos trinta anos, oriunda de uma família culta dos arredores de Varsóvia, alta e esguia, Lonka frequentara a universidade e era fluente em oito línguas. Enquanto Bela, quase uma década mais nova, era uma desembaraçada rapariga da classe trabalhadora, entroncada e acelerada, Lonka tinha a confiança de uma mulher educada e mundana. Não usava estes trunfos para intimidar os camaradas, mas sim para impressionar os nazis. «Por mais de uma vez», escreveu uma camarada, «um gestaponik ajudou-a a carregar a mala cheia de materiais ilícitos por pensar que se tratava de uma rapariga cristã.» Lonka, que tinha subido depressa nas fileiras do Liberdade com os seus modos alegres, mas diligentes, viajava por todo o país, transportando armas, documentos e, uma vez, um arquivo. Agora, estava ali em missão, enviada por Varsóvia. Juntas, misturaram-se com um grupo de trabalhadoras e entraram no gueto. Foi a primeira de muitas colaborações.

Bela teve uma alegre reunião com os camaradas (que estavam preocupados com o seu emprego de alto risco) e entregou-lhes os documentos, que eles passaram a noite inteira a copiar no «gabinete de falsificações.» Poucos dias mais tarde, Bela regressou a Grodno com instruções para informar o Judenrat a respeito de Ponary e pedir ajuda financeira para tirar judeus de Vilna. Ia também encontrar-se com

membros do Liberdade e partilhar com eles planos para uma revolta clandestina.

Antes de deixar Vilna, substituiu a braçadeira judaica por uma faixa preta de luto. No comboio, explodiu em lágrimas, exigindo a destruição de todos os judeus. Os outros passageiros disseram-lhe palavras de conforto a respeito da morte do irmão. Isto é, quando não estavam a culpar os judeus por todos os problemas do país. De volta ao seu apartamento, a senhoria e o vizinho ajudaram-na a acalmar. Quando regressou ao trabalho, encontrou um cartão de solidariedade dos colegas nazis do escritório a dizer como todos lamentavam a perda do irmão. Foi isto que, por fim, a fez rir.

Requereu uma autorização especial para entrar no gueto. Explicou que precisava de ser vista por um excelente dentista judeu – conseguiu um passe de duas semanas. No Judenrat, apresentou a sua informação e os seus pedidos. Podiam dispensar dinheiro para os mais pobres de Vilna? Aceitariam refugiados? Mas os homens do conselho não acreditaram nela. Além disso, disseram, onde iriam colocar mais pessoas? E não podiam dar dinheiro a ninguém. No átrio, Bela soluçou. Um membro do Judenrat abordou-a, ofereceu-se, em segredo, para ajudar os refugiados e entregou-lhe dinheiro e identificações falsas. Bela encontrou o grupo do Liberdade na cave da biblioteca. Eram oito – muitos deles familiares –, que se reuniam para palestras e lições de hebraico. Falou-lhes de Ponary e da necessidade de a juventude se erguer.

Em vésperas do Natal de 1941, Bela decorou a sua primeira árvore e disse à senhoria que uma amiga iria visitá-la durante a quadra festiva. Tema Schneiderman chegou a Grodno vestida com as suas habituais roupas informais, mas elegantes, incluindo umas botas de inverno pretas muito em voga. Era conhecida por levar sempre uma prenda – mesmo quando entrava no gueto –, como flores silvestres que apanhava pelo caminho, limões contrabandeados ou uma peça da sua roupa.

Nativa de Varsóvia, Tema (também conhecida como Wanda Majewska), era uma correio alta, reservada, com aparência cristã, cujo rosto sorridente era corado por duas tranças castanho-avermelhadas. Tema perdeu a mãe muito nova e era independente e prática; falava polaco em casa e frequentara uma escola pública antes de se tornar enfermeira. Juntou-se ao Liberdade por intermédio do namorado, Mordechai Tenenbaum, e aprendeu iídiche. No início da guerra, os dois forjavam documentos de emigração e enviavam camaradas para a Palestina. Mordechai adotou o nome da sua identificação falsificada; adorava Tema e enviava-a nas missões mais arriscadas. Os seus relatórios eram publicados em boletins clandestinos e Tema escreveu

um ensaio para um jornal polaco da clandestinidade destinado a alemães, em que lhes contava os horrores da guerra. Trabalhara na área de Varsóvia como correio e passadora de pessoas.

Bela levou-a ao seu gabinete – o cartão de condolências continuava afixado no quadro das notícias. Também Tema riu com gosto.

Um nazi que estava apaixonado por Bela convidou-a para a festa de Natal da secção. Impossível recusar. Nessa noite, Tema e Lonka estavam com ela no apartamento, de modo que as levou consigo. Vestiram-se as três a preceito e participaram nas festividades natalícias da Gestapo, posando para uma fotografia que de então para cá se tornou a imagem icónica das raparigas-correio. Cada uma delas ficou com uma cópia.

Pouco depois, o movimento clandestino chamou Bela a Vilna. Bela disse ao chefe que ia precisar de passar duas semanas no hospital e apanhou um comboio até lá. A carruagem estava apinhada de soldados nazis, com os quais conversou – com um maço de notas escondido no soutien e a estrela de David no fundo do bolso do casaco. Entrou no gueto de Vilna misturada com um grupo de trabalhadoras, oferecendo-se para carregar os seus sacos de batatas. Uns poucos quarteirões pareceram-lhe quilómetros.

Pouco tempo depois, estava no gueto de Białystok. Ali, ela e Lonka colaboraram para fazer entrar uma encomenda que continha um bebé nascido em Grodno. Sentia-se tão feliz por se encontrar entre amigos e poder mostrar-se como judia que decidiu ficar. Frumka chegou a Białystok para liderar um seminário de três semanas, sempre atenta a que os camaradas continuassem a aprender e a pensar. Lonka e Bela passavam dias a percorrer a região, à procura de judeus que pudessem levar para o seminário, disfarçados, de carro, de comboio e a pé. O seminário dava-lhes a sensação de estarem a viver uma vida normal.

Vilna, Białystok, Volhynia, Kovel. Bela passou os meses seguintes em viagens incessantes, a escapar a liquidações – uma vez escondendo-se em tubagens de cimento –, e por fim chegou a casa para a encontrar ocupada por ucranianos, a sala de estar da mãe decorada com imagens de Jesus. Lançou para o ar alguns comentários antissemitas e, então, perguntou o que acontecera aos judeus locais.

«Foram-se.»

Bela correu, conseguindo afastar-se o suficiente para não ser ouvida antes de romper em soluços. Sabia que se queria continuar a viver, viver para a vingança era a única opção.

Na primavera, Lonka foi enviada em missão a Varsóvia. Levava consigo quatro revólveres.

Desapareceu.

Os líderes em Białystok decidiram que alguém tinha de procurá-la. Bela ofereceu-se. «Vê se voltas inteira», disseram-lhe. Estava toda a gente nervosa.

O namorado de Bela, Hanoch, acompanhou-a até à estação. Forte, musculado, um homem que tinha roubado armas aos nazis, inspirava a confiança dela. Planeavam casar depois da guerra e ir para a Palestina.

Guardou nos enormes bolsos as duas armas que Hanoch lhe deu e entreteceu nas tranças um boletim da clandestinidade impresso em papel muito fino. Sentia-se confiante a caminho de Varsóvia e passou todas as inspeções com os seus documentos falsos.

Até que chegou à aldeia de Malkinia Gorna.

Um oficial entrou na carruagem e abordou-a.

– Sim?

– Venha comigo – disse ele. – Há muito que estamos à sua espera.

Sem uma palavra, Bela levantou-se e seguiu-o.

O comboio partiu.

O oficial levou-a para uma pequena sala na estação, revistou-lhe o corpo e a mala, encontrou as armas. Não havia nada que ela pudesse fazer. Bela olhou para os alemães que empunhavam as armas que transportara e soube: ia ser executada. A adolescente resolveu agir como se nada de especial estivesse a acontecer. Apareceram homens que a escoltaram até à floresta, gritando-lhe que corresse, batendo-lhe nas costas. Bela não queria que a matassem pelas costas. Cantarolou uma música para se acalmar.

Chegaram a uma pequena prisão no meio de coisa nenhuma. Bela entrou em pânico: e se descobrissem o boletim em hebraico? Os alemães sabiam que ela contrabandeava armas, mas não podiam – não deviam – saber que era judia. Pediu para ir à casa de banho. Levaram-na a uma barraca sem teto onde havia um buraco no chão. Conseguiu tirar o boletim que enrolara nos cabelos e atirá-lo para o buraco.

Numa pequena divisão, despojaram-na de tudo. Aquilo era o fim. Nunca ninguém saberia o que lhe acontecera. Bela começou a chorar. «Para de chorar ou mato-te!», gritou-lhe o oficial. Começou o interrogatório. Ela mentiu sem cessar, falando só polaco, a jogar desesperadamente com o seu sotaque.

«Sim, o meu pai era primo em primeiro grau do famoso político polaco Limanowski.»

«Comprei os documentos a um homem no comboio, por 20 marcos.»

«As armas são minhas.»

Bateram-lhe sem misericórdia. Depois, interrogaram-na a respeito de oficiais polacos, e Bela percebeu que a julgavam membro do Exército Nacional.

De repente, um deles perguntou:

– Conheces a Christina Kosovska?

Lonka.

– Não.

– Diz a verdade ou mato-te. – O homem pegou numa fotografia e pôs-lha diante da cara. Era a fotografia dela, Tema e Lonka na festa de Natal da Gestapo. Lonka fora tão confiante que a levava consigo quando saía em missão. Eles tinham-na encontrado. – Não te reconheces?

Bela disse que tinha visto Lonka pela primeira vez na festa. Eles não acreditaram e voltaram a bater-lhe, partindo-lhe um dente.

Ao fim de seis horas de interrogatório, Bela, exausta, foi atirada para o frio chão de terra batida. Durante toda a noite, os guardas tentaram entrar na cela. Ela afugentou-os gritando alto. Às cinco da manhã, foi algemada e posta num comboio com uma escolta. Os transeuntes lançavam-lhe olhares de pena, mas ela mantinha a cabeça bem erguida.

Levaram-na para a sede da Gestapo em Varsóvia, na rua Szucha. O Szucha – como este quartel-general da Gestapo acabou por ser conhecido, estava instalado num majestoso edifício do governo polaco que fora ocupado pelos nazis. Situado num bairro de luxo com amplas avenidas e prédios de apartamentos art déco – incluindo o primeiro domicílio polaco a ser equipado com um elevador –, talvez ninguém imaginasse que aquela edificação de colunas brancas tinha na cave uma masmorra com câmara de tortura. Os detidos esperavam para ser

interrogados em celas escuras a que chamavam «elétricos» por terem os bancos em fila, presos uns aos outros e todos voltados na mesma direção. Um rádio emitia música aos berros para abafar o barulho dos chicotes e dos gritos, do bater dos porretes e bastões e dos uivos. Por todo o lado, havia mensagens desesperadas riscadas nas paredes de cimento.

Bela foi posta noutra minúscula divisão, e reparou nas palavras de ordem alemãs na parede: «Olha sempre em frente, nunca podes olhar para trás.» Durante três horas, ouviu choros e gritos abafados. Levaram-na então para o terceiro piso. Mais um interrogatório por um oficial de olhos esquivos; mais respostas falsas. «Se não nos diz já onde arranjou as armas, obrigamo-la a dizer.»

Foi mandada de volta para a cave, brutalmente espancada durante todo o trajeto. O oficial da Gestapo obrigou-a a despir todas as roupas e a deitar-se numa prancha de madeira no meio do chão. Pegou num porrete e espancou todas as partes do corpo de Bela, uma de cada vez. Tapou-lhe a boca com a mão até que ela perdeu os sentidos. Acordou coberta de sangue. Incapaz de se mover, com o corpo negro e inchado, ficou ali estendida três dias. Então, o oficial voltou, disse-lhe que se vestisse e levaram-na para Pawiak, a prisão política que ficava no interior do gueto, mesmo em frente da rua Dzielna. Um carro especial transportava os prisioneiros entre os dois lugares de tortura várias vezes por dia; os de fora observavam apavorados.

Pawiak era conhecida como o inferno, mas Bela sentia-se feliz.

Acabava de descobrir que Lonka estava lá.

,

«A Lonka atirou uma nota de uma janela de Pawiak quando a prenderam», explicou Irena Adamowicz a Renia enquanto as duas caminhavam com passos determinados pelas ruas de Varsóvia. «Os camaradas encontraram-na e ficaram a saber onde ela estava.»

Não obstante os perigos que as ameaçavam a cada passo, Irena e Renia tinham saído para a cidade. Ligada por laços de lealdade às mulheres combatentes, Irena acolhera Renia de braços abertos. Era uma mulher alta e magra, com feições delicadas. Os cabelos louros, salpicados de cinzento, chegavam-lhe à base do pescoço. Vestia uma comprida saia

preta, blusa branca e sapatos pesados. Enquanto caminhavam, Renia pediu-lhe que a ajudasse a responder a todas as desesperadas perguntas que tinham em Będzin.

Era verdade que Zivia fora assassinada?

Irena, confiante e discreta, passara anos a mudar de endereço, a manter ligações, a organizar ações de juventude na Varsóvia ariana, mas os tempos estavam particularmente difíceis. Há já vários dias que não contactava com o gueto. No entanto, explicou, e tanto quanto sabia, Będzin tinha recebido notícias falsas.

– A Zivia está viva – disse. – Neste preciso momento, está a combater no gueto.

Renia deixou escapar um profundo suspiro. Aquilo, decidiu, era uma coisa que tinha de ver por si mesma.

Capítulo 15

O levantamento do gueto de Varsóvia

Zivia

ABRIL DE 1943

Poucas semanas antes, na véspera de Páscoa, 18 de abril de 1943, Zivia estava com os camaradas, a divertirem-se no kumsitz (a palavra iídiche para «venham sentar-se», uma expressão que significa «reunião» de um movimento). Eram já duas da manhã, mas eles debatiam os seus planos para o futuro. Foi então que um camarada entrou, com um ar sério.

– Recebemos um telefonema do lado ariano – anunciou. Ficaram todos paralisados. – O gueto está cercado. Os alemães vão iniciar o ataque às seis.

Nenhum deles sabia que 20 de abril era o aniversário de Hitler, e Himmler queria oferecer-lhe a destruição do gueto como uma prenda simbólica.

Zivia sentiu um frémito de alegria e, logo a seguir, um estremecimento de horror. Há meses que se preparavam, a rezar por aquela precisa hora, mas continuava a ser difícil enfrentar o princípio do fim. Então, reprimiu as suas emoções e pegou na arma. Chegara o dia.

Desde a «minirrebelião» de janeiro que o gueto de Varsóvia estava a planear a sua grande revolta. Os judeus tinham visto que podiam matar alemães, deter uma Aktion, e viver, e Zivia sentia que a psicologia do gueto mudara. Já não havia ilusões a respeito de segurança no trabalho; todos sabiam que a deportação e a morte estavam iminentes. Os judeus que tinham dinheiro compravam documentos arianos e tentavam fugir. Outros encontravam materiais de construção no meio do entulho e edificavam esconderijos sofisticados, bem camuflados, bem abastecidos de comida. Faziam estojos de primeiros socorros, ligavam-se a redes de eletricidade, criavam sistemas de ventilação, ligavam-se aos esgotos da cidade e cavavam túneis até ao lado ariano. Também Vladka notou esta mudança de estado de espírito: durante uma visita de primavera ao gueto, viu cartazes do ZOB a exortar os judeus a ignorar as ordens dos alemães e resistir; os judeus liam-nos com cuidado. Um conhecido perguntou-lhe como conseguir uma arma. Os judeus compravam as suas armas. A revolta ZOB já não era vista como uma fantasia de um

bando de miúdos com bombas caseiras, mas sim como uma respeitada luta nacional.

O Exército Nacional, também impressionado pela rebelião de janeiro, decidiu finalmente dar uma ajuda mais significativa. Enviaram para o gueto 50 pistolas, 50 granadas de mão e vários quilos de explosivos. Antek vestiu um fato que lhe ficava apenas um tudo-nada pequeno e disfarçou-se de polaco; mudou-se para o lado ariano a fim de liderar a atividade e estabelecer contactos. O ZOB comprou armas a polacos, a judeus do gueto e a soldados alemães, e roubou-as às polícias polaca e alemã. O novo arsenal era, no entanto, uma tal mistura, que as munições de diferentes calibres fabricadas em vários campos de trabalho nem sempre correspondiam às armas de que dispunham.

O quartel-general da resistência expandiu-se e foram-lhe acrescentadas oficinas e um laboratório. Vladka descreveu a escura «fábrica de munições», com a sua comprida mesa e cadeiras, o seu cheiro acre, como um espaço de silenciosa santidade. Era silencioso por uma razão: um erro de cálculo e faziam o edifício ir pelos ares. O ZOB fabricava bombas primitivas a partir dos canos de água mais grossos retirados das casas abandonadas. Cortavam pedaços com 30 centímetros, soldavam um dos extremos, e inseriam-lhes tubos mais finos carregados de explosivos, além de pedaços de metal e pregos. O vento, mechas demasiado curtas, eram riscos operacionais.

Um engenheiro do Bund aprendeu com os seus amigos do PPR a fazer cocktails molotov. Os jovens recolhiam garrafas de vidro fino. (O vidro mais grosso não resultava.) Obtinham gasolina e querosene de uma família judia que fora proprietária de um armazém de combustíveis, bem como de um grande camião-cisterna que abastecia o Judenrat todos os dias – tinham as coisas arrançadas de modo a deixar o motorista encher o depósito, após o que os deixava roubar algum. O cianeto de potássio e o açúcar entravam no gueto vindos do lado ariano. Os cocktails eram embrulhados em grosso papel pardo e ateados no momento do lançamento. Os jovens aprenderam a apontá-los aos tanques e aos capacetes dos soldados. Também fabricavam minas com espoletas elétricas que enterravam nos pontos de entrada do gueto, usando betão reforçado e traves.

O ZOB assumiu o controlo oficial do gueto, substituindo o Judenrat, e passou a ser, como Zivia escreveu, «o governo efetivo». Brincava a respeito de terem recebido um pedido de um judeu que queria abrir um casino no gueto. Os padeiros ajudavam. Os sapateiros ofereciam-se para fazer coldres que substituíssem os pedaços de corda que até então os combatentes usavam para segurar as suas armas. A organização limpou o gueto de colaboracionistas e informadores, e recolheu dinheiro. Como

Zivia fazia notar, eram precisos milhões de złotys para armar centenas de combatentes. A despeito dos anteriores avisos para que agissem com prudência, o American Joint Distribution Committee contribuiu com fundos significativos. Além de estar encarregada de encontrar novos recrutas, Zivia foi nomeada colíder da Comissão de Finanças, criada para solicitar donativos. Quando isto se revelou inadequado, passaram a cobrar impostos, primeiro ao Judenrat e depois ao banco do gueto, que era guardado pela polícia polaca. «Um belo dia», escreveu ela, «entrámos lá com pistolas e tirámos todo o dinheiro que havia no cofre.» O ZOB impunha taxas aos judeus ricos, sobretudo aos que mantinham ligações com os alemães. Escrevia notas a exigir pagamento, negociava, raptava membros da família e enviava combatentes armados (disfarçados de polacos, que eram considerados mais ameaçadores do que outros judeus) revistar-lhes as casas, mas nada foi tão eficaz como a criação das prisões. Era lá que detinham os judeus ricos cujo dinheiro vinha de fontes corruptas até que eles (mais frequentemente as famílias) concordassem em pagar.

Mas o ZOB nunca matou outros judeus por dinheiro. Era importante para Zivia manter um alto sentido moral no meio da «gritante desmoralização» e da ganância que os rodeavam. Juntavam milhões, mas os combatentes só comiam modestas rações de pão seco. Zivia enfatizava que não deviam, em circunstância alguma, gastar o dinheiro com eles.

Zivia fazia parte do comando central do ZOB, ao lado da enérgica líder do A Jovem Guarda de Varsóvia, Miriam Heinsdorf, que tivera um envolvimento romântico com Josef Kaplan, o líder que fora capturado no depósito de armas. Mas parece que as duas mulheres eram oficialmente despromovidas na organização guarda-chuva mais vasta que incluía o Bund e os partidos seniores. Aí, nenhuma mulher tinha competências de topo, mas Zivia continuava a participar em todas as reuniões diárias do ZOB, e as suas opiniões contavam. Tosia também participava nas discussões mais importantes.

De acordo com as reflexões de Zivia, usavam o seu tempo com sensatez, em pessoas que tinham sido educadores com zero de experiência militar, desenvolvendo estratégias e métodos de combate para uma guerra frontal, ataques noturnos ao estilo dos guerrilheiros e luta nos bunkers. O ZOB estudou as labirínticas ruas do gueto, ponderou os resultados da batalha de janeiro e estava atento a surpresas. Os seus membros preferiam as táticas de luta menos dramáticas e mais metódicas adotadas pelo grupo que Zivia chefiara em janeiro: ataques a partir de lugares escondidos, dos quais se podiam retirar através dos sótãos e dos telhados. Apanhar os nazis de surpresa era a melhor

aposta. Escolhiam meticulosamente postos estratégicos de onde era possível dominar cruzamentos de ruas. De acordo com o movimento juvenil, organizaram-se 22 grupos de combate, num total de 500 combatentes (com idades entre os vinte e os vinte e cinco anos). Um terço eram mulheres. Cada grupo tinha um comandante, um posto de combate específico, conhecimentos da sua área particular e planos preparados para o caso de perderem o contacto com o comando central. Os combatentes tinham aulas preparatórias de primeiros socorros. Todas as noites, até tarde, treinavam em becos patrulhados, sem usarem balas e marcando alvos de cartão. Aprendiam a desmontar e montar as suas armas em segundos.

Zivia, convencida de que os combatentes do gueto de Varsóvia não sobreviveriam, concentrava-se em encontrar pessoas que pudessem contar ao mundo como os judeus tinham lutado. Não alimentava ideias a respeito de deixar a Polónia, mas escolhera Frumka e Hantze como emissárias e escrevera-lhes para Będzin, insistindo em que partissem. Ninguém se envolvia em planos de salvamento, ninguém preparava caminhos de fuga ou bunkers. O ZOB preparou apenas um «bunker médico» para cuidar dos feridos resultantes da luta, que sabiam iminente.

,

Mesmo assim, era sempre uma surpresa verem as suas fantasias materializadas.

De arma na mão, Zivia sabia que aquela «manhã assinalava o princípio do fim». Os mensageiros do ZOB percorreram o gueto a espalhar a notícia; as pessoas pegaram nas suas armas e esconderam-se. Pânico. Da sua posição num último andar, Zivia via uma mãe carregando no colo um bebé que chorava, e arrastava atrás de si um saco de pertences, a correr de bunker em bunker, na tentativa de encontrar um lugar. Sabendo que tão depressa não voltariam a ver a luz do dia, outros tentavam à pressa secar o pão – uma verdadeira história de Páscoa. Dentro dos bunkers, as pessoas apertavam-se umas contra as outras em improvisados beliches de madeira, a acalmar as crianças cujos choros eram demasiado altos. Então, Zivia viu o gueto ficar fantasmagoricamente deserto, silencioso, exceto pela sombra distante de uma mulher que corria para ir buscar qualquer coisa que se

esquecera e parava para lançar um olhar cheio de amor aos combatentes que ocupavam as respectivas posições.

Zivia estava entre os 30 combatentes designados para os andares mais altos de um prédio no cruzamento das ruas Nalewski e Gensia – a primeira unidade a enfrentar os alemães. A ansiedade, a excitação, eram quase avassaladoras. Apesar de não serem um exército, estavam muito mais organizados do que em janeiro, centenas deles em locais estratégicos armados com pistolas, espingardas, armas automáticas, granadas, bombas e milhares de cocktails molotov, ou, como os alemães lhes chamavam, «a arma secreta dos judeus». Muitas mulheres empunhavam bombas e explosivos. Cada combatente tinha o seu estojo pessoal (preparado pelas camaradas), contendo uma muda de roupa interior, comida, um ligadura e uma arma.

Com o nascer do sol, Zivia viu as tropas alemãs avançarem para o gueto como se fosse uma verdadeira frente de batalha. Dois mil nazis, tanques, metralhadoras. Soldados aprumados, descontraídos, que marchavam a cantar, prontos para um golpe de misericórdia fácil.

Os combatentes do ZOB deixaram-nos atravessar o portão principal. Então, premiram o interruptor.

Uma explosão enorme. As minas colocadas sob a rua principal rebentaram. Braços e pernas decepados voaram pelos ares.

Um novo grupo de nazis avançou. Zivia e os camaradas atiraram granadas de mão e bombas, uma chuva de explosivos. Os alemães dispersaram; os combatentes judeus perseguiram-nos e abateram-nos. Poças de sangue alemão cobriam as ruas, com uma massa «pulverizada e sangrenta de corpos desmembrados». Uma combatente, Tamar, ficou tão emocionada que se juntou ao coro de alegria e gritou «Desta vez vão pagar!» numa voz que não reconheceu.

A unidade de Zivia lutou contra os alemães durante horas, o comandante a correr de um lado para o outro, a encorajar, a incitar. De súbito, um ponto fraco, e os alemães entraram no edifício. Mais cocktails molotov. Alemães «a rebolar no seu próprio sangue».

Nenhum combatente judeu ficou ferido.

A inebriante alegria da vingança. Os judeus estavam atónitos, ofegantes, surpreendidos por estarem vivos. Os combatentes abraçaram-se, beijaram-se.

Começaram a afastar-se para ir procurar um pouco de pão e um lugar para descansar, mas ouviram um apito, e então o ruído de motores. Voltaram a correr para as suas posições, atiraram granadas e cocktails molotov contra os tanques nazis. Um impacto direto! Tinham travado o avanço. «Dessa vez ficámos confusos», refletiria Zivia mais tarde. «Nós não conseguíamos compreender como tinha acontecido.»

Nessa noite, celebraram-se improvisados sederes de Páscoa nos bunkers do gueto livre de alemães. Os judeus cantaram a respeito de libertação e salvação, perguntaram porque era aquela noite diferente de todas as outras e berraram o Dayenu. Mesmo só aquilo teria sido o suficiente. As lojas de comida do Judenrat foram abertas e as pessoas abasteceram-se.

O dia seguinte, no entanto, foi difícil. A maior parte dos bunkers ficara sem eletricidade, água e gás. Quase todas as unidades da milícia estavam isoladas uma das outras. A artilharia alemã, posicionada no lado ariano, bombardeou o gueto sem parar. Era difícil deslocarem-se. Zivia manteve a sua autoridade e, como sempre, agiu por sua iniciativa, conduzindo missões de reconhecimento e rondas noturnas aos diferentes postos e bunkers, para encorajar os combatentes, gizar planos, tentando calcular a posição dos alemães. Estas expedições noturnas eram terrivelmente perigosas. Numa ocasião, um soldado alemão viu-a e abriu fogo. Por diversas vezes, costumava subir até ao alto de um edifício em ruínas para saborear a calma da noite. «Durante horas», recordou, «ficava ali deitada, num silêncio preocupado, os céus a galoparem lá em cima na sua própria primavera, e, por vezes, era tão bom ficar assim deitada, a sentir na mão o agradável contacto da minha arma.»

Certa noite, ela e dois camaradas saíram para estabelecer contacto com os principais grupos de combate do Liberdade na principal artéria do gueto, a rua Mila, «deslizando furtivamente pelo meio dos escombros», atravessando ruas e becos, sempre colados aos edifícios. O coração bateu-lhe mais depressa ao aproximar-se do endereço – não havia sinais de vida. Devastada, mal conseguiu pronunciar a senha.

E então a porta camuflada abriu-se. De repente, camaradas, velhos amigos, estavam a abraçá-la, a beijá-la. Na unidade deles, que atacara pela retaguarda os alemães que entravam no gueto, só se perdera uma vida. Aquele bunker tinha um rádio do qual saía uma torrente de música alegre. Então, a música calou-se. «Os judeus do gueto», anunciou o locutor de uma rádio polaca clandestina, «estão a lutar com uma coragem sem paralelo.»

Zivia estava exausta e ainda precisava de visitar outros postos. Mas os camaradas não a deixaram ir. Aquele bunker fora preparado como unidade médica, com um médico, enfermeiras, equipamento, primeiros socorros, medicamentos e água quente. Insistiram para que tomasse um banho; assaram um frango e abriram uma garrafa de vinho em sua honra. Não paravam de falar, sentimentos e emoções a transbordar, conscientes do que tinham feito. Um deles lançou um cocktail molotov que atingira a cabeça de um nazi, transformando-o numa tocha humana; outro atingira um tanque, deixando uma coluna de fumo; outros tinham tirado armas de cadáveres alemães.

Outras unidades contavam histórias de êxito semelhantes: minas colocadas nas entradas, horas de batalha, encurraladas em passagens de sótãos, mas abrindo caminho à bomba. Um destacamento de 300 alemães foi «feito em tiras» por uma mina elétrica, e «pedaços de uniformes e de carne humana voaram em todas as direções». Como descreveu um outro combatente, depois de as bombas da sua unidade terem detonado: «corpos esmagados, membros e pedras a voar, muros a cair, o caos absoluto». Num outro grupo de combate, soldados nazis entraram no edifício a agitar uma bandeira branca, mas o ZOB não se deixou enganar. Zippora Lerer debruçou-se da janela e lançou garrafas cheias de ácido sobre os alemães lá em baixo. Ouviu um deles gritar, incrédulo: *Eine frau kampft!* «Uma mulher a combater!» Começaram a disparar contra ela, mas Zippora não recuou.

Masha Futermilch, do Bund, subiu ao telhado de um edifício. Tremia tanto de excitação que precisou de mais tempo para acender o fósforo e pegar fogo à mecha do explosivo que tinha na mão. Por fim, o seu companheiro atirou a granada aos alemães. Uma explosão ensurdecedora, nazis caídos, e então ouviu um grito: «Olhem, uma mulher! Uma mulher combatente!» Masha estava aturdida. Uma sensação de alívio invadiu-a: tinha feito a sua parte.

Pegou numa pistola e disparou até à última bala.

,

Hantze preparou-se para deixar Varsóvia, conforme planeado. Mas o homem põe e Deus dispõe. Dias antes da sua partida: o levantamento do gueto de Varsóvia. Ficou decidido que Hantze já não iria para o estrangeiro. Voltaria a Będzin para ajudar na defesa de Zagłębie. Se estava destinada a morrer em combate, queria morrer junto da irmã e

dos camaradas de lá. No segundo dia do levantamento, durante uma pausa nos combates, Hantze escapuliu-se pelas estreitas e tortuosas ruas do gueto em direção à estação dos comboios, acompanhada por dois camaradas armados. Cada segundo era precioso. Chegaram a um espaço aberto entre o gueto e o lado ariano. Atrás de Hantze estava o campo de batalha, a dificuldade nas suas costas. Mais um passo.

De súbito, uma voz selvagem: Halt!

Os camaradas armados sacaram das pistolas e dispararam. Apareceu um enxame de polícias. Hantze correu com todas as suas forças. Mas os nazis perseguiram-na até ao pátio «e apanharam a nossa rapariga», escreveu Renia mais tarde a respeito da sua querida e luminosa amiga. «Arrastaram-na pelos cabelos até um muro e apontaram as metralhadoras. Ela manteve-se imóvel, a olhar a morte na cara. As balas rasgaram-lhe o coração.»

,

Ao fim dos primeiros cinco dias de luta, escaramuças de rua e ataques a partir dos sótãos, o ZOB via-se perante um resultado surpreendente: estavam quase todos vivos. Claro que eram boas notícias, mas representava também um desafio. Como se prepararam para morrer, não tinham pensado em caminhos de fuga nem em planos de sobrevivência a curto prazo, não dispunham de esconderijos e restava-lhes pouca comida. Estavam a ficar cansados, famintos, fracos. Zivia viu-se envolvida num novo e inesperado género de discussão: como iam continuar?

,

Renia hospedara-se num hotel no lado ariano. Na manhã seguinte, «uma amiga», como a descreveu, quase de certeza um contacto de Irena, levou-a a ver de perto a batalha do gueto. Todas as ruas que lá conduziam estavam repletas de soldados e tanques alemães, camionetas e motos. Os nazis usavam capacetes reforçados e empunhavam armas, prontos para atacar. As nuvens ficaram vermelhas, refletindo as chamas das casas que ardiam. Mesmo à distância, o ar estava cheio de gritos. Quanto mais

Renia se aproximava do bairro judeu, mais chocantes lhe pareciam os gritos. Soldados e polícias nazis protegiam-se sob barricadas. Tropas especiais das SS, com o equipamento completo de combate, estavam estacionadas diante do muro do gueto. Canos de metralhadoras espreitavam das varandas, janelas e telhados das casas arianas adjacentes. O gueto estava completamente cercado, com tanques a bombardeá-lo de todas as direções.

Mas Renia viu-o por si mesma: tanques nazis estavam a ser destruídos – por judeus. Pela sua gente, combatentes da resistência escanzelados, esfarrapados e a morrer de fome que lançavam granadas de mão, apontavam metralhadoras.

Lá em cima, aviões alemães, que brilhavam ao Sol, desciam em voo picado e rodopiavam sobre o gueto, largando bombas incendiárias que ateavam fogo às ruas. Edifícios caíam em escombros, pavimentos abatiam, lançando para o ar colunas de pó. O embate era tremendo, mais parecia uma guerra civil. «Mais do que alguns judeus a combater os alemães», escreveu Renia, «era como se dois países se enfrentassem em batalha.»

Renia observava tudo, posicionada perto do muro do gueto. Era a sua missão, a sua responsabilidade, testemunhar e relatar. Enquanto via o gueto arder, deslocou-se ao longo do perímetro, a tentar ver a batalha do maior número possível de perspetivas. Viu jovens mães lançarem os filhos dos últimos andares de prédios em chamas. Homens atiravam as famílias, ou atiravam-se, saltando para a morte na esperança de amortecer a queda de esposas e pais.

Mas nem todos conseguiam suicidar-se. Renia viu residentes do gueto encurralados nos andares mais altos de um prédio pelo qual o fogo ia subindo. De súbito, uma explosão de chamas fez uma parede abrir-se ao meio. Toda a gente caiu, a deslizar pelos destroços. Por baixo da destruição ergueu-se um grito horrível. Umas poucas mães que tinham miraculosamente sobrevivido às chamas com filhos nos braços gritavam a pedir auxílio, suplicavam pelas vidas dos seus bebés.

Um soldado alemão arrancava crianças dos braços das mães. Atirava-as ao chão e espezinhava os pequenos corpos com as botas, espetava-os com a baioneta. Renia, paralisada, viu-o atirar para o fogo os corpos desfeitos que ainda se agitavam. O mesmo soldado bateu numa mãe com o seu bastão. Um tanque aproximou-se e passou por cima do corpo moribundo. Renia viu homens adultos de olhos esbugalhados contorcerem-se em angústia e a suplicarem aos alemães que lhes dessem um tiro. Os nazis limitavam-se a rir e a deixar as chamas fazer o seu trabalho.

Mesmo no meio desta depravação, deste caos doentio, Renia obrigou-se a ver a batalha pela esperança que oferecia, a promessa que podia enviar aos combatentes de Będzin. Através do fumo, conseguia distinguir as formas vagas de jovens judeus com metralhadoras de pé nos telhados dos prédios que ainda não ardiam. Raparigas judias – raparigas judias! – disparavam pistolas e lançavam garrafas cheias de explosivos. Crianças judias, rapazes e raparigas, emboscavam os alemães com pedras e barras de ferro. Ao verem o clarão do incêndio, judeus que não faziam parte de qualquer organização, que nada sabiam a respeito de movimentos de resistência, agarravam naquilo que conseguiam encontrar e juntavam-se aos combatentes. Porque, de outro modo, só havia uma saída: a morte. O gueto estava cheio de mortos. Sobretudo judeus, mas Renia viu também alguns alemães.

Renia manteve-se perto do muro do gueto e assistiu ao desenrolar da luta ao longo do dia, rodeada por não judeus que também observavam. Uma fotografia mostra um grande grupo de polacos, adultos e crianças, a conversar, usando bonés e casacos, de mãos nos bolsos, enquanto olham para as grandes volutas de fumo negro à sua frente. Vladka, que estava igualmente no lado ariano, viu milhares de polacos, vindos de todos os recantos de Varsóvia para assistir. Renia anotou como os espectadores destas horríveis cenas reagiam, muitas vezes de maneiras reveladoramente diferentes. Alguns alemães cuspiam para o chão e afastavam-se, incapazes de continuar a contemplar o horror. Renia viu, na janela de um apartamento próximo, uma mulher rasgar as roupas do peito e gritar: «Não existe Deus neste mundo se é capaz de assistir a tais cenas lá de cima e manter-se silencioso.»

Renia sentiu-se como se os pés se desfizessem debaixo do corpo. As coisas que tinha visto, as imagens horríveis, tudo parecia estar a puxá-la para o chão. Mas, ao mesmo tempo, havia uma certa ligeireza no seu coração, «uma espécie de felicidade por ainda ali haver judeus, a viver como pessoas que lutavam contra os alemães».

Abalada, mas continuando a comportar-se como uma rapariga polaca, Renia voltou ao hotel enquanto a batalha prosseguia. Tentou descansar, mas era torturada por visões, pela informação que acabava de obter. «Não queria acreditar que tinha visto aquilo com os meus olhos. Seria possível que os meus sentidos me tivessem iludido?», não parava de se perguntar. Seriam aqueles atormentados judeus, quebrados e dizimados pela fome, realmente capazes de travar uma tão heroica batalha? Mas sim, sim, tinha-o visto: «Os judeus ergueram-se dispostos a morrer como pessoas.»

Ao longo do resto do dia, notícias do gueto espalharam-se por toda a cidade: o número de alemães mortos, o número de armas que os judeus

lhes tiraram, o número de tanques destruídos. Os judeus iam lutar até ao último suspiro, era o que se dizia. Durante toda a noite, enquanto Renia tentava dormir, a sua cama era sacudida pelo rebentamento de bombas.

Saiu para a estação dos comboios logo nas primeiras horas da manhã, caminhando pela cidade com mais calma do que no dia anterior. Renia, uma jovem judia de uma pequena povoação dos arredores de Kielce, tornara-se exímia a evitar as armadilhas mortais das selvagens e devastadas pela guerra ruas de Varsóvia. Passou o dia inteiro a viajar em carruagens de comboio com gentios que não paravam de expressar a sua admiração pelo heroísmo e coragem dos judeus.

Tal como a longa linhagem de correios antes dela, Renia beneficiava do facto de ser subestimada, e deste modo conseguiu escapulir-se pelas ruas de Varsóvia sem que ninguém suspeitasse de que era uma operacional da resistência. Sob a aparência de uma rapariga polaca que passeava pela cidade ou apanhava um comboio para o campo, pôde desfrutar de um lugar na primeira fila para assistir à maior rebelião da guerra e até às francas discussões que se seguiram. «Têm de estar polacos a lutar ao lado dos judeus», ouviu várias pessoas opinar. «É impossível os judeus serem capazes de travar uma batalha tão heroica.» Na verdade, aquilo era o maior dos elogios.

O comboio prosseguia a sua marcha, aproximando-se da fronteira. Renia mal conseguia conter as boas notícias que transportava. Chegara o momento de se revoltarem em todo o lado. A seguir, Będzin!

Capítulo 16

Bandidos de tranças

Zivia

MAIO DE 1943

O clarão ofuscava Zivia. O meio da noite parecia o meio do dia. As chamas rugiam para onde quer que olhasse.

Depois da luta inicial, os nazis mudaram de estratégia. Em vez de entrarem a marchar pelos pátios – de onde os judeus já não emergiam –, insinuavam-se silenciosos no gueto em pequenos grupos, tendo como alvo moradas onde suspeitavam que eles se escondiam. O ZOB atacou-os lá dentro. Então, confrontados com a perspectiva de intermináveis escaramuças, os alemães mudaram mais uma vez de tática. No início de maio, o alto-comando ordenou a destruição sistemática dos edifícios do gueto, na sua maioria com estruturas de madeira, pelo fogo.

Numa questão de horas, escreveu Zivia, o gueto inteiro era pasto das chamas. Os alemães destruíam um edifício de cada vez, abatendo a tiro quaisquer judeus que fugissem dos seus fumegantes esconderijos. Até nos bunkers de metal, as pessoas eram mortas pelo calor e pela inalação de fumos. Famílias, grupos, crianças corriam pelas ruas transformadas em montes de entulho em busca de um abrigo que não fosse inflamável. Zivia observava, horrorizada. «O gueto de Varsóvia foi queimado na fogueira», descreveu. «Colunas de chamas erguiam-se para o céu e as faúlhas crepitavam no ar. O céu brilhava com um terrível clarão vermelho [...]. Os infelizes restos da maior comunidade judaica da Europa estrebuchavam nos estertores da morte.» Este horror, relatou, aconteceu enquanto fora dos muros do gueto as famílias polacas visitavam um parque de diversões, a desfrutar o dia de primavera.

Os combatentes do ZOB já não podiam lutar do interior dos edifícios, nem podiam deslocar-se pelos telhados. Todos os sótãos e passagens tinham sido destruídos. Enrolaram roupa e trapos molhados à volta da cabeça e dos pés para defletir o calor e voltaram à luta de bunkers, usando os dos civis porque não tinham preparados nenhuns dos seus. A maior parte dos judeus ficava contente por partilhar o seu espaço, e obedeciam às ordens do ZOB para não saírem e, desse modo, acabarem

por alertar os alemães. Mas, no fim, o fogo derrotou a teimosa rebelião. Fumo, calor, ruas inteiras envoltas em chamas. Zivia continuava a patrulhar o gueto todas as noites, «por entre a fúria dos incêndios, a confusão das casas que se desmoronavam, o estilhaçar de vidros, as colunas de fumo que subiam para o céu». «Estávamos ser queimados vivos», escreveu.

Grupos de pessoas fugiam do fogo para o gueto aberto, as labaredas a chamuscarem-lhes as caras e os olhos. Centenas de combatentes e milhares de civis juntaram-se no pátio que restava na rua Mila, suplicando por instruções do ZOB: Tayerinke, wohin?, «Querida, para onde devemos ir?» Zivia sentia-se responsável, mas não tinha respostas – e agora? Os planos do ZOB estavam desfeitos; a batalha final com que sonhavam tornara-se impossível. Prepararam-se para aguentar, para derramar sangue nazi a uma pequena emboscada de cada vez. Só não imaginaram que seriam destruídos daquela maneira, com os seus assassinos a uma distância segura. Como Zivia enfatizaria mais tarde, «Não era contra os alemães que tínhamos de lutar, mas contra o fogo.»

Zivia mudou-se para o número 18 da rua Mila. Poucas semanas antes, Mordechai Anilevitz tinha transferido o quartel-general do ZOB para um enorme bunker subterrâneo construído pelos ladrões mais infames do submundo judeu. Escavado por baixo de três edifícios colapsados, o bunker tinha um corredor comprido com quartos, uma cozinha, uma sala de estar – e até um «salão», com uma cadeira de cabeleireiro no meio e um cabeleireiro que ajudava as pessoas a prepararem-se para passar até ao lado ariano. Deram a cada divisão o nome de um campo de concentração. (No Museu Yad Mordechai, em Israel, assim chamado em honra de Anilevitz, os visitantes podem explorar uma réplica do bunker. O espaço com paredes de tijolo está cheio de beliches de madeira, roupas penduradas de cordas compridas, tachos e panelas, um rádio, mesas, cadeiras, mantas de lã, um telefone, uma casa de banho e vários lavatórios.)

Ao princípio, o bunker tinha um poço e água canalizada, pão fresco e vodca levados pelos amigos ladrões. O corpulento líder do bando, que respeitava Anilevitz, tinha a seu cargo todos os acordos e rações – e era justo. Mandava os seus homens ajudar os combatentes do ZOB, mostrando-lhes as posições alemãs, as vielas e pequenas ruas secundárias, mesmo quando a maior parte da área estava destruída. «As nossas mãos têm um jeito especial para fechaduras», disse a Zivia. O comando central do grupo vivia ali, bem como 120 combatentes forçados a sair dos seus esconderijos incendiados, e também alguns civis. Pensado para umas poucas dezenas de criminosos, quando Zivia

lá chegou, o número 18 da rua Mila albergava mais de 300 pessoas, amontoadas em todos os recantos. Agora, os clandestinos começavam a sofrer os efeitos da sobrelotação, da escassez de oxigénio e da diminuição das reservas de comida. Numa carta a Antek, Anilevitz escreveu que era impossível acender uma vela devido à falta de ar.

Durante o dia, o número 18 estava apinhado, os combatentes agitavam-se, inquietos, cheios de fome. (Não era permitido cozinhar antes de anoitecer, porque o fumo seria visível.) Zivia deitava-se junto de Hela Schüpper, a fumar tabaco enrolado. Mas à noite, quando os nazis marcavam o ponto e deixavam o trabalho? Vitalidade. Correios faziam a ligação com outros bunkers; grupos de reconhecimento saíam para encontrar armas, contactos e qualquer telefone que ainda funcionasse. (Antes do fogo, Tosia falava com os camaradas do exterior todas as noites; durante meses, os combatentes usaram os telefones das oficinas para manter atualizados os camaradas do lado ariano.) Outros revistavam bunkers abandonados, à procura de qualquer coisa que fosse útil, mesmo pontas de cigarro... Mais de 100 combatentes estavam desesperados por armas e sabiam que os alemães tinham conhecimento das suas posições, mas, mesmo assim, passavam as tardes a falar dos seus sonhos da Palestina. Arriscavam-se no exterior, alongavam os músculos doridos, caminhavam à vontade, respiravam fundo, «apesar de ser o ar do gueto onde o estralejar e o silvo das brasas ainda trespassavam a escuridão», escreveu Zivia. Judeus do gueto que tinham passado o dia nos esgotos também saíam depois de escurecer. À noite, o gueto ganhava vida, «mesmo no meio da desolação calcinada».

E Zivia continua: «Então, com o nascer do sol, os alemães chegavam a farejar por todo o lado como cães famintos à procura de uma presa. Onde estão esse malditos judeus, esses últimos judeus?» No mínimo, as tréguas eram curtas.

,

Aproximadamente dez dias após o início dos confrontos, o ZOB decidiu passar para o lado ariano através de um pequeno número de túneis e esgotos. Vários combatentes já tinham tentado esta manobra, mas sem êxito: foram abatidos a tiro ou perderam-se nos subterrâneos e morreram de fome e de desespero. Mas agora não havia alternativa. O gueto estava quase demolido, as ruas bloqueadas por grandes pedaços de betão, e era

impossível respirar devido ao fumo, para não falar do fedor dos corpos queimados. Zivia tinha medo de tropeçar nos cadáveres de famílias inteiras quando saía em missão.

Os nazis descobriam bunker após bunker, escondiam-se e ouviam as conversas dos judeus, faziam reféns os judeus atormentados e famintos. Todas as noites eram menos as pessoas que saíam para respirar. Os membros do ZOB debateram se deveriam salvar civis ou eles próprios. Enviaram mensageiros, incluindo um rapaz de dezassete anos chamado Kazik, pelos túneis do ZZW para descobrir se havia esconderijos preparados para eles no lado ariano. (O ZZW travara uma grande batalha no gueto, mostrara a sua bandeira e usara os caminhos de fuga estabelecidos com antecedência para chegar ao lado ariano, onde os seus combatentes planeavam juntar-se aos partisanos. A maior parte tinha sido morta.) Não obstante os muitos encontros secretos de Antek no lado ariano, as tentativas não estavam a progredir bem – os combatentes não dispunham de refúgios para os quais escapar.

Dentro do gueto, Anilevitz saboreara o seu sonho de vingança, mas mesmo assim, caíra numa depressão. E agora? Reuniu-se com Zivia, Tosia, a sua namorada Mira Fuchrer (outra corajosa líder que supostamente teria escapado com Hantze) e outros comandantes para avaliar a situação. Não viria ajuda do exterior, e os laços com o PPR eram ténues. A campanha deles tinha acabado.

«Já quase não resta nada com que lutar e ninguém contra quem fazer guerra», escreveu Zivia. Sentiam a paz da missão cumprida, mas estavam esfomeados, à espera de uma morte lenta. Nenhum imaginara que, por aquela altura, estariam vivos, de armas na mão, à espera do que ninguém sabia o quê. Os camaradas voltavam-se para Zivia em busca de encorajamento, certezas e instruções. A despeito de todo o seu pessimismo, Zivia era capaz de sair num ápice deste estado de espírito e entrar em ação. O vasto sistema de esgotos de Varsóvia era a sua única resposta.

Acompanhou o primeiro grupo – combatentes com aparência ariana, incluindo Hela – quando saíram para uma missão de fuga pelos esgotos que partiria do bunker «coletor de lixo», ligado ao sistema subterrâneo. Ia convencer o chefe do bunker e um guia a aceitarem o plano e a acompanharem os judeus até à saída.

Primeiro, atravessar o gueto. O grupo aparentava calma, trocava piadas, mas os camaradas apertavam com força as coronhas das suas pistolas e faziam, talvez, as suas últimas despedidas. Saíram do número 18 a rastejar sobre as barrigas, como cobras, a ansiar um pingó de luz do dia naquela escuridão absoluta. Voltariam a ver o Sol? Respiravam o ar

cheio de fuligem e fumo, ouviam as indicações dos guardas que os afastavam dos lugares onde ainda havia tiros, os pés embrulhados em trapos para abafar o som, a caminhar por ruas secundárias, o dedo no gatilho, rodeados «pelos esqueletos calcinados de casas» e por um silêncio absoluto, com exceção de uma janela que o vento fazia bater. Pisaram vidro estilhaçado e corpos queimados, enterraram-se em alcatrão derretido pelo calor. Zivia levou-os por fim até ao bunker, onde encetou uma negociação bem-sucedida com o chefe e o guia, os quais, ao que parecia, conheciam 14 caminhos através dos túneis.

O grupo recebeu alguns restos de comida, um pouco de açúcar e instruções. Partiram nessa mesma noite. Zivia apelou a todas as suas forças para conter as emoções; ouviu o chapinhar da água à medida que cada um deles saltava para o buraco, e depois passos que se afastavam. Duas horas mais tarde, o guia regressou, relatando que o grupo chegara ao lado ariano e saído por uma tampa de esgoto no meio da rua. Tal como lhes fora dito, tinham-se escondido nos montes de escombros circundantes enquanto Hela e outra camarada «bonita» iam procurar uma rapariga-correio. (Só mais tarde, Zivia viria a saber que foram atacadas por alemães. O guia levava-os até à saída errada; Hela, que se tinha arranjado, mudado de meias e lavado a cara com água da chuva, fugira. Era a única sobrevivente.)

Era quase manhã quando Zivia, exausta, estava pronta para partir a caminho do número 18 e transmitir as boas notícias a Anilevitz. Mas os camaradas, sobretudo o combatente que Anilevitz encarregara da sua segurança, recusaram deixá-la sair à luz do dia. Zivia, sempre ativa, não queria passar por cobarde, mas ao fim de uma longa discussão com o comandante do Bund, Marek Edelman, acabou por capitular.

Nessa noite, Zivia, o seu guarda-costas e Marek saíram para o número 18. Marek desobedeceu às ordens e acendeu uma vela, que se apagou no mesmo instante. Tropeçaram em escombros e cadáveres. De súbito, Zivia caiu num buraco que se abria entre dois edifícios por causa de um telhado desabado. Não podia gritar a pedir ajuda, não podia emitir o mais pequeno som. A primeira coisa que fez foi levar a mão à arma para se certificar de que não a tinha perdido. Mas, e agora? Os homens acabaram por encontrá-la e tirá-la dali. «A coxear e dorida, continuei a andar», recordou. Avançava apressada com o seu plano de fuga, excitada pela perspectiva de ver os camaradas no número 18. Pensava, até, em maneiras engraçadas de os provocar. Por isso, quando se aproximou do edifício e viu que as portas camufladas estavam abertas e não havia guardas à vista, pensou que estavam na morada errada. Então, ocorreu-lhe que aquilo devia fazer parte de um plano

para aumentar a camuflagem. Verificou as seis entradas. Disse a senha. Com o coração na garganta.

Nada.

Então.

,

«Tosia e Zivia, chefes do movimento clandestino Os Pioneiros na Polónia, tombaram em Varsóvia a defender a dignidade do povo judeu», anunciava o Davar.

A notícia chegou ao lado ariano. Em Będzin, Frumka recebeu um telegrama. Enviou uma mensagem em código para a Palestina. «Zivia está sempre perto de Mavetsky [a morte] Tosia está com Zivia.» As suas mortes fizeram as primeiras páginas da imprensa hebraica.

Os movimentos juvenis, o país inteiro, chorou-as. Tosia e Zivia transformaram-se nos símbolos míticos da judia combatente – as «Joanas d’Arc da resistência». As camaradas eram referidas como «amigas de Tosia». Chamavam «Zivia A» e «Zivia B» às instrutoras dos movimentos. O nome de Zivia era conhecido dos judeus na Polónia, na Palestina, no Reino Unido e no Iraque. «Zivia» era a Polónia inteira, e um país inteiro colapsou com a sua morte. «Os seus nomes», diziam os obituários, «vão enformar uma nova geração [...]. A sua luta e a camaradagem que nasceu das chamas do sacrifício tem o potencial para esmagar rochas e desenraizar montanhas.»

,

Contudo, os obituários estavam completamente errados.

Naquela noite, depois do nada, Zivia reparou num grupo de camaradas reunidos num pátio próximo. Correu para eles, aliviada, a assumir que era a normal patrulha noturna. Não era. Recuou ao ver combatentes cobertos de sangue e lixo, a contorcerem-se de dor, a tremer, a desmaiar, a tentar respirar – os «restos humanos» do que fora uma

chacina no bunker. Tosia estava lá, ferida com gravidade na cabeça e numa perna.

Doente de horror, Zivia ouviu a história. Quando os nazis ali chegaram, os combatentes não conseguiram decidir se deviam fugir pela saída das traseiras e atacar, ou ficar onde estavam, assumindo que os alemães teriam demasiado medo para entrar. Sabiam que os alemães usavam gás, mas tinham-lhes dito que bastava tapar a boca e o nariz com uma peça de roupa molhada. Não bastava. Os nazis introduziram o gás devagar, sufocando-os pouco a pouco. Um combatente escolheu o suicídio, vários outros imitaram-no. Outros sufocaram. Ao todo, morreram 120 combatentes. Só um punhado conseguiu escapar por uma saída escondida.

Zivia estava aturdida, destruída. «Corremos de um lado para o outro como loucos», recordou, «e tentámos entrar no bunker selado com as mãos nuas e pregos para chegar aos corpos dos camaradas e recuperarmos as armas».

Mas não havia tempo para loucuras, não havia tempo para chorar os amigos, os seus mais-que-tudo. O que restava do ZOB teve de cuidar dos feridos, encontrar um abrigo e decidir o que fazer a seguir. Zivia, Tosia e Marek assumiram o comando. Numa «procissão de corpos sem vida entre as sombras, como fantasmas», dirigiram-se a um bunker onde julgavam ainda haver atividade, e Zivia anunciou que a morada do quartel-general tinha mudado. Estava sempre a fazer qualquer coisa, sempre a avançar, sem nunca cair na passividade, o que significaria ceder ao desespero. «A responsabilidade pelos outros põe-nos de pé», escreveu, «apesar de tudo.»

Chegaram ao novo quartel-general carregando os feridos, só para descobrirem que os alemães já sabiam também daquele local. Apesar disto, Zivia decidiu ficar – os feridos não estavam em condições de serem transportados. Todos os combatentes, doentes e exaustos, estavam prontos para baixar os braços e morrerem juntos. Zivia, porém, insistiu em que continuassem. Enviou mais um grupo numa missão de fuga pelos esgotos. Manteve os outros ocupados a cuidar dos feridos para os impedir de cair no histerismo – o mesmo tormento que sentia toda a noite, mas ocultava no mais fundo de si mesma. Devia ter lá estado... Escondida no gueto que ardia, a sua vida pendente de um fio esticado, era consumida pela culpa do sobrevivente.

Mas, mais uma vez, não teve de se preocupar muito tempo. O grupo de combatentes que fora pelos canais em busca de uma saída voltou para relatar que, miraculosamente, tinham encontrado Kazik e um guia nos túneis.

Kazik, que fora enviado pelos túneis do ZZW, chegara ao lado ariano e tentara encontrar ajuda. O Exército Nacional recusara fornecer ao ZOB um mapa dos canais dos esgotos ou um guia, mas o grupo conseguira a ajuda do PPR, bem como a do chefe dos schmaltzovnik – por um alto preço, claro – e a de vários outros aliados. Kazik voltara então aos esgotos com um guia, a pretexto de ir resgatar polacos e ouro. Mas o guia estava sempre a parar; Kazik teve de aliciá-lo, oferecer-lhe álcool, e, como último recurso, ameaçá-lo com uma arma. Por fim, a rastejar de bruços nas passagens mais apertadas, a feder como doninhas, chegaram ao gueto às duas da manhã. Mas Kazik ficou horrorizado quando nada encontrou no número 18 exceto cadáveres e os gritos dos moribundos. À beira da loucura, deu meia-volta para sair do gueto de mãos vazias. Nos túneis, gritou a palavra de código do ZOB – Yan – um desesperado derradeiro apelo.

De súbito, ouviu uma voz feminina responder:

– Yan!

– Onde estão vocês?

Armas a serem engatilhadas.

– Somos judeus.

Surgidos do outro lado de uma curva, os combatentes sobreviventes. Abraçaram-se e beijaram-se. Kazik disse-lhes que havia mais ajuda no exterior do que julgavam. Seguiu-os até junto de Zivia e dos outros.

A 9 de maio, um grupo de 60 combatentes e civis reuniu-se no bunker do novo quartel-general, na iminência de uma fuga desordenada. Zivia continuava devastada pelos 120 que já não se encontravam entre eles. Receava que ainda houvesse no gueto mais combatentes que não seria possível contactar durante o dia. Alguns camaradas estavam gravemente feridos e não podiam ser transportados, enquanto outros mal conseguiam respirar devido à inalação de gás e de fumo. As pessoas recusavam deixar o bunker, estavam confusas.

No fim, «a irmã mais velha» acabou por ter de tomar uma decisão para salvar aqueles que pudesse. Saltou para o esgoto. «Sinto agora todo o significado daquele salto», escreveu Zivia mais tarde. «Foi como se estivéssemos a saltar para a escuridão das profundezas, com a água imunda a chapinhar e a salpicar-nos. Somos invadidos por uma terrível sensação de náusea. As nossas pernas ensopam-se do fedorento e frio lodo do esgoto. Mas continuamos a avançar!»

No esgoto, Kazik e o guia tomaram a dianteira, e Zivia ficou na retaguarda de dezenas de combatentes que, em fila indiana, inclinados para a frente, patinhavam no lodo, incapazes de ver até a cara uns dos outros. Segurava uma vela numa mão (estava sempre a apagar-se) e a sua preciosa arma na outra. Os canais eram escuros, Zivia baixava a cabeça. Em certas encruzilhadas, a água e os excrementos chegavam-lhes quase ao pescoço e tinham de segurar as armas acima da cabeça. Algumas partes eram tão estreitas que até uma única pessoa sentia dificuldade em passar por elas. Estavam mortos de fome e carregavam os camaradas feridos; horas sem beber água, uma eternidade. Durante todo o tempo que o corpo de Zivia esteve imerso nos esgotos, o seu espírito esteve imerso em pensamentos a respeito dos companheiros que deixara para trás. Tosia, entretanto, estava desmoralizada. Fora ferida e, de vez em quando, pedia que a deixassem ali, mas acabou por conseguir.

Por milagre, todo o grupo chegou antes do nascer do dia ao esgoto por baixo da rua Prosta, no lado ariano, em pleno centro de Varsóvia. Kazik explicou que o camião que devia levá-los para fora da cidade não estava lá; que não era seguro para eles saírem. Subiu para ir procurar ajuda. Zivia, na cauda da fila, não sabia o que estava a acontecer. Não conhecia os pormenores daquele plano de salvamento e não podia comunicar com o exterior, o que lhe provocava ansiedade. Mas não era com o seu precário futuro que se preocupava; a sua preocupação pelos camaradas que ainda estavam no gueto «roía-me o coração».

Durante um dia inteiro, o grupo ficou sentado junto à tampa de esgoto da rua Prosta, a ouvir os barulhos da cidade lá em cima – carros, elétricos, crianças polacas a brincar. Por fim, Zivia não conseguiu aguentar mais. Ela e Marek, que também ficara na retaguarda, abriram caminho até à área apinhada lá à frente. Ninguém tinha qualquer informação. De repente, a meio da tarde, a tampa do esgoto abriu-se e uma nota atirada lá para dentro. Dizia que o salvamento aconteceria nessa noite. A maior parte suspirou, desesperada, mas Zivia exclamou, cheia de vigor: «Voltemos atrás para ir buscar os outros!»

Dois combatentes ofereceram-se para voltar e trazer o resto do ZOB para a entrada do canal. Então, todos esperaram.

À meia-noite, a tampa do esgoto voltou a ser levantada e os combatentes receberam sopa e pão, ou pelo menos aqueles que conseguiam comer, apesar de Zivia afirmar que estavam todos tão sedentos que mal eram capazes de engolir. Foi-lhes dito que os alemães patrulhavam as ruas adjacentes e que iam ter de continuar a esperar. Um grupo de combatentes partiu em direção a uma localização secundária, a meia hora de distância, para aliviar a concentração nas

águas cheias de fezes. Venenoso gás metano estava a acumular-se no ar à volta deles. Um membro do grupo colapsou e, em desespero, bebeu água do esgoto.

Zivia esperou, preocupada com os dois voluntários que tinham ido buscar os outros. Tomou posição junto do poço para se certificar de que ninguém tomava iniciativas precipitadas. Viu um único raio de Sol penetrar pela abertura, uma memória do ar livre. Os sons da vida caíam em cascata à sua volta, mas estavam a um mundo de distância.

10 de maio, manhã cedo. Os combatentes que voltaram ao gueto regressaram a salvo, mas vinham sozinhos. Relataram que os alemães tinham selado todas as aberturas dos canais e feito subir o nível da água em todo o sistema de esgotos. Malograda a esperança de salvar mais camaradas, Zivia caiu numa profunda depressão. (Não sabia do drama que se desenrolava lá em cima, onde todos os esforços para encontrar um camião que transportasse os combatentes se revelavam infrutíferos.) Então, vozes alemãs.

Era o fim? Zivia sentia-se tão desmoralizada que, em segredo, desejava que fosse.

Às dez da manhã, a tampa do esgoto foi levantada. O Sol entrou a jorros, e as pessoas recuaram, assustadas com a luz – teriam sido descobertas? «Depressa! Depressa!» Não, era Kazik, que os incitava a sair sem demora. Tinham de trepar pelo poço de metal, e eram puxados de cima e empurrados debaixo. Com membros rígidos e roupas molhadas e imundas, não foram rápidos. A saída pareceu demorar uma eternidade – alguns relatos falam de mais de meia hora –, e durante esse tempo 40 pessoas emergiram do chão e entraram num camião. Quase não havia segurança, talvez dois ajudantes armados. Transeuntes polacos observavam a cena.

No camião, Zivia viu finalmente o aspeto que tinham: «Estávamos imundos, cobertos de sujidade, vestidos com farrapos sujos de sangue, os rostos emaciados e desesperados, os joelhos a cederem devido à fraqueza [...]. Tínhamos perdido quase toda a aparência humana. Os nossos olhos ardentes eram a única prova de que estávamos vivos.» Esticaram os membros, agarrados às armas. Disseram ao camionista que ia transportar sapatos, não judeus. Foi obrigado, sob a mira de uma arma, a obedecer às instruções.

De súbito, correu a palavra de que havia alemães por perto. Os 20 camaradas que tinham ido para a localização secundária e aquele que os fora buscar ainda não haviam regressado ao poço do esgoto. Foi neste momento que aconteceu a «famosa batalha» entre Zivia e Kazik,

apesar de Zivia nunca ter escrito uma palavra a este respeito. Segundo Kazik, Zivia insistiu para que o caminhão esperasse pelo regresso dos combatentes. Kazik teimava que tinha dito a todos que esperassem perto da tampa do esgoto e que agora era demasiado arriscado e que precisavam de partir imediatamente. Prometeu que enviaria outro caminhão e ordenou ao motorista que arrancasse. Furiosa, Zivia ameaçou dar-lhe um tiro. (Muitos anos mais tarde, o tradutor das memórias de Kazik interrogou-o: «Compreendo que tenha lutado contra os alemães... mas com a Zivia?»)

Um instante mais tarde, tinham-se misturado com o tráfego matinal. Nas palavras de Zivia, «O caminhão, carregado com 40 combatentes armados judeus, seguiu o seu caminho no coração da Varsóvia ocupada pelos nazis.»

Era um novo dia.

,

A segunda tentativa de salvamento – dos 20 combatentes restantes – falhou. Os alemães souberam da operação demasiadamente pública daquela manhã em plena rua e ficaram à espera que os combatentes emergissem. Os homens e as mulheres do ZOB não conseguiam aguentar mais tempo nos excrementos. Sem saberem que a área estava infestada de alemães, saíram – e foram emboscados. Combateram os nazis corpo a corpo, surpreendendo os polacos que assistiam. Quando Kazik voltou ao local, encontrou a rua juncada de cadáveres.

Vários judeus correram de volta para o gueto. Mais tarde, Zivia soube que tinham lutado durante mais uma semana.

Tanto Zivia como Kazik viveram assombrados pelo conhecimento de que tinham abandonado os camaradas. Ela prometera que esperariam, e não o fizeram. A culpa não cessou de persegui-la até à morte.

,

No total, mais de 100 judias combateram em unidades dos respetivos movimentos no levantamento do gueto de Varsóvia. Numa reunião do círculo íntimo nazi foi relatado que a batalha fora surpreendentemente dura e que, em particular, diabólicas judias armadas tinham lutado até ao fim. Várias mulheres suicidaram-se no número 18 da rua Mila e noutros locais; muitas morreram «de armas nas mãos». Lea Koren, do movimento juvenil Gordonia, fugiu pelos túneis do esgoto, mas foi morta depois de voltar ao gueto para cuidar dos feridos do ZOB. Regina (Lillith) Fuden, que fez a ligação entre as unidades durante a revolta, voltou várias vezes ao gueto para salvar combatentes. «Com água até à garganta», reza o seu obituário, «não desistiu e arrastou combatentes pelos canais.» Foi morta numa dessas tentativas, com vinte e um anos. Frania Beatus, uma correio, manteve-se no seu posto durante o levantamento e depois suicidou-se no lado ariano. Tinha dezassete anos. Dvora Baran, uma rapariga que «sonhava com florestas e a fragrância das flores», combateu na área central do gueto. Quando descobriram o seu bunker, o comandante mandou-a sair à frente, e ela conseguiu distrair os nazis com a sua incrível beleza, travando-os. Então, lançou granadas de mão «espalhando-os aos quatro ventos» enquanto os camaradas ocupavam novas posições. Foi assassinada no dia seguinte, com vinte e três anos. Rivka Passamonic, do Akiva, cravou um tiro na testa de uma amiga e, de seguida, suicidou-se. Rachel Kirshnboym combateu com um grupo do Liberdade e juntou-se aos partisanos; foi morta aos vinte e dois anos. Masha Futermilch, do Bund, que atirara explosivos com dedos trémulos, escapou pelos canais.

Niuta Teitelbaum, do grupo comunista Spartacus, tornara-se famosa no gueto de Varsóvia. A meio caminho entre os vinte e os trinta anos, penteava os cabelos cor de linho em tranças que a faziam parecer uma ingénua rapariga de dezasseis anos – um disfarce inocente que escondia o seu papel como assassina. Entrou no gabinete de um oficial de alta patente da Gestapo, encontrou-o sentado à secretária e matou-o a sangue-frio. Disparou contra outro oficial em casa deste, quando ele estava na cama. Numa outra operação, matou dois agentes da Gestapo e feriu um terceiro que foi levado para o hospital. Niuta, disfarçada de médica, entrou no quarto e abateu-o, e ao guarda também.

Ainda numa outra ocasião, entrou num posto de comando alemão vestida como uma camponesa polaca, de lenço na cabeça. Um soldado das SS, cativado pela sua beleza, perguntou-lhe se havia mais Loreleis entre os judeus. A pequena Niuta sorriu, e então sacou da pistola. Numa outra vez, aproximou-se dos guardas à porta do Szucha, parecendo muito envergonhada, e disse num fio de voz que precisava de falar com um determinado oficial «a respeito de um assunto pessoal». Assumindo que aquela «camponesa» estava grávida, os guardas indicaram-lhe o

caminho. No gabinete do «seu namorado», puxou de uma pistola com silenciador e deu-lhe um tiro na cabeça. À saída, sorriu docemente aos guardas que a tinham deixado entrar.

Esta «autonomeada executora», como a descreveu um camarada, estudara História na Universidade de Varsóvia e trabalhava agora para o ZOB e para o Exército do Povo, contrabandeando explosivos e pessoas. Niuta organizou uma unidade de mulheres no gueto de Varsóvia, ensinando-as a usar armas. Durante o levantamento, ajudou a atacar um ninho de metralhadora instalado no topo do muro do gueto.

A Pequena Wanda das Tranças – era a alcunha que a Gestapo lhe dava – fazia parte de todas as listas de mais procurados. Sobreviveu ao levantamento, mas acabou por ser apanhada, torturada e executada alguns meses mais tarde. Tinha vinte e cinco anos.

,

O grand finale dos nazis foi mandar pelos ares a Grande Sinagoga na rua Tlomackie, edificada durante o ponto mais alto do iluminismo judaico em Varsóvia; um símbolo da proeminência e pertença do judaísmo polaco. A gigantesca estrutura irrompeu em chamas, como que a assinalar o fim do povo judeu.

Ainda são visíveis as marcas que o fogo deixou no chão do edifício vizinho, que alojava a organização de autoajuda judaica onde Vladka e Zivia estiveram. Esta construção mais pequena, de tijolo branco, foi o primeiro museu do Holocausto e abriga o Museu Histórico Judaico Emanuel Ringelblum. Um dos mais históricos edifícios judaicos do mundo, continua a prosperar e a crescer, apesar das suas cicatrizes.

,

A viagem de camiã para fora de Varsóvia não foi fácil. Zivia deixou-se ficar estendida na caixa sobrelotada, silenciosa, em choque, exausta, imunda e horrorizada por ter deixado os camaradas para trás. Todos a bordo fediam. As armas estavam molhadas e eram inúteis. E não fazia ideia para onde a levavam. Durante uma hora, ninguém disse uma

palavra. E então estavam fora da cidade, na floresta de Łomianki, uma área esparsamente arborizada com pinheiros grossos e baixos, perto de várias aldeias e unidades militares alemãs, que só serviria como abrigo provisório. Os camaradas que anteriormente escaparam do gueto foram ter com eles, espantados por estarem ainda vivos, chocados pelos seus «rostos pálidos e famintos. Os cabelos estavam empastados em água e excrementos, as roupas sujas [...]. [A]s batalhas travadas, seguidas por dois torturantes dias nos canais do esgoto, tinham-lhes alterado o aspeto de uma forma irreversível.»

Os camaradas já instalados ofereceram leite quente ao novo grupo, e Zivia bebeu-o, a cabeça num turbilhão, «o coração a transbordar». Estava um agradável dia de maio, uma frondosa e fragrante paisagem em seu redor, uma cena pastoral. Há tanto tempo que Zivia não cheirava a primavera. De repente, pela primeira vez em anos, começou a chorar. Antes era proibido e vergonhoso chorar. Mas agora não.

Os combatentes, ainda em choque depois de tudo aquilo, sentaram-se debaixo das árvores. Despiram as roupas imundas e raspam a sujidade das caras até sangrarem. Comeram, beberam e, ao fim de muitas horas de silêncio, juntaram-se à volta de uma fogueira, com a certeza de que eram os últimos judeus à face da Terra. Zivia não conseguia dormir, a cabeça às voltas, a pensar. «Havia mais alguma coisa que pudéssemos fazer e não tivéssemos feito?»

Na floresta, onde se haviam reunido 80 combatentes, ficou estabelecido um comando provisório. Zivia, Tosia e outros líderes improvisaram uma sukkah, uma cabana feita de ramos, e deliberaram sobre o que fazer a seguir. Criaram um registo de todas as armas, do dinheiro e das joias que um dos combatentes levava do gueto. Dividiram-se em grupos e apanharam paus para construir abrigos. À medida que as horas passavam, perceberam que mais nenhuns sobreviventes do gueto iriam juntar-se-lhes. Dois dias mais tarde, Antek chegou, tendo ouvido dizer que Zivia sobrevivera e se encontrava ali.

Antek, não obstante as suas infundáveis reuniões, não fora capaz de estabelecer casas-refúgio na Varsóvia ariana; o Exército Nacional não fornecera a ajuda prometida. Também as tentativas de Vladka revelaram-se infrutíferas. O ZOB aceitou a proposta do Exército do Povo de transferir a maior parte deles para campos de partisans na floresta de Wyszaków, enquanto alguns doentes e feridos se escondiam em Varsóvia. Antek levou os líderes para o seu apartamento, que tinha um esconderijo atrás de uma parede dupla. Levou também Zivia, apesar de ela não ser uma comandante oficial. «[S]e alguém me censurar por cuidar da minha mulher, pois que assim seja», disse mais tarde. Queria-os todos perto.

Antek pagara uma enorme quantia ao proprietário de uma fábrica de celuloide para cessar a produção; vários camaradas que tinham escapado aos esgotos estavam lá instalados, num sótão a que se acedia por uma escada que era retirada quando não estava a ser usada. O sótão era iluminado por pequenas claraboias e os combatentes dormiam em cima de sacos cheios de celuloide. Um guarda polaco vigiava o local e levava-lhes comida. A fábrica era um bom lugar para reuniões; a 24 de maio, duas semanas depois da saída dos túneis, decorreria lá um plenário dos líderes.

,

A 24 de maio, Tosia, que agora vivia numa casa-refúgio, estava no sótão à espera da reunião. Um camarada riscou um fósforo para acender um cigarro, e os montes de celuloide incendiaram-se, provocando um enorme incêndio. Numa outra versão, Tosia vivia no sótão, ferida e imóvel, e estava a aquecer um unguento para tratar das suas feridas quando o fogo deflagrara.

As chamas alastraram com rapidez, e porque a escada fora retirada e as claraboias ficavam demasiado alto, era quase impossível escapar. Uns poucos combatentes conseguiram abrir caminho através do teto em chamas, saltaram e sobreviveram. Tosia, cujas roupas pegaram fogo, conseguiu sair, mas estava muito queimada e caiu do telhado. Alguns polacos encontraram-na e entregaram-na aos nazis, que a torturaram até à morte. Ainda numa outra versão, saltou para se suicidar, determinada a não ser apanhada viva.

Capítulo 17

Armas, armas, armas

Armas – para aqueles que nunca antes tinham pensado nesses instrumentos de destruição.

Armas – para aqueles que tinham sido educados para uma vida de trabalho e de comércio pacífico.

Armas – para aqueles que viam nelas, acima de tudo, uma coisa odiosa [...].

Para essas mesma pessoas, as armas tornaram-se uma coisa de santidade [...].

Usámos armas numa luta sagrada, para nos tornarmos seres humanos livres.

Ruzka Korczak

Renia

MAIO DE 1943

– A culpa não é tua, Frumka –, repetiu Renia pela enésima vez, a ver a amiga, a chefe, gritar e contorcer-se. Regressara a salvo da sua missão com as notícias, mas nem todas elas eram boas. – Por favor, acalma-te.

O tumultuoso íntimo de Frumka, as suas paixões e autoanálise, estavam a entrar numa espiral de descontrolo. Quando soubera que Zivia estava viva, corara de excitação, invadida por uma renovada onda de motivação. Mas tudo isso se desmoronara ao saber da morte de Hantze no gueto de Varsóvia.

– Sou responsável! – gritou Frumka. Bateu com o punho no peito com tal ferocidade que Renia deu um salto. – Fui eu que a mandei para Varsóvia.

Frumka estava a hiperventilar. Renia não sabia se devia abraçá-la ou fugir. Os camaradas ocultaram-lhe a notícia da morte da irmã enquanto fora possível, temendo exatamente aquele género de colapso. Nos seus

diários, Chajka descreve-a como uma líder que não estava verdadeiramente preparada para enfrentar as duras realidades dos tempos de guerra.

Outros camaradas juntaram-se às duas.

– A culpa não é tua.

– Sou responsável! – gritava Frumka uma e outra vez. – Responsável pela morte da minha irmãzinha!

E então chorou, numa torrente de dor e lágrimas.

«Mas o ser humano é feito de ferro», escreveu Renia mais tarde, «resistente ao sofrimento. Frumka voltou a ser o que era, mesmo depois deste terrível golpe.» Um pensamento ecoava na mente de Frumka ainda com mais concentração e fúria: vingança!

Renia viu o desgosto de Frumka expressar-se em ação, em fúria e em apaixonados apelos a missões de salvamento e suicídio. Sentira o mesmo quando soubera da morte dos pais. Era gasolina deitada para a fogueira. Frumka tornou-se obcecada: quem estivesse em condições de lutar não devia esperar que o salvassem! A autodefesa é o único meio de redenção! Morrer de uma morte heroica!

Mas não era só Frumka: o fervor pela havana cresceu também dentro de Renia – na realidade, dentro de todos os membros do grupo de Będzin. A batalha de seis semanas em Varsóvia fora a primeira revolta urbana contra os nazis, por parte de qualquer movimento clandestino, fosse onde fosse. Os combatentes de todos os guetos queriam seguir o exemplo estabelecido na capital polaca. Chajka queria que o esforço de Zagłębie não só igualasse como até ultrapassasse o de Varsóvia. O grupo de Będzin elaborou planos para incendiar o gueto inteiro e começou a ensinar como usar as armas que chegavam a conta-gotas. Depois da misteriosa captura de Idzia Pejsachson em Częstochowa, a política dos movimentos clandestinos mudou: todas as correios que transportassem armas teriam de viajar em grupos de dois.

Renia ia tornar-se uma dessas kashariyot.

Emparceiraram-na com uma rapariga de vinte e dois anos chamada Ina Gelbart, do A Jovem Guarda, que Renia descrevia como «uma moça viva. Alta, ágil, querida. Uma típica filha da Silésia. Nem por um instante temia a morte.»

Renia e Ina tinham documentos falsos que lhes permitiam atravessar a fronteira para o Governo-Geral. Comprados a um mestre-falsificador de

Varsóvia, custaram-lhes uma fortuna, mas, como Renia refletiria mais tarde, não era a altura de regatear. Quando chegaram à fronteira, as raparigas apresentaram os documentos obrigatórios: um livre-trânsito emitido pelo governo com fotografia e um cartão de identificação também com fotografia. Na altura, o caminho para Varsóvia era mais fácil, e sabiam que se passassem aquele controlo sem problemas o êxito da viagem seria mais provável.

O guarda assentiu.

Renia sentia-se agora muito mais confiante a operar em Varsóvia; uma veterana, como se conhecesse a cidade. As duas raparigas precisavam de encontrar o seu contacto, Tarlow, um judeu que vivia no bairro ariano e estava ligado a falsificadores e traficantes de armas. «Cuidou de nós», escreveu Renia, «e foi bem pago por isso.»

Os revólveres e as granadas que Renia contrabandeava vinham, sobretudo, de depósitos de armas alemães. «Um dos soldados roubava-as e vendia-as», explicou Renia, «e então outro revendia-as; arranjavamo-las talvez em quinta mão.» Relatos de outras mulheres falam de armas vindas de bases militares alemãs, oficinas de reparação, de fábricas onde os judeus eram usados como mão de obra escrava, e também de agricultores, do mercado negro, de guardas a dormir nos seus postos, da resistência polaca e até de alemães que vendiam armas roubadas aos russos. Depois da derrota de Estalinegrado em 1943, o moral entre as tropas alemãs afundou-se e os soldados começaram a vender as suas armas. Se bem que as espingardas fossem as mais fáceis de conseguir, eram difíceis de transportar e esconder; as pistolas eram mais eficientes e mais caras.

Por vezes, explicava Renia, uma arma era contrabandeada e levada até ao gueto só para se descobrir que estava demasiado ferrugenta para ser disparada ou não era acompanhada por munições compatíveis. Não havia maneira de as experimentar antes da compra. «Em Varsóvia, não havia tempo nem lugar para experimentar as armas. Tínhamos de arrumar as defeituosas num canto recôndito e voltar ao comboio e a Varsóvia para trocá-las por outras boas. Mais uma vez, as pessoas arriscavam a vida.»

As raparigas encontraram Tarlow sem dificuldades, e ele reencaminhou-as para um cemitério. Era ali que comprariam a preciosa mercadoria: explosivos, granadas e armas, armas, armas.

Para Renia, cada arma contrabandeada era «um tesouro».

Em todos os guetos, a resistência judaica estabelecera-se quase sem armas. Ao princípio, o movimento clandestino de Białystok tinha uma espingarda que era preciso levar de unidade em unidade para que todos pudessem treinar com uma arma verdadeira; em Vilna, partilhavam um revólver e disparavam contra a parede de lama de uma cave para conseguirem reutilizar as balas. Cracóvia começou sem uma única arma. Varsóvia tivera aquelas duas pistolas para começar.

A resistência polaca prometia armas, mas os envios eram cancelados com frequência, ou roubados pelo caminho, ou adiados sine die. Enviavam as kashariyot encontrar e levar armas e munições para guetos e campos, muitas vezes com poucas indicações, e sempre correndo um tremendo risco.

As competências psicológicas das raparigas-correio eram fundamentais nesta perigosíssima tarefa. As suas ligações e a capacidade de se esconderem, subornarem e desviarem atenções eram decisivas. Frumka foi a primeira correio a levar armas para o gueto de Varsóvia: escondeu-as no fundo de um saco de batatas. Adina Blady Szwajger fez o mesmo com munições, e certa vez, quando uma patrulha lhe ordenou que abrisse o saco, o seu sorriso e a maneira descontraída como o fez salvaram-na. Bronka Klibanski, uma correio do Liberdade em Białystok, escondia um revólver e duas granadas de mão num pão caseiro que levava na mala. Na estação ferroviária, um polícia alemão perguntou-lhe o que levava. Ao «confessar» que contrabandeava comida, conseguiu evitar ter de abrir a mala. A sua «confissão honesta» despertou uma reação protetora no polícia, que ordenou ao maquinista que cuidasse dela e não deixasse ninguém incomodá-la ou mexer na mala.

Renia sabia que não era a primeira correio a levar material para uma rebelião: outras kashariyot tinham obtido e transportado armas para as revoltas dos guetos de Cracóvia e de Varsóvia. Quando Hela Schüpper, a mestre-correio do Akiva de Cracóvia, foi enviada a Varsóvia para comprar armas, sabia que ia passar vinte horas em comboios, disfarçada. Esfregou a cara com um sabão especial para disfarçar as marcas, transformou os cabelos num louro brilhante (com água-oxigenada), prendeu-os num lenço como se fosse um turbante, pediu emprestado um vestido à mãe de uma amiga não judia e comprou uma dispendiosa mala de mão de juta, estampada com motivos florais, muito na moda na altura. Tinha o aspeto de quem ia a caminho de uma tarde no teatro. Em vez disso, encontrou-se com o contacto do Exército do

Povo, um senhor X, junto à porta de uma clínica. Disseram-lhe que o homem estaria a ler um jornal. Seguindo as instruções, perguntou-lhe as horas e pediu-lhe para ver o jornal. Ele afastou-se, e Hela seguiu-o à distância, embarcou numa carruagem diferente, acabando no apartamento de um fabricante de calçado.

Esperou vários dias pelos artigos: cinco armas, dois quilos de explosivos e carregadores de cartuchos. Colou as armas ao corpo e escondeu as munições na mala. Não foi ao teatro; ela era o teatro. Uma fotografia sua na Varsóvia ariana mostra-a a sorrir, contente, vestida com um elegante saia-casaco que terminava mesmo acima dos joelhos, sapatos rasos, cabelos num coque e um emblema na lapela; segura na mão uma pequena e estilosa bolsa. Como Gusta a descreveu: «Quem observasse a maneira como namoriscou descaradamente no comboio [...], lançando em redor o seu sorriso provocador, só poderia assumir que ia a caminho de visitar o noivo ou de férias.» (Até Hela era apanhada de vez em quando. Certa ocasião, saltou da janela da casa de banho da prisão e fugiu. Nunca usava casacos compridos quando estava em missão, certificando-se de que nada lhe embaraçava as pernas.)

Em Varsóvia, os membros do ZOB no lado ariano passavam meses a tentar obter armas. Fazendo-se passar por polacos, usavam caves ou pequenos restaurantes para reuniões discretas, mudando de assunto sempre que a empregada se aproximava. Vladka Meed começou por introduzir serras para metal no gueto – a ideia era os judeus trazerem-nas consigo para que, no caso de serem empurrados para um comboio com destino a Treblinka, cortarem as barras das janelas e saltar. Vestida de camponesa, dirigiu-se à área que os gentios utilizavam para fazer contrabando e galgou o muro. Algumas correios pagavam a guardas polacos para murmurar uma palavra de código junto ao muro; um membro do ZOB que esperava do lado de dentro trepava e recolhia o pacote. Vladka comprou a sua primeira arma ao sobrinho do senhorio por 2000 złotys. Pagou 75 złotys ao senhorio para fazer passar a caixa por um buraco, ou meta, no muro, numa zona onde era fácil subornar os guardas. Pessoas que levavam «prendas» também iam e vinham do lado ariano, juntando-se a grupos de trabalho ou saltando de comboios que atravessavam o gueto. O contrabando entrava em camiões do lixo e ambulâncias, ou enviado por túneis de escoamento de água. Em Varsóvia, muitas correios usavam o edifício do tribunal, com portas para o interior e o exterior do gueto.

Certa vez, Vladka teve de reacondicionar três caixas de dinamite em pacotes mais pequenos e passá-los através das grades da janela de uma fábrica instalada na subcave de um prédio situado na fronteira do gueto. Enquanto ela e o vigia gentio, que fora subornado com 300 złotys

e uma garrafa de vodca, trabalhavam freneticamente no escuro, «o vigia tremia como uma folha», recordou ela. «Nunca mais corro um perigo como este», murmurou o homem, encharcado em suor, no fim da operação. Quando Vladka saiu, ele perguntou-lhe o que havia nos pacotes. «Tinta em pó», respondeu ela, enquanto apanhava com muito cuidado alguns restos de dinamite que tinham ficado no chão.

Havka Folman e Tema Schneiderman contrabandeavam granadas para o gueto de Varsóvia escondidas em pensos higiénicos e na roupa interior. Enquanto atravessavam a cidade num elétrico apinhado, ficou disponível um lugar sentado e um cavalheiro polaco insistiu com Tema para que o ocupasse. Mas se ela se sentasse, corriam o risco de ir todos pelos ares. As raparigas conseguiram sair da situação com conversa, as gargalhadas a disfarçarem o tremendo medo.

Em Białystok, a correio Chasia Bielicka não trabalhava sozinha. Dezoito judias colaboravam para armar a resistência local, enquanto alugavam quartos a camponeses polacos e trabalhavam durante o dia em casas, hotéis e restaurantes pertencentes a nazis. Chasia era criada em casa de um SS que tinha um armário cheio de pistolas para matar aves. De vez em quando, Chasia agarrava num punhado de munições e deixava-as cair no bolso do casaco. Um dia, o SS chamou-a ao armário, furioso; ela tinha a certeza de que fora apanhada, mas ele só estava zangado porque as armas não estavam devidamente organizadas. As raparigas-correio escondiam armas debaixo das tábuas do soalho dos quartos que alugavam e passavam munições de metralhadora para o gueto através da janela de uma latrina que ficava junto ao muro.

Depois do extermínio do gueto de Białystok e da revolta dos movimentos juvenis, a rede das correios continuou a fornecer informação e armas a todo o género de partisans, o que lhes permitiu assaltar um arsenal da Gestapo. Para carregar uma metralhadora pesada até à floresta, as raparigas levavam-na peça a peça em viagens separadas. Em pleno dia, Chasia transportava uma comprida espingarda enfiada num tubo de metal que parecia uma chaminé. De súbito, apareceram dois polícias à sua frente. Chasia sabia que se não falasse primeiro, o fariam eles. Perguntou-lhes as horas.

«O quê, já é tão tarde?», exclamou. «Obrigada, não de estar preocupados connosco lá em casa.» Como dizia Chasia, «fingir uma extrema confiança» era o seu estilo. Nas repartições, queixava-se à Gestapo se a faziam esperar demasiado tempo pela sua identificação (falsa). Em certa ocasião, um nazi viu-a tentar entrar no gueto, e, sem pensar, ela baixou as calças e urinou, desconcertando-o. Do mesmo modo, se uma mulher polaca suspeitava de um judeu, era sensato da parte dele oferecer-se no mesmo instante para baixar as calças e mostrar que não

era circuncidado – regra geral, bastava para a sobressaltar e pô-la a andar.

Chasia arranhou um novo emprego; desta vez, o patrão era um civil alemão que trabalhava para o exército como diretor de construções. Chasia sabia que ele ajudava a alimentar os operários judeus, e uma noite disse-lhe que era judia. A sua companheira de quarto, Chaika Grossman, que liderara o levantamento de Białystok e escapara à deportação, também trabalhava para um alemão antinazi. As cinco raparigas-correio que ainda estavam vivas fundaram uma célula de alemães rebeldes. Quando os soviéticos chegaram àquela área, foram elas que os apresentaram ao Comité Antifascista de Białystok, que lideravam, composto por todas as organizações de resistência local. Passavam armas de simpatizantes alemães para os soviéticos, forneceram toda a informação para a ocupação de Białystok pelo Exército Vermelho e recolheram as armas dos soldados do Eixo que batiam em retirada.

Também em Varsóvia, depois do levantamento do gueto, os combatentes precisavam de armas para se defender, bem como para revoltas noutros campos e guetos, como era o caso de Renia. Leah Hammerstein trabalhava no lado ariano como ajudante de cozinha num hospital de reabilitação. Um seu camarada do A Jovem Guarda surpreendeu-a certo dia ao perguntar-lhe se estaria disposta a roubar uma arma. Nunca mais voltou a falar do assunto, mas Leah ficou obcecada com a ideia. Um dia, passou por um quarto de soldados alemães que estava deserto. Sem pensar, aproximou-se do armário, e ali estava uma pistola, mesmo à sua espera. Escondeu-a debaixo da saia, dirigiu-se à casa de banho e fechou a porta à chave. E agora? Foi então que reparou numa pequena janela que abria para o telhado. Embrulhou a arma nas cuecas e fê-la deslizar para fora. Mais tarde, quando foi a sua vez de ir deitar fora as cascas de batata, subiu ao telhado, recuperou-a e atirou-a para o jardim do hospital. Seguiu-se uma revista a fundo do edifício, mas Leah não estava preocupada – ninguém suspeitaria dela. No fim do seu turno, apanhou a arma embrulhada do meio das ervas, meteu-a na mala e seguiu para casa.

,

No cemitério de Varsóvia, Renia tirou o dinheiro que escondera no sapato. Ela e Ina compraram as armas, que prenderam à volta do seu pequeno

corpo com tiras de um tecido resistente. O resto do contrabando – granadas, cocktails molotov– foram para um saco com um fundo duplo, um compartimento secreto.

A viagem de volta a Będzin foi, porém, mais difícil do que a ida até Varsóvia. No comboio para sul, enquanto sibilavam árvore após árvore, foram confrontadas com revistas surpresa, mais frequentes e minuciosas. Renia fazia um esforço desesperado para não tremer à medida que um oficial revistava até a mais pequena mala. Outro confiscava todos os embrulhos com comida. Um terceiro procurava armas. «Custava um mar de dinheiro, força e nervos – tanto para as correios como para aqueles que as esperavam», recordou Renia. «Se uma correio não regressava na altura designada, os camaradas ficavam loucos. Quem sabia o que podia ter acontecido durante o atraso?»

Quando chegou a sua vez, usou a mesma tática que Bronia e fingiu ser uma contrabandista de comida. «Só umas batatinhas, senhor.»

O oficial tirou algumas para si e deixou-a seguir.

Durante toda a viagem, Renia e Ina estavam prontas para tudo que pudesse acontecer a qualquer instante. Estavam prontas para ser mortas, prontas para, se fosse necessário, saltar do comboio em andamento. Tinham de saber exatamente o que fazer durante uma revista. Tinham de saber o que fazer se fossem capturadas. Tinham de aprender a nunca serem capturadas como judias, a nunca parecerem infelizes, a nunca responderem ao olhar de um nazi com outra coisa que não fosse um sorriso. Tinham de saber que, mesmo sob tortura, não podiam dizer o que quer que fosse, não podiam revelar a mais ínfima informação. Algumas correios levavam consigo pó de cianeto, para o caso de serem detidas e interrogadas. Se puxassem um fio, o pó, embrulhado num saco de papel e meio cosido num bolso do forro do casaco, cair-lhes-ia na mão.

Renia, no entanto, não tinha essa fuga. «Tínhamos de ser fortes no nosso comportamento, firmes», explicou. «Tínhamos de ter uma vontade de ferro.» Era isto que repetia a si mesma, no comboio, enquanto atravessava florestas a toda a velocidade, passava por inspeções, com armas presas ao corpo, um sorriso estampado nos lábios. Uma lição que aprendeu muito bem.

Não era bem a vida de estenógrafa que imaginara.

Capítulo 18

Os carrascos

Renia

JUNHO DE 1943

De novo em Będzin. Durante a madrugada, Renia ouviu tiros ao longe. Olhou pela janela e viu o céu brilhante como se fosse dia. Holofotes iluminavam o tumulto. Polícia alemã, Gestapo e soldados cercavam o gueto. As pessoas corriam pelas ruas vestidas apenas com camisas ou até nuas, «como abelhas expulsas da sua colmeia».

Renia saltou da cama: a deportação! Tão poucos dias depois de ela ter voltado de Varsóvia, da alegria dos camaradas ao verem as armas, depois de Sarah quase ter desmaiado de alívio ao saber do seu regresso. E agora aquilo.

Mas, pelo menos, estavam preparados.

Eram quatro da madrugada. Frumka e Hershel ordenaram a todos que descessem ao bunker. Quase todos. Para afastar suspeitas, uns poucos continuariam nos seus quartos – os que tinham passes Zonder. Se os nazis encontrassem o edifício deserto, procurariam. Se encontrassem os bunkers, seriam todos mortos. Era melhor dar a impressão de que continuavam a fazer a sua vida com normalidade.

Não havia tempo para pensar. Não havia tempo para implementar quaisquer planos ambiciosos. Nove pessoas ficaram nos respetivos quartos. Os restantes, incluindo Renia, enfiaram-se pelo topo do fogão, que foi removido. Um a um, entraram no refúgio que tinham preparado. Um dos camaradas que ficara lá em cima voltou a aparafusar a tampa do fogão.

Renia sentou-se.

Uma hora mais tarde, o estrondear de botas. Então, vozes alemãs a praguejar, a abrir armários, a derrubar mobílias. A destruir divisões. Andavam à procura – deles.

Renia e os camaradas não se mexiam, não agitavam um músculo, quase não respiravam.

Silêncio.

Por fim, os alemães foram-se embora.

Mas eles continuaram sentados, imóveis, por muitas mais horas. Quase 30 pessoas amontadas no minúsculo bunker. O ar entrava por uma pequena fresta na parede. Silêncio absoluto, excetuando o zumbido de uma mosca. O calor tornou-se insuportável. E depois o cheiro.

As pessoas agitavam as mãos, a enviar ar umas às outras, a tentar impedir que os amigos perdessem os sentidos. De súbito, Tziporah Marder foi-se abaixo. Felizmente, o grupo armazenara alguma água e saís de cheiro e tentaram reanimá-la, mas a jovem continuou encharcada em suor e imóvel. Que deveriam fazer? Eles mal conseguiam respirar. Beliscaram-lhe o corpo todo e, por fim, ela mexeu-se, muito ao de leve. A falta de oxigénio provocava náuseas. «As nossas bocas estavam sequiosas, tão sequiosas», recordou Renia.

Onze da manhã. Ninguém tinha voltado. Sete horas no bunker; quanto mais tempo conseguiriam aguentar? Continuaram sentados mais meia hora. Então, vinda de longe, uma única voz. Um som que parecia emergir de uma sepultura. Um coro de gritos e uivos horríveis. Renia ouvia corpos agitarem-se, contorcerem-se, por cima deles.

O grupo esperou que um camarada levantasse a tampa do fogão. «Quem sabe se eles ainda lá estão?», pergunta Frumka, as suas esperanças a desvanecerem-se. Não apareceu ninguém.

Por fim, passos. Uma porta abriu-se.

Os camaradas Max Fischer, que cuidava dos órfãos do Atid, e a jovem Ilza Hansdorf tinham voltado. Graças a um acaso, foram os únicos a não ser deportados. Um grito escapou-se da garganta de Renia: sete dos seus melhores elementos. Desaparecidos.

Renia precisou de um grande esforço para ouvir o que os camaradas estavam a contar. Toda a gente fora levada para o exterior, para um terreno baldio vedado por uma corda segura por membros da milícia judaica. Os judeus foram colocados numa fila comprida. Os alemães não olharam para certidões de trabalho, não fizeram diferença entre novos e velhos. Um homem da Gestapo andava para trás e para a frente, com um pau, a dividir as pessoas: algumas mandava para a direita, outras para a esquerda. Que grupo seria levado para ser assassinado e qual ficaria e viveria? Por fim, enviaram a fila da direita até à estação dos comboios para ser deportada; os outros foram mandados para casa. Com um pequeno gesto de um pau, direita ou esquerda, um judeu era sentenciado a viver ou a morrer.

Muitos fugiram e foram abatidos enquanto corriam.

Renia e os camaradas saíram e ficaram de pé diante da pequena casa. Era tudo fútil. Era impossível retirar pessoas do grupo destinado aos comboios. À sua volta, as pessoas entravam e saíam a correr da esquadra da polícia num pranto. Uma não sabia da mãe, outra do pai, do marido, de um filho, de uma filha, de um irmão, de uma irmã. Tinham «arrancado alguém» a cada um dos que ficavam. As pessoas desmaiavam nas ruas. Uma mãe meio enlouquecida queria juntar-se ao grupo dos deportados – os nazis levaram-lhe os dois filhos adultos. Cinco crianças voltavam a gritar: tinham-lhes levado o pai e a mãe. Não sabiam para onde ir. A mais velha tinha quinze anos. A filha do vice-presidente do Judenrat atirou-se para o chão, rasgou as roupas. Deportaram o pai, a mãe e um irmão; estava sozinha. Por que motivo havia de viver? Era tudo inútil. Os que eram levados nunca voltariam.

Incluindo Hershel Springer. Hershel, que passava os seus dias e as suas noites a ajudar e a salvar pessoas, amado por todos os judeus, respeitado pela comunidade. As pessoas, incluindo Renia, choraram-no como teriam chorado os pais.

A rua estava pejada de pessoas desmaiadas, de pessoas que se contorciam nas vascas da agonia, os corpos destroçados pelas balas explosivas com pontas envenenadas. Os parentes trouxeram-nos para o exterior e, impotentes para os ajudar, deixaram-nos a estrebuchar. Os transeuntes passavam por cima dos corpos. Ninguém tentava reanimá-los. Não havia ajuda. Cada um tinha os seus tormentos, julgava a sua dor maior do que todas as outras. Corpos esfaqueados por balas eram carregados em carroças. A seara no campo era espezinhada pelos que se tinham escondido entre as espigas de trigo; os mortos apodreciam espalhados por todo o lado. À sua volta, Renia ouvia os estertores dos moribundos.

Era demasiado duro para ela, para qualquer pessoa, testemunhar aquilo. O grupo voltou para casa. As camas foram levantadas; em cada canto havia uma pessoa estendida no chão, a chorar. As crianças do Atid estavam inconsoláveis. Renia não conseguia acalmar-lhes os soluços.

Frumka começou a arrancar os cabelos, e então bateu com a cabeça contra a parede. «Sou culpada!», gritava. «Porque lhes disse que ficassem nos quartos? Assassinei-os, mandei-os para a morte.» Mais uma vez, Renia tentou acalmá-la.

Minutos mais tarde, os camaradas encontraram-na na divisão contígua, com uma faca apontada ao peito. Arrancaram-lha das mãos enquanto ela gritava: «Assassinei-os!»

Os tiros não paravam. O grupo que ia ser deportado estava na estação, guardado por soldados armados. Alguns tentaram correr e saltar a barreira metálica que os separava da estrada. No outro lado da barreira, polacos e alemães observavam, parecendo contentes. «É uma pena terem ficado alguns, mas o fim deles não tardará», ouviu dizer Renia a um deles. Ao que outros responderam: «Os que Hitler não matar agora, matamos nós depois da guerra.»

O comboio chegou. Os alemães empurraram as pessoas para os sobrelotados vagões de gado. Não havia espaço suficiente. Os judeus que sobraram foram levados para um grande edifício que em tempo albergara um orfanato e um lar de idosos.

Renia ficou a ver os vagões partir para Auschwitz.

Todos os que iam a bordo estariam mortos no fim daquele dia.

Os judeus encarcerados olhavam das janelas do quarto andar, numa louca procura de um salvador. O edifício estava cercado pela Gestapo. Homens da milícia andavam de um lado para o outro, a perguntar-se, ansiosos, se poderiam ajudar um membro da família ou um amigo. No fim, os trabalhadores especializados de Rossner foram libertados. Nunca, enquanto fosse vivo, disse Rossner, consentiria que os seus fossem levados. Mas os homens da Gestapo sabiam que não fazia diferença. Mais cedo ou mais tarde, todos os judeus seriam mortos.

Os judeus que sobraram foram despachados na manhã seguinte. Os nazis precisavam de mais umas centenas para completar o milhar – o contingente de um transporte. «Não conseguíamos compreender o que havia de especial naquele número redondo», escreveu Renia mais tarde. «Costumávamos dizer, na brincadeira, que era o número mínimo de judeus que eles podiam matar.» Mesmo no meio daquela barbárie, o humor de patíbulo ajudava os judeus a aliviarem o seu medo, a negar a importância da morte e a dar-lhes uma sensação de controlo sobre as suas vidas.

Poucas horas mais tarde, a Gestapo irrompeu numa das oficinas e arrebanhou os que faltavam. Assim, em dois dias, os nazis levaram oito mil pessoas de Będzin para serem assassinadas, sem contar com as que foram abatidas a tiro ou morreram de desgosto e medo.

Sem Hershel, Frumka deixou de ser capaz de gerir o kibbutz. Não conseguia suportar as preocupações nem a necessidade de planejar o futuro. O Liberdade estava a desmoronar-se. Ninguém tinha vontade de sair. «Que gosto podia haver para o trabalho quando uma expulsão estava suspensa sobre as nossas cabeças?», perguntou Renia. Os camaradas sabiam que era só uma questão de tempo – de pouco tempo – até que fossem todos mortos. Começaram a pensar em deixar o gueto e dispersar, fugindo cada um para o seu destino.

Os líderes do Judenrat dirigiram-se à comunidade com um «discurso positivo»: o trabalho, e só o trabalho, salvará as vidas dos judeus que restam. Alguns procuraram a normalidade e voltaram ao trabalho. Havia um sentimento de peso em cada passo.

Então, vários dias depois da expulsão de Będzin, um pequeno milagre. Um homem da milícia entregou uma nota. Renia não queria acreditar no que via: a caligrafia de Hershel. Seria real?

Renia, Aliza Zitenfeld e Max Fischer seguiram o homem até à oficina, um trajeto infestado de agentes da Gestapo que detinham quem passava. Pelo caminho encontraram um milícia que sangrava com abundância, uma orelha rasgada, a mandíbula partida. O fato branco estava vermelho, o rosto pálido. Um Gestapo tinha-lhe dado um tiro, só para se divertir.

O milícia escoltou-os até ao último andar do edifício, onde havia um pequeno espaço atafalhado de montes de mercadoria, alguns dos quais afastou para o lado. No meio, como que num ninho, estava Hershel.

Renia correu para ele. Fora barbaramente espancado, estava quase irreconhecível. Tinha o rosto arranhado, os pés feridos. Mas riu e abraçou-os como um pai, as lágrimas a escorrerem pelas faces encovadas. Tranquilizou-os, dizendo que nada de demasiado grave tinha acontecido. Podia ter as pernas esmagadas, mas «o mais importante de tudo é que estou vivo, e que vos posso ver a todos. Não se perdeu nada.» Mostrou-lhes o conteúdo dos bolsos, e depois contou a sua história:

«Empurraram-nos para o vagão [...]. Fomos todos espancados [...]. Procurei uma maneira de fugir. Tinha comigo um canivete e um formão. Não foi fácil, mas consegui abrir a janela. Havia muita gente, de modo que ninguém reparou, mas quando me preparava para saltar, as pessoas agarraram-me os braços e as pernas, a gritar: “Que estás a fazer? Por tua culpa vão matar-nos como se fôssemos gado!”»

«O comboio continuava em andamento. O Yoel e o Gutek tiraram dos bolsos navalhas para se matarem. Não os iria deixar. Disse-lhes que esperassem até estar toda a gente distraída e então saltaríamos juntos. De repente, surgiu a oportunidade. Saltei sem pensar. Outra pessoa saltou atrás de mim [...], preferia morrer assim a acabar a minha vida em Auschwitz. Ouvi tiros atrás de mim, disparados pelos alemães que guardavam a estrada. Atirei-me para uma cova. O comboio afastou-se. Vi pessoas caídas na estrada. Quase de certeza outros que tinham saltado e acabaram abatidos. Não muito longe de mim, uma mulher polaca trabalhava no campo. Arrastou-me até lá, para longe dos carris.»

«Tinha os pés magoados. Não podia andar. Ela disse-me que Auschwitz ficava ali perto, que fizera bem em saltar, que todos os judeus estavam a ser levados para a morte. Trouxe-me comida de casa, despiu-me o casaco e usou-o para me ligar o pé. Então, disse-me que me fosse embora, porque se os camponeses da aldeia me vissem entregar-me-iam aos alemães. Entretanto, era noite. Pus-me de gatas e gatinhei na direção que ela me indicou. Durante dias, dormi nos campos e comi cenouras, beterrabas e plantas. Ao fim de uma semana a gatinhar, cheguei aqui.»

Nessa noite, com a ajuda de um milícia bondoso (Renia reconheceu que alguns o eram), Renia levou Hershel para o kibbutz. Teria de ficar permanentemente escondido no bunker para evitar a Gestapo. As pessoas estavam incrédulas. O pai de todos eles regressara de entre os mortos. De alguma maneira, tudo haveria de correr bem.

Sabiam, no entanto, que a sua alegria era apenas temporária. O Judenrat começara a reparar nas atividades do kibbutz e tornara-se desconfiado. O gueto de Kamionka estava agora cheio dos apartamentos vazios dos assassinados, de modo que o grupo do Liberdade se dividiu em três. Cada unidade de dez membros estabeleceu residência em partes diferentes do gueto. Continuavam, no entanto, a manter a vida comunal. «Somos todos uma família» – o mantra que os guiou, sempre.

Capítulo 19

Liberdade nas florestas – os partisans

Renia, Faye, Vitka, Ruzka e Zelda

JUNHO DE 1943

Foi no fim da primavera de 1943 que Marek Folman, de olhos azuis e cabelos louros, regressou a Będzin vindo de Varsóvia, revigorado pelo recente levantamento e o seu próprio êxito. Poucos meses antes, Marek e o irmão, disfarçados de polacos, juntaram-se a um grupo de partisans na Polónia Central. Atacaram aquartelamentos alemães, colocaram minas debaixo de comboios militares e incendiaram edifícios do governo. Tragicamente, o irmão de Marek fora morto numa escaramuça; mas morrera como combatente. Renia escutava estas histórias, cada palavra um milagre.

Agora, Marek tinha um plano. O grupo a que pertencia recusava aceitar judeus, mas ele entrara em contacto com um oficial polaco chamado Socha que estava disposto a ajudar os judeus de Zaglembe a estabelecer ligação com unidades locais que os incluiriam. Socha vivia com a família em Będzin.

O kibbutz inteiro estava excitado. Ao princípio, a filosofia fora lutar no gueto como judeus. Mas à medida que o extermínio prosseguia e as possibilidades de um levantamento eficaz diminuía, os camaradas iam tendo cada vez menos alternativas. Juntarem-se aos partisans era um caminho para a ação, uma oportunidade de ouro. Tentaram contactar destacamentos, mas sempre sem êxito.

Quem era aquele polaco disposto a ajudar os judeus? Marek e Zvi Brandes precisavam de avaliar a situação. Deslocaram-se ao modesto apartamento de Socha. Bebés a chorar, uma típica esposa camponesa, uma família da classe operária. Socha deixou nos rapazes uma impressão positiva.

Sim, disseram. Iremos consigo.

O ZOB decidiu enviar alguns membros de cada movimento. Todos rapazes; alguns com pistolas. Fugiriam do gueto, arrancariam as estrelas de David, encontrar-se-iam com Socha num local previamente combinado e segui-lo-iam até à floresta. Foi-lhes também pedido que escrevessem para casa assim que chegassem.

Uma longa semana mais tarde, os camaradas souberam que Socha regressara à povoação. O kibbutz não quisera revelar-lhe a sua localização, de modo que Marek se dirigiu, ansioso, ao apartamento dele.

Socha tinha boas notícias. Os camaradas chegaram em segurança e foram recebidos de braços abertos. Iam sair para combater os alemães naquele mesmo dia. Socha desculpou-se – estavam tão excitados que se esqueceram de escrever.

Finalmente, vingança! Exultante, o ZOB preparou-se para enviar um segundo grupo. Com a expulsão geral iminente, todos pediam para ser incluídos. Renia suplicou, ansiosa por fazer, por entrar em ação, por lutar.

A lista foi lida. Do A Jovem Guarda: o namorado de Chajka Klinger, o líder David Kozlowski e Hela Kacengold, que Chajka descrevia como a nova rapariga dos tempos de guerra – «De botas altas, calções de montar e arma na mão, era difícil perceber que era uma mulher.» Do Liberdade: Tziporah Marder, cinco homens e um dos órfãos do Atid. Mais uma vez, foi pedido aos que partiam que escrevessem para casa e lhes dissessem como preparar o próximo grupo. Os camaradas restantes, invejosos mas esperançados, ficaram a ver os membros do novo grupo encher caixas de fósforos com munições; beberam todos vodca para celebrar.

Renia, no entanto, ficou devastada quando o seu nome não foi chamado. Frumka e Hershel explicaram-lhe que o ZOB precisava que fizesse várias viagens a Varsóvia para arranjar armas, sobretudo agora que os que partiam para a floresta levaram consigo todas as que havia. Só depois de concluídas as viagens é que Renia seria autorizada a juntar-se aos partisanos.

Renia suspirou. Compreendia. Mas, oh, como tinha desejado, como tinha esperado, juntar-se à luta!

,

Era muito difícil para os judeus juntarem-se às brigadas partisanas, sobretudo para as mulheres. Apesar de haver muitos grupos de partisanos, cada qual com as suas lealdades e filosofias, de um modo geral estavam de acordo em duas coisas. Uma, não aceitavam judeus. Por nacionalismo,

antissemitismo ou apenas por acharem que os judeus não eram capazes de combater. A maior parte dos judeus chegava à floresta sem armas ou treino militar e em péssimas condições físicas e mentais – eram vistos como um fardo. A outra coisa em que concordavam era não considerar as mulheres material de combate; podiam servir para cozinhar, limpar e tratar dos feridos.

Apesar disto, cerca de 30 mil judeus conseguiram alistar-se em destacamentos partisans, muitas vezes escondendo as suas identidades ou tendo de provar o seu valor e trabalhar o dobro. Destes 30 mil, 10% eram mulheres. A maior parte das judias juntou-se a unidades que operavam no Leste; as suas fugas eram, regra geral, planeadas com antecedência. Juntar-se aos partisans era com frequência a única oportunidade de sobrevivência, de modo que corriam o risco.

Tentar chegar a um campo de partisans era por si só arriscar a vida. A mulher podia ser reconhecida como judia e denunciada à polícia, ou ser morta pelo caminho por civis polacos devido ao crescente antissemitismo que a política nazi exacerbava. Muitas vezes, os partisans disparavam contra qualquer desconhecido que se aproximasse, incluindo refugiados judeus. Algumas unidades partisans suspeitavam que as mulheres fossem espias nazis. Um comandante partisan ouviu dizer que a Gestapo enviara um grupo de mulheres para lhes envenenar a comida, de modo que a unidade matou a tiro todo um grupo de judias que se aproximava. As florestas estavam cheias de bandidos, espiões, colaboracionistas nazis e camponeses hostis receosos dos alemães. Os partisans também podiam ser violentos. Muitas mulheres foram violadas.

A grande maioria dos judeus polacos anterior à guerra era urbana. A floresta, com os seus animais e insetos, riachos e pântanos, invernos gelados e verões escaldantes, era um outro universo – um mundo cheio de constante desconforto físico e psicológico. As mulheres enfrentavam a solidão e a falta de proteção. Habitualmente referidas pelos partisans como «prostitutas», eram repelidas a menos que possuíssem uma qualquer competência especial médica ou culinária, ou fossem bonitas. A maior parte das judias dependia dos homens e trocava sexo por roupas, sapatos e abrigo. Algumas sentiam-se obrigadas a ter «sexo de gratidão» com o guia que as levava. Por vezes, os acampamentos eram atacados durante a noite, e as mulheres precisavam de dormir junto de um protetor. «Para conseguir um pouco de paz relativa durante o dia», queixava-se uma partisan, «tinha de aceitar uma “falta de paz” durante a noite.» Assim nasceu uma economia sexo/defesa: ele protegia-a, ela era a sua rapariga. Uma judia recordava ter-lhe sido dito logo de entrada que «escolhesse um oficial». Uma partisan descreve como uma

unidade soviética «levava as mulheres para ter sexo». E acrescentava: «Não posso chamar a isto violação, mas andava lá perto.» Certa vez, um comandante partisan soviético entrou quando ela estava no duche com outras raparigas; uma delas atirou-lhe um balde cheio de água. Ele começou a disparar. Era frequente mais do que uma mulher juntarem-se a um só homem, para que os outros deixassem de assediá-la.

As relações íntimas eram complexas a vários níveis. Para começar, estas traumatizadas e chorosas raparigas e mulheres acabavam de perder toda a família e não se sentiam particularmente românticas. Em segundo lugar, as diferenças entre as classes sociais eram significativas. Na vida anterior à guerra, as judias urbanas eram educadas, com aspirações de classe média. Os partisans não judeus, pelo contrário, eram na sua maioria camponeses iletrados. Os homens da elite cidadina tornavam-se «inúteis» na floresta; só um homem forte com uma arma possuía verdadeiro estatuto. As mulheres tinham não só de esconder a sua condição de judias, como também de alterar as suas maneiras mais cosmopolitas de pensar, falar e ser.

Apesar disto, muitas mulheres tornaram-se «esposas da guerra» de comandantes. Podia acontecer um verdadeiro romance, mas na maior parte das vezes não. Os abortos, feitos sem anestesia num buraco qualquer, eram comuns. A capitã Fanny Solomian Lutz, uma fisioterapeuta judia, tornou-se a médica-chefe de uma brigada perto de Pinsk, especializada em usar ervas medicinais apanhadas na floresta. Realizou inúmeros abortos bem-sucedidos com quinino, ainda que muitas vezes a intervenção terminasse em morte na mesa de operações.

Na sua maioria, as partisans judias escondiam a sua identidade e dependiam dos homens. Quaisquer armas que possuíssem eram confiscadas e viam-se reduzidas a fazer botas de couro para os combatentes homens, cozinhar e lavar, a sua pele a descascar com as roupas. Cozinhar, já agora, não era tarefa fácil na floresta: as mulheres tinham de apanhar lenha, carregar água e ser altamente inventivas com os limitados recursos disponíveis. Nos quartéis-generais das unidades, eram escriturárias, estenógrafas e tradutoras, e umas poucas médicas e enfermeiras.

Algumas, no entanto, foram exceção, servindo como agentes secretas, batedoras, captoras de abastecimentos, transportadoras de armas, sabotadoras, localizadoras de prisioneiros de guerra fugidos e combatentes da floresta. Os camponeses locais ficavam chocados quando elas apareciam armadas, com espingardas às costas, e, por vezes, crianças.

Faye Schulman era uma fotógrafa ortodoxa-moderna nascida em Lenin, uma povoação junto à fronteira oriental. Escapara a um fuzilamento em massa no qual 1850 judeus foram assassinados, incluindo a sua família, graças à sua «competência útil» – foi obrigada a revelar fotografias de alemães a torturar judeus. Adivinhando que o fim se aproximava, fugiu para a floresta e, a tremer convulsivamente, suplicou a um comandante partisan que a deixasse juntar-se ao seu grupo. Ele sabia que ela tinha uma relação com um médico e ordenou-lhe que se tornasse enfermeira. Faye nada sabia de medicina, mas depressa ultrapassou os nojos e controlou o desconforto psicológico. O sangue dos pacientes tornou-se o sangue da sua mãe, o que a levava a imaginar as cenas do assassinio de todos os membros da família. Ensinada por um veterinário, realizou operações a céu aberto numa mesa feita de ramos, usou vodca para anestesiar um paciente antes de lhe cortar o osso de um dedo com os dentes, e, em certa ocasião, lancetou a sua carne infetada antes que alguém notasse a sua febre e a matasse por ser um fardo. Faye era o seu próprio mundo, constantemente obrigada a tomar decisões de vida e morte com apenas dezanove anos.

Insistia em participar nos combates e em ataques à sua povoação natal, como vingança. «Os nazis tinham tapado as sepulturas com terra e areia, mas, dias mais tarde, o terreno continuava a mexer, à medida que os corpos assentavam; a camada de cima abriu brechas e o sangue escorreu [...] como de uma enorme ferida aberta», escreveu mais tarde. «Não podia ficar para trás enquanto o sangue da minha família continuava a escorrer das valas.» Foi buscar a máquina fotográfica, que deixava escondida na floresta durante as suas cada vez mais frequentes missões de guerrilha. Juntamente com as lentes da objetiva, a arma tornou-se a sua melhor amiga, e ela abraçava-a durante a noite como se fosse um amante, consciente de como a guerra afetara o seu desenvolvimento sexual. «Tinha perdido a minha juventude de uma maneira dolorosa», refletiu. Teria adorado dançar, mas esse tempo já passara. «A minha família foi assassinada, depois de ter sido torturada e brutalizada. Não podia permitir-me divertir-me ou ser feliz.» É certo que uma vez acordou com uma arma apontada à cabeça por um homem cujos avanços amorosos tinha rejeitado (um amigo descarregara a arma), mas, de um modo geral, sentia-se como «um dos rapazes», comia com eles da panela comum (cada um tirava uma colher da bota), partilhava a sobremesa de tabaco enrolado em papel de jornal, atravessava florestas cheias de minas antipessoais e, honrada como grande combatente, foi convidada a esfaquear um grupo de espiões capturados. (Chegou atrasada de propósito para não ter de cometer aqueles crimes; tinha uma coragem férrea, mas nunca se deixou empedernir.)

Durante todo este tempo, manteve escondida da maior parte das pessoas a sua condição de judia, inventando histórias a respeito de como costumava comer sozinha na Páscoa. Só quarenta anos mais tarde viria a descobrir que um homem de que quisera ser amiga a ignorara por ser secretamente um judeu e recear que ser visto com ela parecesse suspeito. Mesmo entre os rebeldes, esconder isto ou aquilo era uma prática constante.

,

Isto é, a menos que se fizesse parte de uma unidade partisan constituída inteiramente por judeus. Estes destacamentos únicos eram, em regra, estabelecidos por líderes judeus nas densas florestas do Leste. Começaram por ser campos familiares que abrigavam refugiados judeus (a famosa Bielskis, uma unidade judaica com 1200 combatentes, acolhia todos os judeus); também levavam a cabo ações de sabotagem. Incluía muito mais mulheres, algumas das quais participavam em missões enquanto outras funcionavam como guardas armadas. Um grande grupo de judeus chegou à floresta de Rudniki pronto para a luta de guerrilha. Eram camaradas vindos de Vilna.

Depois do encontro inicial de Abba Kovner com os movimentos clandestinos, durante o qual cunhara a sua célebre frase «Não iremos como ovelhas para o matadouro», os vários grupos de judeus de Vilna apressaram-se a juntar-se. Criaram a FPO – acrónimo ídiche para Organização Partisan Unida. Havia um grande número de mulheres envolvidas como correios, organizadoras e sabotadoras, incluindo as camaradas do A Jovem Guarda, Ruzka Korkzac e Vitka Kempner.

Quando Hitler invadiu a Polónia, em 1939, a pequena Ruzka Korkzac viajou 480 quilómetros através de uma rota de fuga clandestina organizada por judeus fugitivos para chegar a Vilna. Uma vez na cidade, dirigiu-se a um antigo abrigo para pobres que, de repente, albergava mil adolescentes, refugiados sionistas à espera de fazer a aliyah, ainda possível a partir dali (subitamente, Vilna passou a ser governada pela Lituânia). Família, escola, esforços, sonhos – nada do que fizera parte da antiga vida de Ruzka era relevante. A sua capacidade de ouvir e sanar conflitos de forma célere fizeram dela uma líder.

Certa manhã, enquanto Ruzka estava embrenhada num livro a respeito do sionismo socialista, foi abordada por uma animada jovem de pestanas compridas que falava um polaco perfeito.

– Porquê um livro tão sério? – perguntou a rapariga.

– O mundo é um lugar sério – respondeu-lhe Ruzka.

Na sua terra natal havia poucos judeus, e quando um professor da escola pública fez um comentário antissemita, ela transferiu a carteira para o corredor permanentemente. Era uma tímida excluída que passava todo o seu tempo livre na biblioteca.

– Não acho que o mundo seja assim tão sério – contrapôs a jovem, que se chamava Vitka. E então explicou que mesmo que fosse, era «mais uma razão para não ler um livro sério». O seu preferido era O Conde de Montecristo.

Vitka chegara a Vilna depois de fugir da sua pequena aldeia, escapando pela janela da casa de banho da sinagoga onde os alemães tinham trancado todos os judeus. Aluna brilhante da escola judaica, Vitka foi a primeira mulher a juntar-se ao Betar e a receber o treino «semimilitar». Considerava-se uma patriota polaca; experimentou vários grupos de juventude antes de se fixar no A Jovem Guarda, mas nunca foi muito dada a dogmas.

Ruzka e Vitka depressa se tornaram grandes amigas. Ruzka tinha integridade e humildade, Vitka uma frivolidade determinada, não obstante tudo o que perdera. Um dia, repararam num líder do A Jovem Guarda que observava rapazes e raparigas. Tinha um chapéu enfiado quase até aos olhos. Toda a gente o achou atraente; Vitka achou-o estranho. Ninguém ousou abordá-lo. «Perguntei-me porque seria que não estava ninguém a falar com ele», disse Vitka mais tarde. «Será assim tão assustador?» Aproximou-se para dizer «olá». Era Abba Kovner.

Quando Vilna foi ocupada pelos russos, Vitka fugiu, mas regressou quando os nazis assumiram o controlo. Se os alemães estavam por todo o lado, pensou, então mais valia estar com Ruzka. Conseguiu uma boleia de um nazi, mas quando lhe disse que era judia, ele entrou em pânico e fugiu. Apanhou um comboio de mercadorias, e, uma vez em Vilna, exibia-se com descaramento pelo passeio sem usar a estrela amarela. Ruzka ficou chocada ao vê-la. «Enlouqueceste? Estás a tentar que te matem?»

Mudaram-se as duas para o gueto, partilharam uma cama e conseguiram escapar a ações de extrema violência, de uma das vezes fingindo serem esposas de oficiais. O A Jovem Guarda enviou Vitka para o lado ariano. Ruzka tingiu-lhe o cabelo, mas ficou encarnado, de modo que pagaram a um barbeiro judeu para resolver o problema com água-

oxigenada. Segundo Ruzka, «Nem sequer a cor dos cabelos conseguia disfarçar o ligeiramente alongado nariz semita, a expressão muito judia dos olhos.» Apesar disso, com infundável confiança, Vitka estava pronta para enganar os polacos. Enganar os alemães, observou, era fácil: «Os alemães acreditam no que se lhes diz.» Certa vez, tendo-se esquecido da estrela, prendeu no braço uma folha amarela.

Em dezembro de 1941, a missão de Vitka era resgatar Abba, que estava escondido num convento e vestido com um hábito de freira. Levou-o até ao gueto para se encontrar com Sara, a rapariga que sobreviviera à chacina de Ponary. Ele ouviu a história, compreendeu que a única saída era a revolta armada, convocou o famoso encontro de Ano Novo, iniciou a FPO e foi viver com as raparigas. Partilhava a cama com elas. «Dormia no meio», disse a um combatente. Os três andavam pelas ruas do gueto de braço dado, o que suscitou rumores de uma *ménage à trois*. (A lenda reza que quando um estudante perguntou a Vitka por que razão se juntara à resistência, ela respondeu no mesmo instante: «Pelo sexo!»)

Com o profundo empenho de Vitka e Ruzka, a FPO juntou armas, pedras e garrafas de ácido sulfúrico. O grupo forrou o seu quartel-general com grossos volumes do Talmude, «à prova de bala», redigiu notas apelando à resistência e planeou a revolta.

Então, Abba encarregou Vitka de uma missão pioneira, e foi esta a sua declaração de amor. A missão: mandar pelos ares um comboio alemão carregado de soldados e abastecimentos. Durante duas semanas, Vitka saiu do gueto todas as noites para explorar a linha em busca do melhor lugar para uma bomba, algures suficientemente longe de quaisquer judeus para que não fossem atingidos ou acusados e castigados, mas também perto da floresta, onde os sabotadores poderiam esconder-se, e não demasiado longe do gueto, para que pudesse sair e entrar nas alturas certas. Vitka estudou o traçado dos carris com minúcia, tomou nota dos mais pequenos pormenores, uma vez que a ação teria de ser levada a cabo na escuridão da noite. As vias-férreas eram policiadas pelos alemães e estavam interditas a civis. Vitka foi interpelada mais de uma vez. «Estou só à procura do caminho para casa», mentiu. «Não fazia ideia de que era proibido andar por aqui.» Afastou-se dos crédulos nazis e voltou à linha um pouco mais à frente.

Certa vez, impossibilitada de regressar ao gueto pelo seu caminho habitual porque havia cães a ladrar e já passara a hora do início do recolher obrigatório, Vitka foi dar a uma carreira de tiro alemã. Pouco faltou para ser atingida. Fingiu estar perdida e dirigiu-se a um nazi banhada em lágrimas. O soldado teve pena dela e ordenou a outros dois que a acompanhassem até ao exterior. Vitka afirmaria mais tarde que sempre que se encontrava numa conjuntura perigosa era invadida por

«uma calma gelada», a sensação de que estava a assistir à situação de longe e, por isso, capaz de avaliá-la e agir de maneira a sair dela em segurança.

Numa quente noite de junho, saiu do gueto com dois rapazes e uma rapariga. Esguia como era, Vitka costumava esgueirar-se pelas fendas no muro do gueto, mas daquela vez levou-os por chaminés e telhados. Sob a roupa transportavam pistolas, granadas e um detonador. Debaixo da sua, Vitka tinha uma bomba que Abba fizera a partir de um cano. (Ruzka integrava a Brigada do Papel, um grupo que contrabandeava livros judeus para os pôr a salvo. A dada altura, encontrara na biblioteca do Instituto Científico Lídiche de Vilna, ou YIVO, um panfleto finlandês de quando aquele país nórdico se preparava para uma invasão russa. Oferecia um curso de guerra de guerrilha e de fabrico de bombas, incluindo diagramas. Tornara-se o livro de receitas do movimento.)

Vitka conduziu o grupo até ao lugar perfeito que encontrara e, em plena escuridão, amarrou o engenho aos carris, erguendo a cabeça a curtos intervalos, atenta à aproximação do comboio. Depois, escondeu-se com os restantes combatentes na floresta. De súbito, a veloz locomotiva – um violento clarão alaranjado que rasgou o céu. Vitka correu ao lado do comboio em aceleração, atirando granadas. Então, a composição descarrilou, as carruagens empilhadas envoltas em fumo, a máquina caída numa ravina. Os alemães dispararam como loucos para a floresta, matando a rapariga que integrava o grupo. Vitka enterrou-a na floresta e apressou-se a voltar ao gueto antes que o dia nascesse. Embora em épocas subsequentes a destruição de comboios nazis se ter tornado comum entre os partisans, na altura, o ato de sabotagem de Vitka foi o primeiro do género em toda a Europa ocupada.

Alguns dias mais tarde, um jornal clandestino relatava que um grupo de partisans polacos mandara pelos ares um comboio de transporte, matando mais de 200 soldados alemães. As SS mataram 60 camponeses numa aldeia próxima como represália. «Não é uma coisa de que me tenha sentido culpada», disse Vitka mais tarde. «Sabia que não fora eu a matar aquelas pessoas, tinham sido os alemães. Na guerra, é fácil esquecer quem é quem.»

Depois disto, Vitka estava sempre a entrar e a sair do gueto, ajudando 200 camaradas a escapar para a floresta. Passava dias a deambular por Vilna, percorrendo dezenas de quilómetros à procura de pontos por onde um grupo de judeus pudesse passar sem ser visto. Costumava ir despedir-se deles. Antes, porém, levava-os a um cemitério onde estavam escondidas armas e granadas numa sepultura recente. («Os alemães não deixavam ninguém vivo passar os portões [do gueto]», escreveu Ruzka certa vez, «mas os mortos podiam sair.») Vitka

distribuía as armas pelos camaradas, explicava-lhes o caminho que explorara e despedia-se deles, um a um, com um beijo. Quanto a ela, fazia parte da centena de combatentes da FPO que ficariam no gueto para lutar. A sua unidade caiu numa emboscada. Ela foi um dos poucos sobreviventes: Vitka. «Limitou-se a afastar-se, com passos descuidados e confiantes, como se tivesse de estar noutra sítio qualquer», relatou um cronista. «Ninguém a deteve.»

Sem o apoio da comunidade judaica, o sonho que a FPO alimentava de uma grande batalha no gueto foi uma desilusão esmagadora, com apenas meia dúzia de tiros disparados. Preparados e liderados por Vitka, os combatentes fugiram do gueto através dos esgotos e chegaram à floresta, ansiosos por lutar, decididos a passar da defesa ao ataque. Abba tornou-se o comandante da brigada judaica, distribuída por quatro divisões. Ele liderava a unidade «Vingador», enquanto Vitka comandava o corpo de batedores.

Na floresta, os oficiais soviéticos ligados à brigada disseram a Abba que construísse um campo familiar para as raparigas, que cozinhariam e costurariam. Kovner, que não reconhecia qualquer diferença entre homens e mulheres, recusou. Quem pudesse e quisesse lutar lutaria, disse. Qualquer um podia levantar uma arma no arsenal comum e ter a oportunidade de restaurar a sua autoestima. Além disso, tinha testemunhado a extraordinária coragem daquelas mulheres. Segundo Vitka, Abba insistiu em que pelo menos uma rapariga participasse em todas as missões, mesmo que os rapazes não ficassem satisfeitos – os explosivos chegavam a pesar 10 quilos, em trajetos de 50 quilómetros, e as raparigas não eram incluídas no transporte.

Ruzka foi escolhida para sair na primeira operação de sabotagem liderada por judeus, com quatro homens; tinham de caminhar 65 quilómetros e fazer explodir um comboio de munições. No gueto, Ruzka, que merecera pela sua postura e calma a alcunha de Irmãzinha, não só contrabandeava livros como também recrutava combatentes, mantinha o fervor e era a segunda na cadeia de comando da unidade de combate. Abba sabia que a sua resistência provaria o valor das judias como guerrilheiras.

Ruzka e os homens partiram ao início da noite com um frio de rachar. Cada um deles levava uma arma e duas granadas de mão. A pequena Ruzka insistiu em fazer o seu turno a carregar a mina, que pesava mais de 25 quilos. Seguiram trilhos até um rio, em que a água corria logo abaixo da superfície gelada. A unidade tinha de atravessá-lo carregando todas as suas munições e avançando passo a passo por cima de um tronco. Ruzka caiu. Agarrou-se ao tronco e conseguiu içar-se, apesar de ter as pernas dormentes e pesadas. O comandante viu-lhe as roupas

molhadas e ordenou-lhe que regressasse ao campo para não morrer congelada. Mas ela insistiu em continuar: «Vais ter de me meter uma bala na cabeça para me afastar desta missão.» Por isso, alguns quilómetros mais adiante, o grupo entrou na casa de um camponês e roubou roupas secas para ela – roupas de homem, que teve de enrolar e encher com meias. Em seguida, apontando-lhe as armas, obrigaram outro camponês a levá-los até ao local. Cinquenta soldados nazis morreram em resultado desta missão e um depósito de armas alemão foi destruído.

«Lembro-me da primeira emboscada que fizemos aos alemães como se fosse hoje», escreveu Ruzka mais tarde. «O momento mais feliz da minha vida desde o começo da guerra foi quando vi à minha frente uma viatura destruída e oito alemães mortos. Tínhamo-lo feito. Eu, que me julgava incapaz de voltar a sentir felicidade, festejei.» Tornou-se comandante de uma unidade de patrulha.

Além das suas ousadas missões de combate, Ruzka exercia também as funções de quartel-mestre. A vida na floresta podia ser surpreendentemente sofisticada. Os campos dos partisanos diferiam consoante o local e a permanência, mas alguns compreendiam toda uma aldeia de cabanas escondidas, com sala de convívio, gráfica, enfermaria, transmissões, cemitério e «banho shvitz», que improvisavam pondo dentro de água pedras aquecidas. Comida, botas, roupas, casacos e abastecimentos eram, sobretudo, roubados aos camponeses, com frequência de arma apontada. Os partisanos apenas cozinhavam à noite para que o fumo não revelasse a sua localização. Enchiam recipientes surripiados nas aldeias com a água de fontes e rios por vezes situados a horas de distância do campo. No inverno, derretiam neve obtendo água para beber, e dormiam às dúzias em ziemlankas subterrâneas e camufladas: abrigos cavados no chão, feitos com ramos e troncos, tapados com ervas e folhas, e inclinados para evitar a acumulação da neve. Vistas do alto e de lado, pareciam pequenos montículos cobertos de arbustos. Estes bem construídos abrigos estavam sempre sobrelotados, o ar «era pútrido e nauseante».

Nos Vingadores, Ruzka geria a saúde no acampamento. A gripe, o escorbuto, os piolhos, a pneumonia, a sarna, as doenças das gengivas e as doenças dermatológicas provocadas pela falta de vitaminas proliferavam. (Certa vez, Vitka emprestou o seu casaco a um camarada, que lho devolveu infestado de piolhos. Ela pô-lo em cima de um cavalo e esperou até que todos os parasitas se transferissem para o animal.) Ruzka criou uma lavandaria: duas vezes por semana, os partisanos levavam as roupas para uma fossa onde eram fervidas em água e cinzas. Avaliava os casos de queimaduras causadas pelo frio. Dividia as rações

de pão – um tesouro no meio de uma dieta exclusiva de carne e batatas – e dava-as aos doentes.

Os medicamentos, tal como as armas, eram difíceis de conseguir, e ambos trazidos por correios que se deslocavam até Vilna. A pequena Zelda Treger, de cabelos dourados e olhos azuis, era uma das principais kasharit. A sua maneira discreta, mas determinada, completou 18 viagens entre a floresta e a cidade, fazendo-se sozinha a um caminho sem trilhos por entre pântanos e lagos. Zelda foi criada pela mãe, uma dentista, que morreu quando ela tinha catorze anos. Estudou para ser educadora de infância. Com o deflagrar da guerra, fugiu do gueto e arranjou trabalho em casa de um agricultor polaco que a registou como membro da família, dando-lhe assim uma identidade cristã oficial. Meses mais tarde, um ferimento infeccionado numa mão fê-la voltar ao gueto, procurar os camaradas do A Jovem Guarda e juntar-se à FPO.

Graças à sua aparência física, tornou-se imediatamente uma kasharit, transportando armas em urnas e embrulhadas como se fossem trouxas de camponesa. Descobriu caminhos de fuga que permitiam aos combatentes escapar para duas florestas (uma delas a cerca de 200 quilómetros de distância) e acompanhou grupos até fora do gueto. Lutou na minirrebelião e ajudou Vitka a liderar a fuga pelos esgotos. Participou no resgate de centenas de judeus de campos de trabalho e guetos, levando-os para a floresta. Foi apanhada várias vezes, mas conseguiu sempre escapar, desempenhando frequentemente o papel de camponesa ingênua, ou fazendo-se passar por uma devota rapariga cristã que tinha de ir visitar uma avó doente, ou tartamudeando e fingindo-se mentalmente doente, ou apenas agarrando nos seus papéis e fugindo.

Num frio sábado de inverno, numa missão para conseguir armas, Zelda vestiu um casaco de pele como os das camponesas e um lenço de cabeça puxado até aos olhos. Na cesta, levava cartas em código para o movimento clandestino da cidade. Caminhou diretamente pela estrada até à povoação, passando pelos guardas de cabeça bem erguida. Já era tarde quando chegou, e teve de passar a noite em casa de uma cristã que conhecia. Uma das vizinhas tentou chantageá-la, mas Zelda afastou-a com um empurrão. Enquanto conversava com a sua amiga cristã, soou uma pancada na porta. O coração saltou-lhe do peito.

Eram um agente da polícia lituana e um soldado alemão. Exigiram-lhe a identificação; ela mostrou-lhes os documentos falsos. Mesmo assim, os dois homens continuavam desconfiados e revistaram-na. Encontraram uma nota do gueto.

– És judia! – gritou o nazi, e esbofeteou-a. – Vamos levar-te para a Gestapo.

Zelda correu para a divisão contígua, saltou pela janela, desceu aos tropeções uma colina e começou a correr na escuridão. Esbarrou com uma vedação, cães começaram a ladrar, soaram tiros nas suas costas. O nazi agarrou-a pelos braços e segurou-a.

– Porque fugiste?

– Por favor, mate-me aqui mesmo – insistiu Zelda. – Não me leve para ser torturada.

– Podes viver a troco de ouro – sussurrou o polícia lituano.

Zelda viu a sua oportunidade. Convidou os dois homens a voltar com ela a casa da sua anfitriã para uma bebida.

– Dou-lhes qualquer coisa agora e amanhã peço o resto aos judeus – prometeu.

O lituano e o alemão agarraram-lhe os braços e voltaram para trás com ela. A amiga e os filhos estavam histéricos.

– É esta a tua paga? – gritou a mulher, furiosa. – Olha para estas crianças que vão ficar órfãs.

Zelda escondeu o seu terror e confortou a amiga, disse-lhe que pusesse a mesa e oferecesse uma bebida aos homens. O nazi bebeu, tentou acalmar as crianças, e falou a Zelda do seu profundo amor por uma judia.

– Não quero que os judeus morram – disse, a enrolar as palavras, já bêbedo. – Mas uma ordem é uma ordem, e tenho de te entregar. – O seu tempo de serviço estava a acabar e a paciência a esgotar-se. Chamou Zelda cá para fora – Dá-me o teu dinheiro e foge.

– Não tenho um złoty – suplicou Zelda. – Amanhã, juro. Dou-lhes o dinheiro.

O lituano pareceu acreditar nela – disse ao nazi que ele lhe levaria o dinheiro na manhã seguinte. O nazi saiu. O lituano agarrou Zelda por um braço e levou-a para casa. Que outra coisa podia ela fazer senão ir?

Quando chegaram ao apartamento, porém, o senhorio começou aos gritos, a dizer-lhe que não levasse raparigas para casa. Agarrou num machado e apontou-o à cabeça do polícia. Caos. Luta. Zelda aproveitou

para fugir e escondeu-se na escuridão do quintal enquanto o lituano a procurava, mantendo-se imóvel até que desistiu.

Depois disto, prosseguiu com a sua missão.

,

Os partisans soviéticos queriam destruir uma praça-forte nazi, e apesar de disporem das armas, faltava-lhes a informação. Abordaram Abba Kovner e pediram que lhes «emprestasse algumas judias». Abba virou o jogo, dizendo que aquilo devia ser uma missão para os judeus e que os russos deviam fornecer-lhes as armas. Na véspera do Yom Kippur, dois rapazes e duas raparigas saíram do acampamento disfarçados de camponeses. Uma das raparigas – Vitka – carregava uma desgastada mala de viagem. No interior: minas magnéticas e bombas-relógio que podiam aderir a qualquer superfície metálica.

O grupo encaminhou-se para as colinas perto de Vilna e chegou à fábrica de peles do campo de trabalho forçado de Kailis, onde ainda trabalhavam alguns judeus, com a intenção de passar a noite com eles. Falaram com Sonia Madejsker, uma judia comunista louca que vivia numa casa da fábrica e era o último elo que lhes restava com o movimento clandestino de Vilna. Sonia disse-lhes que a fábrica ia ser fechada em breve e todos os judeus levados para serem executados. Queriam fugir com Vitka para a floresta.

O comandante dos partisans já estava desagradado com o número de judeus que vivia nos campos como refugiados e pedira-lhes que cortassem nas novas chegadas. A maior parte dos judeus não tinha experiência de combate, não sabia usar armas e não estava muito interessada em aprender. Vitka explicou isto a Sonia e também que estava ali como soldado, não como humanitária. Sonia retorquiu que se ela não levasse aquelas pessoas, todas morreriam.

No entanto, em primeiro lugar, Vitka tinha de realizar a sua missão. Nessa manhã, a ferver de ódio entre os trabalhadores e os que faziam a sua vida quotidiana como se estivesse tudo normal, encontrou os seus alvos. Os rapazes rebentariam as canalizações (os esgotos e o abastecimento de água à cidade), e as raparigas encarregar-se-iam dos transformadores elétricos (as luzes da cidade). Quando começou a anoitecer, os rapazes desceram pelo poço de acesso dos esgotos e plantaram a sua bomba. As raparigas entraram na zona industrial de

Vilna, junto ao rio. As grelhas de transformadores elétricos estavam completamente expostas. Mas as minas de Vitka – cobertas de tinta – não aderiam. Teimavam em escorregar, e o tempo passava. Vitka, furiosa, arrancou a tinta com as unhas até ficar com os dedos em sangue. As raparigas esconderam-se nas sombras, sustendo a respiração cada vez que uma patrulha alemã passava. Demoraram vinte minutos, mas conseguiram. Tanto elas como os rapazes regularam os detonadores para daí a quatro horas.

Os rapazes estavam cansados e queriam repousar o resto da noite na fábrica de peles, mas Vitka avisou-os de que quando as bombas rebentassem os nazis reforçariam a segurança e seria muito difícil viajar. Iam pôr em risco as vidas de todos os que ali estavam. Eles troçaram: nunca os alemães julgariam os judeus capazes de um tal ataque! A discussão arrastou-se. Por fim, Vitka soube que estava a ficar sem tempo. Disse a Sonia que reunisse todos os que estavam preparados para partir – ia levá-los imediatamente para a floresta. Os rapazes ficaram.

Uma hora mais tarde, Vitka encabeçava um grupo de 60 judeus por estradas mergulhadas em escuridão, saindo da cidade. Ouviram as bombas explodir e viram Vilna apagar-se.

No dia seguinte, os rapazes foram apanhados. «Conseguimos, e os rapazes não», disse Vitka, «porque eles estavam cansados e nós também estávamos cansadas, mas as mulheres são mais fortes do que os homens.» As mulheres, achava Vitka, eram orientadas por um código moral. Não só eram combatentes tão capazes como os homens, como também não desistiam, corriam riscos e não arranjavam desculpas para fugir a isto ou aquilo. «As mulheres eram mais resistentes», refletiu.

Anos mais tarde, ao explicar por que razão levava os judeus da fábrica para a floresta contra as ordens do comandante, Vitka mostrou-se indiferente. «Que pode ele fazer?», perguntara a si mesma na altura. «Se os 60 judeus aparecerem... vão ficar. E eu terei desobedecido a uma ordem. Não é grande tragédia!»

«Ela não sabia o que era o medo, o seu coração não sabia recear», disse Ruzka sobre Vitka. «Era sempre doce, cheia de energia e iniciativa.»

Ruzka, Vitka, Zelda e os partisans judeus continuaram a trabalhar durante todo o duro inverno de 1943-44. Aprenderam a caminhar sem deixar pegadas na neve; por vezes, andavam para trás, dando a impressão de que se dirigiam na direção oposta. Explodiram com veículos e estruturas, e inventaram minas mais seguras para o fazer. Em 1944, os partisans judeus, só pelo seu lado, destruíram 51 comboios,

centenas de camiões, dezenas de pontes. Usavam apenas mãos para derrubar postes telefónicos, arrancar fios telegráficos e carris. Abba atacou uma fábrica de produtos químicos e chegou fogo aos barris, queimando uma ponte. Os alemães não podiam atravessar o lago gelado. Judeus e nazis ficaram a olhar uns para os outros, as chamas crepitantes a refletirem-se no gelo entre eles.

Numa manhã de abril, com o Sol a brilhar, as raparigas riam e brincavam quando Abba se aproximou com um sorriso triste. «Para onde vou?», perguntou Vitka, a adivinhar-lhe o estado de espírito.

Partiu para Vilna com um manifesto que incitava os rebeldes comunistas da cidade a revoltarem-se, bem como uma lista de medicamentos necessários. Pelo caminho, uma velha camponesa viu-a e perguntou-lhe se podia juntar-se-lhe na viagem. Atravessaram uma ponte, mas, de repente, a camponesa murmurou qualquer coisa a um soldado lituano, que estava com um nazi. Partisan e judia: Vitka valia uma generosa recompensa.

Os guardas ordenaram a Vitka que mostrasse os seus documentos. O lituano achou-os falsos. O alemão disse que ela tinha cabelos louros. «Mas as raízes são pretas», disse o lituano. As roupas dela, argumentou, estavam chamuscadas pelas fogueiras dos partisanos. As pontas das pestanas eram brancas.

Vitka rasgou o manifesto e atirou-o ao ar, mas a camponesa apanhou os pedaços e entregou-os aos soldados. Os soldados revistaram-na e encontraram a lista de medicamentos. «Para as pessoas da minha aldeia», tentou ela. Mandaram-na para a Gestapo.

Sentada na parte de trás de uma carroça, Vitka falava da sua infância católica, sem querer acreditar que aquilo, ali, naquele momento, era o seu fim. Tortura, e depois a morte. Devia saltar e correr para que a matassem a tiro na floresta? Observava cada volta, notava cada alto na estrada, à espera do seu momento.

De súbito, Vitka mudou de tática. «Têm razão. Sou judia e partisan. É por isso que devem deixar-me ir.» Explicou que os nazis estavam a perder a guerra e que quem a matasse não tardaria a ser morto. Além disso, havia muitos polícias a trabalhar para os partisanos. No quartel-general da Gestapo, um dos polícias levou-a para uma porta lateral. Enfiou-lhe os documentos na mão e disse-lhe que nunca mais voltasse a atravessar aquela ponte, e acrescentou que, um dia, gostaria de conhecer o comandante dela.

Quando Vitka regressou ao campo, depois de ter comprado os medicamentos no mercado negro e de um episódio em que se escondeu num monte de feno verificado por uma forquilha que lhe passou a centímetros da cabeça, declarou que cumprira a sua última missão. «É um milagre ter conseguido voltar», disse. «Quantas vezes pode uma pessoa contar com milagres?»

,

Na realidade, não muitas. Alguns milagres são pouco mais do que miragens.

Poucos dias depois de o segundo grupo ter partido de Będzin para se ir juntar aos partisanos, um dos seus membros, Isaac, do A Jovem Guarda, regressou. Estava irreconhecível, as roupas rasgadas, a tremer de terror, quase incapaz de andar. Renia ficou aturdida.

Ele contou-lhes o que acontecera naquele quente dia de junho.

«Saímos do gueto, tirámos as braçadeiras de judeus, e quando vimos as primeiras árvores, ficámos excitados, pegámos nas armas, o nosso sonho de matar alemães estava prestes a realizar-se [...]. Ao fim de seis horas de marcha, quando começava a anoitecer, Socha disse-nos que já não corríamos perigo de sermos apanhados pelos alemães e que podíamos sentar-nos em segurança para comer. Deu-nos água enquanto nós rejubilávamos, felizes por termos saído daquele horrível gueto. Disse-nos que descansássemos um pouco antes de voltarmos ao caminho, e foi verificar a nossa localização.

De repente, estávamos cercados. Soldados a cavalo. Começaram a disparar como loucos. Estava sentado debaixo de um arbusto e deixei-me cair para trás, mas não estava ferido. Consegui sobreviver. Mas os nazis mataram todos os outros. Todos. Então, pegaram em lanternas e examinaram os corpos, roubaram-lhes tudo o que tinham nos bolsos. Escondi-me atrás do arbusto e fiquei muito quieto. Um alemão levantou-me a perna, convenceu-se de que estava morto. Depois de eles partirem, rastejei para fora do meu esconderijo e fugi.»

Os resistentes de Będzin não queriam acreditar no que ouviam.

Fora tudo uma armadilha. Tinham sido vendidos por Socha, em quem tinham confiado. Até o apartamento do homem, com os bebés a chorar,

era falso. Malgrado todos os esforços para se esconder, o ZOB não adivinhara a astúcia do inimigo.

Os seus melhores, mortos. Alguns durante o extermínio, e agora aquilo, 25 almas perdidas nos dois grupos. Já quase não havia gente suficiente para lutar.

«As notícias deixaram-nos atónitos», escreveu Renia mais tarde.
«Estamos a falhar em tudo o que fazemos.»

Marek queria matar-se. Louco de remorsos, escapuliu-se do gueto. Ninguém o viu partir.

À dor desta traição veio juntar-se a perda de Chajka. Os camaradas não sabiam, mas, algum tempo antes, um rabi casara Chajka e David em segredo. Ofereceram a David documentos para deixar a Polónia, mas ele não quis partir. Promovido a comandante, insistira em combater ao lado dos rapazes que tinha treinado e levava alguns deles consigo para a floresta, com Socha. «Não dormia, fazia planos e criava», escreveu Chajka. «Omnipresente, sonhava com ação.» Pelo menos, consolou-se a si mesma, não tinha tempo para sofrer, não tinha tido tempo para pensar.

Agora, Chajka era uma viúva, mergulhada no desespero, a ferver de raiva. Mais sedenta de vingança do que nunca.

Capítulo 20

Melinas, dinheiro e resgate

Renia e Vladka

JULHO DE 1943

Semanas depois do fatal fiasco dos partisanos, o chefe do Judenrat de Będzin foi detido. Renia sabia o que isso significava: a expulsão final estava iminente. O fim do gueto. O fim deles.

O kibbutz tinha de se preparar.

Mas reinava a discórdia. A maior parte do grupo já não sonhava com uma grande batalha. Já tantos potenciais combatentes haviam morrido. Era tempo de fugir. Chajka e a camarada Rivka Moscovitch, no entanto, recusavam partir, insistiam na revolta. Lutar ou fugir.

Frumka e Hershel decidiram mandar embora as crianças; os fortes iriam no fim. Aliza Zitenfeld, a professora do Atid, disfarçou os órfãos de arianos para poder enviá-los para quintas alemãs. Renia e os camaradas forjaram documentos, cobriram os dados antigos com nova informação e novas impressões digitais. Ao nascer do dia, Ilza Hansdorf saiu com as crianças e acompanhou-as até ao conselho municipal de uma aldeia rural. As crianças explicaram que não tinham pais e procuravam emprego. Muitos agricultores concordaram que a mão de obra barata era bem-vinda. Em poucos dias, Ilza conseguiu colocação para oito crianças. De acordo com o plano, os órfãos escreveram cartas, endereçadas a uma morada polaca, a dizer que estava tudo bem. Então, duas raparigas deixaram de escrever. Renia calculou que tinham sido reconhecidas, «e sabe-se lá o que lhes aconteceu».

As crianças com um ar mais judeu ficaram no gueto.

Do seu esconderijo em Varsóvia, Zivia escreveu ao grupo de Będzin. Uma das cartas exortava-os a desistir dos seus sonhos de rebelião. Tendo visto os resultados das suas revoltas, já não promovia a luta – o preço em mortos era demasiado elevado. Se queriam continuar vivos, dizia-lhes, fossem para Varsóvia.

Chajka ficou lívida e chamou a esta mensagem «uma bofetada na cara que nos deixou atordoados». Calculou que os combatentes de Varsóvia estavam «espiritualmente exaustos» e «com medo do que tinham

começado com as suas mãos, e que a responsabilidade que lhes caíra sobre os ombros era demasiado grande». Porque haviam os judeus de Będzin de viver na sombra da sua glória e descansar sossegados sob os seus louros?

Zivia sugeria que aqueles que tinham um aspeto ariano podiam viver na cidade com papéis falsos. Os que não tinham, viveriam em bunkers. «Os polacos deixavam-nos ficar nos seus esconderijos», explicou Renia, «a troco, claro, de muito dinheiro.» O negócio escondido dos esconderijos.

,

Mais à frente na guerra, sobretudo depois de os guetos terem sido destruídos, um dos principais papéis das raparigas-correio era o resgate e sustento dos judeus escondidos – disfarçados de arianos ou fisicamente escondidos. As kashariyot realocalizavam judeus do gueto, incluindo muitas crianças no lado ariano da cidade; arranjavam-lhes apartamentos e esconderijos (melinas) dentro de casas, celeiros e espaços comerciais, forneciam-lhes documentos falsos e pagavam cama e comida aos polacos que os escondiam. No Leste, colocavam muitos judeus em campos de partisans. Em Varsóvia e nas cidades ocidentais, visitavam aqueles que tinham a seu cargo – mas não com demasiada frequência –, levavam-lhes notícias e apoio moral. Travavam uma luta constante contra os schalmztzovniks que ameaçavam «queimar» os esconderijos, e muitas vezes tinham de realocar judeus que os senhorios denunciavam ou estavam prestes a ser descobertos. Faziam tudo isto enquanto mantinham uma vida secreta.

Vladka Meed começou a resgatar crianças quando o gueto ainda estava intacto. Os nazis eram particularmente brutais com as crianças, que representavam o futuro judaico. Os rapazes e raparigas que não servissem para o trabalho escravo estavam entre os primeiros judeus a serem assassinados. Em parceria com outras duas correios do Bund – Marysia (Bronka Feinmesser), telefonista num hospital pediátrico judaico, e Inka (Adina Blady Szwajger), uma pediatra, tentava colocar as poucas crianças judias que restavam no gueto junto de famílias polacas. Estas mulheres tiravam crianças dos braços de mães chorosas – mães que já tinham salvado os filhos e as filhas uma e outra vez, mães que sabiam que aquele podia ser o último adeus, mas também sabiam que

as probabilidades de sobrevivência podiam ser melhores no lado ariano.

As crianças judias tinham de passar o muro, manter as suas identidades secretas, adotar novos nomes, não cometer enganos e não falar do gueto. Não podiam fazer perguntas nem envolver-se em conversas infantis. Tinham de falar polaco na perfeição. Não podiam revelar qualquer informação se fossem capturadas. E as famílias anfitriãs tinham de assumir o compromisso e não voltar atrás no último instante. Uma anfitriã ficou perturbada pelo facto de as duas gémeas com dez anos que lhe levaram à porta terem olhos castanhos e cabelo escuro. No fim, acabou por aceitá-las, mas o desgosto de estarem afastadas da mãe levou-as a deixar de comer. Vladka visitava-as com frequência, levava cartas. Quando a família anfitriã se mudou para um apartamento em frente do gueto, as raparigas aperceberam-se de que podiam ver a mãe da janela. Suplicaram ao chefe da família – que trabalhava no gueto – que levasse comida à mãe e lhe dissesse da janela. A mãe passava à vista muitas vezes por dia; as raparigas estavam deliciadas por poderem vê-la, mas tinham de disfarçar as espreitadelas. Se um guarda as visse, apontaria a espingarda para a janela. Vladka teve de endurecer o coração e avisá-las de que o que estavam a fazer poderia pôr em perigo a vida de todos.

Numa outra família, Vladka levou roupas, brinquedos e comida a uma menina judia, mas a anfitriã deu tudo aos seus filhos. Num outro caso, viu-se obrigada a mudar constantemente um rapaz de seis anos, porque as pessoas que o acolhiam não conseguiam lidar com a sua depressão ou tinham medo das rusgas alemãs – apesar de estarem a receber 2500 złoty por mês. (Os valores da moeda flutuaram muito durante a guerra, mas, de acordo com as taxas de câmbio para 1940-41, seria o equivalente a cerca de 9200€ atuais.) Num testemunho feito em 2008, no Holocaust Survivor's Centre, em Londres, Wlodka Robertson, uma «criança escondida», lembrou-se de ser passada de família em família. Todos os meses receava que ninguém pagasse a sua «renda», mas, todos os meses, Vladka Meed aparecia e, corajosa e sedutora, conseguia acesso aonde fosse preciso.

Depois de o gueto ter sido arrasado, os trabalhadores da resistência no lado ariano ficaram sem saber o que fazer – o levantamento tinha sido a sua *raison d'être*. O fedor a queimado persistia, os nazis estavam por todo o lado, a perseguir e a prender polacos, matando todos os que ajudassem um judeu. Foi criada uma força de defesa polaca; os seus membros garantiam a segurança dos vizinhos, mas denunciavam todos os estranhos, o que tornou o trabalho de Vladka ainda mais difícil. Agora, os esforços do ZOB iam no sentido de ajudar os combatentes

sobreviventes e outros judeus. Surgiram várias organizações judaicas de auxílio, com base em filiações partidárias. O Żegota (Conselho para Ajuda aos Judeus), uma organização católica polaca fundada em 1942, estava também em campo. O seu líder – um fervoroso antissemita antes da guerra – afirmava que fariam tudo o que pudessem para ajudar os judeus (ainda que, ao que parece, na esperança de que, uma vez terminada a guerra, eles deixassem a Polónia para sempre).

Estas organizações, que encontravam esconderijos para os judeus, sustentavam-nos, ajudavam as crianças e mantinham contactos com o movimento clandestino polaco, campos de trabalho e grupos de partisans, tinham muitas sobreposições. Todas recebiam dinheiro do estrangeiro, algumas através do governo polaco exilado em Londres. Os fundos vinham do US Jewish Labor Committee (que apoiava o Bund) e da JDC norte-americana, o mesmo corpo que financiara as cozinhas comunais do gueto e o levantamento. Antes de 1941, a JDC podia enviar dinheiro – doado sobretudo por judeus norte-americanos – directamente para a Polónia. Depois de 1941, fecharam-se as fronteiras, e os fundos passaram a ser emprestados por judeus ricos na Polónia (que não estavam autorizados a possuir mais de 2000 złotys), e por aqueles que fugiam e não podiam levar as suas poupanças consigo. A maior parte do capital vinha da riqueza anterior à guerra, ainda que alguns judeus continuassem a ganhar dinheiro no gueto de Varsóvia, como contrabandistas, da venda de bens guardados em armazéns na área do gueto e fabricando artigos para o exército alemão e para o mercado privado polaco. Outros dinheiros entravam na Polónia de uma forma ilegal. Memórias falam de dinheiro que chegava de Londres e era convertido de dólares em libras e de libras em złotys no mercado negro – e de como os vários grupos se acusavam uns aos outros de lucrar com as taxas de câmbio. No total, a JDC enviou mais de 78 milhões de dólares norte-americanos para a Europa durante a guerra, mais ou menos o equivalente a mil milhões de euros atuais. Deste dinheiro, 300 mil dólares foram doados aos movimentos clandestinos judeus em 1943-44.

Os grupos de resgate usavam os fundos para introduzir nos campos crucifixos e exemplares do Novo Testamento destinados aos judeus que queriam fugir, e também pagar cirurgias ao pénis e ao nariz, bem como abortos. O Żegota tinha uma «fábrica» que produzia documentos falsificados, incluindo certidões de nascimento, de batizado, de casamento e certificados de trabalho. Dispunha também de um departamento médico com médicos judeus e polacos de confiança dispostos a visitar as melinas e tratar os judeus doentes. Vladka encontrou um fotógrafo em quem podia confiar e que ia aos esconderijos dos judeus tirar fotografias para os documentos falsos.

Tornou-se a principal correio nesta atividade de resgate; a sua organização ajudou 12 mil judeus na área de Varsóvia. E fez tudo isto sem manter registo escrito de nomes polacos ou moradas atualizadas, o que era demasiado arriscado. Muitas correios recorriam a recibos falsos que escondiam na pulseira do relógio; muitas usavam nomes de código. Vladka lembrava-se de tudo.

Segundo descobriu Vladka, a maior parte dos judeus que sobreviveram até fins de 1943 era adulta e profissional liberal. Conseguiram pagar a contrabandistas, tinham contactos entre os gentios, falavam um polaco mais refinado. Alguns deixaram valores à guarda de amigos polacos, mas à maioria não restava nada. Calcula-se que entre 20 e 30 mil judeus permaneceram escondidos em Varsóvia e arredores, e o trabalho de Vladka tornava-se conhecido de boca-a-boca. Os judeus encontravam-na através de amigos comuns, abordavam-na ao acaso nas ruas. Para receber ajuda, precisavam de submeter um pedido escrito que pormenorizasse a sua posição e «orçamento». Vladka lia de uma ponta à outra estes papéis rabiscados.

Na sua maioria, os candidatos eram os únicos sobreviventes das respetivas famílias que tinham fugido de campos ou saltado de comboios. Um cirurgião oral pedia instrumentos médicos para poder trabalhar; outro homem queria dinheiro para sustentar a sobrinha e o sobrinho, que tinham ficado órfãos. Um jovem ardina sobrevivera a toda a família e encontrara abrigo junto de uma família polaca que cuidava dele desde que contribuísse com o seu salário. Recusou entrar num esconderijo e desejava a liberdade, mas estava desesperado por um casaco de inverno, de modo que continuou a trabalhar durante os meses frios. A organização só dispunha de dinheiro para dar, mensalmente, entre 500 e 1000 złotys por pessoa, quando o custo de vida rondava os 2000. Mas fazia o que podia. Raparigas judias com aparência ariana iam todos os meses entregar os fundos, visitar os que estavam a seu cargo e ajudar quando os planos corriam mal – o que acontecia amiúde.

Alguns anúncios de quartos para alugar eram armadilhas, alguns vizinhos eram bisbilhoteiros e, em alguns casos, o senhorio aumentava o preço quando o judeu chegava. Muitas vezes, as kashariyot precisavam de dar a entender que a resistência polaca estava envolvida, para que os anfitriões se sentissem orgulhosos. Numa melina, uma mulher começou a alucinar em iídiche. O filho do polaco que a escondia envenenou-a, levado pelo medo, e escondeu o corpo debaixo das tábuas do soalho do bunker. Os outros judeus, incluindo a filha da mulher assassinada, ficaram traumatizados. Vladka conseguiu outro apartamento para os alojar, e à senhoria.

Na mesma linha, Vladka arranhou a uma jovem judia chamada Marie um trabalho como criada doméstica – estas eram as melhores posições porque proporcionavam comida e alojamento, e a pessoa raras vezes tinha de sair. Um dia, a pequena filha da casa perguntou a Marie como era a vida no gueto. Marie entrou em pânico. Veio a saber-se que a mãe da menina era judia e o pai banira a mulher para o gueto. A Gestapo fora a sua casa, revistando-a, à procura da mãe desaparecida. Marie sentia-se insegura. Vladka arranhou-lhe outro refúgio.

Um casal judeu vivia com a antiga empregada no minúsculo quarto que ela ocupava numa residência das SS – Vladka teve de mudá-los. Outra mulher e o filho viviam debaixo de um monte de escombros, agachados na escuridão há meses sem fim; durante todo aquele tempo nunca se lavaram. A senhoria vendera todas as suas roupas. Mais uma vez, Vladka teve de recolocá-los e conseguir-lhes tratamento médico.

Quando os alemães começaram a perder na frente oriental, o reinado de terror em Varsóvia atingiu o seu pico. Polacos eram raptados para fazer trabalho escravo ou enviados para a prisão de Pawiak. Os esconderijos tinham de ser ainda mais criativos. Num apartamento foi construída uma parede ao lado da sanita para que um judeu pudesse esconder-se no espaço restante da casa de banho. A parede foi pintada e decorada com escovas. Outro judeu escondia-se na cavidade de um fogão de azulejos oco.

Algumas pessoas escondiam-se em melinas mais «habitáveis», onde – não obstante a ansiedade e a depressão causadas pelo confinamento – podiam continuar a funcionar. Vladka levou papel de música a um músico escondido que, até então, tocara num diapasão; deu livros a duas mulheres que ensinavam a educar as crianças da casa. O colega operacional de Vladka nestas lides clandestinas, Benjamin, escondia-se com a família no barracão de um cemitério católico dos arredores da cidade. Tinham pouco que comer, mas podiam acender as velas do Sabat.

Trinta judeus – incluindo o historiador Emanuel Ringelblum – viviam num esconderijo suburbano por debaixo de um jardim; a taxa de admissão era de 20 mil złotys por pessoa. Estes judeus coligiam materiais de pesquisa e escreviam ensaios e relatórios. Para disfarçar as grandes encomendas de comida, o anfitrião abriu uma mercearia. Tragicamente, o homem teve uma discussão com a amante, a única pessoa fora da família que sabia da existência do bunker. Denunciou-o – foram todos mortos.

Vladka tinha contactos entre os contrabandistas húngaros, partisanos e judeus fora de Varsóvia. Viajou sem documentos para ajudar os

combatentes judeus fugidos do gueto de Czeŝtochowa e que estavam escondidos em casas de camponeses. No comboio, fingiu ser uma contrabandista que transportava bens falsificados – o dinheiro para os judeus ia escondido no cinto. Durante uma revista mais minuciosa, um «colega contrabandista» encaminhou-a para um comboio de mercadorias onde todos os contrabandistas se escondiam. Descobriu que os contrabandistas polacos tinham boas táticas para evitar os nazis, e usava-as com frequência. Chegou à aldeia e encontrou a casa que Antek descrevera, mas a dona negou saber o que quer que fosse. Vladka insistiu, e, por fim, a mulher levou-a até um barracão. Os camaradas – já em dívida – ficaram extasiados, e a partir daí ela levou-lhes dinheiro, roupas e medicamentos com regularidade. Certa vez, os envios de fundos dos Estados Unidos e de Londres atrasaram-se, e ela chegou mais tarde do que o esperado para descobrir que a senhoria os tinha expulsado. Vários foram mortos, outros juntaram-se a grupos de partisanos, uns poucos viviam escondidos na floresta, esqueléticos. Vladka arranjou outros polacos que os acolhessem.

Vladka também ajudou judeus em campos de trabalho forçado, pessoas que, na sua maioria, se encontravam numa péssima condição física e moral. Teve muitas dificuldades em aceder aos judeus de um brutal campo de trabalho em Radom. Perguntou a gente da terra onde poderia comprar bens baratos de judeus. Informaram-na de que aos judeus já não restava nada de valor para vender, mas disseram-lhe a que horas tomavam banho, uma altura em que se podia aproximar da vedação. Encontrou o lugar infestado de contrabandistas que vendiam restos de comida. Eles, que não estavam interessados em concorrência, tentaram corrê-la a pontapé, mas Vladka convenceu-os de que era compradora. Por fim, conseguiu falar com um judeu, mas que não confiou nela – mesmo depois de ter falado iídiche. Um outro contacto ficou com o dinheiro que ela lhe deu.

Finalmente, falou com uma judia que se mostrou mais recetiva. A mulher ficou exultante por não terem sido esquecidos e pediu notícias, curiosa, sobretudo, a respeito de crianças escondidas. Enquanto conversavam, miúdos das redondezas começaram a atirar-lhe pedras e a gritar «Judia!» Vladka fugiu, encontrou uma carroça puxada por um cavalo e precipitou-se para a estação, onde esperou toda a noite. Pouco depois, voltou ao campo com 50 mil złotych. Pediu a um guarda ucraniano que a deixasse entrar para comprar sapatos aos judeus e conseguiu entregar o dinheiro. O guarda ficara na esperança de se encontrar com ela naquela noite, mas à hora do jantar já Vladka tinha desaparecido.

No meio de todo este esgotante trabalho, cada correio mantinha a sua vida de ficção, lidando com extorsionistas e informadores. Certa vez, Marysia foi reconhecida na rua por um polaco do seu bairro de infância, que lhe deu a escolher: vem comigo para a Gestapo ou para um quarto de hotel. Correu para uma loja de doces, cujos proprietários a acompanharam até «casa» num edifício próximo. Para evitar ser mais uma vez desmascarada, passou a noite na floresta.

Vladka mudava muitas vezes de morada. Tinha escondido o líder do movimento juvenil Bund em sua casa e o apartamento fora «queimado», ou denunciado, por um informador. Os polacos trancaram-nos no interior. Ela chegou fogo a todos os papéis e, com o jovem do Bund, tentou escapar pela janela, descendo por uma corda de lençóis. Mas o jovem estava muito ferido. Foram ambos presos. Os camaradas subornaram os guardas da prisão, e ela foi libertada a troco de 10 mil złotych. O líder do Bund, no entanto, morreu. O movimento mandou-a passar uma temporada no campo, até que as autoridades a esquecessem. Embora se sentisse livre na floresta, onde não precisava de fingir em frente das árvores, achou o fingimento constante – sobretudo, passar os domingos numa igreja de aldeia – particularmente opressivo.

De regresso a Varsóvia, continuou a procurar bons documentos de identificação para si, e a deslocar-se de um lado para o outro, a fingir ser uma contrabandista para explicar o facto de passar todas as noites fora de casa. Alugou um minúsculo e mísero apartamento que lhe foi passado por outra correio. Benjamin, o operacional que vivia no barracão do cemitério, ajudou-a a improvisar esconderijos, como uma mala com um fundo falso e uma concha de sopa com o cabo oco. Os vizinhos descobriram que a anterior locatária era judia e começaram a suspeitar de Vladka. Mas, se saísse, iria reforçar as suspeitas e prejudicar a identidade cristã que passara tanto tempo a cultivar. Ficou, mas com um comportamento ultrapolaco: pediu a uma amiga polaca, a «mãe», que a visitasse com frequência; arranjou um fonógrafo e tocava música alegre; convidava as vizinhas para tomar chá. Para provar as suas identidades, os judeus escondidos enviavam a si mesmos cartas das povoações vizinhas para dar a entender que tinham amigos e família na área; Chasia tinha um «pretendente» que a visitava. A «mãe» de Vladka festejava o dia do santo padroeiro da «filha», para o qual Vladka convidava os amigos do Bund sobreviventes. Cantavam só em polaco, com sussurros em iídiche. Festejar era algo difícil para os jovens judeus – quanto mais alegria fingiam, mais tristeza sentiam.

Tal como Vladka, cerca de 30 mil judeus sobreviviam «passando por»; as suas vidas uma representação constante. Na sua maioria eram

mulheres jovens, solteiras, da classe média e média-alta, com «bons» sotaques, documentos e aparência polacos. Metade estava – ou os pais estavam – no comércio ou trabalhavam como advogados, médicos e professores. Mais mulheres do que homens tentavam «passar por» devido à relativa facilidade do disfarce. As mulheres também pediam ajuda e eram de um modo geral tratadas com mais cortesia. Muitos judeus caíam numa ânsia de se salvarem a si mesmos quando os pais (sobretudo a mãe) eram mortos e se sentiam finalmente sozinhos e livres. Como regra, os homens tomavam esta decisão sozinhos, enquanto as mulheres eram muitas vezes encorajadas por amigos ou parentes. Alguns pais exortavam os filhos a fugir para o lado ariano, dando-lhes a missão, e a autorização, de «viver pela família». A maior parte dos que se faziam «passar» tinham anteriormente sido confundidos com não judeus, o que lhes dava confiança na sua capacidade de desempenhar o papel. Quase sempre eram obrigados a partilhar quartos, o que não lhes dava privacidade nem tréguas.

Os que tinham um círculo social judeu onde pudessem «desligar» viviam uma dupla identidade, mas, em termos psicológicos, acabavam por sair-se melhor por disporem de um «camarim» – um lugar onde podiam descansar da permanente representação e recarregar baterias. Os amigos que lhes admiravam a força alimentavam neles a confiança para representar o seu papel «na boca de cena». A maior parte dos que se faziam «passar por» não estava filiada em qualquer organização, mas alguns eram recrutados pelo movimento clandestino polaco, que os tomava por não judeus. Estas mulheres viviam numa «cidade dentro da cidade, a mais clandestina de todas as comunidades clandestinas», escreveu Basia Berman, uma das líderes dos esforços de resgate. «Todos os nomes eram falsos, todas as palavras pronunciadas carregavam um duplo sentido, todas as conversas telefónicas eram mais encriptadas do que os documentos diplomáticos secretos das embaixadas.»

Nesta constante tragicomédia de enganos, Vladka e o comité judaico de resgate tornaram-se uma família. Havia muitos polacos que ajudavam os judeus, não só por dinheiro, mas também pelos princípios cristãos, sentimentos antinazis e simpatia, oferecendo-lhes empregos, esconderijos, locais de encontro, contas bancárias, comida e testemunhando o seu «não judaísmo». Os membros da resistência evitavam senhorios que suspeitassem de visitantes; por isso, procuravam lugares onde pudessem esconder documentos debaixo das tábuas do soalho e instalar cofres escondidos para o dinheiro. Num destes apartamentos, havia dois pregos que sobressaíam um pouco do chão do patamar perto da porta da rua e que eram, na realidade, uma campanha clandestina – os camaradas colocavam uma moeda entre os dois pregos, estabelecendo um circuito elétrico que fazia soar uma

campainha no interior do quarto. Inka e Marysia alugaram um apartamento que se tornou um dos principais pontos de encontro. Todas as tábuas do soalho e todos os recantos escondiam documentos e notas. Um gira-discos abafava o som, bebia-se vodka, e os vizinhos pensavam que as duas eram prostitutas que recebiam uma infindável torrente de homens.

Outro centro de atividade era a melina de Zivia. Zivia tinha um ar demasiado semita para poder sair à rua. Ao fim de anos de uma incessante atividade de vida ou morte, dispunha agora de bastante tempo. Estar escondida significava estar enclausurada com pessoas com as quais não se escolheria necessariamente viver ou que até se não gostasse. O mundo lá fora era «filtrado através dos outros» e cada pancada na porta fazia a pessoa correr em pânico para um abrigo. Antek levava-lhe romances policiais para a ajudar a passar o tempo, mas a sua culpa e depressão cresciam. Ocupava-se a cuidar da casa com uma obsessão maníaca e a escrever cartas, sobretudo porque necessitava desesperadamente de partilhar os seus conselhos. Depois de ter visto o preço em mortos no gueto de Varsóvia, Zivia exortava o grupo de Będzin a fugir em vez de lutar; suplicava a Rivka Glanz que corresse para junto dos partisanos. Mas, ao mesmo tempo, recusava deixar o seu povo, e, por isso, ficava em Varsóvia.

Zivia começou a trabalhar para o Żegota, tornando-se uma das principais administradoras encarregadas da distribuição de dinheiro e documentos. Tratava da correspondência, geria orçamentos e, mais uma vez, enviava as «raparigas de Zivia» em missões constantes para conectar, informar e proteger judeus. Também mandava as raparigas procurar combatentes que se encontrassem em perigo e, de vez em quando, localizar correios que tivessem desaparecido misteriosamente.

Capítulo 21

Flor de sangue

Renia

JULHO DE 1943

O ZOB de Będzin escutou os apelos de Zivia e estabeleceu um plano. As pessoas com uma aparência ariana viajariam até Varsóvia de comboio. Os outros seriam levados de autocarro, a ser tratado por Antek. Pelas mãos de correios, chegaram documentos falsificados vindos de Varsóvia – mas só uns poucos. Os restantes vistos estariam prontos para serem recolhidos quando Renia e Ina Gelbart regressassem. Por esta altura, Renia e Ina já tinham feito várias viagens juntas, transportando dinheiro, armas e instruções nos soutiens, malas e cintos.

Ina partiu uma noite, armada com endereços, dinheiro e material para o falsificador. Renia fê-lo na manhã seguinte, com as mesmas coisas e a companhia de Rivka Moscovitch. Com vinte e dois anos, Rivka, a única sobrevivente da sua família de classe média de Będzin e uma dedicada combatente do Liberdade, adoecera e precisava de ser abrigada enquanto convalescia. Tinha uma cara cristã, além de um visto e um documento para atravessar a fronteira. Queria muito ficar e combater. Mas o grupo insistiu em que se curasse e depois ajudasse a encontrar esconderijos em Varsóvia. Por fim, conseguiram convencê-la de que estava demasiado doente para enfrentar os dias que se aproximavam, e Rivka fez uma mala com os seus objetos pessoais.

Renia dissera a Ina que se encontrasse com ela num determinado lugar na cidade. Numa viagem à grande cidade, ela e Rivka deslocaram-se de comboio disfarçadas como Wanda e Zosia, duas raparigas polacas. Por dentro, duas judias à beira de serem assassinadas, a arriscar a vida para ajudar a salvar outros. Durante todo o trajeto, Renia não parou de cantar orações na sua cabeça, no seu coração, a pedir que lhes fosse permitido passar a fronteira em paz.

Chegaram à fronteira. «Inspeção de documentos!»

Renia teve de fazer um esforço para não tremer dos pés à cabeça. Seria Rivka capaz de o fazer? Conseguiria manter as mentiras, a história, sem vacilar nem por um instante?

«Gut!»

Respiração.

Não houve, no entanto, tempo para uma exalação completa, nem um momento de pausa. A carruagem do comboio estava apinhada, quase não havia um centímetro de espaço livre; não havia ar. Rivka, já doente, não aguentava estar apertada daquela maneira. Parecia prestes a desmaiar, o que provocaria agitação. Renia lançou em volta um olhar furtivo e viu um lugar vago na carruagem do meio, uma carruagem militar. Rivka sentiu-se melhor sentada, mas, por dentro, Renia estava aterrorizada. Tinha de sorrir e manter a cabeça bem levantada, acalmar todos os nervos, arvorar uma determinação de aço, e fingir ser o oposto de tudo o que sentia, enquanto ouvia os soldados falar de matar judeus com uma «alegria doentia».

– Eu estava lá – disse um deles. – Vi-os levar os judeus de Zaglembie para a morte.

Os outros riram.

– Isso é um disparate! Não estão mesmo a matar os judeus.

Renia percebeu que vinham da frente, onde ainda não se sabia da máquina de matar que estava a funcionar na Polónia.

– Uma imagem feliz! – ouviu o primeiro continuar. – Um festim para os olhos ver os judeus serem levados para a morte como ovelhas.

Renia não pensou na família assassinada, não pensou nos amigos mortos, no irmão pequeno. Não pensou.

Sorriu. Observou Rivka. Voltou a sorrir.

Um dia inteiro de viagem. Cidades, povoações, paragens, apitos. Por fim, esgotadas pela jornada, pela representação sem intervalo, as raparigas chegaram a Varsóvia. Caminharam sozinhas pelas ruas tranquilas do entardecer, determinadas a encontrarem-se com Ina na hora e no local marcados. Não havia margem para erros, nem um centímetro. Renia reparou que, ao fundo da rua, dois cruzamentos mais abaixo, a polícia estava a verificar os documentos de todos os transeuntes. Calculou rapidamente que embora os documentos das duas pudessem ter servido para a viagem, os polícias de Varsóvia perceberiam que os carimbos eram falsificados. Com um gesto a Rivka, começou a afastar-se num passo estugado, misturando-se com o rio de gente. Nenhuma das duas olhou para trás uma única vez – só em frente, em frente, parte da multidão.

Por fim, chegaram ao ponto de encontro. Respirar.

Mas Ina não estava lá.

Quanto tempo podiam ficar ali paradas? Quanto tempo deviam esperar?

Era suspeito. Por vezes, os pontos de encontro ficavam perto de lojas; podiam fingir estar a ver as montras, a folhear livros. Mas ali não havia nada.

Teria Ina sido presa pelo caminho?

Onde estava ela? Ali perto? Quem podia vê-las?

Renia não tinha outras indicações. Nenhuma operacional levava consigo demasiada informação ao mesmo tempo, para o caso de ser apanhada, torturada.

Só tinha dinheiro para mais um dia.

E nenhum plano de contingência.

Um minuto era o tempo de uma vida. Os pensamentos atropelavam-se na cabeça de Renia enquanto tentava decidir os próximos passos. Precisava de levar Rivka para um lado qualquer, tinha de encontrar alguém da clandestinidade, alguém que conhecesse. Mas onde? O que fazer se não conseguissem um contacto? Levar Rivka de novo para Będzin? Estava demasiado doente.

Renia decidiu deixar Rivka na pensão onde planeava ficar. Aventurar-se-ia no exterior sozinha, tentaria encontrar respostas.

Então, teve uma ideia. A irmã de uma conhecida de Będzin vivia no bairro ariano. Renia pensou em Marek Folman – talvez tivesse conseguido regressar à cidade depois do fiasco com os partisans?

«Por acaso sabe a morada do Marek?», perguntou Renia mal chegou.

A mulher atardou-se a consultar o seu pequeno bloco de notas enquanto Renia esperava, cheia de nós por dentro, até que finalmente: a morada da mãe de Marek.

Cada fragmento de informação valia ouro.

De Ina, nem sinais.

Renia voltou à pensão e usou a maior parte do dinheiro que tinham para pagar os quartos.

Na manhã seguinte, levou a enfraquecida Rivka até à morada que lhe tinha sido dada. A mãe de Marek, Rosalie, estava lá, bem como a cunhada – agora, uma viúva depois de o marido ter sido morto a lutar ao lado dos partisanos. A irmã de Marek, Havka, fora a correio que transportara dinamite escondido na roupa interior; Renia ouvira dizer que estava em Auschwitz. A mãe de Marek também ajudava o ZOB – uma verdadeira família de combatentes. Contudo, para grande desapontamento de Renia, Rosalie nada sabia do paradeiro de Marek; da última vez que tivera notícias dele, estava em Będzin, com Renia.

– Lamento muito – disse Rosalie, abanando a cabeça –, mas não posso ficar com a Rivka em minha casa. A polícia e os colaboracionistas batiam-lhe à porta todos os dias. Na realidade, estava a pensar em mudar de apartamento logo que possível.

Mas tinha uma ideia. Levaram Rivka a casa de uma vizinha.

Renia despediu-se da rapariga, na esperança de que ficasse a salvo; mais um judeu escondido nas entranhas da cidade.

Agora sozinha, Renia caminhou por Varsóvia, onde a vida decorria como sempre, as praças cheias de gente, as lojas abertas, a despeito da devastação do antigo gueto. A despeito de tudo. Restava-lhe dinheiro à justa para mais uma noite na pensão. Na manhã seguinte, a mãe de Marek pô-la em contacto com Kazik, o combatente do ZOB que conduzira a fuga pelos esgotos.

Renia encontrou-se com ele numa esquina, mas antes que pudessem dizer uma palavra, ouviram um tiro. A polícia andava atrás de Kazik, e o rapaz fugiu, desaparecendo no meio do tráfego. Renia afastou-se rapidamente na direção oposta, sem correr, sem olhar para trás.

Por sorte, Kazik conseguiu combinar um encontro com Antek – o Antek que Renia conhecia de cartas e histórias, o atarefado comandante dos judeus no lado ariano, que tinha reuniões com o movimento clandestino polaco, geria os assuntos financeiros, enviava pessoas para os partisanos, contrabandeava armas e tinha ligações entre os falsificadores de documentos. Havia todo um corpo de pessoal a ajudá-lo, ouvira Renia dizer.

Renia e Antek deviam encontrar-se numa outra esquina, desta vez em frente de uma escola profissional, ou teknikum. Renia usava um vestido e uns sapatos novos que lhe foram arrançados. Uma flor encarnada presa nas tranças serviria para que ele a reconhecesse. Dirigiu-se ao local do encontro, a rezar para que corresse tudo bem, que ele lá estivesse, que conseguisse aquilo de que precisava e pudesse voltar a

Będzin, para junto dos amigos, de Sarah, a sua irmã. De longe, avistou um homem. Tinha um jornal dobrado debaixo do braço – o sinal.

Nem queria acreditar. «Era um verdadeiro Antek», escreveu, a referir-se à sua alcinha polaca. Tentou não olhar de uma maneira demasiado óbvia para aquele jovem alto e louro, «com um belo bigode que o fazia parecer um abastado lorde». Vestia de verde da cabeça aos pés.

Passou por ele, cuidando de abrandar o passo e mostrar a flor.

Mas o homem não se mexeu.

E agora?

Resolveu arriscar. Deu meia-volta e tornou a descer a rua.

Nada.

Porque seria que ele não se aproximava? Seria o homem errado? Um impostor? Ou saberia que estavam a ser vigiados? Que aquilo era uma armadilha?

O instinto disse-lhe que corresse o risco.

– Olá – disse em polaco. – É o Antek?

– Wanda? – perguntou ele.

– Sim.

– Dizes que és judia? – murmurou, com um ar surpreendido. E logo fez uma vénia. O desempenho dela tinha sido demasiado bom.

– E tu afirmas que és judeu? – respondeu Renia, aliviada.

Antek caminhou ao lado dela com passos seguros, forte e assertivo no asfalto ariano que, de alguma forma, os unia. Renia não queria acreditar que aquele homem «com ar de nobre e passadas confiantes» era judeu. Descreveu-o como sendo rápido e seguro como um esquilo, alerta como um coelho, observando tudo o que o rodeava. Os olhos dele, sentiu Renia, olhavam para uma pessoa e sabiam quem ela era.

No entanto, quando começou a falar com ele, notou-lhe o sotaque. Distinguia-o sem dificuldade: um judeu de Vilna.

Falaram os dois com tristeza do repentino desaparecimento de Ina.

– Deve ter ficado retida no controlo de documentos da fronteira – disse Renia.

– Não temos a certeza – respondeu Antek, a tentar confortá-la. – Talvez um percalço qualquer a tenha feito voltar para trás.

Mais tarde, Renia diria que ele a tratara com preocupação e gentileza, como se fosse uma filha. Naquele mundo de órfãos prematuros, nove anos de diferença pareciam noventa.

Antek prometeu-lhe que trataria de arranjar os vistos para o resto do grupo, bem como um autocarro para os que não poderiam passar por polacos, e o mais depressa possível. Nada daquilo era fácil; ia demorar dias a conseguir. Separaram-se, de momento.

Decidiram, até que os camaradas arranjassem um apartamento definitivo para Rivka, mantê-la escondida. Antek deu a Renia a morada e os 200 złotys para a noite, mais um extra para comida.

Renia esperou em Varsóvia vários dias, a dormir na entrada de uma cave. Um rapaz judeu que parecia polaco vivia naquele corredor; Renia fazia-se passar por sua irmã. Disseram ao dono da casa que ela tinha fugido ilegalmente da Alemanha para estar com o irmão, e era por isso que não queriam registar o passe. Renia prometeu ficar só alguns dias. Passava o tempo a evitar a senhoria; não podia tropeçar diante dela ou dos vizinhos. A maior parte dos judeus que se faziam «passar por» inventava histórias a respeito de atividades diurnas (trabalho, família) e desaparecia por oito horas, deambulando pela cidade, comportando-se como se estivessem a caminho de qualquer coisa, fosse o que fosse.

Na realidade, a única coisa que Renia fazia era esperar pelos vistos, por informação concreta a respeito do autocarro, e a sua impaciência ia aumentando a um ritmo exponencial. Encontrava-se todos os dias com Antek e pedia-lhe que se apressasse. Não podia adiar mais o seu regresso a Będzin. A expulsão geral podia acontecer a qualquer momento. Será melhor partir com os documentos que já estão prontos e não esperar mais?, perguntava-se vezes sem conta. No fundo do coração sentia – sabia – que cada dia que passava era crítico. O relógio não parava, os seus ponteiros a correrem cada vez mais depressa para o assassinio.

A espera arrastou-se, adiamento atrás de adiamento. Por fim, ao cabo de alguns dias, o autocarro estava preparado, e Renia arranjou forma de lhe enviarem um telegrama, informando-a de quando chegaria perto do gueto de Kamionka. Havia vários vistos já prontos. Não lhe fora possível

arranjar mais armas. Mas estava disposta a levar o que conseguira. Disse a Antek que não podia esperar mais tempo em Varsóvia.

Viajou para casa com 22 vistos falsificados colados ao corpo ou cosidos na saia, além de fotografias e documentos de viagem para cada visto. No momento em que pôs o pé na rua, o seu coração batia loucamente. A cada instante, receava tropeçar e cair. Que tinha acontecido a Ina?

No comboio, as inspeções habituais, mas agora com uma revista pessoal. Os polícias aproximaram-se dela.

Só olhar para eles era o suficiente para a deixar confusa, escreveu mais tarde. Mas recusou perder o autodomínio.

Olhou-os nos olhos com um doce sorriso. Abriu os embrulhos que levava. «Procuraram dentro deles como galinhas a debicar na areia», recordaria. Sem perder a pose, a sorrir cheia de confiança, conversou com os polícias, mantendo o contacto visual, para que eles não se lembrassem de uma busca corporal. Sem um sinal de medo.

Os polícias afastaram-se sem suspeitar de nada.

Mas a representação tinha de continuar.

Renia decidiu fazer uma breve paragem em Częstochowa para se encontrar com Rivka Glanz e partilhar informação. Temperamental, sensível, cheia de vida, Rivka era bem conhecida no movimento clandestino como líder, contrabandista e organizadora. Quando da invasão nazi, encontrava-se em missão na cidade portuária de Gdynia; tinha visto camaradas fugir, alguns de barco, para o mar. Ficou – até que os nazis a expulsaram. Preparou rapidamente uma pequena mala, e então reparou na harmónica do kibbutz. Foi invadida por um sentimento de ligação com a pequena gaita de beijos que tanta alegria proporcionara aos camaradas. Largou a mala e agarrou no instrumento musical. Mas chegou a Łódź envergonhada: ali estava ela sem roupas, sem nada de prático. Escondeu a harmónica junto da porta do kibbutz e entrou de mãos vazias. «Não pude trazer nada comigo», anunciou. Mais tarde, ficou a saber que os camaradas haviam encontrado o instrumento e percebido o seu desejo de salvar aquele objeto de alegria. A harmónica tornou-se uma lenda do movimento.

Renia pensou na harmónica e queria muito ver Rivka, conectar-se com a sua gentileza, a sua coragem. Mas isso já não seria mais possível. Para seu horror, chegou à povoação fronteiriça para ver que o gueto fora arrasado, queimado até aos alicerces. Não havia vestígios da sua gente em parte alguma. Extintos.

«Que aconteceu?», conseguiu encontrar as palavras. Habitantes da aldeia disseram-lhe que semanas antes houvera uma batalha no gueto. Jovens judeus, armados com algumas armas e umas poucas centenas de cocktails molotov, tinham resistido recorrendo ao expediente de se esconderem e dispararem. Alguns conseguiram roubar armas aos nazis. Outros usaram contentores da cozinha do gueto para contrabandear alumínio, chumbo, carbonetos e produtos químicos utilizados no fabrico de explosivos e munições. Escavaram vários túneis. Numa gritante inferioridade numérica e de armamento, conseguiram mesmo assim manter a luta durante cinco dias. Muitos judeus fugiram para a floresta, onde agora viviam como animais. Os alemães, receosos da atividade dos partisanos nos bosques, mandaram a polícia local procurar os judeus escondidos. Apanharam-nos um de cada vez – mas não todos.

Tudo o que Renia conseguiu descobrir a respeito de Rivka Glanz foi que tinha morrido em combate, a comandar uma unidade, de arma na mão. «Como o meu coração chorou por ela!», escreveu Renia. «Rivka era como a mãe de todos os judeus de Czestochowa.» Recordou como, quando Rivka quisera partir, os judeus que restavam na povoação não o permitiram. Enquanto Rivka estivesse com eles, disseram, sentiam-se seguros.

Renia apressou-se a voltar à estação, contendo todas as emoções. Precisava de ir para casa, já. O comboio correu toda a noite por entre uma paisagem de bosques. Os olhos ardiam-lhe, suplicavam que os fechasse, mas não, não, não, não podia adormecer. Tinha de manter-se permanentemente alerta. Alerta e consciente. Quem sabia quando podia acontecer uma inspeção, uma verificação de documentos, qualquer coisa? Quem podia saber o que seria?

Só mais tarde veio a saber que Ina fora apanhada por uma guarda das SS num posto de controlo perto da fronteira. Quando a Gestapo estava a levá-la para Auschwitz, Ina saltou do carro e fugiu. Exausta, deprimida e espancada, procurou refúgio junto de uma amiga num gueto local. Mas os nazis puseram a sua cabeça a prémio (ela, ou 20 judeus mortos), e a milícia judaica entregou-a. Dessa vez, o supervisor da Gestapo transportou-a pessoalmente para Auschwitz, e ordenou a um cão que a atacasse e mordesse dentro do carro. Ela cuspiu-lhe na cara e morreu durante o caminho.

Capítulo 22

A Jerusalém de Zaglembie está a arder

Renia

AGOSTO DE 1943

1 de agosto de 1943.

Renia chegou finalmente a Będzin. Suja, quebrada, esgotada pela viagem. Mas no instante em que se apeou do comboio, tudo – a gare, o relógio art déco da praça – ficou negro diante dos seus olhos. Os nazis estavam a afastar os passageiros da estação.

Ouvia ao longe gritos penetrantes, tumulto.

– Que se passa? – perguntou a alguns polacos que se juntaram ali perto, a tentar ver o que pudessem.

– Têm estado a tirar os judeus da cidade desde sexta-feira. Grupo atrás de grupo.

Era segunda-feira, o quarto dia. E ainda não era o fim.

– Vão expulsar os judeus todos? – perguntou numa voz que não era nada a dela, a fingir que não só não queria saber como até estava contente. A fingir ser um dos espectadores do mundo. A fingir que aquele não era o momento que esperava com horror desde há meses.

Tudo aquilo, escreveu mais tarde, «enquanto o meu coração se desfazia em pedaços de dor». Estavam a expulsar todos os seus amigos, a sua irmã, todas as pessoas que tinha no universo. Não fazia ideia do que ia acontecer-lhes ou se voltaria alguma vez a vê-los.

O gueto estava cercado por soldados das SS. Não havia maneira de entrar. Renia escutou, ouviu rumores, tentou ver o máximo possível. Lá dentro, os alemães estavam a abrir bunkers e a assassinar pessoas no próprio local. Durante quatro dias sem parar, empurraram judeus para vagões de gado, disparando para o interior do gueto de todas as direções. A milícia judaica carregava para o exterior feridos e mortos vestidos com farrapos. Nas ruas, os alemães conduziam filas de jovens judeus, acorrentados como criminosos, para os comboios. Pontapeavam-lhes os pés. Aqueles rapazes e raparigas tinham tentado

fugir, mas os polacos apanharam-nos e entregaram-nos. Agentes da Gestapo à paisana corriam pela cidade como cães raivosos, a verificar documentos, a espreitar para a cara das pessoas, à procura de mais vítimas.

Então, Renia avistou uma área aberta perto da estação, do outro lado da barreira. Havia ali uma massa de gente. Entre aquelas pessoas, os seus amigos. Os polacos olhavam para eles, para aqueles «criminosos», como se fossem animais num zoo. Os seus camaradas, os seus amores, os seus amigos estavam cercados por rufiões armados com espingardas, chicotes e revólveres.

Não viu Sarah em parte alguma.

Renia mal conseguia manter-se de pé. Ia desfalecer. Sabia que tinha de fugir dali o mais depressa possível. Se lhe verificassem os documentos, era o seu fim.

«Mas», escreveu mais tarde, «vi que naquele momento o meu coração se tinha transformado em pedra, senão como poderia partir sem saber nada sobre a sorte dos que me eram mais chegados?» Estava a ver a sua família ser levada para a morte. Voltou-se – mas era fútil. Não podia entrar no gueto. «No meu coração pensei: A minha vida perdeu todo o significado. Porquê viver, agora que tudo me foi tirado – os meus pais, os meus parentes, os meus adorados amigos?» Tinha restabelecido a sua vida, estava disposta a arriscar tudo por aqueles camaradas. Pela irmã.

«Um demónio interior disse-me que pusesse fim à vida», recordou. «E então envergonhei-me desta fraqueza. Não! Não vou facilitar o trabalho aos alemães pelas minhas mãos!» Em vez disso, os seus pensamentos voltaram-se para a vingança.

Caminhou ao acaso. Não tinha para onde ir, não tinha casa.

Só lhe restava um caminho possível: regressar a Varsóvia. Mas como? O próximo comboio só partiria às cinco da manhã.

Renia Kukielka era a última correio do Liberdade.

Às três da tarde, Renia tinha passado a noite toda, o dia todo, na estrada. Estava cansada, desfeita, e nem ela saberia dizer há quanto tempo não comia. Pão, era a única coisa em que conseguia pensar. Mas para o comprar necessitava de um cartão de racionamento. Não podia entrar numa loja sem um, ou as pessoas suspeitariam de que era judia. De súbito, lembrou-se de alguém que conhecia. Uma gentia russa, uma dentista, a doutora Weiss, em Sosnowiec, uma povoação a cerca de 6 quilómetros de Będzin.

Apanhou um elétrico. Na outra ponta da carruagem, estavam a verificar documentos. Foi até tão longe quanto pôde, e então apeou-se e apanhou outro elétrico. Foi passando de carruagem em carruagem. A trocar várias vezes de elétrico até ao seu destino.

Em Sosnowiec, o gueto estava cercado.

A expulsão chegara até ali. Nazis por todo o lado, os gritos, os tiros.

Renia correu para casa da dentista. Só mais algumas ruas, repetia para si mesma. Ruas pequenas.

A doutora Weiss abriu a porta e olhou para Renia, espantada.

– Como conseguiste chegar até aqui?

Ofereceu-lhe uma cadeira, com receio de que ela caísse no chão. Em seguida foi à cozinha fazer chá.

Só então, depois de se ter sentado, Renia se apercebeu de como estivera perto de perder a consciência. Fez um esforço para se recompor. Queria dizer tudo à doutora Weiss.

Mas não era capaz.

Uma pressão na garganta.

De repente, começou a chorar. Soluços loucos, convulsivos.

Sentiu vergonha. Mas o seu sofrimento transbordou, e ela não era capaz de o conter. Temia que, se não chorasse, o coração lhe explodisse de angústia.

A doutora Weiss afagou-lhe a cabeça.

– Não chores – disse. – Sempre foste corajosa. Tenho-te por uma heroína. A tua coragem é um exemplo para mim. Tens de ser forte, minha filha. Talvez alguns dos teus ainda estejam vivos.

Renia sentiu uma fome súbita, mas não era capaz de comer. Tinha chegado ao limite. Era o fim. «O meu coração queria morrer», escreveu.

Pouco a pouco, porém, começou a descontrair, ansiosa por algumas horas para repousar, para se recompor. Para continuar viva.

– Gostaria muito que passasses a noite em minha casa – disse a doutora Weiss, e Renia exalou. – Mas os alemães entram em casa das pessoas vindos do nada, à procura de judeus escondidos. Se estiverem nesta área, virão de certeza aqui. Sou russa. Já suspeitam de que mantenho contactos com judeus. – Suspirou. – Perdoa-me, mas não posso arriscar a vida.

Renia não queria acreditar no que ouvia. Estava abatida. E aterrorizada. Onde iria arranjar, naquele preciso instante, um lugar para passar a noite? Na estação ferroviária inspecionar-lhe-iam os documentos. As ruas eram infinitamente perigosas. Não conhecia mais ninguém na povoação.

A doutora Weiss deu-lhe alguma comida para o caminho. Abençoou-a, de lágrimas nos olhos, e pediu-lhe mais uma vez perdão.

– Lamento tanto.

Renia deixou o seu refúgio sem saber o que fazer. «Limitei-me a caminhar para onde os meus pés me levavam», recordou.

Deixou para trás a amaldiçoada povoação e aproximou-se de uma floresta pouco densa. A luz do dia fundiu-se uma vez mais em crepúsculo; estava uma luminosa noite de verão. A Lua lançava o seu clarão sobre Renia, as estrelas brilhavam só para os seus olhos. Teve visões dos pais, dos irmãos, dos camaradas. Viu-os como se estivessem ali ao pé de si, todos de rostos tristes, distorcidos, alterados. O sofrimento deixara marcas nos corpos de todos eles. Queria desesperadamente abraçá-los, voltar-se para eles e apertá-los contra o peito, num amplexo de amor. Mas as imagens começaram a dissolver-se, as aparições desapareceram como figuras a dissiparem-se num ecrã de cinema. Não tinha nada a que se agarrar.

Fez o inventário da sua vida. «Sobre que ombros coloquei tantos fardos? Quão graves são os meus pecados? Quantas pessoas assassinei? Como veio todo este sofrimento ter comigo?»

De súbito, viu a figura de um homem no meio das árvores. Quem poderia ser, tão tarde de noite? A figura aproximou-se dela. Um arrepio gelado percorreu-lhe os ossos. O homem estava embriagado. Sentou-se

perto dela. Renia afastou-se. Ele aproximou-se mais. As órbitas dos seus olhos atentos estavam grandes, como um animal predador. O homem começou a gritar com ela; as palavras misturavam-se numa bola de fúria, hostilidade, raiva. Renia não podia gritar, não podia fugir. Estava no meio de nenhures, sem ninguém que a ouvisse. E ele seguiu-la, seguiu-la e faria o que quisesse.

,

A violência sexual contra judias, desde a humilhação à violação, persistiu, e até alastrou, durante o Holocausto. Apesar de algumas das primeiras memórias do pós-guerra referirem abuso e violência sexual, essas histórias foram de um modo geral silenciadas depois da guerra. Os pesquisadores e entrevistadores quase nunca abordavam o assunto, e a informação raramente era facultada de uma forma voluntária. A maior parte das vítimas não sabia os nomes dos seus algozes. Muitas mulheres foram mortas depois de violadas; outras tinham demasiada vergonha para falar disso, receando serem vistas como «impróprias» para casar. Com frequência, as que levantavam a questão eram desencorajadas ou passavam por mentirosas. Viam-se marginalizadas em vez de serem reconfortadas.

Os nazis mantinham bordéis oficiais nos campos de concentração e de trabalho. As leis proibiam os guardas da SS de ter relações sexuais com as prisioneiras, sobretudo com judias, mas funcionavam pelos menos 500 bordéis onde as judias eram «escravas sexuais». Alguns nazis tinham as suas escravas sexuais, sobretudo no Leste. Os comandantes alemães e os oficiais superiores polacos dos campos assediavam e engravidavam judias. Num caso particular, selecionaram várias judias bonitas para servirem nuas como criadas numa festa privada nazi, no fim da qual acabaram violadas pelos convidados. Quase todas foram assassinadas. Um nazi de Varsóvia costumava chegar a casa de raparigas bonitas no gueto com uma carreta funerária – violava-as e matava-as ali mesmo. (Uma bonita adolescente esfregou uma pasta de farinha na cara para parecer menos atraente.) Nos campos de extermínio, os nazis violavam as mulheres que iam ser mortas. Na aldeia de Ejszyszki, os polacos locais forneciam aos nazis uma lista de todas as judias bonitas e solteiras. Levavam essas mulheres para uma mata próxima, onde eram vítimas de múltiplas violações às mãos alemãs antes de serem chacinadas. Num campo de trabalho em Lublin, judias de todas as idades eram espancadas, torturadas, mortas à fome e

obrigadas a trabalhar durante horas sem fim. Quando se detetava um erro no trabalho, todas as mulheres dessa unidade tinham de despir-se e um nazi batia-lhes 25 vezes com um bastão entre as pernas.

Também entre os judeus existiam hierarquias sexuais. No campo de trabalho de Skarżysko-Kamienna, raparigas de pés descalços levadas de Majdanek eram «objetos para ser vendidos», algumas mulheres tornavam-se «primas» dos membros da elite masculina do campo e mudavam-se para os seus barracões. Tal como acontecia com os partisanos, nasciam romances entre raparigas da classe média e «sapateiros» judeus de uma shtetl qualquer, motivados pela necessidade de proteção, e alguns até se prolongaram para lá da guerra. No gueto, o sexo era um produto que se trocava por pão.

Chasia Bielicka contou que num campo perto de Grodno, às mulheres e raparigas que o comandante achasse bonitas eram-lhes dados vestidos de noite e deixadas em festas alemãs. À vez, em frente de todos os presentes, todas as mulheres eram convidadas a dançar com um dos homens. Então, num qualquer momento inesperado, o comandante aproximava-se, sacava a pistola e dava um tiro na cabeça da mulher. «Só posso tentar imaginar o terror e o frio mortal que enchia aqueles vestidos de baile que se colavam aos corpos das mulheres que os vestiam», refletiu Chasia décadas mais tarde. «Tento compreender como as pernas daquelas mulheres não tremiam ou os joelhos não cediam quando eram levadas para a pista de dança. Como o medo delas não se transformava numa cascata de sons que se derramasse no círculo à volta do par que se movia.»

O procedimento para entrar nos campos de concentração era em si mesmo uma violação sexual: as mulheres eram empurradas para salas de duche e obrigadas a despirem-se em frente de desconhecidos e dos guardas nazis. Num estado de confusão e pandemónio, arrancadas aos filhos e às famílias, a sentir o cheiro a carne queimada, as novas prisioneiras eram violadas por homens das SS que faziam comentários obscenos a respeito das suas formas, lhes tocavam nos seios com cacetes e açulavam os cães. As cabeças das mulheres eram rapadas e as suas cavidades corporais inspecionadas – incluindo exames ginecológicos forçados em que os alemães revistavam as judias nuas para se certificarem de que não tinham escondido joias na vagina. Sujeitavam as mulheres a experiências «médicas» ostensivamente relacionadas com a fertilidade e a gravidez. Algumas guardas SS envolviam-se em comportamentos sexuais com os namorados em frente das mulheres que eram forçadas a assistir a espancamentos brutais, atormentando, deste modo, aquelas que haviam perdido os entes queridos – crueldade e deboche unidos.

Vários líderes judeus dos guetos foram cúmplices de violência sexual ao fornecerem mulheres aos nazis nas suas tentativas de evitar a deportação, e numerosas mulheres acusaram chefes de gueto de as terem violentado. Num relato, Rivka Glanz deixou o seu trabalho no Judenrat de Łódź porque o líder a assediava com propostas sexuais; várias outras denunciaram este género de comportamento prepotente.

Vários gentios que protegiam e escondiam judeus violavam as mulheres escondidas ou exigiam sexo como pagamento. Os schalmtzovniks podiam pedir favores sexuais além de dinheiro ou em vez dele. Anka Fischer, da resistência de Cracóvia, conseguiu um apartamento e um emprego no lado ariano, mas foi sujeita a chantagem: o chantagista ameaçou denunciá-la como judia se não fizesse sexo com ele. Recusou e, pouco depois, foi presa. As adolescentes escondidas cediam a imposições sexuais para proteger as irmãs mais novas. O sexo era a única moeda de que dispunham, a sua única proteção contra o assassinio, ainda que temporária.

Por fim, havia a violência sexual a que eram sujeitas as judias em fuga. Certo dia, Mina Fischer, de quinze anos, decidiu que estava farta do gueto. Abandonou o seu posto no campo de trabalho e deu por si a vaguear pela floresta. Depois de ter escapado a dois agricultores que estavam determinados a denunciá-la, penetrou ainda mais no bosque. À noite, não tinha onde se esconder. De súbito, três homens saltaram-lhe em cima e violaram-na à vez. «Não fazia ideia do que estavam a fazer-me, porque sabia pouco sobre sexo», recordou, «mas durante o aterrador ataque, eles começaram a morder-me como animais selvagens; morderam-me os braços, arrancaram-me um dos bicos dos seios.» Mina desmaiou. Os homens devem ter pensado que estava morta. Mas ela acordou, em choque, cheia de dores, a sangrar, incapaz de se levantar. Só anos mais tarde, quando engravidou e quase morreu, compreendeu os estragos infligidos aos seus órgãos.

,

Não obstante o desespero e a exaustão, não obstante a escuridão da floresta, Renia esforçou-se para manter a clareza de pensamento. O homem aproximou-se mais e começou a bombardeá-la com perguntas. Guiada pelo instinto, Renia deu-lhe respostas tontas, como se fosse uma pateta.

Entretanto, o pensamento de que não podia esperar não lhe saía da cabeça. Era quase uma da manhã, cada minuto contava. Começou pouco a pouco a distanciar-se dele, e de repente levantou-se de um salto e correu.

O homem correu atrás dela.

Fazendo apelo a todas as energias que lhe restavam, Renia continuou a correr até chegar a uma casa. Encontrou uma porta aberta, avançou aos tropeções e deu por si num escuro corredor. A conter a respiração, agachou-se debaixo da escada, à espera, «ali sentada como um cão perseguido».

De manhã, torturada e exausta, partiu para Varsóvia.



A Grande Sinagoga (à direita) e a Biblioteca Judaica (à esquerda), Varsóvia. Fotografia de K. Wojutynski. A Biblioteca Judaica alojou a Organização Judaica de Autoajuda durante a guerra e encontra-se atualmente no Instituto Histórico Judaico Emanuel Ringelblum. *(Cortesia do Instituto Histórico Judaico Emanuel Ringelblum em Varsóvia, Polónia)*



Membros de uma comuna de treino de pioneiros em Jędrezejów, 1935. Zivia Lubetkin é a terceira de pé, a contar da direita. *(Cortesia da Casa-Museu dos Combatentes do Gueto, Arquivo Fotográfico)*

Membros do A Jovem
Guarda em Włocławek,
Polónia, durante o *Lag*
Baômer. Tosia Altman
é a de baixo.
(Arquivo fotográfico do *Yad*
Vashem, Jerusalém, 1592/1)



Tosia Altman.
(Cortesia de Moreshet,
Arquivos Hashomer Hatzair)



Hantze Plotnicka durante
a sua estada numa comuna
de treino de pioneiros
em Baranowice, 1938.
(Cortesia da Casa-Museu
dos Combatentes do Gueto,
Arquivo Fotográfico)



Camaradas da comuna de treino de pioneiros em Bialystok, 1938. Frumka Plotnicka
é a segunda de pé, à direita.
(Cortesia da Casa-Museu dos Combatentes do Gueto, Arquivo Fotográfico)



Gusta Davidson (à esquerda) e Minka Liebeskind num campo de verão do Akiva, 1938. Tornaram-se ambas membros do movimento clandestino do gueto de Cracóvia.

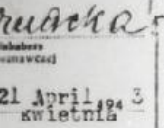
(Cortesia da Casa-Museu dos Combatentes do Gueto, Arquivo Fotográfico)



Da esquerda para a direita: Tema Schneinderman, Bela Hazan e Lonka Kozibrodka. Fotografia tirada durante a festa de Natal da Gestapo, 1941.

(Arquivo fotográfico do Yad Vashem, Jerusalém. 3308/91)

Kennort Karteier wystawienia		Warschau	
Kreis Województwo polskie		Distrikt SCHLES	
Kennnummer 600081			
Name des Inhabers			
Gültig bis 21 April 1948			
Währe bis 21 kwietnia			
Name Nachname			
Geburtsname (b. Eltern)			
Geburtsname (b. Eltern)			
Vorname			
Geboren am 20.2.1907			
Geburtsort			
Kreis			
Land			
Beruf			
Religion			
Besondere Kennzeichen			

		
		
Barbara Biernacka Unterschrift des Inhabers Podpis posiadacza karty rozpoznawczej		
Warschau, den 21 April 1948 data 21 kwietnia		
		
Unterschrift des ausfertigen Beamten Podpis sporządzającego urzędnika		

Um dos falsos documentos de identificação arianos de Lonka Kozibrodzka, 1943.
(Cortesia da Casa-Museu dos Combatentes do Gueto, Arquivo Fotográfico)



Margolit Lichtensztejn. *Menina Adormecida*, lápis sobre papel, de Gela Seksztajn.
(Cortesia do Instituto Histórico Judaico Emanuel Ringelblum em Varsóvia, Polónia)

Sarah Kukielka, 1943.
(Cortesia da Casa-Museu
dos Combatentes do Gueto,
Arquivo Fotográfico)



Chajka Klinger, durante
a guerra.
(Cortesia da Casa-Museu
dos Combatentes do Gueto,
Arquivo Fotográfico)





Membros do movimento juvenil numa quinta comunitária de treino agrícola em Będzin dançam a *hora* numa festa de celebração do nascimento do poeta Chaim Nachman Bialik, 1943.

(Cortesia da Casa-Museu dos Combatentes do Gueto, foto de arquivo)



Encontro da juventude sionista numa quinta de treino agrícola, em Będzin, durante a guerra. Chajka Klinger está no meio.

(Cortesia da Casa-Museu dos Combatentes do Gueto, foto de arquivo)

A feira de diversões na praça Krasinski, perto do gueto de Varsóvia, por Jan Lissowski, abril de 1943.
(Cortesia do Instituto Histórico Judaico Emanuel Ringelblum em Varsóvia, Polónia)



Uma fotografia feita pelos nazis do espaço para dormir no interior de um *bunker* preparado pela resistência judaica para o levantamento do gueto de Varsóvia, 1943. A legenda original em alemão dizia: «Imagens de um chamado *bunker* residencial.»
(United States Holocaust Memorial Museum, cortesia da National Archives and Records Administration, College Park)



Niuta Teitelbaum como colegial,
em Łódź, 1936. Durante a guerra,
tornou-se conhecida como
«Pequena Wanda das Tranças».
(Cortesia da Casa-Museu
dos Combatentes do Gueto,
Arquivo Fotográfico)



A correio Hela Schüpper
(à esquerda) e Shoshana Langer,
líder do Akiva, disfarçadas
de cristãs no lado ariano
de Varsóvia, 26 de junho
de 1943.
(Cortesia da Casa-Museu
dos Combatentes do Gueto,
Arquivo Fotográfico)

[illegible]



Faye Schulman ajuda numa operação
a um *partisan* ferido.

(United States Holocaust Memorial
Museum, cortesia do Museu do Estado
Bielorusso da História da Grande Guerra
Patriótica)



Da esquerda para a direita:
Vitka Kempner, Ruzka
Korczak e Zelda Treger.
(Arquivo fotográfico do Yad
Vashem, Jerusalém, 2921/209)



Um abrigo *partisan* na floresta de Rudniki. Fotografia tirada em 1993.
(Cortesia de Rivka Augensfeld)



Retrato de Ala Gertner
em Będzin, 1930-1939.
(United States
Holocaust Memorial
Museum, cortesia
de Anna e Joshua
Heilman)



N.º 41 ou n.º 43 da rua Promyka, no lado ariano de Varsóvia. Zivia Lubetkin e os camaradas esconderam-se na cave depois do levantamento de Varsóvia em 1944.

(Cortesia da Casa-Museu dos Combatentes do Gueto, Arquivo Fotográfico)



Camaradas do Liberdade em Budapeste, 1944, incluindo Renia Kukielka (em baixo à direita), Chawka Lenczner (em baixo à esquerda), Max Fischer (em cima à esquerda), Yitzhak Fiszman (em cima, segundo a contar da direita) e o «pequeno Muniosh» (Moniek Hopfenberg, em baixo no meio). *(Cortesia da Casa-Museu dos Combatentes do Gueto, Arquivo Fotográfico)*

Renia Kukielka
em Budapeste, 1944.
(Cortesia de Merav
Waldman)



Antek (Yitzhak) Zuckerman,
Varsóvia.
(Cortesia da Casa-Museu
dos Combatentes do Gueto,
Arquivo Fotográfico)





Zivia Lubetkin e Antek (Yitzhak) Zuckerman depois da guerra.
(Cortesia da Casa-Museu dos Combatentes do Gueto, Arquivo Fotográfico)



Zivia Lubetkin fala no Kibbutz Yagur, 1946. (Cortesia da Casa-Museu dos Combatentes do Gueto, Arquivo Fotográfico)



Antigos combatentes do gueto de Varsóvia com as famílias na Casa dos Combatentes do Gueto, em 1973. A imagem inclui: Zivia Lubetkin (em baixo, à esquerda), Vladka Meed (em cima, segunda a contar da esquerda), Onina Grinshpan Frimer (em cima, terceira a contar da esquerda), Benjamin Meed (em cima, quinto a contar da direita) Yitzhak (Antek) Zuckerman (em cima, sexto a contar da direita), Masha Futermilch (em cima, segunda a contar da direita). (Cortesia da Casa-Museu dos Combatentes do Gueto, Arquivo Fotográfico)



Renia Kukielka e a neta mais velha, Merav Waldman, no casamento da irmã de Merav, Israel, 2008.

(Cortesia de Merav Waldman)

Terceira parte

«Nenhuma fronteira deterá o seu avanço.»

Estão prontas para tudo e nenhuma fronteira deterá o seu avanço.

Chaika Grossman, sobre o movimento das mulheres,
em *Women in the Ghettos*

Capítulo 23

O bunker e mais além

Renia e Chajka

AGOSTO DE 1943

Não ter um lar. Não ter uma casa física, não ter um refúgio espiritual. Nem um alojamento improvisado, quanto mais pão. Nem família. Nem amigos. Nem trabalho, nem dinheiro, nem identidade registada. Nem país, apesar de um legado familiar milenar. Não ter nada exceto nós mesmas. Ninguém que saiba se estamos sequer vivas.

Mas os sobreviventes tinham de seguir em frente, de continuar a sobreviver.

,

Por fim em Varsóvia, abrigada pelos contactos de Antek, Renia estava transtornada. Como ela descreveria, «Bastava olhar para mim para perceber o que tinha acontecido e que género de informação trazia de Będzin.» Ninguém conseguia acalmá-la. Até ela pensou que poderia enlouquecer de um momento para o outro.

Dia sim, dia não, esperava notícias, quaisquer notícias, uma carta de Będzin.

Que acontecera aos seus amigos, aos seus amores, à irmã?

E agora que não ia haver nenhum levantamento em Zaglembe, que lhe aconteceria a ela? Precisava de saber em que pé estavam as coisas para poder planear os seus próximos passos.

Demorou três semanas, mas finalmente chegou um postal de Ilza Hansdorf. «Vem imediatamente a Będzin». Renia bebia cada palavra. «Explico-te quando chegares.»

Passadas horas, Renia contactou Antek e estava a fazer a mala para seguir viagem. O movimento clandestino providenciou-lhe uma

autorização de viagem que custara uma fortuna, e outras duas extras para o caso de ainda haver alguém vivo em Będzin. Deram-lhe também vários milhares de marcos para necessidades inesperadas: schalmtzovniks, subornos policiais, abrigo, comida, equipamento, quem podia saber?

De novo no comboio. Chegou à morada do postal de Ilza: a casa de um mecânico polaco que trabalhava para a lavandaria do kibbutz. Tinha-se mantido em contacto com os membros do Liberdade ao longo da guerra, sempre a tentar ajudar. Todos conheciam o seu endereço.

Renia ouviu Frau Novak, a dona da casa, a debater-se com uma chave. Mal conseguia conter-se.

A porta abriu-se. Silêncio. Duas figuras solitárias sentadas à mesa, emaciadas, cansadas. Mas ficaram felizes por ver Renia.

Eram Meir Schulman e a mulher, Nacha. Meir não era membro do movimento, mas era um amigo dedicado. Fora vizinho do kibbutz. Era uma pessoa muito capaz – um perfeccionista, segundo Renia. Conhecedor na área da tecnologia, ajudara a construir os bunkers e a instalar rádios secretos. Limpava e consertava as armas avariadas e gastas. Quando receberam instruções de Varsóvia para fabricar explosivos, fora Meir que lhes levara os materiais necessários. Falsificava carimbos de borracha e tentava imprimir dinheiro falsificado.

Agora, estava ali sentado e, esperava Renia, com as respostas para as perguntas que lhe queimavam a língua: onde estava toda a gente? Que acontecera durante a deportação? Que acontecera aos combatentes? A Sarah?

,

Chajka tinha a sua versão da história.

Poucas semanas antes, às três horas da madrugada de um domingo: tiros.

Até Chajka ficou surpreendida. Não queria acreditar que os nazis iam estragar-lhes o feriado. Toda a gente acordou. Zvi Brandes afastou uma

tábua e tirou do esconderijo uma mão-cheia de armas. «Porquê tão poucas?», perguntou Chajka.

Afinal, não estavam preparados. A maior parte das armas encontrava-se num local diferente; no abrigo do Liberdade em casa de Hershel não havia nenhuma. Chajka ficou furiosa. «Andaram a cultivar o pensamento da havana nas vossas cabeças só para agora estarem de mãos vazias? [...] Não vamos deixá-los deportar-nos. Vamos fazer qualquer coisa estúpida – talvez só um tiro seja disparado, mas alguma coisa vai acontecer, alguma coisa tem de acontecer.» Um dos combatentes do gueto de Varsóvia que estava com eles pegou numa arma, zangado por estar tão suja. Começou a limpá-la.

Foram todos para baixo. Agarraram em dois pães e num jarro com água. Então, através do forno, 20 deles passaram para o bunker do A Jovem Guarda.

Era pequeno, inacabado. Intoleravelmente apertado.

Trancaram o chão do forno depois de passarem. Entrava um fino fio de ar por um pequeno orifício no fogão. Não havia balde. Chajka estava indignada com a humilhação. Ter de urinar no mesmo sítio onde dormia parecia-lhe pior do que a mais brutal das torturas.

O esconderijo ficava situado por baixo do cruzamento de duas ruas. Os nazis entravam no edifício a toda a hora, procuravam lá em cima. Levantaram o chão com picaretas, tentaram abrir o forno. Começaram a rasgar o solo por cima das cabeças deles. Zvi procurou a sua arma e ordenou ao combatente do gueto que se preparasse. «Fujam», disse a todos. «Se conseguirem, ótimo; se não, azar.»

Sem respiração. De um instante para o outro a existência de todos eles podia ir pelos ares. Um incessante pano de fundo de tiros.

Foi assim durante três dias, dez vezes por dia.

Nem uma palavra do exterior. Nenhuma possibilidade de comunicar com os outros esconderijos do ZOB. Receavam ser os últimos judeus. Zvi decidiu ir investigar o kibbutz do Liberdade. Chajka e os camaradas ficaram aterrorizados por ele, o seu adorado e respeitado líder, irmão e pai.

Zvi saiu. Mais um horrível dia de picaretas a bater, «respirações abafadas, medo mortal e tensão nervosa». Os nazis trabalharam perto do bunker durante três horas, levantaram metade do chão, enquanto lhes gritavam que saíssem. Pânico. Chajka usou toda a sua força de

vontade para acalmar os outros. Um sibilar silencioso: «Para o chão.» Obedeceram. «Quase que por instinto, assumi o comando», escreveu mais tarde: «Estava a contar com uma coisa: a preguiça deles. E não fui desapontada.» Os alemães foram-se embora.

Zvi voltou, um tremendo alívio. Mas não havia abastecimentos suficientes. O grupo ficou sem água. Abriram a saída. Ouviram tiros. Alguém no átrio. Não podiam mover-se. Mas sem água morreriam. Levantaram a tampa do forno, «fazendo um raio de um barulho». Estavam todos aterrorizados. Zvi, sempre o primeiro, saiu com outro homem. Voltaram com água. Graças a Deus.

Mas e agora? «Quanto tempo podemos aguentar fechados nesta masmorra?» Era demasiado sufocante. As pessoas enfraqueciam de dia para dia. Por qualquer definição, disse Chajka, aquilo era o inferno, «não importa se uma pessoa ouviu falar dele ou o viu num quadro».

Eram uma massa de figuras sedentas, os rostos individuais irreconhecíveis no escuro. «Vemos corpos jovens, despidos, seminus, estendidos sobre trapos. Montes de pernas, umas ao lado das outras [...]. Braços, tantos braços [...]. Mãos suadas e pegajosas, a apertar-te», escreveu Chajka. «É nojento. E as pessoas fazem amor aqui. Estes podem ser os seus derradeiros momentos. Deixemo-las ao menos dizer um último adeus.» Chajka não resistiu a censurar a Zvi e à namorada, Dora, a falta de dedicação, o tempo que todos perderam.

No dia seguinte, outra vez sem água. Dessa vez, não havia nada lá em cima. Os nazis tinham cortado o abastecimento de água. Pesa, a irmã de Zvi, entrou num episódio histérico, a gritar a plenos pulmões que queria que os nazis a matassem de uma vez por todas. Todos tentaram acalmá-la. Nada resultou.

Zvi decidiu que tinham de se mudar para o bunker do kibbutz do Liberdade. Dora e uma mulher chamada Kasia foram. Zvi e a irmã. Chajka saiu com um camarada, Srulek, a rastejar para fora do forno. Ao princípio, o caminho estava desimpedido. Então, de repente, very-lights iluminaram a rua inteira. Tiros, luzes ofuscantes, estilhaços e pedras choviam de todas as direções. Atiraram-se ao chão. O coração de Chajka batia como louco. Porque tinha de morrer daquela maneira, sem ter feito nada, sozinha num campo, a fugir em vez de lutar? A infelicidade, a solidão, era tudo demasiado insuportável. Mas também tivera algum bem na vida, consolou-se ali estendida no chão. Tivera companheiros, intimidade profunda, momentos maravilhosos com David. Agora também ela ia ser morta a tiro, destinada a morrer como ele. Azar, disse a si mesma.

Sem saber muito bem como, Chajka conseguiu rastejar até um edifício próximo e entrou num apartamento. Apalpou o corpo. Seria possível que ainda estivesse viva? Ela e Srulek beijaram-se para celebrar, beberam água. Conseguiram chegar ao kibbutz do Liberdade. Eram três horas. Estavam todos lá. Vinte pessoas, mais.

A irmã de Zvi foi posta num apartamento acima do chão; esperavam que o espaço aberto a acalmasse, mas ela continuava histérica. Um nazi encontrou-a.

Zvi abateu-o pelas costas.

«O primeiro tiro», escreveu Chajka. «Estou tão orgulhosa. Tão feliz.»

A felicidade foi de curta duração. Um alemão caído, mas antes que pudesse recuperar a respiração, Chajka descobriu que muitos dos seus camaradas tinham sido mortos. «Devíamos ir todos juntos, não assim, como pedaços de vida, carne saudável a ser arrancada pedaço a pedaço. Iamos fazer qualquer coisa, qualquer coisa grande», escreveu mais tarde. «Enfurece-me, grita dentro de mim, rasga-me as entranhas.»

Aquele novo esconderijo, onde Meir e Nacha se refugiaram, era pior do que o que deixara. Não havia armas além das duas que tinham levado. Era abafado, suado. As peles de todos brilhavam. Andavam de um lado para o outro seminus, de pijama ou camisa. Mas, sobretudo, ficavam estendidos no chão, como cadáveres. Chajka mal conseguia respirar e dava graças a Deus pela ventoinha elétrica cujas pás giravam sem parar – chop, chop, chop –, um pequeno alívio. Além disso, tinham uma cozinha com um fogão elétrico. Estavam todos letárgicos, mas Chawka Lenczner, a paramédica do Liberdade, cozinhou sêmola para Aliza Zitenfeld. O grupo, incluindo Sarah, a irmã de Renia, comeu uma refeição quente em vez de fatias de pão. Chajka gostava de Chawka, que suportava o calor do fogão e cuidava dos camaradas, tratava de feridas, distribuía pó de talco para a pele, ordenava aos outros que se lavassem para não ficarem infestados de piolhos. «É tão bom olhar para ela», escreveu Chajka, com ternura, «tão limpa e bondosa.» Ao princípio, Chajka ficara furiosa com Hershel por mantê-la no abrigo quando ela tinha uma tão boa aparência ariana, mas ele dissera que, sem ela, estariam todos acabados.

Chajka olhou em redor: os mortos-vivos. Não aguentava aquilo.

«Queria respirar pela última vez à superfície, olhar mais uma vez para o céu, saciar-me de água e ar», escreveu. O sufoco, a sede, a escuridão sem fim eram esmagadores. Não entrarei viva num vagão.

À noite, abriram a tampa. Chajka saiu com os rapazes, deliciada com o ar, «ar vivo fresco, saudável». Inspirou o mais fundo que pôde, na esperança de encher o mais possível os pulmões, guardando-o para mais tarde.

De súbito, tiros.

Foguetes luminosos iluminaram o edifício. Chajka recuou. Então, furiosa consigo mesmo por sentir medo, forçou-se a sair. Viu as luzes brilhantes dos barracões, o centro de deportação onde os alemães amontavam judeus nos comboios. Holofotes. Torres de vigia. Não havia fuga. Mais foguetes. Chajka riu alto: aquilo era a frente. Os nazis estavam a lançar um ataque em grande escala contra um punhado de judeus sedentos e desarmados escondidos em bunkers. Uma guerra que, claro, ganhariam.

Os rapazes voltaram com água. Arriscaram a vida para a conseguir, e Chajka decidiu que, da próxima vez, iria com eles. Regressaram todos à cave. Chajka pensara que o ar fresco lhe faria bem, mas acabou por tornar tudo pior, porque agora os seus pulmões precisavam de readaptar-se a não respirar nada. Mais, havia uma querela no bunker: algumas mulheres discutiam por causa de farrapos, e isto com a tampa aberta, nada menos. Que ridículo. Chajka ficou tão furiosa que explodiu em lágrimas. Porque tinha de estar ali com aquelas pessoas? Onde estavam os amores que lhe foram tão caros? David? As irmãs Pejsachson? Talvez fosse melhor, pensou, não estarem ali para ver os seus sonhos desfeitos. Mas então pensou que, com eles, teria sido diferente – claro que teria – e o coração doeu-lhe mais do que alguma vez pensara que fosse possível.

Sentaram-se no subterrâneo. Para quê? Iam sufocar. De certeza que lá fora era Judenrein – «limpo» de judeus. O abastecimento de água não era fiável, a falta de ar. Iam ser encontrados. Iam morrer ali. Todos os dias, o grupo tirava à sorte para ver que casal ia tentar chegar ao lado ariano; ninguém queria separar-se do grupo. Não tinham moradas, nenhum destino seguro. Queixavam-se de que não estavam preparados para uma corrida no desconhecido. «Pensávamos que iríamos juntos», era o que todos diziam. A tristeza de Chajka era esmagadora. E a fúria. Eram todos tão cobardes. Não faziam nada. Não sabiam de ninguém. Estaria mais alguém vivo?

Um camarada saiu em busca de informação. Regressou horas mais tarde, ofegante. Relatou que restavam alguns judeus e que estavam a trabalhar num campo de extermínio criado para limpar o gueto de quaisquer bens de judeus que ainda existissem.

Então, um dia, foi a vez de Chajka. O grupo estava a diminuir. Chajka não queria mais procrastinações. Queria sair com Zvi ou Hershel, mas Aliza Zitenfeld continuava a adiar. Podia ir com o irmão e a irmã de Zvi. Devia fazê-lo? Naquele momento?

Vindo de parte nenhuma, um grito. Alemães por perto. Estavam a raspar o carvão. A abrir a tampa.

Tinham sido descobertos.

,

Um camarada que conseguira escapar elaborara um plano com Wolf Bohm, que fugira do campo de extermínio. Bohm enviou um judeu para tirá-los do bunker e levá-los até ao campo, mas ia acompanhado por dois nazis.

Chajka, que nada sabia do trato, não compreendia como tinham sido descobertos.

Agitação. Pessoas a agarrar em malas e trouxas. Decidiram: as raparigas e as crianças saíam primeiro. Chajka enfiou um vestido para cobrir o corpo nu. Não tinha sapatos, nada. Meir e Nacha abriram uma segunda saída, e Chajka preparava-se para os seguir quando – pum! – voltaram a fechá-la. Demasiados guardas.

Por fim, Chawka saiu. Não tardou a voltar, agitada, a gaguejar. Os nazis perguntaram-lhe se Hershel estava ali e dito que se saíssem todos ao mesmo tempo seriam levados para uma rua perto da fábrica de Rossner. Chajka calculou, acertadamente, que Bohm estava por trás daquilo. Um raio de esperança, pensou. Mas e as armas? Zvi gritou a Meir que pegasse na sua arma e saísse, mas ele recusou e escondeu-se debaixo das camas. As pessoas saíam, apressadas. Hershel e Zvi estavam confusos. Hershel distribuiu por todos uma grande quantidade de dinheiro. «Nunca tinha visto tanto dinheiro», escreveu Chajka mais tarde.

Saiu. Os nazis estavam junto à porta. Revistaram os judeus um a um e confiscaram o dinheiro. Aliza, muito pálida, perguntou em voz baixa a respeito de serem levados para a rua próxima da fábrica de Rossner. Chajka observava escondida no cubículo do carvão, a perguntar-se o

que fazer com a sua parte do dinheiro, com medo de que os alemães lho levassem todo. Onde podia escondê-lo – nas cuecas?

Pesa, a seu lado, sussurrou: «Que devo fazer com a minha arma? Deram-ma, convencidos de que não revistariam as raparigas.» Chajka gelou de terror. De quem fora uma ideia tão estúpida? Aquela arma devia ter sido usada ou muito bem escondida. Disse a Pesa que a enfiasse no meio do carvão. A pensar na arma, perdeu a concentração; os nazis tiraram-lhe no mesmo instante todo o dinheiro.

Então, os nazis entraram no cubículo, enfiaram as mãos no carvão e tiraram de lá um saco coberto de sangue.

A arma.

– Ah, então tinham qualquer coisa com que nos atacar! – gritou um alemão.

As raparigas começaram a chorar, a suplicar.

– Não é nossa. Alguém a pôs aí.

– Que vergonha – resmungou outro nazi. – Nós íamos ajudá-los, e vocês iam matar-nos.

Estavam condenados. Chajka recuou para o bunker. Zvi estava em pânico. Perdera a outra arma. Achava que a tinha metido numa mala. Começaram todos a procurar, frenéticos.

O combatente de Varsóvia desceu.

– Têm toda a gente alinhada na rua e ameaçam [eles] executá-los todos se não saíres.

Silêncio.

– Serei o sacrifício – disse Zvi. – Vou.

Saiu do bunker.

Meir e Nacha recusaram mexer-se. Chajka decidiu, Muito bem, vou eu.

Havia doze pessoas deitadas no chão, de braços abertos. Chajka juntou-se a elas.

– Há mais alguém lá dentro?

Mandaram Hershel verificar.

– Ninguém.

Não ia trair Meir e Nacha.

O nazi desceu a escada, agarrou numa pasta, procurou no interior. A arma. Tirou-a e lançou uma gargalhada.

– Não é tua, pois não? – Rebuscou dentro da mala e encontrou uma fotografia de Aliza Zitenfeld. – Foi muito estúpido ter deixado a fotografia!

E riram os dois.

Aliza começou a suplicar.

– Não é minha.

Chajka estava a tremer de fúria. Aliza podia ao menos tentar ser corajosa.

O nazi apontou para Chajka.

– E isto é teu.

A sorte pronunciou a sentença, pensou Chajka. Negócio feito.

– O que é que é meu?

Ele não disse nada, mas deu-lhe dois pontapés e bateu-lhe com um bastão de madeira. Chajka só guinchou no fim, quando viu como ele estava a ficar furioso.

Do chão, ergueu os olhos, absorveu tudo, convencida de que era a última vez que via o céu.

O alemão ordenou que se levantassem. Chajka foi proibida de calçar sapatos ou pegar na pasta. Tinha o vestido sujo de estar deitada no chão.

Ordenaram a Chajka que fosse a última da fila, bateram-lhe nas costas com as coronhas das espingardas.

– Vou acabar com ela agora – disse um dos nazis.

– Deixa-a – aconselhou o outro. – Não faças nada por tua iniciativa.

Fila indiana. Chegaram a uma praça em frente das casernas. Soldados, oficiais. Toda a gente apontava para eles.

Aliza chorava, suplicava.

– Acalma-te, idiota – sibilou Chajka. – Mostra um pouco de dignidade.

,

O gueto estava deserto. A Aktion durava há já uma semana. Soldados especializados no extermínio de judeus foram chamados para arrastá-los para o exterior dos bunkers. Levaram todos para vagões de gado cobertos, com exceção dos membros do Judenrat, que viajaram de fiacre. Algumas pessoas tentaram fugir. Rossner escondeu 500, mas foram todas apanhadas. Enviaram uns poucos judeus para campos de trabalho; um pequeno número ficou em Kamionka para limpar os apartamentos do gueto. Os deportados estavam encerrados em barracões onde podiam andar de um lado para o outro, mas os membros da resistência foram obrigados a sentarem-se no chão, no exterior, proibidos de se mexerem, inspecionados por guardas como se estivessem «num zoológico».

Chajka viu pessoas «a correrem para baldes de água como animais selvagens». A sede era insuportável. Não se lavavam como deve ser há semanas, bebiam água da chuva e até urina. Chajka tinha pena dos velhos e das crianças, tão assustados, tão sujos.

Os judeus tentavam subornar os alemães para conseguirem trabalho. Mas já não lhes restava nada com que suborná-los. Os membros do grupo de Chajka ofereceram-se como voluntários – foram ignorados. Chajka queria viver, mas como? Não acreditava em milagres.

Ela e Aliza foram chamadas pelos nazis.

Era o fim. A execução.

– Adeus – disse, e avançou sem medo, de cabeça erguida.

Levaram-na para o edifício da antiga milícia – um edifício fechado, sem testemunhas. Aliza entrou. Chajka recebeu ordens para esperar no exterior. Um escrivão do Judenrat passou por ela, com um ar assustado.

– Que estás aqui a fazer? – perguntou.

– Oh, nada de especial – respondeu Chajka. – Querem executar-me.

– Como? Porquê?

– Encontraram qualquer coisa no nosso bunker.

O homem levava na mão uma bandeja com maçãs. Chajka estendeu a mão, sem se apressar, tirou uma e mordeu-a. O escriturário olhou para ela como se a julgasse louca. Estaria? Enquanto ainda estava a mastigar, foi chamada ao interior do edifício. Atirou o caroço da maçã para o chão e ensaiou a frase que planeava dizer no seu derradeiro instante: «Assassinos, o dia do ajuste de contas está a chegar. O nosso sangue será vingado. O vosso fim já está próximo.»

Quando entrou no lugar onde ia ser executada, Chajka quis gritar – mas ninguém a ouviria. Controlou-se a pensar nos outros. Apesar de ninguém lho ter ordenado, manteve-se silenciosa. E autocrítica.

Aliza estava num canto da sala. Ensanguentada. Muito maltratada. Quebrada.

Agora, compreendeu Chajka, era a sua vez de ser torturada.

Ordenaram-lhe que se deitasse no chão. A ordem foi dada: espancá-la até à morte. As pancadas começaram a chover. Por todo o corpo. Incessantes, terríveis. Começaram então a bater-lhe na cabeça. Queria reprimir os gritos e mostrar-lhes «do que uma miserável judia era capaz».

Mas estava a negar-lhes o que eles queriam, e por isso teve de gritar a sua inocência.

– Diz-nos de quem é esta arma e deixamos-te em paz – gritavam-lhe.

– Não sei – respondeu ela. – Estou inocente. Mamã! Mamã!

Por fim, os algozes pararam e voltaram a Aliza. «Devo ser um vil animal», escreveu Chajka mais tarde, «porque não reagi.» Como pudera tapar a cara com as mãos em vez de correr e esbofeteá-los por estarem a bater na amiga? Mas tinha demasiadas dores e ao mesmo tempo sentia uma alegria perversa, feroz – tinha a certeza de que ia aguentar.

Então, recomeçaram com ela. Aproximou-se um nazi. «Um galgo alto e esquelético», escreveu mais tarde. «Com olhos de fuinha.» Chajka lançou-lhe um olhar de desprezo. Ficou convencida de que foi por isso que ele lhe bateu.

Faces, cara, olhos. O sangue jorrou. «Mais um centímetro e tinha ficado sem um olho.» O homem passou-lhe os braços secos e nervudos à volta

do magro pescoço, a estrangulá-la. A respiração dela tornou-se um silvo. Ele afrouxou a pressão. «Estava à beira de saber em que ponto uma pessoa pode morrer», refletiu Chajka. «Sempre tive curiosidade em saber onde começa o processo da agonia.» Mas ele parou de estrangulá-la, e as duas foram levadas embora. Chajka ouviu uma referência a Auschwitz.

Chajka arrastou-se de volta para o grupo com dificuldades. Quando os camaradas a viram a ela e a Aliza, romperam em lágrimas.

Ofereceram a Chajka toalhas e camisas para que se sentasse. O seu corpo estava «duro como pedra, duro como borracha. E tão negro. Não azulado, negro», descreveu. «Em vez de me sentar, enrolei-me como um gato em cima de Pesa.» Sem casaco, sapatos ou meias. Estava frio, escuro. Os soldados partiam mobílias velhas para fazer uma fogueira.

De súbito, Zvi levantou-se de um salto.

Correu tão depressa que Chajka não conseguiu sequer segui-lo com os olhos.

Ia fugir!

Agitação entre os soldados. Tiros, corridas. O comandante estava furioso. «Vão atrás dele e tragam-no, morto ou vivo.»

Passaram minutos. A cabeça de Chajka latejava. Os soldados voltaram. Estava demasiado escuro para lhes ver a cara, mas ouviu um deles dizer: «Está feito! Apanhei-o!»

Chajka disse a si mesma que podia não ser verdade. No fundo do coração, porém, sabia, Zvi estava morto. Tinham perdido o melhor de todos: um companheiro, um verdadeiro líder. O seu querido, querido amigo.

O irmão e a irmã de Zvi sentaram-se ao pé dela.

– Que estavam eles a dizer?

– Não sei – mentiu Chajka. Ficou ali sentada, vazia por dentro. «Se me batessem», escreveu, «talvez houvesse um eco.»

No escuro, os pensamentos de Chajka voltaram-se para as vidas dos soldados, para uma potencial fuga, para uma curiosidade a respeito do que se passava em Auschwitz. Prometeu a si mesma que nunca iria, que correria, saltaria, que mais depressa se mataria com um tiro. Na casa de banho, mais tarde, pensou em rastejar até à lavandaria, escapar para

o exterior. Mas o guarda estava demasiado perto. Não teve coragem. Pensou em Zvi. No dia seguinte podia ser demasiado tarde.

Manhã, e o tormento recomeçou. Sem comida. Suplicaram por água. Os judeus que passavam podiam ter-lhes dado algumas gotas, mas, em vez disso, mantiveram-se à distância, desviaram o olhar. É esta a nação pela qual eu queria morrer? Mas então compreendeu. Tinham sido os nazis a torná-los assim.

Por fim, o guarda alemão apiedou-se deles e ordenou-lhes que se levantassem. Deu-lhes água e um pouco de comida para os órfãos do Atid.

À tarde, os nazis voltaram. Levaram um grupo de quatro homens. Chajka assumiu que iam executá-los quatro de cada vez.

Mas não. Os homens voltaram, a carregar qualquer coisa.

O corpo de Zvi.

Para lhes mostrar aquilo de que eram capazes.

A irmã de Zvi gemia. Chajka queria que ela parasse, que olhasse orgulhosa para as caras deles.

Mas qualquer coisa uivava dentro dela. «Toda a pele da minha cabeça ficou dormente [...]. Penso que os meus cabelos começaram a ficar cinzentos.» As pernas dos rapazes que carregavam o corpo davam a impressão de estarem a ceder. O rosto de Zvi estava horrível, «o corpo mutilado e tão cheio de buracos como um passador». O adorado e justo amigo de todos eles. Hershel soluçou.

Mandaram os rapazes abrir covas – as suas próprias sepulturas, assumiram. Dez vezes por dia, pensavam que os alemães iam matá-los. «A espera era pior do que a morte», escreveu Chajka. Ao fim da tarde, chegou uma ordem. Chajka iria para o barracão. Misturar-se-ia com os outros judeus. E, no dia seguinte, seria transportada para Auschwitz.

Foi dominada pelo medo. Iria faltar à sua promessa e deixar-se levar para Auschwitz? Porque tinha esperado? Lá fora havia pelo menos uma possibilidade de fuga. Conseguiria misturar-se com a multidão e fugir? Hershel consolou-a: o transporte não aconteceria tão depressa.

De manhã, os judeus pegaram nas suas toalhas e lavaram a cara, como se fosse um dia normal. Chajka estava furiosa. Pelo amor de Deus, revoltam-se! Saltem por uma janela... Porque estaria toda a gente tão calma? Os rumores afirmavam que o comboio chegaria às dez.

Ou estaria a criticar-se a si mesma? Devia ter fugido.

Chajka reparou, entre os deportados, num rapaz de ar desembaraçado, Berek. Confiava nele – tinha olhos honestos. Costumava sair com o grupo de trabalho, e naquele dia também o faria. Queria ajudar e ofereceu-se para escoltar as raparigas até à cozinha. O rosto magoado de Chajka tornava-se reconhecível como um dos que partiriam. Os rapazes saíram para o trabalho, e Chajka empurrou Hershel para ir com eles. Mas ele ficou.

Quase dez horas. Berek estava parado com cavalos perto do barracão.

Chajka tinha de ir.

Esperar, esperar, esperar pelo momento certo. De súbito, agitação, pessoas a moverem-se. Berek piscou-lhe um olho.

Fugir.

Fê-lo; avançou para ele.

– Vai para o edifício da cozinha – segredou-lhe Berek.

– Vem comigo.

– Não – insistiu ele. – Vai sozinha.

Chajka foi.

Estava um soldado de guarda à porta.

Deixou-a entrar.

,

Aliza, Pesa, Chawka, a combatente de Varsóvia, e Sarah – a irmã de Renia – juntaram-se a Chajka na cozinha. Disseram ao milícia que fosse buscar Hershel. Então, o comandante apareceu. Chajka tinha a certeza de que iria ser mandada para trás por causa da sua cara. Aliza escondeu-se. Mas ela não. Não aguentava mais.

O comandante olhou para Chajka por um longo momento, e então abanou a cabeça.

– Caras novas – disse. – Mas [tudo bem] podem ficar.

Às dez da manhã, o transporte partiu para Auschwitz. Hershel foi com os outros. «Que estranho», refletiu Chajka mais tarde, «uma caminhada de dois minutos do barracão até à cozinha salvou-me, por enquanto, de Auschwitz, da morte. Que esquisita é toda esta nossa vida!»

,

Meir contou a Renia que, depois de os outros terem sido levados para fora do bunker, ele e Nacha ficaram vários dias escondidos debaixo das camas antes de fugirem para casa de um mecânico polaco. «Temos algum dinheiro», disse. «Mas que acontecerá quando acabar?» Sabiam que ainda havia em Będzin um par de raparigas do A Jovem Guarda disfarçadas de gentias. Não sabiam mais nada e não sabiam dos que tinham atravessado para a cozinha.

Os relatórios escritos de Renia dos anos de 1940 não referem a presença de Sarah – talvez por questões de segurança, talvez porque Renia estava tão perturbada que lhe era difícil escrever a respeito da irmã, talvez por respeito para com o movimento, onde ninguém era suposto favorecer os irmãos de sangue em relação aos camaradas. Mas que acontecera a Sarah? Estaria morta? Haveria mais algum Kukielka vivo? Ou estaria Renia completamente sozinha?

Ia de certeza enlouquecer.

Felizmente, Ilza chegou nesse preciso instante a casa do mecânico. A chorar, agarrou-se a Renia, abraçou-a, as palavras a atropelarem-se, demasiadas para serem contidas. «A Frumka morreu, a nossa camarada morreu!»

Ilza sentou-se com Renia e contou-lhe a história de um outro bunker, o «bunker dos combatentes», sob um pequeno edifício numa encosta, um feio e modesto edifício rodeado por ervas. Frumka e seis outros camaradas do Liberdade estavam numa bem camuflada cave debaixo desse edifício. Era a melhor construção da equipa, com uma entrada habilmente escondida na parede, além de eletricidade, água e um aquecedor.

Durante todo esse tempo, aqueles sete tinham ouvido os ruídos do exterior. O líder do Liberdade Baruch Gaftek mantinha-se junto de uma

pequena fresta e guardava o bunker. De súbito, vozes alemãs – mesmo por cima deles, a gritar. Teriam visto a luz filtrar-se através da fresta? Sem pensar, cheio de raiva, Baruch gritou: «Vamos retaliar antes que nos matem!» Então, engatilhou a arma e disparou pela abertura. Dois alemães tombaram no chão, os seus corpos pesados a fazer tremer a terra.

A namorada de Baruch abraçou-o por trás com tanta força que os outros ouviram os ossos ranger.

Os ecos dos tiros foram ouvidos. Uma horda de alemães ofegantes cercou a casa, mas sem se aproximar demasiado. Levaram os corpos dos dois nazis, loucos de fúria, espantados por ainda haver judeus dispostos a lutar.

Frumka, que fumava cigarros uns atrás dos outros apesar de ser proibido fazê-lo no bunker, destacava-se de todos os outros. Empunhava a sua arma, com uma calma dura e fria, um brilho pouco habitual a cintilar-lhe nos olhos há tanto tempo tristes. «Tenham cuidado», disse, «mas matem alguns deles e morram de uma forma honrosa!» Os camaradas ergueram as armas e dispararam.

Os nazis, dezenas deles, atacaram a casa com granadas e bombas de fumo. Fez-se escuridão dentro do bunker. O fumo das bombas e o da casa em chamas por cima deles fazia arder os olhos dos combatentes. Começaram a sufocar. Agarravam-se à garganta, gritavam que não iam ser capazes de usar as armas, e lançaram uma granada para o exterior, mas os nazis afastaram-se. Os alemães usaram uma bomba de água especial trazida de Auschwitz para inundar o bunker e afogá-los.

«A casa estava a arder», descreveu Ilza. «O fumo negro subia em grandes rolos para o céu, levando consigo o cheiro de corpos e cabelos queimados. Ouvíamos tiros, suspiros, gritos, gemidos, pragas, vozes alemãs – era ensurdecedor. As penas das almofadas pairavam no ar. Um mar de chamas.»

A Gestapo ordenou à milícia que extinguisse o braseiro; um alemão encostou o cano da pistola à cabeça do milícia Abram Potasz, um membro da unidade dos cadáveres, e ordenou-lhe que trouxesse os corpos cá para fora. Potasz entrou no bunker através de um buraco feito por trinta minutos de fogo de metralhadora. No chão, corpos negros, calcinados, alguns ainda com restos de vida, a contorcerem-se, a agitarem-se, quase irreconhecíveis como seres humanos. Potasz viu crânios rachados de onde os miolos escorriam. «Um gemido inumano, parecido com o zumbido de uma esquadrilha inteira de aviões, saía das gargantas dos chalutzim [pioneiros] caídos», descreveu mais tarde. A

fuzilaria incendiara almofadas e edredões, dos quais subia uma coluna de fumo negro. De dentes cerrados, Potasz arrastou cá para fora os corpos deformados, um a um. Frumka, meio queimada, ainda empunhava um revólver de seis tiros.

Sete esqueletos chamuscados, cabeças rachadas, crânios expostos, olhos imóveis. Potasz recebeu ordens para voltar os corpos de barriga para cima e despir as mulheres.

Frumka ergueu a parte superior do corpo – a parte inferior estava completamente queimada. Orgulhosa, quis falar, mas a sua expressão era horrível, parecia cega. Murmurou qualquer coisa, olhou em redor e então deixou pender a cabeça. Um dos homens da Gestapo inclinou-se para a ouvir, para o caso de ter alguma informação útil a dar. Mas num segundo aproximou-se, a rir, e pontapeou-a na cara com a pesada bota. Espezinhou o corpo «com uma calma perfeita, estoica, sádica». Desferiram-lhe tiros na cabeça e no peito, atacando o cadáver com uma sanha demoníaca.

A Gestapo disparou contra os sete corpos com sete metralhadoras. Mais cadáveres «cheio de buracos como crivos» não era o suficiente. Chajka descreveu como pisaram os corpos. A pontapear, a disparar, lançaram-se sobre eles «como hienas sobre uma carcaça», até os rostos ficarem convertidos numa «polpa pegajosa e vermelha de sangue e carne» e os corpos «em pedaços esmagados de seres humanos, azuis, ensanguentados».

No dia seguinte, o que restava do corpo de Frumka foi enviado para Auschwitz para ser queimado.

,

Mais ou menos pela mesma altura em que Renia regressava a Będzin e se sentava a conversar em casa do mecânico, Chajka estava viva e a trabalhar na cozinha do campo de extermínio, a preparar comida para os que recolhiam os objetos deixados nos apartamentos agora vagos. Era a última líder do A Jovem Guarda, da resistência de Będzin. Os outros judeus apiedavam-se dos ferimentos dela, mas marginalizavam-na e queriam que se fosse embora – receavam que se a Gestapo se lembrasse de quem era fossem todos mortos. Sempre que o homem que a espancara entrava nas instalações, Chajka escondia-se debaixo da banheira.

Viu os barracões onde eram guardados os bens dos judeus assassinados. O «ritmo e a organização dos alemães» deixou-a «sem palavras». Viu filas de barracões, cada um deles dedicado a um tipo específico de objeto, expostos como numa galeria. Mais tarde, descreveu esta meticulosidade: «Um barracão contém utensílios de cozinha azuis, dispostos com cuidado, separados conforme a qualidade.» Havia barracões para tachos, para copos, para sedas, para tudo. Quando lhe ordenaram que se encarregasse também do trabalho de organização, a sua vontade foi partir os serviços de porcelana em milhões de pedaços. Mulheres alemãs enfeitadas com joias roubadas aos judeus e envergando fatos de duas peças iam ao campo escolher objetos para as respectivas famílias, a pavonear-se umas diante das outras, a tentar provar a superioridade do seu gosto.

Chajka não gostava mais das judias «escolhidas»: as bonitas que trabalhavam nas cozinhas e comiam ganso e bolos, tinham vestidos, os seus quartos e três almofadas. Não partilhavam nada com ninguém. «Oh, prostitutas judias!», escreveu mais tarde. «Quem me dera estrangular-vos.»

Num ambiente de seleção constante, cada judeu equilibrava-se no limiar da existência, a uma unha negra da morte. A vida no campo era violenta e corrupta: espancamentos, roubos, saques de casas judaicas, compras no mercado negro. Para não falar de judeus a empanturrarem-se de dinheiro e sexo, hedonistas condenados à morte a aproveitar o dia. Vodca, vinho. Os homens assediavam Chajka sem parar. «Não, não quero estar convosco!», apetecia-lhe gritar a todos eles. «Não quero satisfazer todos os meus apetites antes de morrer. Dá-me vontade de vomitar.»

Os soldados que estiveram em Będzin foram enviados para a frente, presumivelmente para fazer face ao avanço soviético. Chegaram outros soldados alemães, homens mais velhos. Chajka tornou-se amiga de alguns. Também eles tinham sofrido. Não acreditavam nas histórias de assassinios em massa, e, tal como o movimento lhe pedira, Chajka chamou a si a tarefa de espalhar a palavra, esclarecer os alemães, dizer-lhes exatamente o que estavam a fazer.

Capítulo 24

A rede da Gestapo

Renia

AGOSTO DE 1943

Mas como tirá-los de lá?

Desesperada, elétrica, Renia não conseguia pensar noutra coisa senão ajudar os camaradas no campo de extermínio. Ouvira dizer que, além de Chajka, também Aliza lá estava, e Chawka Lenczner, e crianças do Atid – até a irmã, Sarah. Todos os dias, mais judeus eram deportados para a morte. Renia não conhecia os guardas nem o plano das instalações; não podia lá entrar sozinha.

Procurou, frenética, e descobriu informações sobre Bolk Kojak, um membro da Juventude Sionista (Hanoar Hatzioni), um grupo de juventude sionista menos político cujo foco era o pluralismo judaico e o resgate. Bolk conhecia vários guardas e entrava no campo todos os dias. Vivía na parte ariana de Będzin, disfarçado de católico. Tinha sido amigo de vários membros do Liberdade, e Renia pedia a Deus que ele a ajudasse – pelo menos com um conselho. Na companhia de Ilza, «ficou parada na rua como um cão» à espera de um encontro. De súbito, Kojak apareceu à distância, e Renia correu para ele, cheia de esperança.

Caminharam juntos, como se estivessem a passear, e então sentaram-se num banco do mercado. Comportaram-se com naturalidade, mas falando por murmúrios, reparando em duas mulheres polacas já de idade sentadas ali perto.

– Por favor, ajude-me – suplicou Renia.

– A minha prioridade é salvar membros da Juventude Sionista – respondeu ele, esmagando-lhe o coração. Ela estava perto, demasiado perto.

Mas Renia não desistiu. Como sempre, fez tudo o que estava ao seu alcance para conseguir o que queria. Numa voz muito baixa, suplicou, negociou. Por fim, ofereceu-lhe vários milhares de marcos se ele salvasse nem que fosse só um kibbutznik do Liberdade.

– Encontra-te comigo depois de amanhã – disse ele. – Às seis da manhã.

Separaram-se, Bolk afastou-se numa direção, Renia e Ilza na direção contrária. Correram para apanhar o elétrico até à povoação vizinha de Katowice, onde iam passar a noite. De súbito, as duas mulheres que estavam sentadas no banco perto deles apareceram.

– Vocês são judias, não são?

Começaram a perseguir as duas raparigas, acompanhadas por um bando de crianças que gritava «Judias! Judias!»

– Fugamos – sussurrou Ilza.

– Não.

Renia não queria levantar suspeitas. Apressaram o passo em direção a um edifício previamente ocupado por judeus. Por essa altura, no entanto, tinham uma pequena turba a segui-las, encabeçada pelas duas mulheres, que gritavam: «Estão disfarçadas de polacas. Encontraram-se com um judeu!» A multidão juntou-se à volta delas. «Devíamos matar os hebreus, todos vocês!», berrou uma mulher. «Se Hitler não fizer o trabalho, fazemo-lo nós.»

Sem pensar, sem um momento de hesitação, Renia esbofeteou a mulher que gritava. Uma e outra vez.

– Se sou judia – disse, entre estalos –, deves saber aquilo de que um judeu é capaz. Volta a chamar-me judia – ameaçou –, e recebes mais do mesmo.

Dois agentes da Gestapo à paisana chegaram ao local da cena, o que na verdade foi um alívio.

– Que se passa? – perguntaram.

Renia contou-lhes a história em polaco; um rapaz da rua traduziu.

– Essa mulher deve estar louca se pensa que sou judia – disse Renia, muito calma, e então pegou nos documentos das duas. – Verifiquem os nossos documentos.

O homem da Gestapo perguntou-lhe o nome completo, idade, local de nascimento. Claro que ela tinha tudo memorizado, e Ilza também. Como todos os judeus que viviam disfarçados, passaram horas a ensaiar os pormenores das suas falsas vidas; podiam ser acordadas a meio da noite, e recitariam de uma ponta à outra linhagens fictícias. Um outro polícia alemão aproximou-se.

– Se não sabem alemão, devem ser polacas – disse o recém-chegado. – Todos os judeus falam alemão.

A multidão concordou, dizendo que, na verdade, as raparigas não pareciam judias.

A mulher que desencadeara a perseguição parecia envergonhada. Renia voltou a bater-lhe, dessa vez em frente dos homens da Gestapo e do polícia.

– Descubram a morada dela – disse Renia aos esbirros da Gestapo. – Talvez um dia possa fazer-lhe uma visita.

Os homens riram.

– São as duas porcas polacas – disse um deles. – Que diabo poderias fazer-lhe?

As duas raparigas afastaram-se. Atrás delas, as crianças gritavam:

– Devias ter-lhe partido os dentes por ela te chamar judia!

– Tem cabelos grisalhos, é idosa – respondeu-lhes Renia. – Não quis faltar-lhe ao respeito.

,

Nessa noite, as raparigas ficaram em casa de uma simpática alemã conhecida de Sarah. Se pudesse, disse-lhes a alemã, ajudaria a salvar os camaradas. Tentou acalmar Renia, consolando-a depois do drama daquele dia. Renia estava ansiosa por se encontrar com Bolk no dia seguinte e contar-lhe os problemas que ele lhes tinha causado.

Às cinco da manhã, com a povoação ainda a dormir, apanhou o elétrico e dirigiu-se ao ponto de encontro com dinheiro recebido de Varsóvia. Esperou uma hora. Nada de Bolk.

Ao princípio, Renia ficou surpreendida. E depois zangada, muito zangada. Ele tinha a obrigação de saber como era perigoso ficar parada no mesmo lugar, fazê-la esperar. Ao fim de duas horas, decidiu que o perigo era demasiado grande. Afastou-se. Mas e agora? Precisava de encontrar outra pessoa que pudesse entrar no campo, que soubesse mexer-se no seu interior.

Passaram vários dias, e o problema não saía da cabeça de Renia, que sabia até demasiado bem, por trágica experiência, que naquele mundo doentio em que vivia todos os minutos contavam.

E então, de repente, em casa da mulher alemã, uma aparição que lhe pareceu saída de um sonho.

Sarah.

A alegria de Renia foi enorme, avassaladora.

A irmã contou-lhe de imediato a história da sua fuga: vestira-se como uma gentia, um milícia subornara os guardas, e ela passara para a parte ariana. Agora que tinha um sistema para escapar, precisava de encontrar um lugar onde pudesse esconder algumas pessoas. Sarah prometera fazer tudo ao seu alcance para ajudar os camaradas a sair.

Voltou ao campo naquele mesmo dia. Nunca havia um segundo a perder.

Entretanto, Renia precisava de levar Ilza para Varsóvia e instalá-la no lado ariano. Depois disso, arranjaría forma de se instalar.

,

De Katowice para Varsóvia. Bilhetes comprados. Ilza e Renia tinham passaportes e documentos de viagem para atravessar a fronteira, a duas horas de distância. Como ambas tinham documentos falsos fornecidos pelo mesmo traficante de Varsóvia, as raparigas sentaram-se em carruagens diferentes. Renia recordava a si mesma o êxito que tivera ao atravessar a fronteira quando trouxera Rivka Moscovitch e pedia a Deus que daquela vez fosse igualmente fácil.

Era meia-noite e um quarto, e haviam chegado à passagem da fronteira. Renia via os guardas passar lá fora, a prepararem-se para entrar nas carruagens. Ilza viajava na frente do comboio – iam verificá-la a ela primeiro. Renia esperou, cautelosamente otimista. Já resultara tantas vezes, disse a si mesma.

Mas então continuou à espera. Porque estaria a demorar tanto tempo? Aquilo que ouvia eram passos pesados? A verificação dos bilhetes e documentos costumava ser menos demorada. Ou seria só a sua

imaginação? Por fim, a porta da carruagem abriu-se. Renia entregou o passaporte e os documentos, como já tinha feito inúmeras vezes.

Examinaram-lhe os documentos.

– Este é o mesmo da outra carruagem – disse um deles.

O coração de Renia falhou um batimento, e então começou a galopar. Não disse palavra, a fingir, como sempre, que não falava alemão.

Não lhe devolveram os papéis.

Então, em alemão, disseram-lhe que pegasse em todas as suas coisas e os seguisse.

Ela fingiu não compreender.

Cordialmente, um homem prontificou-se a traduzir.

Renia olhou os guardas nos olhos, desafiadora. Mas nesse instante um outro pensamento passou-lhe pela cabeça: isto é o fim.

Manteve-se focada. Era noite. Havia polícias alemães por todo o lado. O mais disfarçadamente que pôde, abriu a carteira, tirou de lá o papel com a morada e enfiou-o na boca, engoliu-o inteiro. Atirou para o lado o dinheiro que levava. Tinha os documentos do Reich e mais algumas moradas em Varsóvia cosidas no cinto de ligas, mas não podia chegar-lhes em público.

Levaram-na para o edifício da alfândega. Viu Ilza rodeada de polícias.

Os polícias perguntaram-lhe se conhecia aquela mulher.

«Não.»

O rosto de Ilza corou. Renia percebeu que os seus olhos estavam a dizer: «Caímos nas mãos dos nossos carrascos.»

Levaram-na para uma pequena sala, onde «uma gorda polícia alemã que bufava pelo nariz como uma bruxa» esperava para investigar. Revistou-lhe as roupas – casaco, camisa, saia –, usando uma faca para abrir as costuras. Renia esforçou-se por permanecer imóvel enquanto a lâmina se movia tão perto da sua pele. Demasiado perto.

E então a polícia encontrou-os, no cinto de ligas: os documentos com as impressões digitais e as moradas. Renia tentou no mesmo instante apelar à consciência da mulher.

– Por favor.

Nada.

Renia tirou o relógio do pulso e ofereceu-o na condição de ela destruir os papéis.

– Não.

A guarda escoltou Renia até à sala maior. E não só apresentou os documentos e as moradas como relatou a tentativa de suborno.

Os polícias juntaram-se à volta dela. Começaram a rir. Quem eram aquelas raparigas? Que se havia de fazer com elas?

Renia estava descalça. Cortaram-lhe os sapatos, desmancharam o casaco e desfizeram a mala em pequenos pedaços. Viu que até tinham furado o tubo de pasta de dentes à procura de materiais escondidos. Estilhaçaram o pequeno espelho de mão, desmontaram o relógio. Examinaram tudo.

Interrogaram Ilza primeiro, e então voltaram-se para ela. Onde conseguira os papéis? Quanto pagara por eles? Como pusera a fotografia no passaporte? De que gueto fugira? Era judia? Para onde ia? Porquê?

– Sou católica. Os documentos são autênticos. Foram-me dados pela empresa onde trabalho – Renia agarrou-se à sua história. – Tencionava visitar um parente que trabalha na Alemanha, mas encontrei uma mulher que me disse que o meu parente se mudara, de modo que estou de regresso a Varsóvia. Fiquei no campo com pessoas que não conhecia. Paguei pela minha estada.

– Muito bem, voltemos atrás – disse um oficial. – Mostre-nos onde esteve.

Renia não se desmanchou.

– Foi a primeira vez que estive naquela zona. Não conheço as pessoas. A minha memória não é suficientemente boa para recordar o nome da povoação e a casa. Se soubesse, escreveria a morada neste preciso instante.

As respostas de Renia irritaram os polícias. Um deles deu-lhe um estalo e um pontapé. Agarrou-a pelos cabelos e arrastou-a pelo chão. Ordenou-lhe que parasse de mentir e dissesse a verdade. Mas quanto mais eles gritavam e batia, mais ela se endurecia.

– Mais de dez judeus com papéis exatamente iguais a estes foram abatidos como cães só esta semana – disse um dos policiais.

Renia riu-se.

– Bem, isso seria prova de que todos os passaportes emitidos em Varsóvia são falsos e que todos os portadores são judeus. Mas é óbvio que não pode ser verdade, uma vez que sou católica e os meus documentos são autênticos.

Disseram-lhe que seria melhor para ela dizer a verdade.

– Conseguimos sempre a verdade quando a queremos.

Renia manteve-se firme.

Portanto, seguiram o protocolo. Compararam a cara dela com a fotografia. Fizeram-na assinar o nome vezes sem conta e compararam a assinatura com a do passaporte. Todos os documentos estavam em ordem exceto o carimbo, que era um tudo-nada diferente do genuíno.

Renia sentia a cabeça latejar. Viu no chão um punhado de cabelos arrancados do seu couro cabeludo. O interrogatório arrastava-se há mais de três horas. Eram quatro da madrugada.

Obrigaram-na a esfregar os soalhos.

Renia procurou em redor uma maneira de fugir, qualquer abertura. Mas as portas e as janelas estavam cobertas por persianas metálicas. Um polícia armado vigiava-a.

Às sete, os policiais iniciaram o seu dia de trabalho. Renia foi atirada para uma estreita cela. Nunca estivera trancada. Iriam fuzilá-la? Que desumana tortura a esperava? Os seus pensamentos entraram numa espiral descendente. Invejava os que tinham tombado, desejava que a matassem já, que pusessem fim ao seu sofrimento.

Exausta, dormitou por um segundo enquanto estava sentada no chão. Foi acordada pelo rodar de uma chave. Dois policiais alemães, um velho e outro jovem, entraram na cela e levaram-na até à sala grande para voltar a ser interrogada. O mais jovem sorriu-lhe. Espera aí: conhecia-o! Costumava verificar-lhe o passaporte na fronteira. Sempre que levava artigos de contrabando de Varsóvia para Będzin, pedia-lhe que pegasse na mala durante a inspeção, explicando que continha comida e não queria que a guarda alfandegária a confiscasse.

Agora era o turno dele na prisão. Que sorte maravilhosa! Ele afagou-lhe a cabeça e disse-lhe para não se preocupar.

– Ninguém lhe fará mal. Queixo para cima, estará fora daqui não tarda.

Levou-a de regresso à cela, trancou a porta.

Se ele soubesse que sou judia, pensou Renia, não seria tão simpático.

Ouvia os guardas a discutir na sala principal. O polícia mais novo cumpriu a sua palavra.

– Não, não podemos assumir que é judia – disse. – Atravessou muitas vezes a fronteira quando eu estava de serviço. Ainda na semana passada lhe inspecionei os documentos, a caminho de Varsóvia para Będzin. Temos de libertá-la já.

Mas o oficial, mais velho e mais severo – o mesmo que lhe tinha batido na noite anterior –, não estava pelos ajustes.

– Não sabias que os documentos são falsos – declarou. – Agora sabemos que os documentos de Varsóvia com este carimbo são falsificados – risos. – Esta é a última viagem que faz. Daqui a poucas horas vai cantar como um canário e dizer-nos tudo. Temos tido muitas aves canoras como ela.

De poucos em poucos minutos, os polícias abriam a porta da cela para ver o que ela estava a fazer. Riam, trocistas. Renia queria muito retaliar, provocá-los. Não ficou calada.

– Isto fá-los felizes? – atirou-lhes. – Magoar uma mulher inocente?

Fecharam a porta, silenciosos.

Às dez horas, a porta abriu-se mais uma vez. Ilza estava no corredor. Os polícias levaram-nas para a sala principal, algemaram-nas e disseram-lhes que se despojassem de todos os seus pertences. O relógio, as joias e outros valores de Renia foram postos no saco de um agente da Gestapo que as acompanhou de volta à estação ferroviária.

Quando iam a sair, o jovem polícia olhou para Renia com simpatia, como que a dizer-lhe que tentara ajudar, mas não fora possível porque o crime era demasiado grave.

O comboio chegou. Os passageiros observaram, curiosos, o homem da Gestapo a empurrá-las para uma carruagem especial e a trancar a porta. Uma carruagem para prisioneiros. Através da pequena janela, um

raio de luz tentava reconfortá-las, proporcionado-lhes uma trégua temporária dos negros pensamentos a respeito das horas que estavam para vir.

O homem da Gestapo avisou-as das coisas horríveis que as esperavam.

– Vamos ficar a saber tudo na secção da Gestapo em Katowice – disse. Esbofeteou-as e obrigou-as a ficar de pé durante toda a viagem.

Quando desembarcaram, foram seguidas por uma multidão de passageiros, que se perguntavam o que teriam aquelas duas raparigas feito para serem presas.

Algemaram-nas. As algemas apertadas rasgavam a pele de Renia. Ilza estava pálida, a tremer. Renia teve pena dela. Era tão nova, apenas dezassete anos.

– Não confesses que és judia, nunca – segredou-lhe. – E não digas uma palavra a meu respeito.

O homem da Gestapo desferiu-lhe um pontapé.

– Mais depressa.

Ao fim de trinta minutos de caminhada, algemadas, chegaram a uma rua estreita e a um grande edifício de quatro andares decorado com bandeiras alemãs e suásticas. A Gestapo ocupava todo o edifício.

Renia e Ilza subiram a escada alcatifada a verde, empurradas pelo homem da Gestapo. Ouviram gemidos e choros vindos de uma fila de salas. Alguém estava a ser torturado.

O agente da Gestapo abriu a porta de uma das salas. Renia viu um homem de trinta e alguns anos, alto e forte. Tinha uns óculos empoleirados no nariz aquilino, de narinas largas. Os olhos salientes eram maus.

O homem que as levava ordenou-lhes que ficassem de pé, voltadas para a parede. Contou a história ao chefe. De poucas em poucas palavras, batia em Renia com tanta força que ela só via lampejos de luz branca. Então, mostrou os documentos falsos. Um homem mais novo entrou e tirou-lhes as algemas. Mais algumas pancadas.

– Esta é a prisão de Katowice! – gritou o que as tinha levado. Katowice era uma prisão e centro de detenção nazi para presos políticos, conhecida como uma das mais brutais. – Aqui vão cortá-las aos pedaços se não disserem a verdade.

Os pertences das duas ficaram na sala do andar de cima. As raparigas foram levadas para uma cave húmida e fechadas em celas separadas.

Estava um dia quente de verão, mas Renia tiritava. Os seus olhos adaptaram-se pouco a pouco à escuridão. Viu dois catres, e sentou-se num deles, só para descobrir que estava coberto de sangue coagulado. Enojada, levantou-se de um salto. A janela estava reforçada por duas barras metálicas. Conseguiu retirar a primeira, mas a janela era demasiado estreita até para a sua cabeça. Voltou a pôr a barra no lugar, para que ninguém reparasse.

Como era possível sentir-se forte e saudável, e ao mesmo tempo tão impotente, à espera de ser torturada? O frio aumentava a cada instante. «A parede pinga água», escreveu mais tarde, «como se estivesse a chorar.» Sentou-se na beira do catre e enrolou-se numa bola, a tentar aquecer-se. O que tiver de ser, será, repetia, para se acalmar.

Ouviu música de igreja, a coar-se pela pequena janela. Era domingo: para os polacos, o dia do Senhor.

Reviu mentalmente os últimos dias. Valeria a pena viver aquela vida de sofrimento? Sentia-se culpada por existirem pessoas à espera da sua ajuda, à espera que voltasse de Varsóvia com mais dinheiro. Pelo menos, tinha deixado a Meir e a Sarah a morada da sua amiga Irena Abramowicz; procurá-la-iam se fosse preciso. Então, forçou-se a parar de pensar, sobretudo a respeito dos camaradas. Quem sabia, podia estar alguém a ler-lhe os pensamentos através de um buraco na parede. Tudo era possível.

,

Fim da tarde. Tiraram-nas da cave. Ordenaram-lhes que pegassem nos seus pertences – um sinal de que não iam ser mortas de imediato. O homem da Gestapo fê-las caminhar pela rua «como cães de trela», a segurar a ponta de uma corrente presa às algemas. Renia lembrou-se de certa vez ter visto um rapaz que assassinara uma família inteira ser levado daquele modo. Os transeuntes olhavam. Crianças alemãs atiravam pedras. O homem da Gestapo sorria.

Chegaram a um edifício alto. A prisão principal. As pequenas janelas tinham grossas grades de ferro. O portão metálico abriu-se com um guincho agudo. Os guardas fizeram continência ao homem da Gestapo.

O portão voltou a fechar-se atrás delas. O homem da Gestapo tirou-lhes as algemas e entregou-as ao seu supervisor. Segredou algumas palavras ao ouvido de Renia e saiu. Renia sentiu-se melhor. Enquanto ele estava por perto, o medo era avassalador.

Um escriturário anotou os pormenores formais: aspeto, idade, lugar de nascimento, lugar da detenção. Trancaram-nas juntas noutra cela.

Às oito horas, o supervisor abriu a porta. Duas raparigas muito novas, emaciadas, entregaram-lhes pequenas fatias de pão escuro e café servido em canecas do exército. Renia e Ilza aceitaram a comida; a porta voltou a fechar-se. Não tinham comido nada durante todo o dia, mas não foram capazes de tocar na refeição. As canecas estavam imundas, o pão intragável.

A fuga era impossível. Sentaram-se as duas chegadas uma à outra e discutiram opções de suicídio. Ilza tinha a certeza de que ia quebrar se a torturassem, que lhes diria tudo: quem era, com quem tinha estado.

– Eles dão-me um tiro, e será fim de tudo isto.

Renia não ficou surpreendida; Ilza era jovem, inexperiente. Teria força de vontade suficiente para ficar calada? Explicou-lhe que se dissesse isso resultaria em muitas mais mortes.

– Sim, falhámos – disse com firmeza. – Mas não faz sentido levarmos o sofrimento a outros.

Exaustas, deitaram-se na suja enxerga de palha. Mas não ficaram deitadas muito tempo: as pulgas começaram a morder-lhes, dolorosamente. Coçavam-se de uma maneira incontrolável. Procuravam os insetos na escuridão, esmagando-os na pele. O fedor era sufocante. Acabaram por deitar-se no chão nu.

À meia-noite, cerca de uma dezena de mulheres foram empurradas para dentro da cela. Eram prisioneiras «definitivas», a caminho da Alemanha, que estavam ali só para passar a noite. Jovens e velhas, cada uma tinha a sua história. Uma mulher alemã fora condenada a cinco anos de prisão por ter um noivo francês; ao fim de três, estava a ser transferida para trabalhos forçados. Duas raparigas não paravam de chorar. Tinham estado na Alemanha a trabalhar para camponeses que as faziam labutar de manhã à noite e as matavam à fome, de onde fugiram. Ao fim de nove meses em Varsóvia, uma vizinha denunciara-as; também elas estavam condenadas a trabalhos forçados. Duas mulheres já de idade foram apanhadas num comboio a transportar álcool e gordura de porco. Nem sequer sabiam qual fora a sentença;

estavam encarceradas há ano e meio e aquela era a sexta prisão por que passavam. Uma outra mulher, frágil e velha, estava presa há seis meses porque o filho fugira à mobilização para o exército alemão. Os seus gestos gentis, doridos, comoveram o coração de Renia.

Apesar de tudo, Renia invejava aquelas mulheres. Os trabalhos forçados eram um sonho em comparação com a tortura que a esperava.

– Porque estão presas? – perguntaram-lhes as mulheres. – São tão novas.

– Tentámos atravessar a fronteira e fomos apanhadas.

– Oh, por isso só apanham seis meses – disseram as mulheres, em tom de conforto. – Vão levar-vos para trabalhar na Alemanha.

Deitaram-se todas no chão, como sardinhas, cobertas por mantas húmidas do suor de desconhecidos. Algumas das mulheres estavam imundas, ao fim de semanas de transferências de prisão para prisão. Renia coçou-se – já tinham apanhado piolhos. As mulheres mantiveram a luz acesa para se protegerem das pulgas, que se sentiam mais à vontade no escuro. Mesmo assim, elas continuavam a morder. Renia não conseguiu dormir.

Ao romper do dia, as mulheres desapareceram. Renia e Ilza estavam cobertas de borbulhas vermelhas deixadas pelos insetos, que entretanto se passeavam pelas suas roupas. «Pelo menos tínhamos qualquer coisa com que nos entreter: caçar pulgas», escreveu Renia mais tarde, com humor negro.

Oito horas. Pão, café, casa de banho. Renia conheceu a jovem mulher de um oficial polaco suspeito de atividades antigermânicas. Parecia um esqueleto, mal conseguia arrastar os pés. Ia ser enforcada dentro de poucas semanas. A sua única esperança: que a guerra acabasse antes. O marido estava morto. Que aconteceria aos seus três filhos pequenos?

Outra mulher polaca que se encontrava na casa de banho contou a Renia que a irmã fora decapitada dias antes, naquela mesma prisão, por ter matado ilegalmente um porco. Deixara sete filhos. E tinha outro no ventre.

Enquanto falavam, a malvada carcereira aproximou-se, como o anjo da morte. Era conhecida por bater na cabeça das prisioneiras com a grande e pesada argola das chaves. Calaram-se.

Através das janelas de rede, as mulheres conseguiam ver a prisão dos homens ali perto, e os rostos emaciados dos detidos. Dobravam-se pela

cintura quando as supervisoras passavam, dando a entender que não estavam a olhar, curiosas, desesperadas. Ao lado da prisão, sabiam-no, havia uma área onde o carrasco executava as sentenças de morte – quase sempre por decapitação. Não passava um dia sem que ocorressem várias execuções. Não estavam autorizadas despedidas de família e amigos; nem confissões. A prisão orgulhava-se das suas técnicas medievais.

Depois do almoço, Renia e as outras prisioneiras lavaram-se e receberam o uniforme da prisão. Ilza parecia feliz, na esperança de que a Gestapo as tivesse esquecido. Talvez continuassem ali encarceradas alguns meses, à espera que a guerra acabasse. Ficaram as duas sentadas na cela todo o dia, a olhar uma para a outra com incredulidade. Eram prisioneiras, usavam compridos vestidos de serapilheira, roupa interior e blusas feitas de remendos em cima de remendos. Todas as peças de roupa ostentavam o selo da prisão de Katowice.

A noite chegou, e com ela as tensões do dia afrouxaram. A Gestapo não fazia horas extraordinárias. Por outro lado, havia as pulgas. Renia dormitou. Acordou de repente e mal queria acreditar nos seus olhos. Ilza estava a tentar enforcar-se. Tinha usado o cinto do vestido. Mas o tecido não aguentou o peso e rasgou-se. Ilza caiu.

Renia rebentou em gargalhadas, incapaz de se controlar, como se tivesse enlouquecido. Por fim, conteve-se. Dirigiu-se a Ilza, mas a rapariga repeliu-a, furiosa com o falhanço da sua tentativa de suicídio. Era por isso que os operacionais da resistência transportavam consigo cápsulas de cianeto de potássio, e os partisanos uma granada extra.

Ao raiar do dia, as supervisoras fizeram-nas sair, entre gritos e pragas. Mudaram-nas para celas separadas. A nova cela de Renia, onde já estavam oito mulheres, era uma melhoria. As camas tinham enxergas; havia tigelas e colheres arrumadas em prateleiras, e um banco limpo para se sentarem.

– Porque foste presa? – perguntou uma mulher de feições delicadas.

– Por tentar atravessar a fronteira.

– Eu fui presa por ler cartas – disse a mulher, e começou a chorar. Era uma parteira com dois filhos adultos, um engenheiro e o outro escriturário. Uma das vizinhas, por pura malícia, dissera à Gestapo que ela era vidente. A mulher estava em Katowice há já sete meses sem ter sido sequer sentenciada. – Tem cuidado com o que dizes às outras mulheres – sussurrou a Renia. – Há espias entre nós.

Renia assentiu. Aquela mulher pareceu-lhe simpática. Maternal.

Não penses na tua família, disse a si mesma. Não sintas.

Depois do pequeno-almoço, foram levadas para o corredor principal. A carcereira bateu em Renia por razão nenhuma.

– Aposto que queriam ficar sentadas sem fazer nada. Isso seria impensável para nós, alemães. Vão trabalhar! Não tolerarei senhoras mimadas!

No corredor alinhavam-se mesas compridas, com mulheres a «depenar penas», ou, mais exatamente, a remover as hastes duras das penas. Renia juntou-se-lhes. Enquanto trabalhava, olhou com cuidado em redor, à procura de Ilza. Viu-a a pouca distância, mas não podiam falar. Perto delas estavam supervisoras com chicotes – conversar era verboten. A mulher de feições delicadas encontrava-se sentada à sua frente. Renia olhou para os seus olhos tristes e reparou que irradiavam um brilho de empatia cintilante. O rosto da mulher falava das torturas que suportara e da pena que sentia por ela, e os olhos encheram-se-lhe de lágrimas. Isto entristeceu Renia, que desviou o olhar. O tempo voava, e Renia concentrou-se no futuro. Ia ficar ali muito tempo? Ia ser executada? Seria muito melhor do que os espancamentos.

Voltaram à cela para o almoço: caldo queimado com folhas de legumes. Quando Renia rejeitou a refeição, as outras mulheres agarraram a malga e devoraram a comida.

– Depois de passares aqui algum tempo – disseram-lhe –, vais suplicar por este género de sopa.

– É uma senhora – resmungou uma camponesa, num tom de ressentimento. – Acha que esta sopa não é suficientemente boa para ela, mas vai ter saudades dela.

Após o almoço, de volta ao trabalho: mais quatro horas a depenar penas. Ao princípio, Renia estava agitada. Mas então, todos os quartos de hora, uma prisioneira era chamada e levada para ser interrogada.

O sangue gelava-lhe nas veias cada vez que a porta se abria, o suor inundava-a sempre que outro nome era chamado. Até que...

– Wanda Widuchowska!

Renia imobilizou-se. Um chicote bateu-lhe nas costas.

– Vem comigo.

Capítulo 25

O cuco

Bela e Renia

AGOSTO DE 1943

Renia não foi a primeira correio a ser detida, interrogada e torturada como polaca e católica. Bela Hazan manteve o seu disfarce de não judia muito para lá do que alguma vez julgara possível. Era um terrível fardo de secretismo, mas tinha vantagens óbvias.

Depois de chegar à prisão de Pawiak, vinda de Szucha, Bela esperava encontrar Lonka Kozibrodska, a única alma à face da Terra que a compreendia, mas, em vez disso, puseram-na numa câmara de isolamento: uma masmorra onde reinava a escuridão mais absoluta. Procurou às apalpadelas a estreita cama, mas deitar-se provocava-lhe demasiadas dores, de modo que passava a maior parte do tempo a andar de um lado para o outro naquele minúsculo espaço escuro e húmido, a mordiscar côdeas de pão duro, a beber uma imitação de café, a ouvir os gritos das outras prisioneiras. A ideia de morrer sem que ninguém soubesse o que lhe acontecera apavorava-a. E, no entanto, Lonka estava tão perto.

Ao fim de seis semanas a recuperar dos espancamentos, Bela foi transferida para a enfermaria. Quase cega depois de tanto tempo de escuridão, deram-lhe uns óculos escuros para poder habituar-se à luz pouco a pouco. Então, mudaram-na para uma cela.

Lá estava Lonka. Esquelética, sem carne no corpo, o rosto pálido. Claro que não podiam correr uma para a outra, de modo que durante alguns minutos ficaram a olhar, embaraçadas, os olhos cheios de lágrimas. Bela não conseguiu aguentar mais. Aproximou-se.

– Acho que te conheço de um lado qualquer – disse em polaco.

Lonka assentiu.

Pouco depois, quando todas as outras estavam distraídas, tiveram um momento.

– Foste apanhada como judia ou como polaca? – sussurrou Lonka.

– Polaca.

Lonka suspirou de alívio.

– Como vieste aqui parar?

– Vim à tua procura.

– Não é suficiente que eu sofra? Porque tens de sofrer também?

Lonka impediu Bela de dizer fosse o que fosse, deitou-se na enxerga e chorou.

– Porque estás a chorar? – perguntou uma das mulheres polacas com que partilhava a cela.

– Doem-me os dentes – respondeu Lonka.

Bela descobriu que o tempo passado na solitária lhe granjeara o respeito das companheiras de cela. Ajoelhava-se e rezava com as polacas; fez-se amiga delas, incluindo algumas mulheres mais velhas pertencentes à intelligentsia polaca. Tornou-se próxima de uma pintora encarregada de fazer desenhos para os alemães; a mulher fez um retrato dela junto à janela que dava para o gueto. A pintora era religiosa, e Bela confiava nos seus olhos sempre atentos. Uma noite em que as bombas caíam sobre Varsóvia como neve – uma delas rebentou com a prisão dos homens, mesmo ali ao lado –, confessou à pintora que era judia. A pintora abraçou-a e prometeu ajudar. Depois de ser libertada, enviava encomendas com comida para Bela através da Cruz Vermelha. Os guardas confiscavam a comida, mas Bela apreciava as notas que a acompanhavam. Saber que alguém lá fora pensava nela fazia a sua vida parecer real.

Por outro lado, raras vezes tinha oportunidade de falar com Lonka. Estava sempre consciente de que havia colaboracionistas a circular no meio delas. As duas correios tentavam trabalhar perto uma da outra no pátio, e conversavam sobretudo no caminho de e para a casa de banho, trocando informações a respeito de amigos e família. Lonka era amada na cela graças à sua atitude otimista. Mas Bela detestava notar em como a amiga, vinda de uma vida de abundância e privilégio, suportava mal as agruras da realidade prisional. Diarreia, acessos de dores de estômago – o seu corpo estava a deteriorar-se.

A janela de Bela dava para o gueto; estavam mesmo em frente do quartel-general do Liberdade. «Sinto que eles estão a observar-nos», costumava dizer Lonka, e imaginavam que Zivia e Antek podiam vê-las. Lonka deixava cair notas no exterior da janela; uma vez viu alguém

pegar numa delas, e pediu a Deus que outros soubessem onde ela estava. Da janela, Bela via as crianças judias brincar no orfanato, mas também via como a polícia alemã aterrorizava os judeus. E tinha de fingir ficar feliz com o que via. Certa vez, ouviu um grito agudo e puxou uma cadeira para a qual trepou para ver melhor. Viu nazis espancar crianças judias até à morte, e de seguida a voltarem-se contra um homem de idade que lhes suplicava que parassem. Depois de o matarem, o filho disse: «Matem-me também a mim, já não tenho razão para viver.» Os torturadores da Gestapo concordaram alegremente, mas primeiro obrigaram-no a enterrar o pai. O filho chorava, a beijar a testa do pai assassinado. Os nazis mataram-no a tiro e depois ordenaram aos judeus que ali estavam que lavassem o sangue. Bela ficou paralisada, dominada por um desejo de vingança, incapaz de dizer às companheiras de cela, que lho perguntavam, o que tinha visto, com demasiado medo de ir abaixo e chorar.

As condições na cela ao lado, destinada às presas políticas judias, eram ainda piores. As mulheres dormiam, seminuas, no chão, quase não comiam e eram obrigadas a lavar as latrinas. Duas vezes por dia traziam-nas para o exterior e tinham de fazer ginástica enquanto lhes batiam. Lonka reconheceu uma das prisioneiras, Shoshana Gjedna, filha única de uma família da classe operária de Varsóvia. Juntara-se ao Libertdade muito nova e participara em atividades clandestinas no gueto. Fora apanhada quando levava consigo um jornal do movimento. Do pátio, tentava captar o olhar de Bela e Lonka, desejosa de encontrar-se com elas na casa de banho, de contar-lhes tudo aquilo que precisavam de saber para dar testemunho depois de ela ter sido morta.

Uma noite, Bela ouviu gritos erguerem-se para o céu. Não conseguiu dormir, cheia de medo por Shoshana. De manhã, a primeira coisa que fez foi pedir licença para ir à casa de banho. Pálida, a chorar, Shoshana contou-lhe que a meio da noite os nazis levaram os judeus para o pátio, de camisa de dormir, e soltaram os cães. Levantou o vestido: um pedaço de carne fora-lhe arrancado da perna direita. Tinha dores horríveis, mas continuava a limpar as retretes. Bela foi direta à médica e convenceu-a a tratar das feridas de Shoshana na casa de banho. Bela tapou a ligadura com um lenço.

As prisioneiras – as polacas também – estavam constantemente a ser levadas para serem executadas. Depois de qualquer incidente contra os alemães, por pequeno que fosse, várias eram enforcadas nas praças da cidade como um aviso ao povo polaco. Uma noite, as raparigas foram obrigadas a sair da cama e correr até um edifício próximo em filas de dez. Bela era a sétima na fila; Lonka a nona. As décimas eram afastadas

para um lado. Posteriormente, Bela soube que as enforcaram em candeeiros de uma ponta a outra de Varsóvia.

As prisioneiras recebiam poucas notícias do exterior, mas de vez em quando uma das secretárias polacas da prisão levava-lhe pedaços de jornais. Quando ouviram aviões russos passar lá em cima, emocionaram-se.

Aos domingos, havia todo um séquito que as inspecionava. Certa vez, Bela suplicou ao comandante polaco que lhe arranjasse um trabalho, dizendo que, sem nada que fazer, ia dar em doida. No dia seguinte, foi colocada na lavandaria. Então, disse ao comandante que a sua amiga «Chrisa» também queria trabalhar, e Lonka foi enviada para a cozinha descascar batatas. O trabalho distraía-as da fome e da fraqueza, e fazia o dia passar mais depressa. Lonka roubava algumas batatas e cozinhava-as na lareira da cozinha. Deu várias a Shoshana, para as judias.

Bela continuou a ser interrogada ao longo de quatro meses. Certa vez, disseram-lhe que se não confessasse quem lhe dera as armas seria morta ali mesmo. Como sempre, afirmou que eram suas. Foi pontapeada e espancada, e depois arrastada pelas ruas até uma floresta onde lhe disseram que tinha mais uma hora de vida. Passado algum tempo, no entanto, os guardas cederam e devolveram-na à cela. Lonka estava à espera junto à janela. «Quando vi a cara dela», escreveu Bela mais tarde, «esqueci a minha dor.»

Em novembro de 1942, 50 nomes foram lidos em voz alta: deportação. Bela e Lonka faziam parte da lista. A verdade é que a perspectiva animou Bela. Enfim, talvez, uma possibilidade de escapar. As raparigas receberam pão e marmelada, foram forçadas a subir para camiões cobertos, repletos de guardas, obrigadas ao silêncio e empurradas para vagões destinados a prisioneiros, sem uma janela onde a escuridão era absoluta. Bela e Lonka sentaram-se num canto com os seus vestidos de verão, abraçadas uma à outra, a aquecerem-se uma à outra, mantendo-se alerta sem desfalecimentos.

Muitas horas depois, chegaram e desembarcaram. Uma banda tocava marchas militares alemãs. Leram o nome da estação: Auschwitz. Uma grade de ferro por cima do portão dizia: Arbeit macht frei. Bela não sabia o que aquilo significava, mas reparou que, enquanto a entrada era larga, não havia saídas.

Auschwitz-Birkenau começou por ser uma prisão e campo de trabalho escravo para líderes e intelectuais polacos. Bela e Lonka foram separadas dos judeus, obrigadas a caminhar ao longo do arame farpado, a passar em frente de centenas de mulheres vestidas com uniformes às riscas que as observavam, a gritar, doentes, quebradas. As judias eslovacas que trabalhavam nos duches ficaram contentes por levarem polacas. Bela sentia-se atormentada pela obrigação de esconder a sua verdadeira identidade da sua gente.

Tiraram-lhe as botas e o casaco de couro. Nua, foi examinada por prisioneiros que procuravam infeções. Queria morrer. Tentou subornar a «barbeira» para lhe deixar na cabeça um pouco mais do que «escadinhas» (camadas). «Se eu não tenho cabelo», respondeu a mulher, «tu também não terás.» Enquanto tiver uma cabeça em cima dos ombros, o cabelo voltará a crescer, recordou a si mesma. Então, recebeu roupas: um vestido às riscas, um casaco abotoado com um atacador de sapatos, um cantil com água. Nada de roupa interior. Tamancas que não lhe serviam. Ao fim de muitas horas de pé, tatuaram-lhe algarismos no braço direito. Caneta elétrica. Dor horrível. Mas ninguém à sua volta chorou enquanto se tornavam números. A chuva caía. Lonka e Bela sentaram-se numa esteira estendida no chão lamacento, aconchegadas num canto, e adormeceram.

Às três da manhã, chamada. Pés descalços a enterrarem-se na lama, dezenas de milhares de mulheres, meio a dormir, a bater nas costas umas das outras para se aquecerem. Horas em pé. Guardas armadas com cães pela trela. Sem água para beber. Então, marchar, marchar, o ritmo imposto por bastões de borracha. As mulheres mais fracas que caíam eram espancadas. As guardas estavam irritadas com as mulheres por não saberem alemão. A chuva desabava. Bela estava encharcada. Levaram-nas para serem fotografadas, para poderem ser encontradas caso fugissem – uma vez com um lenço de cabeça, outra sem o lenço. A fotografia de Bela mostra-a a sorrir, até com um ar saudável.

Um dia inteiro de espera, de marcha, de fome. Bela dormia no beliche de cima – mais longe das ratazanas –, aos pés de seis outras mulheres, a sentir o cheiro a carne queimada proveniente dos crematórios ao longe. Deitou-se com as roupas molhadas, sem mantas, impossibilitada de mover-se um centímetro a noite toda. Ao menos, o calor dos corpos das outras mulheres mantinha-a quente. Durante a noite, sentiu-se espetada por objetos pontiagudos na enxerga. Mais tarde, descobriu que eram os ossos de anteriores prisioneiras. Foi assim o seu primeiro dia em Auschwitz.

Bela e Lonka foram enviadas para trabalho nos campos. Esperavam que fosse um alívio estar fora do campo, mas mesmo ali estavam sob vigia constante. As guardas, descobriu, eram mais brutais do que os seus homólogos masculinos: quanto mais torturassem as prisioneiras, mais depressa eram promovidas. Cada assassinio valia uma divisa. Burman, uma mulher de cinquenta anos sempre agarrada à trela do seu cão, Trolli, era a vigilante de Bela. Trolli mordía todas as mulheres que não conseguissem marchar a compasso. Bela recebeu uma picareta e foi mandada trabalhar das sete da manhã até às quatro da tarde; se não, 25 chicotadas. Doíam-lhe os braços, mas aguentou – pelo menos mantinha-a quente.

No fim do dia, as mulheres ajudaram a colocar as mais fracas no centro da formatura, para tentar impedir que Burman lhes batesse. As mulheres dos kommandos, ou unidades de trabalho, voltaram juntas ao complexo, obrigadas a cantar. Uma banda esperava-as junto ao portão, bem como uma minuciosa inspeção. (A banda era constituída por prisioneiros obrigados a tocar para prazer dos nazis, e também para enganar os recém-chegados.) Certa vez, Bela foi apanhada com quatro batatas. Obrigaram-na a ficar de joelhos a noite toda, sem mexer a cara para a esquerda nem para a direita. Se o fizesse, seria morta no mesmo instante. «Devo ter sido muito forte», refletiu mais tarde. «A minha mãe deu-me as ferramentas para aguentar este género de tortura.»

Bela e Lonka deram voltas à cabeça a noite inteira, a tentar descobrir uma forma de encontrar trabalhos diferentes. Uma manhã, depois da chamada, esconderam-se as duas na casa de banho (a que as prisioneiras se referiam sardonicamente como «centro comunitário» ou «café»). Dezenas de mulheres, de todas as línguas e nacionalidades, juntavam-se ali para fugir ao trabalho. Depois de os kommandos terem saído, as duas raparigas dirigiram-se à comandante, surpreendendo-a ao falarem em alemão. Lonka argumentou que falava várias línguas e podia trabalhar no escritório; quanto a Bela, explicou que era uma enfermeira diplomada. Lonka foi enviada para o escritório como tradutora, Bela para o revier, a enfermaria.

O hospital das mulheres encontrava-se dividido em três secções: polaca, alemã e judaica. Bela foi colocada na divisão alemã. Embora contrariada por estar a ajudar alemães, estava contente por trabalhar debaixo de um teto. Por outro lado, havia três pacientes por cama, a maior parte com tifo, disenteria ou diarreia. Eram incontinentes e uivavam de dor. Não havia medicamentos.

Como única enfermeira polaca, era maltratada pelos pacientes alemães, que lhe atiravam os lençóis sujos à cabeça. Atribuíam-lhe as tarefas

mais pesadas, como ir à cozinha buscar carros de mão carregados com 50 litros de água. Certa vez, ordenaram-lhe que levasse o almoço de todo o pessoal. Levantou a bandeja, mas estava demasiado fraca e deixou-a cair. Por isto, foi pontapeada várias vezes na barriga e, em seguida, espancada quando prostrada no chão. Chorou, inconsolável, e pediu para voltar ao trabalho no exterior, onde pelo menos as árvores e o vento não eram cruéis.

De regresso aos campos, Bela ouviu as conversas antissemitas das polacas, que culpavam os porcos judeus por todos os seus tormentos. A ideia de a sua verdadeira identidade ser revelada apavorava-a, receosa de murmurar qualquer coisa em iídiche enquanto dormia. No campo, pensava nos amigos, em canções hebraicas, e procurava formas de fugir, mas era impossível. Quando voltava, Lonka, que passava os dias a tentar ajudar judias no escritório das SS, estava à sua espera com pedaços de pão.

Os barracões começaram a ficar ainda mais sobrelotados. O tifo, transmitido pelos piolhos, grassava, e, ao fim de um mês de trabalho no campo, Bela apanhou-o. Ficou deitada no barracão durante quatro dias. Quando perguntou à supervisora se podia ficar na cama durante a chamada, a mulher atirou-a ao chão. A febre subiu acima dos 40, o que significava que podia ir para a enfermaria. Aí, agora mista devido ao excesso de pacientes, havia seis mulheres por cama, encaixadas umas nas outras, quase coladas por semanas de suor. Não havia água para duchas, nem compressas, nem espaço para se deitar. Bela teve de ficar sentada. Não conseguia encontrar as suas pernas. Entravam correntes de ar por todo o lado, e cada qual puxava para si o único lençol. Os pacientes alemães batiam em Bela e roubavam-lhe a comida. Barulho constante, gritos, pedidos de ajuda. Bela tinha a certeza de que ia morrer de sede, mas não conseguia beber a água da chuva que lhe levavam. Agarrava-se às vizinhas, sem reparar quando já estavam mortas.

As amigas polacas rezavam por ela, algumas pensavam que também já tinha morrido. Algumas esperavam ficar com a comida dela. Mas então aconteceu um milagre: Bela recuperou. Um dia abriu os olhos e não se lembrava de nada, receosa de ter revelado o seu segredo no meio das alucinações febris. Acrescentava «Jesus e Maria» (em vez de «Deus») extras a todas as suas conversas.

Quando Lonka a visitou, Bela notou que também ela estava doente, e a ficar cada vez mais fraca. Física e emocionalmente, Lonka perdera a vontade de viver. Bela viu a amiga apelar ao que lhe restava de forças para a confortar. Mas à medida que Bela melhorava, Lonka piorava, e foi levada para a mesma enfermaria, quase irreconhecível. Bela suplicou ao

médico que as pusesse na mesma cama. Abraçavam-se uma à outra todo o dia e toda a noite.

Ao fim de seis semanas, Bela sentia-se melhor. Embrulhou os pés inchados em trapos e conseguia andar. Comia, até apreciava o sabor da sopa. Sabia que tinha de sair dali e trabalhar, ou mandá-la-iam para a câmara de gás. Mas também precisava de ficar perto de Lonka e cuidar dela até devolver-lhe a saúde. Decidiu recomeçar a trabalhar no hospital. Era uma «ilegal», e por isso confiavam-lhe os trabalhos mais difíceis, como remover a lama das pedras entre as camas com uma faca e despejar os baldes de urina e fezes.

Entretanto, Lonka ardia consumida pelo tifo. Então, contraiu papeira. E disenteria. Bela, de cabeça perdida, fazia o que podia, lavava a amiga com neve, arriscava a vida ao roubar água potável, recebia medicamentos trazidos do campo masculino pelos limpadores dos esgotos – um dos quais era irmão de uma amiga.

Então, Bela ouviu dizer que Mengele, o médico das SS que realizava experiências clínicas desumanas com os prisioneiros e era conhecido como o Anjo da Morte, ia fazer uma seleção. Sabia que Lonka, estando tão doente, seria mandada para as câmaras de gás. Carregou-a do revier até ao seu barracão, dizendo às pessoas que a amiga estava apenas esgotada por aquele terrível trabalho. Mas era demasiado difícil esconder o tifo e mantê-la de pé durante as longas horas das chamadas, de modo que tornou a levá-la para o hospital. Lonka deteriorava-se. Os seus olhos perderam a cor e encovaram-se-lhe no rosto. Era só ossos.

Chamou Bela para junto da sua cama.

– Tenho medo de deixar-te sozinha e que não sejas capaz de manter o teu segredo – murmurou. – Nunca reveles que és judia.

Manteve Bela a seu lado durante quatro horas, a falar, a chorar, a recordar camaradas do Liberdade, o irmão. Detestava estar tão desligada, tão sozinha. Agarrou a mão de Bela. «Puxei o fio da vida até ao fim, mas tu tens de continuar e contar a nossa história. Resiste. Não percas a doçura. Olha toda a gente nos olhos. Não te percas, e sobreviverás.»

Lonka murmurou adeus. O seu último alento.

Bela não conseguia mexer-se. Recusava largar a mão de Lonka. Como podia ela sobreviver naquele inferno sem a sua amiga mais querida? Em quem confiaria? Com quem falaria?

A única pessoa em todo o universo que sabia onde ela estava, quem ela era – tinha partido.

As mulheres polacas aproximaram-se, a rezar, a pôr cartões com imagens de santos e de Jesus entre os dedos de Lonka. Bela odiou ver a sua melhor amiga morrer como cristã. Concentrou toda a sua energia em morder a língua.

O kommando que recolhia os cadáveres chegou; regra geral, pegavam nos corpos à bruta, atiravam-nos para cima de tábuas, de barriga para baixo, os pés e a cabeça pendentes dos extremos. Bela não podia permitir que Lonka fosse levada daquela maneira. Pediu ao médico uma autorização especial para usar uma maca, afirmando que Lonka era sua parente e que precisava de acompanhá-la ao «cemitério» – o lugar onde os corpos eram empilhados antes da cremação. Ao princípio, ele recusou «discriminar entre os mortos», mas acabou por ceder.

As polacas que conheciam Lonka de Pawiak juntaram-se todas. A tremer, Bela transferiu o corpo da cama para a maca e, sem ninguém ver, levantou a manta e retirou os cartões e os santinhos. Quatro mulheres carregaram a maca; outras entoavam cânticos fúnebres. Na área dos corpos, Bela levantou mais uma vez o trapo que cobria o rosto de Lonka. Não conseguia deixar de olhar; não conseguia mover-se. Disse um silencioso Kaddish, a oração dos defuntos judaica.

Então, lembrou-se de Lonka a dizer-lhe que continuasse. «Durante os anos que se seguiriam», escreveria Bela, «o carácter de Lonka acompanhou-me para todo o lado.»

Mas nesta vida, Bela estava sozinha.

,

A depenar penas na prisão de Katowice, Renia olhou para Ilza uma última vez. Aquele «Vem comigo» ecoava-lhe nos ouvidos. Tinha sido chamada. Ilza voltou-se para olhar, embaraçada, solidária.

Renia subiu vários lanços de escada até ao topo do edifício e entrou no gabinete da supervisora. Tinha a visão desfocada, sentia-se fraca. Esperava-a um homem da Gestapo com uma expressão severa e uns olhos salientes. Era o mesmo que estava sentado à secretária quando ela e Ilza chegaram. «Vai-te vestir», ordenou. Para onde iriam levá-la?

Vestiu uma saia e uma camisola. Não levou nada consigo. A supervisora e o homem da Gestapo discutiram a sua detenção. O agente da Gestapo murmurou qualquer coisa e então disse em voz alta: «Por agora, chama-se Widuchowska, mas no interrogatório vai cantar, e ficaremos a saber o seu verdadeiro nome.» (Ironicamente, o outro significado do nome Kukiełka é «cuco», uma ave canora solitária e esquiva.)

A supervisora perguntou se ela ia voltar à prisão. O homem da Gestapo disse que não sabia.

Renia deu mais uma vez por si a caminhar pela rua, acorrentada, levada por um guarda da Gestapo. «Olha bem para o vestido que estás a usar», disse o homem em alemão, que ela fingiu não compreender. «Depois da coça, vai estar feito em farrapos.»

Renia estava espantada consigo mesma. Não sentia medo. Aquelas palavras não a abalaram. Era como se estivesse a falar de outra pessoa. Estava a distanciar-se da experiência física, a preparar-se para aguentar.

De novo no edifício da Gestapo, perguntaram-lhe se compreendia alemão. Respondeu que não. Em troca, recebeu duas estrondosas bofetadas. Manteve-se calma, como se nada tivesse acontecido.

Entraram mais quatro agentes da Gestapo, acompanhados por uma intérprete. O chefe Gehringer, comandante-adjunto da Gestapo em Katowice e que a tinha levado até ali, seria o principal inquisidor.

Começou o interrogatório. Renia foi inundada de perguntas. Os homens tentavam ser astutos, uns mais do que os outros, para a confundir.

Mas como resposta, Renia endureceu-se, mantendo a sua história: os documentos eram autênticos. O pai era um oficial polaco feito prisioneiro pelos russos. A mãe morrera. Ganhava um magro sustento trabalhando numa empresa e vendendo bens da família, até que se acabassem. Um dos homens da Gestapo tirou um monte de documentos de uma gaveta, dizendo que todas as pessoas que os transportavam tinham sido presas na fronteira. Os documentos eram idênticos aos dela, com o mesmo carimbo falsificado.

Renia sentiu o sangue gelar-lhe nas veias. Felizmente, ainda tinha as faces coradas das bofetadas, ou tê-la-iam visto empalidecer.

Ficaram à espera da reação dela. Claro que Renia sabia que o falsificador vendera aqueles documentos a quem quer que lhos pagasse. Mas nem pestanejou.

– Esses documentos podem ser falsos, mas isso não prova que os meus sejam. A empresa para que trabalho é real. Trabalho para eles há já três anos. O meu documento de passagem foi redigido por um funcionário da empresa. O carimbo é do gabinete do presidente da Câmara de Varsóvia. Os meus papéis não são falsos.

Agitados, os homens da Gestapo insistiram:

– Todos os que foram apanhados disseram a mesma coisa e, mais tarde, descobrimos que eram judeus. Foram todos mortos no dia seguinte. Se confessares o teu crime, garantimos-te a vida.

Renia esboçou um sorriso irónico.

– Posso ter muitos talentos, mas mentir não é um deles. Os meus documentos são autênticos, por isso não posso dizer que são falsos. Sou católica, por isso não posso dizer que sou judia.

As palavras dela enfureceram-nos, e bateram-lhe com violência. A intérprete, de sua livre iniciativa, atestou que Renia não era judia – as suas feições eram arianas, enfatizou, o seu polaco perfeito.

– Então, és uma espia – disse o chefe da Gestapo. Todos concordaram.

Uma nova linha de interrogatório. Para que organização trabalhava como correio? A dos socialistas ou a de Władisław Sikorski, o falecido primeiro-ministro do governo polaco no exílio? Quanto lhe pagavam pelos seus serviços? O que transportava? Onde estavam localizados os campos dos partisanos?

Um deles assumiu o papel do polícia bom.

– Não sejas parva – disse-lhe. – Para de proteger os teus superiores. Quando souberem que falhaste, não te ajudarão. Diz-nos a verdade, e nós libertamos-te.

Renia compreendeu muito bem estas «bondosas» palavras.

– Muito bem – respondeu. – Vou dizer-lhes a verdade.

Estavam todos à escuta, atentos.

– Não sei o que é um correio – disse ela. – É uma dessas pessoas que entregam jornais? – Arvorou na sua expressão mais ingénua. – Não conheço o PPR nem os Sikorski, só ouvi pessoas falar deles em conversa. A única coisa que sei a respeito dos partisanos é que vivem na floresta e atacam pessoas desarmadas. Se soubesse onde estão, teria

muito gosto em dizer-lhes. Se quisesse mentir, já teria dito numa porção de nomes.

Os homens da Gestapo estavam furiosos. O interrogatório durava há já três horas e ainda nada.

Perguntada sobre a sua educação, Renia respondeu que frequentara a escola elementar até ao sétimo ano.

– Não admira que não fale – troçaram eles. – É demasiado estúpida para compreender que a sua vida é mais valiosa do que as dos outros.

Um outro objetou:

– Está mentir a respeito disto como mentiu a respeito de tudo o mais. Uma rapariga burra que não frequentou o liceu não seria capaz de mentir assim.

Todos concordaram com ele.

Apercebendo-se de que os seus esforços eram inúteis, o chefe ordenou que Renia fosse levada para outra sala, grande e vazia. Foi seguida por vários homens da Gestapo que empunhavam chicotes.

– Depois desta lição, vais cantar como um passarinho. Vais dizer-nos tudo.

Atiraram-na ao chão, a pontapé. Um segurou-lhe os pés, outro a cabeça, e os restantes começaram a chicoteá-la. Renia tinha dores em todo o lado. Ao fim de dez chicotadas, gritou «Mamã!» Apesar de estarem a agarrá-la, começou a estrebuchar como um peixe apanhado numa rede. Um dos assassinos enrolou os cabelos dela numa mão e arrastou-a pelo chão. Agora, as chicotadas abatiam-se não só sobre as costas, mas sobre todo o corpo – rosto, pescoço, pernas. Renia sentia-se cada vez mais fraca, mas mesmo assim não falou. Não podia mostrar fraqueza. Não o faria. Então, ficou tudo escuro e a dor desapareceu. Tinha desmaiado.

Acordou a sentir-se como se estivesse a nadar numa piscina. Vestia apenas uma saia. À sua volta estavam os baldes que os algozes tinham usado para lhe despejar água em cima e reanimá-la.

Os homens da Gestapo ajudaram-na a pôr-se de pé. Ela procurou a camisola e vestiu-a, envergonhada.

Retomaram o interrogatório.

Compararam os seus testemunhos. Porque não confessava?

De pistola na mão, um dos homens da Gestapo disse:

– Se não queres falar, vem comigo. Mato-te como a um cão.

Renia desceu as escadas atrás dele. A arma brilhava. Renia estava feliz. Finalmente ia acabar o tormento.

Voltou-se para o pôr do sol pela última vez. Bebeu-o, a saborear cada cor, cada matiz do céu. Como a natureza era perfeitamente bela, a demarcar cada transição, cada transformação, com exatidão e graça.

Lá fora, na rua, o homem da Gestapo perguntou-lhe com genuíno espanto:

– Não achas que é um desperdício morrer tão nova? Porque és tão estúpida? Porque não dizes a verdade?

Sem pensar, Renia respondeu:

– Enquanto houver no mundo pessoas como vocês, não quero viver. Disse-lhes a verdade, e vocês estão a tentar obrigar-me a mentir. Não mentirei! Não me importo de morrer.

Ele deu-lhe um par de pontapés, levou-a para dentro e entregou-a aos outros. «Talvez estivesse farto de lidar comigo», refletiu Renia mais tarde.

Um dos homens da Gestapo puxou uma cadeira para ela se sentar. Renia calculou que estava a tentar enganá-la com esta gentileza. O homem prometeu-lhe que se lhes dissesse a verdade a mandaria até Varsóvia para trabalhar como espia da Gestapo. Ela concordou, mas não alterou o seu testemunho.

O comandante disse-lhes que parassem de brincar com ela.

– Apliquem-lhe mais 25 chicotadas até ela suplicar para dizer a verdade.

Os homens da Gestapo começaram a bater-lhe com uma fúria desapiedada. O sangue jorrou-lhe da cabeça e do nariz. A intérprete, incapaz de assistir àquela tortura, saiu da sala. A dor fazia Renia saltar de uma ponta à outra da sala. O comandante ordenou aos homens que continuassem, e juntou-se aos outros com alguns pontapés.

Renia apagou-se. Nenhuma recordação, nenhuma sensação. Ao fim de algum tempo, sentiu alguém abrir-lhe a boca e dar-lhe água. Manteve os olhos fechados. Alguém falava, perto da sua cara. «Está morta. Está fria e a espumar da boca.» Mais baldes de água foram-lhe despejados em cima. Estava seminua e gelada e a fingir que continuava inconsciente. Dois homens da Gestapo verificaram-lhe o pulso, deram-lhe um par de bofetadas.

– Ainda a temos. Ainda tem pulsação – inclinaram-se mais, para ouvir qualquer coisa que pudesse dizer. – Está arrumada. Deitaram-na em cima de um banco. Sangue e água escorriam dela. Naquele instante, Renia lamentou terem-na trazido de volta à vida. Iam voltar a bater-lhe, e ela não ia aguentar mais uma vez. O seu coração quase não batia. Consolou-se com a ideia de que agora, após terem visto que não conseguiam arrancar-lhe fosse o que fosse, iam limitar-se a dar-lhe um tiro.

Era incapaz de manter-se de pé sozinha. Um dos homens da Gestapo ligou-lhe a cabeça com um trapo sujo, tapou-a com a camisola, agarrou-a por um braço e levou-a até à secretária. Entregou-lhe um papel e disse:

– Assina o teu nome nessas insolentes mentiras.

Quando estava a falar, a mulher entrou. Fez uma careta ao ver a cara de Renia e desviou o olhar. Então, reparou no relógio de Renia em cima da secretária e disse ao marido que, uma vez que a prisioneira ia morrer e ia, queria ficar com ele. Ele explicou-lhe que receberia o relógio, mas não já. Furiosa com a resposta, a mulher saiu a bufar.

O homem ajudou Renia a segurar a caneta e ela assinou.

Em seguida, chamaram um táxi.

O condutor convidou o guarda da Gestapo a sentar-se a seu lado, dado que ela tinha um aspeto tão «desagradável».

Mas o guarda recusou.

– Apesar de parecer um cadáver – disse –, é capaz de arrancar a porta e fugir.

Noite. Escuridão. Pela conversa dos dois homens, Renia percebeu que não ia voltar a Katowice. O guarda estava a levá-la para a prisão de Mysłowice. O motorista do táxi riu-se:

– Suponho que é o único remédio para a insolência dela.

Capítulo 26

Irmãs, vingança!

Renia e Anna

SETEMBRO DE 1943

Mysłowice. Entraram num pátio grande e escuro. Cães enormes saltaram para eles de todas as direções. Guardas armados andavam de um lado para o outro, atentos. O homem da Gestapo entrou para entregar o testemunho de Renia no escritório, e depois voltou ao táxi e foi-se embora. Um outro gestaponik, com cerca de vinte e dois anos, olhou para ela.

– Lavraram-te bem a pele, não foi? – disse.

Renia não respondeu.

Com um gesto do pulso, o homem fez-lhe sinal para que a seguisse.

Trancou-a numa cave. Renia semicerrou os olhos no escuro. Não podia sentar-se, não podia deitar-se por causa das dores. Dores insuportáveis. Por fim, conseguiu estender-se de barriga para baixo. Era como se todos os seus ossos estivessem desfeitos em estilhas. Tinha todo o corpo inchado. Não conseguia mexer os braços nem as pernas.

Como invejava os que morriam. «Nunca imaginara que um corpo humano fosse capaz de suportar tais espancamentos», escreveu mais tarde. «Uma árvore ter-se-ia partido como um pau de fósforo se fosse atacada como eu fui, e continuo viva, a respirar, a pensar.»

Mas a memória de Renia desligara-se; as coisas eram confusas na sua cabeça. Estava suficientemente lúcida para saber que os seus pensamentos não eram lúcidos. O que, claro, não era o ideal.

O seu estado piorou. Ficou na cama, embrulhada em ligaduras, durante dias. Para o almoço, davam-lhe sopa diluída e um copo de água, que ela usava para lavar a boca e a cara. Não tomara um duche. Não havia um sítio onde se aliviar. O fedor era sufocante. Como a escuridão. Tinham-na enterrado viva. «Espero a morte, sem resultado», foi assim que mais tarde descreveu o seu estado de espírito. «Não se pode encomendar a morte.»

Passada uma semana, uma jovem entrou na cela. Levou Renia a um escritório. Um agente da Gestapo interrogou-a e tomou notas. Renia estava surpreendida. Porque não a executaram? Iriam fechá-la noutra cela? A mulher levou-a a uma casa de banho e, ao vê-la encolher-se de dor, ajudou-a a despir-se.

Renia viu então o resultado dos espancamentos. Não restava um centímetro de pele branca no seu corpo, era tudo amarelo, azul e encarnado, com partes negras como fuligem. A ajudante do banho soluçou, a falar polaco, a beijá-la e a acarinhá-la, cheia de pena. Será possível que ainda haja alguém que se preocupe comigo? Ainda haverá alemães capazes de compaixão? Quem é esta mulher?

– Estive presa dois anos e meio – disse-lhe a mulher. – Passei aqui os últimos doze meses. Isto é um campo de interrogatório, onde eles retêm as pessoas até se lhes acabarem as perguntas. Há dois mil prisioneiros em Mysłowice.

– Antes da guerra era professora – continuou a mulher –, mas quando a guerra rebentou todos os suspeitos de atividades políticas na minha vila, Cieszyn, foram detidos. Todos os meus amigos foram presos. Escondi-me durante algum tempo, mas apanharam-me. Também sofri. – Mostrou a Renia as marcas no seu corpo, cicatrizes de espancamentos com correntes e de lhe espetarem alfinetes incandescentes debaixo das unhas. – Os meus dois irmãos também estão aqui. – Moribundos. Passaram seis meses acorrentados às camas, constantemente vigiados, espancados ao mais pequeno movimento. São suspeitos de pertencer a uma organização secreta. Acontecem aqui coisas horríveis, inimagináveis. Não passa um dia sem que pelo menos dez pessoas sejam chicoteadas até à morte. Aqui não há distinção entre homens e mulheres. Este é um campo para presos políticos. A maior parte será executada.

Renia refastelou-se no banho, a assimilar toda esta nova informação.

A mulher ofereceu-se para ser sua amiga. Conseguir-lhe-ia tudo o que quisesse.

– Até há pouco tempo, estive fechada numa cela – disse –, mas agora tomo conta dos banhos. Continuam a tratar-me como uma prisioneira,

mas ao menos posso andar por aí livremente.

Levaram Renia para uma sala comprida, com duas janelas tapadas por redes. Ao longo de uma das paredes, alinhava-se uma fila de beliches. Perto da porta havia uma mesa para a monitora da sala, uma das prisioneiras mais simpáticas, responsável pela limpeza. No canto, uma pilha de tigelas, do género das usadas para alimentar os leitões.

As prisioneiras – incluindo muitas professoras e pessoas da sociedade – rodearam Renia, examinaram-na com atenção e bombardearam-na com perguntas. De onde era? Porque fora presa? Qual fora a sentença? Ao saberem que fora detida apenas duas semanas antes, fizeram-lhe perguntas sobre o mundo exterior. Renia sentiu-se uma estranha entre aquelas mulheres, um grupo heterogéneo: boas e más, velhas e novas, acusadas de grandes ou pequenos crimes. Uma delas, provavelmente louca, começou a dançar para ela e a cantar disparates.

As más provocaram-na.

– Acabas de chegar da liberdade e já estás com esse aspeto horrível. Como vais aguentar? A fome é tão má que te assobia no estômago. Tens uma fatia de pão? Dá-ma.

Renia foi atraída por uma menina, talvez de dez ou quinze anos, com um rosto agradável. Antes de terem chegado à fala, já gostava dela. A menina mantinha-se à margem e olhava. Só mais tarde arranjou coragem para se aproximar e fazer perguntas. «Ainda restam alguns judeus em Będzin e Sosnowiec?» Mirka era judia. Fora deportada de Sosnowiec, mas, com a irmã, saltara do comboio. A irmã ficara gravemente ferida, mas viva. Mirka, sem saber o que fazer, dirigira-se à esquadra de polícia mais próxima. Entregaram-na à Gestapo. A irmã, ao que parecia, fora transportada para um hospital, mas não voltara a saber dela; o mais certo era ter sido morta no local. Levaram Mirka para Mysłowice e estava ali há três semanas.

– Tenho uma tão grande paixão pela vida – disse a pequena Mirka, apesar de andar de um lado para o outro como um zombie. – Talvez a guerra acabe em breve. Todas as noites sonho com as portas da prisão a abrirem-se e em ser livre outra vez.

Renia confortou-a.

– A guerra vai acabar em breve. Vais ver, um dia voltarás a ser livre.

– Quando for libertada, senhora, por favor mande-me ajuda, qualquer coisa, nem que seja um pacotinho de comida.

Mirka ajudou Renia a entrar na vida da prisão, ensinou-a a comportar-se, certificando-se de que ela tinha sempre uma tigela de sopa e uma almofada de palha à noite.

Então, Renia começou a deixar a sua sopa na mesa e a sussurrar a Mirka para que a comesse. «E a senhora?», preocupava-se Mirka, mas Renia dizia-lhe que não se preocupasse. Como desejava dizer-lhe a verdade, provar a sua própria existência.

O bloco albergava 65 mulheres. Todos os dias, algumas delas eram levadas – para serem interrogadas e espancadas, transferidas para outra prisão, ou enviadas para a morte. Todos os dias, outras mulheres chegavam para as substituir. Uma linha de produção de tortura.

A supervisora de Renia na prisão era malvada, uma autêntica sádica, sempre à espera de um pretexto para usar a argola das chaves ou o chicote. A qualquer momento podia atacar uma prisioneira, espancando-a com violência. Não passava um dia sem que ela provocasse um incidente por razão absolutamente nenhuma. Quando a guerra acabar, vamos desfazê-la em pedaços e atirá-los aos cães, fantasiavam as mulheres, a engolir a fúria, com nós na garganta. Era tudo adiado para depois da guerra. Uma prisioneira contou a Renia que, antes da guerra, a supervisora e o marido tinham uma pequena loja de pentes, espelhos e brinquedos, e que vendiam a sua mercadoria em mercados e feiras. No início da ocupação, o marido morrera de fome e ela fugira de casa, trocara de identidade e tornara-se uma folksdeutsch. O seu estatuto crescera de viúva empobrecida para «senhora alemã» que tinha a seu cargo 500 prisioneiras. «Porcas polacas», costumava gritar enquanto lhes batia. A Gestapo gostava do seu estilo.

A rotina de Renia era ao mesmo tempo entediante e medonha. Acordavam-na às seis da manhã. As mulheres iam à casa de banho em grupos de dez, lavavam-se no lavatório, com água fria e à pressa porque havia outras à espera. Às sete, a supervisora sádica chegava, e ninguém se atrevia a estar no corredor. Ficavam todas em formatura, em filas de três. A monitora da sala contava-as e transmitia o número de prisioneiras às duas supervisoras da Gestapo. A seguir, uma fatia de pão com 50 gramas, por vezes um pouco de marmelada, e uma chávena de café negro e amargo. As portas das celas eram trancadas, e as prisioneiras ficavam ociosas e cheias de fome, uma vez que a comida mais não fizera do que aguçar-lhes o apetite; contavam os minutos até às onze, quando lhes era permitido um passeio de meia hora no pátio, onde ouviam chicotadas e gritos demoníacos. Viam homens a ser levados para interrogatório e de lá trazidos, mortos-vivos de olhos ensanguentados e esbugalhados, cabeças ligadas, mãos e dentes partidos, membros deslocados das articulações, rostos amarelos como

cera, cobertos de cicatrizes e rugas, roupas rasgadas a mostrar a carne apodrecida. Por vezes, Renia via cadáveres serem carregados nas camionetas que transportavam os prisioneiros para Auschwitz. Teria preferido ficar no interior.

Na cela, silêncio. Ninguém ousava dizer uma palavra. As guardas patrulhavam o corredor. O estômago de Renia doía-lhe de fome. Cada mulher segurava a sua tigela. Quando ouviam o bater de panelas, sabiam que era meio-dia. A comida era servida por duas prisioneiras acusadas de crimes menores, acompanhadas por um guarda armado. Esperavam em fila indiana. A supervisora ficava à porta. Não obstante a fome que as fazia tremer, ninguém empurrava. «Ordem antes e acima de tudo», é a maneira seca como Renia descreve o sistema prisional nazi.

A sua tigela era enchida com um caldo aguado e algumas folhas de couve-flor. À superfície flutuavam insetos. As mulheres retiravam as lagartas à vista e comiam o resto, incluindo as folhas. «Nem cães comeriam esta espécie de sopa», escreveu mais tarde. Ninguém tinha colher, de modo que qualquer coisa mais espessa do que líquido era comida com os dedos. Se uma prisioneira recebia mais folhas de couve do que o habitual, dava-se por afortunada, capaz de aplacar a fome durante mais algum tempo. Infelizmente, não havia ninguém a quem pudessem queixar-se do serviço, comentou Renia com sarcástica ironia. Quatro horas depois de comer, sentia vontade de vomitar os vermes e as folhas de couve-flor estragadas. O seu estômago era como um saco cheio. Mas apesar disso estava sempre com fome. Sentia as entranhas contraírem-se. Recordava como, ao princípio, recusara a sopa. Mas agora, se conseguisse ao menos um pouco mais...

Depois da sopa, as prisioneiras ficavam ociosas, sentadas em bancos dispostos ao longo da parede. A espera pelo jantar demorava uma vida. Quando fossem libertadas, sonhavam as mulheres, a primeira coisa que fariam seria comer até ficarem doentes. Não fantasiavam a respeito de bolos nem petiscos, só uma fatia de pão, uma salsicha, uma sopa sem lagartas. «Mas qual de nós conseguirá sair daqui viva?», perguntava-se Renia, cada vez mais convencida de que ela não.

Às sete da tarde, faziam fila para o jantar: uma fatia de pão de 100 gramas com margarina e café. Devoravam o pão e bebiam o café para se sentirem cheias. Às nove, horas de ir para a cama. As dores da fome que dilaceravam as entranhas de Renia tornavam difícil o adormecer.

Mysłowice era mais limpa do que Katowice. Em 1942, grassara uma mortífera epidemia de febre tifoide, provocada pela desnutrição e pelas péssimas condições de higiene. Desde então, a prisão aplicava os

regulamentos e dava enxergas aos prisioneiros – mas não tinham palha suficiente para as encher, de modo que as tábuas dos catres lhes maceravam a carne. Renia tapava-se com mantas limpas, ainda que esfarrapadas. As prisioneiras dormiam vestidas, porque se os partisans atacassem teriam de fugir no mesmo instante. Durante toda a noite, polícias alemães armados patrulhavam os corredores, atentos ao mais pequeno ruído. Em circunstância alguma, as mulheres podiam sair da cela depois da hora de deitar; Renia aliviava-se num bacio.

De tempos a tempos, as mulheres acordavam em sobressalto ao som de tiros. Provavelmente, alguém no bloco dos homens tentara fugir, calculava Renia. A fuga revelava-se impossível: janelas com grades de ferro, portas trancadas, muros pontuados por torres de vigia. O edifício estava rodeado por guardas que eram rendidos de duas em duas horas e disparavam três vezes contra qualquer coisa que lhes parecesse suspeita.

Por vezes, de manhã, ouvia dizer que alguns homens se tinham enforcado durante a noite ou que uma mulher tentara fugir da casa de banho e fora espancada e fechada numa cela sem luz.

Renia passava noites em claro a pensar na fuga. Mas como?

,

Um dia, chegaram à prisão cinco judias de Sosnowiec. Apesar de terem descolorado os cabelos para se disfarçarem, foram apanhadas na estação de Katowice. Um miúdo polaco suspeitara delas e alertara a Gestapo. Confiscaram todas as suas posses. Renia falou com elas à noite, mas teve o cuidado de ocultar a sua identidade judaica; iriam reconhecê-la por a terem visto na área? Ao mesmo tempo, o reconhecimento da sua identidade era uma das coisas que mais desejava. Ninguém no mundo sabia onde ela estava; precisava de dizer a alguém para que, caso morresse, se soubesse. Por isso, alguém ia saber.

Continuavam a chegar judias com regularidade. Uma fora apanhada durante uma inspeção rotineira de documentos. Outra estava escondida em casa da amiga de um polícia alemão; não sabia quem a tinha denunciado. A família inteira fora presa. Uma mãe já de idade e as duas filhas foram apanhadas no comboio na posse de documentos com deficiências – uma delas chorara e confessara ser judia. A maior parte

das mulheres, escreveu Renia, tinha sido denunciada à Gestapo por polacos.

Quando juntaram um grupo de 20 judias, os nazis enviaram-nas para Auschwitz. O coração de Renia contraiu-se aos vê-las partir. Eram a sua gente, embora não o soubessem. Estão ser enviadas para lá, e eu fico para trás. As mulheres iludiram-se até ao último segundo – talvez a guerra acabe! –, mas no momento da partida choraram, sabendo muito bem que iam morrer. Todas choraram com elas.

Os nomes das mulheres chamadas para interrogatório eram anunciados sem aviso. Algumas desmaiavam ao ouvir os seus nomes e eram levadas para a sala de interrogatório em macas. No dia seguinte, voltavam horrivelmente deformadas pelos espancamentos. Por vezes, regressavam mortas.

A maior parte das prisioneiras era suspeita de atividade política. Entre elas havia famílias inteiras. Mães e filhas estavam com Renia; os maridos no bloco masculino. Uma mulher podia ficar a saber durante o interrogatório que o marido fora morto ou enviado para Auschwitz. As mães estavam sempre a receber informações deste género a respeito de filhos e filhas. Perdiam a vontade de viver; todas eram afetadas.

Renia soube que muitos polacos, homens e mulheres, eram executados por terem ajudado judeus. Enforcaram uma mulher suspeita de esconder em casa a sua antiga patroa judia. Com apenas vinte e cinco anos, deixava duas crianças pequenas, o marido e os pais. Algumas das prisioneiras realizaram casamentos mistos e estavam ali como reféns porque os maridos judeus andavam fugidos à polícia. Algumas nem sequer sabiam por que razão estavam presas. Chegavam a estar encarceradas três anos sem acusação formal e sem que ninguém olhasse para os seus casos. Também as sentenças in absentia eram comuns: a pessoa encarcerada não sabia por que motivo ou quando seria executada. Certa vez, uma aldeia inteira – várias centenas de pessoas – foi levada para Mysłowice. Aparentemente, os aldeãos estiveram em contacto com um partisan.

Um dia, quando Renia estava no pátio durante uma pausa, chegaram quatro camiões cheios de crianças. Havia grupos de partisans a operar na área, e os alemães vingavam-se atormentando pessoas inocentes, roubando-lhes os filhos. As crianças viviam numa cela especial, a cargo de uma prisioneira mais velha. Eram alimentadas e interrogadas tal como os adultos. Ao verem o chicote, confessavam tudo e mais alguma coisa. Estas confissões forçadas bastavam aos nazis. Enviavam as crianças para escolas na Alemanha, onde eram «educadas» para se tornarem «alemães respeitáveis».

Uma mulher polaca mostrou as mãos a Renia: sem unhas. Caíram todas depois de os nazis lhe terem enfiado por baixo alfinetes incandescentes. Tinha os calcanhares apodrecidos por lhes terem batido com ferros em brasa. As suas axilas mostravam as marcas de correntes. Penduraram-na e espancaram-na durante meia hora, e em seguida colocaram-na de cabeça para baixo e continuaram. O alto da sua cabeça não tinha cabelos porque lhes arrancaram. E que fizera ela para merecer tudo isto? Em 1940, o filho desaparecera. Dizia-se que chefiava um grupo de partisanos. Os alemães suspeitavam que os parentes mantinham contacto com ele. Era a última pessoa viva de toda a família.

Entre as companheiras de cela de Renia encontravam-se culpadas de pequenos crimes: mulheres presas por vender bens no mercado negro ou acender uma luz durante o apagão, e outros «disparates» no género, como lhes chamava. As vidas dessas prisioneiras eram um pouco mais fáceis. Podiam receber encomendas com comida e roupa. Os alemães vasculhavam tudo e ficavam com as coisas boas.

Por que razão, perguntava-se Renia, estaria ela ainda em Mysłowice? Porque não a tinham levado? Porque estava ainda viva? Tantas mulheres morriam, tantas outras eram trazidas para as substituir.

Então, uma tarde, foi a sua vez. Um supervisor entrou na cela. Olhou para Renia e perguntou-lhe de que estava acusada. Ela disse-lhe que fora presa ao atravessar a fronteira.

– Vamos.

O que ia ser? Uma bala? A forca? Tortura medieval? Ou Auschwitz?

Não sabia qual seria o método. Mas sabia qual seria o resultado:

Aquilo era o seu fim. Aquilo.

,

Auschwitz, o expoente máximo da bestialidade brutal, ficava apenas a uma viagem de camioneta de Mysłowice. Mas, apesar das terríveis condições, a resistência fermentava sob as fissuras do campo. O movimento clandestino em Auschwitz compreendia grupos (com frequência discordantes) de vários países e filosofias, incluindo jovens judeus que, em vez de serem enviados de imediato para as câmaras de

gás, tinham sido selecionados para trabalho escravo. (Por esta razão, muitas judias tentavam parecer mais novas à chegada aos campos – usavam tinta encarnada das borlas dos sapatos como rouge e batom, e margarina para alisar os cabelos e esconder as brancas.) O transporte de Będzin com camaradas dos movimentos contribuíra com vários membros para a resistência e renovara a sua energia.

A primeira vez que Anna Heilman ouviu falar da resistência foi pela boca de uma das suas companheiras de barracão, uma judia que fora presa como polaca e tinha contactos com o Exército Nacional. Anna, com apenas catorze anos, chegara a Auschwitz um ano antes com a irmã mais velha, Esther. As duas raparigas, de uma família extremamente assimilada da classe média-alta de Varsóvia, cresceram com amas e visitas a gelatarias gourmet. Agora, viviam no campo das mulheres em Birkenau, a «trabalhar» para a fábrica da Union-Werk. Na realidade, a autodesignada «fábrica de bicicletas» era uma fábrica de munições situada numa grande estrutura de um só piso e de telhados de vidro, que produzia detonadores para as granadas de artilharia usadas pelo exército alemão. Auschwitz tinha cerca de 50 subcampos e, como os campos de trabalho, muitos deles estavam alugados à indústria privada.

Anna ficou entusiasmada ao saber da rebelião. Aderira ao A Jovem Guarda no gueto de Varsóvia; fora a sua salvação espiritual. (Como não falava hebraico, nem sequer iídiche, o movimento deu-lhe o nome de Hagar – pertencia a outra tribo.) Todas as noites, o seu grupo de amigos judeus e a irmã cantavam, contavam histórias e pensavam na resistência. Assistira ao levantamento do gueto e ansiava por mais atividade. Agora, ouvia dizer que o Exército Nacional estava a organizar uma revolta em Varsóvia e entrara em contacto com o movimento clandestino em Auschwitz. Planeavam atacar o campo a partir do exterior; quando os reclusos ouvissem uma determinada senha, atacariam do interior. Homens e mulheres começaram a preparar-se. Anna e o seu grupo juntaram materiais – fósforos, gasolina, objetos pesados – que colocaram em locais previamente combinados. Conseguiram a chave do barracão das ferramentas agrícolas, de onde roubariam ancinhos e enxadas. Participavam cerca de cinco mulheres por bloco, coordenadas por uma líder. Só as líderes estavam em contacto nesta operação organizada e secreta.

Todos os dias, a caminho do trabalho, Anna passava por um homem que trabalhava como serralheiro e estava sempre a sorrir para ela. Certa manhã, enchendo-se de coragem, pediu-lhe um alicate corta-arame de pegas isoladas (para abrir passagem através do arame farpado eletrificado). Ele olhou para ela, espantado, e não disse nada. Durante

dias, Anna viveu no medo de ter sido descuidada e ser apanhada. Então, uma tarde, o homem pousou uma caixa em cima da sua bancada de trabalho. «É o teu amante!» – a palavra para protetor masculino – cochicharam as raparigas da fábrica. Anna escondeu a caixa debaixo da bancada e espreitou. Um pão inteiro! Ficou excitada, mas também desapontada. Felizmente, não houve inspeção naquele dia, de modo que conseguiu levar o pão para o campo, escondido numa pequena bolsa por baixo das roupas.

Era frequente os amantes darem prendas às raparigas. Possuir fosse o que fosse era proibido, de modo que, se apanhada, uma rapariga diria «Encontrei-o.» Aconchegada na sua cama, Anna mostrou o pão a Esther. Repararam que a carcaça fora esvaziada do miolo. No interior: um alicate, um belo alicate, com pegas encarnadas isoladas. As irmãs esconderam o tesouro na enxerga e – para o caso de estarem fora quando a senha fosse dita – disseram a algumas amigas, entre elas Ala Gertner, de Będzin, a elegante companheira de beliche cujas fotografias anteriores à guerra a mostram a posar, coquete, com um chapéu de senhora e uma camisola de gola alta.

Dias depois, Ala transmitiu-lhes a mensagem de uma amiga, a camarada do A Jovem Guarda Roza Robota, de vinte e três anos, que trabalhava no kommando das roupas, separando os artigos pessoais, os fatos e as roupas interiores dos judeus assassinados. Roza tinha um amante na unidade de trabalho conhecida como sonderkommando, constituída por judeus que operavam nos crematórios e transportavam os corpos. O namorado disse-lhe que o grupo a que pertencia seria eliminado em breve. (Os sonderkommandos eram periodicamente «reformados» – ou seja, mortos.) A revolta, dissera, estava iminente.

Não tinham armas, mas então ocorreu uma ideia a Anna: elas trabalhavam numa fábrica onde havia pólvora. Anna pediu a Esther, uma das poucas mulheres que trabalhavam na Pulverraum (a sala da pólvora), que roubasse alguma. Segundo outros relatos, foram os homens que suplicaram a Roza que pedisse a pólvora às mulheres, e ela concordara de imediato.

Roubar pólvora da Pulverraum? Toda a fábrica era aberta, transparente, concebida propositadamente para tornar impossíveis os segredos, as bancadas rodeadas por caminhos de vigilância. Os encarregados sentavam-se em cabinas de onde podiam vigiar tudo. Idas à casa de banho, refeições, uma pausa no trabalho – tudo era proibido. Qualquer coisa podia levar a uma acusação de sabotagem. A Pulverraum não tinha mais de três metros por um metro e oitenta. «Impossível, ridículo, esquece», disse Esther. Mas ficou a pensar naquilo.

Não obstante a vigilância constante, a sede enlouquecedora, as torturas e a ameaça de castigos coletivos, as judias nos campos de concentração revoltavam-se. Quando ordenaram a Franceska Mann, uma bailarina do famoso clube noturno de Varsóvia, Melody Palace, que se despidesse à chegada a Auschwitz, ela atirou os sapatos à cara do nazi que a mirava de olhos gulosos, roubou-lhe a arma e disparou contra dois guardas, matando um deles. Um grupo de 500 mulheres a quem tinham sido dados paus e ordens para bater em duas raparigas acusadas de roubar cascas de batata recusou obedecer, apesar de terem sido espancadas e obrigadas a ficar de pé toda a noite, sem comida, com um frio de rachar. Em Budy, um subcampo agrícola, um grupo de mulheres tentou uma fuga organizada. Em Sobibor, mulheres roubaram armas aos SS para os quais trabalhavam e entregaram-nas ao movimento clandestino.

Em Auschwitz, uma mulher belga chamada Mala Zimetbaum, que falava seis línguas, foi escolhida para servir de intérprete aos SS – um trabalho que lhe garantia liberdade de movimentos. Usou a sua posição privilegiada para ajudar judeus: levava medicamentos, servia de contacto entre membros de famílias separadas, falsificava as listas dos prisioneiros que chegavam, arranjava trabalhos mais leves para os fracos, alertava os que estavam no hospital de seleções iminentes, convencia os SS a desistir de castigos coletivos e até lhes pediu que deixassem os prisioneiros usar meias. Mala vestiu-se de homem e saiu do campo numa falsa «comissão de trabalho» – a primeira mulher a conseguir escapar –, mas foi apanhada ao tentar sair da Polónia. Quando a sua sentença estava a ser lida, cortou os pulsos com uma lâmina de barbear que escondera nos cabelos. Quando um SS a agarrou, esbofeteou-o com a mão ensanguentada e rosnou: «Vou morrer como uma heroína, mas tu vais morrer como um cão!»

Bela Hazan esteve presente na execução de Mala. Continuou a manter o seu disfarce polaco e voltou a trabalhar como enfermeira. Depois da morte de Lonka, ficou arrasada, mas um dia, a banda tocou uma marcha que lhe recordou um camarada de Będzin. Começou a chorar. Uma das instrumentistas reparou. As duas falaram, e Bela ficou a saber que a mulher, Hinda, integrara um movimento juvenil. Arriscou e confessou-lhe que era judia. Ser conhecida era ser. Choraram as duas juntas, desejosas de abraçar-se e falar da resistência. O grupo de raparigas que chegara com ela nos transportes queria revoltar-se, disse Hinda a Bela. Uma delas conseguira uma ferramenta para cortar arame farpado. À noite, os guardas estavam quase sempre bêbedos. Numa noite sem Lua, meteram mãos à obra: cavar um túnel para pôr judias em segurança. Duas cavavam enquanto quatro montavam guarda. Bela ajudou a cavar. O túnel passava por baixo do arame farpado, começando no lugar onde os comboios paravam. Bela recordou que, certa vez, tinham feito passar

duas raparigas de quinze anos vindas da Alemanha. As raparigas ficaram espantadas quando lhes disseram que estivessem caladas e rastejassem pelo túnel, mas Bela estava encantada por conseguirem levá-las para o campo de trabalho. Ensinou-as a comportarem-se como ilegais e vestiu-as com roupas de pacientes mortas. Uma judia que trabalhava na casa de banho escondia-as durante as chamadas. Bela roubava batatas e cenouras para as alimentar. As raparigas não conseguiam compreender porque haveria uma polaca de as ajudar.

Bela usava constantemente a sua posição como enfermeira para ajudar judeus doentes, servindo-lhes sopa que continha um pouco mais de couve, acariciava-lhes a testa enquanto lhes dava a beber pequenos goles de água, oferecia-se para trabalhar na enfermaria das judias com sarna. (Toda a gente assumia que o fazia pelas suas «razões comunistas», ou, como ela afirmava, para impedir que a sarna chegasse às polacas e às alemãs.) Avisava as pacientes antes de o doutor Mengele aparecer para uma seleção e escondia as mais doentes.

Bela sabia que a sua bondade parecia não só estranha às prisioneiras judias, mas também suspeita. Compreendia, claro, os murmúrios em iídiche a respeito da possibilidade de ser uma espia. Mesmo assim, ficaram satisfeitas quando ela autorizou as judias que trabalhavam no hospital a celebrarem o Hanukkah. Por dentro, ficou muito triste por não poder participar, mas precisava de ser «mais papista do que o papa». Em vez disso, enfeitou uma árvore com figurinhas do Pai Natal.

Uma das supervisoras de Bela, Arna Cook, era uma mulher de pequena estatura, zangada e cruel. Insistia em que Bela lhe limpasse o quarto, lhe levasse café e lhe engraxasse as botas. Certa manhã, Bela apareceu para cumprir os seus deveres e Arna não a ouviu entrar. Bela viu-a deitada na cama de pernas abertas, a fazer sexo com o seu pastor alemão. Fechou a porta e fugiu, sabendo que se fosse apanhada teria sido morta.

Mais tarde, Arna bateu-lhe por não ter comparecido no trabalho a horas. Levou-a de volta a Birkenau para realizar trabalhos forçados e obrigou-a a juntar-se a uma unidade que abria valas – uma tarefa tremendamente exigente. Sem pausas, com espancamentos constantes; as raparigas que caíam eram abatidas a tiro. As outras carregavam os corpos ao ritmo da banda marcial.

Uma vez, durante o trabalho, homens das SS arrastaram uma das raparigas para a floresta próxima. Bela ouviu-a gritar. Nunca mais voltou. Veio a saber-se que a obrigaram a ter sexo com um cão. Ela suplicou que a matassem. Os SS riram-se. «Este cão encontrou um bom motivo de prazer», ouviu-os Bela dizer. Não foi a única vez que isto

aconteceu. Outra sobrevivente de Auschwitz relatou que os nazis a obrigaram a despir a filha pequena e a vê-la ser violada por cães.

Bela e as outras prisioneiras estavam aterrorizadas pela ideia de sair para o trabalho. Decidiram que se aquilo voltasse a acontecer, todo o kommando se revoltaria. Depois do terceiro incidente de violação com cães, quando os alemães arrastaram outra rapariga, as 20 que constituíam a unidade começaram a gritar. Os SS fecharam-nas numa cave, onde foram forçadas a ficar de pé dias e noites sem fim, alimentadas apenas uma vez a cada 96 horas. Saíram deste confinamento fisicamente quebradas, mas reconfortadas pelo conhecimento de que haviam resistido. As mulheres uniram-se e protegiam-se umas às outras.

As mulheres de muitos campos de trabalho, incluindo Auschwitz, revoltavam-se sabotando os produtos que eram forçadas a fabricar, prejudicando a produtividade ou a qualidade. Enfraqueciam os fios de cânhamo na fábrica de tecelagem, trocavam as medidas das peças para bombas, deixavam cair um arame no meio dos rolamentos de esferas e deixavam as janelas abertas durante a noite para que as canalizações congelassem. A sabotagem das munições fazia explodir as armas dos alemães. Fania Fainer, uma nativa de Białystok vinda de uma família de membros do Bund, punha ocasionalmente areia em vez de pólvora nas munições produzidas na Union.

Quando Fania estava quase a fazer vinte anos, a sua amiga Zlatka Pitluk decidiu que uma data tão importante precisava de ser festejada. Zlatka, que adorava trabalhos manuais, arriscou a vida para juntar materiais encontrados no campo e usou uma mistura de água e pão para os colar e criar um cartão de parabéns tridimensional com a forma de um coração – semelhante a um livro de autógrafos, um artigo muito popular na altura. O cartão, um pequeno objeto forrado a tecido roxo (arrancado da camisola interior secreta de Zlatka), tinha um F na capa, bordado a fio cor de laranja. Zlatka passou, então, o livrinho a dezoito outras prisioneiras, incluindo Anna, que escreveram as suas mensagens de parabéns. Em oito páginas minuciosamente montadas como um origami e que se abriam para formar um trevo, estão registados os votos das prisioneiras, escritos nas mais diversas línguas: polaco, hebraico, alemão, francês.

«Liberdade, Liberdade, Liberdade, O meu desejo no dia do teu aniversário», escreveu uma mulher chamada Mania, arriscando-se a ser assassinada.

«Não morrer será a nossa vitória», escreveu outra.

Uma mulher citou um poema polaco: «Ri entre as pessoas [...]. Sê ligeira quando dançares [...]. Quando fores velha, põe óculos e recorda o que em tempos fizeste.»

A camaradagem, um desafio que era escondido e até ilegal, dava esperança às mulheres e ajudava-as a perseverar.

,

Esther acabou por aceitar roubar a pólvora.

A irmã de Anna fazia turnos de doze horas em frente a uma máquina que prensava a pólvora – cor de ardósia e com a consistência de sal grosso – num formato semelhante ao de uma peça do jogo das damas. Era a parte que deflagrava a bomba.

Anna atravessou um corredor poeirento que tresandava a acre, passou por vários supervisores e dirigiu-se à Pulverraum, como se estivesse de serviço à recolha do lixo. O posto de Esther ficava próximo da entrada; Esther entregou-lhe uma pequena caixa metálica, das que eram usadas para os resíduos: escondera pedaços de pólvora, embrulhados em trapos, no meio das sobras. (Os trapos vinham de camisas rasgadas ou de lenços trocados por pão.) Anna levou a caixa para a sua mesa, tirou os embrulhos de pano e escondeu-os debaixo do vestido. Encontrou-se com Ala na casa de banho, onde dividiram os pacotes e os esconderam nas roupas. No fim do dia, Esther transferiu alguns para o seu corpo antes de regressar ao campo, com socas de madeira, quilómetro e meio de marcha à chuva, com neve ou com um Sol escaldante. Se houvesse uma inspeção, as raparigas abririam os embrulhos, deixariam a pólvora cair no chão e espalhá-la-iam com os pés. Ala entregou a pólvora a Roza.

Não foram só elas. Uma rede constituída por cerca de 30 judias entre os dezoito e os vinte e dois anos roubava pólvora boa e usava a estragada naquilo que produziam. Contrabandeavam explosivos dentro de caixas de fósforos, no peito, entre os seios. Embrulhavam em papel montinhos de 250 gramas e enfiavam-nos nos bolsos dos ásperos vestidos azuis. Um dia, três raparigas conseguiram juntar duas colheres de chá. Marta Bindiger, uma das amigas mais próximas de Anna e coletora, conservou os pacotes consigo durante vários dias até serem «recolhidos». A operação envolvia quatro níveis de cadeias de raparigas que não sabiam umas das outras. Tudo ia desembocar em Roza, que fazia a ligação entre as diferentes fações da resistência.

Roza entregou a pólvora aos homens. Os membros do sonderkommando, que estavam autorizados a entrar no campo das mulheres para remover os cadáveres, transportavam os explosivos numa tigela de sopa com um fundo falso, nas costuras dos aventais e na carreta que usavam para retirar os corpos das judias falecidas durante a noite. Escondiam os pacotes de pólvora debaixo dos cadáveres, e depois nos crematórios. Um prisioneiro russo transformava a dinamite em bombas, usando latas de sardinha e de graxa. Ali perto, uma adolescente chamada Kitty Felix tinha como missão revistar os casacos dos prisioneiros assassinados e procurar artigos de valor. Roubava diamantes e ouro, e escondia-os atrás de uma latrina; trocavam-nos por explosivos.

As raparigas viviam no medo e na excitação. Então, um dia, o pandemónio. Nenhuma senha, nenhum aviso. A revolta, organizada com tanto cuidado ao longo de meses, não podia ir por diante como planeado porque os homens do sonderkommando descobriram que seriam enviados para as câmaras de gás naquele mesmo dia. Era agora ou nunca.

A 7 de outubro de 1944, a resistência judaica atacou um SS com martelos, machados e pedras, e mandou pelos ares um crematório, onde colocara tapos embebidos em petróleo e álcool. Desenterraram as armas escondidas e mataram um punhado de guardas das SS, ferindo outros; atiraram um nazi particularmente sádico para dentro de um forno, vivo. Cortaram o arame farpado e fugiram.

Mas não com rapidez suficiente. Eram 300; os nazis mataram-nos a todos, e, em seguida, fizeram uma chamada formal para os cadáveres, que dispuseram em formatura. Várias centenas de prisioneiros fugiram no meio da confusão; também eles foram perseguidos e mortos.

Depois disto, os nazis descobriram as bombas improvisadas: caixas de lata cheias de pólvora que só podia ter vindo de um sítio – Pulverraum. Seguiu-se uma investigação intensiva. As pessoas eram levadas, torturadas, e há muitos relatos contraditórios de denúncia e traição. De acordo com as memórias de Anna, uma companheira de barracão chamada Klara foi apanhada com pão e denunciou Ala em troca do perdão do castigo. Por sua vez, Ala, torturada, revelou que Roza e Esther estavam envolvidas. Numa versão, os nazis ordenaram a uma agente infiltrada, uma checa meio judia, que seduzisse Ala com chocolates, cigarros e afeto até que ela revelasse nomes.

Esther foi levada para uma cela de castigo. Anna ficou horrorizada e desanimada. Um dia, como aviso, também ela foi levada para

interrogatório e espancada. Limparam-lhe o sangue da cara. O «polícia bom» perguntou-lhe num tom paternal:

– Quem roubou a pólvora? Porquê? Onde? O que te disse a tua irmã?

Anna olhou para ele, muda.

– A Esther confessou tudo – continuou o nazi –, por isso mais vale dizer-nos.

– Como pode a Esther ter confessado seja o que for? – contrapôs Anna.
– Está inocente e não é mentirosa.

Libertaram-na e, felizmente, mandaram Esther de volta ao barracão. Toda ela estava negra e azul. A pele das costas fora cortada em tiras. Não conseguia mexer-se nem falar. Marta e Anna cuidaram dela, e começou a melhorar.

Alguns dias mais tarde, no entanto, os nazis voltaram e levaram Ala, Esther, Roza e Regina, uma nativa de Będzin que era a supervisora da Pulverraum.

As raparigas foram condenadas à força. Anna ficou louca; Marta admitiu-a no revier para impedir que se matasse. Tentou entrar em contacto com a irmã, tentou vê-la, mas nunca o conseguiu.

Um combatente da resistência da terra de Roza usou vodca para convencer o guarda do bunker da tortura a deixá-lo entrar para vê-la. «Entrei na cela da Roza», recordou Noah Zabłudowicz. «Vi uma figura caída no frio chão de cimento como um monte de trapos. Ao ouvir a porta abrir-se, voltou-se para mim [...]. Pronunciou então as suas últimas palavras. Disse-me que não traía [ninguém]. Queria dizer às camaradas que não tinham nada a temer. Temos de seguir em frente.» Não estava triste, nem arrependida, mas queria morrer sabendo que as ações do movimento não cessariam. Entregou-lhe uma nota para as camaradas. Estava assinada com a exortação Chazak V'Amatz. Sejam fortes e corajosas.

Esther escreveu uma última carta a Anna e outra a Marta, a pedir-lhe: «Toma conta da minha irmã, para que eu possa morrer descansada».

«Irmãs de campo» eram família.

No dia da execução, as quatro mulheres foram enforcadas em raras cerimónias públicas destinadas a aterrorizar as prisioneiras e a dissuadi-las de mais sabotagens e rebeliões. Executaram duas durante o turno do dia, as outras duas no turno da noite. Todas as prisioneiras

judias foram obrigadas a assistir; eram espancadas se desviassem os olhos por um segundo que fosse. As amigas de Anna esconderam-na e seguraram-na para que não tivesse de ver. Mas ouviu. «Um rufar de tambores», escreveu mais tarde a descrever a cena, «um gemido saído de milhares de gargantas, e o resto foi névoa.» Bela Hazan também lá estava, como a enfermeira polaca encarregada de retirar os corpos.

Com o seu último alento, antes de o nó se apertar, Roza gritou em polaco: «Irmãs, vingança!»

Capítulo 27

A luz dos dias

Renia

OUTUBRO DE 1943

No exterior da cela em Mysłowice, um polícia alemão esperava por Renia.

– Tu – disse ele.

Ela demorara o mais que pudera, agarrada à última réstia de esperança. Estava pronta. Pronta para morrer.

– Todos os dias – disse o polícia numa voz lenta, deliberada –, virá alguém buscar-te para um novo trabalho. Vais trabalhar na cozinha da polícia.

O quê?

Renia não disse nada, mas abanou a cabeça, aliviada. Afinal, não era Auschwitz. Nem sequer um interrogatório, era uma promoção.

Um mês depois de ser presa, Renia deixava Mysłowice pela primeira vez. Na rua, na rua normal, a caminho da esquadra da polícia, procurou ansiosamente alguém que conhecesse. Alguém familiar, alguém a quem pudesse falar do seu encarceramento. Mas eram todos desconhecidos.

O seu turno de trabalho ia das quatro da madrugada às quatro da tarde. Saía da sua cela para uma escuridão que se alumiava em aurora e depois se fundia na claridade do dia. A cozinheira era uma alemã gluttona, mas alimentava-a bem, e Renia recuperou as forças. Devido às inspeções diárias, não podia levar comida para a cela, mas saciada depois do trabalho, dava os jantares da prisão a mulheres mais famintas do que ela, sobretudo judias. As outras ficavam a olhar, furiosas.

Um dos polícias que a acompanhavam até ao trabalho tratava-a com simpatia, dava-lhe cigarros, maçãs e pão com manteiga. Disse-lhe que tinha vivido muitos anos na Polónia, mas nascera em Berlim. Tornara-se folksdeutsch. Fora obrigado a divorciar-se da sua mulher polaca; ela pegara no filho e fugira para casa dos pais.

«Não sei dizer por que razão acreditava e confiava nele», escreveu Renia mais tarde. «Sentia que era um homem honesto e que a sua amizade me poderia beneficiar.»

Certa noite, quando as prisioneiras estavam a dormir, Renia escreveu uma carta. Tinha de arriscar. Pediu ao simpático polícia que a enviasse para Varsóvia, «para os meus pais». Desde que fora presa, explicou, ninguém sabia do seu paradeiro. Ele prometeu pôr um selo na carta e enviá-la. Então, apontou-lhe um dedo, a avisá-la para que não falasse daquilo fosse a quem fosse.

Mas a partir daquele momento, Renia não foi capaz de dormir. Que tinha ela feito? E se o polícia entregasse a carta à Gestapo? Isso iria tornar a sua situação muito mais difícil. A missiva, ainda que codificada, continha informação e algumas moradas; ia ser preciso retirar certas coisas daqueles lugares. Mas, sobretudo, queria que os camaradas soubessem onde estava. A cada dia que passava, porém, mergulhava mais fundo no vórtice do complexo prisional nazi, e parecia menos provável que alguém a encontrasse.

,

Uma noite, já tarde, trouxeram quatro mulheres e um bebé para a cela. Tudo judeu, exceto uma das mulheres, Tatiana Kuprienko, uma russa nascida na Polónia. Expressando-se numa mistura de russo e polaco, Tatiana explicou que estivera a esconder aquelas judias que a tinham ajudado antes da guerra. Abrigara e alimentara seis adultos e um bebé no seu sótão, assumindo que ninguém sabia. Contratara um falsificador e conseguira-lhes documentos polacos a um preço exorbitante, na esperança de que encontrassem trabalho na Alemanha. A maior parte das mulheres mostrara-se relutante em se separar dos maridos, cujas feições eram demasiado judias, mas uma delas partira e escrevera a dizer que arranjava um emprego.

– Dois meses e meio mais tarde, a polícia apareceu em minha casa com um rapaz polaco de dezassete anos – continuou Tatiana. – Antes que pudesse abrir a boca para falar, o rapaz disse aos polícias que eu albergava judeus. Fomos todos presos. Os meus dois irmãos e o falsificador também. Ainda hoje não sei explicar como souberam do sótão, dos documentos falsos, da mulher na Alemanha e o que paguei ao falsificador. Antes de anotarem o meu testemunho, leram em voz alta o que sabiam; era tudo verdade.

Ná esquadra de polícia, Tatiana fora espancada. Os homens da Gestapo disseram-lhe que a sua sorte era ser russa, pois, caso contrário, seria enforcada. Não paravam de ameaçar matá-la ou mantê-la presa por toda a vida.

Dois dias mais tarde, as judias e os maridos tinham sido enviados para Auschwitz. Dois dias depois disso, trouxeram a mulher que partira para a Alemanha num estado de absoluto desespero. Convencida de que ia sobreviver passando o resto da guerra a trabalhar para um agricultor perto de Berlim, de repente fora presa. Depois do interrogatório, devolveram-na à cela numa maca, desfigurada ao ponto de Renia quase não a reconhecer. Arrancaram-lhe do corpo enormes pedaços de carne. Os nazis amordaçaram-na, bateram-lhe nos pés com varas metálicas e furaram a pele com um ferro em brasa. Apesar desta tortura, a mulher não revelara o nome do falsificador nem admitira conhecer Tatiana. Os nazis usaram métodos semelhantes para torturar Tatiana.

Um dia, quando se sentia mais animada, Tatiana disse a Renia:

– Depois de tudo por que passei, tenho o pressentimento de que um dia serei libertada. Tenho de viver para cuidar da minha mãe. Tenho um cunhado rico em Varsóvia; talvez ele me resgate.

Renia sorriu, assumindo que ela enlouquecera em consequência de tantos espancamentos.

Alguns dias depois, chamaram pelo nome de Tatiana. Ela empalideceu – mais um interrogatório. Seria o seu fim. Saiu da cela e foi levada pela Gestapo.

Mas passados poucos minutos, Renia ouviu um riso histérico. Tatiana regressou, beijou todas as companheiras e disse-lhes que tinha sido libertada – ia para casa!

Quando se aproximou de Renia para a beijar, segredou-lhe ao ouvido que o cunhado pagara meio quilo de ouro por ela.

Os olhos de Renia iluminaram-se. Se era possível subornar a Gestapo, mesmo ali em Mysłowice, talvez houvesse esperança.

Uma tarde, um táxi parou diante do portão do campo. Dois homens trajando à civil apearam-se, mostraram papéis que os diziam agentes secretos da Gestapo e dirigiram-se ao bloco dos homens, à mais terrível das celas, onde sombras com forma humana estavam acorrentadas às camas. Os esbirros à paisana da Gestapo chamaram os nomes de dois jovens acusados de liderar um grupo de partisans. Tiraram-lhes as correntes e levaram-nos para o táxi que aguardava, e que rapidamente desapareceu. Os guardas que viram os prisioneiros ser levados pela Gestapo, uma coisa que nunca acontecia, ficaram desconfiados e, logo depois de o táxi partir, ligaram para delegação da Gestapo em Katowice. Afinal, os dois «agentes à paisana» eram partisans que usaram documentos falsos. Os quatro homens desapareceram. Livres.

Renia ficou deliciada. «Aquele incidente despertou a minha paixão pela vida e a minha fé na liberdade», recordou. «Quem sabia, talvez um milagre pudesse acontecer-me também a mim.»

As autoridades da prisão, no entanto, estavam furiosas. Os guardas foram presos. A disciplina foi reforçada, os casos reabertos. De súbito, uma manhã, informaram Renia de que não iria trabalhar. Em vez disso, bateram-lhe e fecharam-na numa cela escura, alegadamente como castigo pela sua mentira de ter apenas tentado atravessar a fronteira. Agora, era suspeita de espionagem. O espancamento gravou uma cicatriz permanente na sua testa.

Transferiram-na para uma cela destinada a presas políticas. Ali ninguém saía para trabalhar. De poucos em poucos dias, aparecia uma comissão da Gestapo para as examinar, como gado num mercado. Não havia a mais pequena esperança de sair.

Por acaso, Renia soube através de uma mulher de Katowice que Ilza confessara ser judia e fora enforcada. O seu coração partiu-se num milhão de pedaços, mas não mexeu um músculo. «Mesmo que me espetassem com uma faca, não quebraria.»

Dia e noite, Renia contemplava a sorte das camaradas. Sentia que estava a perder a memória, a enlouquecer. Não era capaz de concentrar-se. Não conseguia recordar-se do seu testemunho. Não tinha a certeza de poder confiar em si mesma se a interrogassem mais uma vez. Era atormentada por uma dor de cabeça constante. Estava fraca, mal conseguia manter-se de pé. As prisioneiras eram proibidas de se deitarem nas camas durante o dia, mas a carcereira teve pena dela e deixava-a sentar-se na beira do catre. Levantava-se de um salto sempre que ouvia o tilintar das chaves da supervisora, para que ninguém a visse sentada sem fazer nada, assombrada pelo rosto jovem de Ilza.

Estivera tão perto da liberdade.

Capítulo 28

A grande fuga

Renia e Gusta

NOVEMBRO DE 1943

– Isto é para ti – segredou uma mulher, e entregou um papel a Renia. – Deram-mo quando estava a trabalhar no campo. Renia, que ia a caminho da casa de banho, sobressaltou-se. – A mulher volta amanhã para saber a resposta e entregar um embrulho com comida.

Renia pegou no papel com mãos que tremiam. Seria possível? Agarrou-se a ele todo o dia.

Finalmente, à noite, quando todas as prisioneiras à sua volta dormiam, Renia abriu o seu tesouro e devorou cada palavra. Seria autêntico? A caligrafia parecia ser de Sarah.

A irmã dizia-lhe que ainda estavam todos vivos. Os camaradas tinham encontrado lugares para se esconderem em casas de polacos. Soubera da sorte de Renia graças à carta que Zivia recebera em Varsóvia. O polícia enviara-a! Agora, Sarah queria saber como podiam ajudar. Os camaradas fariam tudo para a tirar dali. «Não percas a coragem», escrevia Sarah.

Renia releu aquela nota dezenas de vezes.

A pensar, a planear, a maquinar.

Certificou-se de que estava toda a gente ainda a dormir. Já passava da meia-noite.

Deslizou para fora da cama e dirigiu-se descalça à secretária da monitora. O mais silenciosamente que pôde, tateou no escuro à procura de um lápis. E encontrou-o!

Sarah, sempre preparada, tinha incluído um pedaço de papel para a resposta.

Renia voltou à cama em bicos de pés e escreveu:

«Em primeiro lugar, deves pagar generosamente à mulher que me trouxe a nota, uma vez que arriscou a vida. Em segundo lugar, seria possível pagar-lhe para trocar de lugar comigo, para eu poder ir para o campo? Poderemos, então, encontrar-nos e decidir o que fazer.»

De manhã, na casa de banho, Renia passou o papel à mulher, Belitkova, e combinou voltar a encontrar-se com ela naquela noite.

Durante todo o dia, sempre que podia, Renia releu a nota de Sarah: «Faremos tudo para te tirar daí. A Zivia enviou uma pessoa com dinheiro.» Os amigos estavam a salvo.

Nessa mesma noite, chegou outra nota:

«Vai correr tudo bem. Depois de muita persuasão, a Belitkova aceitou deixar-te ir para o campo no lugar dela. Será paga com valores e muito dinheiro. Vou mandar tudo para casa dela esta noite. É pobre e precisa desesperadamente de dinheiro.»

No dia seguinte, Renia enfiou o vestido de Belitkova e mudou-se para a cela dela; Belitkova substitui-la-ia na chamada. A manhã de novembro estava gelada, e Renia tapou a cara com todos os trapos que conseguiu encontrar. Felizmente, nenhum dos guardas a conhecia.

Chegou à praça com o grupo de trabalho de Belitkova e encontrou prisioneiras russas, francesas e italianas – tanta gente. Foram todas trabalhar, a carregar tijolos para um vagão de comboio. Apesar da relativa facilidade da tarefa, Renia estava ainda demasiado fraca para a fazer. Cada tijolo em que pegava caía no chão, atraindo olhares. Estava tão impaciente. Quando iria Sarah chegar? Cada segundo era uma eternidade.

Então, à distância, Renia avistou duas senhoras bem-vestidas, elegantes – e uma delas tinha o passo confiante de Sarah. Viu a irmã estudar os arredores. O mais certo é nem sequer me reconhecer. Renia começou a aproximar-se. As prisioneiras observavam, intrigadas: com quem iria aquela rapariga de Varsóvia, sem contactos locais, falar?

– São conhecidas de uma companheira de cela – mentiu Renia, tentando fazer um ar descontraído enquanto se dirigia para o portão.

O guarda-chefe caminhou atrás dela. Não a conhecia, e felizmente nada sabia da sua história de presa política. Renia aproximou-se do muro, e apesar do guarda colado aos seus calcanhares, as duas irmãs não conseguiram conter as lágrimas. Era mesmo ela. Sarah ofereceu pastéis ao guarda enquanto Renia falava com a outra rapariga, Halina. Zivia

enviara-a de Varsóvia, e Renia percebeu porquê. «Não importa se falhares», disse Halina, os olhos verdes cravados no rosto de Renia. «Tens de tentar sair daqui. A tua vida corre perigo de qualquer maneira.»

Combinaram encontrar-se no mesmo lugar na semana seguinte. As raparigas levariam roupas para ela. Renia precisava de se preparar para fugir.

Não podia ficar muito tempo perto do muro sem levantar suspeitas. Sacudida pela emoção, viu a irmã e Halina afastarem-se e desaparecerem, a sentir uma determinação que não era despertada há muito tempo. Repetiu para si as palavras de Halina: Tens de tentar.

,

Mas logo que regressou do trabalho, Renia foi-se abaixo. O crânio latejava. Não conseguia manter-se de pé. O encontro com Sarah desencadeara qualquer coisa dentro da sua cabeça, escreveu mais tarde. A febre subiu aos 40 graus e manteve-se assim três dias seguidos. Na sua confusão, começou a balbuciar, o que era uma ameaça muito real. E se falasse em iídiche? E se revelasse a sua verdade? Algumas companheiras de cela apiedaram-se dela e ofereciam-lhe o pão dos seus pequenos-almoços, mas ela não conseguia engolir nada. Ia perder a sua oportunidade. Ia morrer.

Quando, por fim, como que por milagre, a febre cedeu, as companheiras de cela celebraram uma oração especial de domingo para agradecer a Deus pela sua recuperação. Renia, genuinamente grata, levantou-se da cama para se lhes juntar, ajoelhando e rezando com fervor, como aprendera a fazer.

A meio da oração, porém, um relâmpago de calor. Renia perdeu os sentidos. A porta estava trancada e as mulheres não tinham como arranjar água. Salpicaram-na com o líquido sujo usado para lavar as tigelas.

Renia recuperou os sentidos, mas ficou mais dois dias de cama. Como podia aquilo acontecer?

Tinha de levantar-se, tinha de pôr-se bem. Tinha. Tens de tentar.

,

«12 de novembro de 1943. Uma data gravada na minha cabeça», escreveu Renia nas suas memórias. Depois de uma noite sem sono, foi a primeira a saltar da cama. Aquele era o dia.

– Não – disse-lhe a monitora da cela –, hoje não podes ir para o campo.

O quê?

– Porque não? A semana passada deixou-me ir.

Belitkova concordara em permutar mais uma vez de lugar, a troco de muito dinheiro.

– É demasiado arriscado. E se o chefe do campo percebe que és uma das presas políticas? Será um problema para todas nós.

– Por favor – suplicou Renia. Era tudo o que lhe restava. – Por favor, peço-lhe.

A monitora da cela resmungou e deixou-a ir. Os pequenos milagres não tinham fim.

Vestida com as roupas de Belitkova e coberta de lenços, Renia saiu. A supervisora não a reconheceu. As mulheres à sua esquerda e à sua direita apoiavam-na, para que não caísse; eram precisas tantas mulheres para a ajudar a viver. Por fim, chegaram à praça. Quinze mulheres, cinco guardas. Renia arrumou os tijolos e olhou em redor, à procura de Sarah e Halina. Não estavam em parte alguma.

Dez da manhã. Chegaram! Renia olhou à sua volta: as prisioneiras estavam todas ocupadas com os seus próprios tijolos, os seus próprios fardos. Costa livre. Abandonou o local de trabalho.

Mas antes que chegasse junto das raparigas, o guarda-chefe estava ao seu lado, a gritar.

– Como te atreves a deixar o trabalho sem a minha autorização?

Sarah tentou aplacá-lo, a namoriscar, a pedir.

– Voltem às duas com cigarros e bebida – murmurou Renia a Halina.

As prisioneiras estavam furiosas com Renia por ter desobedecido ao guarda-chefe – estava a pôr toda a gente em perigo.

Renia voltou aos tijolos, calma por enquanto. Então, pouco antes do almoço, um dos guardas chamou-a.

– Então, tu és uma presa política – disse-lhe, para seu horror. – És muito nova e tenho pena de ti. Caso contrário, teria informado o comandante de campo.

Agitou um dedo diante da cara de Renia e disse-lhe que não pensasse sequer em fugir. Fá-la-iam em pedaços.

– Claro que não vou fugir – respondeu Renia. – Sou suficientemente esperta para saber que seria apanhada. Fui presa por tentar atravessar a fronteira, o mais certo é ser libertada em breve. Porque haveria de correr o risco?

Renia assumiu que as mulheres revelaram o seu segredo ao guarda-chefe. Não era de espantar: se Renia fugisse, todas elas sofreriam. Toda a gente era supercautelosa depois do caso dos partisans.

Tudo aquilo tornava a fuga ainda mais difícil. Todos a vigiavam: os guardas e as outras prisioneiras. Mas Renia também sabia que a sua cobertura desaparecera. Sabiam que era uma «política». Estava condenada de uma maneira ou de outra.

Onde estavam Sarah e Halina? Renia não tinha um relógio – claro que lho confiscaram –, mas parecia-lhe que tinham passado horas desde que as vira partir. E se tivesse acontecido alguma coisa? E se elas não voltassem? Poderia tentar sozinha?

Por fim, duas silhuetas à distância.

Dessa vez, Renia optou por uma tática agressiva.

– Venha comigo, por favor – pediu ao guarda-chefe. Ele seguiu-a.

Três judias e um nazi esperavam atrás da parede de um edifício bombardeado.

Halina entregou ao guarda várias garrafas de uísque. Ele emborcou uma enquanto elas lhe enchiam os bolsos de cigarros. Renia pegou num punhado de pequenas garrafas e maços de cigarros, e embrulhou-os no lenço. Distribuiu-os pelos vigilantes e pediu-lhes que impedissem as outras mulheres de ir até ao outro lado da parede. As amigas levaram-lhe sopa quente, disse-lhes, e ela não queria partilhá-la. Os vigilantes

não ficaram muito preocupados; sabiam que o guarda-chefe estava de olho nela.

Entretanto, o guarda-chefe estava completamente embriagado. Renia precisava de descobrir como lidar com ele.

– Porque não vai ver se alguma das outras mulheres está a olhar na nossa direção? – sugeriu.

O homem afastou-se aos tropeções.

Chegara o seu momento. Era agora ou nunca.

,

Renia não foi a única operacional judia a tentar fugir da prisão.

Depois dos bombardeamentos de Cracóvia, Shimshon Draenger foi dado como desaparecido; Gusta percorreu todas as esquadras de polícia até o encontrar, e então recusou deixá-lo. Pela segunda vez, a mulher de Draenger era fiel ao pacto matrimonial e entregava-se.

Gusta foi encarcerada em Helzlow, a secção feminina da prisão de Montelupich. Erguida no centro de uma antiga e bonita cidade, Montelupich era mais uma das pavorosas prisões da Gestapo que se orgulhavam de usar métodos de tortura medievais. Depois de a espancarem com extrema violência, os nazis levaram Gusta ao marido, na esperança de usar as feridas dela para lhe arrancar uma confissão. Em vez disso, Gusta disse-lhes: «Fizemo-lo. Organizámos grupos de combate. E se sairmos daqui, organizaremos outros ainda mais fortes.»

Enviaram-na para a grande e escura «cela 15» com outras 50 mulheres, incluindo várias operacionais do movimento clandestino judaico. Organizou de imediato uma rotina para as companheiras de cárcere: enquanto houvesse água disponível, obrigava-as a lavarem-se, escovarem os cabelos e limparem a mesa, tudo para manter a higiene e a humanidade. Iniciou debates regulares sobre filosofia, história, literatura e a Bíblia. Celebravam o Oneg Shabbat. Recitavam poemas e compunham novos. E quando os nazis levaram um grupo para ser fuzilado, partilharam a sua dor em canções.

Gola Mire, apanhada pelos nazis na gráfica da resistência polaca, foi também levada para a cela, iniciando um período de «elevação espiritual» e «irmandade». Passava o tempo a escrever poesia ídiche e hebraica, obras que frequentemente dedicava ao marido e ao filho mortos. Espancada com extrema brutalidade em sucessivos interrogatórios, o seu corpo era cinzento, as unhas e o cabelo tinham-lhe sido arrancados, os olhos estavam temporariamente cegos. Mas quando voltava à cela, agarrava no lápis e depois recitava os seus poemas para as companheiras.

Também Gusta escreveu as suas memórias nos intervalos dos espancamentos. Sentava-se num canto, rodeada por um grupo de judias, a esconder a sua atividade das outras prisioneiras, algumas das quais criminosas poucos confiáveis. Em triângulos de papel higiénico cosidos com linhas tiradas das costuras das saias das raparigas, e lápis oferecidos por mulheres polacas que os recebiam em segredo nos pacotes de comida, e com os dedos esmagados pela tortura, Gusta compunha a história da resistência de Cracóvia. Por questões de segurança, todos os nomes eram falsos, e escrevia a respeito de si mesma – «Justyna» era o seu nome de código – na terceira pessoa.

Muito do material provinha de perspectivas de terceiros, sobretudo de Shimshon e das suas companheiras de cela, todas elas contribuindo. Por segurança, Gusta incluía apenas acontecimentos passados e que já eram do conhecimento da Gestapo. Escreveu até ficar demasiado cansada e dorida, e então passou o lápis, ditando a camaradas que se revezavam a transcrever, mantendo sempre o seu característico tom literário e introspetivo, traçando retratos psicológicos de combatentes, de pessoas que ajudavam os judeus e até de inimigos. Para encobrir a sua voz, as mulheres cantavam; outras vigiavam, atentas aos guardas. Gusta verificava todas as páginas, revia-as pelo menos dez vezes, insistindo na exatidão. Encantadas com a fantasia de que as suas histórias pudessem um dia serem contadas, as mulheres fizeram quatro cópias do diário. Três ficaram escondidas na prisão – no fogão, nos forros das portas e debaixo das tábuas do soalho – e uma foi levada para o exterior por um mecânico de automóveis judeu que trabalhava para a Gestapo (e que também trazia lápis e papel higiénico para Gusta). Depois da guerra, encontraram pedaços de texto escondidos debaixo do soalho da cela.

A 29 de abril de 1943, Gusta e as camaradas, que tinham estado a planear uma fuga, souberam que iriam integrar o próximo transporte para a morte e, tal como Renia, decidiram que era agora ou nunca. Quando estavam a ser levadas para o camião que as transportaria, no meio de uma rua cheia de gente, Gusta, Gola, Genia Meltzer, uma

camarada de ambas, e mais algumas mulheres pararam subitamente e recusaram mover-se. Os guardas da Gestapo ficaram confusos. Um deles empunhou a arma. Genia apareceu a correr nas costas dele e empurrou-lhe o braço para cima.

Nesse instante, as raparigas fugiram, contornando uma carroça puxada por um cavalo. Os homens da Gestapo perseguiram-nas a tiro pelas ruas apinhadas, enquanto elas procuravam refúgio.

Só Gusta e Genia sobreviveram. Genia escondeu-se atrás de uma porta; Gusta foi ferida numa perna.

Sem que as mulheres soubessem, também Shimshon escapara da prisão naquele dia. Ele e Gusta encontraram-se numa pequena povoação nos arredores de Cracóvia onde estavam escondidos vários membros do Akiva. Voltaram à luta na floresta, organizaram grupos de combatentes e escreveram e distribuíram panfletos do movimento clandestino. Alguns meses mais tarde, por altura em que Renia foi presa, Shimshon foi de novo capturado quando preparava a fuga dos dois para a Hungria; disse à Gestapo que fosse buscar a mulher. Os nazis chegaram ao esconderijo de Gusta com uma nota dele, e ela entregou-se no mesmo instante. Três vezes azarados. Foram ambos mortos.

,

Num abrir e fechar de olhos, as raparigas ajudaram Renia a vestir um vestido novo, um xaile e sapatos.

Sarah e Renia afastaram-se numa direção, Halina no sentido oposto.

Se estavam destinadas a falhar, Renia não queria que Halina falhasse com elas.

Então correram, depressa como sempre, ofegantes, a arquejar.

As irmãs chegaram a uma colina – Renia não ia conseguir subi-la. De maneira nenhuma, de maneira nenhuma.

Outro milagre: um prisioneiro italiano passou por elas. – Venham – estendeu a mão e ajudou Renia a trepar.

Com muita dificuldade, conseguiu passar por cima da vedação de arame farpado que cercava a praça. Chegaram a uma rua, a descoberto. Aquela era a parte mais perigosa da fuga e o momento mais crucial da vida de Renia. Não sabiam que caminho tomar; seguiram em frente. O vestido de Renia estava coberto de lama por causa da subida, mas ela continuou a correr, empurrada por uma energia impossível. Mais depressa, mais depressa. Renia olhou para trás para se certificar de que ninguém as perseguia. O vento refrescava-lhe o corpo e o rosto suados. Sentiu a presença da mãe e do pai, como se estivessem mesmo ali, a protegê-la.

Um carro aproximou-se.

Sarah escondeu a cara com as mãos.

– Apanharam-nos! Estamos condenadas.

Mas o carro não parou.

– Renia, mais depressa! – gritou Sarah. – É agora. Se conseguirmos, sobreviveremos as duas.

Renia enfraquecia a cada minuto que passava. Tentou e tentou, mas as pernas não aguentavam. Caiu na estrada. Sarah pô-la de pé. Os olhos enchiam-se de lágrimas.

– Renia – suplicou. – Por favor, continua. Senão vai ser o fim das duas. Faz um esforço, não tenho ninguém senão tu. Não posso perder-te. Por favor.

As suas lágrimas caíram na cara da irmã, reanimando-a. Renia manteve-se de pé, fez uma pausa. Continuaram em frente.

Mas Renia ofegava. Tinha os lábios secos. Não sentia os braços, como se estivesse a ter um AVC. As suas pernas pareciam borracha, dobravam-se debaixo dela.

Sempre que ouviam passar um autocarro, os corações de ambas falhavam um batimento. As pessoas que passavam abrandavam o passo, olhando para elas, talvez a pensar que eram loucas.

Um autocarro parou perto delas. Renia teve a certeza de que era o fim. Como iriam fazê-lo? A Gestapo podia apanhá-las com toda a facilidade, a qualquer momento. As irmãs vestiam roupas enlameadas, os sapatos cobertos de terra, tão incrivelmente suspeitas.

O autocarro afastou-se.

Sarah caminhava 30 metros à frente, Renia arrastava-se atrás dela. Era tão estranho caminhar sozinha, sem ser acompanhada por um guarda. Pouco a pouco, aproximaram-se de Katowice. Percorreram mais de 7 quilómetros.

Sarah limpou o rosto de Renia com saliva e um lenço, removeu a lama e os detritos do casaco da irmã. Estava a sorrir de felicidade. Conhecia uma alemã que morava ali perto. Nacha Schulman, a mulher de Meir, estava disfarçada de católica e trabalhava para ela como costureira. Podiam apanhar o elétrico se algum polícia as reconhecesse, mas não era muito longe. Só mais 7 quilómetros.

Renia caminhava devagar, passo a passo, pela berma da estrada. Então, um grupo de polícias alemães no horizonte.

Os uniformes. Renia estremeceu. Era demasiado tarde para dar meia-volta.

Os homens aproximaram-se, observaram as raparigas... e seguiram em frente.

Renia forçou-se a avançar. Precisava de fazer uma pausa a cada dois ou três passos. A sua respiração era pesada, quente.

– Já não falta muito – encorajou-a Sarah. Teria transportado a irmã nos braços, se pudesse.

Renia cambaleava como se estivesse embriagada. Sarah puxava-a para a frente. Ambas tinham as roupas ensopadas em suor.

Renia fez um esforço – pela irmã.

Por fim, aproximaram-se dos primeiros edifícios nos arredores de Siemianowice. Renia não conseguia dar mais de dois passos sem parar e apoiar-se a uma parede. Ignorou as pessoas que passavam; a sua visão estava tão desfocada que mal conseguia vê-las.

Renia parou no poço de um pátio qualquer, atirou água para a cara. Acorda.

Atravessaram a povoação, Renia a usar todas as suas forças para manter-se firme, para não dar nas vistas. Foram de viela em viela até chegarem a uma pequena rua. Sarah apontou para um prédio de dois andares.

– É aqui.

Então, Sarah inclinou-se, pegou na pequena irmã e subiu as escadas com ela ao colo, como uma noiva. «Não sei onde foi ela buscar forças», escreveu Renia mais tarde. A porta abriu-se, mas antes que pudesse observar o interior, Renia desmaiou.

Quando voltou a si, tomou um comprimido, mas a febre persistia. Despiu os sujos trapos que vestia e deitou-se numa cama limpa – um prazer que não tinha a certeza de voltar a experimentar. Batia os dentes e sentia os ossos ociosos mesmo por baixo das mantas, sacudida por espasmos de frio.

Sarah e Nacha sentavam-se junto à cama, a chorar. Nacha não tinha reconhecido Renia. Mas Sarah reconfortou ambas. «Esquece tudo. O importante é estares livre.»

Mas onde estaria Halina?

Sarah disse à dona da casa que Renia era uma amiga que estava doente e precisava de repousar. Mas Renia não podia ficar ali. O refrão do costume.

Nessa noite, sem saber muito bem como, Renia estava de novo a pé. Quatro quilómetros até Michałkowice. Pelo menos, a escuridão ajudaria a esconder a marcha trôpega e sinuosa das duas irmãs.

Chegaram à aldeia às onze da noite e dirigiram-se a casa de uns camponeses polacos. O senhor e a senhor Kobiletz receberam-nas de braços abertos. Ouviram falar de Renia e só tinham louvores para as competências de Sarah. Ofereceram-lhe comida, mas Renia não podia ficar muito tempo na sala principal – estava ali para se refugiar no bunker. Esgueirou-se por uma janela debaixo da escada para a cave. Era tão estreita que quase nem a esquelética Renia conseguia por lá passar. Então, desceu a escada. Vinte camaradas acolheram-na com alegria, «como se tivesse acabado de nascer».

Queriam saber tudo, já.

Renia estava demasiado fraca e teve de se deitar, mas Sarah contou-lhes a história da fuga. Renia sentia a cabeça a andar às voltas, tal como o coração. Estava ali, com os camaradas, com a irmã e, de momento, segura.

Observou todos os que estavam no bunker e que escutavam Sarah. Ainda ardia em febre, ainda lhe parecia que continuava na prisão, que estava a ser perseguida, caçada. Alguma vez se livraria daquela sensação?

,

Poucas horas mais tarde, Halina chegou e regalou-os com a sua história.

– Quando comecei a afastar-me de vocês, virei o casaco do avesso e tirei o lenço. Vi à minha frente um operário dos caminhos de ferro. Pedi-lhe que me acompanhasse enquanto caminhava. Ele olhou para mim e disse, «Com muito gosto.» Dei-lhe o braço e passeámos a conversar disto e daquilo. O mais certo é ele ter pensado que era uma prostituta. Dez minutos depois, passámos por um par de guardas que corriam como loucos para o campo. Perguntaram-nos se tínhamos visto três mulheres a fugir e descreveram as nossas roupas. Foi uma alegria tão grande vê-los atrapalhados. Continuei a conversar com o trabalhador, como se nada tivesse acontecido. Ele acompanhou-me até ao elétrico. Ficámos de voltar a encontrar-nos amanhã!

Na manhã seguinte, Halina, animada, partiu para Varsóvia. Uma semana mais tarde, receberam uma carta dela. A viagem decorrera sem incidentes. Atravessara a fronteira a pé. Estava feliz por ter participado na fuga de Renia. Chegou uma carta tocante da mãe de Marek Folman e outra de Zivia, Antek e Rivka Moscovitch, que tinha recuperado e trabalhava como correio, levando armas e ajuda para os que estavam escondidos – estavam os três muito felizes por elas terem conseguido fugir.

Marek, em contrapartida, teve um fim menos afortunado. Depois de se ter mudado de Będzin para Varsóvia, torturado pela culpa após a traição de Socha, andava tão perturbado que os nazis repararam nele quando trocava de comboio em Częstochowa. Foi assassinado a tiro no local.

,

Dia após dia, Renia ficava sentada no bunker dos Kobiletz, que tinha sido construído por Meir Schulman. Meir fora amigo do filho mais velho dos Kobiletz, Mitek, antes da guerra. Mitek trabalhara para a Gestapo em Cracóvia, mas mantivera-se em contacto com os judeus do gueto. Quando

um dos seus amigos se embebedou e revelou o seu segredo, saltara para a motorizada e fugira. Meir ouvira dizer que Mitek fora pago para conseguir que os seus amigos em Bielsko albergassem judeus. Foi aí, então, que Meir tivera a ideia de lhe pedir que o deixasse construir um bunker debaixo da casa dos pais. Ao princípio, o senhor Kobiletz recusara, mas os pedidos do filho acabaram por convencê-lo, sobretudo quando disse ao pai que o poderia usar para se esconder da Gestapo.

Uns quantos judeus esconderam-se no pequeno sótão dos Kobiletz até o bunker ficar concluído. Meir teve de construí-lo à noite, para que os vizinhos não dessem conta. Nas suas memórias, Renia escreve que Kobiletz recebeu uma fortuna para os esconder. «Ele disse que o fizera por piedade, mas na realidade fê-lo por dinheiro.» Outros relatos sugerem que, apesar de os Kobiletz terem aceitado o pagamento, foram motivados por sentimentos antinazis e compaixão. A questão de saber se os polacos que receberam dinheiro para ajudar os judeus devem ser considerados «justos» continua em aberto.

Renia estava segura e livre – relativamente –, mas viver no bunker dos Kobiletz não era uma solução permanente. O abrigo foi construído para alojar duas ou três pessoas, mas estavam sempre a chegar mais fugitivos do gueto. As pessoas dormiam juntas numas poucas camas. A comida era comprada com cupões de racionamento falsos recolhidos de poucos em poucos dias por uma das raparigas, que arriscava a vida para viajar até a aldeia de Jablonka. O almoço era preparado pela senhora Kobiletz. Ao princípio, os camaradas usavam o dinheiro trazido do gueto para pagar tudo isto, mas, mais tarde, Halina levou-lhes fundos adicionais enviados por Zivia.

Além da escassez de espaço, os que estavam no bunker viviam no medo constante de os vizinhos descobrirem. Como os Kobiletz, uma vez que também seriam executados se fossem apanhados.

Poucos dias depois da sua chegada, Renia voltou a subir a escada à meia-noite e transferiram-na para casa da filha dos Kobiletz, Banasikova. A mudança foi uma melhoria. Encontrava-se agora com as camaradas do Dror – Chawka, a paramédica, e Aliza, que se ocupava dos órfãos. A porta estava sempre fechada, de modo que os vizinhos de nada sabiam. Se alguém batia, escondiam-se no armário. Banasikova cuidava de todas as suas necessidades. O marido estava no exército e não ganhava o suficiente para viver, de modo que agradecia o dinheiro e os produtos que recebia por esconder pessoas.

Restavam ainda algumas centenas de judeus espalhadas pelo campo de extermínio de Będzin e pelos guetos locais, uma população que diminuía a cada transporte. Sarah, Chawka, Kasia, Dorka – todas as

raparigas com feições não judias – continuavam a infiltrar-se nesses lugares para tentar salvar os que pudessem, embora fosse praticamente impossível encontrar esconderijos. Renia, no entanto, estava ainda demasiado fraca para sair.

Todas sabiam que a única forma de escapar àquela vida sufocante era através da Eslováquia, onde, de momento, os judeus gozavam de uma relativa liberdade. Mas para transferirem camaradas para lá, precisavam de contactos. Passou muito tempo antes que recebessem uma morada enviada de Haia. Mas como lá chegar? Depois de ter sido traído de uma maneira tão cruel por Socha, o grupo renovara as cautelas. O movimento da Juventude Sionista, escreveu Renia, recusava divulgar os nomes dos seus contrabandistas. Mitek tentou arranjar outros, mas, como sempre, não era tarefa fácil. Os Kobiletz temiam cada vez mais pela vida e, não obstante os pagamentos, incitavam os «hóspedes» a partir. Mais uma bomba-relógio a tiquetaquear.

,

Renia e o grupo estavam em constante contacto com Varsóvia. Também Zivia e Antek os exortavam a ir para a Eslováquia, embora sugerissem levar Renia até Varsóvia, onde estaria mais segura. Mas Renia não queria separar-se dos camaradas. «A sorte deles é a minha.»

Por fim, Mitek conseguiu arranjar passadores. Enviariam um grupo primeiro, e se conseguisse chegar, os restantes segui-lo-iam.

O primeiro grupo partiu no início de dezembro. Vestiram-se como polacos e levaram documentos de viagem e autorizações de trabalho falsificados. O passador levou-os de comboio de Katowice até Bielsko, e depois até Jelesnia, a povoação fronteiriça. Os outros ficaram nos bunkers, a pensar e a falar obsessivamente do perigo mortal que enfrentavam.

Uma semana mais tarde, o passador voltou.

Fora um êxito! Os amigos já se encontravam na Eslováquia. Dessa vez escreveram ao grupo, a dizer que a viagem era menos difícil do que esperavam. «Não adiem mais», diziam.

20 de dezembro de 1943: Aliza e Renia esperaram todo o dia que Chawka ou Sarah chegassem para lhes dizer quem faria parte do

segundo grupo. À meia-noite, uma pancada na porta. Acordaram todos em sobressalto. A polícia?

Ao fim de mais alguns momentos de arrasar os nervos, Chawka entrou.

Voltou-se para Renia. «Prepara-te para a viagem.» Oito pessoas partiriam de manhã. Renia seria uma delas.

Fugir ou lutar.

Renia recusou.

Não foi por ideologia, mas por amor. Sarah andara em missões a ajudar os órfãos do Atid levados para a Alemanha, e Renia não a via há duas semanas. Não queria partir sem que a irmã soubesse – e nunca sem dizer adeus.

– É minha irmã – disse a Chawka. – Arriscou a vida para me tirar da prisão. Não posso ir sem o seu consentimento.

Chawka e Aliza tentaram convencê-la. A Gestapo andava atrás dela: havia cartazes de «Procura-se» espalhados pelas ruas, com a sua cara, a chamar-lhe espia e a oferecer uma recompensa pela sua captura. Tinha de partir sem mais demoras. Sarah compreenderia, disseram-lhe. Além disso, não tardaria a segui-la. Sarah e Aliza andavam a reunir as crianças do Atid espalhadas por casas de camponeses alemães. Aliza prometeu-lhe que ela, Sarah e as crianças fariam parte do próximo grupo a partir para a Eslováquia.

No fim de uma noite inteira de pressão, Renia cedeu.

O comboio para Katowice partia às seis da manhã. Renia compôs os cabelos num penteado diferente e vestiu roupa nova, tudo para não ser reconhecida pela Gestapo ou pela polícia. «Só a minha cara é a mesma.» Não levou nada, exceto as roupas que tinha no corpo.

Banasikova despediu-se com grande compaixão, pedindo apenas para ser recordada depois da guerra. Separar-se de Aliza foi doloroso. Quem sabia quantos deles chegariam?

Às cinco e meia de uma fria madrugada de dezembro, Renia e Chawka avançaram às apalpadelas por um campo mergulhado na mais absoluta escuridão. Falavam em voz baixa, em alemão, para não chamar a atenção das pessoas que passavam apressadas a caminho do trabalho nas minas. Na estação de Michałkowice encontraram-se com Mitek, que as acompanharia até Bielsko, e seis outras pessoas que fariam parte da fuga – entre elas, Chajka Klinger.

Chajka fugira do campo de extermínio, onde as entradas e as saídas não eram muito vigiadas e os guardas se deixavam subornar sem grande dificuldade. Ao princípio, escondera-se com Meir em casa dos Novak, mas acabaria por alegar que Frau Novak andava demasiado nervosa e gananciosa. Mudara-se, então, para vários locais pertencentes à família Kobiletz, onde escreveu o grosso dos seus diários. Outros camaradas à volta de Będzin foram colocados em celeiros e pombais, mas devido à missão que Chajka assumira de escrever a história de todos eles, arranjavam-lhe melinas maiores e mais confortáveis.

Chajka começara por resistir ao seu papel de documentalista, mas com tantos camaradas mortos, aceitara a vocação. Era-lhe muito difícil escrever, revisitar a sua dor a todo o instante, enquanto os outros podiam concentrar-se em viver o dia a dia. Não ouvia música há anos, e agora o som de canções alemãs que saía dos rádios recordava-lhe todos os que morreram – todos os que lhe foram roubados. Chajka, que não chorara quando Zvi morrera, nem quando fora espancada, agora gritava. David. Teria feito o suficiente? O sentimento de culpa por não ter salvado a sua família era tão esmagador que não conseguia escrever a respeito deles.

A depressão tinha-se-lhe alojado nos ossos.

Renia, Chajka, Chawka e o grupo apanharam o comboio de Michałkowice para Katowice, onde, apesar da hora matinal, encontraram muita gente. Renia avançou confiante pela plataforma, ao lado de Mitek. Sempre que viam um polícia ou um homem da Gestapo, afastavam-se para o lado, misturavam-se na multidão. «Não seria ótimo se fôssemos apanhados os dois juntos?», brincou Mitek. «Eu, um antigo instrutor político da Gestapo e fugitivo, tu, suspeita de espionagem e fugida da prisão!»

De súbito, três homens da Gestapo aproximaram-se. Renia reconheceu-os de Mysłowice; tinham-na visto na formatura. Pensa depressa. Baixou o chapéu e tapou a cara com o lenço, a fingir uma dor de dentes.

Os homens passaram sem parar.

Minutos depois, todo o grupo embarcara na carruagem, a caminho de Katowice para Bielsko. Para Renia, que corria o risco de ser reconhecida naquela área, era a etapa mais perigosa de viagem. Mas correu tudo sobre rodas. Ninguém lhes pediu os documentos; ninguém lhes revistou as malas.

Em Bielsko, os passadores esperavam-nos. Compraram bilhetes para Jelesnia, a estação mais próxima da fronteira eslovaca, onde chegaram

nessa tarde. Mitek despediu-se deles como se fosse um parente chegado. – Por favor – pediu –, não se esqueçam do que fiz por vocês.

Prometeu então juntar-se a eles na Eslováquia, depois de ajudar os restantes camaradas a fugir. Disse aos contrabandistas que tomassem conta dos judeus. Os camaradas rabiscaram notas apressadas destinadas aos que ficavam para trás. Renia compôs uma carta a dizer «venham ter comigo depressa» para a irmã e Aliza. Mitek pegou nas páginas, dobrou-as e voltou ao comboio.

Os fugitivos passaram algumas horas a descansar em casa de um dos contrabandistas, a preparem-se para a caminhada através das montanhas Tatra. O resto do caminho seria feito a pé.

Chegou o momento. Saíram sigilosamente da pequena aldeia: oito camaradas, dois contrabandistas, dois guias. Viram ao longe montanhas toucadas de neve a erguerem-se para o céu. A fronteira. O objetivo.

Os primeiros quilómetros foram planos. O mundo deles estava todo branco, mas a neve era pouco funda. «A noite era tão brilhante que parecia manhã», escreveu Renia.

Usava apenas um vestido – sem casaco –, mas não sentia o frio.

Então, chegaram às montanhas. Caminhar tornou-se mais difícil. O grupo avançava em fila indiana, o mais depressa que eram capazes. Afundavam-se na neve até aos joelhos, e onde não se afundavam, deslizavam e escorregavam. Cada ramo que se mexia sobressaltava-os – seria a polícia?

Os guias conheciam bem o caminho. Um deles caminhava à frente, o outro e os contrabandistas ajudavam os camaradas. O vento soprava com rajadas fortes, o que até era útil, uma vez que o som abafava o ruído dos seus passos na neve. Mas a caminhada tornou-se cada vez mais difícil. Sem casacos nem botas, subiram até ao cume, 1899 metros. De vez em quando, paravam para recuperar o fôlego, estendidos na neve como se numa cama de penas. Apesar do frio, as roupas suadas colavam-se-lhes ao corpo.

Entraram numa floresta; tropeçavam como crianças a aprender a andar. Estavam espantados com o pequeno Muniosh, do kibbutz Atid: cabelos castanhos, pele pálida, orelhas pontiagudas, era todo coragem, à cabeça da fila, a troçar das fracas capacidades alpinísticas dos outros.

De súbito, avistaram ao longe pontos negros sobre a neve: patrulha fronteiriça.

Deitaram-se, taparam-se com neve, até os agentes passarem.

Renia, molhada, pouco vestida, estava ainda muito fraca da prisão. Mal era capaz de respirar àquela altitude. Não vou conseguir.

Os contrabandistas ajudaram-na, a apoiá-la como se fosse uma criança. Recordou a fuga de Mysłowice; se conseguira sair de lá viva, ia conseguir agora. Força.

Devagar, em silêncio, com muito cuidado, o grupo passou pelo edifício da guarda fronteiriça e chegou ao cume. Exaustos, tiveram de caminhar mais depressa. Tropeçavam a cada passo, enterravam-se na neve. Mas aquela era a última etapa da jornada, e conseguiram encontrar um segundo fôlego. Fugir.

Ao fim de seis torturantes horas de caminhada, estavam na Eslováquia.

A mais incrível travessia que tinham feito.

Renia saíra da Polónia.

Agora, era o resto do mundo.

Capítulo 29

Zag nit keyn mol az du geyst dem letstn veg

*Nunca digas que a viagem derradeira está à porta,
Nunca digas que não veremos a Terra Prometida,
As horas há muito desejadas hão de chegar, não temas.
O nosso caminho proclama a notícia – estamos aqui!*

De A Canção dos Partisans, de Hirsh Glick, escrita em iídiche no gueto de Varsóvia

Renia

DEZEMBRO DE 1943

A Eslováquia, um Estado recém-formado em vésperas da Segunda Guerra Mundial, não era nenhum paraíso judaico. O país, governado por um antissemita declarado, estava alinhado com as nações do Eixo e tornara-se um satélite de Hitler. A maioria dos judeus eslovacos tinha sido deportada para campos de extermínio polacos em 1942. Depois disso, houve uma pausa nas deportações que durou até agosto de 1944. Durante esses dois anos, os judeus viveram numa relativa segurança, protegidos por documentos ou fingindo ser cristãos, ou ainda graças a pressões políticas e a subornos.

O período de tranquilidade pode em parte ser creditado à líder da resistência Gisi Fleischmann. Nascida no seio de uma família judaica ortodoxa e burguesa, Gisi, como a maior parte dos judeus eslovacos, não falava eslovaco nem se enquadrava na nova consciência nacional. Na capital, Bratislava, foi presidente da Women's International Zionist Organization (WIZO) antes de assumir vários papéis de liderança públicos. (Na Polónia, muito maior, nem sequer os grupos de esquerda tinham mulheres em cargos públicos. Gisi era única.) Em 1938, chefiava uma agência que ajudava os judeus alemães refugiados, após o que se tornou a chefe da JDC eslovaca. O dinheiro internacional era encaminhado para ela através de uma conta bancária na Suíça.

Quando a guerra deflagrou, Gisi estava em Londres a tentar uma imigração em grande escala de judeus para a Palestina. Os seus esforços não foram bem-sucedidos, e apesar de os colegas a encorajarem a ficar em Inglaterra, ela insistiu em regressar a casa, sentindo a obrigação que tinha para com a mãe doente, o marido e a comunidade. Por uma questão de segurança, enviou as duas filhas para a Palestina.

Durante a guerra, foi uma líder da comunidade judaica, insistindo em juntar-se à chefia do Judenrat (uma das raras mulheres a fazê-lo) para poder ajudar o seu povo; mantinha contacto com numerosos líderes internacionais, aos quais relatava o que estava acontecer. A Eslováquia prometera enviar a sua gente para os campos de trabalho alemães, mas o governo eslovaco chegou a acordo com os nazis, pedindo-lhes autorização para deportar os judeus. A Eslováquia foi o único país europeu a pedir formalmente aos nazis que recebessem os seus cidadãos judeus.

Ao princípio, os nazis pretendiam apenas 20 mil judeus para ajudarem a construir Auschwitz, mas a Eslováquia pediu-lhes que aceitassem mais. Na realidade, o governo eslovaco pagava aos nazis 500 marcos por cada judeu extra – mais uma forma de a Alemanha lucrar com a Solução Final. Na esperança de que o dinheiro conseguisse convencer os nazis a ir um pouco mais longe, Gisi meteu mãos à obra, negociando com os alemães e com o governo polaco, acabando por conseguir reunir fundos e oferecendo subornos aos nazis para reduzir o número de judeus deportados. Na Eslováquia, criou campos de trabalho para judeus, livrando-os de serem levados para a Polónia. Quando várias das suas intervenções pareciam resultar – embora seja possível que a redução das deportações se deva a outras razões políticas – promoveu o Plano Europa, uma tentativa de pagar aos alemães para que reduzissem os transportes e o assassinio de judeus em todo o continente.

Sempre ativa, Gisi enviou medicamentos e dinheiro para os judeus polacos usando emissários pagos. Foi também fundamental na angariação de fundos internacionais para ajudar a contrabandear judeus, conhecidos como «caminhantes», através de uma rota de fuga clandestina com início na Polónia – como a que Renia usara.

Neste novo país, Renia e os companheiros de caminhada desceram a montanha até um vale. Ao longe, uma fogueira. Traficantes de bens numa pausa. Os camaradas pararam no lugar onde deviam encontrar os guias locais e fizeram a fogueira.

Agora sim, sentiam o frio.

Tinham os pés molhados e em risco de congelar. Secaram os sapatos e as meias ao lume. Ouviram passos pesados na neve. Mas eram só os contrabandistas eslovacos que levavam bebida para aquecer toda a gente. Repousaram uma hora, e os guias originais despediram-se deles com carinho e regressaram a Bielsko para trazer mais grupos. As gentes das montanhas eram pobres, e era assim que ganhavam a vida.

Os camaradas tiveram dificuldade em voltar a calçar os sapatos, que encolheram, mas precisavam de continuar.

Caminharam com os eslovacos, a tentar entabular conversa. Passando por montanhas, colinas, vales e florestas, aproximaram-se de uma sonolenta aldeia. Foram recebidos pelo ladrar de um cão. Levaram-nos para um estábulo com cavalos, vacas, porcos e galinhas. A única luz era a que vinha de um pequeno candeeiro a petróleo, e o cheiro a estrume era insuportável, mas não podiam entrar na casa, por receio de que algum vizinho os visse.

Apesar do frio, estava calor no interior do estábulo. A fadiga venceu-os. Deitaram-se todos sobre fardos de palha. As pernas de Renia estavam tão fracas que ela não foi capaz de endireitá-las. Enrolou-se e mergulhou num sono profundo.

,

Ao meio-dia, a dona da casa, vestida à maneira tradicional das montanhas – um lenço de cabeça, um vestido colorido e sapatos de feltro presos a ligas por atacadores brancos – acordou-os com o almoço. Era domingo. Disse-lhes que ficassem onde estavam, pois todos os aldeãos iam a caminho da igreja. Tinham de ser cuidadosos. Nos dias que corriam, toda a gente espiava os vizinhos. Para eles, claro, não era nada de novo.

Depois de comer, Renia dormiu um pouco mais, deitada junto aos camaradas na palha como sardinhas em lata. Raios de Sol entravam por uma pequena janela. Os judeus começaram a falar e – pela primeira

vez – a recordar os acontecimentos dos últimos meses e anos. No limiar da segurança, começavam a compreender tudo o que tinham perdido.

A felicidade por terem atravessado a fronteira era silenciada pelo medo do futuro. A jornada ainda não acabara. E a guerra também não. À noite, chegou um trenó. Os camaradas saltaram para ele e foram levados até à aldeia seguinte por estradas rurais estreitas e campos desertos, longe da polícia. Poucas horas mais tarde, chegaram a uma povoação e foram alojados num único quarto, numa casa de camponeses, com a recomendação de não saírem dali enquanto o carro não chegasse. Havia muita comida, desde que uma pessoa pudesse pagá-la, e, felizmente, todos tinham algum dinheiro. O dono da casa – uma pessoa honesta, compassiva, segundo sentira Renia, que falava dos alemães com muito ódio – saiu para comprar provisões. Ficaram a saber que o primeiro grupo já ali estivera poucos dias antes. Depois de comerem, os camaradas voltaram a dormir.

Nessa noite, um carro esperava por eles nos arredores da aldeia. O condutor era um funcionário da alfândega – fora subornado. Fez-lhes perguntas a respeito dos judeus na Polónia.

De súbito, parou o carro.

Que seria agora? Na escuridão, no meio de coisa nenhuma. Estavam completamente vulneráveis.

O condutor apeou-se e dirigiu-se ao banco traseiro. Todos se encolheram.

– Não tenham medo, não vou fazer-lhes mal – disse ele.

Para surpresa de Renia, abraçou o pequeno Muniosh.

Então, perguntou a cada um deles sobre os respetivos parentes. Não queria acreditar que eram os únicos sobreviventes de cada família. Ficou furioso ao ouvir as histórias das atrocidades alemãs.

O condutor levou-os através de povoações e aldeias eslovacas. Estava escuro, mas aqui e além via-se o brilho de uma luz vindo de uma janela que não fora bem tapada, como mandava a lei. Disse-lhes que ia levá-los para Mikuláš, uma povoação onde havia uma comunidade judaica que tomaria conta deles. Renia estava maravilhada pela forma como toda a operação fora planeada, tudo combinado ao mais pequeno pormenor.

Em Mikuláš, o carro parou em frente do centro comunitário. O condutor foi chamar um judeu, que os levou para uma pousada. Foi lá que encontraram Max Fischer, de cabelos negros e encantador. Max contou-

lhes que o resto do primeiro grupo já estava na Hungria, de onde esperavam partir para uma aliyah legal até à Palestina. De súbito, Renia sentia-se como uma ave fora da gaiola, finalmente capaz de abrir as asas.

Os judeus de Mikuláš ficaram felizes por eles terem fugido, mas nenhum se ofereceu para os albergar, com medo das rusgas policiais. Os camaradas instalaram-se num auditório escolar preparado para acolher refugiados. Tanto quanto a polícia sabia, o abrigo alojava apenas aqueles que eram capturados pela patrulha da fronteira e que aguardavam que as autoridades examinassem os seus casos; quando alguns agentes souberam dos refugiados adicionais, tiveram de ser subornados. Naquele lugar – como Renia não tardaria a descobrir – podia-se conseguir fosse o que fosse da polícia pela quantia certa. O grande salão tinha camas, uma mesa, um banco comprido e um aquecedor. Era possível comprar comida numa cozinha especial montada pelos refugiados. Foi-lhes dito que esperariam ali alguns dias até à chegada do próximo grupo, e depois continuariam juntos até a Hungria. Estaria Sarah com eles?

No dia seguinte, Benito, um judeu eslovaco pertencente ao A Jovem Guarda, apareceu com perguntas sobre os camaradas sobreviventes. Benito estava sempre ocupado, a tratar dos preparativos para fugas. Aconselhou Renia a não relaxar demasiado – um número muito grande de judeus eslovacos fora deportado para a Polónia. Também ali os judeus eram obrigados a usar uma braçadeira que os identificasse. Quem sabia quanto mais tempo poderiam ficar?

Todos os dias, no abrigo, Renia conhecia judeus chegados de Cracóvia, Varsóvia, Radom, Tarnów, Liubliana, Lvov – uma mescla de gente torturada em busca de asilo e unida pela sorte. Conversadores e enérgicos, os jovens judeus eram pessoas diferentes quando não corriam um perigo constante e mortal. Mas, por hábito, continuavam a falar em murmúrios. Alguns foram apanhados pela patrulha fronteirça, a maior parte estivera escondida no lado ariano. Quase nenhum tinha parentes, mas todos queriam viver – muitos eram movidos por sonhos de vingança. Renia soube de comunidades espalhadas por toda a Polónia, dos guetos e campos de trabalho forçado que ainda existiam, dos milhares de judeus escondidos em todas as grandes cidades. Seria algum deles da sua família? Tentou não alimentar quaisquer esperanças.

Entretanto, Chajka teve um despertar muito diferente. Ela e Benito apaixonaram-se logo um pelo outro. Vindo de uma família eslovaca da classe média e assimilada, Benito tinha a mesma idade que ela e fora durante muito tempo um líder do A Jovem Guarda. Escapara às

deportações fugindo para a Hungria – ou seja, depois de ter arranjado forma de 60 outros camaradas também escaparem. Após várias detenções na Hungria, voltara à Eslováquia para ajudar a acolher refugiados judeus. Estava ligado a líderes do movimento na Europa e na Palestina. Chajka passara por horrores de que ele só ouvira falar. Ficava a pé até tarde, a contar-lhe histórias, aquecida pelo grande fogão do auditório. «Encontrou tudo o que tinha perdido no ativista eslovaco», explicaria o filho muito anos depois. «Como ela, ele estava disposto a arriscar a vida pelos amigos, e também ele acreditava nos ideais do futuro.» Benito sentiu uma necessidade imediata de proteger Chajka. Como recordou, «Uma geração inteira gritava pela boca dela. Chajka falava durante horas seguidas, como se receasse não ter tempo para transmitir toda a informação [...]. E eu ouvia-a, de vez em quando pegava-lhe na mão para sentir a pessoa que carregava tudo aquilo no coração e na alma.»

Do outro lado da sala, Max Fischer e Chawka viam-nos murmurar um com o outro. Max piscou o olho a Chawka.

– Estou a adivinhar sarilhos...

,

Alguns dias mais tarde, chegou mais um grupo de oito.

Sem Sarah.

Os judeus planeavam viajar juntos até à fronteira húngara, acompanhados por um polícia subornado. O álibi: os camaradas eram judeus húngaros e o polícia ia levá-los até à fronteira para serem deportados. Partiram, mas Renia ficou na Eslováquia, bem como Chajka, à espera do próximo grupo – à espera de Sarah, à espera de Benito.

O grupo seguinte chegou uma semana depois. Sarah não veio.

Este grupo estava traumatizado.

Na Polónia, houvera um incidente em casa dos Kobiletz. O marido de Banasikova, Pavel, veio de licença e visitou a casa dos sogros. Meir não o esperava e encontrou-o fora do bunker. Pavel, embriagado, revelou-lhe que soubera dos judeus escondidos através dos amigos de Mitek, que os tinham ajudado a fugir do gueto.

– Não se preocupem – insistiu. – Não farei mal aos judeus.

Pavel estava curioso a respeito de como o bunker fora feito e abriu a porta secreta. Estava tão bêbedo que mal conseguia manter-se de pé. As cinco pessoas que restavam no bunker foram apanhadas de surpresa. Meir entrou atrás dele, a empunhar a sua pistola de fabrico caseiro. Pavel pediu-lhe que lha mostrasse. Meir entregou-lha.

«As pessoas que contaram a história ainda hoje não compreendem por que razão Meir fez aquilo», escreveu Renia.

Pavel examinou a pistola de uma ponta à outra. Então, premiu o gatilho... e atingiu-se a si mesmo.

Estava consciente quando os camaradas o arrastaram para fora do bunker. Mas a família tinha de comunicar o incidente à polícia. Meir suplicou-lhe que não denunciasse o bunker, e Pavel garantiu-lhe que não o faria. Mas estava em muito mau estado. A polícia chegou e ele declarou, mostrando a pistola de fabrico caseiro de Meir, que a tinha roubado aos partisanos durante o seu serviço militar e que estava a limpá-la quando acidentalmente a arma disparara. Uma ambulância levou-o para o hospital em Katowice. Morreu dois dias mais tarde.

Mesmo assim, os Kobiletz não exigiram que os judeus partissem, mas os camaradas estavam demasiado assustados para ficar e, na primeira oportunidade, fugiram para a Eslováquia.

Então, Renia recebeu uma mensagem. Ela e Chajka precisavam de partir de imediato: tinham recebido documentos que lhes permitiam emigrar para a Palestina. As fotografias das duas foram enviadas para a Hungria e teriam de fazer uma escala em Budapeste para recolher os papéis.

O sonho de ambas.

Renia escreveu a Sarah e a Aliza, a explicar que era possível fazer a aliyah e que elas precisavam de viajar para a Eslováquia com as crianças logo que pudessem.

No dia em que ia partir para a Hungria, o grupo recebeu uma carta de um contrabandista. A neve nas montanhas chegava agora à altura das ancas na fronteira entre a Polónia e a Eslováquia, o que tornava a viagem impossível. Não haveria novas passagens, ponto final.

Ficou tudo negro. Renia soube que Sarah não ia chegar. Pressentiu que nunca mais voltaria a ver a irmã. Era a última Kukiełka.

Início de janeiro de 1944: Renia não podia dar-se ao luxo de perder qualquer ligação.

Viajou com Chajka, Benito e Moshe, do A Jovem Guarda, que falava fluentemente húngaro. Apanharam o comboio para a última estação na Eslováquia. Iam atravessar a fronteira na locomotiva de um comboio de mercadorias.

Estava uma noite escura. Um maquinista desceu da locomotiva e indicou-lhes com um gesto que o seguissem. Renia, Chajka e Moshe embarcaram. Contudo, Benito ficou, ajudando outros refugiados judeus. Agacharam-se no interior, onde já estavam outros fugitivos. Os maquinistas, pagos à pessoa, encaixaram-nos em recantos escondidos. O comboio iniciou a marcha. Todos rezavam para que não houvesse revista na fronteira. O calor da caldeira era insuportável, e Renia não conseguia encher o peito de ar. Cada vez que a composição parava, agachavam-se todos no chão. Felizmente, a viagem foi rápida. Renia não se permitiu pensar em Aliza, nas crianças, em Sarah.

Na primeira estação no interior da Hungria, o maquinista libertou um grande jorro de vapor, criando uma espessa nuvem.

– Vão! – disse a Renia.

O fumo escondeu os fugitivos quando saltaram da locomotiva e correram para a estação. O maquinista comprou-lhes bilhetes e mostrou-lhes onde apanhar um comboio de passageiros para Budapeste.

A viagem demorou um dia e meio, através de climas cada vez mais quentes, e durante todo esse tempo os camaradas não disseram uma palavra, não querendo despertar suspeitas. «A língua húngara parece-nos alienígena e estranha», escreveu Renia. «Os húngaros têm feições semitas. É difícil dizer quem é judeu e quem é ariano.» A maior parte dos judeus falava húngaro, não iídiche ou hebraico. O radar que Renia desenvolvera no território governado pelos nazis deixara de ser funcional. Os judeus não eram obrigados a usar braçadeiras ou estrelas nas mangas. Não havia verificação de documentos nem inspeções no comboio; provavelmente era impensável que fossem refugiados judeus da Polónia.

Então, por fim, Budapeste. A grande estação central estava cheia de gente e de azáfama. A polícia inspecionava as malas dos viajantes. Renia passou sem problemas e encaminhou-se apressada para a morada que lhes tinham dado. As competências de Moshe como falante de húngaro eram indispensáveis.

Apanharam o elétrico para o Gabinete da Palestina, que estava à cunha e a ecoar de discussões em alemão, polaco, iídiche e húngaro. Toda a gente queria documentos, toda a gente tinha uma razão para justificar a necessidade de partir de imediato. Todos eles merecem fazer a aliyah!, pensou Renia. Os britânicos, no entanto, mantinham as quotas e limitavam a imigração judaica. Os primeiros na fila para conseguir um visto eram os refugiados polacos que haviam suportado as mais horríveis torturas. Isso significava Renia.

Renia esperou com impaciência a data da partida, que estava sempre a ser adiada. Primeiro eram as fotografias que não tinham chegado. Depois, quando os passaportes ficaram prontos, foram os vistos para a Turquia que estavam atrasados. Quanto mais se aproximava, mais enervante era a espera. A incerteza estava sempre presente. «Não parávamos de pensar que ia acontecer qualquer coisa que ia adiar a nossa aliyah», refletiu Renia mais tarde. «Seria possível que todos os horrores por que tínhamos passado não tivessem servido para coisa nenhuma? A situação na Hungria é boa, por enquanto, mas pode mudar de um momento para o outro.» Aprendera que a vida não oferecia estabilidade, que os momentos passavam a voar, que a sorte era inconstante, que o relógio governava tudo. Sabia.

,

Renia precisava dos documentos certos não só para fazer a aliyah, como também para existir na Hungria. Via as pessoas serem regularmente detidas na rua para inspeções; as que não estivessem registadas na polícia eram presas. Hitler ainda não invadira, mas os direitos dos judeus eram cerceados. As pessoas que tinham há muito assumido que estavam livres da selvajaria que acontecia na Polónia viviam agora no fio da navalha.

Renia foi ao consulado polaco para se registar como refugiada. O capitão polaco de serviço bombardeou-a com perguntas: Era membro do PPR? (O comunismo era ilegal.) Não, claro que não era. Por outro

lado, todos os polacos eram obrigados a apoiar o movimento de Sikorski. Sim, claro que apoiava.

Um dos escrivães perguntou:

– A senhora é na verdade católica?

Renia respondeu-lhe que sim, sem a mínima dúvida.

– Graças a Deus – disse o homem. – Até agora, só nos têm aparecido judeus disfarçados de polacos.

Renia fingiu indignação.

– O quê? Judeus disfarçados de polacos?

– Sim, infelizmente – disse o funcionário.

A representação nunca acabava. Uma fotografia de Renia numa rua de Budapeste, tirada em 1944, mostra-a bem penteada, a envergar um casaco comprido feito à medida, com os bolsos debruados a pele, a sugestão de um sorriso nos lábios, a desmentir as brutalidades físicas e emocionais dos meses anteriores.

Recebeu 24 pengő para comida e alojamento, o suficiente para alguns dias, e um certificado que lhe permitia andar livremente pela cidade.

Quando voltou para junto dos camaradas, ficou a saber que apesar de todos se terem registado como católicos polacos, os funcionários suspeitaram de que eram judeus e não lhes deram dinheiro, só um certificado para mostrar nas inspeções. A JDC, explicou Renia, pagara aos funcionários do consulado polaco para fazer vista grossa.

Renia nunca mais voltou àquele gabinete, convencida de que partiria dentro de poucos dias. Mas um mês depois ainda estava em Budapeste, à espera do seu visto para a Palestina.

Durante esse mês, ainda magra, mas a recuperar forças, começou a escrever as suas memórias. Sabia que precisava de contar ao mundo o que acontecera à sua gente, à sua família, aos seus camaradas, mas como? Com que palavras? Rabiscou em polaco, usando iniciais em vez de nomes, talvez por questões de segurança, a descobrir por si mesma o que tinha acontecido, como cinco anos demoraram várias vidas, quem era, podia ser, viria a ser.

Numa fotografia dos camaradas na Hungria, o seu pulso fino como um fósforo aparece adornado por um relógio novo. Tempos renovados.

Nenhum dos camaradas estivera na sua pátria espiritual exceto em imaginação. Mesmo assim, sabiam que seria acolhedora, familiar. «Vão receber-nos de braços abertos», acreditava Renia, «como uma mãe a receber os filhos.» Ansiavam aquela terra onde encontrariam remédio para todos os seus sofrimentos – a esperança que os mantivera vivos. Aí, estariam finalmente livres da ameaça constante.

Mas Renia preocupava-se. «Compreenderão os nossos amigos em Israel aquilo por que passámos?», perguntava, presciente. «Podemos fazer uma vida normal, uma vida como a deles?»

,

E então, finalmente, Renia estava na estação. Chajka também. A gare estava cheia de pessoas que se tinham conhecido poucos dias antes, mas já se formara uma camaradagem, uma indelével proximidade espiritual. Renia ia a caminho.

Todos a invejavam, bem o sabia, mas apesar de toda a sua ânsia, não conseguia encontrar a felicidade. «A recordação dos milhões que foram assassinados, a recordação dos camaradas que dedicaram a vida a Eretz Israel, mas que tombaram antes de chegar ao seu destino, não me larga.» Vinda do nada, a imagem de judeus a serem empurrados para carruagens de comboios relampejava-lhe na mente, arrepios de frio percorriam-lhe o corpo. A família, a irmã... mal conseguia pensar em tudo isso.

Viu um comboio militar alemão passar pela estação na outra linha. Deviam saber que era um grupo de judeus, pensou. Os soldados olharam para ela com olhos maldosos. Uns quantos sorriram. Se pudessem, apear-se-iam do comboio para lhe bater. Mas, por outro lado, pensou, se pudesse, também ela lhes bateria. Sentiu um forte impulso de os provocar, mostrar-lhes que escapara à Gestapo e ia a caminho da Palestina. Tinha conseguido.

Melancolia e alegria. Abraços calorosos e despedidas tristes. Lembra-te de nós, os que ficaram para trás, diziam os abraços. Faz o que pudeses, aonde quer que vás parar, para ajudar os poucos que sobreviveram.

O comboio arrancou devagar. As pessoas corriam ao lado da composição, a não quererem deixar ir os entes queridos. Também Renia não conseguia largar – não as mãos estendidas, mas os sentimentos.

Queria tanto sentir-se alegre, encantada com o Sol glorioso e a paisagem verdejante, mas o seu coração estava pesado, inconsolável, e o pensamento obsessivo com Sarah, Áliza, os órfãos que ficaram na Polónia, o irmão, Yankel, todas as crianças.

Viajava com um grupo de dez pessoas. A maior parte tinha a fotografia no passaporte, ainda que alguns usassem nomes falsos. Segundo os documentos de imigração de Renia, era «também conhecida como Irena Glick e, por vezes, como Irena Neuman». O processo inclui uma declaração assinada em como o seu casamento com Yitzhak Fiszman, também conhecido como Vilmos Neuman, não fora uma verdadeira união – presumivelmente, fingiram estar casados para facilitar a imigração. (Yitzhak, que posa com um elegante fato de lapelas largas ao lado de Renia numa fotografia do grupo do Liberdade em Budapeste, era na realidade casado com Chana Gelbard, a correio do Liberdade em Varsóvia.) Todos os falsos casados faziam-se acompanhar por crianças órfãs ou filhos de adultos que não puderam partir. As crianças estavam extáticas, entusiasmadas com a nova aventura.

Chegaram à fronteira na noite seguinte. Alguma vez acabariam as inspeções? Os guardas revistaram-lhes a bagagem sem incidentes. Na Roménia, ficaram a saber que os funcionários do Gabinete da Palestina em Budapeste tinham sido presos. Ainda que nervosos, conseguiram atravessar a Bulgária em paz. A dada altura, a via-férrea estava bloqueada por um enorme penedo. Renia teve de caminhar 800 metros para embarcar noutra comboio. De boa vontade, os búlgaros – militares, ferroviários e civis – ajudaram os judeus. A simpatia de todos eles deixou uma impressão duradoura em Renia enquanto faziam o sinuoso percurso até à fronteira com a Turquia.

Estavam prestes a sair da Europa.

Por fim, e pressentindo um futuro em que poderia olhar para as pessoas e não temer os seus olhares, Renia começou a sentir um cintilar de alegria.

Benito esperava-os na estação de Istambul, com um outro camarada que Renia refere apenas por V. Estava toda a gente encantada; ficaram todos juntos numa pensão. V bombardeou-os com perguntas a respeito de pessoas que conhecia. Deu banho a Muniosh, que chegara com o primeiro grupo; estava sempre ocupado, tentando contactar com o punhado de judeus sobreviventes dispersos por toda a Europa. «Chorou como um bebé» ao ouvir as histórias de perda. Estava desesperado por tirar Zivia da Polónia, mas ela não queria sair. Tinha ainda tanto que fazer, diziam as suas cartas. Precisava de ficar.

Os judeus deambulavam em liberdade pelas ruas de Istambul. Ninguém os perseguia, ninguém apontava o dedo. Renia passou uma semana a maravilhar-se com a estranheza que aquilo lhe causava, não ser suspeita, não ser perseguida. Então, uma viagem de barco através do estreito do Bósforo, um comboio através da Síria, paragens em Alepo e na capital libanesa, Beirute.

A 6 de março de 1944, Renia Kukielka, uma estenógrafa de dezanove anos nascida em Będzin, chegou a Haifa, na Palestina.

Quarta parte

O legado emocional

Entrevistador: Como está?

Renia: (Pausa) Geralmente, estou bem.

Testemunho no Yad Vashem, 2002

Tínhamos sido libertados do medo da morte, mas não estávamos livres do medo da vida.

Hadassah Rosensaft, um dentista judeu que roubou comida, roupas e medicamentos para doentes em Auschwitz

Capítulo 30

Medo da vida

Aquele que sobrevive é como uma folha levada pelo vento, uma folha que não pertence a ninguém e perdeu a árvore-mãe, que morreu [...]. A folha voará com a ventania e não encontrará um lugar para si, nem encontrará as velhas folhas que em tempos conheceu, nem um pedaço do antigo céu. É impossível juntar-se a uma nova árvore. E a pobre folha deambulará, a recordar os velhos, ainda que muito tristes, dias, e sempre a ansiar o regresso. Mas não encontrará o seu lugar.

Chajka Klinger, *I Am Writing These Words to You*

Março de 1944

Renia chegou à sua pátria, confusa, maravilhada. Saíra da Polónia como fugitiva, procurada pela Gestapo, e agora estava na terra dos seus sonhos. Depois de uma estada para recuperação no sanatório do kibbutz Givat Brenner, onde continuou a escrever as suas memórias, instalou-se com a sua camarada Chawka no verdejante kibbutz Dafna, na região da Galileia. (O mesmo kibbutz que é descrito na obra de Leon Uris, *Exodo*.) Ali, finalmente na companhia de 600 outros kibbutzniks, sentiu conforto, «como se tivesse chegado a casa dos meus pais». Muitos sobreviventes do movimento sionista viajaram até Israel e juntaram-se aos kibbutzim para os quais se tinham preparado. Até sobreviventes não sionistas eram atraídos por estes lugares, não por questões de ideologia, mas porque proporcionavam trabalho, orgulho e uma estrutura para as suas vidas.

E no entanto... continuavam a existir diferenças, dificuldades. Aliviada como estava por ter chegado ao fim da sua errância e ser livre de cantar as canções que reprimira durante tanto tempo, Renia continuava a sentir o peso do tormento e da recordação do que se perdera. «Sentíamo-nos mais pequenos e mais fracos do que as pessoas à nossa volta», escreveu pouco depois de ter chegado. «Como se não tivéssemos o mesmo direito à vida que eles.»

Como muitos sobreviventes, Renia nem sempre se sentia compreendida. Viajou pela Palestina, em palestras sobre a sua

experiência na guerra, falando em locais tão díspares como o anfiteatro de Haifa e as salas de jantar de kibbutzim locais, a contar ao mundo o extermínio do judaísmo polaco. Num testemunho dado na Biblioteca Nacional de Israel nos anos de 1980, recordou que, certa vez, fora convidada para falar no kibbutz Alonim. Começou a contar a sua história em polaco e em iídiche, quando foi interrompida por uma grande agitação. No instante em que parou de falar, os presentes começaram a afastar as cadeiras e as mesas. Que se passava? As pessoas estavam a preparar-se para um baile. Renia ficou tão ofendida que saiu a correr, sem saber se não percebiam a sua língua ou se não estavam interessadas.

,

Existem muitas razões para as histórias das judias na resistência terem passado à clandestinidade. A maioria das combatentes e correios tinha morrido – Tosia, Frumka, Hantze, Rivka, Leah, Lonka – e já não estavam ali para as contar. Mas mesmo no caso das sobreviventes, as narrativas femininas eram silenciadas por motivos pessoais e políticos, que variavam conforme os países e as comunidades.

A política dos primeiros tempos de Israel, enquanto o país crescia até tornar-se uma nação, influenciaram a forma como as histórias do Holocausto vieram a ser conhecidas. Quando os sobreviventes do Holocausto chegaram ao Yishuv (o assentamento judaico na Palestina), em meados e fim dos anos de 1940, as histórias sobre os combatentes do gueto agradavam aos partidos políticos de esquerda. Não só a atividade antinazi parecia mais simpática do que a horrível tortura, como também esses relatos de bravura ajudavam a promover a imagem do partido e reforçavam o chamamento às armas pela luta por um novo país. Como aconteceu com Renia, foi dado a outras combatentes dos guetos um estrado para falar – e elas fizeram-no de forma prolífica –, mas, por vezes, as suas palavras eram «editadas» de modo a seguir a linha do partido. Alguns sobreviventes acusaram o Yishuv de ser passivo e não apoiar os judeus da Polónia. Foi nesta altura que Hannah Senesh se tornou um símbolo. Apesar de nunca ter levado a cabo a sua missão, exceto na parte em que levantou o moral, a sua história de ter deixado a Palestina para ir combater na Hungria provava que o Yishuv tivera um papel ativo na ajuda aos judeus da Europa.

Pouco depois, explicam os estudiosos, os políticos dos primeiros tempos de Israel tentaram criar uma dicotomia entre judeus europeus e judeus israelitas. Os judeus europeus, diziam os israelitas, eram fisicamente fracos, crédulos e passivos. Alguns sabras, os israelitas nascidos em Israel, referiam-se a eles como «sabões», do rumor que corria a respeito de os nazis fazerem sabão com os corpos dos judeus assassinados. Os judeus de Israel, por outro lado, viam-se como a poderosa próxima vaga. Israel era o futuro; a Europa, durante mais de mil anos um berço da civilização judaica, era o passado. A recordação dos combatentes da resistência – os judeus da Europa que eram tudo menos fracos – foi apagada para reforçar o estereótipo negativo.

A história da resistência caiu ainda mais no oblívio. Uma década depois da guerra, as pessoas estavam preparadas para ouvir falar de campos de concentração, e o trauma passou a ser de interesse público. Nos anos de 1970, o cenário político alterou-se e as histórias de rebeldes individuais foram substituídas por histórias de «resistência quotidiana». No começo dos anos de 2000, a combatente do gueto de Varsóvia Pnina Grinshpan (Frimer) foi convidada para ir à Polónia receber um prémio. Apareceu no palco, magoada, apática. «Porque precisamos de vir à Polónia receber um prémio?», perguntou num comentário, em que fazia notar que fora da Polónia que fugira. «Aqui [em Israel] somos tão pequeninos.»

As controvérsias ainda persistem. Mordechai Paldiel, o antigo diretor do Departamento dos Gentios Justos do Yad Vashem, o maior memorial de Holocausto em Israel, sentia-se perturbado pelo facto de os salvadores judeus nunca receberem o mesmo reconhecimento que os seus homólogos gentios. Em 2017, escreveu *Saving One's Own: Jewish Rescuers During the Holocaust*, um livro a respeito dos judeus que organizaram esforços de resgate em grande escala por toda a Europa. Alguns judeus criticam a falta de reconhecimento da atividade clandestina da Juventude Revisionista (o ZZW do Betar). Isto pode dever-se à circunstância de tão poucos deles terem sobrevivido; outros dizem que é porque os historiadores tendem a ser da esquerda e só comemoram os seus. Outros ainda fazem notar que Menachem Begin, o antigo líder da direita israelita e sexto primeiro-ministro do país, fugiu da Rússia e não lutou no gueto de Varsóvia; Begin menosprezava o levantamento. O Bund (baseado sobretudo fora de Israel), os sionistas e os revisionistas continuam a não estar de acordo quanto a quem foi responsável por iniciar o levantamento do gueto de Varsóvia. O fenómeno repete-se mesmo entre os sionistas de esquerda, o Liberdade, o A Jovem Guarda e o Juventude Sionista: cada movimento tem arquivos, galerias e editoras dedicados ao Holocausto em Israel.

A história é diferente nos Estados Unidos. No ideário popular, os judeus norte-americanos não discutiram o Holocausto nos anos de 1940 e 1950 – presumivelmente por medo e culpa, e por estarem muito ocupados a tornarem-se suburbanos e não quererem destoar dos seus vizinhos não judeus da classe média. Mas como Hasia Diner mostra na sua obra pioneira *We Remember with Reverence and Love: American Jews and the Myth of Silence After the Holocaust, 1945-1962*, esta narrativa não tem fundamento. Muito pelo contrário, houve uma proliferação de escritos e discussões a respeito do Holocausto nos anos do pós-guerra. Um líder da comunidade judaica preocupava-se com o facto de haver um foco excessivo na guerra, chegando a citar o livro de Renia como exemplo. Como Diner faz notar, os judeus norte-americanos – no seu novo papel de principal comunidade judaica no mundo – debatiam-se com o problema de como falar do genocídio e não se deviam fazê-lo.

Com o tempo, as histórias mudaram. Nechama Tec, o autor de *Resistance: Jews and Christians Who Defied the Nazi Terror* e de *Defiance: The Bielski Partisans* (mais tarde, adaptado ao cinema), afirma que no início dos anos de 1960 havia no meio académico norte-americano uma tendência para aceitar a tese da submissão judaica e até para culpar a vítima. Este «mito da passividade», em parte incitado pela filósofa política Hannah Arendt, era preconceituoso e não se baseava em factos. Diner afirma que em fins da década de 1960, a comunidade judaica norte-americana tornara-se pública e estabelecida: uma explosão de publicações tardias sobre o Holocausto afogou os trabalhos anteriores, o que talvez faça parte da razão por que o livro de Renia desapareceu da nossa memória coletiva.

Ainda hoje há complicações éticas na apresentação deste material nos Estados Unidos. Escrever a respeito de combatentes pode dar a impressão de que afinal o Holocausto não foi «assim tão mau» – um risco num contexto em que o genocídio se desvanece na nossa memória. Muitos escritores receiam que glorificar os que resistiram ponha demasiada ênfase na ação, sugerindo que a sobrevivência foi mais do que uma questão de sorte, a julgar por aqueles que não pegaram em armas, e em última análise culpando a vítima. Além disso, esta é uma história que acinzentava o tropo vítima-agressor e revela complicações cheias de matizes, acrescentando significado à intensa discórdia que existe no seio da comunidade judaica a respeito de como lidar com a ocupação nazi. Esta narrativa inclui inevitavelmente judeus que colaboraram com os nazis e judeus rebeldes que roubaram para comprar armas – éticas periclitantes a cada esquina. A raiva e a retórica violenta destas memórias de judias são pouco firmes. Como o é o facto de tantas destas resistentes serem de classe média e urbanas, mais

modernas e sofisticadas, mais «como nós», do que seria confortável. Todos estes fatores dissuadem o debate.

E depois há o gênero. Por norma, as mulheres são afastadas de histórias em que desempenharam papéis fulcrais, as suas experiências apagadas da narrativa. Também aqui as histórias das mulheres foram silenciadas. Segundo o filho de Chajka Klinger, o estudioso do Holocausto Avihu Ronen, isto relaciona-se em parte com os papéis das mulheres nos movimentos juvenis. Por norma, as mulheres eram quem tinha de escapar com «a missão de contar». Eram as documentalistas nomeadas e as historiadoras em primeira mão. Muitas das primeiras crônicas da resistência foram escritas por mulheres. Como autoras, argumenta Ronen, relatavam as atividades dos outros – quase invariavelmente homens – e não as suas. As suas experiências pessoais caíam para segundo plano.

Lenore Weitzman, uma pioneira no estudo das mulheres e do Holocausto, explica que pouco depois de as obras destas mulheres terem sido publicadas, as grandes histórias foram escritas por homens, que se focaram em homens, não em raparigas-correio que minoravam a importância da sua atividade. Sugere que só o combate físico – que era público e organizado – era valorizado, ao passo que outras tarefas da clandestinidade eram consideradas triviais. (Mesmo assim, muitas judias lutaram no levantamento e estiveram envolvidas em combates armados, pelo que não deviam ser apagadas também desse relato.)

Mesmo quando as mulheres tentaram contar as suas histórias, foram com frequência deliberadamente silenciadas. Censuraram-se os escritos de algumas mulheres para se adequarem a motivações políticas, outros foram tratados com incredulidade, acusados de serem uma invenção. Depois da libertação, um jornalista do exército norte-americano aconselhou as partisans de Bielski, Fruma e Motke Berger, a não repetirem a suas histórias, porque as pessoas iam julgá-las mentirosas ou loucas. Muitas mulheres enfrentaram o desdém – acusadas por familiares de terem fugido para combater em vez de ficarem a tomar conta dos pais; outras foram recriminadas de ter «pagado na horizontal o caminho para a segurança». As mulheres sentiam-se julgadas de acordo com a crença persistente de que, enquanto as almas puras pereciam, as ardilosas sobreviviam. Tantas vezes, quando as suas vulneráveis revelações não eram acolhidas com empatia e compreensão, as mulheres voltaram-se para dentro e recalçaram as suas experiências, enterrando-as fundo abaixo da superfície.

E depois havia o lidar com isto. As mulheres silenciavam-se. Muitas sentiam que era seu «dever sagrado» de «importância cósmica» ajudar

a crescer uma nova geração de judeus e guardar o passado para si, num desejo desesperado de criar uma vida «normal» para os filhos e para elas. Muitas destas mulheres tinham vinte e poucos anos quando a guerra acabou; tinham tudo à sua frente e precisavam de encontrar maneiras de avançar. Nem todas queriam ser «sobreviventes profissionais». Também as famílias silenciavam estas mulheres, com receio de que enfrentar as suas recordações fosse demasiado difícil, de que lancetar velhas feridas as voltasse a abrir.

Muitas mulheres sofriam de um opressivo complexo de culpa do sobrevivente. Quando a correio de Białystok, Chasia, se sentiu pronta para partilhar o seu passado de roubo de armas e sabotagem, os judeus começavam a abrir-se a respeito das suas experiências nos campos de concentração. Em comparação com o que tinham passado, ela «safara-se bem». A sua narrativa parecia demasiado «egoísta». Outros falaram a respeito da hierarquia do sofrimento na comunidade sobrevivente. Certa vez, o filho de Fruma Berger sentiu-se marginalizado num evento de segunda geração porque os pais tinham sido partisanos. Algumas combatentes e respetivas famílias sentiam-se excluídas pelas comunidades, muito unidas, de sobreviventes – e voltavam-lhes as costas.

E depois há os tropos narrativos que reinaram em relação às mulheres durante décadas. Hannah Senesh pode ter sido um bom modelo porque testemunhou o envolvimento do Yishuv. Mas os estudiosos referem que Hannah se tornou mais famosa do que a sua colega paraquedista Haviva Reich – que convenceu um piloto norte-americano a largá-la às cegas sobre a Eslováquia, onde organizou alimento e abrigo para milhares de refugiados, salvou militares aliados e ajudou crianças a escapar – porque era jovem, bonita, solteira, rica e poetisa. Haviva era uma divorciada de cabelos castanhos com trinta e alguns anos e um passado romântico bastante colorido.

Para os judeus norte-americanos, tudo isto é história antiga, mas, mesmo assim, as apostas continuam altas. Na Polónia, onde as pessoas ainda estão a recuperar de décadas de jugo soviético, a colaboração das mulheres com o Exército Vermelho assume um significado diferente. O senado polaco aprovou recentemente uma lei (mais tarde revista) nos termos da qual a Polónia não pode ser considerada culpada por quaisquer crimes cometidos durante o Holocausto. A recordação da resistência polaca é muito popular no país, onde o símbolo da âncora é largamente grafitado nos edifícios. Quem tenha um combatente do Exército Nacional na família é merecedor de uma estima especial. A narrativa está ainda em construção, a resistência e o seu papel são

ténues. A forma como a guerra é apresentada – a nós e ao mundo exterior – pode explicar quem somos e porque agimos como agimos.

,

Não era só o silenciar das suas histórias que criava dificuldades imediatas às sobreviventes e combatentes, era também a liberdade.

Estas jovens eram adultas sem-abrigo de vinte e poucos anos que perderam a infância, que não tiveram a possibilidade de estudar ou de se preparar para uma carreira, que não tinham redes familiares normais, cujo desenvolvimento sexual fora tantas vezes inexistente, traumatizante ou profundamente intensificado. Muitas destas mulheres – sobretudo as que não aderiam a filosofias políticas fortemente instituídas – não sabiam para onde ir, nem o que fazer, nem o que ser, nem como amar.

Faye Schulman, a partisan que passou anos a deambular pelas florestas, a estourar comboios, a realizar cirurgias ao ar livre e a fotografar soldados, escreveu que a libertação não era o epítome da alegria, mas «o ponto mais baixo da minha vida [...]». Nunca me sentira tão só, tão triste; nunca tinha ansiado tanto por pais, família, amigos que nunca mais voltaria a ver.» Depois dos brutais assassinios dos seus familiares e de todas as suas perdas, o rigor, o dever e a coesão social da vida de partisan tinham-na mantido sã de espírito, focada, com um propósito: sobrevivência e vingança. Agora, estava sozinha no mundo, sem nada, nem sequer uma nacionalidade. Enquanto os seus camaradas partisans se sentavam à volta da fogueira a pensar no fim da guerra, a sonhar com reuniões e celebrações, ela sentia outra coisa:

Quando a guerra acabasse, teria um lugar onde pertencesse? Quem estaria na estação à minha espera? Quem festejaria a liberdade comigo? Para mim não haveria desfiles de boas-vindas, nem tempo para chorar os mortos. Se sobrevivesse, ao que regressaria? A minha casa e a minha terra foram arrasadas até aos alicerces, as pessoas assassinadas. Não estava na mesma situação que os camaradas à minha volta. Era judia e mulher.

Faye recebeu uma medalha do governo soviético, mas teve de entregar as suas armas. Sem uma noção de proteção ou identidade, decidiu alistar-se no exército soviético e continuar a lutar na Jugoslávia. A caminho dos escritórios militares, conheceu um oficial de aspeto judaico que a convenceu a não arriscar mais a vida. Faye tornou-se fotógrafa do governo em Pinsk. Conseguiu encontrar o rasto dos irmãos sobreviventes; mostrar a medalha dava-lhe acesso aos comboios e às autoridades. Através de um dos irmãos, conheceu Morris Schulman, um comandante partisan que os encontrara na floresta e que conhecia a história da sua família antes da guerra. Algumas mulheres sobreviventes idealizavam os pais falecidos e esforçavam-se por criar laços de intimidade, mas os sentimentos de Faye e Morris um pelo outro foram imediatos, e por ele, Faye recusou muitas outras propostas. «Sentíamos uma urgência de avançar rapidamente com o amor que restava em nós.»

Apesar de serem um bem-sucedido e relativamente abastado casal soviético, a cidade Judenrein de Pinsk parecia-lhes demasiado deprimente. Percorreram a Europa em muitas viagens difíceis e perigosas, mais um casal entre milhões de pessoas deslocadas que deambulavam pelo continente; foram obrigados a ficar num horrível campo de refugiados que fazia Faye recordar o gueto. Pouco depois, aderiram ao Bricha, uma organização clandestina que contrabandeava judeus para a Palestina, onde as quotas de imigração continuavam em vigor. Mas Faye tinha um bebé e ansiava segurança. Ela e Morris mudaram de rumo e passaram o resto das suas vidas em Toronto, onde criaram carreiras e família. Faye falou em público das suas experiências de guerra durante décadas. «Por vezes, [o] mundo passado parece-me quase mais real do que o presente», escreveu. Uma parte dela ficou para sempre enraizada no seu universo perdido.

,

Outra questão que permanecia nos sobreviventes estava relacionada com a culpa.

No verão de 1944, da janela do seu esconderijo em Varsóvia, Zivia via os cavalos cansados a puxarem carroças de camponeses carregadas de alemães que fugiam para salvar a vida. O movimento clandestino polaco, controlado sobretudo pelo Exército Nacional, decidira que era tempo de lutar – expulsar os enfraquecidos nazis e defender a Polónia

da crescente ameaça soviética. Ainda que não concordassem com todas estas políticas, Zivia, ZOB e comunistas polacos optaram por juntar-se à luta – qualquer esforço para destruir os nazis valia a pena. Zivia fez constar através da imprensa clandestina polaca que todos os judeus deviam combater, fosse qual fosse a sua filiação partidária, por «uma Polónia livre, independente, forte e justa». A revolta começou a 1 de agosto. Nela participaram judeus, incluindo mulheres, de todas as facções políticas. Durante esta revolta, Rivka Moscovitch foi morta quando um nazi que passava de carro a abateu com tiros de metralhadora em plena rua.

O Exército Nacional recusava combater ao lado dos judeus, mas o Exército do Povo aceitou de braços abertos a colaboração do ZOB. Preocupados com as baixas entre os judeus, ofereceram-lhes papéis nos bastidores, mas Zivia e o seu grupo insistiam no combate ativo. Defendeu um posto importante e isolado, quase esquecido no meio da ação. Os 22 judeus tiveram um papel menor, mas para Zivia significava tudo ver que o ZOB continuava vivo e bem vivo e a trabalhar ao lado dos polacos. O Exército Nacional preparara-se para lutar alguns dias, mas os soviéticos mantiveram-se firmes no seu envolvimento, e a sangrenta batalha durou dois meses. A magnífica cidade de Varsóvia foi arrasada, transformada num monte de escombros com três andares de altura; quase 90% dos seus edifícios tinham sido destruídos. Por fim, os polacos renderam-se. Os alemães expulsaram toda a gente. Mas que podiam fazer os judeus – sobretudo aqueles que pareciam sê-lo?

Mais uma vez, os combatentes escaparam pelos canais dos esgotos. Dessa vez, Zivia estava exausta e quase se afogou. Antek carregou-a às costas enquanto ela dormia.

Mesmo com o Exército Vermelho a aproximar-se, Zivia permaneceu realista, ou pessimista, alertando os camaradas para que não se entusiasmassem demasiado. Depois de passarem por várias melinas, a situação dos judeus escondidos era desesperada. Seis semanas de terríveis bombardeamentos soviéticos, de escassez de comida e água, de fumar folhas que apanhavam das árvores, de quase sufocarem na minúscula cave onde se tinham refugiado – estavam condenados. Sobretudo quando os alemães começaram a abrir trincheiras na rua e, em seguida, no edifício sob o qual se escondiam.

Os nazis estavam a derrubar paredes mesmo ao lado do abrigo de Zivia. Os judeus ouviam cada pazada. Mas, como sempre, os alemães pararam ao meio-dia para a habitual pausa de almoço. Cinco minutos mais tarde, chegou um grupo de salvamento da Cruz Vermelha polaca. Correios do Bund tinham contactado um médico polaco de esquerda num hospital próximo, e ele mandara uma equipa para os recuperar a pretexto de

estar a recolher doentes com tifo – o que, como sabia, manteria os alemães à distância. Taparam com ligaduras os dois que tinham um aspeto mais semita e levaram-nos em macas. Os outros puseram braçadeiras da Cruz Vermelha e misturaram-se com o grupo de salvamento. Zivia fingiu ser uma velha camponesa que deambulava de casa em casa. O grupo atravessou a cidade destruída e, não obstante algumas alterações, conseguiu escapar – até convenceram um nazi que perdera um olho às mãos «dos bandidos judeus» a levar alguns deles na sua carroça. Do hospital, Zivia foi esconder-se nos subúrbios.

Quando, em janeiro de 1945, os russos libertaram Varsóvia, Zivia, com trinta anos, sentia-se vazia. Descreveu o dia em que os tanques soviéticos entraram na cidade. «Uma multidão de gente correu a recebê-los, exuberante, na praça do mercado. As pessoas rejubilavam e abraçavam os seus libertadores. Nós ficámos à parte, esmagados e rejeitados, os restos solitários do nosso povo.» Este foi o dia mais triste da vida de Zivia: o mundo que conhecera deixara oficialmente de existir. Como muitos sobreviventes que se aguentavam à custa de hiperatividade, Zivia lançou-se na ajuda a outros.

Ficaram vivos cerca de 300 mil judeus polacos: apenas 10% da população anterior à guerra, em que se incluíam sobreviventes dos campos, «passantes», pessoas escondidas, partisanos das florestas e – a maioria – os 200 mil judeus que permaneceram durante a guerra em território soviético, muitos deles encarcerados em gulags siberianos. (Os «Asiáticos», como eram chamados.) Estes judeus não regressavam a lado nenhum – nem família nem casa. A Polónia do pós-guerra era um «Oeste Selvagem» onde grassava o antissemitismo. Nas pequenas povoações, sobretudo naquelas em que as pessoas receavam que os judeus reclamassem as suas propriedades, os judeus podiam ser mortos nas ruas. Zivia trabalhava para levar-lhes ajuda; também planeava rotas de fuga. Em Lublin, entrou em contacto com Abba Kovner, e embora comesçassem por colaborar, acabaram por se desentender. Zivia dava prioridade à construção da comunidade; Kovner, a uma saída imediata da Polónia – e vingança.

Os movimentos esforçaram-se mais do que nunca para renovarem as suas bases polacas, chegando a enviar emissários às estações ferroviárias para convencer os «Asiáticos» a juntarem-se às suas fileiras. Zivia voltou a Varsóvia para trabalhar com os sobreviventes, criando comunas seguras e atraindo judeus para o Liberdade. Como sempre, era a figura maternal que toda a gente procurava, mas mantinha privados os seus sentimentos.

A sofrer de exaustão, em 1945, Zivia pediu por fim para fazer a aliyah. Os sionistas socialistas de Byten chegaram à Palestina – o seu sonho há

muito adiado. Foi como se tivessem ressuscitado por milagre de entre os mortos, sobretudo depois de tantos obituários terem sido publicados, mas a vida não era fácil. Zivia vivia numa cabana num kibbutz, a partir do qual os britânicos lançavam ataques contra os líderes do Yishuv – episódios que lhe faziam lembrar as Aktions do gueto. Os kibbutzim, achava ela, não faziam o suficiente para acolher os sobreviventes. Apesar de a irmã estar lá, não tinha tempo para ver a família e os amigos devido ao trabalho do movimento, e estava com saudades de Antek, ao que tudo indica receosa de que a natureza namoradeira dele o tivesse levado a envolver-se com outras mulheres. A depressão e a culpa cresciam de dia para dia. Devia ter estado no número 18 da rua Mila. Devia ter morrido.

Foi de imediato enviada numa digressão de conferências – um «circo», como lhe chamava. Recebeu convites de inúmeros grupos e sentia que não podia recusar; demasiadas organizações queriam o seu apoio, ansiavam o fulgor do seu heroísmo.

Em junho de 1946, juntaram-se 6 mil pessoas no kibbutz Yagur para a ouvir prestar um eloquente e firme testemunho de oito horas, em hebraico, sem notas, os pensamentos bem articulados a brotarem-lhe da cabeça e do coração. Toda a gente ficou fascinada, aturdida. «Estava ali como uma rainha», comentou mais tarde um membro do público, notando que emanava dela uma sensação de santidade. As suas palestras eram a respeito da guerra, do movimento, do ZOB, e nunca a respeito dos seus sentimentos ou da sua vida pessoal. Zivia defendia as massas de judeus dos guetos e pedia empatia com os sobreviventes, mas a maior parte dos ouvintes queria ouvi-la falar do levantamento. A sua história de combatente do gueto foi usada por alguns políticos de esquerda para promover as respetivas agendas; a posição combatente de Zivia ecoava as filosofias militantes de um Estado nascente. Como lhe era pedido, ao que parece, não insistia nas críticas ao Yishuv por não ter enviado mais apoio para Varsóvia. Ao apelar às mulheres, ao promover a importância das armas e do heroísmo, era adorada e ajudava o partido a ganhar apoios, mas esta exposição e as políticas envolvidas esgotavam-na. Cada discurso abria feridas, voltava a acordar o seu sofrimento e a sua culpa. Queria estar sozinha, respirar.

No ano seguinte, Zivia foi escolhida para desempenhar um papel fulcral no Congresso Sionista, em Basileia. Ela e Antek encontraram-se na Suíça, onde um rabi os casou em segredo. Zivia regressou grávida a Israel – com o mesmo vestido que usava em Yagur, mas que agora lhe ficava apertado. Antek seguiu-a poucos meses mais tarde. Não obstante, apesar da reputação heroica do casal – eram os dois únicos sobreviventes do comando sionista do levantamento do gueto de

Varsóvia –, nunca ocuparam cargos políticos importantes em Israel, talvez porque os políticos do Yishuv se sentiam ameaçados pelo estatuto mítico dos dois. Antek trabalhava no campo; Zivia nos galinheiros. Fugia ao olhar público. Segundo os que lhe eram próximos, não se julgava nada de especial, apenas alguém que fazia o que tinha de ser feito.

Nos seus escritos, Zivia enfatiza que fora treinada para isso. A maior parte dos judeus pura e simplesmente não sabia o que fazer, mas a juventude era educada para criar os seus próprios objetivos e alcançá-los. Quando lhe perguntaram que fatores tinham levado ao comportamento da mãe durante a guerra, a resposta imediata da filha de Chasia foi que herdara a tolerância do pai e a força do A Jovem Guarda. Como Chasia refletiria seis décadas mais tarde, «Sabíamos partilhar, trabalhar juntos, respeitar as opiniões uns dos outros, ultrapassar obstáculos, superarmo-nos a nós mesmos. Na altura não nos apercebíamos de como íamos precisar [dessas competências] em anos futuros.» Os movimentos juvenis emergiram num contexto em que os judeus se sentiam ameaçados. Ensinavam os participantes a lidar com os problemas existenciais e, ao mesmo tempo, a viver e trabalhar em conjunto, colaborar a todos os níveis.

Sentindo a necessidade de uma comunidade que os compreendesse e recordasse o seu passado, Zivia e Antek decidiram fundar o seu kibbutz – o que não era tarefa fácil. O movimento receava que aquele kibbutz se focasse nos traumas passados; os combatentes do gueto tinham de provar a todo o instante que não iam quebrar mentalmente. Ao cabo de algumas lutas, estabeleceram o kibbutz Casa dos Combatentes do Gueto (CCG), composto sobretudo por sobreviventes. Zivia contava com o trabalho e a maternidade – um constante número de equilíbrio – para abafar o passado e seguir em frente. Como muitos outros sobreviventes que tinham vivido com a noção de que «a catástrofe pode abater-se sobre nós sem aviso», com medo dos trovões e dos relâmpagos (que lhes faziam lembrar os bombardeamentos), os membros do kibbutz sofriam de stress pós-traumático e de terrores noturnos. No todo, porém, trabalhavam duramente e tornaram-se uma entidade produtiva. Mais tarde, Antek fundou ali o primeiro museu memorial e arquivo do Holocausto de Israel, num elegante edifício brutalista com tetos altos e curvos. Surgiram controvérsias a respeito da natureza da narrativa que apresentavam, mesmo entre os membros do kibbutz. As discórdias com o A Jovem Guarda e o Yad Vashem esbateram-se com o tempo, mas ainda hoje é possível senti-las logo abaixo da superfície.

Zivia continuou a ser uma mulher de princípios, contida, impulsionada pelos ideais do movimento. Era avarenta com o dinheiro, ferozmente oposta à reconciliação com a Alemanha e às indenizações (exceto quando o seu lado prático se impunha), e foi obrigada por Leon Uris a comprar um vestido novo para um evento importante. As únicas prendas que os filhos estavam autorizados a aceitar eram livros; foram os últimos do kibbutz a comprar bicicletas. (Antek, o visionário romântico e bon vivant, apreciava mais as coisas materiais.) Quando quis um novo alpendre, Zivia juntou pedras e marretas e construiu-o. Sempre fora de opinião de que as ações do quotidiano eram a marca do valor de cada um. Não aprofundava questões, mas acreditava que uma pessoa tinha de tomar decisões e levá-las até ao fim. «Dá uma palmada no teu rabo!» era o seu lema.

Zivia trabalhava, viajava, geria as finanças do kibbutz, lia avidamente novos livros, recebia hóspedes e criava dois filhos. Como a maioria dos sobreviventes do Holocausto, ela e Antek eram superprotetores e cuidadosos. Muitos pais sobreviventes escondiam dos filhos os respetivos passados, desejando desesperadamente que eles tivessem vidas normais, o que inadvertidamente causava fissuras. Nos kibbutzim de Israel, as crianças viviam em alojamentos comunitários separados e só passavam as tardes com os pais, o que acentuava o distanciamento e perturbava o desenvolvimento da intimidade física. Na CCG, as crianças tinham problemas específicos com pesadelos e enurese, e Zivia concordou com a contratação de uma psicóloga – uma extravagante despesa com mão de obra exterior, que, em circunstâncias normais, não toleraria. O facto de o filho estar a chorar e ela ter de o deixar aos berros porque o tempo dos pais na ala das crianças se esgotara era demasiado perturbador.

Zivia manteve-se sempre na periferia da opinião pública. Em 1961, testemunhou no julgamento do nazi Adolf Eichmann, e numas poucas ocasiões aceitou, com relutância, integrar as listas do Partido Trabalhista para o parlamento israelita. Queria ajudar o partido, e só alinhou no jogo porque sabia que ia perder. Foi-lhe atribuído um cargo político no governo, mas demitiu-se; queria trabalhar no kibbutz, estar com a família. Preferia cozinhar e criar galinhas às cansativas charadas de ser uma figura de proa. Quando, nos anos de 1970, os intelectuais se focaram na resistência quotidiana e deixaram de procurar figuras heroicas, e também devido à sua teimosa aversão à ribalta, o nome de Zivia desapareceu da consciência dos israelitas. O seu livro sobre a guerra baseava-se nas palestras que fizera e foi editado por Antek. Apesar da insistência para que os seus escritos fossem publicados postumamente, não contém qualquer revelação pessoal. «Pode-se saber

muito a respeito de uma pessoa», dizia ela, «contando o número de vezes que diz “Eu” numa frase.»

Mesmo em casa dos heroicos Zivia e Antek, o passado estava em segredo. Como era comum entre os filhos dos sobreviventes que sentiam que não era seguro sondar, os filhos de Zivia faziam poucas perguntas a respeito da história dos pais. A filha, Yael, uma psicóloga, perguntava-se, Como é possível não os ter obrigado a sentarem-se e perguntar-lhes? Quando era criança, desejava pais sabras, mais novos e que falassem hebraico. O filho, Shimon, sentia-se pressionado por ser descendente de lendas, incapaz de se mostrar à altura das expectativas: «O que devo fazer, atirar um cocktail molotov, matar um alemão, ou o quê?»

Muitos filhos de sobreviventes sentiam a pressão oposta: alcançar o que os pais não tinham alcançado e atingir objetivos em nome de toda a família, e ao mesmo tempo serem sempre felizes, justificando a «sobrevivência» dos pais. Outros sentiam-se pressionados a serem «normais» – e rebelavam-se ao não casarem. Outros ainda sentiam-se levados a escolher uma determinada carreira, como medicina. («Um filósofo [é] inútil numa floresta», disse um antigo partisan aos filhos californianos.) Muitos tornaram-se trabalhadores na área da saúde mental ou da assistência social.

Pouco antes de Zivia morrer, a nora deu-lhe uma neta: Eyal, que é o nome hebraico do ZOB. Zivia segurou na bebé e chorou em público, pela primeira vez desde as florestas da Polónia. Eyal fala publicamente sobre a história da sua família, atribuindo a sua loquacidade ao avô, de quem era próxima quando criança. Embora confesse desejar saber mais sobre a vida interior da avó, Eyal vê o livro de Zivia – a história de uma carreira, uma pessoa que «fazia», que punha os outros em primeiro lugar, que mantinha padrões extremamente elevados para toda a gente, incluindo ela própria – como uma fonte de força.

E também ela dá mostras de uma franca autocrítica; um legado da filosofia do Liberdade. Num documentário israelita sobre a família, pergunta-se se teria tido força para lutar como Zivia lutou. Quando outros criticam os polacos como testemunhas passivas, observa que também se sentou em restaurantes próximos de zonas de guerra, a divertir-se.

Enquanto Eyal trabalha na área do Recursos Humanos, a organizar pessoas tal como a avó fazia, a irmã, Roni, segue as pegadas de Zivia como combatente. Roni foi a primeira mulher piloto de caça do exército israelita, destacando-se nas formaturas com uma comprida trança loura a descer-lhe pelas costas. Roni raras vezes fala em público, em parte

devido à sua condição de militar, mas sobretudo porque herdou a reserva da avó. Com a sua «hipermoralidade», vive para a avó, que nunca conheceu, mas cuja «calma liderança» lhe parece bonita. A maneira dos Zuckerman, brincam as irmãs, era manter tudo perto do peito; responder a qualquer pergunta com uma palavra. Acima de tudo, «os Zuckerman não choram». O mais importante que aprendeu com os avós, disse Eyal, foi que «nunca temos um controlo total das circunstâncias, mas temos controlo sobre como respondemos. Temos de confiar em nós para avançar na vida».

«Tudo o que fiz foi tentar morrer, mas sobrevivi», era o refrão de Zivia. «O destino determinou que eu viveria, e não me resta outra alternativa.» A despeito da sua vida vitoriosa, Zivia era perseguida pela culpa. Podia ter salvado mais, feito mais, feito coisas mais cedo. O remorso que começara em Varsóvia – a sensação da oportunidade desbaratada, os combatentes que perdera – nunca morreu, pelo contrário, cresceu com a sobrevivência. Porque escapei?, era uma presença constante.

Outra constante para Zivia era o vício do cigarro. Com sessenta anos, com o tabaco e os remorsos a roerem-na por dentro, desenvolveu um cancro do pulmão, e não obstante todas as tentativas de continuar a trabalhar como de costume, morreu em 1978, com sessenta e três anos. A pedido de Antek, só o primeiro nome aparece na pedra tumular. «Zivia é uma instituição», explicou o filho. Não são precisas mais palavras.

Sem ela, a frágil existência que Antek reconstruíra estilhaçou-se. Não queria viver num mundo sem Zivia. Desrespeitando ordens dos médicos, começou a beber. «Trabalhava para se matar», disse Eyal. Mau grado o seu encanto e natureza alegre, Antek sofria com profundas assombrações, não era capaz de largar o passado, culpava-se por não ter salvado a família e era perseguido pelas decisões que tomara durante a guerra. Nunca deixara de pensar na morte de um potencial informador. E se o homem estivesse inocente? O remorso de Antek aguçou-se com o tempo, «como lava a jorrar do chão e a esguichar para cima», disse, refletindo sobre como o passado e o presente se entreteciam. Liderar o levantamento do gueto de Varsóvia e acabar a apanhar fruta num kibbutz não era um percurso de vida fácil. Muitos combatentes nunca mais voltaram de verdade a encontrar-se depois dos seus traumáticos e hiperdramáticos vinte anos. Antek morreu três anos depois de Zivia, num táxi, a caminho de uma cerimónia em honra dela.

«Zivia era o ramo e Antek o tronco», disse Yael. «Se o ramo verga, o tronco cai, por mais forte que pareça.»

,

Israel era um ambiente duro, mas a vida também não foi fácil para os combatentes da resistência polaca numa Polónia do pós-guerra, governada pela URSS durante décadas. Num clima de vigilância e medo, aquele que tivesse mostrado simpatia pelo Exército Nacional no decorrer do conflito podia ser considerado um «nacionalista polaco» e, portanto, um rebelde contra o regime soviético – e, por isso, em perigo de morte. Muitos dos polacos que ajudaram os judeus esconderam as suas ações heroicas com medo de serem acusados de estarem do lado errado do Estado. Uma polaca que abrigara uma família emigrada em Israel teve de lhes pedir que parassem de enviar prendas de gratidão com a bandeira israelita porque os presentes despertavam as suspeitas dos vizinhos.

Na Polónia, alguns judeus reprimiram os seus passados e cortaram todos os contactos. «Halina», que ajudara a salvar Renia da prisão, era na realidade Irena Gelblum. Depois da guerra, ela e Kazik, o seu namorado, foram para Israel. Mas ela partiu pouco depois, estudou medicina, trabalhou como jornalista e tornou-se uma poetisa famosa em Itália, onde mudou o nome para Irena Conti. Acabou por voltar à Polónia, mas estava constantemente a mudar de identidade e de amigos, o seu passado a tornar-se um segredo cada vez mais profundo.

Outros viveram as suas vidas mais abertamente. Irena Adamowicz, a escuteira católica, trabalhou na Biblioteca Nacional polaca. Nunca casou. Cuidava da mãe e passava o tempo com amigos do tempo da guerra. Manteve uma correspondência escrita com as judias com que trabalhara, e visitou Israel em 1958 – um ponto alto da sua vida. Vivia no pânico de morrer sozinha, mas, apesar disso, à medida que envelhecia, fechou-se em si mesma. Num dia de 1973, morreu subitamente na rua, com sessenta e três anos. Em 1985, foi nomeada para um dos Justos Entre as Nações no Yad Vashem.

,

Para outros, o sofrimento da sobrevivência era demasiado insuportável. Chajka Klinger chegou à Palestina no mesmo comboio que Renia, mas

com uma depressão cada vez mais profunda. Ela e Benito instalaram-se no kibbutz Gal On, do A Jovem Guarda, onde tentaram integrar-se na vida comunitária. Chajka falou em numerosas reuniões e conferências. Mas o conflito com o movimento veio à tona. O A Jovem Guarda publicou excertos dos seus diários – mas muito censurados, omitindo e até revertendo as suas críticas ao Yishuv (que ela acusava de não ter feito o suficiente) e removendo as suas dúvidas a respeito de se a resistência iria alguma vez resultar. Chajka não foi silenciada, foi censurada. As suas palavras e os seus pensamentos – para uma intelectual como ela, a sua identidade – foram distorcidos pelo movimento a que dedicara a vida.

Os pensamentos mórbidos que começaram quando estava escondida iam e vinham, mas nunca a deixaram de todo. Ela e Benito mudaram-se para um novo kibbutz, o Ha'Ogen, onde havia menos amigos do passado. Viviam num quarto feito com caixotes de laranjas, mas Chajka concentrava-se em desfrutar da vida familiar. Começou a editar os seus diários em forma de livro, e sentia-se enfim feliz, apesar do sentimento de culpa que aquela felicidade lhe provocava. Era difícil para ela arranjar um trabalho permanente no kibbutz – sobretudo na sua área preferida, cuidar de crianças – por lhe faltar antiguidade. Depois de tudo por que passara, ia recomeçar do zero. «Aquela que liderara um movimento durante a guerra, que fizera frente à Gestapo», escreveu o filho, Avihu, «era agora apenas Chajka R.» (O apelido de Benito, que ela adotara, era Ronen, anteriormente Rosenberg.) Então, Chajka engravidou. Durante a gravidez acordava a meio da noite com alucinações, e Benito começou a compreender que aqueles episódios eram «doença mental», a designação mais abrangente que então se usava. Nem o PSPT nem o trauma coletivo eram ainda compreendidos. No Ha'Ogen, os sobreviventes não tinham um tratamento especial e não falavam dos respetivos passados. As regras do kibbutz, o papel de cada membro na força laboral e o presente eram as únicas coisas que importavam.

Chamou ao filho Zvi, em memória de Zvi Brandes.

Chajka não tinha uma comunidade de sobreviventes que a compreendesse, com que pudesse recordar ou até fantasiar a respeito de vingança. Não tinha muitos amigos. (A maior parte dos membros do kibbutz falava húngaro.) Além disso, a antiga namorada de Benito também lá vivia. Chajka foi enviada para aprender a trabalhar nos galinheiros em vez de a deixarem estudar para uma licenciatura, como pretendia. Os trabalhos importantes iam para os homens. Os seus objetivos de carreira – os objetivos de um intelecto que não se deixara vergar – tornaram-se sonhos desfeitos.

Chajka descobriu que uma das irmãs estava viva, o que lhe deu alguma esperança e estabilidade. Mas, então, o líder do A Jovem Guarda decidiu que Benito, que continuava a trabalhar na ajuda aos refugiados, regressaria à Europa. Pediram a Chajka que abrisse mão de todos os pequenos confortos que criara para si e voltasse ao continente empapado em sangue de onde escapara por uma unha negra.

Não ficou muito tempo, regressando pouco depois a Israel para ter o seu segundo filho, Avihu, o estudioso. Sofreu uma profunda depressão pós-parto, incapaz de se levantar da cama durante semanas, com medo de tomar os medicamentos por recear estar a ser envenenada. Foi hospitalizada contra a sua vontade. Depois disso, nunca mais ninguém falou da sua doença – era tabu.

De volta ao kibbutz, Chajka afastou-se dos amigos de Będzin, e não encontrou um escape para os seus talentos. Então, durante a terceira gravidez, usaram os seus diários, sem autorização, num artigo que criticava a liderança do A Jovem Guarda, colocando-a no centro de uma acesa controvérsia que, mais uma vez, a obrigava a lidar com o conflito entre a sua verdade e a lealdade ao movimento. Vítima de mais uma depressão pós-parto, tornou a ser hospitalizada. Como parte do tratamento, forçaram-na a falar da tortura da Gestapo. Traumatizada por esta intervenção, recusou mais ajuda médica.

Avihu recordava momentos felizes da mãe, mas também episódios em que ela se sentava em silêncio com uma toalha enrolada à volta da cabeça. Sobrevivera e queria cumprir o papel que o A Jovem Guarda lhe atribuíra: relatar às pessoas o que tinha testemunhado. Mas, em última análise, sentia-se «condenada a viver». Por fim, depois de uma série de episódios depressivos muito profundos, Chajka, com quarenta e dois anos, aceitou voltar ao hospital. Uma noite, apareceu na casa das crianças vestida com um casaco comprido: viera dizer adeus.

Na manhã seguinte, em abril de 1958, no décimo quinto aniversário do levantamento do gueto de Varsóvia, Chajka Klinger enforcou-se no ramo de uma árvore, não muito longe da creche do kibbutz onde os seus três filhos brincavam.

Nem toda a gente sobrevive sobrevivendo.

Capítulo 31

Força esquecida

1945

Renia pode não ter tido sorte ao falar perante aquele particular grupo no kibbutz, mas a sua digressão como palestrante levou-a a outras revelações. Um dia, algumas correios mencionaram o seu nome num campo para pessoas desalojadas. Um homem desmaiou diante delas.

Era o irmão de Renia.

Zvi Kukielka fugira para a Rússia e alistara-se no Exército Vermelho. O irmão mais novo de ambos, Aaron, também estava vivo, tendo sobrevivido aos campos de trabalho graças aos seus cabelos louros e bom aspeto, o seu encanto e a sua voz melodiosa (cantava no coro de uma igreja). Zvi encontrava-se agora detido no esquálido campo para pessoas deslocadas na ilha de Chipre com outros sobreviventes refugiados. Ambos os irmãos acabariam por conseguir chegar à Palestina.

Não obstante as suas premonições, Renia alimentara esperanças a respeito de Sarah – não havia certeza de nada. Mas depois de ter chegado à Palestina, descobriu que a irmã tinha sido apanhada em Bielsko, perto da fronteira eslovaca, com um grupo de camaradas e órfãos. «Por favor, cuidem da minha irmã Renia», foi o seu último pedido.

Em 1945, Renia encontrou um público para o seu livro. Encorajada pelo poeta e político Zalman Shazar, concluiu as suas memórias em polaco. A Hakibbutz Hameuchad, uma editora que publicou muitas histórias de sobreviventes do movimento, confiou a tradução da obra para hebraico a Chaim Shalom Ben-Avran, um famoso tradutor israelita. A tradução hebraica foi bem recebida; os primeiros combatentes do Palmach, a brigada de elite do exército clandestino do Yishuv, levavam o livro nas mochilas.

Excertos da obra de Renia foram traduzidos para iídiche, impressos em Freuen in di Ghetto, pela Pioneer Women's Organization (a atual Na'amat). Em 1947, o texto integral foi publicado em inglês pela Sharon Books, uma editora com a mesma morada na Baixa de Manhattan que a Pioneer Women, com o título *Escape from the Pit*. A introdução foi

escrita por Ludwig Lewishon, tradutor de importantes obras europeias e fundador da Brandeis University.

Escape from the Pit foi mencionado por ensaístas em finais dos anos de 1940: num, a propósito da (excessiva) proliferação de publicações sobre o Holocausto nos Estados Unidos; noutra, como leitura recomendada para estudantes. O livro foi referido no testemunho de pelo menos um outro sobrevivente, que criticava o facto de a história se basear exclusivamente na Liberdade. Renia contribuiu para um livro memorial de Zagłębie publicado por sobreviventes, bem como para uma antologia sobre Frumka e Hantze. Escrever era terapêutico. Canalizou o seu tormento em palavras. Depois desta catarse, Renia sentiu-se capaz de seguir em frente.

A versão inglesa do livro, no entanto, perdeu-se no tempo. Talvez engolida pelo dilúvio de publicações norte-americanas sobre o Holocausto, ou, como alguns dizem, com a «fadiga do trauma» que muitos judeus experimentaram nos anos de 1950, a sua história deixara de estar na moda. Ou talvez tenha acontecido porque Renia, ao contrário de Hannah Senesh e Anne Frank, continuava viva. É difícil fazer exemplos dos vivos. Não o promoveu nem se tornou uma porta-voz; pelo contrário, o objetivo de publicar o livro era pôr a Polónia para trás das costas.

A renovação era muito importante. «Aconteceu e passou», era o seu lema. Renia manteve-se próxima dos irmãos e dos camaradas, sobretudo de Chawka. Mas também se lançou na vida do kibbutz, fazendo trabalho manual, participando nas atividades sociais e, pela primeira vez, aprendendo hebraico.

Foi então apresentada a Akiva Herscovitch, um homem de Jędrezejów que fizera a aliyah em 1939, antes da guerra. Renia fora amiga da irmã e do pai dele na Polónia. Akiva lembrava-se dela como uma bonita adolescente. Não tardaram a apaixonar-se. Renia já não estava sozinha, e, em 1949, tornou-se oficialmente a senhora Renia Herscovitch.

Akiva não queria viver num kibbutz, e apesar de triste por perder a camaradagem e a vida comunitária que adorava no kibbutz Dafna, Renia seguiu o seu amor. Mudaram-se para Haifa, o principal porto do país, uma pitoresca cidade costeira aninhada nas encostas do monte Carmelo. Trabalhou na Agência Judaica, a receber os imigrantes chegados de barco, até dois dias antes do nascimento do seu primeiro filho, em 1950. Depois de tudo por que tinha passado, enfrentava agora outro fardo: Yakov, que recebeu o nome do irmão mais novo da mãe, Yankelch, assassinado pelos alemães, nasceu parcialmente paralisado. Renia deixou de trabalhar e dedicou-se a curá-lo – o que conseguiu.

Cinco anos mais tarde, deu à luz a filha Leah, que recebeu o nome da avó, cujo aspeto e atitude severa partilhava; mais tarde, Renia, na brincadeira, deu-lhe a alcunha de Klavta, que significa «cabra» em iídiche. Renia rezara por uma filha, sentindo que dar à criança o nome da mãe era a única maneira que tinha de honrar a sua memória. Muitos filhos de sobreviventes falam de sentir-se «substitutos» de parentes falecidos, sobretudo avós que nunca conheceram. Os «parentes desaparecidos» provocavam um forte impacto nas famílias sobreviventes. Com frequência deixados sem avós, tias, tios ou primos, os membros da família tinham de assumir papéis invulgares, alterando as estruturas de parentesco por gerações.

Renia ficou em casa enquanto os filhos eram pequenos. Era divertida e cheia de vida, de espírito aguçado e uma boa julgadora de carateres. Ainda carismática, continuava a gostar de vestir bem. Tinha dezenas de saias, cada uma para ser usada com um determinado par de sapatos, mala de mão e acessórios. Quando os seus cabelos começaram a ficar brancos, entrou em pânico, apesar de ter setenta e dois anos. (Claro, não tinha visto a mãe envelhecer.) Segundo Yakov, as grandes discussões que teve com a mãe enquanto crescia tiveram a ver com o seu aspeto. Ela achava-o com um ar desmazelado.

Quando Yakov e Leah ficaram mais crescidos, Renia foi trabalhar numa escola pré-primária, onde as crianças a adoravam. Depois disso, foi administradora numa clínica de cuidados médicos. Autodidata, continuou ativa no Partido Trabalhista. Akiva foi gerente de uma empresa de mármore de âmbito nacional e, depois, de uma empresa de eletricidade. Homem de conhecimentos enciclopédicos, era também um artista criador de mosaicos e gravuras em madeira que decoravam as sinagogas locais. Apesar de ter crescido no seio de uma família religiosa, Akiva já não acreditava em Deus. A maior parte da sua extensa família fora assassinada. Recusava dizer uma palavra em polaco e só usava o iídiche quando não queria que os filhos percebessem o que estava a dizer. Em casa, a família falava hebraico.

Embora continuasse a fazer palestras para os estudantes da Casa dos Combatentes do Gueto, de manter-se em contacto com os camaradas do Liberdade e passar horas a analisar o passado com o seu sensível irmão Zvi, Renia raras vezes falava do Holocausto com a sua nova família. Queria mostrar alegria aos filhos, encorajar a exploração. As suas vidas estavam cheias de livros, conferências, concertos, música clássica, biscoitos caseiros, peixe gefilte caseiro (uma receita da avó Leah), viagens e otimismo. Renia gostava de batons e brincos. Nas noites de sexta-feira, a casa era invadida por 50 pessoas. Discos a tocar: tango e outras danças de salão. Yakov, adolescente, aderira ao A Jovem Guarda e

não era autorizado a participar nos beberetes e bailes que a mãe organizava. «A vida é curta», dizia ela. «Saboreia tudo, desfruta tudo.»

Não obstante a casa jovial onde viviam, Yakov e Leah sentiam sempre a escuridão do passado. Sentiam que estavam a absorver a história de Renia, ainda que não compreendessem a maior parte. Yakov mudou o apelido de Herscovitch para Israeli Harel, distanciando-se da antiga terra. Um autoproclamado pessimista, leu pela primeira vez o livro da mãe quando tinha quarenta anos.

«O meu pai tratava-a como se ela fosse um etrog», dizia Leah, numa alusão ao citrino raro e muito caro que se usa nas cerimónias do Sukkot, protegido numa pequena caixa e coberto de macio algodão ou crina de cavalo. «Era forte, mas ao mesmo tempo frágil.» Renia foi convidada a testemunhar no julgamento de Eichmann, mas Akiva não consentiu, receoso de que a experiência a sujeitasse a demasiada pressão. Renia nunca pediu compensações financeiras à Alemanha porque não queria contar a sua história. Porque havia de dever-lhes fosse o que fosse, o seu tempo ou a sua narrativa? No Dia da Memória do Holocausto, a família desligava a televisão. Todos temiam que as recordações de Renia fossem demasiado difíceis para ela enfrentar; poderia quebrar. Mas seriam mesmo? «Tinha medo de que a história dela me magoasse», revelou Yakov, franco como a mãe.

Yakov, engenheiro reformado e licenciado pelo Technion-Instituto de Tecnologia de Israel, viu pela primeira vez a programação do Dia da Memória em 2018. Há anos que nenhum dos filhos de Renia lia as suas memórias; os pormenores eram difusos. Quando estava já na casa dos sessenta, Renia releu com incredulidade o seu livro. Como fora possível ela ter feito aquelas coisas? Tudo o que recordava desse período era a sua confiança e o seu incrível desejo de vingança. A sua vida adulta era tão diferente: feliz, apaixonada, cheia de beleza.

Renia voltou uma folha, um milhar de folhas, uma árvore inteira.

,

Todas as manhãs, Renia falava com os irmãos por telefone. Os cinco sobreviventes do círculo de Białystok, incluindo Chaika Grossman, que se tornaram conhecidos membros liberais do parlamento israelita, falavam todas as noites, às dez em ponto. Fania mantinha-se em contacto com várias mulheres da Fábrica da Union, aquelas que tinham assinado o

cartão de parabéns em forma de coração, e visitava as respectivas famílias espalhadas pelo mundo. Muitos dos partisans de Vilna continuaram próximos ao longo dos anos; os filhos ainda se juntam para participar nas comemorações anuais. Inúmeros romances de floresta entre judeus que arriscaram a vida um pelo outro duraram décadas. Atualmente, existem 25 mil descendentes de judeus salvos pelo grupo Bielski, os «bebés de Bielski». «Irmãs» de campos, guetos e florestas tornaram-se famílias substitutas; as únicas pessoas que lhes restam das suas vidas anteriores.

Porém, nem toda a gente partilhava esta camaradagem pós-guerra. Talvez por ela ter estado sozinha, a viver uma vida falsa durante uma grande parte do Holocausto, a experiência de Bela Hazan no pós-guerra foi também a solo. Guardou para si as suas recordações e inventou um mundo novo. «Criei os meus filhos e mergulhei na vida quotidiana. Tentei recalcar a minha história pessoal», escreveu. «Não queria que os meus filhos crescessem na sombra do Holocausto.» Mas, claro, a história permaneceu «viva dentro de mim com a mesma força».

A 18 de janeiro de 1945, quando os russos se aproximavam de Auschwitz onde Bela trabalhava na enfermaria, foi enviada numa marcha da morte para a Alemanha. Vestida com farrapos, sem sapatos, arrastou-se pela neve durante três dias e três noites sem comida nem bebida. Quem trocasse o passo, parasse por um instante, se debruçasse para apanhar um punhado de neve com que matar a terrível sede, era morto a tiro no mesmo instante. Milhares morreram pelo caminho. Como presumida não judia, Bela, muito doente, foi embarcada para o subcampo de Ravensbrück, e depois para um campo de trabalho perto de Leipzig, onde se ofereceu para trabalhar como enfermeira, e de onde fugiu enquanto levava prisioneiros doentes para o lado norte-americano. As suas memórias, escritas de um fôlego em 1945, abrem com o capítulo «Da Marcha da Morte – para a Vida».

Os norte-americanos, que choraram com ela ao ver o seu corpo emaciado, ajudaram-na a chegar a uma secção sionista em Paris, e foi lá que finalmente se livrou da sua identidade ariana como Bronislawa Limanowska, anos de horrível disfarce por fim desfeito. Conheceu soldados da Brigada Judaica da Palestina, que a levaram para Itália. Um deles, o jornalista Haim Zelshinki, entrevistou-a e escreveu a sua história. Bela passou três meses em Itália a trabalhar como conselheira, a orientar e a ouvir as arrepiantes histórias de 43 raparigas sobreviventes entre os seis e os catorze anos, vindas sobretudo de famílias dos campos de partisans. Chamavam-lhes «o grupo de Frumka», do nome de Frumka Płotnicka, galardoada a título póstumo com a Ordem da Cruz polaca.

(Num registo idêntico, Chasia, a correio de Białystok, fundou um lar para crianças em Łódź, onde, sem qualquer treino formal, aconselhava uma esfarrapada mistura de 73 órfãos judeus traumatizados, que se tinham escondido em conventos, casas polacas, campos de partisanos, território soviético, campos de extermínio, armários e florestas. Anos mais tarde, vários «reclamantes» questionaram as ações de que foram alvo. Seria certo desenraizar aquelas crianças já tão traumatizadas, que ansiavam por estabilidade, que queriam fazer parte de uma família, não de um povo? Mas, segundo Chasia, na altura receavam pela segurança das crianças e dos seus protetores na Polónia, e parecia moralmente inaceitável permitir que o pouco que restava do judaísmo polaco fosse assimilado pelo cristianismo. Ao fim de uma viagem que durou dois anos, Chasia chegou à Palestina com os seus órfãos, e manteve-se em contacto com eles ao longo de toda a vida.)

Em 1945, Bela, com o seu grupo de raparigas, emigrou para a Palestina, onde casou com Haim, o jornalista, e mudou de nome para o mais israelita Yaari, criando dois filhos. Não obstante o seu passado no Liberdade, nunca se sentiu ligada aos combatentes do movimento clandestino e achou que a Casa dos Combatentes do Gueto era uma sociedade fechada. Guardou a sua história para si – mas nunca a esqueceu.

Um dia, Bela foi contactada por Bronka Kilbanski, uma das correios de Białystok que foram trabalhar no Yad Vashem. No gueto, Bronka tivera um envolvimento romântico com Mordechai Tenenbaum, o namorado de Tema antes de ela ter sido morta. Bronka escondera os arquivos de Mordechai no gueto de Białystok. Tenenbaum também lhe confiara o exemplar de Tema da fotografia incriminatória da festa de Natal na Gestapo, em que apareciam Bela, Lonka e Tema. Bronka passou-a a Bela, que pôs este tesouro de família na mesa de cabeceira, onde ficou até à sua morte.

Quando, em 1990, A Casa dos Combatentes do Gueto abordou Bela propondo-lhe publicar as suas memórias de 45 anos, ela começou por recusar, com medo de enfrentar as horríveis recordações. Mas acabou por decidir fazê-lo, contar a sua história em nome dos inocentes e corajosos que não sobreviveram. Fê-lo por Lonka, que no seu leito de morte lhe pedira que o fizesse. Fê-lo pelos filhos, que viviam seguros, netos e gerações vindouras.

O filho de Bela, Yoel, descreveu-a como uma pessoa profundamente modesta, que nunca se viu como uma heroína, nunca pediu indemnizações ou reconhecimento; Bela recebeu uma medalha da organização dos partisanos nos anos de 1990 só porque Yoel fez a candidatura em seu nome. Era torturada pela culpa de não ter

conseguido salvar a família. Como muitos outros combatentes para os quais ser uma mensch e ajudar os menos afortunados era o mais importante, Bela dedicou a vida a ajudar os pobres e doentes: ofereceu-se para trabalhar com invisuais e em hospitais. (Anna Heilman realizou trabalho social na Children's Aid Society, no Canadá, onde pressionou o governo a propósito da crise humanitária no Darfur.) Enquanto o marido era um intelectual, Bela era prática e sociável, com dezenas de amigas. «Cada vez que entrava num autocarro», brincava o filho, «saía de lá com mais um número de telefone.» Numa fase mais tardia da vida, preferiu um lar de idosos a viver sozinha. Já com oitenta anos, apaixonou-se por poesia e teatro. Era uma otimista, cheia de esperança, sempre com uma solução.

Depois da sua morte, Yoel, um neurobiólogo, descobriu a fotografia identificadora de Auschwitz, a fotografia que fora tirada naquele primeiro e horrível dia. Aí, Bela sorri, bonita, ousada e forte. Como acontecia com muitos outros filhos de sobreviventes, o conhecimento que Yoel tinha da história da mãe era fragmentado, e deu por si a debater-se com recordações difusas, episódios emocionais desconexos em vez de uma narrativa completa. Ficou obcecado pelo passado da mãe, assombrado pelos pormenores que nunca procurara saber, e passou vários anos a pesquisar e a escrever sobre ela, para transmitir o seu nobre legado.

,

Dias depois da libertação, nos arredores de Vilna, Ruzka viu uma mãe levar ao colo um rapazinho pequeno e esquelético. O rapaz chorava e murmurava – em iídiche. Ruzka nunca chorara no gueto, nem na floresta. Naquele instante irrompeu em lágrimas e soluçou. Tinha a certeza de que nunca mais ouviria a voz de uma criança judia.

Tal como tinham estado juntas durante a guerra, Vitka e Ruzka assim continuaram ao longo da maior parte das suas vidas terminado o conflito. Isto é, depois de uma curta separação. Imediatamente a seguir à libertação, Abba enviou Vitka a Grodno para analisar a situação dos refugiados judeus, procurar sionistas e elaborar relatórios. Vitka teve de saltar de um comboio, com receio do aumento do número de patrulhas. Só quem vinha de campos de concentração podia atravessar livremente as fronteiras, de modo que muitos sobreviventes que não tinham passado pelos campos optaram por tatuar-se.

Ruzka foi enviada para Kovno, na Lituânia, e depois até Bucareste, na Roménia, onde seria a embaixadora» dos partisans, para conhecer funcionários do Yishuv e convencê-los a levar todos os sobreviventes até Israel. Kovner sabia que as suas presença e personalidade eram ideais para aquele trabalho – as pessoas acreditariam nela. A viagem foi difícil. A Polónia do pós-guerra era um país dilacerado e um lugar perigoso, mas, apesar disso, a liberdade de andar pelas ruas sem ser imediatamente morta a tiro era uma novidade que a confundia. A sua história pareceu tão fascinante aos emissários do Yishuv – a história de uma combatente e não de uma tragédia –, que o chefe da delegação lhe ordenou que partisse de imediato para a Palestina e a contasse.

Viajou com documentos falsos, como mulher de alguém. A viagem de barco foi solitária e deixou-a desorientada. Fazer a aliyah fora o seu sonho, mas agora sentia-se desligada. Foi enviada para Atlit, o campo para imigrantes ilegais judeus, e ficou esmagada pelas terríveis condições do lugar. Ninguém foi recebê-la; sentiu-se esquecida, abandonada, até que se soube da sua história. De repente, líderes e respetivas esposas começaram a visitá-la num fluxo constante; sentiu-se como «uma curiosidade em exposição». Por fim, um dos líderes conseguiu-lhe documentos médicos falsificados nos quais se dizia que tinha tuberculose, e libertaram-na. Enviaram-na em digressão para contar a sua história, e por todo o lado as pessoas ficavam impressionadas pelo seu estilo e pela sua narrativa. Uma narrativa de horrores, mas vistos através dos olhos de uma combatente. Muitos recordariam que ela foi «a primeira mensageira».

Nada disto foi fácil para Ruzka. Sentia que muitos dos líderes do Yishuv não a compreendiam e estavam apenas obcecados pela novidade. David Ben-Gurion, na altura um dos líderes dos sionistas trabalhistas e que, em breve, se tornaria no primeiro chefe do governo de Israel, subiu certa vez ao palco no fim de um testemunho muito emocional e insultou o seu uso do ídiche, chamando-lhe «uma língua áspera». Ruzka juntou-se a um kibbutz e começou a escrever as suas memórias, mas estava desesperadamente sozinha e redigiu cartas suplicantes a Vitka, que continuava «na guerra».

Vitka ficara zangada com a partida de Ruzka – uma parte da sua vida terminara. Não sabia como responder às cartas, de modo que não respondeu. Ela e Abba casaram formalmente em Vilna. Mas Abba teve de partir porque os russos o procuravam por ser sionista. Um dia, Vitka decidiu que era tempo de ir ter com o marido e conseguiu lugar num avião para Lublin, à qual chamava «uma cidade de bêbedos e assassinos». Os sionistas locais viviam num apartamento onde falavam, riam, choravam e partilhavam recordações dia e noite. Fundaram a

Bricha, e Vitka trabalhou nas rotas de fuga clandestinas, levando judeus até à fronteira a pé.

Abba, no entanto, estava decidido a vingar-se. Ele e Vitka juntaram um grupo de combatentes judeus e criaram uma nova brigada de Vingadores. Com base em Itália, obcecados com a ideia de retaliar e destruir, deslocaram combatentes para toda a Europa e perto dos campos onde os nazis estavam presos. Zelda Treger, depois de ser enviada para encontrar sobreviventes e encaminhar judeus para fora do país, foi recrutada para trabalhar na missão de vingança, transferindo fundos, ajudando os ativistas, arranjando-lhes casas seguras. Abba viajou até à Palestina com o objetivo de obter veneno para o seu plano enquanto Vitka visitava as brigadas, preocupada com a estabilidade mental dos membros. Abba foi capturado no regresso e aprisionado no Cairo. Enviou o veneno a Vitka, que, com documentos falsos e numerosas detenções, conseguiu chegar a Paris. A nota de Abba dizia para que prosseguisse com o plano B. E ela assim fez, «a CEO da vingança». Envenenaram o pão para um campo perto de Nuremberga, onde os norte-americanos encarceraram os antigos nazis, o que levou milhares de alemães a ficarem doentes. Abba decidiu que os Vingadores deviam continuar a sua luta na Palestina. Isto foi causa de muitos conflitos; alguns deles voltaram à Europa em missões de vingança, mas, no fim, Ruzka convenceu muitos a ficar na Palestina e a defender a terra.

Vitka chegou à Palestina em 1946, no último barco que os britânicos deixaram acostar; pouco depois, instalou-se no kibbutz Ein Horesh, numa casa que ficava a menos de 20 metros da de Ruzka. Não obstante a breve separação do pós-guerra, Ruzka e Vitka passaram a maior parte das suas vidas adultas interligadas e os filhos das duas cresceram juntos. Ruzka, casada com um austríaco que fizera a aliyah antes da guerra, foi a primeira a saber da gravidez de Vitka. Todas tinham deixado de ter o período na floresta e assumido que eram estéreis. A fertilidade foi uma incrível surpresa para ambas.

Zelda e o marido, Sanka, um combatente da floresta, chegaram também à Palestina. Decidiram não ir para um kibbutz, optando por Netanya e depois Telavive. Zelda teve dois filhos, aos quais fez questão de contar histórias do Holocausto, mau grado a vontade de Sanka em esquecer o passado. Voltou à sua carreira anterior à guerra e trabalhou como educadora num jardim de infância. Também abriu uma charcutaria na Baixa de Telavive. De combatente de nazis a sanduíches – uma trajetória nada invulgar para estes sobreviventes.

Contudo, Ruzka e Vitka trabalhavam ambas no kibbutz – de início nos campos, uma atividade social tremendamente catártica. Mais tarde,

Ruzka tornou-se educadora e secretária do kibbutz. Com o tempo, desenvolveram carreiras paralelas. Ruzka não estava autorizada a estudar, porque o kibbutz tinha como prioridade «reeducar» todos os sobreviventes, mas ela e Abba acabaram por fundar o Moreshet, um centro do A Jovem Guarda dedicado ao estudo do Holocausto e da resistência, com a intenção de distinguir-se da Casa dos Combatentes do Gueto do Liberdade, no seu desejo de considerar a guerra de diferentes perspectivas, incluindo um forte foco nas mulheres e na complexa e dinâmica vida judaica na Polónia antes de 1939. Ruzka estava à frente. Editora, escritora, historiadora e ativista empaticava, encorajava e ensinava. Esteve doente durante anos, mas escondeu os sintomas, inclusive da família. Em 1988, um anos depois da morte de Abba, Ruzka morreu de cancro. Um dos seus três filhos, Yonat, professor do ensino secundário, começou a trabalhar no Moreshet, levando por diante «o negócio da família».

Vitka, que se tornou o tranquilo pano de fundo da muito pública carreira do marido, orientou as suas paixões para outras áreas. Ao contrário de Abba e Ruzka, nunca falava do passado – e muito menos da sua antiga vida na Polónia. Quando o primeiro filho tinha três anos, Vitka contraiu tuberculose. O médico disse que lhe restavam quatro meses de vida; ela respondeu: «Vou viver.» E viveu. Colocaram-na em isolamento, impossibilitada de ver o filho durante quase dois anos. Enquanto convalescia, inscreveu-se em cursos por correspondência de História, Inglês e Francês. Apesar de lhe terem dito que não devia em circunstância alguma ter mais filhos, deu à luz uma rapariga vários anos mais tarde. Também isto se encontrava repleto de dificuldades: foi obrigada a manter distância da bebé e não podia amamentá-la por receio de a contaminar.

Vitka não assentou na vida de cozinha e costura das mulheres do kibbutz; em vez disso, ajudava a educar as crianças. Com quarenta e cinco anos, entrou para a universidade e estudou Psicologia Clínica, fez um bacharelato em artes e outros estudos avançados. Foi discípula do doutor George Stern, um clínico fegoso e invulgar que se especializara no uso do instinto – o forte dela – para trabalhar com crianças muito novas. Inventou um método em que as crianças perturbadas se expressavam através de cores, orientando as suas mentes pré-linguísticas tal como ela fizera na floresta, sem um mapa. Fundou uma clínica bem-sucedida e concorrida, e treinou muitos terapeutas interessados na sua técnica. Reformou-se com oitenta e cinco anos.

A filha, Shlomit, com quem mantinha uma relação complexa, escreveu poemas a respeito dela para um livro publicado pela Moreshet depois da sua morte. O filho, Michael, que era artista em Jerusalém, criou

novelas gráficas e textos sobre a vida de ambos os pais. Quando o questionaram em relação à personalidade da mãe, a sua resposta imediata foi: «Tinha um temperamento goyista. Apesar de todos os seus livros judeus, mostrava uma personalidade não judia na medida em que ia de encontro ao perigo.» Explicou que Vitka sentia-se atraída por pessoas intimidantes, de Abba a Stern; gravitava na direção do fogo, ousava tocar-lhe, figurativa e literalmente. «Não queria saber de regras. Tinha verdadeiro chutzpah.»

,

Vladka Meed chegou aos Estados Unidos no segundo barco que transportava sobreviventes para os Estados Unidos e instalou-se em Nova Iorque com o marido, Benjamin, o homem que a ajudara a fazer compartimentos escondidos nas suas malas. Pouco depois de desembarcar, o Jewish Labor Committee – que expedia dinheiro para Varsóvia – enviou-a numa digressão de conferências a respeito das suas experiências. Vladka e Ben empenharam-se a fundo na criação de organizações de sobreviventes do Holocausto, memoriais e museus, incluindo o United States Holocaust Memorial Museum em Washington, DC. Vladka foi oficialmente reconhecida como uma das líderes do país nesta área. Organizou exposições sobre o levantamento do gueto de Varsóvia, além de iniciar e dirigir seminários internacionais de pedagogia do Holocausto. Manteve-se ligada às suas raízes no Bund e tornou-se vice-presidente da JLC, por conta da qual trabalhou como comentadora semanal na WEVD, a estação de rádio iídiche de Nova Iorque. A filha e o filho tornaram-se médicos. Vladka retirou-se para o Arizona, onde morreu em 2012, a poucas semanas de cumprir noventa e um anos.

,

Renia sempre foi petite e magra, fisicamente fraca. No entanto, nunca deixou de ser uma força. «Quando entrava numa sala», explicou o filho, «era como uma chama.» O seu comportamento jovial e perspectiva otimista enganavam até a família. «Como podia alguém passar por tudo o que ela passou e ser tão feliz?», perguntava-se a neta mais velha, Merav.

«Regra geral, são os pessimistas que sobrevivem, mas não no caso dela», comentou Merav enquanto falava de como a sua savta adorava o mar, caminhar pela praia, passear pelas povoações. Com setenta e quatro anos, Renia viajou até ao Alasca.

O marido, Akiva, morreu em 1995, e mesmo com quase noventa anos, a Renia não lhe faltavam pretendentes. A sua aparência cuidada e polida nunca desapareceu. Mas tornou-se visível que precisava de mais ajuda no dia a dia. Por isso, convenceu as amigas a mudarem-se para um lar de idosos, experimentá-lo, arranjá-lo, e então, quando o seu mundo social estava já estabelecido, mudou-se também para lá. Continuava a ser divertida, viva, figura principal, fascinando as pessoas com o seu aspeto e energia. Com oitenta e sete anos, saía frequentemente da instituição e só voltava à meia-noite. Os filhos entravam em pânico todas as tardes.

– O que estou aqui a fazer com todos estes velhos? – perguntava-lhes ela, exasperada, teatral como sempre.

– Mamã, têm a mesma idade que tu.

Mas eram velhos no corpo e na alma, enquanto ela continuava fresca e cheia de vida.

Muitas mulheres combatentes eram decididas, movidas pelo instinto, e otimistas; muitas das que sobreviveram foram abençoadas com energia e longevidade. Hela Schüpper, que também se estabeleceu em Israel, morreu com noventa e seis anos, deixando três filhos e dez netos. Vladka faleceu com noventa, Chasia com noventa e um e Vitka com noventa e dois. Na altura em que escrevi este livro, Fania Fainer, Faye Schulman e várias outras partisans de Vilna continuavam vivas, todas elas com idades entre os noventa e cinco e os noventa e nove anos.

Renia nunca aceitou os avanços dos seus pretendentes a pretendentes. Em 20 anos de viuvez, nunca teve um namorado. A sua dedicação ao marido era um modelo de lealdade para filhos e netos. «A família é o mais importante», estava sempre a dizer-lhes, sem dúvida lições das suas dolorosas perdas. «Mantenham-se sempre juntos.»

Os netos (e bisnetos) eram os seus maiores tesouros, mas os nascimentos também lhe lembravam tudo o que tinha desaparecido. Organizava com zelo jantares de sexta-feira e dias santos, e comparecia nos casamentos deles com vestidos brilhantes e grandes sorrisos. Mas também lhes contava as suas histórias: histórias de guerra, dos irmãos assassinados, transmitindo o máximo da sua herança. Muitos sobreviventes criavam ligações mais fáceis com os netos, que não eram

«parentes substitutos» e com os quais tinham uma dinâmica menos carregada em termos emocionais. Eram menos protetores em relação aos netos, e os seus medos de intimidade – originados pela perda de parentes próximos – iam-se desvanecendo ao longo das décadas. Renia pode não ter levado os netos, mas levou os bisnetos à Casa dos Combatentes do Gueto no Dia da Memória, reconhecendo como era importante projetar a sua história no futuro. Como muitas crianças de terceira geração, os netos – que aprenderam a respeito do Holocausto na escola e tinham uma resposta intelectual para o tema – faziam-lhe muitas perguntas, a que ela respondia de bom grado. Isto deu-lhe abertura para falar do tópico também com Leah. A sua adolescência podia estar escondida, mas não desaparecera.

A 4 de agosto de 2014, uma segunda-feira, quase noventa anos depois do seu nascimento numa véspera de Sabat em Jędrezejów, Renia faleceu. Foi sepultada no Cemitério Neve David em Haifa, num relvado com árvores verdejantes, perto do mar e ao lado de Akiva, exatamente onde queria estar. Sobreviveu à maior parte das amigas, mas o seu funeral contou com a presença de 70 pessoas do lar de idosos e da clínica onde em tempos trabalhara, bem como muitos filhos de amigas de décadas nos quais deixara uma impressão para toda a vida. Mas, sobretudo, esteve presente a forte unidade familiar que ela cultivara a partir do nada, novos ramos de uma árvore decapitada. O neto Liram fez o elogio fúnebre, recordando a sua conversação brilhante e, em especial, o seu sentido de humor. Com um gesto na direção das gerações de Renia, disse: «Sempre lutaste como uma verdadeira heroína.»

Epílogo

Um judeu desaparecido

Primavera de 2018. Mais de uma década depois de ter encontrado Freuen na penumbra da British Library, embarquei num avião para Israel. Aquelas mulheres que tinham vivido na minha cabeça durante anos... bem, agora ia beber café com os seus filhos. Ia vasculhar caixas de fotografias e de cartas. Ia ver aonde tinham acabado por ir parar, como tinham vivido a fase seguinte das suas vidas, como tinham morrido. Mastiguei pastilhas elásticas às duas de cada vez, trémula de ansiedade. De um modo geral, tornei-me numa voadora medrosa e a ideia de voltar a Israel, que não visitava há dez anos, e nunca visitara sozinha, acrescia ao meu nervosismo. Aquela semana foi particularmente dura, mesmo pelos padrões israelitas: bombardeamentos dos sírios, protestos do Dia Nakba em Gaza, conflito com o Irão, mudança da embaixada dos Estados Unidos para Jerusalém e uma onda de calor. Era uma mosca a caminho do fogo.

Não há muitos livros a respeito destas mulheres guerreiras, mas levava comigo no avião os que conseguira encontrar, a marrar para entrevistas como para um exame. Estava sempre a dizer a mim mesma que o meu projeto já não era a respeito de personagens abstratas. Ia conhecer os filhos das camaradas, as pessoas que elas trouxeram ao mundo e criaram. Então, voltei a preocupar-me com as minhas filhas pequenas, que ia deixar sozinhas em Nova Iorque durante dez dias – o maior período de tempo e o mais distante que alguma vez estivera delas.

Estava chocada pelo silenciar desta história de judias na resistência, mas a verdade era que também eu me mantivera calada. Demoraria doze anos a terminar este livro, o tempo de um nascimento-a-bar-mitzvah. Uma parte da demora deveu-se à dificuldade do projeto. O meu iídiche, no mínimo, estava enferrujado, e traduzir a prosa dos anos 1940 de Freuen, cheia de palavras alemãs (que eram diferentes do dialeto polaco que ouvia em casa e do inglês canadiano que estudara na escola), foi difícil. Freuen era um livro de recortes de escritos de e sobre uma porção de personagens com nomes difíceis de pronunciar. Não havia anotações, notas de rodapé ou explicações; havia zero contexto, o que agravava o desafio para uma leitora dos tempos pré-smartphones.

Mas a outra razão foi emocional. Embora fosse capaz de lidar com umas poucas horas de tradução de vez em quando, não estava pronta nem disposta a mergulhar exclusivamente no Holocausto dia e noite por meses e anos seguidos – o empenhamento necessário para acabar um livro. Tinha trinta anos quando encontrei Freuen, era solteira,

desesperada por reconhecimento e impaciente. Já nessa altura sabia como este projeto seria difícil em termos emocionais, intelectuais, éticos e políticos. A ideia de passar os meus dias em 1943 fez-me sentir que ia retirar-me do mundo contemporâneo, deixar de estar presente na minha vida.

Uma parte disto teve de certeza que ver com a história da minha família. A minha bubbe fugira, fora aprisionada nos gulags da Sibéria, e vivera, mas nunca sobreviveu de verdade à sobrevivência. Nunca estava calada, todas as tardes uivava a sua dor pela morte das irmãs, a mais nova com onze anos. Praguejava aos berros contra o nosso vizinho alemão (e contra os empregados do armazém da fruta, que acusava de a enganarem). Recusava meter-se em elevadores por serem um espaço fechado e acabou por ser medicada para paranoia. A minha mãe, nascida em 1945 durante o caminho de regresso da minha avó «Asiática» à Polónia – uma refugiada ainda antes de saber o que era um lar –, também sofria de ansiedade extrema. Ela e a minha avó eram «acumuladoras» que preenchiam os seus íntimos danificados com vestidos baratos comprados nos saldos, montes de jornais antigos e bolos dinamarqueses fora de prazo. Não tenho a mínima dúvida de que os membros da minha família se amavam uns aos outros, mas este amor era intenso – por vezes, quase demasiado profundo. As emoções eram explosivas. A minha vida em casa era tensa e frágil; o ambiente pesado só era aliviado por erupções de riso quando víamos Um É Pouco, Dois É Bom e Três É Demais e Sim, Senhor Ministro.

E assim passei os primeiros anos da minha vida a tentar erguer paredes, a limpar e a fugir. Fugi para diferentes países e continentes, através de carreiras o mais afastadas possível do Holocausto. Comédia, teoria da arte. Curadora era a palavra menos iídiche que conhecia, e era o que queria ser.

Só quando tinha quarenta anos, com uma hipoteca, umas memórias escritas (sobre este mesmo tema da transmissão geracional do trauma na minha família) e as marcas da maternidade disfarçadas pelo cinto (alargado para acomodar a dilatação da meia-idade), me senti suficientemente estável para mergulhar. Mas isso significava que tinha de enfrentar o Holocausto de uma nova perspetiva. Já não estava sequer no território da idade das combatentes. Estava na idade das pessoas contra as quais as combatentes se rebelaram: aquelas que não seriam mandadas para a esquerda para trabalhar, mas para a direita, para morrer. Era mais forte, mas ao mesmo tempo tão mais mortal como uma mãe de meia-idade, muito consciente de como é impossível julgar as respostas ao terror, de como «fugir» era também resistência. Agora tinha de encher a minha vida não só com os sangrentos relatos dos

horrores do Holocausto, mas também com as torturas específicas infligidas a pais impotentes para proteger os filhos esfomeados; histórias de raparigas, meninas de sete anos, como a minha filha, cujas famílias tinham sido mortas a tiro à sua frente, deixando-as a deambular sozinhas pelas florestas, a comer bagas silvestres e ervas. Já não era fácil ler pavorosos relatos de bebés arrancados aos braços das mães quando estava a trabalhar num café em frente da escola pré-primária da sinagoga da minha filha mais nova, sobretudo quando a creche começou a aumentar as medidas de segurança devido aos ataques de supremacistas brancos contra sinagogas nos Estados Unidos. Tinha de me abrir quase todos os dias a estes crus testemunhos, ainda tão dolorosos passados 75 anos. E agora estava a viajar até ao outro lado do mundo, deixando as minhas filhas, para chegar ainda mais perto.

Felizmente, a suave aterragem no aeroporto internacional de Telavive Ben-Gurion – sim, o mesmo Ben-Gurion que ralhara com Ruzka por causa do seu áspero iídiche – distraiu-me dos meus sombrios pensamentos e lançou-me em Israel, tão cheio de conflitos, tão cheio de vida. Fiquei no mesmo instante impressionada pelas mudanças políticas e paisagísticas: o desenvolvimento urbano, os anúncios, os pequenos hotéis. Fiz uma longa caminhada pela salgada costa de Jafa para me ajudar a ultrapassar o jet lag (não ajudou) e preparar-me para as seis da manhã seguinte, hora a que começaria a trabalhar.

O encontro que mais me abalava os nervos e mais me excitava era o que conseguira marcar com o filho de Renia e, talvez, com a filha também. Depois de ter encontrado o nome «Renia K.» em Freuen, e a referência no livro ao facto de ela viver no kibbutz Dafna (em 1946), visitei arquivos online e encontrei uma Renia Kokelka cujos pormenores coincidiam com os excertos. Descobri o processo de imigração dela nos Arquivos do Estado de Israel – com fotografias! Encontrei as suas memórias em hebraico. Descobri um relatório genealógico que mencionava o filho, e um link para uma nota de condolências depois da sua morte – era da Empresa de Camionagem Egged e estava dirigida a um Yakov Harel. Seria filho dela? Harel era um apelido ou um primeiro nome?

Depois de tentar vários Yakov Harel no Facebook (com bigodes esquisitos, não pareciam ter a idade certa), consegui, através do meu maravilhoso «solucionador de problemas» em Israel, contactar a empresa. Era mesmo ele! Aceitou receber-me na sua casa em Haifa. Ao que parecia, talvez tivesse a irmã consigo, e talvez ela quisesse participar. Ia conhecer os filhos de uma escritora com a qual sentia anos

de uma ligação íntima. Sem falar da pessoa que ia ter de apoiar toda a minha história.

Mas antes de conhecer a família de Renia, havia tantos outros. Andei de um lado para o outro no país, para sul e para norte. De elegantes cafés a salas de estar Bauhaus em Telavive. De um restaurante em Jerusalém que por acaso ficava na esquina da rua Haviva Reich à Biblioteca Nacional de Israel, onde livros de obituários e ensaios literários de 1940 que tinham sido a principal fonte de material de Freuen estavam acessíveis ao público, ao meu dispor em salas onde podia conversar. (Um ambiente muito diferente da British Library.) Da desimpedida e elegante Casa dos Combatentes do Gueto, com as suas paredes apaineladas a madeira, aos vastos arquivos do Yad Vashem (a entrada estava bloqueada por um monte de pistolas-metralhadoras pertencentes aos soldados que tinham ido almoçar). Da cave da Moreshet, onde uma galeria aberta e iluminada de propósito para mim mostrava extensas exposições sobre as mulheres na resistência e o judaísmo polaco anterior à guerra, à cave estilo internacional do Museu Yad Mordechai, desenhada pelo famoso arquiteto Arie Sharon. Conheci estudiosos, curadores, arquivistas e os filhos e netos de Ruzka, Vitka, Chajka, Bela, Chasia e Zivia.

Já tinha visitado museus e arquivos do Holocausto nos Estados Unidos, e entrevistara muitos filhos de partisans do Bund e de falantes do iídiche de Nova Iorque à Califórnia e ao Canadá. Mas as famílias israelitas dão uma impressão diferente. A linguagem, os maneirismos, a etiqueta – o seu mundo era mais político, mais elétrico, com sentimentos fortes e apostas de risco. Encontrei-me muitas vezes com o «porta-voz do Holocausto» da família, o parente que, por profissão ou passatempo, estudou apaixonadamente o tema. Fui submetida a um apertado interrogatório por parte de uma mulher receosa que o meu interesse fosse superficial; outra temia que roubasse o trabalho que o seu grupo compilara; um descendente recusava revelar fosse o que fosse a menos que eu aceitasse escrever um filme com ele; outro ainda me falou das batalhas legais motivadas pela maneira como a sua família fora retratada em publicações académicas. Cada arquivo – todos de sionistas trabalhistas – fazia questão de explicar a sua especialidade e por que razão a sua perspetiva fazia mais sentido do que as outras.

De todos os encontros daquela semana, o que ocorreu com os filhos de Renia foi o que me deixou mais nervosa, quase incapaz de comer, antes, o meu schnitzel gourmet. Apostara o meu projeto naquela mulher, com quem empatizava, com quem tinha um laço de escrita. E se a família dela não gostasse de mim, se se recusasse a dizer-me fosse o que fosse, se se mostrasse fria ou difícil, se tivesse a sua agenda?

Mas quando entrei em casa do filho, um condomínio numa colina sobranceira à ventosa e azul Haifa, senti o oposto. Pessoas generosas, acolhedoras, que não estavam no «negócio do sobrevivente profissional», gratas pelo que eu sabia a respeito de Renia e que podia partilhar com elas. Sentei-me no sofá, a filha de Renia sentou-se num cadeirão de braços – o cadeirão de braços da mãe que, disse-me, ninguém ia deitar fora. O rosto das fotografias da minha heroína que tinha escavado em arquivos olhava para mim de corpos diferentes: a linha da mandíbula forte, os olhos intensos. Era como reencontrar uma amiga de infância nos filhos, a genética a atingir-me como um soco. Estávamos todos espantados por nos termos encontrado.

E então fiquei espantada por aquilo que me disseram. Sim, claro, Renia era divertida, acutilante, sarcástica, teatral.

Mas também uma fashionista que viajava pelo mundo. Uma bola de fogo e riso. Um turbilhão social. Uma força de alegria.

Ao ouvi-los falar da mãe, que claramente adoravam e cuja ausência choravam, apercebi-me de que, em toda a minha busca, não tinha na verdade procurado uma alma gémea. Olhei para as colinas e para os vales, para o dourado poente sobre Haifa, e soube que Renia não era a companheira de escrita na mesma página que eu, mas o contrário. A minha heroína era a antepassada substituta que eu desejava: a «parente feliz» que tinha sobrevivido, prosperado e celebrado a vida.

,

Um mês mais tarde, voava de Londres, onde estivera a fazer pesquisa, para Varsóvia. Ou, pelo menos, pensava que o meu destino era Varsóvia. Não me apercebera de que o voo da companhia low cost que escolhera ia deixar-me num antigo aeroporto militar, uma hora a norte da cidade. A meio da noite. Sozinha. Bem-vinda de volta à Polónia.

Tinha feito a minha primeira viagem à Polónia pouco depois de ter descoberto Freuen in di Ghettos, em 2007. Acompanhada pelo meu então noivo, o meu irmão e uma amiga, embarquei numa peregrinação outonal «às raízes», em que percorri o país numa semana, visitando todas as shtetls onde cada um dos meus avós crescera, bem como locais históricos judaicos em várias cidades maiores. Na altura, podia escolher entre os guias turísticos que se mostravam ansiosos por me mostrar tudo, por me contar as suas versões de histórias. Uma noite, o meu

telefone tocou à meia-noite. Era o vice-presidente da Câmara de Łódź, que ouvira dizer que eu estava na cidade. Seria possível encontrarmos no dia seguinte para um café? Podia organizar uma visita guiada para mim? Começavam a aparecer novas organizações judaicas, para cuidar dos cemitérios e fornecer refeições kosher. Em breve, iria ser aberto em Cracóvia um Centro Comunitário Judaico. Conheci pessoas de vinte e trinta e poucos anos que haviam descoberto há pouco que eram judias; os avós guardaram segredo durante os anos do regime soviético. Um dos meus guias tinha a minha idade, um avô que era da mesma cidade que o meu e crescera do outro lado da rua em frente do campo de concentração de Majdanek. Tornara-se obcecado com a guerra e falava comigo pela noite dentro. Tinha ido à Polónia em busca das minhas raízes desaparecidas, mas encontrei uma Polónia que procurava o seu judeu desaparecido.

Por outro lado, em Cracóvia, jantei num restaurante «temático judeu» onde os músicos tocavam Violino no Telhado, os empregados serviam hamantaschen à sobremesa e os outros comensais eram carradas de turistas alemães que batiam palmas. Conheci parentes distantes que ficaram na Polónia depois da guerra devido às suas convicções comunistas e passaram pelo regime soviético e por ataques antissemitas. Um deles contou-me que, quando era rapaz, os pais lhe pegaram nas mãos e fugiram os três do gueto para a floresta; sobrevivera à guerra num campo de partisans. Ficava lívido quando falava da «nova cultura judaica» na Polónia, furioso com os almoços kosher que, na sua opinião, não serviam os interesses da há muito sofredora comunidade judaica, e convencido de que tudo aquilo não passava de uma maneira de os polacos explorarem os donativos norte-americanos.

Pelo meu lado, não sabia o que pensar daquelas duas posições contraditórias. Admito que encarava com algum ceticismo o desenvolvimento de uma consciência judaica e do filossemitismo num país encharcado em sangue judeu.

Ao regressar sozinha à Polónia no verão de 2018 com o intuito de realizar uma pesquisa para um livro sobre mulheres combatentes, continuava insegura. Mas o que quer que fosse que tinha experimentado uma década antes já não existia. Por um lado, Varsóvia tornara-se uma megalópole; fiquei no quadragésimo primeiro andar de um hotel de onde se avistava a futurística paisagem urbana que, em tempos, fora o gueto e, antes disso, o lugar onde todos os meus avós viveram. O hotel estava cheio de turistas israelitas; ao que parecia, Varsóvia era um destino de compras popular, e uma vez que os jovens israelitas não tinham dinheiro para investir no seu mercado imobiliário,

começaram a fazê-lo no velho país. Passeei pelas ruas, passei por monumentos dedicados a pessoas como Frumka Płotnicka e pelo canal de esgoto da história de Zivia, pelo POLIN, o novo e impressionante museu da história dos judeus polacos, com exposições sobre o Holocausto, mas também sobre os mil anos de rica história judaica que o precederam, bem como as décadas seguintes.

Desta vez, Cracóvia estava apinhada de autocarros turísticos, geladarias e avisos a alertar para os carteiristas; estava sempre a confundi-la com Veneza, com a diferença de que a cultura do café me parecia ali mais atual. Os guias turísticos eram difíceis de conseguir, a maior parte estava reservada para meses. O CCJ, agora bem estabelecido, abriu um infantário para os filhos de judeus. (O diretor, o norte-americano Jonathan Ornstein, referia-se aos antigos restaurantes temáticos judaicos da cidade como «Parque Ju-rássico»*) Em várias cidades, existiam organizações judaicas que serviam as necessidades da população mais velha e os jovens «judeus novos».

Assisti ao vigésimo oitavo Festival Anual de Cultura Judaica em Cracóvia, fundado e dirigido por um homem não judeu. O festival estava sediado no elegante e artístico Kazimierz, o velho bairro judaico, onde subsistem sete sinagogas datadas de 1407. O evento atraía judeus e não judeus de todo o mundo. Além de música e arte klezmer, oferecia conferências, visitas guiadas e seminários que sondavam as atuais relações judaico-polacas e aprofundavam as razões por que a Polónia precisa, quer e tem saudades dos seus judeus.

Almocei com um grupo de escritores polacos da minha idade que me surpreendera com o seu atento interesse pelo meu trabalho; quando descobriram que todos os meus quatro avós eram da Polónia, brincaram comigo dizendo que era mais polaca do que qualquer um deles. Certa vez, num azafamado cruzamento, parei a olhar: o meu aspeto era igual ao de todas as pessoas que me rodeavam. Fizera-me um desconto numa volta turística porque, com base na minha aparência, era uma residente. Estava convencida, desde os meus tempos de Londres, que parecia obviamente judia, mas hoje em dia é difícil perceber... talvez por haver tão poucos judeus na Polónia.

Por outro lado, tinha a estranha sensação de estar em casa. Por outro lado, o governo acabava de aprovar uma lei que tornava ilegal culpar a Polónia por quaisquer crimes cometidos durante o Holocausto e que fazê-lo podia resultar em prisão. Depois de décadas de repressão soviética e ocupação nazi, os polacos estavam numa nova fase nacionalista. O seu estatuto de vítimas da Segunda Guerra Mundial era importante. O movimento clandestino polaco era extremamente popular, com o símbolo da âncora a aparecer grafitado nos edifícios de

Varsóvia. As pessoas usavam T-shirt com uma decoração na manga a imitar a braçadeira da resistência. Um legado familiar do Exército Nacional tinha de estar bem escondido. Em Cracóvia, uma duradoura exposição a respeito dos combatentes judeus do gueto foi substituída por uma mais vasta história da guerra sem referência aos judeus. Os polacos queriam sentir o seu heroísmo contra o grande inimigo.

E ali estava eu, a escrever sobre esse preciso tema. Sentia uma ligação e um novo nível de alienação e medo. Era, mais uma vez, a Polónia de dois extremos, como muitas das mulheres descreviam nas suas memórias.

É profundamente perturbador fazer leis a respeito de que narrativas históricas podem ser contadas – mostra uma liderança interessada na propaganda, não na verdade. Mas também percebia que os polacos se sentissem incompreendidos. Varsóvia tinha sido arrasada. O regime nazi escravizara, aterrorizara, bombardeara e matara muitos polacos cristãos – Renia, ao fim e ao cabo, fora presa e torturada como polaca, não como judia. Serem considerados responsáveis pelo Holocausto parecia injusto, sobretudo quando o governo polaco não colaborara com os nazis e tentara organizar uma resistência – ainda que não muito amiga dos judeus. É sem dúvida uma acusação injusta para aqueles que arriscaram a vida para ajudar judeus – e que podem ser muitos mais do que sabemos. Esses polacos permaneceram silenciosos sob o domínio soviético, mas o historiador Gunnar S. Paulsson argumentou que, só em Varsóvia, 79 mil polacos ajudaram a esconder judeus; o que dá uma razão de três a quatro polacos por cada judeu escondido. Alguns estudiosos notaram que os judeus se sentiram particularmente magoados com a traição dos seus vizinhos polacos, e que, por isso, enfatizaram os relatos de polacos com comportamentos antissemitas nos seus testemunhos. Por outro lado, houve muitos polacos que nada fizeram, e, mais do que isso, que se voltaram contra judeus e os denunciaram, vendendo-os à Gestapo por tostões ou um pedaço de açúcar, os chantagearam, aproveitaram-se da sua desgraça e roubaram sem pejo as suas propriedades; muitos eram antissemitas e perpetradores de crimes. Tentei compreender o sentimento de vitimização dos polacos sem lavar o antissemitismo, sem entrar no jogo do «quem sofreu mais».

Inspirada pelas memórias daquelas combatentes, comecei a ver a importância de apresentar histórias multifacetadas, narrativas que não fossem a preto-e-branco, que doessem na sua ambivalência. As histórias têm de ter em conta as complexidades; todos nós devemos confrontar os nossos passados com honestidade, enfrentar as maneiras como fomos ao mesmo tempo vítimas e agressores. De outro modo, ninguém acreditará em quem as conta e perderemos qualquer

possibilidade de um verdadeiro diálogo. Compreender não significa necessariamente perdoar, mas é um passo necessário para controlar as nossas emoções e crescer.

,

– Carefulski – disse à condutora, a tentar não parecer mal-educada, já para não falar do facto de o meu polaco não ser perfeito, mas o camião parecia mesmo vir direito a nós. Depressa.

Durante a pesquisa para este livro, dei por mim numa volta ao mundo, numa miríade de situações invulgares, como tantas vezes acontece aos autores. Comer burekas com as filhas de combatentes do gueto que me interrogavam na cozinha de um kibbutz na Galileia; reuniões comemorativas em Nova Iorque com membros do Bund que entoavam de pé A Canção do Partisan como se fosse o seu hino; ver fotografias de ziemplankas de floresta num café francês em Montreal, tendo o cuidado de não as manchar com as mãos gordurosas do croissant; carregar escada abaixo a minha filha de três anos durante um alarme de incêndio num hotel de Cracóvia às cinco da manhã com um pano de fundo de ordens gritadas em polaco.

E agora isto: nos meus últimos dias, uma peregrinação para encontrar a terra natal de Renia. Estava enjoadada no banco traseiro de um Skoda com décadas de uso, cheio de fumo de cigarro, sem vidros elétricos, sem direção assistida e sem ar condicionado, encharcada depois de uma deambulação matinal à chuva pelo gueto de Kamionka, onde caminhei por entre relva molhada até ao bunker de combate de Frumka. Em seguida, tínhamos comido qualquer coisa num «café judaico» de Będzin cheio de «coisas judias» e onde serviam aquela que era alegadamente a sobremesa judaica, à base de queijo doce, raspa de laranja, xarope e passas – de que eu nunca ouvira falar. (O restaurante tinha a reputação de ser um bom lugar para encontros.) Também parámos para ver uma casa de oração privada anterior à guerra, remodelada, com paredes a brilhar de dourados, decoradas com frescos das tribos judaicas descobertos acidentalmente poucos anos antes por crianças que brincavam – durante décadas, a divisão tinha servido de arrumação de carvão.

A condutora parou em plena estrada. No meio de coisa nenhuma. Cinco horas de carro naquele dia, muitas mais pela frente enquanto eu refazia os caminhos das histórias de Renia. A minha condutora estava a gritar

em polaco para o telemóvel; a minha guia, originária da Lituânia, sentava-se no lugar do passageiro e acendeu o próximo cigarro para lhe entregar antes de o outro ter acabado.

Felizmente, a buzina furiosa do camião convenceu a condutora a encostar. Desligou o motor, saiu do carro e pôs-se a andar de um lado para o outro, a fumar e a gritar para o telemóvel.

– É uma história de divórcio – a minha guia voltou-se no banco da frente para me informar. – A filha está com o ex, e ela está muito perturbada. Peço desculpa pela demora.

Sendo eu mãe de filhas, não podia queixar-me, sobretudo porque estavam ambas a cobrar a tarifa mínima por um dia de tão intensa condução – também elas estavam interessadas na história de Renia e das mulheres combatentes, e queriam fazer parte daquela jornada. Sentada no banco traseiro, bebia Diet Coke, na esperança de que me acalmasse o enjoo, e pensava nos problemas que as mulheres que pesquisavam a respeito de mulheres eram obrigadas a enfrentar. Ser mãe afetara o meu trabalho inúmeras vezes. Ofereceram-me uma casa paga para trabalhar que tive de recusar; não podia mudar a minha família por alguns meses para uma cidade diferente. Em vez disso, realizei muitas pequenas viagens, todas elas façanhas administrativas, a arranjar quem cuidasse das raparigas e as fosse levar e buscar, e lhes dessem pequenas lembranças para que pudessem marcar cada dia que eu estava fora. A porta do meu frigorífico era um mosaico de horários de atividades, almoços e muitas outras coisas, elaborados até ao minuto. Tive até de levar as minhas filhas para a Polónia durante alguns dias. (Daí o cenário do alarme de incêndio.) Noutros dias, precisava de caminhar tantos quilómetros que a velha ciática das minhas gravidezes voltava à vida e as minhas noites eram passadas na banheira do quarto do hotel.

E depois, claro, há sempre a questão da segurança. As noites de pesquisa quando eu queria ir jantar numa nova cidade, e cada passo era ansioso, precedido por um olhar em redor como se estivesse à procura de perigos. A cautela era uma relíquia do meu passado como judia e uma realidade do meu presente como mulher. Não podia vaguear a ouvir música – tinha de ter os olhos e os ouvidos bem abertos. E ali estava eu, na Polónia rural, no caminho de um camião, sem que ninguém soubesse da minha localização exata, dependente de uma ténue ligação sem fios. Que tinha eu feito? Pelo menos estava com mulheres, consolei-me enquanto ouvia os sons de uma perturbada mãe fumadora compulsiva que continuava a gritar. Por puro acaso, tinha contratado uma guia local, que, por sua vez, contratara aquela condutora.

Três mulheres trabalhadoras no meio de nenhures. Pensei em histórias de mulheres, narrativas que também ficaram perdidas em nenhures, que desapareceram. Por fim, a condutora desligou o telemóvel, entrou no carro e arrancou, e, como de costume naquele dia, todo o meu material de pesquisa voou-me das mãos e caiu no chão molhado do Skoda.

– Peço desculpa – disse ela, a voltar-se para trás. – Estou cheia de fome.

Embora as minhas frágeis entranhas não estivessem verdadeiramente preparadas, concordei com uma paragem para um jantar cedo no próximo restaurante que encontrássemos – avisaram-me de que, naquelas estradas rurais, os lugares onde se podia comer eram poucos e afastados. Não havia estradas nacionais por aquelas bandas, razão pela qual demorámos cinco horas a percorrer 240 quilómetros; não parava de imaginar quanto tempo teria demorado às correios, disfarçadas, em 1943. O café de estrada ficava num magnífico campo aberto que brilhava em tons de laranja e ouro ao Sol de verão. Ali, no meio de coisa nenhuma exceto beleza pastoral, estiveram judeus, e um bem lubrificado sistema de gueto-e-assassínio para os matar. Os nazis estavam em todo o lado, não havia para onde fugir.

No interior, esperei enquanto a minha equipa fumava e retocava o batom. Então, quando peguei no meu prato cheio de pierogis de cogumelos (o único vegetariano disponível) e elas comiam rapidamente os seus guisado de carne e costeletas de porco grelhadas, perguntei-lhes como se tornaram amigas. Aquelas duas mulheres, mais ou menos da minha idade, haviam-se conhecido recentemente. Ambas autoproclamavam-se feministas, um rótulo que usavam com orgulho e desafio. Travaram conhecimento num comício feminista.

– Em defesa do quê? – perguntei.

– De tudo.

O governo polaco pretendia criminalizar o aborto e proibir a fertilização in vitro porque produzia «semente desperdiçada». A onipotente Igreja geria os principais hotéis de Cracóvia, mas não pagava impostos, disseram-me. As minhas duas companheiras revoltavam-se contra a misoginia e a forma injusta como o governo tratava as mulheres. E compreendia-as.

– Parece que a Polónia sobre a qual escrevo, dos anos de 1930 e 1940, era mais feminista do que a atual – disse eu.

– De certa maneira, era! – concordaram elas, e desferiram murros na mesa de madeira.

Chegámos, por fim, à minha última paragem daquele dia, Jędrezejów, à morada que Leah me dera como sendo a da casa da infância de Renia – a casa onde nascera naquela sexta-feira de 1924, o começo de tudo. A rua Klaztorna era fácil de encontrar, mas o número 16 parecia não existir. Mas se contássemos os prédios, demarcados por árvores com bem mais de um século, chegávamos a uma pequena estrutura de pedra, cinzenta, com um telhado triangular. Várias outras casas idênticas rodeavam um pátio verde, onde um cão ladrou. A minha guia foi à frente e encontrou uma das habitantes. Não percebi a rápida troca de palavras em polaco, mas percebi o abanar de cabeça da mulher.

– Diz ela que as moradas mudaram – informou-me a minha guia. – O número 16 deve ter sido uma casa de madeira que ardeu. Diz que nunca ouviu falar da família. Perguntou se eram judeus.

– Disse-lhe?

– Tentei fugir à pergunta – respondeu a minha «solucionadora de problemas», a tentar solucionar aquele. – Aqui têm medo – sussurrou. – Receiam que os judeus voltem e reclamem as suas propriedades.

Não fui convidada a entrar.

Tirei algumas fotografias do exterior, e voltámos ao Skoda para atravessar a região de Kielce ao entardecer, o Sol ensanguentado, os campos férteis, aquela bolsa ainda secreta de beleza entre Varsóvia e Cracóvia. O oposto da Polónia acinzentada da minha imaginação. As coisas andam para a frente e para trás, mas ali estávamos nós, três mulheres com passados muito diferentes – uma polaca, uma lituana e uma judia – reunidas por Renia e as combatentes, as três prontas a exigir, a lutar, todas a sentirmo-nos fortes, capazes de agir e, por um breve momento, seguras.

* No original «Jew-rassic Park», um trocadilho com a palavra inglesa para judeu (jew) e a conhecida saga de filmes Parque Jurássico (em inglês, Jurassic Park), e que não é possível traduzir com o mesmo sentido para português.

Nota da autora

Sobre a pesquisa

Sem surpresa, levar a cabo uma pesquisa por todo o mundo, usar fontes que abarcam décadas, continentes e alfabetos, proporcionou-me variados desafios e dilemas.

A principal fonte de material para este projeto consistiu, sobretudo, em memórias e testemunhos. Alguns foram orais e registados em suportes vídeo ou áudio, outros escritos em hebraico, iídiche, inglês, polaco, russo e alemão. Alguns foram traduzidos, outros eram traduções de traduções, alguns traduzi-os. Alguns foram compostos em privado, outros para um entrevistador. Alguns foram verificados, editados e até escritos em parceria com académicos, e publicados (quase sempre por pequenas editoras universitárias); outros eram diários, testemunhos em bruto, cheios de paixão, escritos alimentados pela fúria. Alguns foram redigidos logo a seguir à guerra ou durante a guerra, em esconderijos, e contêm erros, pormenores contraditórios e omissões – ou os autores pura e simplesmente não sabiam, ou fizeram alterações por razões de segurança ou emocionais. (Alguns sobreviventes acharam demasiado difícil escrever sobre a morte de certas pessoas.) Alguns foram escritos à pressa, com os dedos a arder, numa tentativa desesperada de não esquecer, uma experiência purgadora acrescida do medo de ser apanhada. Renia usava com frequência iniciais em vez de nomes (a sua assinatura era «Renia K.»), julgo que por segurança, uma vez que escrevia sobre operações clandestinas que significavam ainda um grande perigo. E também escrevia numa altura em que na verdade não conhecia os desfechos das histórias de terceiros; ela estava à espera de notícias de parentes e amigos, ignorando se estavam vivos ou mortos. Como muitos dos primeiros cronistas, Renia escreveu impulsionada pelo desejo de contar ao mundo de uma forma objetiva o que acontecera, a tentar afastar-se da sua posição pessoal. Usa, caracteristicamente, a palavra «nós», e por vezes torna-se difícil saber se está a referir-se a si, à sua comunidade ou ao povo judaico em geral.

Mais tarde, surgiram outros testemunhos, sobretudo nos anos de 1990, e apesar de muitas vezes serem compostos com a profundidade de perspetiva dada pelo tempo, é possível que as recordações fossem influenciadas por tendências contemporâneas, pelas recordações de outros ouvidas ao longo de anos e pelos objetivos e preocupações atuais dos sobreviventes. Há quem sugira que aqueles que foram traumatizados suprimiram muitas recordações e que os combatentes que não foram torturados nos campos têm reminiscências mais fortes –

«um excedente de memória», segundo Antek. Outros argumentam que as recordações traumáticas são as mais pungentes, exatas e duradouras. Também passei os olhos por efémeros documentos primários (artigos, cartas, blocos de notas) e entrevistei dezenas de membros de famílias – cada um dos quais com a sua versão das histórias, amiúde contradizendo-se uns aos outros.

A memória dá voltas e reviravoltas; as recordações não são «dados frios». Surgem muitas diferenças entre estas dezenas e dezenas de relatos: os pormenores dos acontecimentos são muitas vezes contraditórios e as datas o mais variadas possível. Por vezes, ao longo dos anos, a mesma pessoa deu testemunhos pessoais em diversas ocasiões, e as suas palavras diferem de uma maneira assustadora. Encontrei inconsistências dentro do mesmo texto. Encontrei discrepâncias entre fontes primárias e secundárias; por exemplo, biógrafos académicos e historiadores ofereciam relatos sobre estas mulheres que diferiam das histórias das mulheres. Por vezes, as diferenças entre fontes primárias eram intrigantes – tinham a ver com o assumir de responsabilidades. Sempre que isso foi relevante, tentei esclarecer, regra geral, nas «Notas finais». Tentei perceber de onde vinham estas diferenças e cruzar histórias com análises históricas. O meu objetivo foi apresentar versões que parecessem mais razoáveis e ricas. Por vezes, fundi pormenores de muitos relatos para construir uma imagem completa, para apresentar a história mais emocionalmente autêntica e mais factualmente exata que pudesse. Em última análise, quando na dúvida, cedia a palavra aos testemunhos e verdades das mulheres.

Relatei cenas o mais diretamente possível das minhas fontes. Por vezes, a minha reconstrução realçou sentimentos que estavam implícitos no texto original e tive em conta múltiplas perspetivas do mesmo evento, mas é sempre não ficcional, baseada em pesquisa.

Ainda que as diferenças nos relatos sejam intrigantes, de um modo geral fiquei mais impressionada pela enorme quantidade de sobreposições. Fontes de diferentes cantos de tempo e de lugar contam os mesmos obscuros episódios, descrevem situações e pessoas semelhantes. Além de ajudar a estabelecer a veracidade, foi comovedor e excitante. Cada vez que revia a mesma história através de outras lentes, aprendia mais, escavava mais fundo, sentia que estava de verdade a entrar no universo delas. Aquelas jovens e as suas paixões encontravam-se ligadas, figurativa e literalmente.

Outra questão complicada neste género de estudo multilinguístico prende-se com os nomes de pessoas e de lugares. Muitas cidades polacas ostentam vários rótulos – eslavos, alemães, iídiches –, várias

vezes rebatizadas ao sabor da flutuação dos regimes. Usar um nome em vez de outro é com frequência uma escolha política – mas não foi a minha intenção explícita neste livro. Recorri quase sempre aos nomes contemporâneos como são escritos em inglês.

Quanto aos nomes de pessoas, as mulheres da minha história, como a maior parte dos judeus polacos, tinham nomes polacos, hebraicos e iídiches, além de alcunhas. Algumas tinham um pseudônimo do tempo da guerra. Ou vários. Por vezes, usavam falsas identidades adicionais em documentos de emigração. (Regra geral, era mais fácil uma mulher sair da Polónia se fosse «casada».) Então, mudavam-nos para se adequarem à língua dos países onde iam parar. (Por exemplo, Vladka Meed começou por ser Feigele Peltel. Vladka era o seu nome polaco na clandestinidade; casou com um Miedzyrzecka, que foi alterado para Meed quando se mudaram para Nova Iorque.) Além disso, pesquisei estes nomes eslavos e hebraicos em motores de busca que usam o inglês, com base em combinações de caracteres latinos. Encontrei Renia como Renya, Rania, Regina, Rivka, Renata, Renee, Irena e Irene. Kukielka tem infinitas ortografias em inglês, tal como o iídiche Kukelkohn. E depois há os nomes dos tempos de guerra que aparecem nos vários documentos falsificados: Wanda Widuchowska, Gluck, Neuman. (Passei pelo menos meio dia a tentar determinar se Astrit, a correio, era a mesma pessoa que Astrid, Estherit, A., e Zosia Miller – julgo que era.) Por cima de tudo isto, há uma camada acrescida que tantas vezes complica ainda mais a tarefa de seguir o rasto de uma mulher: o nome de casada. «Renia Kukielka Herscovitch» (ou será Herskovitch, ou Hercovitz...) tem infinitas permutações – podia com toda a facilidade ter escapado por entre as malhas, não ter sido notada, tornar-se impossível de encontrar num arquivo, perdida para sempre.

Talvez o exemplo último de complexidade patronímica: os três irmãos Kukielka sobreviventes acabaram por aparecer em Israel como Renia Herscovitch; Zvi Zamir, com uma sonoridade israelita «Zamir significa «cuco»); Aaron Kleinam – alterado porque ele lutou na Palestina nos anos de 1940 e era procurado pelos britânicos. Mesmo no seio da família próxima, as discrepâncias são infinitas.

Uma palavra final sobre as palavras:

Por uma questão de facilidade, imitando Renia, usei o termo polaco(a) para referir um cidadão polaco (cristão) não judeu. No entanto, os judeus da Polónia eram também cidadãos polacos, e estou a realçar uma distinção que não queria necessariamente inflacionar. Influenciada pelos estudiosos do Museu POLIN da História dos Judeus Polacos, usei antissemitismo como uma palavra (composta); usar um hífen implicaria que «semitismo» existe como uma categoria social separada.

As mulheres da minha história referem os nazis como «alemães», o que eu mantive, uma vez que eram os alemães com que elas estavam em contacto; claro que também havia alemães antinazis.

Vários estudiosos criticaram o uso da designação «raparigas-correio». Correio, argumentam, é menoscabo. Parece trivial, passivo, como uma carteiro a distribuir cartas. Aquelas mulheres eram tudo menos isso. Eram coletoras de armas e contrabandistas, fontes de informação e, como na sua designação hebraica, kasharyot, ligações. A missão que cumpriam no Holocausto era tão perigosa como participar na luta armada. Cada vez que uma judia era encontrada fora de um gueto ou de um campo, puniam-na com a morte. E estas mulheres passavam meses, por vezes anos, a percorrer o país, a escapar de gueto para gueto. Encontrei o relato de uma correio que aparentemente fazia 240 viagens – por semana. Continuo a usar a palavra, entre outras, para descrever o trabalho que faziam, de acordo com a pesquisa existente sobre o tema.

Também a palavra raparigas é considerada inapropriada. Estamos a falar de mulheres jovens, por volta dos vinte anos, algumas delas casadas. Mais uma vez, usei a palavra, entre muitas outras, para descrever Renia e as suas camaradas. Também usei a palavra rapazes para me referir aos homens jovens do movimento. Para começar, queria destacar a juventude de todos eles. Além disso, escrevo num contexto em que a palavra raparigas foi «reabilitada» e é largamente usada nas discussões sobre o empoderamento das mulheres.

Agradecimentos

Este livro não existiria sem o gracioso apoio de uma miríade de pessoas. Devo a minha mais profunda gratidão:

A Alia Hanna Habib, por ter visto o potencial deste projeto, e a Rachel Kahan, por ter acarinhado esse potencial com sabedoria e generosidade, paciência e paixão. Não poderia ter sonhado com guias mais inteligentes e dedicadas.

À equipa da William Morrow, pela sua verve e compaixão: Andrea Molitor e Pamela Barricklow, Sharyn Rosenblum e Kelly Rudolph, Kayleig George e Benjamin Steinberf, Ploy Siripant, Alivia Lopez e Philip Bashe. A Jaclyn Hodson, Sandra Leef e Lauren Morocco da Harper Collins Canada.

A Rebecca Gardner e a Anne Worrall, pelo seu infindável saber e encorajamento. A Will Roberts, Ellen Goodson Coughtrey e ao resto da equipa alemã. A Lennie Goodings, Michelle Weiner, Holly Barrio, Peter Samplo, Susan Solomon-Shapiro e Nicole Dewey, pelo seu generoso apoio e entusiasmo.

Ao Instituto Hadassah-Brandeis, incluindo Shulamit Reinharz, Joanna Miclich e Debby Olins, por terem financiado a tradução de *Freuen in di Ghettos* e acreditado na importância deste material desde o início. A Antony Polonsky, por me ter apresentado no HBI e por inúmeras outras apresentações.

A todos os familiares das resistentes que partilharam generosamente comigo as suas recordações e impressões, sendo que vários deles são especialistas no tema: Rivka Augenfeld, Ralph Berger, Sandy Feiner, Yoram Kleinman, Michael Kovner, Jacob Harel, Elliot Palevski, Yonat Rotbain, Avihu Ronen, Lilian Rosenthal, Elaine Shelub, Holly Starr, Leah Waldman, Merav Waldman, Yoel Yaary, Racheli Yahav e Eyal Zuckerman.

Aos estudiosos que disponibilizaram tempo para estar comigo e partilhar o seu conhecimento: Havi Dreifuss, Barbara Harshav, Emil Kerenji, Agi Legutko, Daniela Ozaky-Stern, Kataryzna Person, Rochelle Saidel, David Siberklang, Anna Shternshis e Michal Trębacz. A Sharon Geva, Bella Guttermann Samuel Kassow, Justyna Majewska, Dina Dorat,

Eddy Portnoy e os muitos académicos que responderam aos meus e-mails, encaminhando-me para recursos e especialistas.

A todos os bibliotecários, arquivistas e foto-arquivistas pela sua indispensável ajuda. A Arielle Berger da Aziriel Foundation, a Anat Bratman-Elhalel e aos colegas da Casa-Museu dos Combatentes do Gueto, a Misha Mitsel e Michael Geller do JDC Archive, a Eddie Paul, Penny Fransblow e aos colegas da Montreal Jewish Public Library, a Janice Rosen do Alex Dworkin Canadian Jewish Archive. Ao pessoal da biblioteca e do arquivo do YIVO/Center for Jewish History, US Holocaust Memorial Museum, Yad Vashem, Jewish Partisan Education Foundaton, Emanuel Ringelblum Jewish Historical Institute, Museu POLIN, kibbutz Dafna, Montreal Holocaust Museum e tantas outras instituições. A Jonathan Ornstein e à JCC de Cracóvia, e a todos os guias que me ajudaram a navegar na Polónia. Ao Naomi Firestone-Teeter e ao Jewish Book Council.

Aos meus assistentes de pesquisa, tradutores e «solucionadores». A Elisha Baskin, pelo seu ardor e perspicácia, a sua engenhosidade vital e graça. A Ewa Kern-Jedrychowska e Lana Dadu por terem ido acima e além. A Paulina Blaszczykiewicz, Kuba Wesołowski, Eyal Solomon e Yishai Chamudot.

A Sara Batalion, Nicole Bokar, Amy Klein e Leigh McMullan Abramson, por lerem capítulos com diligência e cuidado.

A Eleanor John, Mignon Nixon, Susan Shapiro e as minhas muitas mentoras por me terem ensinado a verificar três vezes cada pormenor, a construir novas histórias de mulheres e a escrever sem desculpas.

Aos meus colegas da The Wing, e às cuidadoras das minhas filhas, por tornarem os meus dias de trabalho possíveis, e até agradáveis.

A todos os que partilharam comigo as suas histórias de família, me enviaram links para artigos sobre a resistência e as canções dos partisanos, e me ouviram falar sobre judias que trocaram as voltas à Gestapo durante mais de uma década. A todos aqueles – e tenho a certeza de que são muitos – que me esqueci de incluir aqui devido aos caprichos da memória.

A Zelda e Billie, por oferecerem inspiração e esperança. A Bram, por ter chegado na altura exata.

A Jon, por tudo.

Por fim, a Chayelevski, uma partisan de Vilna que me contactou via Skype em 2019 e me pediu que transmitisse a sua mensagem: «Não podemos deixar que isto volte a acontecer, nunca mais. O ódio é o nosso pior inimigo. Sejam pacíficos, amem, e trabalhem para criar um mundo de felicidade.»

Notas finais

Introdução: Machados de guerra

19 Freuen in di Ghetto: Leib Spizman, ed. Women in the Ghetto (Nova Iorque: Pioneer Women's Organization, 1946). Women in the Ghetto é uma compilação de memórias, cartas e poemas de e sobre as mulheres na resistência, sobretudo do movimento sionista trabalhista polaco, e inclui excertos de trabalhos mais vastos. O texto é em iídiche e tinha como público-alvo os judeus dos Estados Unidos, ainda que grande parte do seu conteúdo tenha sido publicado em hebraico. O editor, Leib Spizman, fugiu da Polónia ocupada para o Japão e depois para Nova Iorque, onde se tornou historiador do sionismo trabalhista.

21 o que é que «conta» como um ato de resistência judaica: para uma discussão da definição de «resistência», ver, por exemplo, Brana Gurewitsch, ed. Mothers, Sisters, Resisters: Oral Histories of Women Who Survived the Holocaust (Tuscaloosa: University of Alabama Press, 1998), 221-22; Yehudit Kol-Inbar, «“Not Even for Three Lines in History”: Jewish Women Underground Members and Partisans During the Holocaust» em A Companion to Women's Military History, ed. Barton Hacker e Margaret Vining (Leiden, Países Baixos: Brill, 2012), 513-46; Yitchak Mais, «Jewish Life in the Shadow of Destruction» e Eva Fogelman, «On Blaming the Victim», em Daring to Resist: Jewish Defiance in the Holocaust, ed. Yitzchak Mais (Nova Iorque: Museum of Jewish Heritage, 2007), catálogo da exposição, 18-25 e 134-37; Dalia Ofer e Lenore J. Weitzman, «Resistance and Rescue», em Women in the Holocaust, ed. Dalia Ofer e Lenore J. Weitzman (New Haven, CT: Yale University Press, 1998), 171-74; Gunnar S. Paulsson, Secret City: The Hidden Jews of Warsaw 1940-1945 (New Haven, CT: Yale University Press, 2003), 7-15; Joan Ringelheim, «Women and the Holocaust: A Reconsideration of Research», in Different Voices: Women and the Holocaust, ed. Carol Rittner e John K. Roth (St. Paul, MN: Paragon House, 1993), 383, 390; Nechama Tec, Resistance: Jews and Christians Who Defied the Nazi Terror (Nova Iorque: Oxford University Press, 2013), em especial 12-13; Lenore J. Weitzman, «Living on the Aryan Side in Poland: Gender, Passing, and the Nature of Resistance», em

Women in the Holocaust, ed. Dalia Ofer e Lenore J. Weitzman (New Haven, CT: Yale University Press, 1998), 187-222. Paulsson e Weitzman enfatizam que esconder-se deve ser considerado uma forma de resistência; Paulsson diz o mesmo da fuga.

21 redes de resgate: para uma discussão deste tema, ver Mordechai Paldiel, Saving One's Own: Jewish Rescuers During the Holocaust (Filadélfia: Jewish Publication Society, University of Nebraska Press, 2017). Segundo Paldiel, os resgates em grande escala eram menos proeminentes na Polónia do que noutros países.

22 abraçando as camaradas nos barracões para as manter aquecidas: testemunho de Vera Slymovicz, p. 27, Alex Dworkin Canadian Jewish Archives, Montreal.

22 longas memórias: Renia Kukielka, Underground Wanderings (Ein Harod, Isr.: Hakibbutz Hameuchad, 1945).

22 (há quem diga o primeiro): ver, por exemplo, a descrição do livro de Renia em <https://images.shulcloud.com/1281/uploads/Documents/Narayever-News/news-jan-feb-2014.pdf>.

22 versão inglesa: Renya Kulkielko, Escape from the Pit (Nova Iorque: Sharon Books, 1947). A Sharon Books partilhava o mesmo endereço com a Pioneer Women's Organization. (Em 2018, a família de Renia não fazia ideia de que existia uma versão inglesa.)

23 minúsculas vitórias [...] número de judeus salvos: apesar de não terem chegado à minha esfera cultural judaica, as histórias sobre a resistência dos judeus são contadas nas comunidades de sobreviventes e discutidas em círculos académicos em Israel. Há quem afirme que esses esforços foram tão diminutos que não merecem atenção; outros sustentam que houve uma atividade de resistência «maciça». Vale a pena referir que muitas das estatísticas que aparecem nesta história

são estimativas e com frequência contestadas. Muitos «dados» a respeito do Holocausto foram respigados de registos nazis, e no caso da resistência esses registos enfermam de parcialidade. Do lado dos judeus, não obstante umas poucas tentativas bem-sucedidas de criar e salvar arquivos, perdeu-se muita informação ou teve de ser mantida secreta – nunca foi registada, nem mesmo em código. Muitos números vêm de memórias pessoais.

23 movimentos armados clandestinos judeus [...] guetos na Europa Oriental: mais, «Jewish Life in the Shadow of Destruction», 24. Outras referem números ligeiramente diferentes. De acordo com a USHMM Encyclopedia, <https://encyclopedia.ushmm.org/content/en/article/jewish-uprisings-in-ghettos-and-camps-1941-44>, cerca de uma centena de guetos tinha movimentos clandestinos (não especifica se estavam armados). Segundo Agnes Grunwald-Spier, *Women's Experiences in the Holocaust: In Their Own Words* (Stroud, RU: Amberley, 2018), 180-81, 17 guetos na Polónia e na Lituânia tinham grupos de resistência armados, e 65 guetos na área da Bielorrússia tinham grupos armados que mais tarde combateram nas florestas.

23 Będzin, Vilna, Białystok e Tarnów: cartaz de parede, «Lutar Para Sobreviver: Resistência Judaica», Montreal Holocaust Museum, Montreal. Cartaz de parede, Museu POLIN da História dos Judeus Polacos, Varsóvia. Também inclui: Będzin, Braslaw, Brzesc, Kobryn, Krzemieniec, Mir, Nieswiez, Tuczyn e Vilna. USHMM Encyclopedia, <https://encyclopedia.ushmm.org/content/en/article/jewish-uprisings-in-ghettos-and-camps-1941-44> também inclui: Lachva, Kremenets, Nesvizh. Mark Bernard, «Problems Related to the Study of the Jewish Resistance Movement in the Second World War», *Yad Vashem Studies* 3 (1959): 45, refere que ocorreram atos de resistência judaica também em Kazimierz, Biała Podlaska, Pulawy, Radzyn, Jasło, Sandomierz; menciona a formação de unidades de partisans em Lukow, Pulawy, Biała Podlaska, Minsk Mazowiecki, Brest, Lublin, e Pinsk; fala também de um levantamento no campo de Trawniki. Segundo Yad Vashem, <https://www.yadvashem.org/odot/pdf/Microsoft%20Word%20-%206316.pdf>, em Grodno um grupo de combatentes tentou, sem êxito, assassinar os comandantes do campo.

23 cinco dos principais campos de concentração e de extermínio [...] 18 campos de trabalho forçado: Tec, Resistance, 148.

23 Trinta mil: Jewish Partisan Educational Foundation, <http://www.jewishpartisans.org>.

23 Redes judaicas apoiaram financeiramente 12 mil correligionários escondidos: o número de judeus ajudados por estas organizações é contestado. Ver «Notas finais» do capítulo 20.

24 as mulheres raras vezes foram o foco: Grunwald-Spier, Women's Experiences in the Holocaust, 228-29, nota que quando a neta de Zivia se tornou piloto de caça, o UK Daily Telegraph escreveu um artigo a respeito dela e de como o avô tinha combatido em Varsóvia, sem sequer a nomear. Em Isaac's Army: A Story of Courage and Survival in Nazi-Occupied Poland, de Matthew Brzezinski (Nova Iorque: Random House, 2012), as mulheres são listadas abaixo dos homens no rol de personagens e referidas como «namorada de». Os homens não são descritos como «namorado de».

24 jovem «bonita» [...] e um pouco «estouvada»: Ziva Shalev, Tossia Altman: Leader of Hashomer Hatzair Movement and of the Warsaw Ghetto Uprising (Telavive, Isr.: Moreshet, 1992), 32-33. Para mais sobre «estouvadas», ver Anna Legierska, «The Hussies and Gentlemen of Interwar Poland», Culture.pl, <https://culture.pl/en/article/the-hussies-and-gentlemen-of-prewar-poland>, 16 de outubro de 2014.

24 «As jovens judias eram os centros nevrálgicos do movimento»: Chaika Grossman, «For Us the War Has Not Ended» in Women in the Ghettos, 180-82.

24 «Sem um murmúrio [...] história do judaísmo durante a atual guerra.» De uma entrada do diário de Emanuel Ringelblum, maio de 1942. É possível encontrar uma tradução em: Emanuel Ringelblum, Notes from the Warsaw Ghetto: The Journal of Emanuel Ringelblum, ed.

e trad. Jacob Sloan (Nova Iorque: ibooks, 2006). Na altura, muitos líderes cantaram louvores semelhantes. Jan Karski, o famoso líder da resistência polaca, honrava também as correios, enfatizando que estavam mais expostas do que os organizadores e executores e levavam a cabo o trabalho mais duro pela menor recompensa. Citado em Vera Laska, ed., *Different Voices*, 255.

25 «são grandes tesouros da nossa nação» e se tornariam uma parte essencial do folclore judaico: Ruzka Korczak, «Women in the Vilna Ghetto», in *Women in the Ghettos*, 126.

25 «livro da eterna memória»: Gusta Davidson Draenger, *Justyna's Narrative*, traduzido por Roslyn Hirsch e David H. Hirsch (Amherst: University of Massachusetts Press, 1996), 33. Como escreveu: «Desta cela de prisão de onde nunca sairemos vivas, nós, as jovens combatentes que vão morrer, saudamos-vos. Oferecemos as nossas vidas de boa vontade pela nossa causa sagrada, pedindo apenas que o que fizemos seja inscrito no livro da eterna memória.»

Prólogo: Um salto no tempo – defesa ou salvamento?

27 Będzin foi erigida: a informação a respeito de Będzin foi extraída de «Będzin», *Virtual Shtetl*, <https://sztetl.org.pl/en/towns/b/406-bedzin/99-history/137057-history-of-community>; Bella Guterman, «The Holocaust in Będzin», em *Rutka's Notebook: January-April 1943* (Jerusalém: Yad Vashem, 2007); Aleksandra Namyslo, *Antes de o Holocausto Chegar: A Situação dos Judeus em Zagłębie Durante a Ocupação Alemã*. (Katowice: Gabinete de Educação Pública do Instituto Nacional da Lembrança, com o Instituto Histórico Judaico Emanuel Ringelblum em Varsóvia e Yad Vashem, 2014; Anna Piernikarczyk, «Będzin», *Polskie Dzieje*, <https://polskiedzieje.pl/dzieje-miast-polskich/bedzin.html>; Avihu Ronen, *The Jews of Będzin*,» em *Before They Perished... Photographs Found in Auschwitz*, ed. Kersten Brandt et al. (Oświęcim, Pol.: Museu do Estado Auschwitz-Birkenau, 2001), 16-27; Marcin Wodziński, «Będzin», *The YIVO Encyclopedia of Jews in Eastern Europe*, <http://www.yivoencyclopedia.org/article.aspx/Bedzin>; Ruth Zariz, «Attempts at Rescue and Revolt; Attitude of Members of the Dror Youth

Movement in Bełżin to Foreign Passports as Means of Rescue,» Yad Vashem Studies 20 (1990): 211-36.

28 Quase metade: «Bełżin», The YIVO Encyclopedia of Jews in Eastern Europe, <https://yivoencyclopedia.org/article.aspx/Bełżin>. Outras fontes propõem percentagens que vão dos 45 aos 80.

28 assassinaram dezenas de judeus: fontes diversas referem números que vão de 40 a 200. Segundo a YIVO Encyclopedia of Jews in Eastern Europe, foram mortos 42 judeus.

28 braçadeira com a estrela de David: judeus de diferentes regiões eram obrigados a usar diferentes distintivos. Em muitas áreas da Polónia, usavam braçadeiras brancas com uma estrela de David azul; noutras, eram estrelas amarelas. Ver: «Holocaust Badges», Holocaust Memorial Center, <https://www.holocaustcenter.org/visit/library-archive/holocaust-badges>.

29 «exterminados» [...] «Solução Final». Os nazis usavam eufemismos para designar os seus planos assassinos. A «Solução Final» refere-se ao plano de exterminar todos os judeus da Europa. «Exterminação» é a palavra código para a eliminar um gueto deportando toda a sua população para um campo de morte ou um local de assassinio em massa.

30 dia da decisão: esta cena é uma elaboração baseada numa referência nas memórias de Renia Kukielka, Underground Wanderings, 74-75.

30 «tinha em si tanto do carácter popular judeu»: esta descrição de Hershel é de Chajka Klinger, I Am Writing These Words to You: The Original Diaries, Bełżin 1943, trad. por Anna Brzostowska e Jerzy Giebułtowski (Jerusalém: Yad Vashem and Moreshet, 2017), 69.

31 «lixreira racial»: «Generalgouvernement», Yad Vashem Shoah Resource Center, <http://www.yadvashem.org/odot.pdf/Microsoft%20Word%20-%206246.pdf>.

31 rosto cinzelado de pómulos altos e penetrantes olhos escuros: baseado em fotografias de Sarah conservadas no arquivo da Casa-Museu dos Combatentes do Gueto.

31 esquemas com passaportes: Zariz, «Attempts at Rescue and Revolt», 211-36. Para uma discussão sobre outros esquemas com passaportes, ver, por exemplo, Vladka Meed, *On Both Sides of the Wall*, trad. Steven Meed (Washington, DC: United States Holocaust Memorial Museum, 1993), 175-80; Paldiel, *Saving One's Own*, 361-62; Avihu Ronen, *Condenada a Viver: Os Diários e Vida de Chajka Klinger*. Haifa e Telavive, Israel: Imprensa da Universidade de Haifa, Miskal-Yidloth Ahronoth e Chemed, 2011), 234-94.

Primeira parte: As raparigas do gueto

35 Lemberg: Lemberg era o nome iídiche de Lvov (em polaco), uma cidade que hoje se chama Lviv (na Ucrânia).

35 «Raparigas heroicas [...] estas raparigas são infatigáveis»: Ringelbaum, *Notes from the Warsaw Ghetto*, 273-74.

Capítulo 1: Po-Lin

37 10 de outubro de 1924: a data do nascimento de Renia varia em diferentes documentos, mas esta é a reconhecida no catálogo do Yad Vashem e pelos filhos.

37 véspera do Sabat: construí esta cena do nascimento baseada no testemunho de Renia nos arquivos do Yad Vashem e no contexto histórico. Toda a informação a respeito de Renia e da sua família contida neste capítulo foi recolhida do seu testemunho no Yad Vashem, salvo indicação em contrário.

37 tagarelices da família em iídiche e polaco: segundo o testemunho de Renia no Yad Vashem, a família falava iídiche em casa, e ela falava polaco com os amigos. De acordo com o seu testemunho oral na Casa dos Combatentes do Gueto, falava polaco em casa. O sobrinho afirma que falavam iídiche e polaco em casa; entrevista pessoal, Yoram Kleinman, pelo telefone, 11 de fevereiro de 2019.

38 Kukielka assemelha-se ao polaco Kukielo – o apelido da família que durante gerações tinha gerido a funerária local: como me foi dito por um habitante de Jędrzejów, junho de 2018.

38 parentes: o Jędrzejów Yizkor Book (Telavive, Isr.: Irgun Ole Yendzýov be-Yisra'el, 1965) lista cinco ramos da família «Kokielka» como tendo sido mortos pelos nazis.

38 pitéus próprios do dia: «Food and Drink», The Yivo Encyclopedia of Jews in Eastern Europe, [http://www.yivoencyclopedia.org/article.aspx/Food and Drink](http://www.yivoencyclopedia.org/article.aspx/Food_and_Drink). Ver também: Magdalena Kasprzyk-Chevriaux, «How Jewish Culture Influenced Polish Cuisine». Culture.pl, <https://culture.pl/en/article/how-jewish-culture-influenced-polish-cuisine>.

39 Jędrzejów: a informação sobre Jędrzejów neste capítulo vem sobretudo de «Jędrzejów,» Virtual Shtetl, https://sztetl.org.pl/en/towns/j/40-Jędrzej.w/99-history/137420-history-of-community#footnote23_xgdnzma; «Jędrzejów», Beit Hatfutsot: My Jewish Story, The Open Databases of the Museum of the Jewish People, <https://dbs.bh.org.il/place/Jędrzejów>; «Jędrzejów», Holocaust Historical Society, <https://www.holocausthistoricalsociety.org.uk/contents/ghettosjr/Jęd>

[rzej.w.html;«Jędrzejów,»](#)
[JewishGen,https://www.jewishgen.org/yizkor/pinkas_poland/pol7_00259.html](https://www.jewishgen.org/yizkor/pinkas_poland/pol7_00259.html) – publicada originariamente in [Pinkas Hakehillot: Enciclopédia das Comunidades Judaicas, Polónia, Volume VII](#) (Jerusalém: Yad Vashem), 259-62.

[39 juntar mais três: as datas destes nascimentos são estimativas, mas parece que Aaron nasceu em 1925, Esther, em 1928 e Yaacov em 1932.](#)

[39 130 em iídiche, 25 em hebreu e 25 em polaco: cartaz de parede, Museu POLIN da História dos Judeus Polacos Varsóvia.](#)

[40 «A Luta por uma Palestina Judaica», \(em maio de 1937\): «Jędrzejów», Virtual Shtetl.](#)

[40 «fatinho à marinheira» branco e azul-escuro, saia pregueada e meias até aos joelhos: Anna Legierska, «The Hussies and Gentlemen of Interwar Poland.» Era esta a indumentária comum na época, e eu extrapolei para Renia.](#)

40 apaixonada por caminhadas: entrevista pessoal com Merav Waldman, Skype, 23 de outubro de 2018.

[40 mangas compridas e meias altas: como citado em «Jędrzejów», Virtual Shtetl.](#)

[40 frequentava a escola pública: de acordo com o testemunho de Renia no Yad Vashem, frequentou durante pouco tempo a escola Beit Yakov, mas ficava longe de sua casa de modo que mudou para uma escola pública polaca.](#)

41 uma impressão duradoura: no seu testemunho no Yad Vashem, Renia conta que um professor insistia em chamar-lhe «Kukielchanka» porque Kukiełka soava demasiado polaco para uma judia.

41 A Polónia tinha vindo a evoluir: a informação contida neste capítulo a respeito da Polónia e dos judeus polacos vem sobretudo de «Poland» The YIVO Encyclopedia of Jews in Eastern Europe, <https://yivoencyclopedia.org/article.aspx/Poland>; Samuel D. Kassow, «On the Jewish Street, 1918-1939»; POLIN, 1000 Anos de História dos Judeus Polacos – Catálogo da Exposição Nuclear, ed. Barbara Kirshenblatt-Gimblett e Antony Polonsky (Varsóvia: Museu POLIN da História dos Judeus Polacos, 2014), 227-85; Jerzy Lukowski e Hubert Zawadzki, A Concise History of Poland (Cambridge: Cambridge University Press, 2001).

41 A Polónia dos primeiros tempos era uma república: Adriel Kasonata, «Poland: Europe's Forgotten Democratic Ancestor», The National Interest, 5 de maio de 2016, <https://nationalinterest.org/feature/poland-europes-forgotten-democratic-ancestor-16073>.

43 Toda a plataforma deste partido consistia em difamar os judeus, [...] uma nova identidade polaca especificamente definida como «não judaica»: palestra dada por Paul Brykczynski em «In Dialogue: Polish Jewish Relations During the Interwar Period», 15 de novembro de 2018, na Fordham University, com Columbia, YIVO.

44 Jędrzejów assistiu a um antissemitismo crescente: relatos em «Jędrzejów», Virtual Shtetl.

44 Dzigan e Schumacher: Shimen Dzigan e Yisroel Schumacher conheceram-se numa companhia de comédia em Łódź. Nos anos de 1930, eram tão populares que fundaram a sua própria companhia em Varsóvia.

44 «O Último Judeu da Polónia»: Samuel D. Kassow alertou-me para este sketch na sua conferência dada em «In Dialogue: Polish Jewish Relations During the Interwar Period». É possível encontrar uma discussão sobre o sketch em Ruth R. Wisse, *No Joke: Making Jewish Humor* (Princeton, NJ: Princeton University Press, 2015), 145-46.

45 o Bund [...] tornou-se o maior partido: o Bund tornou-se o maior partido em 1938 porque a emigração para a Palestina parecia impossível devido ao Livro Branco dos britânicos e porque o governo polaco não escutava os pedidos dos partidos religiosos. Antes disso, a população dividia-se de uma forma mais ou menos equitativa entre os três partidos.

45 é provável que Renia acompanhasse a irmã mais velha, Sarah, às atividades dos grupos juvenis: os filhos de Renia falavam de como, enquanto Moshe era a sua influência intelectual, Sarah era a sua influência em liderança. No entanto, uma vez que Sarah era mais velha e vivia em vários kibbutzim hachshara, é possível que Renia também acompanhasse Bela. No seu testemunho no Yad Vashem, Renia diz que antes da guerra, quando tinha menos de quinze anos, se concentrava na vida escolar e não estava minimamente interessada nos movimentos de juventude.

45 «Via-se o sapato inteiro!»: «Usava uma saia muito larga e curta de lã azul-escura, e via-se o sapato inteiro por baixo dela [...] As pessoas vão apontar-te o dedo!» Citado em Legierska, «The Hussies and Gentlemen of Interwar Poland.»

45 Uma fotografia de Sarah: as fotografias de Sarah Kukielka são do arquivo da Casa-Museu dos Combatentes do Gueto.

46 depressão coletiva: o YIVO, o eminente Instituto Iídiche em Vilna, notou esta crise e organizou um concurso de memórias, pedindo aos jovens que escrevessem sobre as suas vidas na esperança de os compreender e levantar-lhes o moral.

46 ligados aos vários partidos: o A Jovem Guarda não estava filiado em qualquer partido político, mas os seus membros eram sionistas socialistas.

46 Em algumas fotografias: fotografias do hachshara em Jędrzejów são de «Jędrzejów» Beit Hatfutsot: My Jewish Story.

46 pertencia ao Liberdade: o «Dror» (Liberdade) foi criado em 1938 com base numa amálgama do Hechalutz HaTsair (Jovem Pioneiro) e do Freiheit (Liberdade, em iídiche), um grupo de base iídiche que atraía membros da classe trabalhadora. O Liberdade era, na altura, um grupo sionista onde se falava iídiche e hebraico, e que incluía mais jovens trabalhadores. Estava filiado no partido político Poalei Zion e continua ativo. Os camaradas do Liberdade tinham a reputação de serem mais velhos, menos pretensiosos e mais terra a terra do que os do A Jovem Guarda (Bella Gutterman, *Fighting for Her People: Zivia Lubetkin, 1914-1978*, traduzido por Ora Cummings [Jerusalém: Yad Vashem, 2014], 132).

47 definiam-se com base nos respetivos grupos: por exemplo, «A verdade é que nunca fui muito de movimentos. Chamava-me Akiba porque toda a gente no ZOB assumia o nome do movimento como se fosse parte do seu, como se fosse mais um apelido», Simha «Kazik» Rotem, *Memoirs of a Ghetto Fighter*, traduzido por Barbara Harshav (New Haven, CT: Yale University Press, 1994), 22. Havia rivalidades entre os grupos e alguns atacavam as sedes de outros.

47 obtiveram o direito de voto: no entanto, as mulheres não podiam votar para o Conselho da Comunidade Judaica.

47 judias: para discussões sobre mulheres judias e polacas na Polónia de entre guerras, ver, por exemplo, Gershon Bacon, «Poland: Interwar», *The Encyclopedia of Jewish Women*, <https://jwa.org/encyclopedia/article/poland-interwar>; Judith Taylor Baumel-Schwartz e Tova Cohen, eds. *Gender, Place and Memory in the Modern Jewish Experience: Re-Placing Ourselves* (Londres: Vallentine Mitchell, 2003); Anna Czocher, Dobrochna Kałwa, et al., *Is War Men's*

Business? Fates of Women in Occupied Kraków in Twelve Scene, traduzido por Tomasz Teszner e Joanna Bełch-Rucińska. (Cracóvia: Museu Histórico da Cidade de Cracóvia, 2011); Nameetha Matur, ««The New Sportswoman»: Nationalism, Feminism and Women's Physical Culture in Interwar Poland», The Polish Review 48 (2003), n.º 4: 441-62; Jolanta Mickute, «Zionist Women in Interwar Poland», em The Macmillan Report, <https://www.youtube.com/watch?v=TrYt4oI4Mq4>; Lenore J. Weitzman e Dalia Ofer, «Introduction to Part 1», Paula E. Hyman «Gender and the Jewish Family in Modern Europe», Gershon Bacon, «The Missing 52 Percent: Research on Jewish Women in Interwar Poland and Its Implications for Holocaust Studies», e Daniel Blatman, «Women in the Jewish Labor Bund in Interwar Poland», todos em Women in the Holocaust; Puah Rakovsky, My Life as a Radical Jewish Woman: Memoirs of a Zionist Feminist in Poland, traduzido por Barbara Harshav com Paula E. Hyman (Bloomington: Indiana University Press, 2001); Avihu Ronen, «Poland: Women Leaders in the Jewish Underground in the Holocaust», The Encyclopedia of Jewish Women, <https://jwa.org/encyclopedia/article/poland-women-leaders-in-jewish-underground-during-holocaust>; Jeffrey Shandler, ed., Awakening Lives: Autobiographies of Jewish Youth in Poland Before the Holocaust (New Haven, CT: Yale University Press, 2002); Anna Zarnowska, «Women's Political Participation in Inter-War Poland: Opportunities and Limitations», Women's History Review 13 (n.º 1, 2004): 57-68.

48 «feministas»: a maior parte das «feministas» polacas da época prefeririam dizer-se «radicais», ou «revolucionárias».

48 as raparigas gozavam de um certo grau de paridade: Avihu Ronen, «Young Jewish Women Were Leaders in the Jewish Underground During the Holocaust», Jewish Women's Archive: The Encyclopedia of Jewish Women, <https://jwa.org/encyclopedia/article/Poland-women-leaders-in-jewish-underground-during-holocaust>. Por outro lado, Kol-Inbar, «Three Lines in History», 514, afirma que as mulheres não desempenharam um papel importante nos movimentos de juventude na Polónia.

49 Em alguns relatos, Renia culpava o antissemitismo; noutros, explicava que precisava de ganhar dinheiro: o primeiro é do prólogo de

Renia para Escape from the Pit; o segundo do seu testemunho no Yad Vashem.

49 médicas: ver, por exemplo, os testemunhos de mulheres nos Alex Dworkin Canadian Jewish Archives, Montreal.

Capítulo 2: Do fogo para o fogo

50 todos vítimas dos constantes ataques nazis: a estratégia blitzkrieg de Hitler envolvia bombardeamentos maciços para destruir os meios de transporte e as linhas de comunicação do inimigo, seguidos por uma invasão terrestre em larga escala. O exército polaco, mal equipado e antiquado (tentou enfrentar o avanço alemão com soldados montados), não era adversário à altura de uma força militar moderna e mecanizada.

51 «aos céus»: Kukielka, *Underground Wanderings*, 4. Este capítulo é baseado em material retirado de Kukielka, *Underground Wanderings*, 3-8, e do seu testemunho no Yad Vashem.

51 «Toda a gente tentava saltar da frigideira para o lume.» Kukielka, *Underground Wanderings*, 4.

52 puxou a escada de acesso ao sótão: no seu testemunho no Yad Vashem, Renia diz que se esconderam na cave.

52 80% judaica: «Chmielnik», Beit Hatfutsot: *My Jewish Story, The Open Databases of the Museum of the Jewish People*, <https://dbs.bh.org.il/place/chmielnik>.

52 a primeira noite: em «Chmielnik», *Virtual Shtetl*, encontramos um relato alternativo daquela primeira noite.

52 pão – agora uma substância cinzenta, dura e amarga: Naomi Izhar, Chasia Bornstein-Bielicka, One of the Few: A Resistance Fighter and Educator, 1939-1947, traduzido por Naftali Greenwood (Jerusalém: Yad Vashem, 2009), 133.

53 costumava detestar esta época do ano: testemunho de Renia no Yad Vashem.

Capítulo 3: A fundação da luta feminina

54 véspera de Ano Novo: todas as cenas a respeito de Zivia neste capítulo são baseadas em Zivia Lubetkin, In the Days of Destruction and Revolt, tradução de Ishai Tubbin e Debby Garber, ed. Yehiel Yanay (Telavive, Isr.: Am Oved; Hakibbutz Hameuchad; Casa dos Combatentes do Gueto, 1981). Informação adicional é sobretudo de: Zvi Dror, The Dream, the Revolt and the Vow: The Biography of Zivia Lubetkin-Zuckerman (1914-1978), tradução de Bezalel Ianai (Telavive, Isr.: Federação Geral do Trabalho [Histadrut] e Casa dos Combatentes do Gueto, 1983); Chana Gelbard, «In the Warsaw Ghetto» em Women in the Ghettos, 3-16; Gutterman, Fighting for Her People; Yitzhak «Antek» Zuckerman, A Surplus of Memory: Chronicle of the Warsaw Ghetto Uprising, tradução de Barbara Harshav (Berkeley: University of Califórnia Press, 1993).

54 «tremia de medo ante a perspectiva de ser capturada pelos nazis»: Lubetkin, Days of Destruction, 16.

56 «Se alguma vez eu, Zivia, decidir [...] chamar-lhe-ei De Byten a Genebra»: Gutterman, Fighting for Her People, 9.

57 e a outras líderes do movimento: incluíam Frumka Płotnicka, Hantze Płotnicka, Leah Pearlstein e Tosia Altman.

57 Antek: segundo The Zuckerman Code, realizado por Ben Shani e Noa Shabtai, Israel, 2018, Antek era a sua «alcunha interna». Usava nomes diferentes quando lidava com alemães e polacos.

57 «Corríamos de um lado para o outro [...] esforço para contactar membros do movimento perdidos ou afastados»: Lubetkin, Days of Destruction, 14.

57 «Era impossível [...] movimento clandestino de jovens pioneiros.»: Lubetkin, Days of Destruction, 14.

58 insistindo que tinha de voltar a Varsóvia: de acordo com Eyal Zuckerman, Telavive, Isr., 15 de maio de 2018, é possível que tenha ido para Varsóvia em busca de Shmuel. Gutterman, Fighting for Her People, 107, por outro lado, sugere que adiou a ida para Varsóvia por causa da captura de Shmuel.

58 «Comemos, bebemos e divertimo-nos», escreveu Zivia mais tarde, «e entre bebidas discutimos o movimento e o seu rumo futuro»: Lubetkin, Days of Destruction, 13.

58 Nessa noite, ignorando os pedidos de Antek: Gutterman, Fighting for Her People, 110. Segundo Lubetkin, Days of Destruction, 14, foi «na noite seguinte». Lubetkin não menciona Antek no seu relato.

59 «Enquanto estava ainda ocupada [...] as pessoas forcejaram a subida para as carruagens.» Lubetkin, Days of Destruction, 15.

59 «Cerrei os dentes e não me mexi um centímetro»: Lubetkin, Days of Destruction, 17.

60 Grande Sinagoga: «A História da Grande Sinagoga», Jewish Historical Institute, <http://www.jhi.pl/en/blog/2013-03-04-the-history-of-the-great-synagogue>.

60 375 mil judeus [...] população: «Varsow», The YIVO Encyclopedia of Jews in Eastern Europe. Dalia Ofer, «Gender Issues in Diaries and Testimonies of the Ghetto: The Case of Warsaw.» em Women in the Holocaust, 144-45, fala de uma população de 359 mil e inclui uma quebra demográfica.

60 em 2020, os judeus representavam mais ou menos 13% da população de Nova Iorque: 1,1 milhão de judeus num total de 8,6 milhões. As estatísticas são de 2016, tal como reportadas por Uriel Heilman, «7 Things to Know About the Jews of New York for Tuesday's Primary», Jewish Telegraphic Agency, 8 de abril de 2016, <https://www.jta.org/2016/04/18/politics/7-things-to-know-about-the-jews-of-new-york-for-tuesdays-primary>.

61 As ruas estavam repletas de carros elegantes [...] arrebicados carrinhos de bebé: imagens filmadas da Varsóvia anterior à guerra podem ser vistas em: <https://www.youtube.com/watch?v=igv038Pqr34>; <https://www.youtube.com/watch?v=CQVQQQDKyoo>; https://www.youtube.com/watch?v=Zk_8lTLGLTE.

61 «Havia uma sensação agradável no ar como se nada tivesse acontecido»: Lubetkin, Days of Destruction, 19.

61 «de outra fibra»: Lubetkin, Days of Destruction, 21.

63 «Em tempos cinzentos [...] preocupação maternal»: Eliezer, «In the Movement», em Women in the Ghettos, 87-91.

63 «O seu coração [...] dentro de si»: Lutke, «Frumka», in Hantze and Frumka, 169.

63 «sotaque mágico [...] transformava-se em fogo»: Y. Perlis, «In the Hachshara and the Movement», em Hantze and Frumka, 155.

63 uma outra amiga escreveu uma história: Zruvevel, «Meeting and Separation», em Women in the Ghettos, 91-95.

63 surpreendeu a família com o seu papel de liderança: Eliyahu Plotnicki, «Childhood Home», em Hantze and Frumka, 10.

64 e voltar à Varsóvia ocupada pelos nazis: Yudka, «Catastrophe», em Women in the Ghettos, 95-102. De acordo com este relato, parece que o seu zelo foi acicatado pelo falso rumor de que Hantze tinha sido morta na Polónia ocupada.

65 «Os Pioneiros queriam viver [...] não havia fúria»: Gelbard, «Warsaw Ghetto», 5-7.

65 Ganhava sempre: Zuckerman, Surplus of Memory, 104. Leah Pearlstein era uma líder da resistência numa quinta do movimento em Łódź e em Varsóvia. É provável que tenha morrido na Aktion de janeiro de 1943, em Varsóvia.

66 muitas vezes jovens advogados e recém-licenciados: Zuckerman, Surplus of Memory, 244.

66 «pelo pior género de pessoas»: Kukielka, Underground Wanderings, 12. Noutras ocasiões, Renia reconhecia que alguns milicianos tentavam usar as suas posições para ajudar outros.

66 Como instituição, os Judenrats [...] membros variava: Bernard, «Problems Related to the Study», 61-62. Segundo Ronen, «The Jews of Bedzin», 21, o Judenrat de Zaglembe tinha 500 funcionários. Documentos dos arquivos da RDC relatam que serviam em Varsóvia dois mil polícias judeus.

66 grupos heterogêneos: ver, por exemplo, Tec, Resistance, 14, para uma revisão da literatura e complexidade dos Judenrats. Outros relatos de Judenrats que ajudaram a resistência, bem como discussões informadas sobre o papel que desempenharam, podem ser encontradas em, por exemplo, Izhar, Chasia Bornstein-Bielicka, 124-25, 140; Rotem, Memoirs of a Ghetto Fighter, 15; Don Levin e Zvie A. Brown, The Story of an Underground: The Resistance of the Jews of Kovno (Lithuania) in the Second World War (Jerusalém: Gefen, 2018); Mira Shelub e Fred Rosenbaum, Never the Last Road: A Partisan's Life (Berkeley, CA: Lehrhaus Judaica, 2015), 78. Existem discussões semelhantes sobre a polícia judaica. Ver Bernard Goldstein, The Stars Bear Witness, tradução de Leonard Shatzkin (Londres: Victor Gollancz, 1950), 34-36, para uma visão do desenvolvimento do Judenrat e das forças laborais.

66 marionetas da Gestapo: Zivia escreveu longamente sobre o seu desprezo pelo Judenrat, a polícia judaica e os judeus colaboracionistas. Lubetkin, Days of Destruction, 39-42.

66 «vexações se dissolvessem nos anéis de fumo que soprava»: Chana Gelbard, «Life in the Ghetto», The Pioneer Woman, n.º 97, 11 de abril de 1944.

68 «Fiquei espantado [...] Falava como uma esposa»: Zuckerman, Surplus of Memory, 44-45.

68 e apaixonou-se: entrevista pessoal, Eyal Zuckerman, Telavive, Isr., 15 de maio de 2018.

68 nariz de judia e «trôpego polaco»: Naomi Shimshi, «Frumka Plotniczki», Jewish Women's Archive, The Encyclopedia of Jewish Women, <https://jwa.org/encyclopedia/article/plotniczki-frumka>.

69 direcionado para a sua melhor amiga: Zuckerman, Surplus of Memory, 130, refere rumores a respeito de um triângulo amoroso. Gutterman, Fighting for Her People, 101, 127, 134, 135, especula a este respeito.

69 «de todo o movimento na Polónia»: Ibid., 132. Segundo Sharon Geva, The Zuckerman Code e Blue Bird, realizados por Ayelet Heller, Isr., 1998, «Zivia» era uma palavra de código para toda a Polónia.

Capítulo 4: Ver mais uma manhã – terror no gueto

70 secretariado do tribunal: segundo o testemunho de Renia no Yad Vashem, um vizinho ofereceu-lhe um lugar de secretária no tribunal, que ela aceitou sem hesitar.

70 A sua vida ficou virada do avesso: salvo indicação em contrário, as cenas deste capítulo, bem como as descrições e as informações facultadas, baseiam-se em Kukielka, Underground Wanderings, 9-36. Informação adicional sobre o gueto de Jędrzejów pode ser encontrada nas fontes citadas para o capítulo 1.

71 máquina de costura Singer [...] para que os guardasse: Renia Kukielka, testemunho no Yad Vashem. Segundo Renia, não voltaram a vê-la, nem aos seus pertences.

71 que os protegesse: ver, por exemplo, Izhar, Chasia Bornstein-Bielicka, 104, 133.

71 Há relatos de mães: ver, por exemplo, Izhar, Chasia Bornstein-Bielicka, 104-15.

71 pulseira de ouro [...] manga de uma camisola: Barbara Kuper, «Life Lines,» em Before All Memory Is Lost: Women's Voices from the Holocaust, ed. Myrna Goldenberg (Toronto: Azrieli Foundation, 2017), 198.

71 Dinheiro foi escondido em massa de biscoitos: Myrna Goldenberg, «Camps: Foreward», em Before All Memory Is Lost, 272.

71 um saco de farinha: Renia Kukielka, testemunho no Yad Vashem.

71 50 pessoas amontoadas: ver, por exemplo, Faye Schulman, A Partisan's Memoir: Woman of the Holocaust (Toronto, Canada: Second Story Press, 1995), 77.

72 disrupção na normalidade da ordem social: Tec, Resistance, 52-54.

72 secava nos telhados dos vizinhos: Izhar, Chasia Bornstein-Bielicka, 108-10.

72 mais de 400 guetos na Polónia: Tec, Resistance, 52.

73 E no entanto [...]: esta cena a respeito de contrabando baseia-se numa referência num testemunho que Renia prestou na Biblioteca Nacional de Israel em 1985 e que decorreu no arquivo da biblioteca. Não está claro se ela contrabandeou antes ou depois de o gueto ter sido «fechado». Construí a cena com base nas histórias de muitas contrabandistas judias; por exemplo, ver capítulo «Women» em Warsaw Ghetto: Everyday Life, The Ringelblum Archive, Volume 1, ed.

Katarzyna Person, trad. Anna Brzostowska et al. (Varsóvia: Instituto Histórico Judaico, 2017), 232-55.

73 nove da noite: no seu relato, Renia afirma que saía de manhã, mas na maior parte dos outros relatos, as mulheres contrabandistas saíam dos guetos à noite.

73 abastecedoras: os exemplos são tirados de «Women», Warsaw Ghetto: Everyday Life.

74 inversão de papéis: Lenore J. Weitzman, «Resistance in Everyday Life: Family Strategies, Role Reversals, and Role Sharing in the Holocaust», em Jewish Families in Europe, 1939 – Present: History, Representation and Memory, ed. Joanna Beata Michlic (Waltham, MA: Brandeis University Press, 2017), 46-66.

74 municipalidades ou empresas privadas: Tec, Resistance, 59. Os guetos maiores tinham ambas.

74 parecerem mais velhas: Schulman, Partisan's Memoir, 78.

74 «Ninguém diz uma palavra [...] casas apinhadas à noite»: Izhar, Chasia Bornstein-Bielicka, 120-22.

75 pão de milho [...] batatas: Izhar, Chasia Bornstein-Bielicka, 111.

75 bens vendidos no mercado negro: Chasia Bielicka explica que entravam no gueto de muitas maneiras, por vezes, escondidos nos camiões do lixo. Izhar, Chasia Bornstein-Bielicka.

75 «a pior de todas as mortes»: Kukielka, *Underground Wanderings*, 21.

76 conflitos conjugais: ver discussões em Ofer, «Gender Issues in Diaries and Testimonies of the Ghetto», 143-67; Ringelheim, «Women and the Holocaust», 378-79; Tec, *Resistance*, 55-57; Michael Unger, «The Status and Plight of Women in the Łódź Ghetto,» em *Women in the Holocaust*, 123-42.

76 primeira geração a beneficiar de casamentos por amor: Dalia Ofer, «Parenthood in the Shadow of the Holocaust», em *Jewish Families in Europe*, 3-25.

76 mulheres, que foram treinadas nas competências domésticas [...] até com a de fome: ver, por exemplo, Brana Gurewitsch, «Preface», *Mothers, Sisters, Resisters*, xi-xxi; Esther Katz e Joan Miriam Ringelheim, eds., *Proceedings of the Conference on Women Surviving the Holocaust* (Nova Iorque: Institute for Research in History, c1983), 17-19; Ringelheim, «Women and the Holocaust», 373-418; Tec, *Resistance*, 50, 55.

76 Em Cracóvia [...] para salvar a vida: Agi Legutko, visita ao gueto de Cracóvia, Festival da Cultura Judaica, Cracóvia, junho de 2018.

76 falta de [...] rotina diária: Izhar, Chasia Bornstein-Bielicka, 111.

76 crianças brincavam [...] levar os documentos: Izhar, Chasia Bornstein-Bielicka, 112, e Shelub e Rosenbaum, *Never the Last Road*, 80-81.

77 pouco mais de 50 euros atuais: *Who Will Write Our History*, realizado por Roberta Grossman, EUA, 2019. Quantias semelhantes aparecem referidas em relatórios do arquivo da JDC e em *Warsaw Ghetto, Everyday Life* (arquivo Ringelblum), capítulo sobre as mulheres.

Segundo este arquivo, na Varsóvia de 1940, as operárias ganhavam 3 zlotys por dia; uma trabalhadora especializada auferia 6 zlotys diários. Uma tigela de sopa custava 1 zloty. Os preços eram altíssimos nesta instável economia dos tempos de guerra. De acordo com um relatório da JDC, em Varsóvia, em 1942, uma viagem no autocarro judeu custava 60 groszy, e pagava-se 18 groszy por um copo de água. De um modo geral, 1 zloty em 1940 era o equivalente a cerca de 3,30 euros em 2020. As taxas de câmbio não são exatas porque as tabelas de conversão não podem ter em conta as maciças flutuações da moeda durante a guerra – que aconteceram por muitas razões – nem as taxas de inflação na Europa. Além disso, diferentes espécies monetárias eram usadas em várias partes da Polónia ocupada, mas parecem corresponder à taxa do zloty, que era na realidade fixada pelos nazis em relação ao reichsmark para favorecer a economia germânica. Alguns guetos usavam a sua própria moeda.

77 nas moedas que levava no bolso: é difícil avaliar os preços dos bens contrabandeados nesta parte da Polónia, nessa altura. É possível que Renia negociasse a troca de bens e não de dinheiro.

78 campo de Janowska: «Janowska», USHMM Encyclopedia, <https://encyclopedia.ushmm.org/content/en/article/janowska>. Este campo foi criado em setembro de 1941. Pela leitura do relato de Renia, não fica claro em que altura Aaron foi levado.

78 mais de 40 mil: Goldenberg, «Camps: Foreward», 267. «Nazi Camps», The USHMM Encyclopedia afirma que os nazis criaram mais de 40 mil campos e outros locais de encarceramento (isto inclui os guetos). Zuckerman, Surplus of Memory, 340, diz que havia 8000 campos na Polónia. Segundo Dalia Ofer e Lenore J. Weitzman, «Labor Camps and Concentration Camps: Introduction to Part 4», em Women in the Holocaust, 267, os nazis estabeleceram pelo menos 437 campos de trabalho para judeus na Polónia ocupada.

78 As SS arrendavam alguns dos campos de trabalho a empresas privadas: Goldenberg, «Camps: Foreward», 266-67. As SS eram a força nazi responsável pela Solução Final.

78 As mulheres custavam menos [...] tarefas mais árduas: Ofer e Weitzman, «Labor Camps and Concentration Camps», 268. Segundo Felicja Karay, «Women in the Forced Labor Camps», em Women in the Holocaust, 285, o campo de trabalho Skarzysko-Kamienna pagava às SS 5 złotych diários por cada homem e apenas 4 por cada mulher.

78 ervilhaca [...] sabia a pimenta cozida: Dyna Perelmuter, «Mewa (Gaivota)», em Before All Memory Is Lost, 179.

79 os Kukielka: a forma como Renia escreve a este respeito nas suas memórias torna difícil saber se a família estava incluída; no entanto, de acordo com o seu testemunho no Yad Vashem, a família foi transferida para Wodizłów.

80 «Agora, cada um preocupava-se [...] dos irmãos»: Kukielka, Underground Wanderings, 18.

80 «Se alguém via um cadáver na rua, tirava-lhe os sapatos»: Jon Avnet referiu esta «regra do gueto» em discussões sobre o seu filme Uprising na Directors Guild, Nova Iorque, 22 de abril de 2018.

81 «Ninguém podia respirar, tossir ou chorar sem ter um público»: Izhar, Chasia Bornstein-Bielicka, 112.

82 «Deixavam-nos como que sugadas por um abismo»: Kukielka, Underground Wanderings, 28.

82 assassinadas como represália: Schulman, Partisan's Memoir, 79-80.

83 «selvagens ucranianos»: uma pequena percentagem de ucranianos colaborou com os nazis; alguns eram prisioneiros de guerra obrigados a fazer o «trabalho sujo» dos alemães. O tema fica para lá do âmbito deste livro, mas muitas memórias de mulheres falam da colaboração ucraniana. Como os polacos, é natural que as mulheres se sentissem profundamente magoadas por esta traição dos seus vizinhos.

83 dos nazis e dos seus colaboradores: nos seus diários, Gusta Davidson tentou analisar a psicologia dos violentos: «Os schupo, que se situam no degrau mais baixo, são os que estão mais vezes em contacto com os prisioneiros. É mais provável que mostrem misericórdia ou até compaixão do que os outros. Mas, na presença dos seus superiores, tornam-se carrascos, os mais cruéis dos carcereiros [...]. Não é o alemão ou o ucraniano que tortura o judeu ou o polaco. É a besta alojada em forma humana que manipula as alavancas do poder e nos inflige sofrimento. E, no entanto, nem todos eles são iguais. Nem em todos a selvajaria criou raízes tão profundas que não possam ocasionalmente suspendê-la. Há pessoas do S.D que, não obstante o seu antissemitismo ideológico ou o seu ódio pelos polacos, são incapazes de torturar ou infligir dor [...]», Draenger, Justyna's Narrative, 20-21.

83 «para eles [...] cigarro»: Kukielka, Underground Wanderings, 27.

Capítulo 5: O gueto de Varsóvia – educação e palavra

84 vindos das quintas para uma reunião: Zuckerman, Surplus of Memory, 65.

84 irmã mais nova de Frumka, Hantze: toda a informação a respeito de Hantze nesta secção vem de Hantze and Frumka.

84 entusiasmo e a voz doce que a caracterizavam: Lubetkin, Days of Destruction, 37, escreve a respeito de como se sentiu emocionada pela palestra de Hantze.

84 «Nunca tive um encontro mais excitante e motivador com qualquer outra pessoa [...] era cativante»: Rachel Katznelson-Shazar, «Meeting Hantze», em Hantze and Frumka, 153.

85 refinamento do seu gosto estético e o seu amor pela poesia: Zuckerman, Surplus of Memory, 104. Antek descreve-a como um frágil e delicado «botão de flor» que nasceu na altura errada.

85 «prometeu editar [...] eu estou a massacrar-lhe os seus contos»: de uma carta para Z-L, Łódź, junho de 1939, arquivo da Casa-Museu dos Combatentes do Gueto.

85 «movimento, pessoas, vida»: Eliezer, «In the Movement», 87-91, descreve esta ligação.

85 «Nunca esquecerei [...] ajuda de Deus»: Yudka, «Catastrophe», 95-102.

86 mais de 400 mil: Irene Zoberman, «The Forces of Endurance», em Before All Memory Is Lost, 221, afirma que havia 460 mil judeus amontoados numa área de 2,5 quilómetros quadrados. Isto significava que entre 8 e 10 judeus tinham de partilhar um quarto. Os muros do gueto, que mudavam à medida que a população crescia e, em seguida, era assassinada, consistiam de estruturas já existentes e muros com três metros de altura construídos com o propósito específico de encarceramento.

86 30 «salas» de espectáculo só numa rua: Chaya Ostrower, It Kept Us Alive: Humor in the Holocaust, trad. Sandy Bloom (Jerusalém: Yad Vashem, 2014), 237. Ostrower incluiu um capítulo sobre espectáculos de cabaré, 229-330. Women in the Ghettos, 160, refere Miriam Eisenstat, filha do conhecido diretor do coro da sinagoga de Varsóvia. No gueto de Varsóvia, ainda antes dos vinte anos, tornou-se conhecida

como «rouxinol do gueto». Os seus concertos esgotavam sempre os mil lugares do teatro Femina, localizado no rés do chão de um edifício de apartamentos não muito distante da Grande Sinagoga.

86 Também o Bund organizava concertos: para a atividade social do Bund no gueto ver, por exemplo, Goldstein, Stars Bear Witness, 41-42, 45, 82-84, 102-3. Segundo Vladka Meed, havia 85 escolas ilegais no gueto de Varsóvia (Katz e Ringelheim, Proceedings of the Conference on Women, 80).

86 Uma vez que as reuniões políticas: de acordo com alguns relatos, não era permitido aos judeus juntarem-se para rezar, alegadamente para evitar a disseminação de doenças. Noutros relatos, todas as reuniões de judeus eram proibidas; por exemplo, em Gelbard, «Life in the Ghetto», 7: «Era estritamente interdito a quem quer que fosse promover reuniões ou encontros.» E explica que, com o tempo, as reuniões voltaram. Em vários relatos, quando os judeus se juntavam para conferenciar e aprender, tapavam as janelas e guardavam as portas. Alguns afirmam que embora as reuniões de judeus fossem proibidas no gueto, os nazis estavam muito mais preocupados com o contrabando (não acreditavam que os judeus se pudessem reunir para discutir a resistência).

86 educação era uma prioridade: os programas educacionais e sociais do Liberdade são abordados em Gelbard, «Warsaw Ghetto», 3-16; Lubetkin, Days of Destruction, 58-72; Zuckerman, Surplus of Memory, 52-64, 114-25.

87 um viveiro de futuros combatentes: Rotem, Memoirs of a Ghetto Fighter, 21.

87 «com todas as nossas forças [...] sua idade»: Gelbard, «Warsaw Ghetto», 3-16.

88 Manter um diário [...] passível de punição: Who Will Write Our History.

88 a sua gráfica: para mais sobre a imprensa judaica, ver Lubetkin, Days of Destruction, 66-67; Zuckerman, Surplus of Memory, 55-56.

89 mais tarde, os seus membros publicaram: o primeiro em 1940, o último em 1942.

89 «publicações políticas [...] duas vezes por mês»: cartaz de parede, Museu POLIN da História dos Judeus Polacos, Varsóvia.

89 Ao todo [...] várias pessoas: a informação sobre estas publicações é de Barbara Engelking e Jacek Leociak, The Warsaw Ghetto: A Guide to the Perished City (New Haven, CT: Yale University Press, 2009), 683-88.

89 «Se não nos deixam [...] todos os habitantes»: Gelbard, «Warsaw Ghetto», 3-16.

89 criaram bibliotecas caseiras secretas: Goldstein, Stars Bear Witness, 49-50, sobre como salvaram uma biblioteca do Bund. Também Antek salvou e criou bibliotecas.

89 Henia Reinhartz: Henia Reinhartz, Bits and Pieces (Toronto: Azrieli Foundation, 2007), 24-30.

90 escrita autobiográfica [...] individualidade: análise por Rachel Feldhay Brenner, Writing as Resistance: Four Women Confronting the Holocaust (University Park: Pennsylvania State University Press, 2003).

90 Ao escrever: também os artistas visuais criaram obras para combater a desumanização e manter a sanidade mental, a identidade e uma razão para viver. Por exemplo, a pintora Halina Olomucki, nascida em Varsóvia, retratou as suas experiências no gueto e fez chegar as suas obras a amigos polacos enquanto era levada para trabalhos forçados. O seu talento artístico mereceu-lhe um estatuto especial nos campos de concentração; alimentavam-na melhor e davam-lhe materiais de pintura para que pudesse retratar as instalações e o pessoal do campo. Halina usava estes materiais para elaborar desenhos secretos das suas companheiras de barracão. O seu impressionante desenho Women of Birkenau Camp é um pungente retrato de três mulheres emaciadas, vestidas com o uniforme às riscas, os olhos negros de horror, cansaço, desespero. Usou um lápis macio que tinha roubado. Ver Rochelle G. Saidel e Batya Brudin, eds., Violated!: Women in Holocaust and Genocide (Nova Iorque: Remember the Women Institute, 2018), catálogo da exposição.

90 fosse a única história: também Mordechai Tenenbaum, um líder do Liberdade em Bialystok, criou um arquivo, que esteve escondido e está agora acessível. Antek tentou compilar um arquivo do movimento.

90 «Não quero elogios [...] Margolit Lichtensztajn»: cartaz de parede, Instituto Histórico Judaico Emanuel Ringelblum, Varsóvia.

91 «A excessiva sobrelotação [...] o que lhes ia no coração»: Gelbard, «Warsaw Ghetto», 3-16.

91 Ventres inchados e desesperados pedidos de comida: Lubetkin, Days of Destruction, 38-39. Gelbard diz que os judeus com dinheiro para comprar pão podiam adquirir «um oitavo de quilo três vezes por semana». Em 1941, a ração de comida para os judeus do gueto de Varsóvia era de 184 calorias diárias. Segundo Tec, Resistance, 60, 20% da população dos guetos na Polónia morreu de fome.

91 Inúmeras judias: ver Tec, Resistance, 62-65, sobre como a JDC e outras organizações ajudavam as cantinas para crianças, muitas delas geridas por mulheres. Para mais sobre mulheres, ver: Women in the

Ghettos; Meilech Neustadt, ed., Destruction and Rising; Katarzyna Person, ed., Warsaw Ghetto: Everyday Life, capítulo «Women».

91 Quase dois mil «Comités Locais» [...] quase tudo organizado por voluntárias: segundo Vladka Meed, em Katz e Ringelheim, Proceedings of the Conference on Women, 34, 80.

91 Rachel Auerbach, membro do Oneg Shabbat: ver, por exemplo, «A Bit Stubborn: Rachela Auerbach», Jewish Historical Institute, <http://www.jhi.pl/en/blog/2018-05-30-a-bit-stubborn-rachela-auerbach>, e Ofer, «Gender Issues in Diaries and Testimonies of the Ghetto», 143-67.

91 «ar grego e pose majestosa»: Yakov Kenner, «Paula Elster», Women in the Ghettos, 148-50. Era uma correio e morreu a combater no levantamento de Varsóvia em 1944.

91 sido presa por motivos políticos quando ainda andava no liceu: durante certos períodos, a atividade dos movimentos de juventude – sobretudo os de tendência comunista – foi ilegal na Polónia. Ver Ido Bassok, «Youth Movements», trad. Anna Barber, The YIVO Encyclopedia of Jews in Eastern Europe, [https://yivoencyclopedia.org/article.aspx/Youth Movements](https://yivoencyclopedia.org/article.aspx/Youth_Movements).

91 Basia Berman, uma pedagoga apaixonada: informação colhida em Paldiel, Saving One's Own, 32-42. Mais tarde, envolveu-se profundamente em missões de resgate. O seu livro de memórias City Within a City foi publicado em 2012.

91 Bund [...] cuidados médicos: Goldstein, Stars Bear Witness, 82.

92 Shayndl Hechtkop: informação colhida em Women in the Ghettos, 162-163.

92 para ganhar tempo: Gutterman, *Fighting for Her People*, 150.

92 criar uma «quina»: Lubetkin, *Days of Destruction*, 57.

92 Chana Gelbard foi uma das primeiras correios: casou com Yitzhak Fiszman. Chana e Renia tornaram-se amigas no kibbutz Dafna, depois da guerra. Mais a respeito dela em Zuckerman, *Surplus of Memory*, 47.

93 «Era perigoso [...] as raparigas de Zivia»: Gelbard, «Warsaw Ghetto», 3-16. Literalmente «as filhas de Zivia».

93 desempenhavam um papel: segundo Goldstein, *Stars Bear Witness*, 47, também o Bund tinha uma rede de correios de âmbito nacional que cobria 60 povoações.

Capítulo 6: Do espírito para sangue – tornar-se ZOB

94 Uma pequena ocupação nazi [...] para deter Tosia Altman: a informação a respeito de Tosia Altman neste capítulo vem, sobretudo, de Shalev, *Tosia Altman*.

95 «charmosa»: Anna Legierska, «The Hussies and Gentlemen of Interwar Poland.»

96 «férrea suavidade»: Shalev, *Tosia Altman*, 215.

96 «uma descarga de energia elétrica»: Shalev, *Tosia Altman*, 163.

96 «inexaurível otimismo»: Izhar, Chasia Bornstein-Bielicka, 157.

96 «a arte de viver»: Chaika Grossman, The Underground Army: Fighters of the Białystok Ghetto, trad. Shmuel Beer (Nova Iorque: Holocaust Library, 1987), 42.

97 «Se não estavam [...] amor e luz»: Ruzka Korczak, «Men and Fathers», em Women in the Ghettos, 28-34.

97 mesas e portas tiradas dos goncos: Grossman, Underground Army, 42.

97 «Abriu-nos [...] cheia de vigor»: Korczak, «Men and Fathers», 28-34.

97 Uma rapariga de Vilna: segundo Kovner em Partisans of Vilna, era uma rapariguinha de onze anos (o nome não é referido). Segundo Rich Cohen, The Avengers: A Jewish War Story (Nova Iorque: Knopf, 2000), 38, tinha dezassete. Há várias histórias a respeito de sobreviventes de Ponary voltarem com as suas histórias aos guetos, onde muitas vezes não lhes davam crédito. Este relato é de Cohen, 43-45.

97 75 mil: aproximadamente 75 mil judeus e 25 mil não judeus foram aqui mortos a tiro no decurso de três anos.

98 «Não acreditem naqueles [...] para o matadouro!»: do panfleto em iídiche que Abba leu na reunião, como se pode ler em Partisans of Vilna.

98 Quando Zivia ouviu as notícias: as duas secções seguintes baseiam-se em Lubetkin, Days of Destruction, 83-99.

98 Outros judeus tinham escapado [...] nos guetos: alguns dos seus escritos foram conservados no arquivo Ringelblum e encontram-se no arquivo do Instituto Histórico Judaico.

99 Muitas raparigas-correio, incluindo Frumka: Gutterman, *Fighting for Her People*, 159, faz a lista das mensageiras. Segundo Shimshi, «Frumka Plotniczki», Frumka foi «a primeira a trazer notícia do escopo do extermínio do judaísmo polaco nos distritos orientais.»

99 Recusavam acreditar: Lenore J. Weitzman, «Kashariyot (Couriers) in the Jewish Resistance During the Holocaust», em *The Encyclopedia of Jewish Women*, <https://jwa.org/encyclopedia/article/kasharyot-couriers-in-resistance-during-holocaust>. Para razões adicionais que levavam os judeus a não suspeitar ou acreditar: Izhar, Chasia Bornstein-Bielicka, 114; Mais, «Jewish Life in the Shadow of Destruction», 18-25; Meed, *Both Sides of the Wall*, 31, 47; Zuckerman, *Surplus of Memory*, 68, 72.

100 «Os judeus morrem [...] com a cabeça?»: Ziva Shalev, «Tosia Altman», *The Encyclopedia of Jewish Women*, <https://jwa.org/encyclopedia/article/altman-tosia>.

100 «Este comboio leva-vos para o pior dos campos de extermínio [...]. Não entrem neste comboio.»: testemunho de Vera Szymovicz, pp. 23-24, Alex Dworkin Canadian Jewish Archives, Montreal.

100 «Isto é assassínio planeado em grande escala»: Lubetkin, *Days of Destruction*, 88.

101 «Admoestaram-nos [...] entre as pessoas»: Lubetkin, *Days of Destruction*, 92-93 (líderes da JDC na 108). Ver também Zuckerman, *Surplus of Memory*, 194. Em Ronen, *Condemned to Life*, 186-207,

outros argumentavam que a resistência armada era proibida pela lei judaica.

101 «frustração e raiva impotente»: Lubetkin, Days of Destruction, 93.

101 «É nosso dever olhar para a verdade tal como ela é»: citado em Gutterman, Fighting for Her People, 163.

101 «O nosso principal inimigo era a falsa esperança»: Lubetkin, Days of Destruction, 92.

101 «ninguém sabia [...] apenas dois revólveres»: citado em Gutterman, Fighting for Her People, 161. Segundo outros relatos, tinham apenas um. Não está claro de onde vieram estas armas iniciais.

101 Antes da guerra, o Bund [...] para lutar: Bela Hazan e Ruzka Korczak escrevem a respeito de terem aulas de autodefesa em que foram ensinadas a usar armas, no Liberdade e no A Jovem Guarda, respetivamente. A autodefesa fazia parte do treino para a vida na Palestina. Ronen, porém, numa entrevista pessoal, enfatizou que o Bund e os revisionistas estavam muito mais bem preparados. Antes da guerra, o Bund criara a Tzufunkt Shturem (Futura Tempestade), uma milícia para proteger a comunidade de ataques antissemitas (o POLIN conserva o cartaz de 1929). O Bund participou num esforço de resistência «armada fria» logo no início da guerra, usando canos de ferro e soqueiras para enfrentar um pogrom maciço em que os nazis pagavam a polacos 4 zlotys por dia para atacar judeus. Foram o único partido que lutou e o primeiro a apelar à defesa armada no gueto. Também criaram uma força de proteção que patrulhava as ruas judias durante o caos de pessoas a mudarem-se para o gueto. Ver Marek Edelman, The Ghetto Fights (Nova Iorque: American Representation of the General Jewish Workers' Union of Poland, 1946), 3; Goldstein, Stars Bear Witness, 45-65.

102 o Bund, no entanto [...] de algumas armas: Marek Edelman, The Last Fighters, realizado por Ronen Zaretsky e Yael Kipper Zaretsky, Isr., 2006. Segundo outros membros do Bund, não eram antissionistas, só achavam que não fazia sentido lutar sem os polacos. Zuckerman, Surplus of Memory, 166, 173, 221, 249, descreve esta frustração com o Bund.

102 num papel de chefia: Zivia liderava, com Paula Alster, uma célula especial de ajuda. Gutterman, Fighting for Her People, 167.

102 «Sabat Sangrento»: aconteceu numa noite de sexta-feira. Segundo Gutterman, Fighting for Her People, 167, era assim que se lhe referiam. Outras fontes falam de «Sexta-feira Sangrenta». Para Zuckerman, Surplus of Memory, 178, foi «A Noite do Sangue». Shalev, 141, chama-lhe «O Dia do Sangue».

103 Frumka chegou com notícias de Sobibor: o relatório de Frumka de 15 de junho de 1942 estava exposto no Museu Histórico Judaico, em Varsóvia.

103 julho de 1942 no gueto: esta secção baseia-se em Meed, Both Sides of the Wall, 9-67.

103 «O medo do que nos esperava [...] salvarmo-nos a nós mesmos»: Meed, Both Sides of the Wall, 22.

104 mulheres lutavam com os polícias [...] saltavam dos comboios: Tec, Resistance, 68.

104 seriam levados eles e as famílias: Tec, Resistance, 67.

104 «Foi assim que a vida de um judeu passou a valer uma fatia de pão»: Klinger, «The Pioneers in Combat», em Women in the Ghettos, 23-28. Uma tradução literal: «Mais tarde, os nazis declararam que o preço de um judeu capturado era meio quilo de pão e um quarto de quilo de marmelada. Foi como a vida do judeu se tornou barata.»

105 uma «neve» de penugem, «as entranhas evisceradas de roupas de cama judias»: «The Liquidation of Jewish Warsaw», um relatório redigido pelo grupo Oneg Shabbat, novembro de 1942, exposto no Instituto Histórico Judaico, Varsóvia.

105 «Não te preocupes, mamã»: Meed, Both Sides of the Wall, 65.

106 a Organização Combatente Judaica: o hebraico EYAL é o acrónimo de Irgun Yehudi Lochem.

107 «É melhor morrer de uma bala no gueto do que em Treblinka!»: o texto do cartaz aparece em Lubetkin, Days of Destruction, 112. Há vários relatos sobre quem foi o primeiro a denunciar Treblinka, incluindo fugitivos (que fizeram um mapa do local), um mensageiro do Bund e uma correio do Liberdade.

107 «Êxito [...] há tanto tempo ansiávamos»: Lubetkin, Days of Destruction, 115.

107 sem conseguir matá-lo: Meed, Both Sides of the Wall, 70; Tec, Resistance, 72-73. Lubetkin, Days of Destruction, 116, conta que, depois deste primeiro tiro, a arma encravou, mas que ele ameaçou matar quem se aproximasse. Foi a primeira vez que Kanal disparou uma arma.

107 no gueto: para uma discussão de como os judeus introduziam armas no gueto, ver, por exemplo, Shalev, Tosia Altman, 155, 174-75.

109 «pode-se imaginar o tamanho [...] poder transportá-lo num cesto»: Zuckerman, *Surplus of Memory*, 213.

109 «um golpe terrível»: citado em Gutterman, *Fighting for Her People*, 183.

109 Trezentos mil [...] 60 mil: segundo «Warsaw», United States Holocaust Memorial Museum: Holocaust Encyclopedia, <https://encyclopedia.ushmm.org/content/en/article/warsaw>, havia 400 mil judeus no gueto de Varsóvia no seu auge. Trezentos mil foram deportados no verão de 1942. Restaram cerca de 70 mil.

109 «Rejeito a proposta [...] começar de novo»: esta citação funde relatos do discurso reproduzido em Gutterman, *Fighting for Her People*, 189, Lubetkin, *Days of Destruction*, 122, e Zuckerman, *Surplus of Memory*, 214.

Capítulo 7: Os dias de errância – de sem-abrigo a criada doméstica

111 «a lutar, mas logo a seguir a cair como uma mosca [...] sou invencível!»: Kukielka, *Underground Wanderings*, 37. Este capítulo é baseado nas memórias e no seu testemunho no Yad Vashem.

111 «Mas estes pobres bebés [...] as vidas dos bebés»: Kukielka, *Underground Wanderings*, 38.

113 «A nossa mãe anda de certeza à nossa procura [...] Onde está a mamã?»: Kukielka, *Underground Wanderings*, 42.

114 «os sábios [...] Para onde podemos ir?»: Ibid., 43.

114 partir sem guia nem destino: «Jędrzejów», Virtual Shtetl.

114 polícia: «polícia» tanto pode referir-se à polícia alemã como à polaca. Os nazis apropriaram-se da polícia polaca para criar a «Polícia Azul». A polícia alemã era conhecida como Orpo ou «Polícia Verde». As cidades tinham mais agentes alemães, as áreas rurais mais polacos. A questão da colaboração da polícia polaca com os nazis é abordada em Jan Grabowski, «The Polish Police: Collaboration in the Holocaust», palestra na USHMM, 17 de novembro de 2016, texto acedido online.

115 uma cirurgia para reverter a circuncisão: segundo Grunwald-Spier, Women's Experiences in the Holocaust, 245, o preço situava-se entre 3000 e 10 mil zlotys. Ver também Zoberman, «Forces of Endurance», 248; Weitzman, «Living on the Aryan Side», 201-5.

115 minúscula Associação de Tártaros Muçulmanos [...] circuncisões: Paulsson, Secret City, 4.

115 «schmaltzovniks», ou chantagistas: ver Zuckerman, Surplus of Memory, 482-83, para uma discussão dos vários géneros.

116 um quilo de açúcar ou uma garrafa de uísque: Weitzman, «Living on the Aryan Side», 188.

116 «Aconteça o que acontecer [...] serão sempre judeus»: Kukielka, testemunho no Yad Vashem.

117 Renia conseguiu: as duas secções seguintes, incluindo o diálogo, foram recolhidas das memórias de Renia, 45-47, e do seu testemunho no Yad Vashem; os pormenores diferem nos dois relatos.

117 Graças ao irmão [...] de Sędzizów: segundo Kukielka, Underground Wanderings, 45, conheceu-o num campo em Sędzizów. Não encontrei muita informação sobre este campo em particular, mas há um outro relato que refere um campo de trabalho nos arredores de Sędzizów: <https://njjewishnews.timesofisrael.com/dor-ldor-a-polish-town-remembers-its-holocaust-victims/>. Segundo a Sociedade Histórica de «Jędrzejów», <https://www.holocausthistoricalsociety.org.uk/contents/ghettosjr/Jędrzej.w.html>, homens do campo de Jędrzejów eram enviados para um campo de trabalho no depósito ferroviário de Sędzizów, pelo que é provável que os de Wodisław também fossem para lá enviados. Segundo os registos do arquivo do ITS (International Tracing Service), no entanto, Aaron esteve no campo de trabalho de Skarzysko-Kamienna de março de 1942 a junho de 1943, no campo de trabalho de Czenstochau de julho de 1943 a abril de 1944, e em Buchberg de abril de 1944 até maio de 1945. O campo de Skarzysko-Kamienna, no entanto, era muito grande e não parece corresponder à descrição de Renia. Partindo de Skarzysko, Renia teria de caminhar dias para chegar a Charsznica, a povoação onde algumas cenas mais adiante encontra gente conhecida. De Sędzizów, são apenas 30 quilómetros. O arquivo do ITS regista também uma data de nascimento discutível para Aaron, de modo que, no todo, estou inclinada a pensar que ele estava em Sędzizów na altura e, mais tarde, esteve em Skarzysko-Kamienna. Renia inclui uma história mais alongada sobre o irmão e os campos de trabalho no seu testemunho no Yad Vashem, onde refere que construía carris; o campo de Sędzizów era um depósito ferroviário.

117 fingindo ser um polaco que deambulava pelos bosques: Renia descreve a viagem do irmão no seu testemunho no Yad Vashem.

117 E havia mais: esta cena baseia-se em relatos ligeiramente diferentes de Renia em Underground Wanderings e o seu testemunho no Yad Vashem.

119 «A partir daquele momento, estava por minha conta»: Kukielka, Underground Wanderings, 47.

119 12 de setembro [...] não quero morrer: Kukielka, Underground Wanderings, 47.

119 chegou por fim a uma pequena aldeia: o testemunho de Renia no Yad Vashem oferece um relato diferente.

120 batia à porta do seu conhecido: a história de Renia e do seu conhecido, bem como o diálogo, baseiam-se no que Renia conta em Underground Wanderings, 48-50, e no seu testemunho no Yad Vashem, que diferem ligeiramente um do outro.

120 «A minha cara está flácida, mas quem quer saber?»: Kukielka Underground Wanderings, 48.

121 noutro relato: segundo o testemunho de Kukielka no Yad Vashem. Zuckerman, Surplus of Memory, 485-86, explica que os padres patrióticos recolhiam os nomes e os documentos dos mortos e os davam à resistência polaca, que vendia alguns a judeus.

121 documentos falsos: ver Meed, Both Sides of the Wall, 226-27; Paldiel, Saving One's Own, 37, 218-19; Weitzman, «Living on the Aryan Side», 213-15; Zuckerman, Surplus of Memory, 485-86.

122 O comboio arrancou com um solavanco, e, de repente, o sangue de Renia gelou-lhe nas veias: esta secção e diálogo baseiam-se em Kukielka, Underground Wanderings, 49-51.

124 avistou um membro da milícia judaica: Renia faz um relato diferente de como o encontrou no seu testemunho no Yad Vashem.

124 em casa de uma família meio-alemã: esta cena e diálogo baseiam-se em Kukielka, Underground Wanderings, 52.

125 «Aonde quer que vá, tenho de representar um papel»: Kukielka, Underground Wanderings, 53.

125 «Nem sequer sabia [...] e imitar»: Ibid.

Capítulo 8: Transformar-se em pedra

128 outubro de 1942: Renia apresenta datas contraditórias para esta cena, mesmo em Underground Wanderings. O grande extermínio do gueto de Sandomierz ocorreu em outubro. Parece que este capítulo ocorreu em finais de outubro ou início de novembro.

128 Sarah tratara de tudo: este capítulo, incluindo citações e diálogo, baseia-se em Kukielka, Underground Wanderings, 56-62. No seu testemunho no Yad Vashem, Renia conta uma história diferente a respeito de como a contrabandista chegou a casa dos Hollander.

130 glória daquela área antes da guerra: a arquitetura de Będzin era uma idiossincrática mistura de estilos beaux-arts, art nouveau, neoclássico polaco, art déco, fascista italiano (a estação ferroviária) e revivalismo holandês, reveladora de que a cidade fora rica entre os anos de 1870 e 1930.

132 o derradeiro adeus: segundo o testemunho de Kukielka no Yad Vashem, Leah e Moshe tinham quarenta e cinco e quarenta e oito anos, respetivamente, quando foram mortos.

133 Mais de 25 mil: Skarzysko-Kamienna, Yad Vashem Shoah Resource Center, https://www.yadvashem.org/odot_pdf/Microsoft%20Word%20-%206028.pdf.

133 recém-descoberta liberdade trazia consigo desgosto e culpa, mas também energia: Draenger, Justyna's Narrative, 111-12. Weitzman, «Living on the Aryan Side», 192-93, explica que as jovens ficavam particularmente motivadas quando as mães eram mortas. De acordo com um relato no filme a respeito das judias que foram partisanas no JPEF, «Quando a minha mãe morreu, endureci.»

Capítulo 9: Os corvos negros

134 Cabelos castanhos, curtos: segundo o filho, não os queria demasiado curtos, porque isso lhe dava um aspeto americano-hollywoodesco-burguês. Entrevista pessoal, Avi Hu Ronen, Telavive, Isr., 16 de maio de 2018.

134 Chajka Klinger: esta cena de Chajka baseia-se numa referência nos seus diários que é ambígua quanto a quem desenvolvia esta atividade. As cenas deste capítulo baseiam-se em Klinger, Writing These Words, e adaptações de «Girls in the Ghettos» e «Pioneers in Combat», em Women in the Ghettos. A informação adicional vem sobretudo de Ronen, Condemned to Life, bem como de testemunhos feitos por Fela Katz (nos arquivos IHJ) e em Jerzy Diatłowski, ed., Jews in Battle, 1939-1945 (Varsóvia: Associação dos Combatentes Judeus e Vítimas da II Guerra Mundial e Instituto Histórico Judaico, 2009-2015). Também colhi das fontes sobre Będzin referidas mais atrás.

134 primeiro berço de muitos movimentos sionistas: segundo Ronen, Condemned to Life, 29-38, uma das primeiras células do A Jovem Guarda foi criada em Będzin.

136 «os olhos de um sonhador»: Klinger, Writing These Words, 167.

136 «jovem árvore»: Klinger, Writing These Words, 167.

136 «viver, crescer e morrer com ela»: Ibid., 81.

136 «Do outro lado da janela [...] sentadas nesta sala sufocante e fedorenta a coser»: Rutka Laskier, Rutka's Notebook: January-April 1943 (Jerusalém: Yad Vashem, 2007), 54.

137 Um notável exemplo é o de Alfred Rossner: ver, por exemplo, Ronen, Condemned to Life, 125-43. Segundo alguns relatos, os passes Zonder eram amarelos; noutros eram azuis.

138 «Não nos deixaremos guiar [...] o nosso caminho»: Klinger, Writing These Words, 84. Ronen, Condemned to Life, 104-24, fala de uma celebração semelhante, mas é sempre para a festa do Hanukkah.

139 Fotografias mostram jovens: Klinger, Writing These Words, encarte de fotografias.

139 Imagens de Sarah Kukielka: no arquivo da Casa-Museu dos Combatentes do Gueto há fotografias de 1943.

139 «Juntavam-se centenas [...] à procura de um pedaço de relva verde.» Ronen, Condemned to Life, 104-24.

139 «os vasos na parede brilhavam como se fosse uma festa»: Klinger, Writing These Words, 131-32.

139 Então, uma noite, uma rusga: esta secção baseia-se em Klinger, Writing These Words, 136-43, mas as cenas aparecem numa ordem diferente. Partes em Women in the Ghettos.

140 Com a ajuda de Nacia, juntou-as: num relato, foi com Leah; noutro, foi com Nacia.

141 Gutan-Bricke [...] Markshdadt [...] Klatandorf: estes nomes são de Klinger, «Girls in the Ghettos», em Women in the Ghettos; não é claro a que se referem. Writing These Words, 138, diz apenas «campos de trabalho».

141 O trabalho já não era o derradeiro salvador: houve uma altura, em Zaglembe, em que o nazi que liderava a operação de trabalho forçado era mais influente do que o que geria a operação assassínio (Operação Reinhard).

142 Chajka também: esta secção baseia-se em Ronen, Condemned to Life, 162-85.

142 Milhares encaminharam-se [...] deportação e morte: das descrições em Rutka Laskier, Rutka's Notebook, 36-39. Rutka foi seleccionada para trabalho forçado, mas saltou por uma janela e fugiu.

143 mulheres do A Jovem Guarda [...] um ar inocente: Klinger, Writing These Words, 139, a história aparece com pormenores ligeiramente diferentes; Klinger, «Girls in the Ghettos», Women in the Ghettos; Ronen, Condemned to Life, 162-85.

143 Enquanto isto se passava, Irka Pejsachson [...] duas mil pessoas foram libertadas: há diferentes versões desta história. Esta é de Klinger, «Girls in the Ghettos», Women in the Ghettos, onde se diz que várias centenas de pessoas foram libertadas. Em Ronen, Condemned to Life, 162-85, a pessoa que liderou a fuga pelo sótão foi David. Em Klinger, Writing These Words, 139-40, diz-se apenas que «foi encontrada uma passagem» e que duas mil pessoas foram libertadas.

144 estimulantes visitas de Tosia: Shaley, Tosia Altman, 134.

144 «o orgulho do movimento [...] por ser corajoso de verdade»: Klinger, Writing These Words, 98.

144 200 camaradas de vários movimentos: Klinger, Writing These Words, 15. Segundo os testemunhos de Fela Katz's, eram 200 a 300 camaradas.

144 Os postais sobreviventes [...] com códigos secretos: estas mensagens, e as respetivas explicações, são de Women in the Ghettos. Zuckerman, Surplus of Memory, 89, explica que usavam códigos diferentes para se corresponderem com zonas diferentes. Em alguns casos, usavam iniciais em vez de palavras; outros códigos baseavam-se na Bíblia. As cartas para o Leste usavam um «código de maiúsculas» no qual a mensagem escondida era transmitida através do uso de maiúsculas.

145 «Nenhum movimento revolucionário [...] hagana (defesa)»: Klinger, Writing These Words, 98.

145 «guarda avançada [...] onde o seu povo morre»: Klinger, Writing These Words, 7.

146 «braços musculados, grossos e nervudos»: Klinger, Writing These Words, 177. Cwi é uma grafia alternativa do nome.

146 Formaram grupos de cinco: segundo Lubetkin, Days of Destruction, 83, estas unidades foram concebidas quando os russos e os alemães combateram (em 1941) como secções de autodefesa judia de cinco pessoas. Os movimentos de juventude assumiam que os russos iam ganhar e estas unidades destinavam-se a protegê-los de ataques dos

polacos durante os caóticos dias entre regimes. Não imaginavam que estas secções iriam tornar-se a base da sua milícia antinazi.

146 a vida em Będzin era «o paraíso» para Renia: salvo indicação em contrário, a secção seguinte baseia-se em Kukiełka, Underground Wanderings.

146 parece [...] uniformes nazis: Kukiełka, testemunho no Yad Vashem.

147 Hantze Płotnicka chegou: na realidade, Hantze mudou-se de Grochów para Będzin no verão de 1942. Renia, no entanto, fala da sua chegada como se lá estivesse (Kukiełka, «The Last Days», Women in the Ghettos). É possível que Renia esteja a falar da chegada de Hantze baseada nas impressões de outras pessoas, ou, em alternativa, que Hantze tenha partido pouco depois em missão e regressado quando Renia estava em Będzin. Seja como for, Renia ficou fascinada pelo espírito positivo de Hantze.

147 «Em Grochów [...] mesmo assim eles mantinham-se vivos»: Kukiełka, «Last Days», 102-6.

148 «A terra engole tudo [...] do que aconteceu»: Kukiełka, Underground Wanderings, 65.

148 «Lembro-me de como ficaram sentadas [...] por que tinham passado»: Kukiełka, «Last Days», 102-6. Esta secção baseia-se nesse ensaio.

149 «Não chegará ajuda [...] abandonou-nos»: Kukiełka, Underground Wanderings, 67.

149 cerca de 2500 reichsmarks [...] grupo de partisans: Ronen, [Condemned to Life](#), 186-207.

150 relatório da Jewish Telegraphic Agency: a JTA, criada em 1917, é uma organização mundial de recolha de notícias que serve os jornais das comunidades judaicas. O relatório foi publicado a 8 de junho de 1943; o incidente ocorreu a 4 de outubro de 1942. A revolta das mulheres é descrita no relatório da JTA e em [Women in the Ghettos](#), ainda que com pormenores diferentes. Fonte: [JTA.org](#).

Capítulo 10: Três linhas na história – uma surpresa de Natal cracoviana

151 O juramento Akiva: [Draenger, Justyna's Narrative](#), 141. (Usam a grafia «Akiba».)

152 outubro de 1942: com base nos escritos de Gusta, estamos a falar do outono de 1942; pode ter sido em setembro.

152 Gusta Davidson chegou exausta a Cracóvia: as cenas deste capítulo baseiam-se sobretudo no diário de Gusta Davidson [Draenger, Justyna's Narrative](#). A informação sobre Gusta e a resistência de Cracóvia vem também de: [Anna Czocher, Dobrochna Kałwa, et al., Is War Men's Business? Fates of Women in Occupied Kraków in Twelve Scenes](#), trad. [Tomasz Tesznar e Joanna Bełch-Rucińska \(Cracóvia: Museu Histórico da Cidade de Cracóvia, 2011\)](#), catálogo da exposição; [Sheryl Silver Ochayon, «Armed Resistance in the Kraków and Białystok Ghettos», Yad Vashem, <https://www.yadvashem.org/articles/general/armed-resistance-in-Krak.w-and-Białystok.html>](#); [Yael Margolin Peled, «Gusta Dawidson Draenger,» The Encyclopedia of Jewish Women, <https://jwa.org/encyclopedia/article/draenger-gusta-dawidson>.](#)

152 viviam em Cracóvia 60 mil judeus, um quarto da população: porque a sede do Governo-Geral estava em Cracóvia, os alemães queriam «limpar» a cidade dos seus judeus e expulsaram a maior parte para o

campo. Quando o gueto foi encerrado, a 20 e março de 1941, só restavam na cidade 20 mil judeus.

152 «sopravam o rumor [...] edifícios circundantes»: Draenger, Justyna's Narrative, 46.

153 «os mais velhos tivessem perdido [...] almas feridas e desesperadas»: Draenger, Justyna's Narrative.

153 «densos bosques exalavam [...] Nem uma folha estremecia»: Draenger, Justyna's Narrative, 33.

153 «rolava devagar pelo azul do céu»: Draenger, Justyna's Narrative, 50.

153 «levar a juventude [...] agarrarem-se à vida»: Draenger, Justyna's Narrative, 37-38.

154 «Não se pode tentar preservar combatentes protegendo-os num abrigo»: Draenger, Justyna's Narrative, 39.

154 «Mãos agora cobertas de terra fértil, estarão em breve ensopadas em sangue»: Draenger, Justyna's Narrative, 43.

154 «femme fatale»: Draenger, Justyna's Narrative, 48.

154 «Só posso ficar um instante»: Draenger, Justyna's Narrative.

155 cidade estratégica [...] muito bem protegida: Wojciech Oleksiak, «How Kraków Made it Unscathed Through WWII», Culture.pl, 22 de maio de 2015, <https://culture.pl/en/article/how-Krak.w-made-it-unscathed-through-wwii>. Tudo indica que os nazis criaram o mito saxónico para justificar o facto de terem feito desta localização estratégica a capital. Os nazis também investiram no desenvolvimento da estrutura urbana de Cracóvia. Ver: <http://www.krakowpost.com/8702/2015/02/looking-back-70-years-wawel-under-occupation>

155 «O grupo tornara-se [...] o último porto dos seus sentimentos mais íntimos»: Draenger, Justyna's Narrative, 61.

156 «Explosões de exuberância [...] e nunca teriam?»: Draenger, Justyna's Narrative, 62.

156 «gabinete técnico» [...] «escritório volante»: Draenger, Justyna's Narrative, 64-67.

156 «ninho aconchegado» [...] «uma figura intimidante»: Draenger, Justyna's Narrative, 101.

157 Com saída todas as sextas-feiras [...] a região de Cracóvia: a descrição das publicações clandestinas de Cracóvia aparece no testemunho de Kalman Hammer (recolhido em Budapeste, Hungria, a 14 de setembro de 1943) e conservado no arquivo da Casa-Museu dos Combatentes do Gueto.

157 «amor fraternal»: Draenger, Justyna's Narrative, 103.

157 Hela Schüpper: a informação a respeito de Hella é de Hella Rufeisen-Schüpper, Adeus a Mila 18 (Telavive, Isr.: Casa dos Combatentes do Gueto e Hakibbutz Hameuchad, 1990); Yael Margolin

Peled, «Hela Rufeisen Schüpper», The Encyclopedia of Jewish Women, <https://jwa.org/encyclopedia/article/schupper-hella-rufeisen>; Tec, Resistance, 171-77.

157 «beldade voluptuosa»: Draenger, Justyna's Narrative, 94-95.

158 «Nunca ninguém tinha sido recebido [...] por aquelas armas» Draenger, Justyna's Narrative, 71.

158 «feliz como uma criança»: Ibid., 72.

158 Gola Mire: a informação a respeito de Gola Mire (née Miriem Golda Mire), que é também referida como Mire Gola e Gola Mira, é, sobretudo, de Grunwald-Spier, Women's Experiences in the Holocaust, 207-11; Kol-Inbar, «Three Lines in History», 520-21, e Yael Margolin Peled, «Mire Gola», The Encyclopedia of Jewish Women, <https://jwa.org/encyclopedia/article/gola-mire>.

159 «combatente aguerrida com um coração genuinamente feminino»: Draenger, Justyna's Narrative, 84.

160 muitas delas líderes ativas: Draenger, Justyna's Narrative. Uma fotografia legendada «A chefiar membros do Akiva 1941» mostra 6 mulheres e 3 homens.

160 «as folhas [...] os seus benévolos raios»: Ibid., 112.

160 «até um pequeno ataque [...] peça importante da máquina»: Ibid.

161 «usar um uniforme da polícia polaca»: Renia escreveu a respeito de camaradas masculinos que usaram disfarces para resgatar judeus encurralados no braseiro do gueto de Varsóvia. Um par de combatentes vestiu os uniformes de soldados alemães mortos, ou os que tinham roubado nos campos de trabalhos forçados, e, fazendo-se passar por nazis, gritavam aos judeus que embarcassem num autocarro. Os nazis que assistiam à cena assumiram que estavam a cumprir ordens e a levar os judeus para a floresta, onde seriam abatidos; na realidade, estavam a libertá-los. Num outro incidente semelhante, um judeu disfarçado de nazi gritou a judeus escondidos que saíssem de um túnel. Alguns não se aperceberam de que era uma astúcia e recusaram. O judeu disfarçado obrigou à força várias pessoas a sair – e então disse-lhes que fugissem. Outros judeus disfarçados de polícias alemães conseguiram aproximar-se de nazis, que de nada suspeitaram, e abatê-los a tiro. Segundo «The Battle of the Warsaw Ghetto», The Pioneer Woman, 5500 judeus disfarçados de nazis atacaram a prisão de Pawiak.

161 «promoveu-se» a nazi: Lubetkin, Days of Destruction, 138-39. Lubetkin e Zuckerman, Surplus of Memory, escrevem a respeito da resistência de Cracóvia nos respetivos livros. (Zuckerman estava em Cracóvia.)

161 relações sexuais [...] uma afirmação de vida: Katz e Ringelheim, Proceedings of the Conference on Women, 36-38.

161 organizavam «liquidações totais»: Draenger, Justyna's Narrative, 115.

162 «dedicou a vida e a alma à gestão da cozinha»: Draenger, Justyna's Narrative, 117.

162 a impressão de ser ela a levar os polícias: Ibid., 125.

162 «Esta é a última ceia!»: Ibid., 126.

162 «de lutar por três linhas na História»: Kol-Inbar, «Three Lines in History», 520.

163 pelo menos 7 nazis e feriu muitos mais: de acordo com Ochayon, «Armed Resistance in Kraków and Białystok», foram mortos entre 7 e 12 nazis; Lubetkin, Days of Destruction, fala de 13 mortos e 15 gravemente feridos. Kol-Inbar, «Three Lines in History», 519, afirma que foram mortos sete nazis e muitos outros ficaram feridos.

163 Hela estava num comboio: história em Draenger, Justyna's Narrative, 6-7.

Capítulo 11: 1943, um novo ano – a minirrebelião de Varsóvia

165 Zivia foi acordada com notícias: as secções deste capítulo vistas da perspetiva de Zivia baseiam-se em Lubetkin, Days of Destruction, 125-36 (preparação para o levantamento) e 145-59 (levantamento de janeiro). Goldstein, Stars Bear Witness; Gutterman, Fighting for Her People; Meed, Both Sides of the Wall; Ronen, Condemned to Life, e Zuckerman, Surplus of Memory, oferecem relatos diferentes do levantamento de janeiro.

165 Himmler: o líder nazi Heinrich Himmler foi um dos arquitetos do Holocausto.

166 grupo revisionista Betar [...] mais bem armado: Betar era o grupo juvenil filiado no movimento sionista revisionista. Queria instaurar um Estado judaico na Palestina com uma «muralha de aço» de força militar entre os judeus e os seus inimigos. O Betar não era socialista. Estava organizado com base num comportamento e uma estrutura militares (títulos, paradas, patentes); no final dos anos de 1930, os seus graduados criaram «batalhões» militares. Estavam filiados em organizações militares polacas. Havia frequentes desacordos entre o

Betar e a esquerda da juventude sionista e, em Varsóvia, esta situação manteve-se ao longo da guerra. No gueto, os dois grupos de jovens não conseguiam colaborar. (Em *The Last Fighters*, Marek Edelman conta que quando tentou contactar o Betar, o líder do grupo disparou contra ele.) A direita e a esquerda não chegavam a acordo sobre quem devia liderar a resistência ou como recrutar combatentes. O Betar queria que fosse um dos seus a comandar a luta, porque tinham treino militar, mas os sionistas trabalhistas não podiam aceitá-lo. (O Betar achava que a esquerda fazia exigências irrazoáveis.) O Betar, que perdera muita gente nas Ações, tinha uma política de porta aberta para o recrutamento de combatentes, o que aos outros grupos parecia perigosíssimo – e se aparecessem colaboracionistas? Para o *Liberdade* e o *A Jovem Guarda* era importante que todos se conhecessem e confiassem uns nos outros. O Betar guardava as suas armas a descoberto, o que Antek achava estúpido (tinha experiência das buscas dos nazis) além de «arrogante e exibicionista». (Zuckerman, *Surplus of Memory*, 226-27, 412). Os revisionistas, achava Zivia (134), tinham caído no caos depois de terem perdido tantos membros nas deportações. Incapaz de chegar a acordo, o Betar criou a sua facção combatente, o ZZW. Graças à sua história e às suas ligações com os movimentos combatentes polacos, o Betar estava mais bem armado, e aparentemente o ZZW era constituído por 300 combatentes bem equipados. Ver Lubetkin, *Days of Destruction*, 128, 133-36, e Tec, *Resistance*, 72-77.

166 uma nova aliança: segundo Tec, *Resistance*, 72, o Bund aceitou aderir quando se apercebeu que não ia ter a colaboração do movimento clandestino polaco.

166 resistência polaca: Tec, *Resistance*, 42-45, 78-80. Da perspectiva de Zuckerman, *Surplus of Memory*, 219-20, 349, 360-63. Bernard, *Problems Related to the Study*, 52-59, enfatiza que o AK «não era um conceito único», mas sim um vasto e diverso exército clandestino.

167 lâmpadas [...] ácido sulfúrico: segundo Zuckerman, *Surplus of Memory*, 252-55, antes do levantamento de janeiro, o ZOB tinha menos de 20 pistolas e nenhuma espingarda ou cocktail molotov. Tinha granadas e lâmpadas elétricas.

167 O Bund reforçou as suas unidades de combate: esta secção sobre Vladka baseia-se em Meed, *Both Sides of the Wall*, 68-85. Os testemunhos de Vladka podem ser encontrados nas coleções USHMM e da USC Shoah Foundation.

167 trabalhava [...] mão de obra escrava: a maior parte dos judeus que restavam no gueto encontrava-se nesta situação.

168 Segundo [...] 22 de janeiro: Edelman, *The Ghetto Fights*, 30.

168 a falta de tempo [...] impulsionou-os a mobilizar: Zuckerman, *Surplus of Memory*, 230, 251.

168 «A maioria dos deportados [...] mãos, pés, joelhos e cotovelos»: Meed, *Both Sides of the Wall*, 120. No relato de Zivia, a maior parte dos judeus ficou confusa e não lutou.

170 «uma espécie de inventário emocional dos últimos instantes da minha vida»: tradução de Gutterman, *Fighting for Her People*, 199.

170 «A nossa luta armada será uma inspiração para gerações futuras»: Lubetkin, *Days of Destruction*, 151.

170 «Estávamos totalmente impreparados. Nenhum de nós esperava continuar vivo»: Lubetkin, *Days of Destruction*, 154.

171 «o silêncio da morte impregnava o ar»: Lubetkin, *Days of Destruction*, 155.

171 «Ao mesmo tempo [...] antigo medo tinham desaparecido»: Lubetkin, Days of Destruction, 57.

172 «uma chuva de balas abateu-se sobre eles vindas de todos os lados»: Lubetkin, Days of Destruction, 158.

172 oficina de Schultz e matou-o [...] loja de mobílias: a Schultz (Tobbens e Schultz) e a Hallman eram duas das fábricas de Varsóvia onde milhares de judeus trabalhavam como mão de obra escrava.

172 amarraram os guardas sob a ameaça de armas e destruíram os registos: Meed, Both Sides of the Wall, 120-21.

172 Um camarada [...] sobre as cabeças dos alemães: Klinger, Writing These Words, 152.

172 custar aos nazis vários dias: segundo Tec, Resistance, 79, tinham começado por enviar 200 polícias alemães, mas acabaram por mandar 800. Pensaram que a operação ia demorar algumas horas, e demorou alguns dias. Segundo Ronen 4, Condemned to Life, 208-33, foram mortos 40 alemães (cita Chajka) e só quatro mil da quota de 8 mil judeus foram deportados.

173 «A fome era uma convidada constante [...] a morte abria sepulturas»: Kukielka, «Last Days», 102-6.

174 Kamionka: a maior parte das fontes está de acordo em como não havia guetos na área de Będzin antes do outono de 1942. Segundo «Będzin», Virtual Shtetl, até essa data os judeus viviam num gueto aberto.

174 «No verão [...] os campos e as flores»: Laskier, Rutka's Notebook, 34.

175 campo de refugiados sobrelotado [...] insalubre: Gutterman, «Holocaust in Będzin», 63. O USHMM possui numerosas fotografias do gueto de Kamionka. Ver, por exemplo, fotografias 20 745 e 19 631.

176 O gueto estava fechado, guardado pela milícia: Renia diz que estava vedado e trancado, mas outras fontes afirmam que não havia vedação, só guardas. Ver Gutterman, «Holocaust in Będzin», 63.

176 «um lugar miserável»: Kukielka, Underground Wanderings, 73.

177 o resto da sua vida: segundo uma entrevista pessoal dada a Jacob Harel e Leah Waldman, Haifa, Isr., 14 de maio de 2018, Renia viu isto acontecer ao irmão.

Segunda parte: Demónios ou deusas

179 «Não eram humanas» [...] Stroop: disse-o ao companheiro de cela, depois da guerra. Citado em Witold Bereś e Krzysztof Burnetko, Marek Edelman: Being on the Right Side, trad. William R. Brand (Cracóvia, Pol.: Bereś Media, 2016), 170. Tec, Resistance, 81, destaca que Stroop estava particularmente impressionado pelas judias que combatiam como iguais ao lado dos homens.

Capítulo 12: Preparação

181 Będzin fervilhava: as descrições destes preparativos foram colhidas das memórias de Renia, dos testemunhos de Fela Katz, do diário de Chajka, de Ronen, Condemned to Life, e do catálogo de Namysło. O Liberdade, o Gordonia e o A Jovem Guarda, e mais tarde o HaNoar

HaTzioni e o Hashomer HaDati, colaboraram. A liderança do Gordonia incluía mulheres como Szloma Lerner e Hanka Bornstein, que era uma líder do ZOB. Não está claro qual era o comando conjunto em Będzin na altura; de um modo geral, o movimento clandestino via-se como um satélite do ZOB de Varsóvia e sob o seu comando. Em Zagłębie, os partidos seniores não estavam envolvidos.

181 «Ganhámos fama [...] chegar o momento»: Kukiełka, Underground Wanderings, 76.

182 «conhecedores como engenheiros diplomados»: Kukiełka, Underground Wanderings, 77.

182 escavavam túneis de mãos nuas: Ahron Brandes, «In the Bunkers», trad. Lance Ackerfeld, do Bedzin yizkor book, <https://www.jewishgen.org/Yizkor/bedzin/bed363.html>.

182 dando a impressão de que os residentes: Tec, Resistance, 90.

183 um episódio de resistência – no seio da comunidade: este episódio baseia-se em Kukiełka, Underground Wanderings, 77-82. Segundo Ronen, Condemned to Life, 208-33, houve vários incidentes semelhantes.

183 assistiu à confrontação: Kukiełka, Escape from the Pit, 78, sugere que Renia também foi espancada. Pouco antes, em Varsóvia, Frumka tivera uma alteração com a polícia judaica. Durante uma Aktion, ela, Zivia, Antek e um outro líder viram-se subitamente cercados. Frumka insultou um polícia. Ele respondeu com obscenidades. Ela esbofetou-o. Um grupo de polícias atirou-a para a caixa de uma carroça, com o nariz a sangrar abundantemente, enquanto Antek dava pontapés como um selvagem. Uma multidão de transeuntes admoestou os polícias por prenderem os líderes do Hechalutz, e um camarada ajudou a libertá-los. Antek e Frumka cuspiram na cara do milícia. Ver Lubetkin, Days of Destruction, 41-44; Zuckerman, Surplus of Memory, 190-91.

185 As notícias chegavam de Varsóvia a conta-gotas: salvo indicação em contrário, o resto deste capítulo, incluindo citações e diálogo, baseia-se em Kukiełka, Underground Wanderings, 82-88.

186 Irena Adamowicz: a informação sobre Irena é de «Adamowicz Irena», POLIN Polish Righteous, <https://sprawiedliwi.org.pl/en/stories-of-rescue/story-rescue-adamowicz-irena>; Izhar, Chasia Bornstein-Bielicka, 155; Anka Grupińska, Reading the List (Wołowiec: Czarne, 2014), 21; Lubetkin, Days of Destruction, 131; Zuckerman, Surplus of Memory, 96, 146-47. Apesar do trabalho perigosíssimo que fazia, Antek afirmava que os esforços dela tinham uma motivação missionária. Ver Zuckerman, Surplus of Memory, 421.

186 Idzia Pejsachson: a informação a respeito de Idzia foi colhida de várias fontes, incluindo Klinger, Writing These Words, 112-13, 140-41.

186 «Não podes estar agora ocupada [...] transporte de armas»: Klinger, «Girls in the Ghettos», Women in the Ghettos, 17-23.

187 Havia narrativas díspares a respeito do seu fim: estas são todas de Klinger, Writing These Words, 141. Segundo o testemunho de Fela Katz, Idzia foi reconhecida por causa da sua parceira.

187 Astrid substituiu-a: a informação sobre Astrid foi colhida de vários relatos, incluindo Klinger, Writing These Words, 112-13, 140-41; Kukiełka, Underground Wanderings, 85; Aaron Brandes, «The Underground in Bedzin», em Daring to Resist, 27-28. Parece que Idzia foi a Varsóvia para obter armas, e apesar de nunca ter regressado a Będzin, Astrid chegou com pistolas e granadas.

188 «era preciso introduzir os costumes de Varsóvia»: Klinger, Writing These Words, 113.

188 Uma correio: era Astrid.

Capítulo 13: As raparigas-correio

190 o valor de uma pessoa era calculado em função do seu aspeto físico: Draenger, Justyna's Narrative, 1-57.

190 Nesse mesmo dia: as duas secções seguintes baseiam-se em Kukielka, Underground Wanderings, 88-91, incluindo diálogo e citações. As cenas são reforçadas por descrições da Varsóvia da época.

193 uma palavra com aceções mais vastas que descreve melhor a função: «conectora»: Sheryl Silver Ochayon, «The Female Couriers During the Holocaust», <https://www.yadvashem.org/articles/general/couriers.html>. A informação geral sobre os correios é de Lubetkin, Days of Destruction, 73-81; Ochayon, «Female Couriers During the Holocaust»; Weitzman, «Kashariyot (Couriers) in the Jewish Resistance».

194 «reinos encastrados»: Lubetkin, Days of Destruction, 73.

194 «No gueto ninguém pedia indicações»: Izhar, Chasia Bornstein-Bielicka, 167.

194 «rádios humanos»: Weitzman, «Kashariyot (Couriers) in the Jewish Resistance.»

194 «voavam como meteoros»: Korczak, «Men and Fathers», Women in the Ghettos, 28-33.

195 uma noite inteira a namorar em estações de comboios: Zuckerman, Surplus of Memory, 153.

195 As conectoras eram quase sempre mulheres: segundo Kol-Inbar, «Three Lines in History», 517, cerca de 70% dos correios eram mulheres; havia à volta de 100 no total. A idade média era vinte anos.

195 Tosia chegou [...] baixo preço: Shalev, Tosia Altman, 165.

196 cabelos claros e olhos azuis, verdes ou cinzentos: Myrna Goldenberg, «Passing: Foreword», em Before All Memory Is Lost, 131-34.

196 embrulhavam-no em pedaços de papel para imitar penteados polacos: Aliza Vitis-Shomron, Youth in Flames: A Teenager's Resistance and Her Fight for Survival in the Warsaw Ghetto (Omaha: Tell the Story, 2015), 176.

196 A piada, na altura: entrevista pessoal, Havi Dreifuss, Telavive, Isr., 16 de maio de 2018.

196 usar um regalo de pele [...] para contrariar o hábito judeu de gesticular: Weitzman, «Living on the Aryan Side in Poland», 213.

196 os judeus lavavam os dentes [...] dos polacos não fazia qualquer destas coisas: Weitzman, Living on the Aryan Side in Poland, 208.

196 salão Institut de Beauté: Diane Ackerman, The Zookeeper's Wife: A War Story (Nova Iorque: Norton, 2007), 220.

197 Quando Tosia visitou Będzin: Shalev, Tosia Altman, 134.

197 festejar os dias dos seus santos padroeiros: Chasia, uma das correios, sabia fazer genuflexões, mas não fazia a mínima ideia de que Halina era o nome de duas santas.

197 empáticas, adaptáveis [...] ser muito intuitivas: Bronka Klibanski, uma correio de Białystok, escreveu: «Em comparação com os homens, parece-me que nós, as mulheres, éramos mais leais à causa, mais sensíveis ao que nos rodeava, mais sensatas – ou talvez mais generosamente dotadas de intuição.» Klibanski, «In the Ghetto and in the Resistance», em Women in the Holocaust, 186.

197 autoconsciência, independência, consciência coletiva e transcender tentações: eram também motivadas. Segundo Vladka Meed (em Katz e Ringelheim, Proceedings of the Conference on Women, 82), algumas correios eram competitivas, sempre a querer mais missões.

197 Uma vez, num comboio: história de Shalev, Tosia Altman, 150.

198 «Não era fácil [...] da resistência»: Draenger, Justyna's Narrative, 99.

198 «Não podíamos chorar de verdade [...] Atrizes a tempo inteiro»: Izhar, Chasia Bornstein-Bielicka, 237.

198 uma estratégia ofensiva: Meed, Both Sides of the Wall, 90-92.

198 «cada passo fora do arame farpado [...] cortada a golpes de catana»: Draenger, Justyna's Narrative, 56.

Capítulo 14: Dentro da Gestapo

199 Bela: esta secção, incluindo diálogo e citações, baseia-se na memória de Bela Bronislawa Was My Name (Casa dos Combatentes do Gueto, 1991), 24-67. Fontes adicionais incluem: Sara Bender, «Bela Ya'ari Hazan», The Encyclopedia of Jewish Women, <https://jwa.org/encyclopedia/article/hazan-bela-yaari>; M. Dvorshetzky, «From Ghetto to Ghetto», Women in the Ghettos, e entrevista pessoal com Yoel Yaari, Jerusalém, Israel, 17 de maio de 2018. Os testemunhos escritos de Bela podem ser encontrados na Casa-Museu dos Combatentes do Gueto (dois documentos) e nos arquivos do Yad Vashem.

204 «sumo sacerdote [...] num halo à volta da cabeça»: Grunwald-Spier, Women's Experiences in the Holocaust, 251. A informação a respeito de Lonka vem sobretudo de Diatłowicki, ed., Jews in Battle, 1939-1945; Itkeh, «Leah Kozibrodzka», Women in the Ghettos, 129-31; Lubetkin, Days of Destruction, 76-78; Zuckerman, Surplus of Memory, 106-7, 121, 176-77, etc. Foi a primeira correio principal de Antek.

205 Tema: a informação a respeito de Tema Schneiderman vem sobretudo de Bronia Klibanski, «Tema Sznajderman», The Encyclopedia of Jewish Women, <https://jwa.org/encyclopedia/article/sznajderman-tema>. Tema Schneiderman, Leah Pearlstein e Sarah Granatshtein foram mortas no extermínio de Varsóvia, em janeiro.

206 posando para uma fotografia: a história desta fotografia (aqui e em capítulos subsequentes) é de Yoel Yaari, «Uma Corajosa Ligação», Yedioth Ahronoth, Suplemento da Páscoa, 5 de abril de 2018, e de uma entrevista pessoal, Yoel Yaari, Jerusalém, Israel, 17 de maio de 2018. No seu testemunho no Yad Vashem, Bela diz que convidou a Gestapo para uma festa de Natal em sua casa.

208 mensagens desesperadas riscadas nas paredes de cimento: como vi na visita que fiz ao local.

209 «Lonka atirou uma nota de uma janela de Pawiak quando a prenderam»: Zuckerman, *Surplus of Memory*, 242. Zuckerman explica como Dzielná soube; eu extrapolei que Irena o contara a Renia.

209 alta e magra [...] sapatos pesados: Izhar, Chasia Bornstein-Bielicka, 155.

Capítulo 15: O levantamento do gueto de Varsóvia

211 Zivia estava com os camaradas: as três secções deste capítulo contadas da perspectiva de Zivia baseiam-se em Lubetkin, *Days of Destruction*, 160-89.

211 telefonema: havia telefones no gueto de Varsóvia – por exemplo, nas oficinas – e as pessoas podiam ligar para o exterior e receber chamadas. Como com as cartas, comunicavam em código. Zuckerman, *Surplus of Memory*, 354, relata como ligou para a oficina de um restaurante e comunicou em código. A página 368 refere os relatórios feitos à noite por telefone durante o levantamento. (Tosia falava com a correio Frania Beatis.) Vladka usava o telefone para organizar o seu contrabando de armas. Segundo Paulsson, *Secret City*, 237, estes telefones provavelmente só funcionavam graças a uma distração dos nazis.

211 «Recebemos um telefonema [...] às seis»: baseado numa conversa relatada, Lubetkin, *Days of Destruction*, 178.

211 como uma prenda simbólica: Tec, *Resistance*, 79.

211 a psicologia do gueto mudara: segundo Kol-Inbar, «Three Lines in History», 522, a deportação diminuiu por outras razões que não a

resistência, mas os judeus acreditavam na associação.

212 esconderijos sofisticados, bem camuflados [...] até lado ariano: Tec, Resistance, 67.

212 compravam as suas armas: segundo Vitis-Shomron, Juventude em Chamas, 174-75, ela vendia roupas a trabalhadores forçados (que as vendiam fora do gueto) e poupava o dinheiro para comprar armas a um contrabandista polaco. A procura de armas por parte de judeus privados originou o aparecimento de um mercado negro.

212 uma respeitada luta nacional: por outro lado, segundo o testemunho de Marysia Warman em Mothers, Sisters, Resisters, ela nada sabia do levantamento, que foi uma surpresa total – apesar de ser uma correio do Bund.

212 50 pistolas, 50 granadas de mão e vários quilos de explosivos: Meed, Both Sides of the Wall, 123. Segundo Zuckerman, Surplus of Memory, 292, foi roubada uma pistola durante a viagem e só 49 chegaram ao gueto.

212 um fato que lhe ficava apenas um tudo-nada pequeno: Zuckerman, Surplus of Memory, 344-45, afirma que Antek usava calças a três quartos. (Aparentemente, tinham sido tiradas a um homem mais baixo; mais tarde, descobriu que as pessoas o reconheciam por elas.) A página 235 descreve a sua aparência quando estava em Cracóvia para a rebelião: «Parecia um nobre rural polaco. Vestia um casaco a três quartos, usava chapéu, calções de montar enfiados nos canos das botas e bigode.»

212 «fábrica de munições»: Meed, Both Sides of the Wall, 135-38.

213 O ZOB fabricava [...] betão armado e traves: a informação sobre armas vem sobretudo de Zuckerman, *Surplus of Memory*, 292-95. Segundo Tec, *Resistance*, 80, no total, o ZOB tinha dois mil cocktails molotov, dez espingardas, um par de metralhadoras roubadas aos alemães e muitas munições.

213 «o governo efetivo»[...] casino no gueto: Lubetkin, *Days of Destruction*, 166. Durante este período aconteceram no gueto numerosas pequenas rebeliões.

213 Os padeiros ajudavam: segundo Blue Bird e Zuckerman, *Surplus of Memory*, 318, o ZOB obrigava os padeiros a ajudar (ainda que alguns o fizessem de sua livre vontade).

213 sapateiros [...] segurar as suas armas: Zuckerman, *Surplus of Memory*, 318.

213 a American Joint Distribution Committee contribuiu com fundos significativos: David M. Schizer, «The Unsung, Unfinished Legacy of Isaac Gitterman», *Tablet*, 12 de janeiro de 2018, <https://www.tabletmag.com/scroll/253442/the-unsung-unfinished-legacy-of-isaac-gitterman>.

213 Zivia foi nomeada colíder da Comissão de Finanças: Gutterman, *Fighting for Her People*, 196.

213 «Um belo dia [...] do cofre»: Lubetkin, *Days of Destruction*, 166-67.

213 Escrevia notas [...] revistar-lhes as casas: Rotem, *Memoirs of a Ghetto Fighter*, 25-30.

213 Juntavam milhões: Zuckerman, Surplus of Memory, 378, afirma que tinham joias e milhões de zlotys, dólares e libras inglesas.

213 líder do A Jovem Guarda, Miriam Heinsdorf: a informação a respeito de Miriam Heinsdorf é de Grupińska, 70; Zuckerman, Surplus of Memory, 78, 229, 259, etc. Era muitas vezes recordada pelas suas canções. Era mais velha do que os outros, cerca de trinta anos.

214 duas mulheres [...] partidos seniores: os relatos diferem no que respeita à posição das mulheres nas organizações. Em alguns, Zivia era uma líder eleita do ZOB; outros sugerem que se afastou voluntariamente porque tinha consciência das suas limitações.

214 as suas opiniões contavam: Zuckerman, Surplus of Memory, 228-29.

214 reflexões de Zivia: colhidas de Guttermann, Fighting for Her People, 205-15, e Lubetkin, Days of Destruction, 170-77.

214 Apanhar os nazis de surpresa era a melhor aposta: como Gusta observou, 80-81, «A eficácia dos partisanos depende não tanto da sua força como do elemento surpresa [...] [desta] capacidade de manter o inimigo em desequilíbrio.»

214 vinte e cinco anos: muitos membros do Liberdade eram de fora de Varsóvia e ligeiramente mais velhos.

214 De acordo com o movimento de juventude, organizaram-se 22 grupos de combate: segundo Lubetkin, Days of Destruction, 176-77, havia quatro grupos do A Jovem Guarda, um do Gordonia, um do Akiva, um do Hanoar Hatzioni, cinco do Liberdade, um do Poalei-Zion ZS, um da ala esquerda do Poalei-Zion, quatro do Bund, e quatro comunistas. O ZZW também dispunha de uma forte e grande unidade. A maior parte

das fontes concorda com Zivia em que havia aproximadamente 500 combatentes do ZOB e 250 do ZZW. Algumas, no entanto (como The Last Fighters), afirmam que havia apenas 220 membros do ZOB. Grupińska, Reading the List, lista 233 combatentes no total, baseando-se sobretudo na compilação feita pelos líderes do ZOB em 1943, mas reconhecem que não estava completa. Nem todos eram aceites no ZOB; alguns dos rejeitados formaram os seus próprios grupos «selvagens» e também combateram. Outros combatentes não filiados juntaram-se ao ZZW.

214 Um terço eram mulheres: Kol-Inbar, «Three Lines in History», 522.

214 aulas preparatórias de primeiros socorros: Rufeisen-Schüpper, Adeus a Mila 18, 99.

214 treinavam em becos patrulhados, sem usarem balas e marcando alvos de cartão: Rotem, Memoirs of a Ghetto Fighter, 22.

214 em segundos: Zuckerman, Surplus of Memory, 304.

215 «manhã assinalava o princípio do fim». Lubetkin, Days of Destruction, 178.

215 Cada combatente [...] e uma arma: colhido de Gutterman, Fighting for Her People, 215, e Zuckerman, Surplus of Memory, 313. Segundo Blue Bird, cada combatente tinha uma pistola e uma granada; cada grupo tinha duas espingardas e uns poucos explosivos caseiros.

216 «pulverizada e sangrenta de corpos desmembrados». Lubetkin, Days of Destruction, 181.

216 «Desta vez vão pagar!»: Lubetkin, Days of Destruction, 181.

216 «a rebolar no seu próprio sangue»: Lubetkin, Days of Destruction, 182.

216 «Nós não conseguíamos compreender como tinha acontecido»: citado em Gutterman, Fighting for Her People, 218.

216 Nessa noite: a descrição daquela primeira noite baseia-se em Gutterman, Fighting for Her People.

216 agiu por sua iniciativa, conduzindo missões de reconhecimento e rondas: Gutterman, Fighting for Her People, 216.

217 «Durante horas [...] o agradável contacto da minha arma»: citado em Gutterman, Fighting for Her People, 220.

217 «feito em tiras [...] voaram em todas as direcções»: Goldstein, Stars Bear Witness, 190, oferece descrições pormenorizadas deste levantamento visto da sua perspectiva de membro do Bund.

218 «corpos esmagados [...] o caos absoluto»: Rotem, Memoirs of a Ghetto Fighter, 34.

218 Zippora Lerer: Lubetkin, Days of Destruction, 34-35, 187.

218 Masha Futermilch, do Bund: o seu nome de solteira era Gleitman. Em The Last Fighter, descreve um elemento adicional do seu ataque: «Saí para a varanda e vi um alemão, e já não tinha munições, e nós estávamos a fazer cholent. Por isso, decidi atirar o tacho e acertei-lhe. E no tacho havia kishke, e o tacho abriu-se e o kishke caiu-lhe em cima da cabeça, e ele começou a esbracejar para se libertar dele.»

218 Tremia tanto de excitação: Masha Futermilch em Pillar of Fire (versão hebraica, provavelmente episódio 13), visionado no Museu Yad Mordechai, realizado por Asher Tlalim, Israel, 1981.

218 Hantze preparou-se para deixar Varsóvia, conforme planeado: Esta secção, incluindo citações, é de Kukielka, «Last Days», 102-6. Noutros relatos, o movimento mandou Hantze regressar a Będzin.

219 «uma amiga»: da versão iídiche, Women in the Ghettos.

219 Todas as ruas: esta descrição do gueto em Chamas visto do lado ariano é tirada de Kukielka, Underground Wanderings, 92-94; Mahut, 144; Meed, Both Sides of the Wall, 140-46; Vitis Shomron, Juventude em Chamas, 191.

220 «Mais do [...] se enfrentassem em batalha»: Kukielka, Underground Wanderings, 92.

221 Sobretudo judeus [...] também alguns alemães: alguns relatos afirmam que foram mortos 300 nazis; os relatos nazis falam de um número muito mais baixo, mas é natural que o façam, sobretudo considerando que o general Stroop estava desesperado por mostrar

resultados. Segundo Ackerman, Zookeeper's Wife, 211-13, 16 nazis foram mortos e 85 ficaram feridos.

221 Uma fotografia mostra: em Meed, Both Sides of the Wall, extratexto.

221 «Não existe Deus [...] manter-se silencioso»: Kukielka, Underground Wanderings, 94.

221 «uma espécie de felicidade [...] os alemães: Kukielka, Underground Wanderings, 94.

221 «os judeus ergueram-se [...] como pessoas»: Kukielka, Underground Wanderings, 94.

222 «polacos a lutar [...] batalha tão heroica»: Kukielka, Underground Wanderings, 94. Para relatos semelhantes, ver Kuper, «Life Lines», 201-2, e Meed, Both Sides of the Wall, 141.

Capítulo 16: Bandidos de tranças

223 O clarão ofuscava Zivia: salvo indicação em contrário, este capítulo baseia-se sobretudo em Lubetkin, Days of Destruction, 190-259.

223 «Colunas de chamas [...] estertores da morte»: Lubetkin, Days of Destruction, 199-200.

224 «por entre a fúria dos incêndios». «Estávamos ser queimados vivos», escreveu: Ibid., 200-201.

224 «Não era contra os alemães que tínhamos de lutar, mas contra o fogo»: citado em Gutterman, *Fighting for Her People*, 222.

224 um cabeleireiro que ajudava as pessoas a prepararem-se para passar até ao lado ariano: Tec, *Resistance*, 174-76.

225 «As nossas mãos têm um jeito especial para fechaduras»: Lubetkin, *Days of Destruction*, 190-92.

225 era impossível acender uma vela devido à falta de ar: citado em Meed, *Both Sides of the Wall*, 155.

225 «apesar de ser o ar [...] trespassavam a escuridão»: Lubetkin, *Days of Destruction*, 206-7.

226 «mesmo no meio da desolação calcinada»: Lubetkin, *Days of Destruction*, 205-8, inclui uma discussão sobre esses dias no gueto em chamas.

226 «Então, com o nascer do sol [...] últimos judeus?»: Ibid., 209.

226 um rapaz de dezassete anos chamado Kazik: «Kazik» era o nom de guerre de Simcha Rotem (nascido Simcha Rathajzer).

226 O ZZW [...] tinha sido morta: Lubetkin, *Days of Destruction*, 239-40; Zuckerman, *Surplus of Memory*, 412.

227 «Já quase não resta nada com que lutar e ninguém contra quem fazer guerra»: citado em Gutterman, *Fighting for Her People*, 230.

227 vasto sistema de esgotos de Varsóvia: a geografia era importante. Varsóvia tinha um sistema de esgotos que podia ser utilizado para contrabando e como caminho de fuga. No Leste, a proximidade da floresta permitia campos de partisans. Łódź, no entanto, estava isolada e não tinha um sistema de esgotos.

227 «esqueletos calcinados de casas»: Lubetkin, Days of Destruction, 220-24.

228 Hela [...] a única sobrevivente: a história da fuga de Hela baseia-se em Rufeisen-Schüpper, Adeus a Mila 18, 113.

228 «A coxear e dorida, continuei a andar»: Lubetkin, Days of Destruction, 229.

228 «Tosia e Zivia, chefes do movimento clandestino Os Pioneiros na Polónia, tombaram em Varsóvia a defender a dignidade do povo judeu», anunciava o Davar: Shalev, Tosia Altman, 208-11. A Casa-Museu dos Combatentes do Gueto conserva um recorte do Davar de 1 de junho de 1943.

229 «Zivia está sempre perto de Mavetsky (a morte). Tosia está com Zivia»: Dror, The Dream, the Revolt, 3.

229 «Joanas d'Arc da resistência»: Shalev, Tosia Altman, 208.

229 às instrutoras dos movimentos [...] no Reino Unido e no Iraque: Guttermann, Fighting for Her People, 244.

230 «Corremos de um lado para o outro como loucos [...] recuperarmos as armas»: Lubetkin, Days of Destruction, 233.

230 «procissão de corpos sem vida entre as sombras, como fantasmas»: Lubetkin, Days of Destruction, 234.

230 «A responsabilidade pelos outros [...] apesar de tudo»: Lubetkin, Days of Destruction, 236.

231 «Yan»: esta história é de Pnina Grinshpan Frimer em The Last Fighters.

231 «Sinto agora [...] continuamos a avançar!»: Lubetkin, Days of Destruction, 244.

231 Tosia, entretanto, estava desmoralizada [...] acabou por conseguir: Shalev, Tosia Altman, 189.

232 «roía-me o coração»: Lubetkin, Days of Destruction, 247.

232 o salvamento: os pormenores desta operação de salvamento diferem conforme as fontes. Ver, por exemplo, Gutterman, Fighting for Her People, 244-57; Rotem, Memoirs of a Ghetto Fighter, 48-58; Shalev, Tosia Altman, 189.

232 «Voltemos atrás para ir buscar os outros!»: Lubetkin, Days of Destruction, 247.

232 Um grupo de combatentes partiu em direção a uma localização secundária: este é um momento controverso. Kazik afirma ter dito a

todos que ficassem perto do poço do esgoto, insinuando que Zivia não devia tê-los deixado dispersarem-se. (Rotem, *Memoirs of a Ghetto Fighter*, 53.)

233 «Estávamos imundos [...] estávamos vivos»: Lubetkin, *Days of Destruction*, 252.

234 a «famosa batalha» entre Zivia e Kazik, apesar de Zivia nunca ter escrito uma palavra a este respeito: mas escreveu Kazik, em *Memoirs of a Ghetto Fighter*, 53-56. Gutterman, *Fighting for Her People*, 251-53, fornece alguns relatos deste incidente, sobretudo da perspectiva de Kazik; aqui explica que Zivia ameaçou matar Kazik quando estavam no caminhão. Nas suas memórias, Kazik conta que Zivia ameaçou matá-lo quando estavam na floresta.

234 «Compreendo [...] mas com a Zivia?»: entrevista pessoal, Barbara Harshav, Nova Iorque; 9 de março e 13 de abril de 2018.

234 «O caminhão [...] no coração da Varsóvia ocupada pelos nazis»: Lubetkin, *Days of Destruction*, 252.

235 mais de 100 judias: os obituários de várias destas mulheres podem ser vistos em Grupańska, *Reading the List*; Spizman, *Women in the Ghettos*; Neustadt, ed., *Destruction and Rising*.

235 lutado até ao fim: Kol-Inbar, «Three Lines in History», 522.

235 «de armas nas mãos»: esta descrição é reiterada ao longo de *Women in the Ghettos*.

235 «Com água até à garganta [...] pelos canais»: *Women in the Ghettos*, 164.

235 Frania Beatus, uma correio [...] dezassete anos: Lubetkin, Days of Destruction, 81.

235 «sonhava com florestas e a fragrância das flores»: Rotem, Memoirs of a Ghetto Fighter, 26. Para mais sobre Dvora Baran, ver Lubetkin, Days of Destruction, 214-15.

235 Niuta Teitelbaum: informação de Grupińska, Reading the List, 132-33; Vera Laska, Different Voices, 258; Jack Porter, «Jewish Women in the Resistance», Jewish Combatants of World War 2 2, n.º 3 (1981); Katrina Shawver, «Niuta Teitelbaum, Heroine of Warsaw», <https://katrinashawver.com/2016/02/niuta-teitelbaum-aka-little-wanda-with-the-braids.html>.

237 «rostos pálidos e famintos [...] de uma forma irreversível»: Gutterman, Fighting for Her People, 258.

237 «Havia mais alguma coisa que pudéssemos fazer e não tivéssemos feito?»: Lubetkin, Days of Destruction, 256.

237 Na floresta [...] encontrava ali: Gutterman, Fighting for Her People, 260-61. Isto não aparece referido em Lubetkin, Days of Destruction.

238 Não obstante as suas infindáveis reuniões: teve reuniões até enquanto nadava na piscina; ia a pé para todo o lado para evitar os elétricos. Zuckerman, Surplus of Memory, 352, 377.

238 Também as tentativas de Vladka revelaram-se infrutíferas: Meed, Both Sides of the Wall, 156-62.

238 «Se alguém me censurar por cuidar da minha mulher, pois que assim seja»: Zuckerman, *Surplus of Memory*, 390. Quem ficava com que esconderijo era uma questão polémica.

238 Numa outra versão: há vários relatos contraditórios sobre o incêndio da fábrica e a morte de Tosia, alguns dos quais podem ser encontrados em Shalev, *Tosia Altman*, 194, 206. Ver também Lubetkin, *Days of Destruction*, 257, e Zuckerman, *Surplus of Memory*, 394-96.

Capítulo 17: Armas, armas, armas

240 Armas [...] para nos tornarmos seres humanos livres: Ruzka Korczak, «The Revenge Munitions», em *Women in the Ghettos*, 81.

240 repetiu Renia pela enésima vez: esta secção, incluindo citações e diálogo, baseia-se em Kukielka, «Last Days», 102-6.

241 Chajka descreve-a [...] realidades dos tempos de guerra: Klinger, *Writing These Words*, 129.

242 Renia ia tornar-se uma dessas kashariyot: a restante secção, incluindo o diálogo e citações diretas, baseia-se em Kukielka, *Underground Wanderings*, 96-98.

241 Ina Gelbart, do *A Jovem Guarda*: do *A Jovem Guarda* de Sosnowiec, nascida em 1923. Informação baseada nos testemunhos de Fela Katz; Ronen, *Condemned to Life*, 311.

242 Tarlow, um judeu que vivia: Renia dá-lhe vários nomes. É chamado «Tarlow» em Ronen, *Condemned to Life*, 256-76, e Brandeis, «The Underground in Bedzin», 128.

242 «e foi bem pago por isso»: Kukielka, *Underground Wanderings*, 97.

242 Relatos de outras mulheres: ver, por exemplo, Chaya Palevsky, «I Had a Gun», em *Daring to Resist*, 120-21; Riezl (Ruz'ka) Korczak, *Chamas em Cinza* (Israel: Sifriyat Po'alim, Hakibbutz Ha'artzi Hashomer Hatzair, 1946), 109; Tec, *Resistance*, 92.

242 Depois da derrota de Estalinegrado em 1943 [...] e mais caras: Zuckerman, *Surplus of Memory*, 252-55, 292, para aquisições de armas.

243 reencaminhou-as para um cemitério: não está claro de que cemitério se trata, mas, de um modo geral, o cemitério judaico era um local importante para a resistência. Segundo Lubetkin, *Days of Destruction*, 160, os irmãos Landau, judeus que tinham ajudado muitos membros do A Jovem Guarda durante as deportações, eram proprietários de uma fábrica de artigos de madeira. Pediram aos nazis para fazer uma horta perto do cemitério judaico, a parte mais tranquila de Varsóvia, achava Zivia, porque os alemães raramente lá iam. Com a sua verdura, o cemitério era, ironicamente, o lugar mais vivo do gueto. Trabalhadores judeus com sacos e ancinhos saíam do gueto para se dirigirem àquele pedaço de terra, que era onde contactavam com os camaradas no lado ariano e tentavam conseguir armas. Antek costumava usar a campa do famoso autor iídiche I. L. Peretz como ponto de encontro, enviando e recebendo cartas através dos coveiros e dos gatos-pingados. Mais em Zuckerman, *Surplus of Memory*, 260, 356.

243 quase sem armas: Weitzman, «Kashariyot (Couriers) in the Jewish Resistance». Esta secção alimenta-se deste artigo e também de Ochayon, «Female Couriers During the Holocaust».

243 partilhavam [...] reutilizar as balas: Cohen, *The Avengers*, 59.

244 Hela Schüpper: as histórias sobre Hela baseiam-se em Rufeisen-Schüpper, Adeus a Mila 18.

244 Uma fotografia: Hela posa com Shoshana Langer, datada de junho de 1943. Do arquivo da Casa-Museu dos Combatentes do Gueto.

244 «Quem observasse [...] ou de férias»: Draenger, Justyna's Narrative, 70.

245 Vladka Meed começou: o contrabando de armas por parte de Vladka baseia-se em Vladka Meed, Both Sides of the Wall, 9-109, 123-32.

245 pagavam a guardas polacos [...] recolhia o pacote: Shalev, Tosia Altman, 174.

245 tribunal [...] e o exterior do gueto: Zuckerman, Surplus of Memory, 125-26, 153. Em Vilna, usavam sinais de trânsito falsos para desviar os carros para uma rua onde houvesse uma entrada de esgoto e introduziam as armas compridas na rede de condutas dentro de caixas de ferramentas. Paulsson, Secret City, 61-65, explica as diferentes formas de como os artigos eram levados para o gueto. Tudo tinha começado com o contrabando de comida. Estes métodos incluem: esgotos e túneis; veículos (elétricos, camionetas, camiões do lixo, carretas funerárias, ambulâncias); grupos de trabalho, passes legais, departamentos municipais e uma farmácia (em Varsóvia); metas, telhados e algerozes de edifícios que faziam parte do muro; escalada; a rua do Mercado Gesia (em Varsóvia); usar o portão graças a subornos ou conseguindo a simpatia de um guarda.

245 Havka Folman: uma das principais correios de Antek, foi mandada para Auschwitz e sobreviveu à guerra. As suas memórias, They Are Still with Me, foram publicadas em 2001.

245 contrabandeavam granadas [...] roupa interior: há algumas versões diferentes desta história. Ver, por exemplo, o testemunho de Havka Folman em Diatlowicki, ed., *Jews in Battle, 1939-1945*; Lubetkin, *Days of Destruction*, 80; Ochayon, «Female Couriers During the Holocaust»; Yaari, «Uma Corajosa Ligação». Segundo um cartaz de parede guardado na Casa-Museu dos Combatentes do Gueto, o general Stroop relatava que as judias «escondiam repetidamente pistolas na roupa interior».

246 Chasia Bielicka não trabalhava sozinha: a informação a respeito de Chasia e das correios de Białystok vem sobretudo de Izhar, Chasia Bornstein-Bielicka, bem como de Liza Chapnik, «The Grodno Ghetto and its Underground», em *Women in the Holocaust*, 109-19; Chaika Grossman, *Underground Army*; Klibanski, «In the Ghetto and in the Resistance», 175-86.

246 A sua companheira de quarto, Chaika Grossman: Chaika Grossman («Halina Woranowicz») era loura, tinha olhos azuis e vinha de uma família de industriais ricos. Em 1938, adiou os estudos na Universidade Hebraica para se juntar ao A Jovem Guarda. Quando Hitler atacou, foi mandada à pressa para Varsóvia. Em seguida, geriu o movimento em Vilna ao lado de Kovner, com o seu estilo comedido, despido de sentimentalismos. Viveu no lado ariano e deslocou-se a Varsóvia e a outros guetos com informação a respeito de Ponary, após o que regressou a Białystok para organizar o movimento clandestino, instalando a sua base no interior do gueto. Ela e o namorado, Edek Borks, trabalharam para unir os movimentos juvenis numa única unidade de combate – que veio a ser comandada por Mordechai Tenenbaum. Chaika insistiu sempre em lutar do interior do gueto em vez de se juntar aos partisans. Próxima do chefe do Judenrat, pediu-lhe muitas vezes que apoiasse os esforços da resistência. «A loucura dos bravos faz o mundo andar em frente», era o que ensinava aos jovens camaradas. Lutou na resistência de Białystok e escapou à deportação correndo contra a multidão, introduzindo-se numa fábrica e fingindo trabalhar lá.

247 Leah Hammerstein: a história de Leah baseia-se em Tec, *Resistance*, 159-71. O seu testemunho encontra-se no arquivo do USHMM.

247 Renia: esta secção baseia-se nos testemunhos de Renia na Biblioteca Nacional de Israel e no Yad Vashem, e também em Underground Wanderings, 98. Segundo Gelbard, «Life in the Warsaw Ghetto», 11, cada arma custava-lhes 7000 marcos.

248 «Custava um mar de dinheiro [...] durante o atraso?»: Kukiełka, Underground Wanderings, 98.

248 usou a mesma tática [...] deixou-a seguir: mais tarde, em Underground Wanderings, Renia explica que usou esta tática.

248 Algumas correios [...] cair-lhes-ia na mão: Izhar, Chasia Bornstein-Bielicka, 206-7. Faye tinha sempre uma granada a mais presa ao cinto para se fazer explodir caso fosse apanhada viva. Como uma outra partisan explicou, «Uma para o inimigo, uma para nós.»

248 «Tínhamos de ser fortes [...] uma vontade de ferro»: Kukiełka, Underground Wanderings, 97.

Capítulo 18: Os carrascos

249 junho de 1943: em Underground Wanderings, Renia escreve que isto se passa no início de maio de 1943, mas não faz muito sentido que tenha visto o gueto de Varsóvia arder e feito viagens de contrabando também no princípio de maio. Houve uma deportação em Będzin a 22 de junho de 1943, e penso que talvez seja a isso que se está a referir. Há várias contradições de datas no livro e esta parece ser uma delas.

249 De novo em Będzin: este capítulo, incluindo citações e diálogos, baseia-se em Kukiełka, Underground Wanderings, 98-107.

249 Não havia tempo para implementar quaisquer planos ambiciosos: segundo Ronen, *Condemned to Life*, o grupo não teve coragem para tomar a iniciativa. Estavam à espera de ordens de Varsóvia.

250 Max Fischer, que cuidava dos órfãos do Atid: o seu testemunho na Casa dos Combatentes do Gueto sugere que esteve envolvido na criação do Atid.

250 Ilza Hansdorf: por vezes referida como Aliza Hoysdorf.

252 com uma faca: Ronen, *Condemned to Life*, 277-94, citando Max Fischer.

253 Mesmo no meio daquela barbárie [...] as suas vidas: embora dificilmente possa parecer um tempo para rir, as piadas eram em si mesmas uma forma de resistência. O humor existia, e era até prevaemente, nos guetos e nos campos. Muitas mulheres envolvidas num tipo específico de humor concentravam-se em corpos, aspeto, comida e cozinhados. Há uma discussão mais extensa desta questão em Ostrower, *It Kept Us Alive*.

253 os nazis levaram oito mil: é o número de Renia. Segundo «Będzin, Polónia», *Enciclopédia Judaica*, Jewish Virtual Library, <https://www.jewishvirtuallibrary.org/Będzin>, a 22 de junho de 1943, foram levados de Będzin quatro mil judeus.

Capítulo 19: Liberdade nas florestas – os partisans

256 Marek Folman, de olhos azuis e cabelos louros: Fela Katz descreve-o como bem-parecido. Juntamente com Aliza Zitenfeld, ensinou as crianças órfãs e cuidou delas. Folman tinha organizado a escola do Liberdade no gueto de Varsóvia.

257 A lista foi lida: há discrepâncias nos relatos sobre quem foi incluído em que grupo. Renia afirma que Irka e Leah Pejsachson saíram com um grupo, mas segundo Klinger, *Writing These Words*, 122-23, foram mortas de outras maneiras. De acordo com Ronen, *Condemned to Life*, 295-312, David, que se tornou o comandante do A Jovem Guarda, saiu com o primeiro grupo; Chajka ficou aborrecida por só os homens terem sido autorizados a ir. No seu testemunho, Fela Katz disse que David fazia parte do primeiro grupo, que tinha algumas armas; o grupo era constituído apenas por homens e cada um deles tinha uma faca e algumas munições. Ronen, *Condemned to Life*, 295-312, e Katz estão de acordo em que só duas mulheres saíram da segunda vez, com dez homens.

257 «De botas altas [...] uma mulher»: Klinger, «Girls in the Ghettos», 17-23.

257 Os camaradas restantes [...] para celebrar: testemunho de Fela Katz.

258 Era muito difícil [...] as mulheres: a informação a respeito dos partisans baseia-se, sobretudo, em *Jewish Partisan Education Foundation*, <http://www.jewishpartisans.org>; Kol-Inbar, «Three Lines in History», 513-46; Nechama Tec, «Women Among the Forest Partisans», em *Women in the Holocaust*; Tec, *Resistance*, 84-121; Tamara Vershitskaya, «Jewish Women Partisans in Belarus», *Journal of Ecumenical Studies* 46, n.º 4 (outono de 2011), 567-72. Também bebi em relatos pessoais: Shelub e Rosenbaum, *Never the Last Road*; Schulman, *Partisan's Memoir*, e as fontes citadas adiante para os combatentes de Vilna.

258 muitos grupos de partisans: soldados soviéticos e prisioneiros de guerra que não queriam cair nas mãos dos nazis, unidades lituanas que incluíam dissidentes e comunistas, bielorrussos que fugiam ao recrutamento para os campos de trabalho alemães, polacos apoiados pelo movimento clandestino polaco, e por aí fora.

258 30 mil [...] 10%: da Jewish Partisan Education Foundation, <http://www.jewishpartisans.org>. Estes números incluíam todas as brigadas partisans, judaicas ou não. Schulman, Partisan's Memoir; Tec, Resistance; Vershitskaya, «Jewish Women Partisans», oferecem uma variedade de estatísticas diferentes.

258 Muitas mulheres foram violadas: o sexo estava proibido aos partisans e era punido com a morte. Apesar disso, alguns homens iam às aldeias próximas procurar raparigas. Os rumores afirmavam que os nazis sabiam disto e injetavam as mulheres com doenças venéreas, que elas transmitiam aos partisans. Tec, Resistance, 107.

258 A grande maioria: Tec, «Women Among the Forest Partisans», 223, fala de 77%.

259 «Para conseguir um pouco de paz relativa [...] uma “falta de paz” durante a noite»: Fanny Solomian-Lutz, citada em Kol-Inbar, «Three Lines in History», 527.

259 Uma judia [...] «escolhesse um oficial»: do documentário em vídeo Everyday the Impossible: Jewish Women in the Partisans, Jewish Partisan Education Foundation, <http://www.jewishpartisans.org/content/jewish-women-partisans>.

259 quando ela estava no duche com outras raparigas [...] começou a disparar: Vitka Kempner, entrevistada em Yigal Wilfand, ed., Vitka Luta pela Vida (Givat Haviva, Isr.: Moreshet, 2013), 49.

259 para que os outros deixassem de assediá-la: Shelub e Rosenbaum, Never the Last Road, 111-14.

259 só um homem forte com uma arma possuía verdadeiro estatuto: como é enfatizado por Kol-Inbar, «Three Lines in History», 526, os

partisans podiam ser antiautoritários, mas no que respeitava às mulheres adotavam o modelo mais conservador da sociedade tradicional.

259 realizou inúmeros abortos bem-sucedidos com quinino, ainda que muitas vezes a intervenção terminasse em morte na mesa de operações: Fanny Solomian-Lutz, Uma Rapariga Enfrenta a Força (Telavive, Isr.: Moreshet e Sifryat Hapoalim, 1971), 113-14.

260 a sua pele a descascar com as roupas: entrevista pessoal, Holly Starr, pelo telefone, 13 de novembro de 2018, sobre a mãe Sara Rosnow. A partisan de Vilna, Liba Marshak Augenfeld, era cozinheira e alfaiate. Fazia botas com couro que os partisans lhe levavam.

260 Faye Schulman: née Faye Lazebnik. A história de Faye baseia-se em Schulman, Partisan's Memoir e Daring to Resist: Three Women Face the Holocaust, realizado por Barbara Attie e Martha Goell Lubell. EUA, 1999.

260 «Os nazis tinham tapado [...] ferida aberta»: Schulman, Partisan's Memoir, 17.

261 «Tinha perdido [...] ou ser feliz»: Schulman, Partisan's Memoir, 149.

262 outras funcionavam como guardas armadas: por exemplo, Fruma Berger (com o destacamento Bielski); Mira e Sara Rosnow.

262 camaradas vindos de Vilna: baseei a minha história da resistência de Vilna em relatos que incluem Partisans of Vilna: The Untold Story of Jewish Resistance During World War II, realizado por Josh Waletzky, EUA, 1986; Neima Barzel, «Rozka Korczak-Marla» e «Vitka Kempner-Kovner», The Encyclopedia of Jewish Women; Cohen, Avengers; Grossman, Underground Army; Moshe Kalchheim, ed., With Proud

Bearing 1939-1945: Chapters in the History of Jewish Fighting in the Narotch Forests (Telavive, Isr.: Organização dos Partisans, Combatentes Clandestinos e Rebeldes do Gueto, Israel, 1992); Michael Kovner, www.michaelkovner.com; Korczak, Chamas em Cinza; Roszka Korczak, Yehuda Tubin, e Yosef Rab, eds., Zelda the Partisan (Telavive, Isr.: Moreshet and Sifriyat Po'alim, 1989); Ruzka Korczak, «In the Ghettos and in the Forests», «The Revenge Munitions» e «Women in the Vilna Ghetto», em Women in the Ghettos; Dina Porat, The Fall of a Sparrow: The Life and Times of Abba Kovner (Stanford, CA: Stanford University Press, 2010); Ziva Shalev, «Zelda Nisanilevich Treger», The Encyclopedia of Jewish Women; Yehuda Tubin, Levi Deror, et al., eds., Ruzka Korchak-Marle: A Personalidade e a Filosofia de Vida de um Combatente (Telavive, Isr.: Moreshet e Sifriyat Po'alim, 1988); Wilfand, Vitka Fights for Life. Também colhi material de entrevistas pessoais com: Rivka Augenfeld, Montreal, 10 e 17 de agosto de 2018; Michael Kovner, Jerusalém, 17 de maio de 2018; Daniela Ozacky-Stern e Yonat Rotbain, Givat Haviva, Isr., 14 de maio de 2018; Chayelevsky, Skype, 20 de novembro de 2018.

262 Certa manhã: a história de como Ruska e Vitka se conheceram baseia-se em Cohen, Avengers, 18-19. Ao longo deste capítulo, usei o diálogo exato apresentado por Cohen, para o caso de ele estar a referir citações diretas. Os passados de cada uma delas foram colhidos de várias fontes, incluindo ibid., 13-23.

263 Ninguém ousou [...] dizer «olá»: Michael Kovner, «In Memory of My Mother», <https://www.michaelkovner.com/said04eng>. Cohen, Avengers, 19, também refere este encontro.

263 «Enlouqueceste? Estás a tentar que te matem?»: Cohen, Avengers, 27. A história do regresso de Vitka a Vilna é de ibid., 26-27.

263 fingindo serem esposas de oficiais: Tubin, Deror, et al., eds., Ruzka Korchak-Marle, 22.

263 pagaram a um barbeiro judeu para resolver o problema com água-oxigenada: Cohen, Avengers, 38.

263 «nem sequer a cor [...] a expressão muito judia»: Korczak, «Women in the Vilna Ghetto», 113-27.

263 «Os alemães acreditam no que se lhes diz»: Cohen, Avengers, 37.

263 prendeu no braço uma folha amarela: Cohen, Avengers, 38.

264 «Dormia no meio»: Ibid., 49. Na p. 7, Cohen descreve como os outros suspeitavam de que eles eram um triângulo amoroso. Vitka fala deste romance em Tubin, Deror, et al., eds., Ruzka Korchak-Marle, 63.

264 «Pelo sexo!»: como me foi contado por um membro de um grupo juvenil do Dror, no Reino Unido, 2018.

264 a sua declaração de amor: segundo Cohen, Avengers, 61, nos movimentos clandestinos europeus, o comandante enviava «a namorada» para chefiar as missões mais perigosas como um reflexo da sua força.

264 a missão: esta missão, a preparação que Vitka fez e as suas quase-detensões baseiam-se em Cohen, Avengers, 62-64; Korczak, «Women in the Vilna Ghetto», 113-27; Wilfand, Vitka Luta pela Vida, 29-31. Os pormenores diferem ligeiramente em cada relato.

264 dirigiu-se a um nazi banhada em lágrimas: uma vez, Chasia foi apanhada a levar armas para a floresta perto de Białystok. Chorou e disse que estava perdida. O nazi deu-lhe indicações e disse-lhe que tivesse cuidado, que podia ter sido morta pelos partisans! Izhar, Chasia Bornstein-Bielicka, 251.

264 «uma calma gelada» [...] sair dela em segurança: Cohen, Avengers, 62.

265 tinha uma bomba que Abba fizera a partir de um cano: segundo Vitka, em Partisans of Vilna, a bomba era primitiva e enorme. Um camarada da FPO que pertencia à polícia judaica tirou-a do gueto escondida debaixo do casaco.

265 Ruzka fazia parte da Brigada do Papel: os relatos a respeito de Ruzka e o livro finlandês que ensinava a fabricar bombas variam. Ver, por exemplo, David E. Fishman, The Book Smugglers: Partisans, Poets, and the Race to Save Jewish Treasures from the Nazis (Lebanon, NH: ForEdge, 2017), e Wilfand, Vitka Luta pela Vida, 29-31.

265 «Não é uma coisa de que me tenha sentido culpada [...] esquecer quem é quem»: Cohen, Avengers, 64.

266 «Os alemães [...] os mortos podiam sair»: Korczak, «Women in the Vilna Ghetto», 113-27.

266 «Limitou-se a afastar-se [...]. Ninguém a deteve»: Cohen, Avengers, 88.

266 comandava o corpo de batedores: Wilfand, Vitka Luta pela Vida, 46; Ruzka em Tubin, Deror, et al., eds., Ruzka Korchak-Marle, 42, «Facto: Vitka Kovner Kempner era a principal comandante. Não se limitava a participar em todas as patrulhas, era a comandante!»

266 Segundo Vitka [...] no transporte: Wilfand, Vitka Luta pela Vida, 41. Vitka também fala disto no filme Everyday the Impossible: Jewish Women in the Partisans. Segundo Ruzka (Katz e Ringelheim, Proceedings of the Conference on Women, 93), as mulheres

participavam em quase todas as missões de abastecimento, sabotagem, emboscada e combate.

267 «Vais ter de [...] desta missão»: Cohen, *Avengers*, 123. A história está nas pp. 122-25.

267 «Lembro-me da primeira emboscada [...] festejei»: Korchak, «In the Ghettos and in the Forests», *Women in the Ghettos*, 74-81. Este relato refere-se provavelmente a outro incidente.

267 comandante de uma unidade de patrulha: Tubin, Deror, et al., eds., *Ruzka Korchak-Marle*, 67.

267 as funções de quartel-mestre: Yehuda Tubin ed., *Ruzka Korchak-Marle*, 42.

267 alguns compreendiam toda uma aldeia de cabanas escondidas [...], roubados aos camponeses, com frequência de arma apontada: de vários relatos, incluindo Aida Brydbord, *Women of Valor*, 16.

267 Enchiam recipientes [...] do campo: Izhar, Chasia Bornstein-Bielicka, 247.

268 «pútrido e nauseante»: como Frumka, mais tarde, escreveu num poema, «Escondido na terra, um buraco fundo/ Tornou-se hoje a minha casa.» Ralph S. Berger e Albert S. Berger, eds., *With Courage Shall We Fight: The Memoirs and Poetry of Holocaust Resistance Fighters* Frances «Fruma» Gulkowich Berger and Murray «Motke» Berger (*Margate: ComteQ.*, 2010), 82-83.

268 Certa vez, Vitka emprestou [...] transferissem para o animal: Wilfand, *Vitka Luta pela Vida*, 46.

268 Zelda Treger [...] era uma das principais kasharit: a informação e as cenas a respeito de Zelda, bem como o diálogo, baseiam-se sobretudo em Korczak, Tubin, e Rab, Zelda the Partisan.

270 «emprestasse algumas judias»: Cohen, Avengers, 125. A história desta missão está relatada em ibid., 125-28; Korczak, «Women in the Vilna Ghetto», 113-27; Wilfand, Vitka Luta pela Vida, 42. Segundo Abba, em Partisans of Vilna, foi dele a ideia de levar a cabo missões de sabotagem em Vilna para mostrar aos alemães que ali operava uma unidade do movimento clandestino. Esperava combinar esta missão com o resgate de judeus, levando-os para a floresta.

272 «Conseguimos [...] mais fortes do que os homens»: citado em Cohen, Avengers, 128.

272 «As mulheres eram mais resistentes»: Wilfand, Vitka Luta pela Vida, 48.

272 Anos mais tarde [...] «Não é grande tragédia!»: Vitka Kempner em Partisans of Vilna: The Untold Story of Jewish Resistance During World War II, realizado por Josh Waletzky, EUA, 1986.

272 «Ela não sabia [...] iniciativa»: Korczak, «Women in the Vilna Ghetto», 113-27.

272 Em 1944 [...] no gelo entre eles: Cohen, Avengers, 129-30.

272 Numa manhã de abril [...] «Para onde vou?» perguntou Vitka: Cohen, Avengers, 139. A história seguinte baseia-se em ibid., 139-42, e Tubin, Deror, et al., eds., 73. Há várias versões desta história. Segundo Korczak, «Women in the Vilna Ghetto», 113-27, Vitka esperou por um

momento de distração dos seus captores, libertou-se e fugiu. Segundo Vitka, em Wilfand, Vitka Luta pela Vida, 42, este incidente está ligado à sua missão de destruir o abastecimento elétrico a Vilna. No caminho de regresso, foi encurralada por nazis de mota numa ponte. Convenceu-os a deixarem-na ir e disse-lhes que testemunharia a favor deles depois da guerra; levou consigo os fugitivos de Ponary.

273 «É um milagre [...] contar com milagres?»: citado em Cohen, Avengers, 142.

274 Isaac, do A Jovem Guarda: de acordo com o testemunho de Fela Katz, os líderes esconderam-no num bunker para que o seu aspeto não causasse o pânico. O relato de Fela tem pormenores ligeiramente diferentes.

274 «Saímos do gueto [...] do meu esconderijo e fugi»: a citação é tirada de Kukielka, Underground Wanderings, 110-11, e Ronen, Condemned to Life, 295-312.

Capítulo 20: Melinas, dinheiro e resgate

276 Renia sabia o que isso significava: salvo indicação em contrário, esta secção baseia-se em Kukielka, Underground Wanderings, 112-13.

277 «uma bofetada na cara que nos deixou atordoados»: Klinger, Writing These Words, 119-20.

277 «espiritualmente exaustos [...] demasiado grande»: Klinger, Writing These Words, 120-21.

277 um dos principais papéis das raparigas-correio [...] fisicamente escondidos: a informação desta secção é sobretudo de Meed, Both Sides

of the Wall; Ochayon, «Female Couriers During the Holocaust»; Weitzman, «Kashariyot (Couriers) in the Jewish Resistance».

277 (melinas): Ackerman, Zookeeper's Wife, 173, refere «um covil de ladrões».

277 mas não com demasiada frequência: Rotem, Memoirs of a Ghetto Fighter, 96-98, descreve os desafios e as estratégias das correios.

277 particularmente brutais com as crianças: segundo Schulman, Partisan's Memoir, 89, os nazis não desperdiçavam balas com crianças; enterravam-nas vivas.

278 Num testemunho [...] em Londres: trata-se de um testemunho oral conservado nos arquivos da Wiener Holocaust Library.

278 matando os que ajudavam os judeus: Lubetkin, Days of Destruction, 260, para uma discussão de como os nazis torturavam os polacos.

279 Surgiram várias organizações judaicas de auxílio: ver Paulsson, Secret City, 3-4, 201-210 para pormenores sobre as diferentes organizações.

279 O «Żegota» (Conselho para Ajuda aos Judeus): Paldiel, Saving One's Own, 32-42.

279 um fervoroso antissemita antes da guerra: Paldiel, Saving One's Own, 25.

279 ainda que, ao que parece, [...] deixassem a Polónia para sempre: Samuel D. Kassow, conferência, em «In Dialogue: Polish Jewish Relations During the Interwar Period».

279 JDC: a informação sobre a JDC vem de várias fontes, incluindo «American Jewish Joint Distribution Committee and Refugee Aid», USHMM Holocaust Encyclopedia, <https://encyclopedia.ushmm.org/content/en/article/american-jewish-joint-distribution-committee-and-refugee-aid>; Yehuda Bauer, «Joint Distribution Committee», em Encyclopedia of the Holocaust, ed. Israel Guttman (Nova Iorque: Macmillan, 1990), 752-56.

279 A maior parte do capital [...] mercado privado polaco: Nathan Eck, «The Legend of the Joint in the Ghetto», relatório inédito, arquivos do JDC.

280 Memórias falam [...] lucrar com as taxas de câmbio: Antek acusou grupos do movimento clandestino polaco de reterem dinheiro. Rotem, Memoirs of a Ghetto Fighter, 98-99; Zuckerman, Surplus of Memory, 419.

280 mais de 78 milhões de dólares: Bauer, «Joint Distribution Committee», 752-56; Zuckerman, Surplus of Memory, 43n15.

280 300 mil: Michael Beizer, «American Jewish Joint Distribution Committee», trad. I. Michael Aronson, The YIVO Encyclopedia of Jews in Eastern Europe, [https://yivoencyclopedia.org/article.aspx/American Jewish Joint Distribution Committee](https://yivoencyclopedia.org/article.aspx/American_Jewish_Joint_Distribution_Committee).

280 Grupos de resgate [...] bem como abortos: Paldiel, Saving One's Own, 32-42.

280 uma «fábrica» que produzia documentos falsificados: Paldiel, *Saving One's Own*, 33. Ver também Lubetkin, *Days of Destruction*, 263; Meed, *Both Sides of the Wall*, 226-29; Zuckerman, *Surplus of Memory*, 486-87.

280 12 mil judeus na área de Varsóvia: não há registos exaustivos, e estes números são estimativas; fontes diferentes oferecem números diferentes. Lubetkin, *Days of Destruction*, 262, afirma que estavam 20 mil judeus escondidos na área de Varsóvia, e 12 mil recorreram à sua organização em busca de ajuda. Zuckerman, *Surplus of Memory*, 449, concorda, e diz que tinha 3 mil nomes (em código) no seu ficheiro de cartões. Segundo Kol-Inbar, «Three Lines in History», 531, o Żegota salvou 4 mil judeus (e 4 mil crianças). Para Paldiel, *Saving One's Own*, 34, os grupos de resgate salvaram ao todo 11 a 12 mil judeus. Paldiel, 26, diz que dos estimados 15 mil a 20 mil judeus que se esconderam na área de Varsóvia, cerca de metade recebeu ajuda do Żegota e das organizações judaicas. Paulsson, *Secret City*, 3-4, 207, 229-30, calcula que cerca de 9 mil judeus foram ajudados por estas organizações.

280 sem manter registo escrito de nomes polacos ou moradas atualizadas: Zuckerman, *Surplus of Memory*, 435, 496, explica que, nos registos escritos, usavam apenas nomes judeus que não seriam reconhecíveis. Um recibo do Żegota exposto no Museu POLIN mostra 1/100 da quantia entregue e foi datado de dez anos antes para mascarar a operação. Paulsson, *Secret City*, 232-33, contém uma discussão a respeito de todos estes registos e recibos.

280 entre 20 e 30 mil judeus: as fontes oferecem números variados – algumas chegam até 40 mil. Segundo Paldiel, *Saving One's Own*, 26, haveria entre 15 e 20 mil judeus escondidos na área de Varsóvia. De acordo com o estudo de Paulsson, chegaram a estar cerca de 28 mil escondidos em Varsóvia (ver *Secret City*, 2-5, para um resumo).

280 papéis rabiscados: Zuckerman, *Surplus of Memory*, 496.

281 quando o custo de vida rondava os 2000: de acordo com um cartaz de parede conservado no POLIN, esta quantia quase não chegava para

comer; os donativos ajudavam, sobretudo ao dar esperança e conexão.

282 Emanuel Ringelblum: a história deste bunker aparece em Meed, Both Sides of the Wall, 200.

282 20 mil zlotys por pessoa: Goldstein, Stars Bear Witness, 229.

284 Marysia [...] lhe deu a escolher: Warman, Mothers, Sisters, Resisters, 285-86.

284 Chasia tinha um «pretendente» que a visitava: Izhar, Chasia Bornstein-Bielicka, 230.

285 cerca de 30 mil: Weitzman, «Living on the Aryan Side», 189, sugere que 10% dos judeus que sobreviveram o conseguiram graças a terem «passado por».

285 Os judeus sobreviviam «passando por»: esta discussão da «passar por» é de Weitzman, Living on the Aryan Side.

285 «cidade dentro da cidade [...] das embaixadas»: citado em Paldiel, Saving One's Own, 35.

286 os vizinhos pensavam [...] de homens: para mais relatos e pormenores sobre estas melinas, ver Rotem, Memoirs of a Ghetto Fighter, 86; Zuckerman, Surplus of Memory, 474; Warman, «Marysia Warman».

286 Estar escondida [...] em pânico para um abrigo: Rotem, Memoirs of a Ghetto Fighter, 76-77. No caso de Zivia, as pessoas com quem se

escondia eram, na sua maioria, membros do Bund e quase uma década mais novos do que ela.

286 Romances policiais para a ajudar a passar o tempo: Zuckerman, Surplus of Memory, 501.

Capítulo 21: Flor de sangue

288 várias viagens juntas: Ronen, Condemned to Life, 256-76.

288 e a companhia de Rivka Moscovitch: a informação a respeito de Rivka é de Grupińska, 96, e Neustadt, ed., Destruction and Rising.

289 «alegria doentia»: Draenger, Justyna's Narrative, 54.

289 Zagłębie: na realidade, refere-se à «Silésia», que é uma região fronteiriça com muitas similaridades culturais e históricas.

290 plano de contingência: Rotem, Memoirs of a Ghetto Fighter, 69, explica como o movimento clandestino tinha habitualmente planos de contingência para o caso de um contacto não aparecer. Por exemplo, voltar ao mesmo local no dia seguinte.

290 Então, teve uma ideia: numa versão da história de Renia, encontrou esta mulher por acaso; no seu testemunho na Casa dos Combatentes do Gueto, diz que Antek lhe deu a morada. No seu todo, Renia descreve as suas missões a Varsóvia de maneira muito diferente nos seus diferentes testemunhos (GFH, INL, YV, Underground Wanderings). No testemunho dado na Biblioteca Nacional de Israel, afirma que levou dinheiro a Zivia e Antek. No testemunho da Casa dos Combatentes do Gueto refere ter conhecido Kazik (o que, segundo ela, aconteceu antes de ter visto o gueto arder), mas Kazik não é referido nos outros testemunhos. Neste,

afirma não se recordar de como conheceu Antek ou de ter recebido armas de um polaco. O encontro com Antek é descrito de forma diferente em cada testemunho. Também a ordem cronológica das missões difere de um relato para outro. Em alguns, afirma ter participado em seis ou sete missões; noutros, em quatro. Ao longo de toda a segunda parte, colhi dos seus vários (e, por vezes, contraditórios) relatos para construir a narrativa que me pareceu mais exata.

291 Renia voltou [...] para pagar os quartos: em testemunhos orais e escritos guardados nos arquivos da Casa dos Combatentes do Gueto, Renia conta que houve um susto no hotel e que as autoridades procuravam judeus, o que a obrigara a deambular pelas ruas durante várias horas.

291 A mãe de Marek também ajudava o ZOB – uma verdadeira família de combatentes: Grunwald-Spier, *Women's Experiences in the Holocaust*, 254-55; Zuckerman, *Surplus of Memory*, 97, 242 (a mãe tinha pouco mais de cinquenta anos). No arquivo da Casa-Museu dos Combatentes do Gueto está listada como «Shoshana-Rozalia»

292 «verdadeiro Antek [...] abastado lorde»: Kukielka, *Underground Wanderings*, 115.

292 «com ar de nobre e passadas confiantes»: Kukielka, *Underground Wanderings*, 115. Como Havi Dreifuss diz em *The Zuckerman Code*, «Era preciso ter uma coragem e uma astúcia infinitas, e em qualquer uma delas Antek era mestre. Uma parte relacionava-se com o aspeto, mas também com a capacidade de comportar-se como um jovem polaco, de modo que se alguém lhe dizia qualquer coisa, sabia como calar o interlocutor.»

295 salvar aquele objeto de alegria: salvar uma harmónica era um ato de resistência num regime em que os nazis controlavam os bens dos judeus. Os nazis impunham um sem-número de leis sobre o que os judeus podiam ou não possuir. Por exemplo, no início da guerra, tinham de entregar todo o ouro, peles e armas que tivessem. A comida era

racionada. Ter mais do que o autorizado podia resultar em execução. Quando transportavam judeus de um local para outro, os nazis diziam-lhes exatamente o que podiam levar consigo. Mas muitos judeus desafiavam as leis e escondiam objetos – jóias de família na parede de um barracão, dinheiro e broches de diamantes dentro de uma escova de sapatos, uma capa para tapar o matzah da avó. Os objetos davam uma sensação de segurança e esperança.

295 uma batalha no gueto: a história do levantamento do gueto de Częstochowa é de Kukiełka, *Underground Wandering*, 117-18; Brandeis, «Rebellion in the Ghettos», em *Daring to Resist*, 128-29; Binyamin Orenstajn, «Częstochowa Jews in the Nazi Era», *Czenstochov; A New Supplement to the Book «Czenstochover Yidn»*, trad. Mark Froimowitz (Nova Iorque: 1958), <https://www.jewishgen.org/yizkor/Częstochowa/cze039.html>.

295 Rivka Glanz [...] uma unidade: Brandeis, «Rebellion in the Ghettos», em *Daring to Resist*, 128-29.

295 «Como o meu coração chorou [...] Częstochowa»: Kukiełka, *Underground Wanderings*, 118.

296 Ina fora apanhada: este relato da captura de Ina foi colhido dos testemunhos de Fela Katz e de Ronen, *Condemned to Life*, 311.

Capítulo 22: A Jerusalém de Zaglembe está a arder

297 1 de agosto de 1943: salvo indicação em contrário, este capítulo, incluindo citações e diálogos, baseia-se em Kukiełka, *Underground Wandering*, 118-22.

298 Renia Kukiełka [...] correio do Liberdade: Ronen, *Condemned to Life*, 349.

301 A violência sexual [...] violação: ver Rochelle G. Saidel e Batya Brudin, eds. *Violated! Women in Holocaust and Genocide* (Nova Iorque: Remember the Women Institute, 2018), catálogo da exposição; Rochelle G. Saidel e Sonja M. Hedgepeth, eds., *Sexual Violence Against Jewish Women During the Holocaust* (Waltham, MA: Brandeis University Press, 2010). Outras fontes desta secção incluem Karay, «Women in the Forced Labor Camps» e Laska, *Different Voices*, 261-67; Ostrower, *It Kept Us Alive*, 139-46; Gurewitsch, *Mothers, Sisters, Resisters*.

301 Um nazi de Varsóvia [...] menos atraente: Ringelheim, «Women and the Holocaust», 376-77.

302 Na aldeia de Ejszyski [...] chacinadas : ver Women of Valor: Partisans and Resistance Fighters, Center for Holocaust Studies Newsletter 3, n.º 6 (Nova Iorque: Center for Holocaust Studies, 1990), 8.

302 Num campo de trabalho [...] 25 vezes com um bastão: Grunwald-Spier, *Women's Experiences in the Holocaust*, 174.

302 o sexo era um produto que se trocava por pão: Ringelheim, «Women and the Holocaust», 376-77.

302 «Só posso tentar imaginar o terror [...] do par que se movia»: Izhar, Chasia Bornstein-Bielicka, 147-48.

303 exames ginecológicos forçados [...] nas vaginas: Babey Widutschinsky Trepman, «Living Every Minute», em *Before All Memory Is Lost*, 383.

303 Rivka Glanz [...] denunciaram este género de comportamento: Zuckerman, *Surplus of Memory*, 108, sobre Rivka; Reinhartz, *Bits and*

[Pieces, 33, para uma noção da sua personalidade.](#)

[303 Anka Fischer \[...\] presa: Draenger, Justyna's Narrative, 98-99.](#)

[303 Mina Fischer: a sobrevivente pediu-me que usasse um pseudónimo. Encontrei o seu testemunho inédito na coleção da Azrieli Foundation.](#)

Terceira parte: «Nenhuma fronteira deterá o seu avanço»

[305 «Estão prontas para tudo e nenhuma fronteira deterá o seu avanço»: Chaika Grossman, «For Us the War Has Not Ended», Women in the Ghettos, 180-82.](#)

Capítulo 23: O bunker e mais além

[307 «Bastava olhar \[...\] Będzin»: Kukielka, Underground Wanderings, 123. Esta secção baseia-se nas memórias de Renia, 123-24.](#)

[308 Meir Schulman e a mulher, Nacha: informação adicional em Ronen, Condemned to Life, 256-76.](#)

[308 Chajka tinha a sua versão da história: as secções seguintes a respeito de Chajka são baseadas em Klinger, «The Final Deportation», em Writing These Words to You, 33-79; as citações diretas foram também tiradas dessas páginas. O relato de Chajka é semelhante ao que aparece nas memórias de Renia, contado por Meir Schulman, 124-28. Fela Katz, membro do A Jovem Guarda de Sosnowiec, também conta uma história semelhante nas suas memórias \(conservadas no arquivo do Instituto Histórico Judaico e publicadas em Jerzy Diatłowski, ed. Jews in Battle, 1939-1945\), embora a história dela inclua referências a](#)

vários combates a tiro. Os pormenores diferem ligeiramente em cada versão.

310 E as pessoas fazem amor: Kazik, o combatente do gueto de Varsóvia, escreveu a respeito do seu romance com Dvora Baran, ao lado da qual lutara no levantamento até ela ter sido morta. Tentaram manter em segredo as suas atividades amorosas, com receio de ofender os camaradas que tinham aderido aos códigos de pureza do movimento. «Era difícil saber quem eram os casais: os líderes do movimento halutz mantinham-se fiéis à «pureza sexual» e os romances eram sobretudo platónicos», escreveu mais tarde, referindo-se à sua unidade de combate. «Os casais conversavam muito, falavam dos seus sentimentos, sonhavam.» O comandante da unidade de Kazik, no entanto, ficou aborrecido por ele não o ter informado do seu romance com Dvora – queria festejá-lo. Muitos abriam exceções naqueles tempos fatais. Sexo e morte eram uma combinação demasiado inevitável. Uma noite, no bunker, estendidos no seu monte de mantas, os dois decidiram não continuar a conter-se. «Tens um preservativo?» perguntou Dvora, como se a vida fosse normal. Kazik não tinha. Por isso, ficaram deitados a conversar toda a noite. Depois de Dvora ter sido morta, e de ele ter perdido a virgindade com uma rapariga polaca, Kazik apaixonou-se pela correio Irena Gelblum «com todo o fogo da minha juventude». Enquanto viveram no lado ariano, costumavam ir até ao parque, para não ofender os líderes do movimento.

311 Não havia armas além das duas que tinham levado: Chajka escreve que, no bunker do kibbutz, não havia armas e dá a entender que as únicas de que dispunham eram as duas que os combatentes do A Jovem Guarda tinham levado. De acordo com o relato de Meir, tinham várias armas, que esconderam.

311 Chawka Lenczner: a informação a respeito de Chawka é do seu testemunho guardado no arquivo do Yad Vashem e de Ronen, *Condemned to Life*, 91-103. Chawka chegou a Będzin no âmbito de um esquema de emigração que correu mal. No gueto, era paramédica e ajudava a resgatar crianças. Falava um polaco fluente e a sua aparência era «boa».

311 Sarah, a irmã de Renia: a presença de Sarah no bunker está registada em David Liwer, A Cidade dos Mortos: O Extermínio dos Judeus na Região de Zagłębie (Telavive, Isr., 1946).

313 Chajka, que nada sabia do trato: Ronen, Condemned to Life, e Meir (no seu relato nas memórias de Renia) contam versões ligeiramente diferentes deste acordo. Segundo Ronen, o camarada que saiu foi Max Fischer; para Meir, foi Moshe Marcus.

314 tanto dinheiro: no seu testemunho no Instituto Histórico Judaico, Fela Katz afirma que, a dada altura, o A Jovem Guarda, o Liberdade e o Gordonía partilhavam cerca de 70 mil reichsmarks (podiam destinar-se a reinstalar camaradas junto dos partisans). Hershel Springer tinha um cofre no bunker.

314 «Nós íamos ajudá-los, e vocês iam matar-nos»: do relato de Meir em Kukielka, Underground Wanderings, 126.

321 «Temos um pouco [...] quando acabar?»: Kukielka, Underground Wanderings, 127. Esta cena baseia-se em ibid., 127-28.

321 a história de um outro bunker: a história do bunker dos combatentes é tirada de Kukielka, Underground Wanderings (contada por Ilza), 128-30; Klinger, Writing These Words, 159-65 (ficcioneou em parte o seu relato para imaginar o que teria acontecido aos camaradas nos seus últimos momentos), e no testemunho do polícia judeu Abram Potasz, publicado em Klinger, Writing These Words, 181-84. Em vários relatos adicionais, este bunker é referido como «bunker da lavandaria».

322 «um brilho pouco habitual [...] morte honrosa»: Kukielka, Underground Wanderings, 129.

322 «A casa estava [...] um mar de chamas»: Kukielka Underground Wanderings.

322 Um gemido inumano [...] chalutzim caídos: Klinger, Writing These Words, 182-83.

323 «com uma calma perfeita, estoica, sádica»: Klinger, Writing These Words, 183.

323 «lançaram-se [...] pedaços esmagados de seres humanos»: Klinger, Writing These Words, 164.

323 Chajka estava viva [...] na cozinha do campo: esta secção sobre o campo de extermínio baseia-se em Klinger, Writing These Words, 71-79, incluindo as citações diretas.

Capítulo 24: A rede da Gestapo

325 Desesperada, elétrica, Renia: salvo indicação em contrário, esta secção, incluindo diálogos e citações, baseia-se em Kukielka Underground Wanderings, 130-52.

325 Hanoar Hatzioni: um grupo juvenil sionista menos político, cujo foco eram o pluralismo e a unidade judaicos, aberto ao debate e a todos os que se considerassem judeus. Promoviam o resgate.

326 fez tudo o que estava ao seu alcance para conseguir o que queria: do testemunho de Renia no Yad Vashem. «Também sou muito teimosa. Faço tudo o que posso para conseguir o que quero na vida.»

327 acordadas [...] linhagens fictícias: Rotem, *Memoirs of a Ghetto Fighter*, 63.

327 muito zangada: segundo Ronen, *Condemned to Life*, 357-70, Bolk cumpriu a sua palavra e ajudou-as. De acordo com Namyslo, *Before the Holocaust Came*, 25, o nome dele era Boleslaw Kozuch.

328 camaradas a sair: segundo Liwer, *A Cidade dos Mortos*, 18, depois deste resgate, Sarah comunicou que havia 23 camaradas e duas crianças escondidos em vários lugares no lado ariano.

330 «Foi a primeira vez [...] neste preciso instante»: Renia conta uma versão diferente desta história no seu testemunho no Yad Vashem. Um vendedor de sapatos escondeu dinheiro no seu sapato, e ela não se lembra da morada da sapataria. Neste relato, Renia disse à Gestapo que era de Varsóvia porque sabia que as correios tinham sido apanhadas à volta de Białystok e de Vilna.

333 E não digas uma palavra a meu respeito: no seu testemunho no Yad Vashem, Renia afirma ter dito a Ilza que a estrangularia se dissesse a alguém que ela era judia.

333 uma das mais brutais: para o relato de uma prisioneira sobre a brutalidade que enfrentou, ver «Escape from a Polish Prisoner of War Camp», *WW2 People's War*, <https://www.bbc.co.uk/history/ww2peopleswar/stories/63/a3822563.shtml>.

338 «depenar penas», ou, mais exatamente, a remover as hastes duras das penas: Grunwald-Spier, *Women's Experiences in the Holocaust*, 173-74.

Capítulo 25: O cuco

339 Bela Hazan: esta secção, incluindo todos os diálogos e citações, baseia-se em Ya'ari-Hazan, Bronislawa Was My Name, 68-93. Também colhi do testemunho de Bela «From Ghetto to Ghetto», Women in the Ghettos, 134-39.

341 «Sinto que eles estão a observar-nos»: citado em «From Ghetto to Ghetto», Women in the Ghettos, 134-39.

341 Shoshana Gjedna: nos relatos de Bela, Shoshana foi presa como judia; segundo Women in the Ghettos, foi morta. Mas Lubetkin, Days of Destruction, 305, e Zuckerman, Surplus of Memory, 472, dizem que a confundiram por polaca, sobreviveu a vários campos e fez a aliyah. Listam o seu nome de casada como Klinger. O GFH conserva várias fotografias dela dos anos de 1940.

342 que as enforcaram em candeeiros de uma ponta a outra de Varsóvia: Bela não fala de «candeeiros», mas Zuckerman, Surplus of Memory, 429, refere que esta era uma forma habitual de enforcar os prisioneiros de Pawiak.

343 Auschwitz-Birkenau começou por ser: Paldiel, Saving One's Own, 382-84; Tec, Resistance, 124.

343 uma banda: «Official Camp Orchestras in Auschwitz», Music and the Holocaust, <http://holocaustmusic.org/places/camps/death-camps/auschwitz/camp-orchestras>.

345 «centro comunitário» ou «café»: Ostrower, 149.

347 Mengele: Josef Mengele realizou experiências médicas inumanas com prisioneiras e enviou muitas para as câmaras de gás.

347 «Puxei o fio da vida [...] sobreviverás»: esta citação é uma amálgama dos diferentes testemunhos de Bela em Women in the Ghettos e Bronisława Was My Name.

348 Disse um silencioso Kaddish: Yaari, «Uma Corajosa Ligação».

348 Renia olhou para Ilza: esta secção, incluindo diálogo e citações, baseia-se em Kukiełka, Underground Wanderings, 152-60.

Capítulo 26: Irmãs, vingança!

354 setembro de 1943: data estimada com base na história de Renia.

354 Mysłówice. Entraram num pátio grande: salvo indicação em contrário, este capítulo, incluindo diálogos e citações, baseia-se em Kukiełka, Underground Wanderings, 160-73.

356 professoras e pessoas da sociedade: Kukiełka, testemunho no Yad Vashem.

356 Mirka era judia: a descrição de Mirka é também do testemunho de Renia no Yad Vashem.

360 se soubesse: no seu testemunho no Yad Vashem, Renia conta uma história diferente. A dada altura, abriu-se com Mirka e disse-lhe o seu verdadeiro nome para o caso de ser morta e aparecer alguém a procurá-la. Mirka não queria acreditar que alguém que rezava tão fluentemente com as mulheres cristãs fosse judia. Renia não podia mostrar que estava a desenvolver uma amizade com uma judia e avisou Mirka para nunca a abordar. Anos mais tarde, em Israel, Renia ia a

caminho do casamento do irmão em Jaffa com a banda. Enquanto corria para a cerimónia, avistou uma desgrenhada Mirka na rua, com uma criança nos braços. Renia ficou encantada e surpreendida, mas não podia demorar-se a conversar. Mirka disse-lhe que vivia ali perto com o marido e o filho – apontou para o edifício – e pediu-lhe que a procurasse. Renia passou muito tempo a tentar encontrá-la, indo de porta em porta, falando com os vizinhos. Chegou até a fazer um apelo num programa de rádio israelita que procurava sobreviventes. Nunca a encontrou.

362 tinta encarnada das borlas dos sapatos [...] alisar os cabelos e esconder as brancas: Goldenberg, «Camps: Foreword», 273; Rebekah Schmerler-Katz, «If the World Had Only Acted Sooner», em Before All Memory Is Lost, 332.

362 a resistência: Brandeis, «Rebellion in the Ghettos», em Daring to Resist, 127. Ver Tec, Resistance, 124-27, para o início da resistência em Auschwitz.

362 Anna Heilman: nascida Hannah (Hanka) Wajcblum. A sua história baseia-se nas memórias que escreveu: Anna Heilman, Never Far Away: The Auschwitz Chronicles of Anna Heilman (Calgary: University of Calgary Press, 2001), bem como no seu testemunho em Mothers, Sisters, Resisters, 295-98. O seu testemunho oral está guardado na coleção da USC Shoah Foundation. Apesar de aqui ter sido contada esta história, sobretudo da perspetiva de Anna, outras fontes oferecem versões diferentes, com pormenores contraditórios quanto a quem esteve envolvido, quem iniciou o contrabando de pólvora, como funcionava esse contrabando, como foram apanhadas, como se soube da revolta e quem sobreviveu. Na minha história integrei informação de diversas fontes, incluindo da história oral de Noach Zabłudovits, «Death Camp Uprisings», em Daring to Resist, 133; In Honor of Ala Gertner, Róza Robota, Regina Safirztajn, Ester Wajcblum: Martyred Heroines of the Jewish Resistance in Auschwitz Executed on January 5, 1945 (Editor desconhecido, 1991?); «Prisoner Revolt at Auschwitz – Birkenau», USHMM, <https://www.ushmm.org/learn/timeline-of-events/1942-1945/auschwitz-revolt>; «Revolt of the 12th Sonderkommando in Auschwitz», Jewish Partisan Educational Foundation, <http://jewishpartisans.blogspot.com/search/label/Roza%20Robota>; Ronen Harran, «The Jewish Women at the Union Factory, Auschwitz

1944: Resistance, Courage and Tragedy», Dapim: Studies in the Holocaust 31, n. 1 (2017): 45-67; Kol-Inbar, «Three Lines in History», 538-39; Rose Meth, «Rose Meth», em Mothers, Sisters, Resisters, 299-305; Paldiel, Saving One's Own, 384; Tec, Resistance, 124-44. A página 136 e Resistance discute a falta de pormenores e números precisos para esta história.

363 grande estrutura de um só piso e telhados de vidro: de acordo com as imagens do filme The Heart of Auschwitz, realizado por Carl Leblanc, Canada, 2010. Segundo Harran, Jewish Women at the Union Factory, 47, a Union era originariamente uma fábrica de bicicletas, mas em 1940 criou uma subsidiária que produzia armas.

363 protetor masculino: segundo as memórias de Anna, alguns «amantes» tinham relações sexuais, outros não. Estes homens, com passes para entrar no campo de trabalho das mulheres, levavam-lhes itens como comida.

364 Roza Robota: além das fontes listadas acima, respeitantes à resistência em Auschwitz, a informação sobre Roza é de Jack Porter, «Jewish Women in the Resistance», Jewish Combatants of World War 2, n.º 3 (1981); Na'ama Shik, «Roza Robota», The Encyclopedia of Jewish Women, <https://jwa.org/encyclopedia/article/roba-roza>.

364 Segundo outros relatos: a maior parte dos relatos concordam em que foram os homens a iniciar o movimento. Muitos afirmam que foram eles que pediram a Roza que recolhesse a pólvora das outras prisioneiras. Com frequência, Roza é apresentada como a líder feminina da operação.

365 Francesca Mann, uma bailarina do famoso clube noturno [...]. Melody Palace: há muitos relatos a respeito de Francesca Mann, que, por vezes, é referida como Katerina Horowicz. Alguns relatam que fez propositadamente um provocante striptease; noutros, reparou que estava a ser mirada pelos guardas nazis. Em alguns, atirou-lhes roupas; noutros, um sapato. Em alguns, outras mulheres juntaram-se ao ataque. Ver, por exemplo: Women of Valor, 44; Grunwald-Spier, Women's

Experiences in the Holocaust, 266-71; Kol-Inbar, «Three Lines in History», 538. Segundo Vitis-Shomron, Youth in Flames, 200, era uma colaboracionista.

365 500 mulheres: Reinhartz, Bits and Pieces, 42.

365 Em Budy, um subcampo agrícola: Goldenberg, «Camps: Foreword», 269.

365 Em Sobibor: na revolta de Sobibor, os judeus mataram 11 guardas das SS e polícias auxiliares, incendiando o campo. Cerca de 300 escaparam através de cortes no arame farpado; quase 200 conseguiram escapar sem serem recapturados. Para esconder o seu trabalho na clandestinidade, o chefe da resistência em Sobibor fingiu que estava a ter um caso com uma mulher, «Lyuka» (Gertrude Poppert-Schonborn). Como disfarce de ambos, ela ouviu todo o planeamento e deu-lhe uma «camisa da sorte» na véspera da fuga. Ver «Jewish Uprisings in Ghettos and in Camps», USHMM Encyclopedia, <https://encyclopedia.ushmm.org/content/en/article/jewish-uprisings-in-ghettos-and-camps-1941-44>; Paldiel, Saving One's Own, 371-82; Tec, Resistance, 153-57.

365 mulheres roubaram armas: Tec, Resistance, 155.

365 Mala Zimetbaum, que falava seis línguas: a informação sobre Mala foi colhida de várias fontes, cada uma com pormenores diferentes a respeito do seu passado, fuga e assassinio. Ver Grunwald-Spier, Women's Experiences in the Holocaust, 271-75; Jack Porter, «Jewish Women in the Resistance»; Na'ama Shik, «Mala Zimetbaum», The Encyclopedia of Jewish Women, <https://jwa.org/encyclopedia/article/zimetbaum-mala>; Ya'ari-Hazan, Bronislaw Was My Name, 109-13.

366 duas raparigas de quinze anos vindas da Alemanha: no relato de Bela em Women in the Ghettos, 134-39, afirma-se que

contrabandearam para o campo 14 raparigas de Łódź e Theresienstad.

367 Outra sobrevivente de Auschwitz relatou: Olga Lengyel, «The Arrival», Different Voices, 129.

367 Enfraqueciam fios de cânhamo [...] para que as canalizações congelassem: ver, por exemplo, Karay, «Women in the Forced Labor Camps», 293-94, e Laska, «Vera Laska», Different Voices, 254; Suzanne Reich, «Sometimes I Can Dream Again», em Before All Memory Is Lost, 315.

367 Fania Fainer: nascida Fania Landau. Originariamente de Białystok, Fania foi deportada para um campo de trabalho forçado, e depois para Auschwitz, onde trabalhou na Union.

367 Zlatka Pitluk: nascida Snajderhauz. Esta história a respeito do cartão é de The Heart of Auschwitz, realizado por Carl Leblanc, Canadá, 2010; Entrevista pessoal, Sandy Fainer, telefone, 27 de novembro de 2018; cartaz de parede, Montreal Holocaust Museum, Montreal.

368 18 outras prisioneiras, incluindo: são elas, Hanka, Mania, Mazal, Hanka W, Berta, Fela, Mala, Ruth, Lena, Rachela, Eva Pany, Bronia, Cesia, Irena, Mina, Tonia, Gusia e Liza. Em The Heart of Auschwitz, Anna afirma que não assinou o cartão e que «Hanka W.» não era ela.

367 Quando Fania estava quase a fazer vinte anos [...] «o que em tempos fizeste»: o coração foi deixado na bancada de trabalho de Fania no dia do seu aniversário, 12 de dezembro de 1944. Ela escondeu o precioso presente, embrulhado num pouco de palha, no teto do barracão. Numa marcha da morte em janeiro de 1945, escondeu o coração debaixo da axila e transportou-o durante todo o trajeto. Fania sobreviveu e o coração também, a única relíquia dos primeiros vinte anos da sua vida, que ela guardou na gaveta da roupa interior até que a filha o encontrou, muitas décadas mais tarde. Em The Heart of Auschwitz, uma mulher que estava na Union afirma que esta história é

impossível, e que de modo algum as mulheres podiam ter reunido os materiais, ou que Fania o tivesse tido consigo durante toda a marcha da morte, em que as pessoas eram abatidas a tiro por darem um passo fora da linha. Outras referiram que nunca se ouvira falar de festejar um aniversário em Auschwitz.

369 30 judias: segundo Harran, Jewish Women at the Union Factory, 51-52, estiveram envolvidas mais de 30 mulheres; a maior parte delas judias polacas. Cinco eram de Varsóvia e cinco de Bedzin; algumas eram membros do A Jovem Guarda. E lista outros nomes: Haya Kroin, Mala Weinstein, Helen Schwartz, Genia Langer. Outras mulheres envolvidas incluem: Faige Segal, Mala Weinstein, Hadassah Zlotnicka, Rose Meth, Rachel Baum, Ada Halpern, Hadassah Tolman-Zlotnicki e Luisa Ferstenberg.

369 nas costuras dos aventais: ver Tec, Resistance, 139-41, para uma história a respeito de Roza usar aventais com camadas escondidas.

369 Kitty Felix tinha como missão revistar: hoje dá pelo nome de Kitty Hart Moxon. Grunwald-Spier, Women's Experiences in the Holocaust, 275-77.

370 um crematório: em alguns relatos, foi o crematório número 3; noutros, o número 4.

370 pólvora que só podia [...] Pulverraum: em alguns relatos, a pólvora da Union não esteve ligada à explosão, enquanto outros afirmam que toda a pólvora veio da Union e que as mulheres foram parte integrante deste caso único de resistência armada em Auschwitz.

370 Numa versão: Harran, Jewish Women at the Union Factory, 53-56, e Tec, Resistance, 138.

371 As raparigas foram condenadas à força: segundo Harran, Jewish Women at the Union Factory, 60-64, foram sentenciadas por sabotagem de produtos e não pelos seus esforços de resistência. Os nazis estavam irritados com extensão da sabotagem nas suas fábricas de trabalho forçado. O enforcamento público destas quatro raparigas teve como objetivo dissuadir outras de praticar atos de sabotagem e provar às autoridades de Berlim que o problema estava sob controlo.

Capítulo 27: A luz dos dias

372 um polícia alemão esperava por Renia: salvo indicação em contrário, este capítulo baseia-se em Kukielka, Underground Wanderings, 173-79, incluindo citações diretas.

373 Um dos polícias: Renia descreve-o e à relação entre eles de uma maneira um tudo-nada diferente no seu testemunho no Yad Vashem.

376 «Mesmo que me espetassem com uma faca, não quebraria»: Kukielka, testemunho no Yad Vashem.

Capítulo 28: A grande fuga

380 cigarros e bebida: no seu testemunho no Yad Vashem, Renia fala de salsichas e vodka.

382 da prisão de Montelupich: esta secção baseia-se em «Montelupich Prison», Shoah Resource Center, https://www.yadvashem.org/odot_pdf/Microsoft%20Word%20-%206466.pdf; Draenger, Justyna's Narrative, 9-15, 27-29; Grunwald-Spier, Women's Experiences in the Holocaust, 209-10; Kol-Inbar, «Three Lines in History», 520-21; Margolin Peled, «Gusta Dawidson Draenger»; Margolin Peled, «Mike Gola.»

382 «Fizemo-lo [...] outros ainda mais fortes»: Draenger, Justyna's Narrative, 29.

382 «elevação espiritual» e «irmandade»: citado em Kol-Inbar, «Three Lines in History», 521.

383 que tinham estado a planear uma fuga: versões ligeiramente diferentes desta fuga aparecem em Draenger, Justyna's Narrative, 18-19; Grunwald-Spier, Women's Experiences in the Holocaust, 209-10; Peled, «Gusta Dawidson Draenger», e Peled, «More Gola», ambas na Encyclopedia of Jewish Women.

384 vestido novo, um xaile e sapatos: numa outra versão, Halina deu a Renia o seu muito reconhecível casaco de couro.

388 Marek, em contrapartida, teve um fim menos afortunado: Zuckerman, Surplus of Memory, 406.

388 Dia após dia, Renia: o resto deste capítulo baseia-se em Kukielka, Underground Wanderings, 191-200, incluindo citações diretas.

389 Outros relatos: Ronen, Condemned to Life, 357-70.

389 A questão de saber se [...] continua em aberto: Yad Vashem, «Justos Entre as Nações», inclui salvadores que aceitaram pagamento desde que a quantia não fosse extorquida e que os judeus não tivessem sido maltratados ou explorados. Ver Paulsson, Secret City, 129.

391 duas semanas: Paulsson, Secret City, 382-83.

[391 cartazes de «Procura-se» \[...\] pelas ruas: Kukielka, testemunho no Yad Vashem.](#)

[392 Chajka fugira \[...\] a história de todos eles: Ronen, *Condemned to Life*, 341-70.](#)

[394 Muniosh, do kibbutz Atid: cabelos castanhos, pele pálida, orelhas pontiagudas: de uma fotografia do grupo em Budapeste conservada no arquivo da Casa-Museu dos Combatentes do Gueto.](#)

Capítulo 29: Zag nit keyn mol az du geyst dem letstn veg

[395 A Canção dos Partisans: esta canção em iídiche foi escrita por Hirsh Glick no gueto de Vilna e é uma das mais conhecidas da resistência judaica.](#)

[395 Gisi Fleischmann: a informação sobre Gisi, bem como sobre a Eslováquia, é sobretudo de «Slovakia», Centro de Pesquisa da Shoa, \[http://www.yadvashem.org/odot_pdf/Microsoft%20Word%20-%206104.pdf\]\(http://www.yadvashem.org/odot_pdf/Microsoft%20Word%20-%206104.pdf\); Yehuda Bauer, «Gisi Fleischmann», *Women in the Holocaust*, 253-64; Gila Fatran, «Gisi Fleischmann,» *The Encyclopedia of Jewish Women*, <https://jwa.org/encyclopedia/article/fleischmann-gisi>; Paldiel, *Saving One's Own*, 100-136.](#)

[396 20 mil judeus \[...\] 500 marcos por judeu: Paldiel, *Saving One's Own*, 101-2.](#)

[398 Depois de comer, Renia: o resto deste capítulo baseia-se em Kukielka, *Underground Wanderings*, 147-218, incluindo citações diretas.](#)

399 de cabelos negros e encantador: de uma fotografia conservada no arquivo da Casa-Museu dos Combatentes do Gueto.

400 Chajka teve um despertar muito diferente: a história de Chajka e Benito, incluindo citações diretas, é de Ronen, *Condemned to Life*, 384-402.

402 Não haveria novas passagens: segundo Ronen, *Condemned to Life*, 384-402, a operação terminou quando o contrabandista traiu o grupo e os refugiados foram capturados e enviados para Auschwitz.

402 Era a última Kukiełka: os escritos de Renia a respeito de Sarah são vagos. A minha sensação é que ela não tinha a certeza de que não voltaria a ver a irmã, mas tinha um pressentimento.

403 «Os húngaros [...] arianos»: Kukiełka, *Underground Wanderings*, 211.

404 fotografia de Renia numa rua de Budapeste: Rotem, *Memoirs of a Ghetto Fighter*, 90, refere que havia nas ruas de Varsóvia fotógrafos que fotografavam as pessoas e depois as avisavam quando a fotografia ficava pronta. A pessoa ia então buscá-la e pagar. Pode ser assim que as imagens de Vladka, Hela e Shoshana, e Renia foram captadas. (Ver encarte de fotografias.)

405 JDC [...] pagara aos funcionários do consulado polaco para fazer vista grossa: isto segundo Renia. O arquivo da JDC não o confirma.

405 começou a escrever as suas memórias: segundo Zariz, «Attempts at Rescue and Revolt», 23, Renia começou a escrever o seu diário em Budapeste.

405 fotografia dos camaradas na Hungria: a fotografia é do arquivo da Casa-Museu dos Combatentes do Gueto.

407 6 de março: os documentos de imigração de Renia para a Palestina registam 7 de março como data de entrada. Duas semanas mais tarde, Hitler invadiu a Hungria.

Quarta parte: O legado emocional

409 Entrevistador [...] estou bem: testemunho em vídeo, arquivo do Yad Vashem #4288059, 20 de junho de 2002.

409 «Tínhamos sido libertados [...] medo da vida»: citado em Paldiel, *Saving One's Own*, 394.

Capítulo 30: Medo da vida

411 «aquele [...] encontrará um lugar»: Klinger, *Writing These Words*, 49.

411 «como se tivesse chegado a casa dos meus pais»: testemunho de Renia, *Biblioteca Nacional de Israel*.

411 Até sobreviventes não sionistas eram atraídos por estes lugares: Avinoam Patt, «A Zionist Home: Jewish Youths and the Kibbutz Family After the Holocaust», em *Jewish Families in Europe*, 131-52.

412 «Sentíamo-nos [...] o mesmo direito à vida que eles»: Kukielka, *Underground Wanderings*, 218.

413 os políticos dos primeiros tempos de Israel [...] referiam-se a eles: esta discussão a respeito da narrativa do Holocausto em Israel baseia-se em Gutterman, *Fighting for Her People*, 12-19, 352-79, 455-67; Paldiel, *Saving One's Own*, xvii-xxi; Sharon Geva, *A Irmã Desconhecida: Heroínas do Holocausto na Sociedade Israelita* (Telavive, Isr.: Hakibbutz Hameuchad, 2010). Em *The Last Fighters*, Marek Edelman afirma que Israel é antissemita no que respeita aos judeus da Europa. Em Klinger, *Writing These Words*, 21, Ronen sugere que os diários de Chajka nunca foram populares porque não se enquadravam na narrativa da vítima nem na do combatente armado.

413 Não só a atividade antinazi parecia mais simpática do que a horrível tortura: Kol-Inbar, «Three Lines in History», 523-24, sobre como a narrativa heroica de Zivia era mais popular em Israel, em 1946, por ser mais agradável do que as histórias de vítimas.

413 «Porque precisamos [...] somos tão pequeninos»: *The Last Fighters*.

414 a falta de reconhecimento: ver, por exemplo, Gutterman, *Fighting for Her People*, 473-74.

414 Menachem Begin [...] menosprezava o levantamento: entrevista pessoal, Eyal Zuckerman, Telavive, Isr., 15 de maio de 2018.

414 não se deviam fazê-lo: Diner também faz notar que o levantamento do gueto de Varsóvia aconteceu na Páscoa; o tema da libertação ligado ao seder. Os judeus norte-americanos organizavam muitos eventos comemorativos nesta altura do ano. Mas eram eventos de luto, e o levantamento nunca foi uma questão central.

415 no meio acadêmico norte-americano uma tendência [...] até para culpar a vítima: Tec, *Resistance*, 1-15.

414 «mito da passividade»: Schulman, *Partisan's Memoir*, 10. Ver Eva Fogelman, «On Blaming the Victim», em *Daring to Resist*, 134-37.

415 «assim tão mau»: Ostrower, *It Kept Us Alive*, 14, 20, 64, 231, reconhece que certas linhas de inquirição podiam, sem o querer, dar uma ideia distorcida da gravidade e brutalidade do Holocausto.

415 num contexto em que o genocídio se desvanece na nossa memória: segundo um estudo de 2018 conduzido pela Conference on Jewish Material Claims Against Germany, dois terços dos millennials norte-americanos entrevistados numa sondagem recente não sabiam identificar Auschwitz.

415 Muitos escritores receiam [...] em última análise culpando a vítima: um dos lemas destes combatentes era «Não seremos levados como ovelhas para o matadouro», e significava uma formidável fonte de força para eles, mas, mais tarde, veio a ser visto como um ataque às vítimas. A maior parte dos combatentes – mesmo os que mataram nazis cara a cara – morreu; dos 3,3 milhões de judeus polacos, só 300 mil sobreviveram. Eram muitos os fatores que determinavam a forma como uma pessoa escolhia e podia responder à tortura do Holocausto, para não referir que havia muitas formas de resistência. Os mais poderosos exércitos do mundo não conseguiam derrotar Hitler, pelo que faz sentido que os famintos judeus sobreviventes não tenham ido para combate. Em *The Last Fighters*, Marek Edelman enfatiza que os verdadeiros heróis eram os judeus que iam para as câmaras de gás: «Era mais fácil empunhar uma arma do que caminhar nu para a morte.»

415 Todos estes fatores: fatores adicionais incluem a vergonha do fracasso, bem como o receio de que os esforços de resistência tivessem sido contraproducentes e até tivessem causado mais mortes. Segundo Gutterman, «Holocaust in Będzin», 63, alguns historiadores afirmam que o levantamento do gueto de Varsóvia levou os nazis a acelerarem o seu plano para matar todos os judeus. Para a perspetiva de que a resistência foi ineficaz e até prejudicial, ver Eli Gat, «The Warsaw Ghetto Myth» e «Myth of the Warsaw Ghetto Bunker: How It Began», no

Ha'aretz, 19 de dezembro de 2013 e 13 de janeiro de 2014, <https://www.haaretz.com/jewish/.premium-fiction-of-warsaw-ghetto-bunkers-1.5310568> e <https://www.haaretz.com/jewish/.premium-warsaw-ghetto-myths-1.5302604>. Segundo Mark, 41-65, a assunção de que os judeus não ripostaram está tão enraizada nas nossas mentes que a resistência judaica é, com frequência, considerada «um milagre», e não a ocorrência comum que foi. Faz notar que os judeus desvalorizam a resistência dizendo que uma pequena fração da população não conta como luta nacional; mas a verdade é que o combate, em qualquer luta nacional, é sempre travado por apenas uns poucos combatentes.

415 as histórias das mulheres foram silenciadas: a introdução de «as mulheres e o Holocausto» como tema de pesquisa foi uma jogada controversa e demorou anos a ser institucionalizada como área de estudo legítima devido ao desconforto causado pela possibilidade de o sofrimento estar a ser usado ao serviço de uma perspetiva política. Até as autoproclamadas estudiosas feministas do Holocausto tiveram problemas em focar-se nas mulheres quando esse foco se prestava a celebrações acríticas de amigos e parentes. Até algumas exposições recentes e recursos online especificamente a respeito de mulheres e o Holocausto continuam a incluir o «alerta» de que todos os judeus sofreram por igual.

416 Como autoras [...] para segundo plano: Ronen, «Women Leaders in the Jewish Underground During the Holocaust».

416 Lenore Weitzman [...] consideradas triviais: Weitzman, «Living on the Aryan Side», 217-19. Weitzman afirma que o combate armado (levado a cabo por homens) era notório, ao passo que as atividades de salvamento (realizadas por mulheres) eram secretas; as mulheres não estavam de um modo geral filiadas numa organização, empenhavam-se em atos individuais de resistência; os papéis das mulheres estavam definidos como auxiliares, apesar de serem os mais perigosos; as ações das mulheres (em particular salvar crianças) foram desvalorizadas; as mulheres não registaram as suas atividades nem procuraram o reconhecimento público depois da guerra. A discussão de Weitzman sobre como as kashariyot se perderam na História está em «Kashariyot (Couriers) in the Resistance During the Holocaust».

416 as pessoas iam julgá-las mentirosas ou loucas: Berger e Berger, eds., *With Courage Shall We Fight*, 45. Vários destes fatores são também pertinentes no caso dos sobreviventes homens.

416 acusadas por familiares [...] a tomar conta dos pais: numa entrevista pessoal, Nova Iorque, 9 de abril de 2018, Anna Shternshis contou uma história a respeito de uma partisan cuja irmã nunca lhe perdoou por ter abandonado a mãe, apesar de todas elas terem sobrevivido.

416 «dever sagrado» de «importância cósmica»: Helen Epstein, *Children of the Holocaust: Conversations with Sons and Daughters of Survivors* (Nova Iorque: Penguin, 1979), 23.

417 «sobreviventes profissionais»: entrevista pessoal, Rivka Augenfeld, Montreal, 10 de agosto de 2018.

417 opressivo complexo de culpa do sobrevivente: a mãe de Liba Marshak Augenfeld dera à filha a sua bênção para fugir do gueto e juntar-se aos partisans, o que lhe permitiu reconciliar-se de certa maneira com a sua decisão de abandonar a família. Mas muitas outras não tinham recebido essa bênção e eram esmagadas pela culpa. Entrevista com Augenfeld.

417 A sua narrativa parecia demasiado «egoísta»: Izhar, Chasia Bornstein-Bielicka, sobre o silenciamento de Chasia: 294, 309, 310, 313. Chasia não falava muito sobre a sua experiência na guerra, em parte por sentir que não fora assim tão má quando comparada com a de outros sobreviventes, em parte por causa das filhas. Muito mais tarde, quando, já adultas, lhe fizeram perguntas sobre o passado, contou-lhes a sua incrível história. Só então ficaram a saber que a mãe nunca mais dormira uma noite inteira.

417 porque era jovem, bonita [...] um passado romântico bastante colorido: por exemplo, entrevistas pessoais, Daniela Ozacky-Stern e

Yonat Rotbain, Givat Haviva, Isr., 14 de maio de 2018.

418 Faye Schulman, a partisan que passou anos: esta secção baseia-se em Schulman, Partisan's Memoir.

418 «o ponto mais baixo da minha vida [...] que nunca mais voltaria a ver»: Schulman, Partisan's Memoir, 192-93.

418 Quando a guerra acabasse [...] e mulher: Ibid., 188-89.

419 Algumas mulheres sobreviventes [...] laços de intimidade: entrevista com Starr.

419 «Sentíamos uma urgência de avançar rapidamente com o amor que restava em nós»: Schulman, Partisan's Memoir, 206.

419 «Por vezes, o mundo [...] quase mais real do que o presente»: Schulman, Partisan's Memoir, 224.

419 Zivia via os cavalos cansados: esta secção a respeito de Zivia e do levantamento de Varsóvia baseia-se em Gutterman, Fighting for Her People, 280-90; Lubetkin, Days of Destruction, 260-74; Zuckerman, Surplus of Memory, 526-29, 548-49, 550-56.

420 participaram judeus, incluindo mulheres, de todas as fações políticas: por exemplo, pediram a Irene Zoberman que distribuisse panfletos. Helen Mahut ensinou em escolas clandestinas polacas e aderiu ao AK, ao serviço do qual se deixou ficar horas num terminal de camionetas a memorizar insígnias nos camiões militares alemães; além de traduzir a Rádio Londres para polaco. Mina Aspler, ou «Martia Louca», cuidava de soldados feridos e era correio, levando mensagens

entre grupos. Zofia Goldfarb-Stypułkowska era sargento no movimento clandestino polaco.

420 Rivka Moscovitch foi morta [...] na rua: Grupańska, Reading the List, 96.

420 quase 90% dos seus edifícios tinham sido destruídos: as estatísticas diferem consoante o género de edifícios considerados. Ver Micholaj Gliniski, «How Warsaw Came Close to Never Being Rebuilt», Culture.pl, 3 de fevereiro de 2015, <https://culture.pl/en/article/how-warsaw-came-close-to-never-beingrebuilt>.

421 do abrigo de Zivia: esta história tem muitas versões. Ver, por exemplo, Gutterman, Fighting for Her People, 291-99; Lubetkin, Days of Destruction, 272-74; Warman, em Mothers, Sisters, Resisters, 288-94; Zuckerman, Surplus of Memory, 552-56.

421 «As pessoas rejubilavam [...] os restos solitários do nosso povo»: Lubetkin, Days of Destruction, 274. Zuckerman, Surplus of Memory, 558, 565, também descreve a libertação como deprimente.

421 foi o dia mais triste da vida de Zivia: o mundo que conhecera deixara oficialmente de existir: entrevista com Zuckerman.

421 Os judeus podiam ser mortos nas ruas: em 1946, mais de 40 judeus foram mortos por soldados, oficiais e civis polacos num pogrom que ocorreu em Kielce.

422 Zivia trabalhava para levar-lhes ajuda: este parágrafo baseia-se em Gutterman, Fighting for Her People, 303-45.

422 episódios que lhe faziam lembrar as Aktions do gueto: Gutterman, Fighting for Her People, 381. Esta secção a respeito de Zivia na Palestina baseia-se em ibid., 349-487.

422 receosa de que a natureza namoradeira [...] com outras mulheres: Gutterman, Fighting for Her People, 386, 389. Não está claro aonde foi Gutterman buscar esta informação pessoal.

422 «um circo», como lhe chamava: Gutterman, Fighting for Her People, 361.

422 «Estava ali como uma rainha»: Blue Bird.

423 regressou grávida a Israel [...] mas que agora lhe ficava apertado: entrevista com Zuckerman.

423 herdara a tolerância do pai: como é referido na história, tanto Renia como Bela iam buscar força aos pais. Também Faye sentia que a competência da mãe e a natureza terna do pai a tinham dotado de independência e força pessoal. «Sentíamos muito amados pelos nossos pais», escreveu Faye posteriormente. «Acredito que foi este amor que me deu a segurança e as capacidades que mais tarde tão bem me serviram.»

424 «catástrofe pode abater-se sobre nós sem aviso»: Shelub e Rosenbaum, Never the Last Road, 174. Liba Marshak Augenfeld e o marido voavam sempre separados. Fruma Berger tinha um medo enorme dos trovões, que lhe faziam lembrar um ataque militar.

424 Surgiram controvérsias: discutido em Gutterman, Fighting for Her People, 418-23.

424 obrigada por Leon Uris a comprar um vestido [...] evento importante: Gutterman, *Fighting for Her People*, 452.

424 «Dá uma palmada no teu rabo!»: entrevista com Zuckerman.

425 recebia hóspedes e criava dois filhos: segundo The Zuckerman Code, algumas pessoas referiam-se à casa deles como uma «shiva perpétua». Epstein, *Children of the Holocaust*, 176, escreve a respeito de sobreviventes que recorriam ao trabalho constante para lidar com a sua situação; isto dava-lhes segurança financeira e não lhes deixava tempo para pensar.

425 só alinhou no jogo porque sabia que ia perder: entrevista com Zuckerman.

425 «Pode-se saber muito [...] “Eu” numa frase»: entrevista com Zuckerman. Zuckerman, *Surplus of Memory*, ix, também refere este lema.

425 «Como é possível não os ter obrigado a sentarem-se e perguntar-lhes»: The Zuckerman Code.

426 «O que devo fazer [...] ou o quê?»: The Zuckerman Code.

426 Muitos filhos de sobreviventes sentiam [...] «justificando» a sobrevivência dos pais: Epstein, *Children of the Holocaust*, 170-71, 195-96, 207-10.

426 «Um filósofo é inútil numa floresta»: Shelub e Rosenbaum, *Never the Last Road*, 186.

426 Eyal, que é o nome hebraico do ZOB: segundo The Zuckerman Code, foi apenas uma coincidência e não deu à filha o nome do ZOB.

426 Embora confesse [...] uma fonte de força: entrevista com Zuckerman.

426 pergunta-se [...] a divertir-se: The Zuckerman Code.

426 Com a sua «hipermoralidade»: em The Zuckerman Code, Roni recusa divertir-se em Varsóvia. Epstein, Children of the Holocaust, 201, 230, dá exemplos de filhos de sobreviventes que se colocaram em situações perigosas só para provar que podiam sobreviver-lhes.

426 «os Zuckerman não choram»: The Zuckerman Code.

427 «nunca temos [...] avançar na vida»: The Zuckerman Code.

427 «O destino determinou [...] alternativa»: Lubetkin, Days of Destruction, 275.

427 Zivia era perseguida pela culpa: entrevista com Zuckerman.

427 A pedido de Antek [...] precisas mais palavras: Blue Bird.

427 Sem ela, a frágil existência [...] disse Eyal: entrevista com Zuckerman.

427 «como lava a jorrar do chão e a esguichar para cima»: Zuckerman, Surplus of Memory, 677.

427 nunca mais voltaram de verdade a encontrar-se depois dos seus traumáticos e hiperdramáticos vinte anos: entrevista pessoal, Barbara Harshav, Nova Iorque, 9 de março e 23 de abril de 2018. Harshav enfatizava que muitos líderes da defesa judaica do gueto de Varsóvia se tornaram «zês-ninguém» em Israel; vários deles tiveram dificuldade em encontrar-se. (Mas não todos – refere também que Kazik se tornou o feliz proprietário de uma cadeia de supermercados.)

427 «Zivia era o ramo e Antek o tronco [...] por mais forte que pareça»: citado em entrevista com Zuckerman.

428 simpatia pelo Exército Nacional: Tec, Resistance, 31, inclui uma história sobre um polaco que só admitiu o seu papel na resistência em fins dos anos de 1970. Alguns afirmam que o ZZW do Betar nunca era mencionado na Polónia devido à sua ligação com a facção nacionalista do movimento clandestino polaco.

428 Uma polaca [...] vizinhos: Agi Legutko, visita ao gueto de Cracóvia, Festival de Cultura Judaica, Cracóvia, junho de 2018.

428 Irena Gelblum: em vários relatos, Renia refere-se a esta mulher como «Halina». Afirma até que ficou frustrada por nunca ter conseguido encontrá-la depois da guerra. Mas, de acordo com uma nota de rodapé em Regina Kukielka, «Na Rede da Gestapo», Livro Memorial de Zagłębie, ed. J. Rapaport (Telavive, Isr., 1972), 436, «Halina» era Irena Gelblum. Irena envolveu-se com Kazik e era uma destemida operacional de Varsóvia. Tinha sido enviada para Zagłębie, presumivelmente por Zivia, para procurar correios desaparecidos e judeus escondidos em Będzin e dar-lhes dinheiro para se juntarem aos partisanos. Segundo um relato, enquanto lá estava, ouviu falar de Renia e falou com Sarah a respeito de ir com ela para Mysłowice. Depois da guerra, Irena foi para Itália, alterou o apelido para Conti e tornou-se uma poetisa, distanciando-se do passado. É mencionada em

Zuckerman, *Surplus of Memory*, 389, e referida como «Irka.» Ver: Joanna Szczesna, «Irena Conti», *Wysokie Obcasy*, 21 de abril de 2014.

428 Irena Adamowicz, a escuteira católica: Grupińska, *Reading the List*, 21.

428 Chajka Klinger chegou à Palestina: o resto da história baseia-se em Ronen, *Condemned to Life*, 403-79.

432 Nem toda a gente sobrevive sobrevivendo: entrevista com Harshav. Numa entrevista pessoal com Avihu Ronen, Telavive, Isr., 16 de maio de 2018, ele discute o legado de Chajka, dizendo que ela sempre foi alguém que ia «contra a corrente», e os netos, vários dos quais são negacionistas – mantiveram a tradição. Avihu considera-se um intelectual fora da caixa.

Capítulo 31: Força esquecida

432 o irmão de Renia: encontrei relatos contraditórios sobre os irmãos de Renia; é possível que tenha sido Aaron a ouvir o nome dela num campo de refugiados e que estivesse em Chipre. Parece que, ao princípio, o irmão pensou que fora Sarah que sobrevivera. Ver testemunho de Renia na Biblioteca Nacional de Israel e entrevistas pessoais, Yoram Kleinman, telefone, 11 de fevereiro de 2019.

432 Ambos os irmãos acabariam por conseguir chegar à Palestina: enquanto Renia viveu uma vida secular, os irmãos continuaram a ser religiosos durante toda a sua vida em Israel. Aaron viveu em Haifa, perto de Renia. Era investigador para a autoridade alfandegária e um chante que atuou internacionalmente. Segundo o filho Yoram, Aaron era igual a Renia: «movido pelo ego, dominante, duro e preocupado com questões de respeito». Mudou o apelido para Kleinman porque, como combatente do Irgun, tinha sido procurado pelos britânicos. Zvi era o suave, o calmo. Instalou-se em Jerusalém, era praticante e trabalhava para o ministério da Justiça. Renia e Zvi passavam muitas

horas a analisar o passado e a falar da guerra e da família. Mudou de nome para Zamir, um versão hebraica de kukielka, o cuco.

432 tinha sido apanhada [...] camaradas e órfãos: de acordo com uma nota de rodapé em Kukielka, «Na Rede da Gestapo», 436. Segundo o seu testemunho no Yad Vashem, Renia soube disto através dos Zuckerman depois de eles terem chegado a Israel, talvez em 1946.

432 «Por favor, cuidem da minha irmã Renia»: Liwer, A Cidade dos Mortos, 23.

432 Encorajada pelo poeta e político Zalman Shazar: a família de Renia contou que foi Zalman Shazar quem lhe disse para escrever as suas memórias; outras fontes referidas acima indicam que ela começou a escrever na Hungria. Entrevista pessoal, Jacob Harel e Leah Waldman, Haifa, Isr., 14 de maio de 2018.

432 a tradução da obra para hebraico a Chaim Shalom Ben-Avran, um famoso tradutor israelita: segundo o filho, Renia não gostou de algumas partes da tradução. Entrevista com Harel e Waldman. Não consegui localizar o manuscrito original em polaco, apesar de o ter procurado nos seguintes arquivos e organizações: Lavon, Yad Tabenkin, Kibbutz Dafna, Instituto Histórico Judaico, Hakibbutz Hameuchad e Naamat USA.

433 levavam o livro nas mochilas: Geva, À Irmã Desconhecida, 275.

433 num [...] leitura recomendada para estudantes: Hasia R. Diner, We Remember with Reverence and Love: American Jews and the Myth of Silence After the Holocaust, 1945-1962 (Nova Iorque: New York University Press, 2009), 96-109, 134.

433 referido no testemunho de pelo menos um outro sobrevivente: Fredka Mazia, testemunho no USHMM, 1991, <https://collections.ushmm.org/search/catalog/irn502790>. Fredka (Oxenhandler) Mazia era uma líder do Hanoar Hatzioni, um grupo que Renia critica na sua narrativa.

433 contribuiu para um livro memorial de Zaglembie: o seu contributo foi uma tradução editada e anotada de Underground Wanderings. Os livros memoriais (Yizkor), escritos originariamente em iídiche e/ou hebraico por sobreviventes, documentam as comunidades judaicas destruídas durante o Holocausto. Foram publicados mais de dois mil.

433 Depois desta catarse, sentiu-se capaz de seguir em frente: entrevista com Harel e Waldman.

433 deixara de estar na moda: entrevistas pessoais, Anna Shternshis, Nova Iorque, 9 de abril de 2018, e Avihu Ronen, Telavive, Isr., 16 de março de 2018.

433 A renovação era muito importante: o resto desta secção baseia-se em entrevistas pessoais com familiares de Renia.

434 «substitutos» de parentes falecidos: Uta Larkey, «Transcending Memory in Holocaust Survivors' Families», em Jewish Families in Europe, 216.

434 «parentes desaparecidos» [...] alterando as estruturas de parentes por gerações: ver, por exemplo, Michlic, ed., Jewish Families in Europe, e Epstein, Children of the Holocaust.

434 cheia de vida: segundo o sobrinho Yoram Kleinman, era «sarcástica, direta e podia-se falar com ela sobre o que quer que fosse». Entrevista com Kleinman.

434 não tinha visto a mãe envelhecer: nem tinham cuidado de pais mais velhos. Rivka Augenfeld, filha de partisans de Vilna, falava a respeito de como a sua geração aprendera a fazê-lo sozinha. Entrevista pessoal, Rivka Augenfeld, Montreal, 10 e 17 de agosto de 2018.

435 camaradas do Liberdade: Chawka Lenczner, Chana Gelbard e Yitzhak Fiszman.

435 Sentiam [...] não compreendessem a maior parte: ver Larkey, «Transcending Memory in Holocaust Survivors' Families,» 209-32.

435 mas ao mesmo tempo frágil: Epstein, Children of the Holocaust, 168-69, 178, 251, conta histórias a respeito de como os pais sobreviventes eram vistos como «frágeis»; os filhos tinham de os proteger.

436 conhecidos membros liberais do parlamento israelita: Chaika Grossman dedicou a sua vida ao serviço público, desde ajudar sobreviventes polacos a ser nomeada deputada ao Knesset, onde foi uma destacada defensora dos jovens, dos idosos e da igualdade para as mulheres da população árabe.

436 falavam todas as noites, às dez em ponto: Izhar, Chasia Bornstein-Bielicka, 272.

436 Fania mantinha-se em contacto [...] pelo mundo: entrevista pessoal, Sandy Fainer, telefone, 27 de novembro de 2018.

436 25 mil descendentes: Vershitskaya, 572.

436 «Irmãs» [...] das suas vidas anteriores: Gurewitsch, «Preface», Mothers, Sisters, Resisters, xi-xxi.

437 «Criei os meus filhos [...] viva dentro de mim com a mesma força»: Ya'ari Hazan, Bronislaw Was My Name. Esta secção baseia-se em Bronislaw Was My Name e na minha entrevista pessoal com Yoel Yaari, Jerusalém, 17 de maio de 2018. Numa correspondência por e-mail a 23 de dezembro de 2019, Yoel informou-me de que a história da libertação em Bronislaw Was My Name estava incorreta e forneceu-me pormenores atualizados.

437 «o grupo de Frumka»: Yoseph Baratz, «The Frumka Group», Women in the Ghettos, 182-84, diz que o grupo era composto por Bela e 30 raparigas com idades entre os dezoito e os vinte e dois anos.

437 Ordem da Cruz: a documentação a respeito desta condecoração (a Ordem da Cruz de Grunwald) está guardada no arquivo da Casa-Museu dos Combatentes do Gueto na forma de uma carta de Isaac Schwarzbart, em Londres, para Moshe Klinger no Mandato da Palestina, 26 de abril de 1945. (Arquivo HeHalutz em Inglaterra.) Existe alguma confusão quanto a quem foi atribuída a medalha, Frumka ou Hantze. Rivka Glanz também recebeu uma condecoração militar polaca. Faye, Chasia e as correios de Bialystok receberam medalhas do governo soviético.

437 aconselhava uma esfarrapada mistura de 73 órfãos judeus traumatizados: sem qualquer treino formal em psicologia, Chasia, com vinte e cinco anos, inventou o seu próprio sistema para gerir este traumatizado grupo. Criou «papéis familiares» para cada um deles, nomeando-se a si mesma a «irmã mais velha». İzhar, Chasia Bornstein-Bielicka, 319-20.

438 o filho [...] Yoel descreveu-a: o resto desta secção é da minha entrevista pessoal com Yoel Yaari, Jerusalém, 17 de maio de 2018.

439 Anna Heilman [...] no Darfur: «About Anna Heilman», <http://www.annaheilman.net/About%20Anna%20Heilman.htm>. Segundo a família, Chasia tinha um espírito aguçado, mas era calada, reservada e altruísta, uma humanista. Num recente debate político a respeito de refugiados, a família teve de decidir como votar. «Que diria Chasia?», perguntaram-se. A resposta foi clara: «pensem sempre no elo mais fraco da cadeia», seja qual for a situação. A família votou por ajudar os refugiados – o legado de empatia de Chasia. Liba Marshak Augenfeld, a partisan de Vilna, acolhia sempre pessoas em sua casa; os seders da família enchiam-se de pessoas que eram «refugiados das respetivas famílias». Rivka atribui aos pais o crédito de lhe terem passado um legado de «como ser o perfeito mentsch». Entrevista pessoal, Rivka Augenfeld, para mais pormenores.

439 «Cada vez que [...] número de telefone»: entrevista pessoal, Yoel Yaari, Jerusalém, 17 de maio de 2018.

439 debater-se com recordações difusas [...] em vez de uma narrativa completa: Epstein, Children of the Holocaust, 179, por exemplo, fornece exemplos de filhos de sobreviventes para os quais era difícil juntar as peças da história, por a narrativa ser desconexa e mais emocional do que cronológica.

439 Dias depois da libertação [...] a voz de uma criança judia: Cohen, Avengers, 148-49. Ruzka oferece uma versão ligeiramente diferente em Partisans of Vilna, na qual tinha também a certeza de que ela própria nunca mais voltaria a chorar ou a rir. Esta secção baseia-se em Neima Barzel, «Rozka Korczak-Marla», e «Vitka Kempner-Kovner», The Encyclopedia of Jewish Women; Cohen, Avengers; Michael Kovner, www.michalkovner.com; Korczak, Chamas em Cinza; Korczak, Tubin, e Rab, Zelda the Partisan; Ziva Shalev, «Zelda Nisanilevich Treger», The Encyclopedia of Jewish Women; Yehuda Tubin, Levi Deror et al., eds., Ruzka Korchak-Marle: The Personality and Philosophy of Life of a Fighter; Wilfand, Vitka Luta pela Vida; e entrevistas pessoais com Michael Kovner, Jerusalém, 17 de maio de 2018, e Daniela Ozacky-Stern e Yonat Rotbain, Givat Haviva, Isr., 14 de maio de 2018.

440 insultou o seu uso do iídiche, chamando-lhe «uma língua áspera»: entrevista pessoal, Daniela Ozacky-Stern e Yonat Rotbain, Givat Haviva, Isr., 14 de maio de 2018.

441 «cidade de bêbedos e assassinos»: citado em Cohen, Avengers, 172.

441 «CEO da vingança»: entrevista pessoal, Michael Kovner, Jerusalém, 17 de maio de 2018.

442 fez questão de contar histórias do Holocausto, mau grado a vontade de Sanka em esquecer o passado: Korczak, Tubin e Rab, Zelda the Partisan, 150.

442 uma charcutaria na Baixa de Telavive: de um artigo escrito por Ruth Meged para o Haaretz, 19 de abril de 1971, reproduzido em Zelda the Partisan, 136.

442 Moreshet [...] a dinâmica vida judaica na Polónia antes de 1939: entrevista com Ozacky-Stern e Rotbain.

442 nunca falava do passado: entrevista com Kovner.

442 «Vou viver»: entrevista pessoal, Kovner.

443 Com quarenta e cinco anos: algumas fontes dizem que foi com quarenta.

443 Foi discípula do doutor George Stern: para mais sobre Stern, ver «Color Psychotherapy», <http://www.colorpsy.co.il/colorPsyEng.aspx>.

Para o trabalho de Vitka como psicoterapeuta, ver Michael Kovner, «In Memory of My Mother», <https://www.michaelkovner.com/said04eng>.

443 com quem mantinha uma relação complexa: Ibid.

443 sentia-se atraída por pessoas intimidantes [...]. Tinha verdadeiro chutzpah: entrevista pessoal, Michael Kovner, Jerusalém, 17 de maio de 2018.

443 Vladka Meed chegou aos Estados Unidos: Leisah Woldoff, «Daughter of Survivors Continues Parents' Legacy», Jewish News, 23 de abril de 2014, http://www.jewishaz.com/community/valley_view/daughter-of-survivors-continues-parents-legacy/article_7249bb6e-cafb-11e3-8208-0017a43b2370.html.

444 «Quando entrava numa sala [...] era como uma chama»: entrevista pessoal com Jacob Harel e Leah Waldman, Haifa, Isr., 14 de maio de 2018. Esta secção é baseada em entrevistas pessoais com familiares de Renia.

444 «Como podia alguém? [...] passear pelas povoações»: entrevista pessoal, Merav Waldman, Skype, 23 de outubro de 2018.

444 viajou até ao Alasca: no seu testemunho no Yad Vashem, Renia enfatiza que viajou por todo o mundo – mas nunca voltou à Polónia.

445 Vitka com noventa e dois anos: a data de nascimento de Vitka varia consoante as fontes, mas a maior parte delas concorda em que morreu com noventa e dois anos.

445 continuavam vivas, todas elas com idades entre os noventa e cinco e os noventa e nove anos: a partisan Mira Rosnow ainda estava viva na altura em que escrevi, com noventa e nove anos. A irmã, Sara, também partisan, morreu com noventa e dois. Chayelev Porus Palevsky, uma partisan de Vilna, ainda estava viva. Liba Marshak Augenfild, partisan de Vilna, morreu com noventa e cinco.

445 «A família é o mais importante [...]. Mantenham-se sempre juntos»: Epstein, Children of the Holocaust, 182, 310, refere que a lealdade à família é um valor maior entre os sobreviventes.

445 vestidos brilhantes e grandes sorrisos: fotografia da coleção de Merav Waldman.

445 Como muitas crianças de terceira geração [...] a que ela respondia de bom grado: ver discussão sobre a 3G em Uta Larkey, «Transcending Memory in Holocaust Survivors». Como Dina Wardi explica, as mulheres de 2G e 3G são com frequência as «velas memoriais» da família. Como Irit Felsen explicou numa palestra a respeito do trauma intergeracional no The Wing, Nova Iorque, a 27 janeiro de 2020, a 2G sentia raiva e vergonha do passado dos pais, ao passo que a 3G se orgulhava das suas raízes como sobreviventes. (A segunda geração tinha uma «dupla parede» a separá-la dos pais, e cada geração queria proteger a outra, e por isso nunca falavam da guerra.)

Epílogo: Um judeu desaparecido

454 restaurantes temáticos judaicos da cidade como «Parque Ju-rássico»: entrevista pessoal, Jonathan Ornstein, Cracóvia, Pol., 25 de junho de 2018.

455 historiador Gunnar S. Paulsson [...] três a quatro polacos por cada judeu escondido: Paulsson, Secret City, 5, 129-130. Paulsson refere uma outra estimativa, na qual 160 mil polacos ajudaram a esconder judeus.

Na página 247 explica que isto não é o mesmo que salvar, destacando que havia muitas formas de os polacos ajudarem os judeus.

456 Alguns estudiosos [...] nos seus testemunhos: Paulsson, Secret City, 21-25, também enfatiza que, regra geral, as pessoas registam o inesperado nas suas memórias, e não necessariamente a norma. Sugere que a maior parte dos polacos não traiu os judeus que escondia, mas os que o fizeram deixaram uma impressão mais forte e, por isso, foram referidos.

456 «quem sofreu mais»: estou em dívida para com Samuel J. Kassow (conferência em «In Dialogue: Polish Jewish Relations During the Interwar Period») por ter inspirado as ideias deste parágrafo, e em particular o sentimento final a respeito de não «lavar» o antissemitismo e não entrar no jogo do quem sofreu mais.

457 por crianças que brincavam: uma explicação diferente em Marisa Fox-Bevilacqua, «The Lost Shul of Bełżin: Uncovering Poland's Once-vibrant Jewish Community», Haaretz, 7 de setembro de 2014, <https://www.haaretz.com/jewish/.premium-the-lost-shul-of-Bełżin-1.5263609>.

Nota da autora: sobre a pesquisa

461 memórias e testemunhos: para uma discussão a respeito do uso de memórias e testemunhos como fontes, ver, por exemplo: Michlic, ed., Jewish Families in Europe; Mervin Butovksy e Kurt Jonassohn, «An Exploratory Study of Unpublished Memoirs by Canadian Holocaust Survivors», em Paula J. Draper e Richard Menkis, eds., New Perspectives on Canada, the Holocaust and Survivors: Canadian Jewish Studies, Edição especial (Montreal: Association for Canadian Jewish Studies, 1997), 147-61; Frumi Shchori, «Viagem e Fardo: Mulheres Membros dos Movimentos de Luta Clandestinos nos Guetos da Polónia como Refletidos nas Suas Memórias (1945-1998)», tese, Universidade de Telavive, 2006.

461 alguns foram escritos à pressa [...] do medo de ser apanhada: Ronen, *Condemned to Life*, 52-63, explica as condições em que Chajka escreveu o seu diário: à pressa, com medo de esquecer as suas emoções, com medo de ser apanhada.

462 Usa, caracteristicamente, a palavra «nós»: o uso pelos cronistas do pronome coletivo «nós» numa tentativa de serem subjetivos é discutido em Rita Horvath, «Memory Imprints: Testimony as Historical Sources», em *Jewish Families in Europe*, 173-95.

462 «um excedente de memória»: Zuckerman, *Surplus of Memory*, viii.

462 não são «dados frios»: segundo Zuckerman, *Surplus of Memory*, 371, os documentos do ZOB nem sempre eram precisos. Não estavam a escrever para um arquivo histórico; com frequência escreviam para granjear simpatia e receber ajuda.

463 Quanto aos nomes de pessoas [...] de alcunhas: neste livro, a minha tendência foi para usar o nome sob o qual a mulher publicou ou era conhecida. Tentei usar as grafias mais simples para os leitores da versão em inglês. Incluí, com frequência, versões adicionais dos nomes nas «Notas finais».

464 usei antissemitismo [...] usar um hífen implicaria que «semitismo» existe: ver introdução a Kirshenblatt-Gimblett, Barbara e Antony Polonsky, eds., *POLIN, 1000 Anos de História dos Judeus Polacos – Catálogo da Exposição* (Varsóvia: Museu POLIN de História dos Judeus Polacos, 2014). Paulsson, *Secret City*, ix-xv, estuda as complexidades da terminologia nesta área.

465 240 viagens – por semana: citado em Laska, *Different Voices*, 255

Bibliografia

Esta é uma bibliografia selecionada que inclui as minhas fontes mais significativas. Outras são referidas nas «Notas finais». Uso a forma fonética dos nomes tal como são usados pelas próprias fontes, embora a grafia possa nem sempre corresponder à que aparece ao longo do livro.

Fontes Arquivísticas

Alex Dworkin Canadian Jewish Archives, Montreal, Canadá.

Arquivo Ringelblum. (Acedido em diversas localizações e formatos.)

Arquivos JDC, Nova Iorque, EUA.

Arquivos Nacionais de Israel

- Documentos de imigração de Renia Kukielka.

Biblioteca Nacional de Israel, Jerusalém, Israel.

- Testemunho escrito de Renia Kukielka.

Casa-Museu dos Combatentes do Gueto, Israel.

- Uma fonte importante de testemunhos escritos e orais, artigos noticiosos contemporâneos e históricos, fotografias, correspondências, transcrições de palestras, elogios e outros documentos nunca publicados relacionados com a maior parte das personagens deste livro, incluindo vários testemunhos de Renia Kukielka.

Instituto Histórico Judaico Emanuel Ringelblum, Varsóvia, Polónia.

Instituto Internacional Massuah de Estudos Sobre o Holocausto, Tel Yitzhak, Israel.

Kibbutz Dafna, Israel.

Memorial do Holocausto e Centro de Estudo e Pesquisa Moreshet Mordechai Anielewicz, Givat Haviva, Israel.

The Wiener Holocaust Library, Londres, RU.

United States Holocaust Memorial Museum, Washington, DC.

- Registos de sobreviventes, livros raros, história oral e transcrições de conferências, arquivo digitalizado do gueto de Bialystok, versão digitalizada do Arquivo Ringelblum, objetos, fotografias, testemunhos vídeogravados e escritos.

Yad Vashem, Jerusalém, Israel.

- Uma importante fonte de testemunhos escritos e orais incluindo Renia Kukielka, Bela Hazan, Chawka Lenczner.

YIVO, Nova Iorque, EUA.

Fontes Online

Abaixo são referidas várias fontes online; incluí a homepage, mas não os artigos individuais.

Arolsen Archives —International Center on Nazi Persecution: Online Archive; <https://arolsen-archives.org/en/search-explore/search-online-archive>.

«BeforeTheyPerished» Exposição;
<https://artsandculture.google.com/exhibit/QRNJBGMI>.

Beit Hatfutsot: My Jewish Story, The Open Databases of the Museum of the Jewish People; <https://dbs.bh.org.il>.

Brama Cuckermana Foundation; <http://www.bramacukermana.com>.

Centropa; centropa.org.

Culture.pl; <https://culture.pl/en>.

Emanuel Ringelblum Jewish Historical Institute; <http://www.jhi.pl/en>.

Geni; <https://www.geni.com/family-tree/html/start>.

Historic Films Stock Footage Archive, YouTube channel;
<https://www.youtube.com/channel/UCPbqb1jQ7cgkUqX2m33d6uw>.

The Hebrew University of Jerusalem: Holocaust Oral History Collection;
<http://multimedia.huji.ac.il/oralhistory/eng/index-en.html>.

Holocaust Historical Society;
<https://www.holocausthistoricalsociety.org.uk>.

JewishGen; <https://www.jewishgen.org/new>.

Jewish Partisan Education Foundation;
<http://www.jewishpartisans.org>.

Jewish Records Indexing—Polónia; <http://jri-poland.org>.

Jewish Virtual Library; <https://www.jewishvirtuallibrary.org>.

Jewish Women's Archive: The Encyclopedia of Jewish Women;
<https://jwa.org/encyclopedia>.

Michael Kovner; <https://www.michaelkovner.com>.

Modern Hebrew Literature — a Bio-Bibliographical Lexicon;
<https://library.osu.edu/projects/hebrew-lexicon/index.htm>.

Museum of the History of Polish Jews POLIN: Virtual Shtetl;
<https://sztetl.org.pl/en>.

Museum of the History of Polish Jews POLIN: Polish Righteous;
<https://sprawiedliwi.org.pl/en>.

Narodowe Archiwum Cyfrowe (National Digital Archive);
<https://audiovis.nac.gov.pl>.

The New York Public Library: Yizkor Book Collection;
<https://digitalcollections.nypl.org/collections/yizkor-book-collection#/?tab=navigation>.

Organization of Partisans, Underground Fighters and Ghetto Rebels in Israel; <http://eng.thepartisan.org/> and
<http://archive.c3.ort.org.il/Apps/WW/page.aspx?ws=496fe4b2-4d9a-4c28-a845-510b28b1e44b&page=8bb2c216-624a-41d6-b396-7c7c161e78ce>.

Polish Center for Holocaust Research: Warsaw Ghetto Database;
<http://warszawa.getto.pl>.

Sarah and Chaim Neuberger Holocaust Education Center: In Their Own Words; <http://www.intheirownwords.net>.

Sharon Geva; <http://sharon-geva.blogspot.com/p/english.html>.

Silesiaheritage YouTube channel;

<https://www.youtube.com/user/silesiaheritage/featured>.

United States Holocaust Memorial Museum: Holocaust Encyclopedia;
<https://encyclopedia.ushmm.org>.

USC Shoah Foundation: Visual History Archive; <https://sfi.usc.edu/vha>.

Warsaw Before WW2, YouTube Channel;
https://www.youtube.com/channel/UC_7UzhH0KCna70a5ubpoOhg.

The World Society of Częstochowa Jews and Their Descendants;
<https://www.czystochowajews.org>.

Yad Vashem: Articles;
<https://www.yadvashem.org/articles/general.html>.

Yad Vashem: Exhibitions;
<https://www.yadvashem.org/exhibitions.html>.

Yad Vashem: Shoah Resource Center; www.yadvashem.org.

Yiddish Book Center: Oral Histories; <http://www.jhi.pl/en>.

YIVO Digital Archive on Jewish Life in Poland;
<http://polishjews.yivoarchives.org>.

The YIVO Encyclopedia of Jews in Eastern Europe;
<https://yivoencyclopedia.org>.

Zaglembie World Organization; zaglembe.org.

Exposições e Monumentos

Exposição Permanente, A Casa de Oração de Mizrachi, Museu de Zagłębie, Będzin, Polónia.

Exposição Permanente, Casa-Museu dos Combatentes do Gueto, Casa dos Combatentes do Gueto, Israel.

Exposição Permanente, Fábrica de Esmalte de Oskar Schindler, Museu de Cracóvia, Cracóvia, Polónia.

Exposição Permanente, Instituto Histórico Judaico Emanuel Ringelblum, Varsóvia, Polónia.

Exposição Permanente, Mausoléu de Luta e Martírio, Varsóvia, Polónia.

Exposição Permanente, Montreal Holocaust Museum, Montreal, Canadá.

Exposição Permanente, Moreshet, Givat Haviva, Israel.

Exposição Permanente, Museu da Prisão de Pawiak, Varsóvia, Polónia.

Exposição Permanente, Museu de Varsóvia, Varsóvia, Polónia.

Exposição Permanente, Museu do Levantamento de Varsóvia, Varsóvia, Polónia

Exposição Permanente, Museu Judaico de Galícia, Cracóvia, Polónia.

Exposição Permanente, Museu POLIN da História dos Judeus Polacos, Varsóvia, Polónia.

Exposição Permanente, United States Holocaust Memorial Museum, Washington, DC.

Exposição Permanente, Villa Zabinski, Jardim Zoológico de Varsóvia, Varsóvia, Polónia

Exposição Permanente, Yad Mordechai Museum, Hof Ashkelon, Israel.

Exposição Permanente, Yad Vashem, Jerusalém, Israel.

Memoriais, Mila 18, Varsóvia, Polónia.

Memorial, O Esgoto da Rua Prosta, Varsóvia, Polónia.

Rostos da Resistência: Mulheres no Holocausto, Moreshet, Givat Haviva, Israel.

The Paper Brigade: Smuggling Rare Books and Documents in Nazi-Occupied Vilna, 11 de outubro de 2017–14 de dezembro de 2018, YIVO, Nova Iorque.

Violated, Ronald Feldman Gallery, 12 de abril a 12 de maio de 2018, Nova Iorque.

Eventos Seleccionados

«Hitler Hanging on a Tree: Soviet Jewish Humor During WW2.» Palestra por Anna Shternshis. Abril de 2018. Nova Iorque. YIVO.

«In Dialogue: Polish Jewish Relations During the Interwar Period.»
Palestras por Samuel D. Kassow e Paul Brykczynski, 15 de novembro de 2018. Nova Iorque. Fordham University, Columbia, YIVO.

«Krakow Ghetto: A Walking Tour.» Agi Legutko. junho de 2018.
Cracóvia, Polónia, Festival da Cultura Judaica.

«Memorial for Warsaw Ghetto, Warsaw Ghetto Uprising
Commemoration, 75th Anniversary.» 19 de abril de 2018. Nova Iorque.
The Congress for Jewish Culture with Friends of the Bund, the Jewish
Labor Committee, the Workmen's Circle, and YIVO.

Nusakh Vilna Memorial Lecture and Concert. 16 de setembro de 2018 e
22 de setembro de 2019. Nova Iorque. YIVO.

*Uprising. Screening and Talk. 22 de abril de 2018. Nova Iorque. Jewish
Partisan Education Foundation, Directors Guild.*

Entrevistas Pessoais

Rivka Augenfeld, Montreal, Canadá, 10 e 17 de agosto de 2018.

Ralph Berger, Nova Iorque, 10 de abril de 2018.

Havi Dreifuss, Telavive, Israel; 16 de maio de 2018.

Sandy Fainer, pelo telefone, 27 de novembro de 2018.

Yoram Kleinman, pelo telefone, 11 de fevereiro de 2019 (entrevista
conduzida por Elisha Baskin).

Michael Kovner, Jerusalém, Israel, 17 de maio de 2018.

Jacob Harel e Leah Waldman, Haifa, Israel; 14 de maio de 2018.

Barbara Harshav, Nova Iorque, 9 de março e 23 de abril de 2018.

Emil Kerenji, Washington, DC, 27 de abril de 2018.

Agi Legutko, Nova Iorque, 2 de maio de 2018.

Jonathan Ornstein, Cracóvia, Polónia, 25 de junho de 2018.

Daniela Ozacky-Stern e Yonat Rotbain, Givat Haviva, Israel, 14 de maio
de 2018.

Chayele Palevsky, via Skype, 20 de novembro de 2018.
Katarzyna Person, Varsóvia, Polónia, 21 de junho de 2018.
Avihu Ronen, Telavive, Israel, 16 de maio de 2018.
Lilian Rosenthal, pelo telefone, 12 de novembro de 2018.
Rochelle Saidel, Nova Iorque, 8 de junho de 2018.
Elaine Shelub, pelo telefone, 6 de novembro de 2018.
Anna Shternshis, Nova Iorque, 9 de abril de 2018.
David Silberklang, Jerusalém, Israel, 17 de maio de 2018.
Holly Starr, pelo telefone, 13 de novembro de 2018.
Michał Trębacz, Varsóvia, Polónia, 22 de junho de 2018.
Merav Waldman, via Skype, 23 de outubro de 2018.
Yoel Yaari, Jerusalém, Israel, 17 de maio de 2018.
Racheli Yahav, Tzora, Israel, 17 de maio de 2018.
Eyal Zuckerman, Telavive, Israel, 15 de maio de 2018.

Outro Material Inédito Seleccionado

Grabowski, Jan. «The Polish Police: Collaboration in the Holocaust.»
Palestra na USHMM, 17 de novembro de 2016. Texto acedido online.

Jewish Telegraphic Agency Newswire. 8 de janeiro de 1943. Vol. 10.
N.º 6. Nova Iorque.

Kaslow, Maria Wismur. «Mania: A Gestapo Love Story» e «Vanished».
Coleção familiar

Kukiełka, Renia. Fotografias, carta, testemunho do marido, elogio.
Coleção familiar.

Shchori, Frumi. «Viagem e Fardo: Mulheres Membros do Movimento
Clandestino Combatente nos Guetos da Polónia Refletido nas Suas
Memórias (1945–1998).» Tese, Universidade de Telavive, 2006
(Hebraico).

Starr, Holly. Eulogy for Sara Rosnow, 2017.

Testemunho inédito, Azrieli Foundation.

Livros Seleccionados

Não incluí capítulos ou artigos individuais. Muitos destes livros aparecem em várias edições e línguas; proporcionei informação relevante quando possível.

Face à Aniquilação: Trabalho e Resistência nos Guetos 1941–1944. Berlim, Alemanha: Touro College, 2017. Catálogo da Exposição.

Hantze e Frumka: Cartas e Reminiscências. Telavive, Israel: Hakibbutz, Hameuchad, 1945 (Hebraico).

In Honor of Ala Gertner, Róza Robota, Regina Safirztajn, Ester Wajcblum: Martyred Heroines of the Jewish Resistance in Auschwitz Executed on January 5, 1945. N.p.: n.p., c. 1991 (Inglês, iídiche, polaco, alemão e francês).

Portraits of the Fighters: Biographies and Writings of Young Leaders of the Jewish Resistance During the Holocaust. American Friends of the Ghetto Fighters' Museum.

Voice of the Woman Survivor 9, n.º 2. Nova Iorque: WAGRO Women Auxiliary to the Community of Survivors, Holocaust Resource Centers and Libraries. Primavera de 1992.

Women of Valor: Partisans and Resistance Fighters. Center for Holocaust Studies Newsletter 3, n.º 6. Nova Iorque: Center for Holocaust Studies, 1990.

Ackerman, Diane. *The Zookeeper's Wife: A War Story*. Nova Iorque: Norton, 2007.

Baumel-Schwartz, Judith Taylor, e Tova Cohen, eds. *Gender, Place and Memory in the Modern Jewish Experience: Re-Placing Ourselves*. Londres, RU: Vallentine Mitchell, 2003.

Berés Witold e Krzysztof Burnetko. *Marek Edelman: Being on the Right Side*. Traduzido por William R. Brand. Cracóvia, Polónia: Berés Media, 2016.

Berger, Ralph S., e Albert S. Berger, eds. *With Courage Shall We Fight: The Memoirs and Poetry of Holocaust Resistance Fighters Frances «Fruma» Gulkowich Berger and Murray «Motke» Berger*. Margate, RU: ComteQ, 2010.

Blady-Szwajger, Adina. *I Remember Nothing More: The Warsaw Children's Hospital and the Jewish Resistance*. Nova Iorque: Pantheon, 1990.

Brzezinski, Matthew. *Isaac's Army: A Story of Courage and Survival in Nazi-Occupied Poland*. Nova Iorque: Random House, 2012.

Burstein, Dror. *Without a Single Case of Death: Stories from Kibbutz Lohamei Haghetatot*. Telavive, Israel: Casa dos Combatentes do Gueto/Babel, 2007.

Cain, Larissa. *Ghettos en révoltes: Pologne, 1943*. Paris, França: Autrement, 2003 (Francês).

Cohen, Rich. *The Avengers: A Jewish War Story*. Nova Iorque: Knopf, 2000.

Czocher, Anna, Dobrochna Kałwa, et al. *Is War Men's Business? Fates of Women in Occupied Krakow in Twelve Scenes*. Traduzido por Tomasz Tesznar e Joanna Bełch-Rucińska. Cracóvia, Polónia: Museu Histórico da Cidade de Cracóvia, 2011. Catálogo da exposição.

Diatłowski, Jerzy, ed. *Judeus em Combate, 1939–1945*. 4 vols. Varsóvia, Polónia: Associação dos Combatentes e Vítimas Judaicas da II Guerra Mundial e Instituto Histórico Judaico, 2009–2015 (Polaco).

Diner, Hasia R. *We Remember with Reverence and Love: American Jews and the Myth of Silence After the Holocaust, 1945–1962*. Nova Iorque: New York University Press, 2009.

Draenger, Gusta Davidson. *Justyna's Narrative*. Traduzido por Roslyn Hirsch e David H. Hirsch. Amherst, MA: University of Massachusetts Press, 1996.

Draper, Paula J., e Richard Menkis, eds. *New Perspectives on Canada, the Holocaust and Survivors*. Canadian Jewish Studies, Edição especial. Montreal, Canadá: Association for Canadian Jewish Studies, 1997.

Dror, Zvi. *The Dream, the Revolt and the Vow: The Biography of Zivia Lubetkin-Zuckerman (1914–1978)*. Traduzido por Bezalel Ianai. Telavive, Israel: Federação Geral do Trabalho (Histadrut) e Casa dos Combatentes do Gueto, 1983.

Edelman, Marek. *The Ghetto Fights*. Nova Iorque: American Representation of the General Jewish Workers Union of Poland, 1946.

Engel, David, Yitzchak Mais et al. *Daring to Resist: Jewish Defiance in the Holocaust*. Nova Iorque: Museum of Jewish Heritage, 2007. Catálogo da exposição.

Engelking, Barbara, e Jacek Leociak. *The Warsaw Ghetto: A Guide to the Perished City*. New Haven, CT: Yale University Press, 2009.

Epstein, Helen. *Children of the Holocaust: Conversations with Sons and Daughters of Survivors*. Nova Iorque: Penguin, 1979.

Feldhay Brenner, Rachel. *Writing as Resistance: Four Women Confronting the Holocaust*. University Park, Pensilvânia: Penn State University Press, 2003.

Fishman, David E. *The Book Smugglers: Partisans, Poets, and the Race to Save Jewish Treasures from the Nazis*. Lebanon, NH: ForEdge, 2017.

Freeze, ChaeRan, Paula Hyman et al., eds. *Polin: Studies in Polish Jewry*, vol. 18, *Jewish Women in Eastern Europe*. Liverpool, RU: Littman Library of Jewish Civilization, 2005.

Gabis, Rita. *A Guest at the Shooters' Banquet: My Grandfather's SS Past, My Jewish Family, A Search for the Truth*. Nova Iorque: Bloomsbury, 2015.

Geva, Sharon. *À Irmã Desconhecida: Heroínas do Holocausto na Sociedade Israelita*. Telavive, Israel: Hakibbutz Hameuchad, 2010 (Hebraico).

Goldenberg, Myrna, ed. *Before All Memory Is Lost: Women's Voices from the Holocaust*. Toronto, Canadá: Azrieli Foundation, 2017.

Goldstein, Bernard. *The Stars Bear Witness*. Traduzido por Leonard Shatzkin. Londres, RU: Victor Gollancz, 1950.

Grossman, Chaika. *The Underground Army: Fighters of the Białystok Ghetto*. Traduzido por Shmuel Beer. Nova Iorque: Holocaust Library, 1987.

Grove, Kimberley Sherman, e Judy Geller. *Stories Inked*. Brighton, Canadá: Reflections on the Past, 2012.

Grunwald-Spier, Agnes. *Women's Experiences in the Holocaust: In Their Own Words*. Stroud, RU: Amberley, 2018.

Grupińska, Anka. *Ler a Lista*. Wołowiec, Polónia: Czarne, 2014 (Polaco).

Gurewitsch, Brana, ed. *Mothers, Sisters, Resisters: Oral Histories of Women Who Survived the Holocaust*. Tuscaloosa, AL: University of Alabama Press, 1998.

Guterman, Bella. *Fighting for Her People: Zivia Lubetkin, 1914-1978*. Traduzido por Ora Cummings. Jerusalém, Israel: Yad Vashem, 2014.

Heilman, Anna. *Never Far Away: The Auschwitz Chronicles of Anna Heilman*. Calgary, Canadá: University of Calgary Press, 2001.

Izhar, Naomi. Chasia Bornstein-Bielicka, *One of the Few: A Resistance Fighter and Educator, 1939–1947*. Traduzido por Naftali Greenwood. Jerusalem, Israel: Yad Vashem, 2009.

Kalchheim, Moshe, ed. *Com Orgulho, 1939–1945: Capítulos da História dos Judeus que Combateram nas Florestas de Narotch*. Telavive, Israel: Organização dos Partisans, Combatentes na Clandestinidade e Rebeldes do Gueto em Israel, 1992 (Ídiche).

Katz, Esther, e Joan Miriam Ringelheim, eds. *Proceedings of the Conference on Women Surviving the Holocaust*. Nova Iorque: Institute for Research in History, c1983.

Kirshenblatt-Gimblett, Barbara, e Antony Polonsky, eds. *POLIN, 1000 Anos de História dos Judeus Polacos — Catálogo da Exposição Nuclear*. Varsóvia, Polónia: Museu POLIN da História dos Judeus Polacos, 2014.

Klinger, Chajka. *I am Writing These Words to You: The Original Diaries, Będzin 1943*. Traduzido por Anna Brzostowska e Jerzy Giebułtowski. Jerusalém, Israel: Yad Vashem e Moreshet, 2017. (Obra original publicada em hebraico em 2016.)

Kloizner, Israel, e Moshe Perger. *Comentário sobre o Holocausto: Documentos do Sofrimento dos Judeus Sob o Regime Nazi*. Jerusalém, Israel: Agência Judaica de Israel e Comissão Para o Resgate de Judeus na Europa Ocupada, 1945–1947.

Korczak, Riezl (Ruz'ka). *Chamas em Cinza*. Israel: Sifriyat Po'alim, Hakibbutz Ha'artzi Hashomer Hatzair, 1946 (Hebraico).

Korczak, Roszka, Yehuda Tubin, e Yosef Rab, eds. *Zelda, a Partisan*. Telavive, Israel: Moreshet e Sifriyat Po'alim, 1989 (Hebraico).

Kukielka, Renia. *Deambulações na Clandestinidade*. Ein Harod, Israel: Hakibbutz Hameuchad, 1945 (Hebraico).

Kulkielko, Renya. *Escape from the Pit*. Nova Iorque: Sharon Books, 1947.

Laska, Vera, ed. *Women in the Resistance and in the Holocaust: The Voices of Eyewitnesses*. Westport, CT: Praeger, 1983.

Laskier, Rutka. *O Bloco de Notas de Rutka: janeiro-abril de 1943*. Jerusalem, Israel: Yad Vashem, 2007.

Liwer, Dawid. *A Cidade dos Mortos: O Extermínio dos Judeus na Região de Zaglembe*. Telavive, Israel, 1946 (Hebraico).

Lubetkin, Zivia. *In the Days of Destruction and Revolt*. Traduzido por Ishai Tubbin e Debby Garber. Editado por Yehiel Yanay, índice remissivo biográfico por Yitzhak Zuckerman. Telavive, Israel: Am Oved; Hakibbutz Hameuchad; Vasa dos Combatentes do Gueto, 1981. (Obra original publicada em hebraico em 1979.)

Lukowski, Jerzy, e Hubert Zawadzki. *A Concise History of Poland*. Cambridge, RU: Cambridge University Press, 2001.

Meed, Vladka. *On Both Sides of the Wall*. Traduzido por Steven Meed. Washington, DC: United States Holocaust Memorial Museum, 1993. (Obra original publicada em iídiche em 1948.)

Michlic, Joanna Beata, ed. *Jewish Families in Europe, 1939–Present: History, Representation and Memory*. Waltham, MA: Brandeis University Press, 2017.

Milgrom, Frida. *Mulheres na resistência: heroínas esquecidas que se arriscaram para salvar judeus ao longo da história*. São Paulo, Brasil: Ipsis, 2016.

Namyslo, Aleksandra. *Antes de o Holocausto Chegar: A Situação dos Judeus em Zaglembe Durante a Ocupação Alemã*. Katowice, Polónia: Gabinete de Educação Pública do Instituto Nacional da Lembrança, com o Instituto Histórico Judaico Emanuel Ringelblum em Varsóvia e Yad Vashem, 2014. Catálogo da exposição.

Neustadt, Meilech, ed. *Destruição e Ascensão, A Epopeia dos Judeus em Varsóvia. Uma Coleção de Relatos e Esboços Biográficos dos que Tombaram*. Segunda ed. Telavive, Israel: Comité Executivo da Federação Geral do Trabalho Judeu em Israel, 1947.

Ofer, Dalia, e Lenore J. Weitzman, eds. *Women in the Holocaust*. New Haven, CT: Yale University Press, 1998.

Ostrower, Chaya. *It Kept Us Alive: Humor in the Holocaust*. Traduzido por Sandy Bloom. Jerusalém, Israel: Yad Vashem, 2014.

Paldiel, Mordechai. *Saving One's Own: Jewish Rescuers During the Holocaust*. Filadélfia, PA: The Jewish Publication Society; Lincoln: University of Nebraska Press, 2017.

Paulsson, Gunnar S. *Secret City: The Hidden Jews of Warsaw 1940–1945*. New Haven, CT: Yale University Press, 2003.

Person, Katarzyna, ed. *Warsaw Ghetto: Everyday Life. The Ringelblum Archive*, vol. 1. Traduzido por Anna Brzostowska et al. Varsóvia, Polónia: Instituto Histórico Judaico, 2017.

Porat, Dina. *The Fall of a Sparrow: The Life and Times of Abba Kovner*. Stanford, CA: Stanford University Press, 2010.

Prince, Robert M. *The Legacy of the Holocaust: Psychohistorical Themes in the Second Generation*. Nova Iorque: Other Press, 1999. (Obra original publicada em 1985.)

Rakovsky, Puah. *My Life as a Radical Jewish Woman: Memoirs of a Zionist Feminist in Poland*. Traduzido por Barbara Harshav com Paula E. Hyman. Bloomington, IN: Indiana University Press, 2001.

Rapaport, J. ed. *Memorial Book of Zaglembe*. Telavive, Israel, n.p., 1972 (Ídiche, hebraico, inglês).

Reinhartz, Henia. *Bits and Pieces*. Toronto, Canada: Azrieli Foundation, 2007.

Ringelblum, Emanuel. *Notes From the Warsaw Ghetto: The Journal of Emmanuel Ringelblum*. Traduzido por Jacob Sloan. Nova Iorque: ibooks, 2006. (Obra original publicada em 1958.)

Rittner, Carol, e John K. Roth, eds. *Different Voices: Women and the Holocaust*. St. Paul, MN: Paragon House, 1993.

Ronen, Avihu. *Condenada a Viver: Os Diários e Vida de Chajka Klinger*. Haifa e Telavive, Israel: Imprensa da Universidade de Haifa, Miskal-Yidioth Ahronoth e Chemed, 2011 (Hebraico).

Rosenberg-Amit, Zila (Cesia). *Não Perder o Rosto Humano*. Telavive, Israel: Kibbutz Hameuchad, Moreshet, Casa dos Combatentes do Gueto, 1990 (Hebraico).

Rotem, Simha «Kazik». *Memoirs of a Ghetto Fighter*. Traduzido por Barbara Harshav. New Haven, CT: Yale University Press, 1994.

Rufeisen-Schüpper, Hella. *Adeus a Mila 18*. Telavive, Israel: Casa dos Combatentes do Gueto e Hakibbutz Hameuchad, 1990 (Hebraico).

Saidel, Rochelle G., e Batya Brudin, eds. *Violated! Women in Holocaust and Genocide*. Nova Iorque: Remember the Women Institute, 2018. Catálogo da exposição.

Saidel, Rochelle G., e Sonja M. Hedgepeth, eds. *Sexual Violence Against Jewish Women During the Holocaust*. Waltham, MA: Brandeis University Press, 2010.

Schulman, Faye. *A Partisan's Memoir: Woman of the Holocaust*. Toronto, Canadá: Second Story Press, 1995.

Shalev, Ziva. *Tossia Altman: Líder do Movimento Hashomer Hatzair e do Levantamento do Gueto de Varsóvia*. Telavive, Israel: Moreshet, 1992 (Hebraico).

Shandler, Jeffrey, ed. *Awakening Lives: Autobiographies of Jewish Youth in Poland Before the Holocaust*. New Haven, CT: Yale University Press, 2002.

Shelub, Mira, e Fred Rosenbaum. *Never the Last Road: A Partisan's Life*. Berkeley, CA: Lehrhaus Judaica, 2015.

Solomian-Lutz, Fanny. *Uma Rapariga Enfrenta a Força*. Telavive, Israel: Moreshet e Sifryat Hapoalim, 1971 (Hebraico).

Spizman, Leib, ed. *Mulheres nos Guetos*. Nova Iorque: Pioneer Women's Organization, 1946 (Ídiche).

Tec, Nechama. *Resistance: Jews and Christians Who Defied the Nazi Terror*. Nova Iorque: Oxford University Press, 2013.

Thon, Elsa. *If Only It Were Fiction*. Toronto, Canadá: Azrieli Foundation, 2013.

Tubin, Yehuda, Levi Deror, et al., eds. *Ruzka Korchak-Marle: A Personalidade e a Filosofia de Vida de uma Combatente*. Telavive, Israel: Moreshet e Sifriyat Po'alim, 1988 (Hebraico).

Vitis-Shomron, Aliza. *Youth in Flames: A Teenager's Resistance and Her Fight for Survival in the Warsaw Ghetto*. Omaha, NE: Tell the Story, 2015.

Wilfand, Yigal, ed. *Vitka Luta pela Vida*. Givat Haviva, Israel: Moreshet, 2013 (Hebraico).

Ya'ari-Hazan, Bela. *Chamava-me Bronislawa*. Telavive, Israel: Hakibbutz Hameuchad, Casa dos Combatentes do Gueto, 1991 (Hebraico).

Yerushalmi, Shimshon Dov. *O Livro de Memórias de Jędrzejów*. Telavive, Israel: Comunidade de Jędrzejów em Israel, 1965.

Zuckerman, Yitzhak «Antek». *A Surplus of Memory: Chronicle of the Warsaw Ghetto Uprising*. Traduzido por Barbara Harshav. Berkeley, CA: University of California Press, 1993.

Artigos Seleccionados

Esta lista inclui alguns artigos significativos que não aparecem nos livros ou fontes online listados acima.

Bernard, Mark. «Problems Related to the Study of the Jewish Resistance Movement in the Second World War.» *Yad Vashem Studies* 3 (1959): 41–65.

Fox-Bevilacqua, Marisa. «The Lost, Shul of Będzin: Uncovering Poland's Once-vibrant Jewish Community», *Ha'aretz*, 7 de setembro de 2014, <https://www.haaretz.com/jewish/.premium-the-lost-shul-of-Będzin-1.5263609>.

Harran, Ronen. «The Jewish Women at the Union Factory, Auschwitz 1944: Resistance, Courage and Tragedy». *Dapim: Studies in the Holocaust* 31, n.º 1 (2017): 45–67.

Kasonata, Adriel. «Poland: Europe's Forgotten Democratic Ancestor». *The National Interest*. May 5, 2016. <https://nationalinterest.org/feature/poland-europes-forgotten-democratic-ancestor-16073>.

Kol-Inbar, Yehudit. ««Not Even for Three Lines in History»: Jewish Women Underground Members and Partisans During the Holocaust». *A Companion to Women's Military History*. Eds. Barton Hacker e Margaret Vining. Leiden, Países Baixos: Brill, 2012.

Ofer, Dalia. «Condemned to Life? A Historical and Personal Biography of Chajka Klinger». Traduzida por Naftali Greenwood. *Yad Vashem Studies* 42, n.º 1 (2014): 175–88.

The Pioneer Woman, n.º 97, abril de 1944.

Porter, Jack. «Jewish Women in the Resistance». *Jewish Combatants of World War 2* 2, n.º 3 (1981).

Ringelheim, Joan. «Women and the Holocaust: A Reconsideration of Research». *Signs* 10, n.º 4 (verão de 1985): 741–61.

Ronen, Avihu. «The Cable That Vanished: Tabenkin and Ya'ari to the Last Surviving Ghetto Fighters». *Yad Vashem Studies* 41, n. 2 (2013): 95–138.

—. «The Jews of Będzin», *Before They Perished... Photographs Found in Auschwitz*. Editado por Kersten Brandt, Hanno Loewy, et al. Oświęcim, Polónia: Museu do Estado Auschwitz Birkenau, 2001, 16–27.

Szczęsna, Joanna. «Irena Conti.». *Wysokie Obcasy*. 21 de abril de 2014 (Polaco).

Tzur, Eli. «A Cemetery of Letters and Words» *Ha'aretz*, 1 de agosto de 2003, <https://www.haaretz.com/1.5354308>.

Vershitskaya, Tamara. «Jewish Women Partisans in Belarus». *Journal of Ecumenical Studies* 46, n.º 4 (outono de 2011): 567–72.

Yaari, Yoel. «Uma Corajosa Ligação». *Yedioth Ahronoth*. Suplemento da Páscoa, 5 de abril de 2018 (Hebraico).

Zariz, Ruth. «Attempts at Rescue and Revolt; Attitude of Members of the Dror Youth Movement in Będzin to Foreign Passports as Means of Rescue». *Yad Vashem Studies* 20 (1990): 211–36.

Zerofsky, Elisabeth. «Is Poland Retreating from Democracy?» *New Yorker*. 23 de julho de 2018.

Filmes e Áudio

Blue Bird. DVD. Realizado por Ayelet Heller. Israel, 1998. (Hebraico)

Daring to Resist: Three Women Face the Holocaust. DVD. Realizado por Barbara Attie e Martha Goell Lubell. EUA, 1999.

The Heart of Auschwitz. DVD. Realizado por Carl Leblanc. Canadá, 2010.

The Last Fighters. DVD. Realizado por Ronen Zaretsky e Yael Kipper Zaretsky. Israel, 2006. (Hebraico)

Partisans of Vilna: The Untold Story of Jewish Resistance During World War II. Realizado por Josh Waletzky. EUA, 1986.

Pillar of Fire (versão hebraica, provavelmente episódio 13). Visionado no Museu Yad Mordechai. Realizado por Asher Tlalim. Israel, 1981. (Hebraico)

Insurreição. DVD. Realizado por Jon Avnet. EUA, 2001.

Quem escreverá a nossa história. Visto no cinema. Realizado por Roberta Grossman. EUA, 2019.

Yiddish Glory: The Lost Songs of World War 2. CD. Six Degrees Records, 2018 (Ídiche).

The Zuckerman Code. Acedido online em https://www.mako.co.il/tvilana_dayan/2017/Articlebb85dba8ec3b261006.htm. Realizado por Ben Shani e Noa Shabtai. Israel, 2018. (Hebraico)

Índice remissivo

abortos, 259, 280, 515n

Adamowicz, Irena, 186, 192-193, 209-210, 334, 428, 502n

Agência Judaica para Israel, 434

ajuda não judaica

aprisionamento e, 340

castigo por, 360-361, 373-374

circuncisão e, 115, 492n

dias de errância de Renia e, 117, 119, 120-122, 123, 124

dimensão de, 455-456, 539n

documentos falsos e, 491

experiências pós-guerra e, 428

fábricas e, 137, 252, 315, 492

família Kobiletz, 387, 388-389, 401-402

fuga de Renia da prisão de Mysłowice e, 386

Hershel e, 253-255

Irena Adamowicz, 186, 192, 209-210, 487

judeus escondidos e, 113, 278-279, 286

levantamento de Varsóvia e, 420-421

pagamento por, 114, 389, 527n

traição e, 256-257, 274-275

violência sexual e, 302-304

AK. Ver Exército Nacional

Akiva (organização), 151, 153-154, 157-159, 161-163, 504

Aktions. Ver deportações

Aleichem, Sholem, 170

aliyah. Ver Palestina

Alster, Paula, 91, 488n, 490n

Altman, Tosia

aliyah, desejo de, 95

Będzin, visitas ao gueto de, 143-144

chegada a Vilna, 94-95, 96-97

correio, como, 96, 194, 196, 197-198

falsas notícias da morte, 188, 228, 506n

fugir e esconder, 237, 238

história de, 95-96

levantamento do gueto de Varsóvia e, 214, 225, 230, 232

minirrevolta do gueto de Varsóvia e, 172

morte de, 238-239, 507n

papel de liderança de, 24, 94, 95-96, 478n

Solução Final, notícias sobre e, 96-98

uso de códigos, 144-145

ZOB e, 106, 107-108, 167, 213-214

American Joint Distribution Committee (JDC), 64-65, 66-67, 101, 279-280, 405, 531n

Anilevitz, Mordechai, 144-145, 146, 168-169, 224, 225, 226-227, 228

Anna. Ver Heilman, Anna

Antek. Ver Zuckerman, Yitzhak

antisemitismo. Ver Teoria racial nazi, antisemitismo polaco

antisemitismo polaco

assimilação e, 115-116

Bund sobre, 44-45

catolicismo e, 42, 43

criação do gueto de Będzin, 176

cultura judaica no, 44

deportações do gueto de Będzin e, 252

experiências como sobreviventes e, 421, 532

experiência de Zivia de, 59

grupos de partisans e, 258

identidade polaca e, 43

infância de Renia, na, 40, 49, 473n, 476n

memórias sobre, 456, 539n

Solução Final, notícias sobre e, 289

Arendt, Hannah, 415

Armia Krajowa (AK). Ver Exército Nacional

Armia Ludowa (Exército do Povo) (AL), 166, 236, 237, 244, 420

artes visuais, 90, 485n

Aspler, Mina («Maria Louca»), 534n

assassínios, 19, 106, 162, 168, 235, 488n

assimilação, 114-117

Bela, 199, 202-203, 204-205, 206, 501n

Bela, aprisionamento e, 339, 347-348

catolicismo e, 125-126, 196-197, 202-203, 501n

circuncisão e, 115, 194, 489n

correios e, 21, 194-195, 244-245, 283-284, 500n

experiência como sobrevivente e, 437

Frumka, 59, 148, 196

Hantze, 147, 196

Hela, 244-245

Hungria, 404

necessidade de testemunhos e, 360, 365, 523n

Renia, 124-126, 221-222

Renia e Ilza, aprisionamento e, 332-338

sobrevivência e, 284-286, 293, 518n

Vitka, 263-264

Vladka, 195-196, 283-284

Ver também correios

Associação de Tártaros Muçulmanos, 115

Astrid, 187, 188, 502n, 502n

atividades clandestinas no lado ariano, 20

Będzin, 182

Chaika, 512n

contrabando de armas, 107-108, 167, 182, 244-245, 247-248, 502n

levantamento do gueto de, 212, 226, 245, 502n, 507n

resistência judaica armada, planeamento e, 106, 107, 167

uniformes como disfarces, 161, 495n

Vitka, 263

ZOB, trabalho no, 106, 168

Ver também contrabando

atrocidades nazis

Będzin, 172-173, 176-177

Bela, testemunha, 341

crianças e, 277-278, 515n

Frumka dá notícias de, 148

guetos e, 80-83

invasão da Polónia e, 50-51, 52, 53, 200

levantamento do gueto de Varsóvia e, 219-221

psicologia de, 483n

Renia ouve histórias de, 111-112

Renia sobre, 80-83, 111-112, 177, 498n

trabalho forçado e, 74, 78

Atid, orfanato (Varsóvia), 138-139, 175, 184, 325, 394, 510n, 527n. *Ver também* Atid, órfãos

Atid, órfãos

colocação em famílias arianas de, 276, 390-391

criação do gueto e, 175, 176

deportações e, 252

extermínio do gueto de Będzin e, 318-319

Max e, 250

Sarah e, 391

tentativa de juntar-se a grupos de partisans e, 257

atrocidades. *Ver* atrocidades nazis

Auerbach, Rachel, 91

Augenfeld, Liba Marshak, 515n, 533n, 535n, 539n, 541n

Augenfeld, Rivka, 533n

Auschwitz-Birkenau, campo de extermínio

Bela e Lonka em, 342-348, 365-368, 371

camaradagem em, 367-368, 525n

correios deportadas para, 187, 342-343, 509n

deportações do gueto para, 175-177, 252, 254-255, 321, 360

execuções em, 370-371

Exército Nacional, planos de revolta e, 362-363

fotografias, 344

kommandos (unidades de trabalho), 344-345

planos de fuga organizada em, 364

relações românticas em, 364, 524n

resistência armada em, 23

resistência clandestina em, 23, 362-364, 365, 368-371, 523n, 524n, 525n, 526n

sonderkommandos, 364, 369

trabalho forçado em, 362 366, 367

tentativas de fuga, 364-366

Baran, Dvora, 235, 523n

Baum, Rachel, 528n

Beatus, Frania, 235

Będzin

deportações de, 137, 139-143, 492n, 493n

desespero em, 173-174

história de, 27-28, 491n

invasão alemã, 28, 472n

Jovem Guarda, A, em, 137-138, 139, 143, 144, 149-150, 492n

planeamento de resistência judaica armada, 143-146, 177

recolocação de Renia em, 30-31, 128-130, 146

trabalho forçado, 137

Zonder, passes, 146, 494n

Ver também Będzin, Liberdade, movimento juvenil; Będzin, gueto; Będzin, Judenrat

Będzin, extermínio do gueto

avisos de, 276, 277

«bunker dos combatentes», 321-323, 521n

campo de extermínio, 319-320, 323-324, 390

grupo de resistência descoberto, 313-316, 521n

grupo de resistência encurralado no bunker, 308-313

grupo de resistência vigiado por guardas, 316-317, 318-320

Renia, chegada de e, 297-298

tentativas de resgate, 325-328

tortura, 316-317

Będzin, gueto, 23, 29-33

atividades educacionais, 139

atrocidades nazis, 172-174, 176-177

autorizações de trabalho, 146-147, 494n

colocação de crianças em famílias arianas, 276, 391, 392
criação de, 28, 174-175, 498n
deportações de, 137, 138-143, 176-177, 249-253, 492n, 493n, 510n
invasão alemã, 28, 474n
Jovem Guarda, A, em, 137-138, 139
planos de fuga, 288-296
preparativos para levantamento, 181-182, 187, 241, 286-287
recolocação de Renia em, 30-31, 128-130, 146
resistência judaica armada, planeamento, 144-146
trabalho forçado e, 139-141, 182
Ver também Będzin, extermínio do gueto
Będzin, Judenrat
atrocidades nazis e, 172-173
criação do gueto, 174, 175
deportações e, 141, 142, 251, 253, 254-255
Liberdade, conflito com, 183-185
preparativos para levantamento e, 181-182
pressão de Renia sobre, 149
programas para crianças e, 137-138
resistência judaica armada, planeamento e, 145-146
Będzin, Liberdade, movimento juvenil
Atid, orfanato, 138-139, 175, 184, 325, 393, 510n, 527n
Będzin, extermínio do gueto e, 310-311
Bela e, 201-202, 205
centro social, 64

decisão de ficar, 29-30, 31-33, 177

Judenrat, conflito com, 183-185

planos de fuga, 29-30, 31, 177

preparativos para o levantamento e, 181

Sarah e, 126, 127

tentativa de aderir a grupo partisans, 256-257

traição ao, 273-274, 515n

Begin, Menachem, 414

Bela. Ver Hazan, Bela

Ben-Avram, Chaim Shalom, 432, 537n

Ben-Gurion, David, 440, 449

Benito. Ver Ronen (Rosenberg), Benito

Berger, Frances (Fruma), 416, 417, 515n, 535n

Berman, Basia, 91, 285, 488n

Bernard, Mark, 473n

Betar, movimento juvenil, 102

ZZW milícia, 166, 226, 229-230, 414, 497n, 518n, 534n

Bialik, Chaim Nachman, 139

Bialystok, 23, 201, 243, 246-247, 509n

Bialystok, Comité Antifascista, 247

bibliotecas. Ver resistência literária

Bielicka, Chasia

artigos do mercado negro, sobre, 483n

capacidades aprendidas com família, 423, 532n

catolicismo e, 500n

contrabando de armas e, 245-246, 515n
experiência como sobrevivente de, 417, 437-438, 444, 534n, 539n
honras para, 539n
logística das correios, sobre, 194
morte de, 445
reações psicológicas, sobre, 197-198
violência sexual, sobre, 302-304
Bindiger, Marta, 369
Birkenau. Ver Auschwitz-Birkenau, campo de extermínio
Blas, Hanka, 157
Bloco Antifascista, 102
Blum, Abrasha, 167
Bohm, Wolf, 313-314
Borks, Edek, 512n
Bozian, Tzipora, 184
braçadeiras, 28, 61, 124, 204, 274, 399, 474n
Brandes, Pesa, 310, 313-314, 319, 320
Brandes, Zvi
Chajka, nomes para, 429
desespero e, 174
extermínio do gueto de Będzin e, 308-310, 311, 314-315
morte de, 317-320
preparativos para levantamento do gueto de Będzin e, 181
resistência judaica armada, planeamento e, 145-146

tentativa do movimento juvenil Liberdade de aderir a grupos partisans e, 256-257

Bricha, 419

Brigada do Papel, 265

Bronia. Ver Hazan, Bela

Brzezinski, Matthew, 473n

Bund

contrabando de armas e, 107-108

correios e, 480n

experiências como sobrevivente e, 443-444, 455-456

gueto de Varsóvia e, 86-87, 89-90, 92, 104, 166, 167

Holocausto, narrativa do e, 414

judeus escondidos, 278, 283, 520n

ligas de autodefesa, 102

levantamento do gueto de Varsóvia e, 212, 505n

minirrevolta do gueto de Varsóvia e, 172-173

otimismo inicial de, 44-45

Palestina, restrições à emigração para e, 477n

resistência, alianças entre grupos e, 166

Solução Final, notícias sobre e, 102

bunkers subterrâneos, 19, 29, 182, 224-225, 308-313

Burman, 344

câmaras de gás. Ver campos de extermínio

campos de concentração

artes visuais nos, 487n

resistência armada judaica nos, 23

violência sexual nos, 301-304, 366-367

Ver também campos de extermínio

campos de extermínio

mães e, 75

resistência clandestina nos, 23, 523n, 524n

violência sexual nos, 366-367

Ver também deportações; campos específicos

campos de treino (hachshara), 46, 67-68, 85

Casa dos Combatentes do Gueto, kibbutz, 47, 424-425, 435, 438, 442, 445, 450

catolicismo

ajuda não judaica e, 499n

antisemitismo polaco e, 42, 43

assimilação e, 125-126, 197, 202-203, 500n

judeus escondidos e, 279

Polónia pós-soviética, 459

Chaika. Ver Grossman, Chaika

Chajka. Ver Klinger, Chajka

chalka polaco, 42

«Chapter of Prayer, A», 9

Chasia. Ver Bielicka, Chasia

Chawka. Ver Lenczer, Chawka

Chelmno, campo de extermínio, 98, 144

Children's Aid Society, 439

Chmielnik, 50-51

cholent, 38

circuncisão, 115, 195, 280, 492n

colaboracionista. Ver colaboracionistas nazis

colaboracionistas nazis

aprisionamento e, 340

atrocidades e, 82-83

Judenrats e, 66

narrativa do Holocausto sobre, 415

polícia polaca e, 114, 488-489n

ucranianos como, 82, 485n

ZOB, assassínios, 168

Ver também antissemitismo polaco

colaboracionistas ucranianos, 82, 206, 485n

comboios, sabotagem. Ver sabotagem

Comité Nacional Judaico, 499n

comunistas

estratégias pré-guerra, 44

grupos de resistência, alianças entre e, 165-166, 181-182

levantamento do gueto de Varsóvia e, 227, 231, 509n

Pioneiros Combatentes e, 159

resistência armada judaica, planeamento e, 101-102

Ver também Partido Comunista Polaco

Conde de Monte Cristo, O, 262

Congresso Sionista (1939), 56

Conti, Irena. Ver Gelblum, Irena

contrabando, 22

armas, 107-108, 166-167, 182, 242-243, 257, 265-266, 505n

judeus, 389-394, 397, 401, 530n

livros, 265

mapas dos campos de extermínio, 167

métodos, 511-512n

notícias da clandestinidade, 167

preocupação dos nazis com, 486n

Renia, 73, 77, 483n, 484n

Ver também correios

Cook, Arna, 366

correios, 19, 22

assimilação e, 21, 195-196, 244-245, 283-284, 502n

Astrid, 187, 188, 502n, 488n

Bela como, 199, 201-206

Bund e, 488n

capacidade das mulheres para, 195-198, 503n

contrabando de armas e, 242-246, 268-269, 510n, 511n

formas de suicídio e, 247-248, 337, 512n

Frumka como, 65, 68-69, 92-93, 148, 194

gueto de Będzin e, 144-145

grupos de partisans e, 272-273

honras para, 539n

importância de, 24-25, 35, 475n
judeus escondidos, 276-277, 278-283, 286-287
Lonka como, 203-204, 206, 504n, 505n
perdas de, 187-188
Pioneiro Combatente e, 157, 160
«quina», 92
reações psicológicas, 197-198, 284
Renia como, 188-189, 190-194, 198, 242-243
resistência armada judaica e, 194-195
Solução Final, notícias sobre e, 98-99, 202-203, 194
Tema como, 205-206
Tosia como, 96, 194, 195-196, 197-198
uso de códigos, 144-145, 495n
Vitka como, 272-273, 518n
Zelda como, 268-270
Zivia e, 91-93, 286-287
Cracóvia
ataques de dezembro (1942), 23, 162-163, 243-244
capital nazi, como, 497n
gueto, 152-154, 159-161, 243, 382-384
história judaica de, 152
visita da autora a, 454
Ver também Pioneiro Combatente
crianças
atrocidades nazis e, 277-278, 518n

assimilação e, 115-116
colocação em famílias arianas, 276, 277-278, 285, 392, 393
deportações e, 104-105, 98-99, 139-140, 142
experiências como sobreviventes, 539n, 546
prisão de Mysłowice, na, 360-361
programas para, 87-88, 138-139
culpa, 108-109, 230, 392-393, 417, 426-427, 438, 533n
culpar a vítima, 414-415, 532-533n
Częstochowa, 23, 167, 282

Davidson, Gusta. Ver Draenger, Gusta, Davidson
Defiance: The Bielski Partisans (Tec), 414-415
deportações, 82, 116
Będzin, 137, 138-143, 176-177, 249-253, 483n, 484n, 512n-513n
Białystok, 512n
Cracóvia, de, 159-161
contrabando de serras para metal e, 245
gueto de Varsóvia, do, 102-105, 108-109, 165, 480n, 489n, 490n
Hershel, sobrevivência a, 253-255
Mysłowice, da prisão de, 360
Pawiak, da prisão de, 342-344
Diáspora, identidade da, 40
Diáspora judaica, identidade, 40
Diner, Hasia, 414, 538n
disenteria, 78, 345, 347

disfarces. Ver assimilação

documentos falsos, 19

ajuda não judaica e, 493n

Będzin, planos de fuga e, 29, 31, 294

Bela e, 201, 203, 204

correios e, 19, 96-97, 190-191, 192

formas de obter, 120-122

grupos de resgate e, 280

Pioneiro Combatente, produção de, 156-157

doenças

disenteria, 78, 345, 347

tifo, 76, 133, 345-347, 359

Draenger, Gusta Davidson

Akiva e, 153

assimilação, sobre, 197-198

atrocidades nazis, sobre, 485n

chegada a Cracóvia, 152-153

Hela, sobre, 244

memórias de, 382-384

Pioneiros Combatentes e, 154-155, 156-159

tentativa de fuga, 382-384

Draenger, Shimshon, 153-154, 155, 156, 157, 158, 382, 383, 384

Dreifuss, Havi, 521n

Dror. Ver Liberdade, movimento juvenil

Dzielna. Ver Varsóvia, Liberdade, movimento juvenil

Dzigán e Schumacher, 44, 477n

E Tudo o Vento Levou, 89

Edelman, Marek, 168, 228, 230, 232, 490n, 499n, 531n, 532n

Eichmann, Adolf, 425, 435

Eisenstat, Miriam, 486n

Epstein, Helen, 533n

Escape from the Pit (Kukielka), 433

escritos. Ver resistência literária

escuteiros polacos, 46

Eslováquia

condições para os judeus na, 395-396

deportações de judeus da, 396-397, 399

fuga de Renia para, 389-394

refugiados judeus na, 397-400

Estalinegrado, batalha de, 242

estrela de David, braçadeiras, 28, 70, 474n.

Ver também braçadeiras

Exército Nacional (Armia Krajowa) (AK)

Auschwitz-Birkenau, clandestinidade e, 362-363

grupos de resistência, alianças entre e, 166-167

levantamento de Varsóvia e, 419-420

levantamento do gueto de Varsóvia e, 229-231, 237

Polónia do pós-guerra e, 418, 427-428, 455

Varsóvia, preparativos para o levantamento do gueto e, 212

experiências como sobreviventes

antisemitismo polaco e, 421-422, 535n

Bela, 436-439, 539n

Chaika, 436, 538n

Chajka, 411, 428-431

Chasia, 417, 437-438, 444, 531n, 539n

cossobreviventes e famílias substitutas, 435-436

crianças, 538n, 546

culpa, 417, 426-427, 438-439, 533n

falta de identidade, 411, 418-419, 426, 427

Faye, 418-419

fragilidade, 434-436, 538n

parentes desaparecidos e, 425, 538n

políticos israelitas e, 412-413, 423

Polónia do pós-guerra, 417-418, 427-428, 536n

Renia, 411, 412, 432-436, 443-446, 541n

repressão do passado, 424, 428

Ruzka, 438-441, 442-443, 539n

silenciamento e censura de mulheres e, 416-417, 428-429, 533-534n

stress pós-traumático, 424, 429, 430, 536n

testemunhos e, 412, 422-423, 425, 440, 443-444, 445

vidas longas, 444-445, 541n

vingança e, 440-441

Vitka, 440, 441, 442, 443-444, 540n

Vladka, 443-444

Zivia, 420-427

Ver também sobreviventes, legados familiares

EYAL. Ver ZOB

Fainer, Fania. Ver Laundau, Fania Fainer

Fania. Ver Laundau, Fania Fainer

Faye. Ver Lazebnik, Faye Schulman

Feinmesser, Bronka (Marysia), 278, 284, 286

Felix, Kitty. Ver Moxon, Kitty Felix

Ferstenberg, Luisa, 528n

Fischer, Anka, 303

Fischer, Max, 250, 253, 399, 400, 513n, 523n

Fischer, Mina (pseudónimo), 303-304, 522

Fizman, Yitzhak, 406, 488n, 538n

Fleischmann, Gisi, 395-396, 530n

folksdeutsch, 70, 83, 357, 373

Folman, Havka, 245, 512n

Folman, Marek, 256-257, 290, 388, 513n

Folman, Rosalie, 291

FPO (Organização Partisan Unida)

alianças com os soviéticos, 267

criação de, 262, 264

destruição de depósitos de armas alemães, 266

missões de sabotagem, 263-266, 267, 517n, 518n

Ruzka e Vitka, histórias na, 261-263

sabotagem de comboios alemães, 264-265

vida quotidiana, 267-269

Frank, Anne, 90, 433

Freiheit, grupo juvenil, 478n. Ver também Liberdade, movimento juvenil

Freud, Sigmund, 48

Freuen in di Ghetos (Mulheres nos Guetos), 19-20, 21, 22, 23, 25, 433, 447-448, 471n

fronteira russo-saxónia, 54

Frumka. Ver Płotnicka, Frumka

Fuchrer, Mira, 226

Fuden, Regina (Lilith), 235

Futermilch, Masha Gleitman, 218, 235, 507n

Gaftek, Baruch, 181, 321

Galícia, 42

Gelbard, Chana, 92, 194, 406, 480n, 481n

Gelbart, Ina, 242, 247, 288, 289, 290, 291

Gelblum, Irena (Halina), 379-381, 384, 419, 428, 523n, 528n, 536n

Gertner, Ala, 364

Gjedna, Shoshana, 341, 525n

Glanz, Rivka, 65, 167, 286, 294-295, 303, 521-522n, 539n

Gleitman, Macha. Ver Futermilch, Macha Gleitman

Glick, Hirsh, 395, 530n

Goldfarb-Stypułkowska, Zofia, 534n

Goldman, Emma, 48

Goldstein, Bernard, 482n
Granatshtein, Sarah, 504n
Grande Sinagoga (Varsóvia), 60, 236
Grinshpan, Pnina, 413, 509n
Grodno, 201-204, 205-206, 302, 439, 473n
Grossman, Chaika, 24, 198, 246, 305, 436, 473n, 488n, 512n, 522n, 538n
Grunwald-Spier, Agnes, 472n, 473n
Grupinska, Anka, 162, 502n
grupos de resgate, 21
American Joint Distribution Committee, 64-65, 66, 101, 213, 279, 394, 518n, 531n
comunidade, como, 286
Hanoar Hatzioni, 325, 501n, 506n, 524n, 538n
judeus escondidos e, 278-280, 519n
Żegota, 279, 280, 286-287, 518n
grupos de resistência, alianças entre
Będzin, 143-144
Betar e, 499n
Cracóvia, 154
Partido Comunista Polaco e, 158-159, 181-182
resistência armada judaica, planejamento e, 101-102, 166
guetos
artigos do mercado negro nos, 75, 76-77, 483n, 484n
atrocidades nazis e, 80-83
condições nos, 76-77

correios e, 194
exterminio dos, 28, 186, 473n, 500n
fugas de, 19-20, 68
isolamento dos, 194
Jędrzejów, 71-77
mães nos, 75
papéis de género e, 73
política padrão para, 72
trabalho forçado e, 28-29, 67, 74-75, 139-141, 167, 182, 499n
Ver também deportações; Judenrats; Varsóvia, gueto
guetos, liquidações, 28, 186, 475n, 502n. *Ver também Będzin, exterminio do gueto*
Gusta. *Ver Draenger, Gusta Davidson*

Haia, 32
Hakibbutz Hameuchad, 432
Halina. *Ver Gelblum, Irena*
Halpern, Ada, 528n
Hammerstein, Leah, 247
Hanoar Hatzioni (A Juventude Sionista), 325, 390, 414, 501n, 506n, 524n, 538n
Hansdorf, Ilza (Aliza), 513n
aprisionamento de, 333-338
captura de, 328-334, 524n
colocação de crianças em famílias arianas e, 276
deportações e, 250

extermínio do gueto de Będzin, sobre, 321, 322
morte de, 376
regresso de Renia a Będzin e, 307, 308
tentativas de resgate em Będzin e, 325, 326-327
Hantze (Hanzte). Ver Płotnicka, Hantze
Harshav, Barbara, 536n
Hashomer Hatzair. Ver Jovem Guarda, A
Hazan, Bela (Yaari), 199-209
aliyah, desejo de, 200
assimilação, 199, 202-203, 204-205, 206, 504n
Auschwitz-Birkenau, em, 344-348, 365-368, 371
captura e tortura de, 207-209
correio, como, 199, 200-205, 206-207
contrabando e, 204
detenção numa prisão russa, 200
deportação para Auschwitz-Birkenau, 342-344
enfermeira da sala de operações, como, 201
experiência como sobrevivente, 436-439, 539n
história de, 199-201
intelligentsia polaca, retrato de, 340
marcha da morte de Auschwitz, 436-437
memórias de, 436, 437-438
morte de Lonka e, 346-348
movimento juvenil Liberdade e, 199, 200, 201-202, 205
Pawiak, prisão, na, 209, 339-342

perda da família, 206-207

pseudónimos de, 201, 203

tifo, infecção por, 346

tradutora da Gestapo, como, 202-203

Hechalutz (Pioneira) União, 48, 56, 57, 61, 64-66, 144

Hechalutz HaTsair (Jovem Pioneiro), 478n

Hechtkop, Shayndl, 91

Heilman, Anna, 362-365, 368-369, 370, 371, 438-439, 526n, 539n

Heilman, Esther (Estusia), 374, 376, 380

Heinsdorf, Miriam, 213, 506n

Hela. Ver Schüpper, Hela

Herscovitch, Akiva, 433-436, 444

Herscovitch, Leah, 434-436, 451

Herscovitch, Yakov, 434, 435, 436

Herzl, Theodor, 40

Himmler, Heinrich, 165, 211, 499n

Hitler, estratégia blitzkrieg, 49, 56, 200, 479n

Holocausto. Ver Solução Final

Holocausto, centros de estudo e museus

Casa dos Combatentes do Gueto e, 423-425, 434-435, 438, 442, 445, 442

Moreshet, 442-443, 451

United States Holocaust Memorial Museum, 444

Yad Vashem, 450-451

Holocausto, Dia da Memória, 436, 445

Holocausto, memórias

Bela, 436-437, 437-439

Chajka, 391-393, 428-429, 430

livros memoriais e, 433, 537n

Oneg Shabbat, grupo, 89-90

Renia, 22, 411, 414, 432-433, 436, 472n, 518n

testemunho, como, 382-384

violência sexual e, 301

Zivia, 425, 426

Holocausto, narrativa

Jovem Guarda, A, no, 414, 424, 428-429, 430

judeus norte-americanos e, 414-415, 433, 531n

menorização da resistência armada, 23, 472n

política israelita e, 411-414, 422-423, 424-425

Polónia, 417-418, 455-456

silenciamento e censura de mulheres no, 23-24, 414-417, 472n, 531-532n

Holocausto, sobreviventes. Ver experiências como sobreviventes

Horn, Yurek, 95

Hungria, refugiados judeus na, 402-405, 531n

Igreja. Ver catolicismo

ídiche, 45, 63, 477n

Ilza. Ver Hansdorf, Ilza

Ina. Ver Gelbart, Ina

Insurreição (filme), 24

Irena. Ver Adamowicz, Irena

Israel

Bela em, 438-439

Chaika em, 538n

Chajka em, 428-431

Holocausto, narrativa do em, 411-414, 422-423, 424

irmãos de Renia em, 432, 537n

visita da autora a, 447, 449-451

Vitka em, 441-442, 442-444

Zivia em, 422-427

Ver também Palestina

Janowska, campo, 78-79, 484n

JDC. Ver American Joint Distribution Committee

Jędrzejów

antisemitismo em, 44

gueto, 71-77, 79

invasão alemã, 50, 51, 53

juventude de Renia em, 37-41, 475-476n

ocupação nazi de, 53, 70-71

trabalho forçado, 495n

Jewish Labor Committee (EUA), 279, 443

Jewish Telegraphic Agency (JTA), 150, 496n

Jewish Workers' Union of Poland, 490n

Joint Distribution Committee. Ver American Joint Distribution Committee

Jovem Guarda, A (Hashomer Hatzair), 22, 96

alianças de Cracóvia, 154

Anna e, 362-363

ataque à deportação em Varsóvia por, 168-169

Będzin, 137-138, 139, 143, 144, 182, 494-495n

Benito e, 399

Chaika e, 512n

chegada de Tosia a Vilna e, 94-95, 96-97

crenças de, 135

grupos de partisans e, 257

grupos de resistência, alianças entre e, 144

Irena Adamowicz e, 186

kibbutz de, 428

leis de pureza de, 135, 434-435

levantamento do gueto de Varsóvia e, 213-214, 506n

Liberdade e, 478n

minirrevolta do gueto de Varsóvia e, 168-169

mulheres em, 48

narrativa do Holocausto e, 414, 424-425, 428-429, 430

papel de liderança de Chajka em, 135, 136-138, 139

papel de liderança de Tosia em, 94, 95-96

representações ficcionais de, 23-24

sionismo e, 135-136, 468n

Vilna, 200-201

Vitka e, 263

Zelda e, 268

Jovens Pioneiros (Hechalutz HaTsair), 478n

JTA (Jewish Telegraphic Agency), 150, 496n

Judenrats, 65-67, 481-482n

atrocidades nazis e, 173-174

deportações e, 141, 142, 251, 253, 254

execuções de, 81

Grodno, 205

Jędrzejów, 72, 79

resistência armada judaica, ataques contra, 145, 168

subornos e, 79, 175

Solução Final, notícias sobre e, 100-101

Varsóvia, 64-67, 86-87, 101, 216, 482n

Vilna, 511-512n

violência sexual e, 302-303

Zaglembie, 141-143

Ver também Będzin, Judenrat; polícia judaica

judeus escondidos, 23, 277-284, 285-287

Będzin, 523n

Bund e, 279, 284, 520n

levantamento de Varsóvia e, 421

notícias da Eslováquia e, 399-400

número de, 280-281, 472n, 520n

pagamento por, 114
polícia judaica e, 114
violência sexual e, 302-304
judeus norte-americanos, 279-280, 414-15, 417, 532n
judeus polacos
cultura dos, 39, 44, 46
envolvimento das mulheres na esfera pública, 47-49, 478n
experiência entreguerras, 45-49, 477n
história dos, 41-44
moda entreguerras, 45
movimentos juvenis pré-guerra, 45, 46-47, 48, 49, 477n, 478n
Juventude Sionista, A (Hanoar Hatzioni), 325, 390, 414, 501n, 506n, 524n, 538n

Kacengold, Hela, 257

kalach ucraniano, 42

Kanal, Israel, 107, 491n

Kaplan, Josef, 108, 214

Karliner rabi, 62

Karski, Jan, 473n

kasharit, 194, 195, 268

kashariyot. Ver correios

Katowice, prisão, 333-338

Katz, Fela, 494n, 495n, 501n, 502n, 510n, 513n, 514n, 518n, 521n, 523n, 523n, 528n

Katzenelson, Yitzhak, 69, 87, 88, 170

Katzenelson-Shazar, Rachel, 84

Kazik. Ver Rotem, Simha

Kazimierza Wielka, 122-124

Kempner, Vitka

atividades clandestinas no lado ariano, 262-264

correio, como, 272-273, 517n

encontro com Ruzka, 261-263

experiência como sobrevivente, 439-440, 441, 442, 443, 540n

grupos de partisans e, 265-267

missões de sabotagem, 263-266, 270-271, 516n

morte de, 444, 541n

personalidade de, 443

kibbutzim (Polónia), 46, 55, 56, 65, 126, 127, 136, 138-139, 181, 200. Ver também Będzin, Liberdade, movimento juvenil

Kirshnboym, Rachel, 235

Kleinman, Yoram, 537n

Klibanski, Bronka, 243, 438, 503n

Klinger, Chajka

aliyah, desejo de, 136

aliyah de, 401, 405

Będzin, combatentes descobertos, sobre, 313-316

Będzin, combatentes encurralados no bunker, 308-313

Benito e, 399-400, 428, 429, 430

campo de extermínio, no, 319-320, 323-324

David Kozlowski e, 135-136, 144

decisão de ficar no gueto de Będzin, 31

deportações do gueto de Będzin e, 140-141, 144

experiência como sobrevivente de, 411, 428-431

fuga para a Eslováquia, 391, 392

grupos de partisans e, 514n

grupo de resistentes vigiado por guardas, sobre, 315-316

história de, 134-138

honras para, 35

Jovem Guarda, A, papel de liderança na, 135, 136-138, 139

memórias de, 391-393, 428-429, 430

morte de, 431

perda de correios, sobre, 186, 187

perda de David e, 275, 392

personalidade de, 135, 495n

preparativos para levantamento do gueto de Będzin e, 181, 241, 276
277

recolocação em Będzin, 136

refugiada na Hungria, como, 402-405, 530n

resistência armada judaica, planeamento e, 143-146

Solução Final, notícias sobre e, 143-144, 145

testemunha, como, 324, 400

tortura de, 316-318

ZOB e, 144, 149

Klinger, Shoshana Gjedna, 341-342, 525n

Kobiletz, esconderijos dos, 387-390, 392, 401-402

Kojak, Bolk (Boleslaw Kozuch), 325-26, 524n

Kol-Inbar, Yehudit, 479n, 499n, 503n, 514n

Korczak, Janusz, 87, 105

Korczak, Ruzka

contrabandista da Brigada do Papel, como, 265

experiência como sobrevivente, 438-440, 441-443, 539n

FPO, papéis de, 262, 267

história de, 261-263

importância das mulheres combatentes na resistência, sobre, 25

missões de sabotagem e, 266, 272, 517n

morte de, 442

recrutadora para a resistência, como, 266

resistência armada judaica, sobre, 240

Tosia, sobre, 97

Koren, Lea, 218

Kosovska, Christina. Ver Hazan, Bela

Kovel, 35, 57, 68, 206

Kovner, Abba

experiência como sobrevivente de, 421-422, 440-442

grupos de partisans e, 261, 262, 263, 265, 270

missões de sabotagem e, 265

morte de, 442

papéis de gênero e, 265-267

resistência, mantra da, 133

resistência, planejamento, 201

Solução Final, notícias sobre e, 97-98

Kovner, Michael, 443

Kovner, Shlomit, 443

Kozibrodskia, Lonka

assimilação, 206, 504n

Auschwitz-Birkenau, em, 344-348

captura de, 207, 208, 209-210

correio, como, 203-204, 205, 505n, 505n

deportação para Auschwitz-Birkenau, 342-344

Liberdade e, 204

memórias de Bela e, 438-439

morte de, 346-348

prisão de Pawiak, na, 339-342

tentativas de cuidados de Bela e, 346-347

tifo, infecção com, 345-346

Kozlowski, David, 135-137, 144, 182, 257, 275, 311, 392, 513n

Kozuch, Boleslaw. Ver Kojak, Bolk

Kroin, Haya, 528n

Kukiełka, Aaron

campos de trabalho forçado, em, 77-79, 117, 126, 133, 483-484n

dias de errância de Renia e, 118

experiência como sobrevivente, 432, 537n

infância de, 39

Kukiełka, Bela, 49, 73-74, 132, 477n

Kukiełka, Esther, 39, 73-75, 132

Kukiełka, Leah

fuga do gueto de Wodzisław, 117

gueto de Jędrzejów e, 71, 73, 75

gueto de Sandomierz, no, 131-132

gueto de Wodzisław e, 128

infância de Renia e, 37, 38

morte de, 494n

Renia recebe notícias de, 125-127

Kukiełka, Moshe

fuga do gueto de Wodzisław, 116, 117

gueto de Sandomierz, no, 131-132

infância de Renia e, 37-40, 475n

invasão alemã e, 51

Liberdade e, 46

morte de, 494n

Renia recebe notícias de, 125-127

Kukiełka, Renia

adolescência entreguerras, 45-49

assimilação, 124-126, 221-222

atrocidades nazis, sobre, 80-83, 111-112

captura de, 328-334, 524n

captura de Sarah e, 432, 537n

casa da infância de, 458-460

casamento de, 433-436

Chana Gelbard e, 488n

chegada de Hantze a Będzin e, 146-147, 496n

conflito Liberdade-Judenrat e, 183-185

contrabando, 72-74, 77, 482n, 483n

contrabando de armas, 242-243, 247-248, 257-258

correio, como, 188-189, 190-194, 197-198, 242-243

criação do gueto de Będzin e, 174-176

decisão de ficar no gueto de Będzin, 29, 30, 31-32, 177

deportações do gueto de Będzin e, 249, 250-251, 252

desespero e, 172, 173

dias de errância, 117-124

documentos falsos, 120-121

emprego como empregada doméstica em Kazimierza Wielka, 124-125, 126, 127

encontro da autora com família de, 450, 451-452

esconderijos dos Kobiletz, nos, 386-387, 388-389

experiência como sobrevivente de, 411, 412, 432-436, 443-446, 538n

extermínio do gueto de Będzin e, 276, 297-298, 320-321

fuga da prisão de Mysłowice, 377-382, 383-388

fuga do gueto de Wodzisław, 116-117

fuga para a Eslováquia, 389-394

grupos de partisans e, 256-257

grupos juvenis e, 45

gueto de Jędrzejów e, 71-74, 75, 76, 77

gueto de Wodzisław e, 79-80, 111-114

história de, 30-31

infância de, 37-41, 48-49, 475n, 476n

interrogatório e tortura pela Gestapo, 348-353

invasão alemã e, 50-53, 479n

Irena Adamowicz e, 186-187, 208-210

irmão Aaron em campos de trabalho forçado, 77-79, 117, 132-133

Judenrats, sobre, 65-66, 482n

levantamento do gueto de Varsóvia, como testemunha de, 218-222

línguas faladas por, 196, 475n

missões em Varsóvia, 288-296, 520n

memórias de, 22, 411, 414, 432-33, 471-472n, 536n

moda entreguerras e, 45, 477n

morte de, 445-446

morte de Hantze, sobre, 218-219

morte de Hantze e, 240-241

nascimento de, 37, 475n

nome de família de, 37, 476n

ocupação nazi da Polónia e, 53, 70-71

passado de resistência de, 30-31

personalidade de, 444, 452, 524n

pessoa principal, como, 22

preparativos para o levantamento do gueto de Będzin e, 182, 242-243

prisão de Katowice, na, 332-338

prisão de Mysłowice, na, 353, 354-362, 372-376

reações psicológicas de, 299-301

recolocação em Będzin, 30-31, 128-130, 146-147

refugiada na Hungria, como, 402-405, 531n
refugiada na Eslováquia, como, 397-400
regresso a Będzin, 307-308, 323
reunião com Sarah em Będzin, 130-131
sobrevivência de, 303, 307
sobrevivência de Hershel e, 252, 253, 254
Solução Final, notícias sobre e, 148-149
tentativa de fuga de Hantze e, 186
traição ao Liberdade, movimento juvenil de Będzin, 274-275
Kukiełka, Rivka. Ver Kukiełka, Renia
Kukiełka, Sarah
ajuda Renia a chegar a Będzin, 30-31, 128
captura, 432, 537n
colocação de crianças em famílias arianas e, 390, 391
correspondência de Renia com, 125, 126
decisão de ficar no gueto de Będzin, 31
extermínio do gueto de Będzin e, 311-312
fuga de Renia da prisão de Mysłowice e, 377-378, 380, 383-388, 389
fuga de Renia para a Eslováquia, 390, 391, 401-402, 530n
fuga do extermínio do gueto de Będzin, 320
grupos de juventude e, 45, 46, 138-139
infância de Renia e, 45, 476n
moda entreguerras e, 45
ocupação nazi da Polónia e, 71
programas para crianças em Będzin e, 138-139

reunião com Renia em Będzin, 130-131
tentativas de resgate no campo de extermínio de Będzin e, 328, 524n
Kukiełka, Yaacov (Yankeleh), 39, 117, 126, 131-133
Kukiełka, Zvi (Zamir), 48, 71, 432, 537n
Kuprienko, Tatiana, 373-374

Langer, Genia, 528n
Laskier, Rutka, 90, 494n
Landau, Fania Fainer, 367, 436, 445, 528n
Lazebnik, Faye Schulman
enfermeira dos partisans, como, 259-260
experiência como sobrevivente de, 418-419
formas de suicídio e, 513n
fotógrafa, 260
honras para, 539n
missões de guerrilha com os partisans, 260-261
Páscoa e, 261
leis antijudaicas, 94
Lemberg (Lvov), 35
Lenczer, Chawka
esconderijos dos Kobiletz e, 389, 390
experiência como sobrevivente, 411, 433
extermínio do gueto de Będzin e, 311-312, 320
fuga para a Eslováquia, 391, 392
história de, 523n

ler. Ver resistência literária

Lerer, Zippora, 218

Lewisohn, Ludwig, 433

Liberdade, movimento juvenil, 22

Antek, papel no, 68-69

Bela, envolvimento no, 199, 200, 201-202, 205

Bronka, envolvimento no, 204

Casa dos Combatentes do Gueto, kibbutz e, 424, 425, 435, 438, 442, 445, 450

deportações, respostas a, 142-143

encontro clandestino (1939), 58, 483n

envolvimento no, 85

experiências como sobreviventes e, 434-435

Frumka, envolvimento de em, 62-63

Frumka, papel de liderança no, 62, 63

Grodno, 205

grupos de resistência, aliança entre e, 144-145, 154

Holocausto, narrativa do e, 414

invasão alemã e, 57, 200

memórias sobre, 433

missão de serviço do, 64-65

publicações por, 88

resistência armada judaica, planeamento e, 100-102, 105-106

Sarah, envolvimento antes da guerra no, 46, 48

sionismo e, 29, 46, 477n

Solução Final, notícias e, 100-102

território soviético, em, 51

Zivia, envolvimento antes da guerra no, 55

Ver também Będzin, Liberdade, movimento juvenil; Varsóvia, Liberdade, movimento juvenil

Liceu Judaico de Furstenberg, 134

Lichtensztajn, Margolit, 90

ligações. Ver correios

Limanowska, Bronisława. Ver Hazan, Bela

livros. Ver resistência literária

Łódź, 65, 76, 89

Lonka. Ver Kozibrodska, Lonka

Lubetkin, Zivia

aliyah de, 421-423

assassínios e, 489n

Betar, sobre, 499n

campos de treino e, 66-68

cantinas no gueto de Varsóvia e, 90-92

cemitério judaico, sobre, 511n

conflito de Frumka com polícia judaica e, 502n

correio, como, 91-93, 286-287

desatenção histórica a, 473n

diretivas de, 32

discussão com Kazik, 234, 509-510n

emissários e, 185, 213-214

encontro clandestino do Liberdade (1939), 58, 480n
escondida, 285-287, 520n
experiência como sobrevivente de, 420-427
extermínio do gueto de Będzin e, 277
falsas notícias da morte de, 188, 209-210, 228, 509n
foco nas atividades de ajuda, educacionais e culturais, 85-88, 98-99
fuga de Renia da prisão de Mysłowice e, 388
fuga de Renia para a Eslováquia e, 389-391
fugas pelos esgotos e, 227-228, 230, 231-234, 508-509n
fugir e esconder, 236, 237
Hantze, sobre, 473n
história de, 55
invasão alemã e, 56-57
isolamento do gueto, sobre, 194
judeus escondidos e, 286-287
levantamento do gueto de Varsóvia e, 215-216, 217-218, 223-226, 227-228, 229-230
levantamento de Varsóvia e, 419-421
libertação de Varsóvia e, 421-422
memórias de, 425, 426
minirrevolta de Varsóvia e, 165, 168, 169-170, 171-172, 185
mudança tática para defesa e, 99-102
nome como código para Polónia, 69, 229, 482n
papel de liderança de, 67, 101-102, 213-214, 490n
personalidade de, 55-56

preparativos para levantamento do gueto de Varsóvia e, 209-210, 213-214

programas para crianças e, 87-88

reações psicológicas, sobre, 109

recolocação em Varsóvia, 54, 58-59, 60-62, 479-480n

relacionamento com Antek, 58, 68-69

sionismo e, 56

Solução Final, notícias e, 98, 99-101

Shoshana, sobre, 525n

uso de códigos, 144

ZOB e, 105-110, 165, 213-214, 490n, 493n

ZOB gaseamento do quartel-general, 229-230

Lublin, 35, 302, 422, 441, 473n

Lubliniec, revolta, 150

«Luta por uma Palestina Judaica, A», 40

Lutz, Fanny Solomian, 259

Luxemburgo, Rosa, 48

Lvov, 23, 148, 400

Macha. Ver Futermilch, Macha Gleitman

Madejsker, Sonia, 270, 271

Mahut, Helene, 534n

Majdanek, campo de extermínio, 302

Majewska, Wanda. Ver Schneiderman, Tema

Mann, Franceska, 365, 527n

Marcus, Moshe, 523n
Marder, Tziporah, 250, 257
Marshak, Liba, 533n
Marx, Karl, 48
Marysia. Ver Feinmesser, Bronka
Mazia, Fredka, 538n
Meed, Vladka
assimilação, 196, 283-285
colocação de crianças em famílias arianas e, 277-279
contrabando de armas, 244-245, 504-505n
deportações e, 102-106
documentos falsos e, 280
experiência como sobrevivente, 443-444
grupos de resistência, alianças entre e, 167-168
judeus escondidos e, 280-283, 286
minirrevolta de Varsóvia e, 168-169
morte de, 444
preparativos para o levantamento do gueto de Varsóvia e, 212
schmaltzovniks e, 198
ZOB e, 107-108, 167
melinas. Ver judeus escondidos
Meltzer, Genia, 383
memórias. Ver Holocausto, memórias
Menina Adormecida (Seksztajn), 90
Mengele, Joseph, 347, 366, 525n

mercado negro
correios e, 195-196
documentos falsos e, 121-122
guetos e, 75, 75-77, 483n, 484n
judeus escondidos e, 279-280
Meth, Rose, 526n, 528n
milícias. Ver resistência armada judaica, milícias específicas
Mire, Gola, 158, 159, 163, 381, 383
Mirka, 162, 356-357, 526n
Montelupich, prisão, 382-384
Moreshet, 442-443, 451
Moscovitch, Rivka, 276, 288-289, 290, 328, 388, 420
movimento clandestino polaco, 21
armas e, 243
fações rivais de, 166-167
grupos de resistência, alianças e, 166-167
Irena Adamowicz, 185-186, 501n
judeus escondidos e, 286, 520n
levantamento de Varsóvia, 419-421, 534n
levantamento do gueto de Varsóvia, 212
Polónia do pós-guerra e, 417-418, 427-428, 455
Solução Final, notícias sobre e, 100-101, 102
movimento juvenil Liberdade em Varsóvia
atividades educacionais e culturais, 86-88, 89
cantina, 64-65

centro Dzielna, 61-62

Hantze e, 84, 86

levantamento do gueto, 217, 235, 507n

minirrevolta e, 171

papel de Antek no, 68-69

papel de Zivia no, 69

movimentos juvenis judaicos

correios e, 197

financiamento dos, 66-67

força aprendida com, 423

influência de, 54-55

invasão alemã e, 54-55, 200

pré-guerra, 27, 28-29, 30, 31, 477n, 478n

proibição dos, 487n

Ver também grupos específicos

Moxon, Kitty Felix, 369, 529n

mulheres combatentes da resistência

atividades das, 18-19

ausência de foco nas, 23-24, 472-473n

capacidades aprendidas com família, 423-424, 535n

comentários nazis sobre, 179, 501n

desatenção histórica das, 23-24, 414-417, 472-473n, 532-533n

importância de, 24-25, 474n

número de, 19

mulheres partisans (judias), 259-261

antisemitismo e, 258, 260-261
medicina praticada por, 259-261
missões de guerrilha das, 260
missões de sabotagem, 270-271
papéis de género e, 258-260, 265-267, 514n
unidades exclusivamente judaicas, em, 261-262
violência sexual e, 258-259, 515n

Ver também partisans, grupos

Museu Histórico Judaico Emanuel Ringelblum, 236

Mysłowice, prisão

fuga de Halina da, 387-388, 530n

fuga de Renia da, 377-382, 383-388

Renia em, 353, 354-362, 372-376

Na'amat (Pioneer Women's Organization), 433

Novogrodsky, Sonya, 91

ocupação nazi da Polónia, 53, 70-72, 87

Olomucki, Halina, 487n

Oneg Shabbat, grupo, 90-91

Oneg Shabbat, tradição, 153, 162, 382

Organização Combatente Judaica. Ver ZOB

Organização Partisan Unida. Ver FPO

organizações de ajuda. Ver grupos de ajuda

Ornstein, Jonathan, 454

Paldiel, Mordechai, 414, 472n, 519n

Palestina

aliyah de Bela, 438

aliyah de Chajka, 402, 405

aliyah de Renia, 405, 406-407, 531n

aliyah de Ruzka, 440

aliyah de Zivia, 422-423

desejo de *aliyah de Chajka*, 136

desejo de *aliyah de Frumka*, 64

desejo de *aliyah de Tosia*, 95

experiência como sobrevivente e, 411-412

restrições à emigração para, 49, 56, 403, 419, 479-480n

rotas de fuga para, 57-58, 64-65, 398-399

Ver também Israel; sionismo

Palevsky, Chayele Porus, 541n

panfletos clandestinos, 19, 145, 146, 205-206

papéis de gênero

grupos de partisans, nos, 258-260, 265-267, 514n

nos guetos, 73

pesquisa e, 458

resistência armada judaica e, 160

Partido Comunista Polaco (PPR), 158, 159, 163, 166, 181, 212, 227, 230, 350, 404. *Ver também* comunistas

partisans, grupos de, 21

abortos e, 259, 515n
antissemitismo de, 258, 260-261
contrabando de armas para, 245-246, 257-258, 265-266
correios e, 272-273
economia sexual/defesa dos, 259-260
gêneros de, 514n
geografia e, 508n
grupo do ZOB, 257-258, 513n
grupos de resistência, alianças entre e, 166, 256
missões de sabotagem, 19, 266-267, 270-272, 516n, 517n
número de, 23
papéis de gênero nos, 258-259, 265-267, 514n
refugiados e, 258
refugiados judeus e, 116, 262, 270, 271-272
táticas de guerrilha dos, 256
tentativa do movimento juvenil Liberdade de aderir a, 256-258
traição ao movimento juvenil Liberdade e, 273-275, 513n
tratamento das judias por, 258-260
unidades exclusivamente judaicas, 261-262
vida quotidiana, 267-269
violência sexual e, 259, 514n
Ver também FPO; mulheres partisans (judias)
Páscoa, 211, 261, 532n
passagem. Ver assimilação
Passamonic, Rivka, 235

Paulsson, Gunnar S., 455, 472n, 504-505n, 511n, 519n, 522n, 541n

Pawiak, prisão, 282

Bela na, 209, 339-342

correios na, 186

deportações para Auschwitz-Birkenau, 342-343

execuções na, 342, 525n

proximidade do Liberdade, 340-341

Pearlstein, Leah, 65, 106, 167, 480n, 481n, 504n

Pejsachson, Idzia, 137, 138, 186, 241, 495n

Pejsachson, Irka, 137, 138, 143, 495n

Pejsachson, Leah

Chajka e, 137, 141-142

colíder de A Jovem Guarda, 140-141

deportação para campo de trabalho, 140-141

Exército do Povo (Armia Ludowa) (AL), 166, 235, 237, 244, 420

papel de liderança em A Jovem Guarda, 140-141

Piłsudski, Józef, 43

Pioneiras, Organização das Mulheres (Na'amat), 433

Pioneiros (Hechalutz), União, 48, 56, 57, 61, 64-65, 144

Pioneiros Combatentes (Cracóvia)

aquisição de armas, 157-158

armas, 157-158

ataques de dezembro (1942), 162-164, 498n

criação de, 154

independência, 158-160

laços dentro de, 160-161

Oneg Shabbat, tradição, 162

operação de falsificação, 156-157

papéis de gênero em, 159-160

planeamento de ações, 154-156

Pitluk, Zlatka, 367

Płotnicka, Elyahu, 84, 85

Płotnicka, Frumka

assimilação, 65, 148, 196

atividades educacionais em Będzin e, 138

conflito com polícia judaica, 502n

conflito Liberdade-Judenrat e, 183-184, 185

contrabando de armas, 107-108, 243-244

correio, como, 64-65, 68-69, 91-93, 147, 194, 243-244

decisão de ficar no gueto de Będzin, 30, 32, 177

deportações do gueto de Będzin e, 249, 252

disfarçada de não judia, 65

emissária, como, 32, 185, 215

escritos sobre, 433

estabelecimento do gueto de Będzin, 174, 175

extermínio do gueto de Będzin e, 276, 321, 322-323

grupos de partisans e, 257

gueto de Varsóvia, cantinas e, 90-92

Hantze e, 84, 85

história de, 62-64

honras para, 11, 436-437, 453, 538n

liderança em Varsóvia de, 58

morte de, 321, 323

morte de Hantze e, 240-241

papel de liderança de, 60, 61, 149, 481n

preparativos para levantamento do gueto de Będzin e, 241

recolha de informação, 65

recolocação de Zivia em Varsóvia e, 59, 62

relacionamento com Hantze, 84, 85, 148

solicitada a sair do país, 32, 185

Solução Final, notícias sobre e, 99, 102-103, 489n

uso de códigos, 144-145

ZOB e, 106, 107

Plotnicka, Hantze

assimilação, 147, 196

chegada a Będzin, 146-147, 496n

comunidade do Liberdade em Lodz e, 65

decisão de ficar no gueto de Będzin, 31

desespero e, 173-174

emissária, como, 185, 187, 215

escritos sobre, 433

história de, 84-86

honras para, 539n

infância de, 84-85

levantamento do gueto de Varsóvia e, 217-219

morte de, 218-219, 240-241, 508n

movimento juvenil Liberdade em Varsóvia e, 84, 86

papel de liderança de, 480n

personalidade de, 84, 85, 485n

recolocação de Frumka em Varsóvia e, 481n

recolocação em Varsóvia, 85-86

relacionamento com Frumka, 84, 85, 148-149

tentativa de fuga para a Polónia, 185, 188

Plotnicka, Zlatka, 62, 84-85

Poalei Zion, partido, 478n, 506n

pogroms, 43

polícia judaica, 65, 104, 105, 107, 482n, 502n. Ver também Judenrats

polícia polaca, 114, 491-492n

POLIN, Museu da História dos Judeus Polacos em Varsóvia, 41, 454

Polónia

experiências como sobreviventes na, 417-418, 427-428, 533n

direitos das mulheres na, 47, 478n

Holocausto, narrativa na, 417-418, 454-456

invasão alemã, 28, 49, 50-53, 54-55, 200-201, 474n, 479n

kibbutzim na, 29, 31, 46, 55, 56, 65, 125, 126, 136, 138-139, 181, 200

nacionalismo pós-soviético, 455

«nova cultura judaica» pós-soviética, 453, 454, 457

ocupações e partilhas da, 38, 42

território soviético na, 51, 85, 94

visita da autora a, 452-460

Zivia como código para, 69, 482n

Ponary, execuções em massa, 97, 99, 201, 204, 205, 264, 489n, 512n

Poppert-Schonborn, Gertrude (Lyuka), 527n

Potasz, Abram, 322, 524n

Poznań, 47

PPR. Ver Partido Comunista Polaco

Primeira Guerra Mundial, 43

Purim, 138

«quinas», 92, 93, 145, 155, 181, 488n

quintas comunais. Ver kibbutzim

Radom, campo de trabalho forçado, 283

raparigas do gueto. Ver mulheres combatentes da resistência

Ratajzer, Kazik. Ver Rotem, Simha

reações psicológicas

agitação, 145

assimilação e, 284

calejamento da alma, 80

choro, 299-300, 391, 438-439

correios, 197-198, 284-285

culpa do sobrevivente, 108, 229-230, 392, 417, 426-427, 438-439, 534n

deportações e, 113-114

depressão, 392, 430

depressão coletiva, 45

desejo de morte, 355

desespero, 153, 172-174, 299-300

desgosto, 312-313

hiperatividade, 421-422, 425, 535n

histeria, 310, 336

humor de patíbulo, 253, 513n

judeus escondidos, 284, 285

morte de familiares e, 132-133, 156, 241, 259-260, 284, 298, 493n

stress pós-traumático, 423, 429, 430, 534n

vingança, 299, 422, 440

Ver também suicídios e tentativas de suicídio

refugiados judeus, 116, 261-262, 270, 271-272, 397-401

Reich, Haviva, 417

Reinhartz, Henia, 89

relações amorosas. *Ver* relações românticas e matrimoniais

relações românticas e matrimoniais em Auschwitz-Birkenau, 363, 527n

códigos de pureza e, 135, 434-435, 520n

combatentes encurralados em bunkers, 310, 520-521n

FPO e, 264

grupos de partisans e, 258-259

guetos e, 75-76

missões difíceis e, 263-264, 516n

sobreviventes, 419, 421-423, 444-445

testemunhos e, 401

Renia. *Ver* Kukielka, Renia

Resistance: Jews and Christians Who Defied the Nazi Terror (Tec), 414

resistência judaica

bens como, 294-295, 521n, 525n

canções da, 395, 528n

definição de, 19-22, 471n

dimensão e êxito/fracasso da, 22-23, 472n, 530n

Holocausto, narrativa sobre, 23, 413, 414, 415, 532-533n

humor como, 253, 513n

literária, 87-89, 92, 265

memórias, escrita, como, 382-382

moral/espiritual, 21

resistência judaica armada, 23

comentário nazi sobre, 179, 501n

correios e, 194-195

Lubliniec, revolta e, 150

planeamento para, 101-102, 144-146, 154, 166, 177, 489n

ZZW, 166, 226, 230, 414, 499n, 506n, 536n

Ver também Pioneiros Combatentes; ZOB

resistência literária, 87-90, 92, 265

resistência moral/espiritual, 21

Ringelblum, Emanuel, 24, 35, 87, 89, 90, 103, 282

Rivka Glanz, 167

Robertson, Wlodka, 279

Robota, Roza, 364, 369, 370-371, 527n

Ronen, Avi, 415, 429, 430, 537n, 538n

Ronen (Rosenberg), Benito, 399, 400, 401, 402, 407, 428, 429, 430

Rosh Hashanah, 53

Rosnow, Mira, 541n

Rosnow, Sara, 541n

Rossner, Alfred, 137, 252, 314

Rotem, Simha (Kazik Ratajzer)

experiência como sobrevivente de, 428, 528n

fuga pelos esgotos de Varsóvia e, 226, 230-231, 232, 233, 234, 235

Irena e, 528n

Kukiełka, missões de Renia em Varsóvia e, 291-292, 521n

planos de recurso, sobre, 522n

pseudónimos de, 478n, 508n

relações românticas e, 524-525n

Rússia, 29, 42, 51, 71. Ver também União Soviética

Ruzka. Ver Korczak, Ruzka

Sabat, 37

«Sabat Sangrento» (abril de 1942), 102, 490n

sabotagem, 17, 263-265, 266, 516n

Sandomierz, gueto de, 131-132, 493n

Sarah. Ver Kukiełka, Sarah

Saving One's Own: Jewish Rescuers During the Holocaust (Paldiel), 414

Schindler, Oskar, 137

schmaltzovniks (chantagistas), 115-116, 198, 303

Schneiderman, Regina, 108

Schneiderman, Tema, 205-206, 208, 245, 504n
Schulman, Faye. Ver Lazebnik, Faye Schulman
Schulman, Meir
captura de Renia e, 333-334
esconderijos dos Kobiletz e, 389, 401-402
exterminio do gueto de Będzin e, 308, 311, 314, 320, 528n
regresso de Renia a Będzin e, 308
Schulman, Morris, 419
Schulman, Nacha, 308, 311, 313, 315, 321, 386, 387
Schumacher, Dzigan e, 44, 477n
Schumacher, Yisroel, 477
Schüpper, Hela, 140, 157-158, 159, 163, 164, 225, 227-228, 244, 445
Schwartz, Helen, 528n
Schwartz, Sheindel, 57
Sedziszów, campo de trabalho, 117, 492n
Segal, Faige, 528n
Segunda República, 43
Seksztajn, Gela, 90
Senesh, Hannah, 18, 413, 417, 433
Sharon, Arie, 451
Shazar, Zalman, 432, 537n
shtiebel (local de culto), 37
Sikorski, Władysław, 350
sionismo, 40
Akiva e, 153

Bela e, 199-200

Betar, 499n

envolvimento de Frumka no, 62

envolvimento de Zivia no, 55, 56

família de Renia e, 40, 44

Jovem Guarda e, 135-136, 478n

movimento juvenil Liberdade e, 29, 46, 57-58, 65, 477n

mulheres no, 48

religioso, 40, 44

sobreviventes e, 412

socialista, 477n

trabalhista, 29, 46

Solução Final, notícias sobre e, 101-102

sionismo revisionista. Ver Betar, movimento juvenil

sionismo trabalhista, 29, 46, 49, 102, 451. Ver também Liberdade, movimento juvenil

Skarzysko-Kamienna, fábrica de armas, 132, 302

Sobibor, campo de extermínio, 23, 103, 365, 527n

sobreviventes, legados familiares

ansiedade, 448

assunção de riscos, 427, 536n

cuidados familiares e, 537n

distanciamento, 434-435, 449

empatia, 539n

estudos, 439, 442-443, 451

filosofia do Liberdade e, 427
inconformismo, 536n
lealdade familiar, 445, 538n
medo, 19-20
memória da autora sobre, 449
netos e, 445, 537n
parentes desaparecidos e, 434
repressão do passado e, 424, 425, 437
testemunhas e, 445
Socha (oficial polaco), 256
Solomian Lutz, Fanny, 259
Solução Final
como código, 474n
levantamento do gueto de Varsóvia e, 532n
notícias dadas a não judeus, 324, 399
notícias entre judeus polacos, 97-102, 106, 143-144, 145, 147-149, 194, 498n
região de Zaglembe e, 28
relutância em acreditar, 98-100
sonderkommandos, 364, 369
Sosnowiec, 23, 299, 356, 360
Spartacus, 235
Spizman, Leib, 471n
Springer, Hershel
conflito Liberdade-Judenrat e, 184, 185

criação do gueto de Będzin e, 174-175, 176
decisão de ficar no gueto de Będzin e, 29, 30, 31, 32, 177
deportações do gueto de Będzin e, 249, 253-254
extermínio do gueto de Będzin e, 276, 311, 314, 319, 320, 523n
falsas notícias de morte, 251, 253, 255
grupos de partisans e, 257
Springer, Yoel, 184
stress pós-traumático, 423, 429, 430, 535n
Stroop, Jürgen, 179, 501n, 507n, 512n
suicídios e tentativas de suicídio, 109, 142, 219, 235, 336-338, 365
sobreviventes, culpa dos, 108, 230, 392, 426, 426-427, 438, 535n
Szwajger, Adina Blady (Inka), 243, 278, 286

Tarnów, 23

Tec, Nechama, 414

Teitelbaum, Niuta, 235

Tema. Ver Schneiderman, Tema

Tenenbaum, Mordechai, 205, 438, 487n, 512n

teoria racial nazi, 43, 98, 99

testemunho

assimilação e necessidade de, 360, 365, 526n

desatenção histórica das mulheres e, 415

memórias e, 382-384, 438-439

romance e, 400

sobreviventes, de, 412, 422-423, 425, 440, 443-444, 445

soldados alemães e, 324

Ver também Holocausto, memórias

tifo, 76, 133, 345-346, 347

Tolman-Zlotnicki, Hadassah, 528n

Tosia. *Ver* Altman, Tosia

trabalho escravo. *Ver* trabalho forçado

trabalho forçado

Auschwitz-Birkenau, em, 362, 366, 367

Będzin e, 137, 139-141, 182

correios e, 282-283

fábricas, 132, 137, 172, 494n, 501n

gueto de Varsóvia, 67, 167, 500n

irmão de Renia em, 77-79

Jędrzejów, 74-75

mulheres e, 74, 78, 483-484n

região de Zagłębie, 29, 136-137, 494n

Solução Final e, 100

violência sexual e, 300, 301

Ver também trabalhos forçados, campos de

trabalhos forçados, campos de, 283, 481-482n

Aaron, irmão de Renia em, 77-79, 117, 133

prostituição forçada, 82. *Ver* também violência sexual

Treblinka, campo de extermínio, 23, 107, 109, 132, 144, 148, 167, 171, 245

Treger, Zelda, 268-270, 272, 441

Tribunal Permanente de Justiça Internacional, Sociedade das Nações,
16

Último Judeu da Polónia, O (Dzigan e Schumacher), 44

umschlagplatz, 104, 169

União Militar Judaica (ZZW), 166, 226, 230, 414, 499n, 506n, 536n

União Soviética

batalha de Estalinegrado, 242

correios e, 247

honras dadas por, 539n

grupos de partisans e, 259, 265-266

grupos de resistência armada e, 166

levantamento de Varsóvia e, 419-420

Polónia do pós-guerra e, 416-417, 427-428

United States Holocaust Memorial Museum, 444

Uris, Leon, 411, 424

Varsóvia

cemitério judaico, 243, 511n

cultura judaica em, 39, 60

história judaica em, 60-61

invasão alemã, 60-61

judeus escondidos em, 277-283, 518n

leis antijudaicas nazis, 60-61

levantamento de Varsóvia, 419-420, 534n

libertação pelos soviéticos, 420-421

recolocação de Frumka em, 64
recolocação de Hantze, em, 85-86
recolocação de Zivia em, 54, 58-59, 60-62, 480n
Renia como correio para, 188, 190-98
visita da autora a, 453-454
Ver também Varsóvia, gueto; Varsóvia, levantamento do gueto
Varsóvia, Aktion (1943), 481n
Varsóvia, Confederação (1573), 42
Varsóvia, gueto
 artes visuais em, 90
 alianças de grupos de resistência dentro de, 166-168
 arquivos em, 89-90, 486n
 atividade de resistência como inspiração para Będzin, 143-144
 atividades de serviço em, 86-87, 90-92, 488n
 atividades educacionais e culturais em, 86-88, 91, 487n, 488n
bunkers subterrâneos, 182, 224-225
 colocação de crianças em famílias arianas e, 278-279
 comunicações telefônicas, 209, 225, 504n
 condições em, 91-92, 486n, 487n
 correios e, 91-92
Cruz Vermelha Socialista, 86
 deportações de, 102-105, 108, 165, 495n, 499n, 505n
 dimensão, 491n, 498n
 extermínio de, 185-186, 502n
Judenrat, 65-66, 86, 100, 216, 481n

minirrevolta (janeiro de 1943), 165, 167-172, 185, 188, 210, 499n, 503n

resistência literária em, 87-90

trabalho forçado, 67, 167, 511n

visitas de Irena Adamowicz a, 186

Ver também Varsóvia, movimento juvenil Liberdade

Varsóvia, levantamento do gueto, 215-222

Anna e, 362

celebrações da Páscoa durante, 216

destruição da Grande Sinagoga, 236

financiamento do, 213, 508n, 509n

fugas pelos esgotos, 226, 227-228, 229-234, 508-509n

fugir e esconder, 236-238, 510n

gueto de Będzin e, 241, 276, 286

Hantze e, 217-219

impacto na política nazi, 533n

incêndio do gueto, 223-224

inspiração para outras cidades, como, 241

mulheres combatentes, mortes, 235-236

papel de Zivia no, 215-216, 217-218, 223-226, 227-228, 230

Páscoa e, 532n

preparativos para, 209-215, 244, 504n

Renia como testemunha de, 218-222

relações românticas e, 527n

relatórios sobre mulheres combatentes no, 218, 221, 235, 507n

sobrevivência durante, 219

ZOB, controlo do gueto e, 213, 505n

ZOB, quartel-general e, 224-225, 229-230

Vilna

contrabando de armas, 511n

correio para, como, 203-204, 206

Judenrat, 512n

ocupação nazi de, 200-201

missões de sabotagem em, 19, 270-271, 517n, 518n

movimentos juvenil e, 200

Ver também FPO; Vilna, gueto

Vilna, gueto

armas, 243

atrocidades nazis, 148

Bela e, 200-203

chegada de Tosia a, 94-95, 96-97

FPO e, 264, 266

visita de Irena Adamowicz a, 186

Vitka e, 265-266

Vingadores, 441

violação. *Ver* violência sexual

violência sexual

campos de extermínio, nos, 366-367

grupos de partisans e, 258, 514n

guetos e, 75

persistência de, 300-304

prostituição forçada, 82

Vitis-Shomron, Aliza, 503n

Vitka. Ver Kempner, Vitka

Vladka. Ver Meed, Vladka

Warman, Marysia, 505n

Wasser, Manya, 91

Weinstein, Mala, 528n

Weitzman, Lenore J., 416, 471n, 533n

We Remember with Reverence and Love: American Jews and the Myth of Silence After the Holocaust (Diner), 414

Wilczynska, Stefa, 87, 105

WIZO (Women's International Zionist Organization), 396

Wodzisław, gueto, 80, 111-113, 117, 126, 132

Women of Birkenau Camp (Olomucki), 487n

Women's International Zionist Organization (WIZO), 396

Woranowicz, Halina. Ver Grossman, Chaika

Yaari, Bela Hazan. Ver Hazan, Bela

Yaari, Yoel, 438, 539n

Yad Mordechai, Museu, 224-225, 451

Yad Vashem, 450-451

Yiddishe Kamf Organizatsye. Ver ZOB

Yiddish Scientific Institute (YIVO), 265, 477n

YIVO (Yiddish Scientific Institute), 265, 477n

Yom Kippur, véspera de, 270

Żabiński, Jan, 166

Zabludowicz, Noah, 371

Zaglembie, região

anexação alemã de, 31, 136

criação de célula do ZOB, 144, 149, 495n

identidade judaica e, 27

grupos de partisans em, 256

guetos em, 28-29

trabalho forçado em, 136-137, 494n

Ver também Będzin

Żegota (Conselho para Ajuda aos Judeus), 279, 280, 286, 518n

Zelda. *Ver* Treger, Zelda

Zelshinski, Haim, 437

ziemlankas, 267-268, 456

Zimetbaum, Mala, 365, 509n

Zitenfeld, Aliza

colocação de crianças em famílias arianas e, 276, 391

decisão de ficar no gueto de Będzin, 31

deportações e, 254

escondida, 389

extermínio do gueto de Będzin e, 311, 312, 313, 314

fuga de Renia para a Eslováquia e, 390, 401

fuga do extermínio do gueto de Będzin, 320

programas para crianças e, 513n

tortura de, 317, 318

Zivia. Ver Lubetkin, Zivia

Zivia, raparigas de. Ver correios

Zlotnicka, Hadassah, 528n

ZOB (Organização Combatente Judaica)

alianças de, 166-167

armas, 107-108, 145, 166-167, 181, 182, 212-213, 243, 500n, 502n, 503n

Będzin, 182, 288

Chajka e, 144, 149

criação de, 105, 293

colaboracionistas nazis e, 168

controlo do gueto de Varsóvia, 213

criação da célula em Zagłębie, 144, 149, 488n

desconfiança e medo da comunidade judaica, 105, 108

fase da milícia, 109

Frumka e, 106, 107, 167

fuga para se juntar a partisans e, 257

grupos de partisans e, 257

infiltração de Socha no, 256-257

judeus escondidos e, 278

juramento de Akiva, 151

levantamento do gueto de Varsóvia e, 420

minirrevolta do gueto de Varsóvia e, 166, 168-173
papéis das mulheres no, 214
preparativos para levantamento do gueto de Będzin e, 182
«quinas», 145, 482n
reações psicológicas, 109
Renia e, 257-258
resposta às deportações, 105, 106-107
Solução Final, notícias sobre e, 106
suicídio em massa, planos, 109
traição ao, 256-258, 273-274
Tosia e, 106, 107, 167, 214
Vladka e, 107, 167
Zivia e, 105-109, 165, 213, 489n, 499n
Ver também Varsóvia, levantamento do gueto de
Zoberman, Irene, 534n
Zonder, passes, 137, 146, 183, 249, 494n
Zosia. Ver Adamowicz, Irena
Zuckerman, Eyal, 426-427, 468, 480n, 536n
Zuckerman, Roni, 426
Zuckerman, Shimon, 426
Zuckerman, Yael, 426, 428
Zuckerman, Yitzhak (Antek)
ajuda não judaica, sobre, 499n
arquivos e, 489n
armas do ZOB, sobre, 108, 502n

assimilação e, 292-293, 521n

atividades no gueto de Varsóvia, 87, 88

Betar, sobre, 499n

Bronka e, 503n

cemitério judaico e, 511n

comunicações telefônicas, sobre, 515n

conflito de Frumka com polícia judaica e, 502n

deportações do gueto de Varsóvia e, 498n

experiência como sobrevivente de, 421-423, 424

fuga de Renia da prisão de Mysłowice e, 388

fuga de Renia para a Eslováquia e, 389-390

fugir e esconder, 237-238

Hantze, sobre, 496n

Havka e, 512n

judeus escondidos e, 283, 285, 511n

liderança de, 168

levantamento de Varsóvia e, 420

minirrevolta do gueto de Varsóvia e, 168-171, 185

missões de Renia em Varsóvia e, 288, 294, 520n

morte de Zivia e, 427

nom de guerre de, 508n

plano de suicídio em massa do ZOB, sobre, 109

preparativos para o levantamento do gueto de Varsóvia e, 212, 226, 505n, 505n, 508n

prisão de Pawiak, sobre, 525n

relacionamento com Zivia, 58, 67-68

regresso de Renia a Będzin, 308

Shoshana, sobre, 521n

Solução Final, notícias sobre e, 101, 102

território soviético, em, 51

uso de códigos, sobre, 495n, 504-505n

Zydowska Organizacja Bojowa. Ver ZOB

ZZW (União Militar Judaica), 166, 226, 230, 414, 499n, 506n, 536n

Grupo Planeta

Planeta de Livros Portugal
Calçada Ribeiro Santos, n.º 37 – 2.º
1200-789 Lisboa • Portugal

Reservados todos os direitos
de acordo com a legislação em vigor

© 2020, Judy Batalion
© 2018, Planeta Manuscrito

Título original: The Light of Days

Imagem da capa: Renia Kukielka em Budapeste, 1944
(Cortesia de Merav Waldman)

Design: Sophie Harris – LBBG

Edição em epub: Junho de 2021

Conversão para epub: Segundo Capítulo

ISBN: 978-989-54951-9-1 (epub)

www.planetadelivros.pt

Reservados todos os direitos sobre esta obra. É proibido proceder a cópia, reprodução, publicação ou distribuição, total ou parcial, bem como a sua incorporação em sistema informático e/ou a transmissão, utilização, modificação, sob qualquer forma ou por qualquer meio, incluindo electrónico, digital ou em suporte físico, nomeadamente por fotocópia, gravação ou qualquer outro método, salvo consentimento prévio e por escrito do Editor. A infracção ao aqui disposto constitui crime, nos termos do disposto no Código do Direito de Autor e dos Direitos Conexos (artigos 195.º e 224.º).

